INTRODUÇÃO GERAL E ESPECIAL AOS LIVROS DO ANTIGO E DO NOVO TESTAMENTO

ANO SANTO 1950

EXPLICAÇÃO DAS ABREVIATURAS E SINAIS USADOS NESTA EDIÇÃO DA BÍBLIA

Livros do Antigo Testamento

Gênesis	Gên
Êxodo	Êx
Levítico	Lev
Números	Núm
Deuteronômio	Dt
Josué	Jos
Juízes	Jz
Rute	Rut
Samuel	Sam
Reis	Rs
Paralipômenos	Par
(ou Crônicas)	(Crôn)
Esdras	Esdr
Neemias	Ne
Tobias	Tob
Judite	Jdt
Ester	Est
Jó	Jó
Salmos	Sl
Provérbios	Prov
Eclesiastes	Ecl
Sabedoria	Sab
Cântico dos Cânticos	Cânt
Eclesiástico	Eclo
Isaías	Is
Jeremias	Jer
Lamentações	Lam
Baruc	Bar
Ezequiel	Ez
Daniel	Dan
Oséias	Os
Joel	Jl
Amós	Am
Abdias	Abd
Jonas	Jon
Miquéias	Miq
Naum	Na
Habacuc	Hab
Sofonias	Sof
Ageu	Ag
Zacarias	Zac
Malaquias	Mal
Macabeus	Mac

Livros do Novo Testamento

Mateus	Mt
Marcos	Mc
Lucas	Lc
João	Jo
Atos	At
Romanos	Rom
Coríntios	Cor
Gálatas	Gál
Efésios	Ef
Filipenses	Flp
Colossenses	Col
Tessalonicenses	Tes
Timóteo	Tim
Tito	Ti
Filemon	Flm
Hebreus	Hebr
Tiago	Tg
Pedro	Pdr
João	1. 2. 3. Jo
Judas	Jud
Apocalipse	Apc

c. = capítulo

cc. = capítulos

v. = versículo.

vv. = versículos

A vírgula separa capítulos de versículos: Gên 3, 5 = Gênesis, c. 3, v. 5.

O ponto e vírgula separa capítulos: Dan 4, 8; 7, 3 = Daniel, c. 4, v. 8 e c. 7, v. 3.

O ponto separa versículos: Is 7, 14. 20 = Isaías, c. 7, vv. 14 e 20.

O hífen separa tanto versículos como capítulos, incluidos na citação os versículos e capítulos intermédios.

Est 10, 4-16, 24 = Ester, do v. 4 do c. 10 até ao v. 24 do c. 16.

Um s após um número indica o versículo imediatamente seguinte: Jo 4 5s = João, c. 4, vv. 5 e 6.

Dois ss após um número indicam os dois versículos imediatamente seguintes: Núm 27, 9ss = Números, c. 27, 9, 10 e 11.

Um número colocado antes de uma abreviatura significa um primeiro, segundo, terceiro, quarto livro, ou então uma primeira, segunda ou terceira epístola: 1 Rs 9, 6 = primeiro livro dos Reis, c. 9, v. 6; 2 Cor = segunda aos Coríntios.

INTRODUÇÃO GERAL E ESPECIAL AOS LIVROS DO ANTIGO E DO NOVO TESTAMENTO

com estudos bíblicos adicionais

Colaboração de professôres de Exegese do Brasil
sócios da Liga de Estudos Bíblicos (L.E.B.)

sob a supervisão do

P. Antônio Charbel S. D. B.

VOLUME III

Introdução às Epístolas Paulinas, às Epístolas Católicas e ao Apocalipse. Documentos da Pontifícia Comissão Bíblica. Estudos Bíblicos adicionais.

EDITÔRA DAS AMÉRICAS
Rua General Osório, 90 — Tel. 34-6701
Caixa Postal, 4468
SÃO PAULO

NIHIL OBSTAT

São Paulo, 14 de Dezembro de 1951

P. Vicente Pedroso

IMPRIMATUR

São Paulo, 14 de Dezembro de 1951

† *Paulo,* Bispo Auxiliar

COLABORADORES DO PRESENTE VOLUME

1. *Dom Estevão Bettencourt, O.S.B.*, Licenciado em Teologia, professor de Exegese no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, do Conselho de delegados da L.E.B.:

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS DE SÃO PAULO ANTERIORES AO PRIMEIRO CATIVEIRO.

2. *Frei Martinho Penido Burnier, O.P.* Licenciado, em Teologia e em Sagrada Escritura:

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS DO CATIVEIRO.

3. *P. Geraldo M. Penido,* Licenciado em Teologia, com estudos no Pontifício Instituto Bíblico, professor de Exegese no Seminário Maior de Belo Horizonte:

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS PASTORAIS DE SÃO PAULO.

4. *Frei Mateus Hoeppers, O.F.M.,* Laureado em Teologia, professor de Exegese no Instituto de Teologia dos PP. Franciscanos de Petrópolis:

INTRODUÇÃO À EPÍSTOLA AOS HEBREUS.

5. *P. José Alberto de Castro Pinto,* Licenciado em Teologia e em Sagrada Escritura, professor de Exegese no Seminário Maior do Rio de Janeiro:

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS CATÓLICAS.

6. *Fr. João José Pedreira de Castro, O.F.M.*, Professor de Exegese no Instituto de Teologia dos PP. Franciscanos de Petrópolis, Vice-Presidente da Liga de Estudos Bíblicos (L.E.B.):

INTRODUÇÃO AO APOCALIPSE.

7. *Côn. Heládio Correa Laurini*, Licenciado em Teologia e em Sagrada Escritura, professor de Exegesse na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e no Seminário Central do Ipiranga (São Paulo), da Diretoria da L.E.B.:

TRADUÇÃO DOS DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA.

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS DE SÃO PAULO ANTERIORES AO PRIMEIRO CATIVEIRO

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS DE SÃO PAULO ANTERIORES AO PRIMEIRO CATIVEIRO

SÃO PAULO E SUAS EPÍSTOLAS

AS DUAS EPÍSTOLAS AOS TESSALONICENSES

OS JUDAIZANTES. PRELIMINARES HISTÓRICOS CONEXOS COM GÁL, 1-2 COR, ROM.

A EPÍSTOLA AOS GÁLATAS

AS DUAS EPÍSTOLAS AOS CORÍNTIOS

A EPÍSTOLA AOS ROMANOS

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS DE SÃO PAULO ANTERIORES AO PRIMEIRO CATIVEIRO

S. PAULO E SUAS EPÍSTOLAS

O Apóstolo S. Paulo nasceu de família judaica em Tarso na Cilícia (Ásia Menor), ao iniciar-se a era cristã (cf. At 9, 11; 21, 39; 22, 3. 28; Rom 11, 1; Flm 3, 5) (1). Gozando os seus pais dos direitos de cidadãos romanos, o menino nasceu qual cidadão romano, título que muito haveria de lhe valer em sua futura carreira missionária (cf. At 16, 37 ss; 22, 25-28; 23, 27; 25, 10 ss) (2).

No espírito do jovem (e, mais tarde, do adulto) exerceram influência as três grandes correntes culturais da época:

---

(1) O ano do nascimento de Paulo fica-nos incerto. Dado, porém, que no ano de 62 o Apóstolo, escrevendo a Filêmon, se dizia ancião (v. 9), conjetura-se que tenha nascido no princípio do primeiro decênio depois de Cristo.

No que diz respeito à cronologia da vida e dos escritos de S. Paulo, os exegetas não sempre concordam entre si. A presente exposição segue o sistema adotado por Hopfl-Gut, Introductio Specialis in Novum Testamentum. Roma 1938, 309.

(2) Conforme um costume de muitos Israelitas, o jovem tinha dois nomes: um hebraico, **Saulo** (= Desejado); outro romano, **Paulo.**

a *judaica*, que primava pela religião (ideal do homem *religioso*); a *grega*, que se distinguia pelo amor à Sabedoria (ideal do homem *filósofo*); a *romana*, ilustre pelo culto do Direito e da ordem (ideal do homem *jurista*).

Com efeito, a primeira formação que Paulo recebeu de seus pais, o introduziu nas observâncias mosaicas; conforme a tradição dos Fariseus, aprendeu também uma profissão manual: a arte de curtir peles. Aos 13 ou 15 anos de idade, foi enviado a Jerusalém a fim de aprender na Escola de Gamaliel, famoso mestre, a sabedoria exegética dos Rabinos (cf. At 22, 3).

Juntamente, porém, com as tradições judaicas, incutia-se no menino a cultura greco-romana do ambiente em que crescia. Como criança e, ainda posteriormente, como homem maduro, Paulo tomou conhecimento da literatura e da filosofia helenísticas, das quais também soube fazer uso na pregação do Evangelho (cf. At 17, 28; Ti 1, 12; 1 Cor 15, 33; At 17, 22-31).

Por cêrca do ano 36, o Judeu, zeloso perseguidor dos cristãos na Palestina, foi prostrado pela visão de Cristo, que o converteu à verdadeira fé. Batizado na cidade de Damasco (cf. At 9, 1-19), retirou-se para a Arábia (cf. Gál 1, 17), onde permaneceu solitário pelo espaço de três anos, gozando provàvelmente de revelações do Senhor, que o habilitariam ao ministério apostólico.

Voltou para Damasco (cf. Gál 1, 17); já, porém, que pregando aos Judeus, incorreu na ira dêstes, teve que fugir para Jerusalém, onde entrou em contacto com o Apóstolo S. Pedro (cf. At 9, 23 ss; 2 Cor 11, 32 s; Gál 1, 18 s); após quinze dias de permanência na Cidade Santa, de novo perseguido pelos Judeus, retirou-se para a sua cidade natal de Tarso (cf. At 9, 29 s; 22, 17-21; Gál 1, 21 ss).

Passados quatro ou cinco anos na pátria, Paulo, a rogos de Barnabé, foi para Antioquia na Síria, onde grande número de pagãos convertidos constituíam uma próspera comunidade cristã. Nesta igreja exerceu o apostolado por um ano (cf. At 11, 19-26), ao têrmo do qual empreendeu com Barnabé uma viagem a Jerusalém a fim de levar esmolas às vítimas da fome que então assolava a Palestina (cf. At 11, 27-30). De regresso a Antioquia, foi em breve designado pelo Espírito Santo para realizar, junto com Barnabé e Marcos (o Evangelista), a *1.ª viagem missionária* em terras gentias (cf. At 13 s).

Nesta expedição (anos de 45 a 48), Paulo percorreu a ilha de Cipro e regiões do Sul da Ásia Menor, convertendo muitos pagãos. Ora isto tornou agudo o problema da imposição da Lei mosaica aos pagãos convertidos ao Evangelho, imposição calorosamente desejada pelos chamados "Judaizantes", rejeitada, porém, como desnecessária e absurda, por Paulo.

A fim de resolver a dificuldade, o Apóstolo foi a Jerusalém, participando do dito "Concílio dos Apóstolos" (ano de 49). Êste reconheceu a liberdade dos cristãos em relação à Lei mosaica, formulando apenas quatro restrições de caráter local e provisório (cf. At 15, 1-29; Gál 2, 1-10). Paulo havia de sustentar zelosamente essa vitória pouco depois em Antioquia na presença do próprio Apóstolo Pedro (cf. Gál 2, 11-14) (1).

Seguiu-se a *2ª viagem missionária* (anos de 49 ou 50 a 52 ou 53), que abrangeu terras da Ásia Menor e da Grécia,

(1) Notícias mais precisas sôbre êste tema encontram-se no capítulo "Os Judaizantes", 35-41.

ocasionando a fundação de numerosas comunidades cristãs (cf. At 15, 36-18, 22).

A *3.ª viagem missionária* (53-58) se estendeu à Ásia Menor assim como à Grécia (conforme conjetura baseada em Rom 15, 19, também à Ilíria) (cf. At 18, 23-21, 16).

Paulo regressava a Jerusalém em 58, levando para os cristãos convertidos do Judaísmo esmolas de seus irmãos convertidos da Gentilidade. Não obstante, foi vítima do ódio dos Judeus, que contra êle suscitaram grave tumulto, em conseqüência do qual Paulo foi levado à presença do Procurador Romano Antônio Félix; êste, esperando receber um resgate por parte dos amigos do Apóstolo, deixou-o encarcerado por dois anos (58-60) em Cesaréia (cf. At 21, 17-24, 27).

A Antônio Félix sucedeu Pórcio Festo, que os Judeus procuravam ganhar para sua causa. Paulo, então, desejoso de resolver legalmente a sua situação, apelou para o tribunal do Imperador César (cf. At 25, 1-12). Foi, pois, enviado a Roma, onde chegou em 61, após viagem muito acidentada, naufrágio e estada invernal na ilha de Malta, peripécias que S. Lucas, qual testemunha ocular, descreve em côres muito vivas, nos At 27, 1-28, 15.

Na Capital do Império, Paulo viu-se de novo prisioneiro por dois anos (61-63), o que não lhe tirava uma certa liberdade de pregar o Evangelho (cf. At 28, 16-31). Com esta notícia cessa a narrativa de S. Lucas nos Atos dos Apóstolos. O que depois se deu, é, com grande probabilidade, assim reconstituído:

Paulo, tendo conseguido a liberdade em 63, seguiu para a Espanha; regressando à Itália (ano de 64), continuou para

o Oriente, onde deve ter visitado parte da Ásia Menor, a Macedônia, a ilha de Creta, o Epiro, a Acaia (anos de 64-66). Voltando a Roma, mais uma vez foi o Apóstolo encarcerado, já por efeito da perseguição que Nero desencadeara contra os cristãos. Finalmente sofreu o martírio, por degolação, sob o dito Imperador, no ano de 67.

O Apóstolo deixou-nos um precioso tesouro de escritos, que são 14 epístolas, assim dispostas em ordem cronológica: 1-2 Tes. Gál, 1-2 Cor, Rom, Col, Ef, Flm, Flp, Hebr, 1 Tim, Ti, 2 Tim (1).

Gál, 1-2 Cor, Rom são ditas as "*Grandes Epístolas*"; as quatro seguintes (Col, Ef, Flm, Fil), as "*epístolas do Cativeiro*" (escritas em Roma, 61/63); as três últimas (1-2 Tim, Ti), as "*epístolas pastorais*" (por tratarem principalmente dos deveres do clero).

Além destas, Paulo certamente ainda escreveu outras missivas, as quais, porém, se perderam. Assim em 1 Cor 5, 9 é citada uma anterior epístola aos Coríntios; em Col 4, 16 o Apóstolo se refere à uma carta que enviou aos Laodicenses; de 2 Cor 2, 3-9; 7, 8. 13, deduz-se que houve uma missiva intermediária entre 1 e 2 Cor; o texto de Flp 3, 1 insinua que Paulo escrevia freqüentemente aos Filipenses.

Os escritos do Apóstolo tiveram origem ocasional, supondo sempre a pregação oral e as circunstâncias concretas

---

(1) A ordem de apresentação das epístolas nas nossas edições do Novo Testamento obedece conjuntamente a dois critérios: a dignidade dos destinatários e o volume das missivas. Primeiramente vêm as epístolas destinadas a comunidades, das quais as maiores e mais importantes têm a primazia sôbre as menos importantes: Rom, 1-2 Cor, Gál, Ef, Flp, Col, 1-2 Tes; a seguir, vêm as cartas enviadas a um destinatário individual: 1-2 Tim, Ti, Flm. A epístola aos Hebreus é colocada em último lugar por não ser, talvez, de autoria imediata do Apóstolo.

em que esta se desenvolvia; originavam-se geralmente de uma indigência dos destinatários, de ordem dogmática (dúvidas sôbre pontos de fé, equívocos) ou moral (abusos, vícios), a que o Apóstolo se propunha remediar mediante uma carta. Assim se entende que as epístolas paulinas, abordando determinado assunto, não oferecem uma explanação completa do mesmo; apresentam, ao contrário, pontos obscuros, quase ininteligíveis para o leitor moderno, que deviam ser muito claros aos destinatários imediatos (cf. p. ex. 1 Cor 15, 29; 2 Tes 2, 5 ss).

Dado êste caráter ocasional, os escritos do Apóstolo devem ser ditos *epístolas* ou *cartas* no sentido genuíno; com efeito, a sua forma epistolar não é mera ficção literária, mero ornamento para a propagação de idéias de antemão destinadas ao grande público (o que se dá, por exemplo, com as epístolas de Sêneca). Todavia as epístolas paulinas não eram destinadas a um uso meramente particular: o Apóstolo queria fôssem lidas em público nas assembléias cristãs (cf. 1 Tes 5, 27), não excluída nem mesmo a epístola a Filêmon, que tratava de assunto muito pessoal (cf. Flm 2); desejava, outrossim, que ao menos algumas cartas passassem de uma comunidade a outra (cf. Col 4, 16); além disto, o ensinamento de algumas epístolas é proferido em têrmos tão vastos (cf. Rom 1-11) ou com tanta autoridade (cf. Gál 1, 8) que bem se pode supor que Paulo, além dos destinatários imediatos, tivesse em vista ainda outros leitores.

A língua originária das cartas paulinas é o grego sob a forma "koiné" ou comum, em que estava difundido no Império Romano. O Apóstolo possuía bem essa língua e suas finezas, como o demonstram algumas das passagens mais vivas e famosas do epistolário: 1 Cor 2, 6-16; 13, 1, 13; Rom 8, 35-39; Col 1, 9-28; Flp 2, 6-11. Sabia usar de

muitas figuras literárias (interrogações retóricas, antíteses, paronomasias, etc.), de comparações muito vivas tiradas dos espetáculos, dos jogos públicos, do Direito civil, assim como da vida quotidiana dos soldados, atletas, etc. (cf. 1 Cor 9, 24-27; Flp 3, 12 ss; Ef 6, 11-17; 1 Tim 6, 12; 2 Tim 4, 7 s). A consideração das belezas literárias do epistolário paulino suscitou de S. Agostinho († 430) calorosos louvores à eloqüência do Apóstolo, e fez que o filósofo neoplatônico Longino Cássio († 273) tenha enumerado S. Paulo entre os melhores oradores gregos (!).

Todavia é de notar que o Apóstolo, conforme o seu próprio testemunho (cf. 1 Cor 2, 1-6; 2 Cor 11, 6), não procurava artifícios literários nem dava grande importância à forma exterior das suas missivas (ditava-as com longas pausas, e, depois de ditadas, não as costumava reler; apenas lhes acrescentava a sua subscrição manuscrita; (cf. Gál 6, 11; 1 Cor 16, 21; Col 4, 18; 2 Tes 3, 17). A linguagem era, para Paulo, primàriamente a expressão dos afetos sempre muito vivos de sua alma; é o que faz que não raro o Apóstolo nos tenha deixado frases entrecortadas por longos parênteses, nos quais desenvolvia uma noção lateral que momentâneamente o empolgava (cf. Rom 1, 1-7; Ef 3, 1-13; Gál 2, 3-6); outras vêzes Paulo começava, mas não terminava, a exposição de uma idéia (cf. Rom 3, 2: "em primeiro lugar...", sem continuação da série); acontece também que falte um estrito nexo lógico entre as frases (cf. Gál 3, 16b).

Além disto, o Apóstolo não podia deixar de empregar em grego muitas expressões de origem hebraica (semitismos), que concorrem para dificultar o entendimento de certas passagens. Assim usava de têrmos concretos em lugar de abstratos: *carne*, no sentido de *carnalidade, vida conforme a car-*

ne; pecado, no sentido de *pecaminosidade* ou *tendência ao pecado; século,* no sentido de *mundo sensível.* Empregava também substantivos com valor de adjetivos: *riquezas da glória,* para significar *grande glória* (Rom 9, 23; cf. Rom 2, 4; 11, 33); *os espirituais da maldade,* designando *os espíritos maus* (Ef 6, 12).

Assim concebidas, as epístolas de S. Paulo constituem para nós fontes inesgotáveis de Sabedoria, Sabedoria que a leitura freqüente consegue aos poucos descobrir e desfrutar. A oração, unida ao estudo (1) perseverante do texto, eis os melhores meios que nos introduzem no âmago da doutrina de "Cristo, que falava por Paulo" (cf. 2 Cor 13, 3).

---

(1) Baseado em comentários autorizados.

TABELA CRONOLÓGICA

Eis uma tabela sucinta dos principais acontecimentos da vida de S. Paulo:

Início da era cristã	Nascimento em Tarso	Atos 22, 3; Flm 9
a.15 ss	Na escola rabínica	
	Em Jerusalém	Atos 26, 4
a.36	Conversão	Atos 9, 1-19a; Gal 1, 13-16
a.36-39	Em Damasco	
	Na Arábia	Atos 9, 19b-22; Gal 1, 17;
	Em Damasco	Atos 9, 23ss
a.39	Viagem a Jerusalém	Atos 9, 26ss; Gal 1, 18ss
a.39-43	Em Tarso	Atos 9, 29s; Gal 1, 21ss
a.43-44	Em Antioquia	Atos 11, 25s
a.44	Viagem de caridade A Jerusalém	Atos 11, 27-30; 12, 25
a.45-48	1.ª viagem missionária	Atos 13s; 2 Tim 3, 11
a.49	Concílio dos Apóstolos	Atos 15, 1-35; Gal 2, 1.10
a.49 (53?)	Altercação com Pedro Em Antioquia	Gal 2, 11-14
a.49 (50)-52(53)	2.ª viagem missionária	Atos 15, 36-18, 22 (Gal 4, 13ss)
a.51 (52)	Em Corinto: 1-2 TES	
a.53-58	3.ª viagem missionária	Atos 18, 23-21, 17 (Gal 1, 6s)
a.54	Em Éfeso: GAL	
a.56	Em Éfeso: 1 COR	
a.57	Em Filipes: 2 COR	
a.58	Em Corinto: ROM	
a.58-60	Cativeiro em Cesaréia	Atos 21, 18-26, 32
a.60-61	Viagem para Roma	Atos 27, 1-28, 15
a.61-63	Primeiro cativeiro romano	Atos 28, 16-31
a.62 (63)	Em Roma: COL, EF, FLM, FIL	
a.63 (64)	Viagem à Espanha	
a.64 (65)	Na Italia: HEBR	
a.64 (65)-66	Viagem pelo Oriente	
a.65	Na Macedônia: 1 TIM	
a.65	Em Nicópole: TI	
a.66-67	Segundo cativeiro romano	
a.66	Em Roma: 2 Tim	
a.67	Martírio	

Antes que S. Paulo fôsse encarcerado em Cesaréia da Palestina no ano 58 (cf. At 21, 18-26, 32), escrevera algumas epístolas a seus fiéis, das quais nos foram conservadas as seis seguintes: *1.ª e 2.ª ep. aos Tessalonicenses, ep. aos Gálatas, 1.ª e 2.ª ep. aos Coríntios, ep. aos Romanos.*

Capítulo I

AS DUAS EPÍSTOLAS AOS TESSALONICENSES

A) A PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

§ 1. *Circunstâncias em que foi escrita a* 1 *Tes*

Das grandes cidades do mundo antigo em que S. Paulo pregou, duas apenas conservam ainda hoje importância notável: Roma e Tessalonica (hodierna Saloniki, na Grécia Setentrional).

Esta última, fundada por cêrca de 315 a. C., desenvolveu-se em breve, atingindo elevada prosperidade, para a qual concorria não pouco a sua posição geográfica: Tessalonica era um pôrto seguro, bem aparelhado, por onde passava a "Via Egnatia", uma das principais estradas do Império. Era, pois, um empório muito freqüentado, centro comercial importantíssimo. Sob os Romanos, foi constituída capital da província romana da Macedônia (146 a. C.); além disto, recebeu as prerrogativas de "Cidade livre" em recompensa de uma atitude dos Tessalonicenses numa guerra civil (42 a. C.). Êste título garantia à cidade o direito de eleger anualmente seu conselho de seis governantes. A posição privilegiada que os Romanos benignamente concediam a Tessalonica, tornava os

habitantes desta extremamente cuidadosos em evitar qualquer melindre que fôsse ferir as autoridades imperiais.

Como se entende, em cidade tão próspera e freqüentada, encontrava-se uma população muito variegada; à maioria, de Gregos e Romanos, acrescentava-se uma colônia judaica numerosa. O bem-estar fazia também que o nível moral dos cidadãos muito deixasse a desejar: fraudulência e desonestidade nas transações comerciais, ociosidade e curiosidade pelas ruas, divagações noturnas, infidelidade conjugal eram vícios grassantes na população (cf. 1 Tes 4, 1-12).

Ora foi em tal ambiente que o Cristianismo penetrou em meados do século 1.º, conforme narra S. Lucas nos At 17, 1-14.

Na sua segunda viagem missionária, Paulo, deixando a cidade de Filipes, em companhia de Silas e Timóteo (1) encaminhou-se pela "Via Egnatia" até Tessalonica. Ao Apóstolo não podia ficar despercebida a importância dêste grande empório para a propagação do Evangelho; se a mensagem de Cristo lá tomasse pé, não tardaria a se difundir "não sòmente pela Macedônia e a Acaia, mas por muitas terras do globo" (1 Tes 1, 8).

Em Tessalonica, Paulo dirigiu-se logo ao quarteirão judaico, encontrando hospedagem em casa de um Israelita bem intencionado, de nome Jasão. Êste era provàvelmente proprietário de uma pequena indústria de tecelagem, na qual, desde o princípio da sua estada, Paulo se pôs a trabalhar, à

---

(1) Timóteo é silenciado pelos Atos nesta passagem; todavia nas narrativas subseqüentes reaparece como companheiro de Paulo (cf. At 17, 14); é também citado no cabeçalho de ambas as epístolas aos Tessalonicenses, o que faz supor que realmente acompanhou S. Paulo de Filipes a Tessalonica.

fim de ganhar seu pão (como costumava fazer em tôda a parte) e não se tornar pesado a nenhum dos habitantes da cidade (cf. 1 Tes 2, 9; 2 Tes 3, 8). Logo no primeiro sábado, o Apóstolo dirigiu-se à sinagoga, onde, além de autênticos Judeus, encontrou "prosélitos" (1) e "tementes a Deus" (2); a pregação de Paulo, repetida por três sábados consecutivos, obteve êxito exíguo entre os Israelitas; ao contrário, porém, dentre os Gentios freqüentadores da sinagoga, grande multidão se converteu. Tomados, pois, de inveja, os Judeus resolveram exterminar a obra de Paulo: contra êle e seus companheiros, excitaram populares malvados, agitadores públicos; os tumultuantes, tendo em vão procurado os acusados em casa de Jasão, apoderaram-se dêste e de alguns cristãos, que êles levaram à presença das autoridades civis; denunciavam Paulo e seus adeptos quais traidores de César, proclamadores de um novo rei, Jesus.

Esta acusação, certamente inspirada pelos Judeus, era bem apta a inquietar qualquer bom cidadão, assim como as autoridades, de Tessalonica, pois melindrar a César era pôr em perigo os privilégios da "Cidade livre". Já, porém, que não havia nenhum crime comprovado, nem mesmo se podiam interrogar os pregadores acusados, os magistrados resolveram tirar-se do embaraço, exigindo de Jasão e seus companheiros uma caução (provàvelmente quantia de dinheiro) como penhor de que quanto antes livrariam a cidade da presença dos missionários.

Assim Paulo, Silas e Timóteo tiveram que deixar Tessalonica às pressas: na noite seguinte ao tumulto, alguns cris-

---

(1) Pagãos convertidos ao Judaísmo.

(2) Pagãos que, deixando a idolatria, haviam aceito o Monoteismo, embora não a circuncisão, dos Judeus.

tãos tessalonicenses os conduziram para a cidade próxima de Beréia.

Nesta os acontecimentos se desenrolaram à semelhança dos de Tessalonica (cf. At 17, 10-14), de modo que Paulo partiu, também precipitadamente, para Atenas, acompanhado por cristãos da região; deixava, porém, Silas e Timóteo em Beréia, provàvelmente a fim de completarem a evangelização encetada. Contudo, em Atenas, Paulo, ao despedir-se dos Bereicenses que o haviam acompanhado, não se esqueceu de mandar dizer aos dois companheiros de missão que quanto antes se fôssem juntar a êle nesta grande cidade. Os dois discípulos cumpriram a ordem; todavia, mal chegados a Atenas, eram de novo enviados em missão na Macedônia: Timóteo, a Tessalonica, e Silas, a Beréia ou Filipes, pois o Apóstolo se achava solícito pelas comunidades que tão repentinamente tivera de abandonar em suas últimas etapas. Assim fazia Paulo o sacrifício de permanecer só em Atenas para o bem de seus fiéis Tessalonicenses (cf. 1 Tes 3, 1-5) (1).

De Atenas Paulo passou a Corinto, onde se lhe abria um campo de evangelização muito esperançoso, ao qual o Apóstolo havia de se dedicar longamente. Ora nesta cidade é que mais uma vez o foram encontrar os dois companheiros Timóteo e Silas, levando-lhe as notícias muito aguardadas da Macedônia.

O estado de coisas em Tessalonica era dito, de modo geral, satisfatório, pelo que Paulo se alegrou sinceramente; mas

---

(1) Sendo um tanto lacônicos os textos dos Atos e de 1 Tes sôbre o desenrolar exato dos acontecimentos, pode-se também admitir que Paulo, chegando em Atenas, tenha mandado Timóteo passar diretamente de Beréia, onde se achava, a Tessalonica, sem que fôsse prèviamente a Atenas.

não deixava de apresentar seus pontos negros, que angustiaram a alma do Apóstolo.

Assim Timóteo referia que os cristãos tessalonicenses haviam, de fato, sofrido perseguições, como o Apóstolo predissera (cf. 1 Tes 3, 3; 1, 6; 2, 14-16), mas se mantinham perseverantes na fé; a fama de sua caridade se propagava mesmo por tôda a Macedônia e impressionava os próprios pagãos (cf. 1 Tes 1, 6-9; 4, 10). Lembravam-se de Paulo com terno afeto; haviam-se espalhado, sim, calúnias, que apresentavam o Apóstolo como adulador ambicioso e explorador dos bens materiais dos Tessalonicenses; os cristãos, porém, não lhes haviam dado crédito; bem se recordavam de que Paulo dia e noite se fatigara entre êles, não sòmente ensinando a verdade e consolando a todos, mas também trabalhando com as mãos para prover ao seu sustento; por conseguinte, animados dos melhores sentimentos, desejavam ardentemente rever o Apóstolo (cf. 1 Tes 2, 3-10. 15 s; 3, 4 ss; 1, 8).

Todavia eis que, sob a pressão das perseguições e tribulações, não poucos cristãos, de condições sociais modestas (simples operários, estivadores, carregadores do pôrto, pequenos comerciantes), se entregavam à fraude e à luxúria, vícios que fàcilmente grassavam num opulento empório (cf. 1 Tes 4, 6. 11 s). Além disto, a partida precipitada de Paulo deixara a catequese dos Tessalonicenses incompleta (cf. 1 Tes 3, 10). Em particular, os fiéis ressentiam-se de mal-entendidos a respeito da segunda vinda de Cristo (1): da pregação de Paulo deduziam que a volta do Senhor estava iminente.

---

(1) Também dita "parusia", têrmo grego que na linguagem civil significava a visita solene do Imperador a uma cidade.

Esta opinião lhes parecia insinuada pelo Evangelho, sim; mas ainda era corroborada em suas mentes por certas idéias largamente difusas naquela época: sob Calígula (37-41) e Cláudio (41-54), soberanos fracos e ineptos, o poder imperial se debilitava cada vez mais; pelo que, os Romanos esperavam uma prodigiosa renovação da ordem das coisas devida a uma intervenção dos deuses; tal expectativa parecia confirmada por muitos prodígios que então se verificavam na natureza: terremotos, aparições de cometas, chuvas de fogo, partos monstruosos de homens e animais etc. Do seu lado, os Judeus desde muito vinham nutrindo a esperança de tempos novos, ou seja, da instauração visível do reino messiânico, talvez realizada por meio de uma conflagração cósmica. Ora essas correntes de idéias provocavam atitudes anômalas entre os cristãos tessalonicenses; alguns, empolgados pela expectativa de uma iminente reboldosa cósmica, ocasionada pela segunda vinda de Cristo, julgavam inútil continuar a trabalhar; entregavam-se ao ócio e, conseqüentemente, ao furto, à desonestidade (cf. 1 Tes 4, 11 s). Outros, abatidos com a mesma perspectiva, pensavam muito na sorte de seus consangüíneos e amigos já falecidos: influenciados pela mentalidade de pagãos e judeus, concebiam a morte como sono que faz perder a consciência e do qual não há esperança de despertar; por conseguinte, perguntavam: Tendo os nossos caros terminado os seus dias antes da volta de Cristo, ficarão excluídos do reino de Deus visível, da bem-aventurança final? Estarão em piores condições do que "nós, que vivemos ainda, que esperamos ver o Juiz glorioso"? Talvez mesmo tenham proposto (por carta) ao Apóstolo a questão sob esta forma bem concreta da primeira pessoa do plural (1).

---

(1) Esta observação tem sua importância na exegese de 1 Tes 4, 17.

Estas eram, pois, as notícias, consoladoras umas, aflitivas outras, que Timóteo trazia de Tessalonica.

Ao ouvi-las, Paulo vibrou em seu zêlo paterno; se o pudesse, iria sem demora a Tessalonica (cf. 1 Tes 2, 8; 3, 9 s). Todavia, já que os adversários e também seu novo campo de apostolado em Corinto não lho permitiam, quis, ao menos por carta, expandir aos fiéis tessalonicenses a alegria e a tristeza que lhe enchiam a alma; além disto, transmitir-lhes-ia admoestações e instruções relativas aos problemas da comunidade.

Assim surgiu a primeira epístola aos Tessalonicenses, em fins de 51 ou princípio de 52; cf. 1 Tes 3, 6: "*Justamente agora* Timóteo acaba de chegar dentre vós, e trouxe-nos boas notícias sôbre a vossa fé e a vossa caridade..."

Não será difícil reconstituir o cenário em que Paulo escrevia, cenário do qual alguns traços característicos se reproduziram na redação de cada epístola paulina: Após uma jornada de intenso trabalho manual e apostolado, eis que Paulo, à noite, cansado, senta-se num canto de sua alcova, juntamente com Timóteo e Silas; ilumina-os a luz de uma lanterna; os dois discípulos fazem alternadamente as vêzes de escrivães, enquanto Paulo dita, conforme o costume dos antigos. Dada a fadiga que a posição e a arte de escrever em papiro acarretavam, era difícil passar mais de duas ou três horas contínuas em tal ocupação. Suposto isto, a 1 Tes, que deve ter consumido 10 fôlhas papiráceas e 20 horas de escrita, terá exigido 10 ou 12 serões para ser levada a têrmo. As interrupções de quase 24 horas, assim como as necessárias pausas que no decorrer de uma mesma sessão deviam ser feitas, bem explicam as mudanças de ânimo, estilo, os períodos inacabados, que se notam em quase tôdas as epístolas paulinas.

§ 2. *Conteúdo e divisão da 1 Tes*

Oriunda nas circunstâncias referidas, a 1 Tes abre a série dos escritos do Novo Testamento. Pode ser caracterizada como a carta em que um coração de pai e pastor se expande em presença dos seus filhos, a fim de os consolar e orientar nas contingências em que se acham. Transcorre num tom muito espontâneo e familiar, como se fôsse a continuação dos colóquios que o Apóstolo tinha em casa dos seus fiéis, quando os ia visitar. Paulo recorda freqüentemente aos leitores a sua estada e catequese em Tessalonica (notem-se as fórmulas repetidas: "Vós vos lembrais..., sabeis..." em 1, 3-5; 2, 1 s. 5. 9. 11; 3, 3 s; 4, 2; 5, 2). O Apóstolo se apresenta sob a figura de uma ama, pronta a dar a própria vida pelos fiéis (cf. 2, 7-11).

Esta efusão de afetos muito vivos faz que na 1 Tes não haja uma concatenação de idéias muito estrita, menos ainda uma exposição teológica completa dos temas abordados; êstes (em particular a secção escatológica) supõem a pregação oral do Apóstolo.

Por conseguinte, em 1 Tes prepondera o papel do pai terno e afetivo, não o do teólogo (como em Rom) nem o do apologeta (como em Gál, 2 Cor); sob êste aspecto, 1 Tes se aproxima de Flp e Flm.

Diga-se também que o tom muito pessoal da 1 Tes é argumento dirimente em favor da sua autenticidade paulina. Um falsificador dificilmente teria reproduzido tão genuínos sentimentos de Paulo.

Eis como se distribui o conteúdo da epístola:

Exórdio: 1, 1-10

Saudação e ação de graças. Paulo regozija-se pela prosperidade da igreja de Tessalonica.

I. **As relações do Apóstolo com os Tessalonicenses:** 2, 1-3, 13

1. Paulo recorda o seu ministério apóstolico em Tessalonica, seus trabalhos e cuidados; louva a fé sincera dos Tessalonicenses e a sua constância na perseguição 2, 1-16

2. Paulo manifesta a sua caridade para com os Tessalonicences e o desejo de os rever, regozija-se pelas boas notícias trazidas por Timóteo; pede a Deus que dirija os seus passos a Tessalonica 2, 17- 3, 13

II. **Admoestações e ensinamento dogmático:** 4, 1-5, 22

1. Procurem santificar-se, evitando a luxúria, a avareza, a preguiça 4, 1-12

2. A segunda vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos: quando o Senhor voltar, os que já tiverem falecido, não estarão em piores condições do que os sobreviventes, mas, ressuscitados, serão, junto com êstes, arrebatados nas nuvens de encontro a Cristo. Já que a data da parusia é incerta, convém vigiar sempre 4, 13- 5, 11

3. O Apóstolo recomenda virtudes referentes à vida em comunidade 5, 12-22

Epílogo: 5, 23-28

Bênção, Pedido de orações. Saudação.

§ 3. *A secção dogmática* 4, 13 — 5, 11

Merece especial atenção o trecho da carta em que, após ter expresso seu afeto e repreendido os vícios, o Apóstolo se propõe elucidar a questão escatológica (1) dos Tessalonicenses.

---

(1) Isto é, relativa aos últimos acontecimentos da história.

É logo de notar que tôda esta epístola aparece escrita sob uma impressão fortemente escatológica. Assim a conversão dos Tessalonicenses à fé é definida como uma atitude escatológica: "Vós vos convertestes a Deus... para esperar o seu Filho vindouro dos céus" (1, 10); quatro vêzes é mencionada a volta de Cristo: 2, 19; 3, 13; 4, 15; 5, 23. Freqüentes são as alusões aos novíssimos: 1, 3. 10; 2, 12. 19 s; 3, 13; 5, 23. — Isto bem mostra quão viva era entre os fiéis de Tessalonica a expectativa da vinda do Cristo Juiz e que importante lugar lhe atribuíam o Apóstolo em sua catequese e os fiéis em sua vida.

Em dois parágrafos, bem distintos entre si (cf. os títulos em 4, 13 e 5, 1), o Apóstolo responde às dúvidas de seus fiéis: em 4, 13-18 fala da *sorte dos cristãos*, quer já falecidos, quer ainda vivos, por ocasião da volta de Cristo; em 5, 1-11 trata da data da segunda vinda, questão envolvida na anterior.

Sôbre o primeiro ponto, Paulo esforça-se por consolar os leitores inquietos: tenham esperança a respeito dos caros defuntos, pois no último dia não estarão em piores condições do que os vivos. Não; quando Jesus descer dos céus para o Juizo universal, os mortos ressuscitarão, e, a seguir, juntamente com os vivos, serão arrebatados nas nuvens de encontro ao Senhor; assim todos os fiéis serão introduzidos no gôzo do seu Senhor, qualquer que tenha sido a época de sua morte (1).

---

(1) É bem de notar o que vale também para outras epístolas: quando S. Paulo fala dos novíssimos, só tem em vista a sorte dos justos, não a dos réprobos.

Êste ensinamento do Apóstolo é apresentado dentro de uma veste literária que por vêzes causa dificuldades de interpretação:

1) Paulo descreve o Juiz universal descendo acompanhado de uma palavra de comando universal, de toques de trombeta, clamores do Arcanjo (S. Miguel?) (v. 16); será sustentado pelas nuvens, como se fôssem o seu carro triunfal (v. 17); na região intermédia entre o céu e a terra acorrer-lhe-ão os justos ressuscitados (v. 17).

Êstes tópicos são tirados da tradição judaica, quer dos Profetas, quer dos apócrifos apocalípticos. Não são mais do que figuras literárias consagradas para tratar êste tema; o Apóstolo as assumiu para descrever a majestade de uma cena cujos pormenores ficavam ocultos a Paulo como ficam a nós.

2) Com as palavras: "Então nós, que vivemos, que ficamos, seremos arrebatados com êles (os mortos) sôbre as nuvens ao encontro do Senhor nos ares" (v. 17), Paulo parece ensinar que a parusia do Senhor é iminente e que êle ainda a presenciará em vida. Donde surge a questão grave: Não terá o Apóstolo ensinado algo de errado?

Em resposta é de notar logo que, nos versículos 5, 1 s. 10 da mesma epístola, Paulo afirma ser o dia da parusia incerto; não queria dizer, pois, no texto que analisamos, estar êle iminente. A expressão de S. Paulo se explica muito bem admitindo-se que o Apóstolo repetia a fórmula mesma da interrogação dos fiéis: "Qual a sorte dos nossos irmãos defuntos, e qual a nossa própria sorte?" Em sua resposta, pois, o Apóstolo também falava de *nós;* êste sujeito, na mente do Apóstolo, designava não a geração contemporânea de Paulo, como o haviam entendido os Tessalonicenses, mas simplesmente os homens que estariam vivos por ocasião da parusia,

sem que necessàriamente o Apóstolo se julgasse um dêles. Em outros têrmos: o *nós* de S. Paulo refere-se aqui à Igreja sociedade permanente que, um dia, presenciará a segunda vinda de Cristo, não aos indivíduos transitórios dessa sociedade. Em 5, 10 o Apóstolo mesmo admite que possa estar morto por ocasião da parusia (1).

3) O v. 17 insinua que os homens que estiverem vivos por ocasião da parusia, não provarão a morte, mas simplesmente da vida terrestre passarão para a celeste. Esta interpretação é corroborada por 1 Cor 15, 51 (1a). Assim entendiam o versículo os Padres gregos: a isenção da morte corporal será um grande privilégio outorgado por Deus aos homens que o Cristo encontrar vivos sôbre a terra. — Tal interpretação, porém, tem seus adversários, os quais admitem que, durante o arrebatamento mesmo de encontro ao Cristo, os sobreviventes morrerão e ressuscitarão imediatamente, a fim de pagarem, também êles, o tributo à morte. Esta hipótese carece de fundamento no texto paulino; só se poderia sustentar por motivos dogmáticos dirimentes, que, no caso, porém, não existem.

---

(1) Outra fórmula da mesma explicação encontra-se à pg. 70.

Aos 18 de Junho de 1915, a Pontifícia Comissão Bíblica, referindo-se aos textos escatológicos de S. Paulo, declarou:

a) o Apóstolo nada ensinou em desacôrdo com a absoluta ignorância do tempo da parusia que Cristo nos quis deixar;

b) em particular, com relação a 1 Tes 4, 15ss, pronunciou-se em favor da interpretação tradicional, que julga não ter Paulo incluído, nem a si nem aos seus leitores, no número daqueles que certamente veriam a parusia.

Cf. Enchiridion Biblicum 433s.

Não se pode, porém, condenar a opinião daqueles que julgam que S. Paulo, embora não tenha acreditado com segurança, tenha ao menos esperado ardentemente assistir à parusia.

No episódio seguinte, 5, 1-11, o Apóstolo, querendo dissipar o fundamento da ociosidade e do abatimento dos seus fiéis, recorda-lhes que ninguém pode afirmar com segurança ser iminente o dia da volta do Senhor; para nós, fica envolvido na incerteza. O cristão, porém, não se inquieta diante desta perspectiva, pois justamente êle é "filho da luz, filho do dia" (v. 5. 8), ou seja, filho daquele dia do Senhor (1); em outros têrmos: êle vive em função da parusia do Senhor; foi por causa dela e em vista dela que êle se converteu dos ídolos ao Deus verdadeiro (cf. 1, 9 s).

Esta outra passagem escatológica da 1 Tes não suscita dificuldades de interpretação. Antes concorre para elucidar a secção anterior (4, 15-17), mostrando que o Apóstolo, assim como o Mestre (cf. Mc 13, 31; Mt 24, 36), não quis ensinar algo de preciso sôbre a hora da consumação do mundo.

B. A SEGUNDA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

§ 1. *Ocasião e tema da 2 Tes*

A primeira epístola aos Tessalonicenses, lida na comunidade cristã, tranqüilizou os ânimos dos fiéis a respeito da sorte de seus caros defuntos. Todavia deixava-os ainda perturbados a propósito da segunda grande questão escatológica abordada: Paulo, inculcando a incerteza da hora da parusia, nada de novo havia dito; não excluía que o Senhor voltasse

(1) A expressão "o dia (do Senhor)" era consagrada no Antigo Testamento para designar o tempo da consumação messiânica.

dentro de dias ou meses. Por conseguinte, os obstinados de Tessalonica continuavam a julgar iminente a volta do Senhor; abstinham-se do trabalho e, em sua ociosidade, provocavam novas desordens, inquietações, na comunidade, pois presumiam apontar os sinais-prenúncios da consumação do mundo. A fim de fundamentar as suas conjeturas fabulosas, apelavam para alguma revelação recebida por um irmão durante o ofício litúrgico (cf. 1 Tes 5, 20); valiam-se também das próprias palavras do Apóstolo em sua primeira epístola, que, sendo breves, podiam ser fàcilmente mal-entendidas ou, talvez, apresentavam uma nova epístola do Apóstolo falsificada (1).

Assim verificava-se na comunidade de Tessalonica um estado de ânimos cada vez mais agitado, agravado pelos vícios morais daí decorrentes (ociosidade, engano, roubo, luxúria...).

Ora algum cristão, provindo da Macedônia a Corinto, referiu a situação a Paulo. Ao lado dos males, porém, não podia silenciar aspectos consoladores: a fé e a caridade haviam crescido entre muitos dos fiéis, apesar da persistência das perseguições (cf. 2 Tes 1, 3 ss).

Ouvido isto (cf. 2 Tes 3, 11), Paulo resolveu sem demora dirigir novo escrito aos seus fiéis; seria mais breve, mas mais incisivo que o antecedente. Assim se originou a 2 Tes, provàvelmente poucos meses após a primeira epístola (o que é insinuado pela grande semelhança de tema e linguagem das duas epístolas, assim como pela agitação dos Tessa-

---

(1) Cf. 2 Tes 2, 2. Esta passagem admite as duas interpretações acima referidas. Precavendo-se contra falsificações, o Apóstolo prudentemente chamava a atenção dos fiéis para o seu sinal autógrafo em 2 Tes 3, 17.

lonicenses, que crescia ràpidamente e exigia pronta intervenção do Apóstolo).

Conforme o seu costume, o Apóstolo, à parte de instruções e admoestações, faz preceder uma secção de ação de graças e reconhecimento do bem operado pelo Senhor entre os fiéis. Donde se tem a seguinte divisão da epístola:

Exórdio: 1, 1-12

Paulo dá graças a Deus pela firmeza dos Tessalonicenses na fé. Recorda-lhes a futura retribuição no dia da volta do Senhor. Pede a graça de Deus para os leitores.

I. Ensinamento a respeito da parusia: 2, 1-17

1. O dia da volta do Senhor, embora incerto, ainda não é iminente. Devem precedê-lo sinais precursores: a grande apostasia, o Homem do pecado, inimigo de Deus, que o Cristo há de destruir ... 2, 1-12
2. Dêem os fiéis graças a Deus pela sua vocação à fé. Não se deixem perturbar, mas conservem os ensinamentos do Apóstolo, que para êles implora as graças de Deus 2, 13-17

II. Admoestações: 3, 1-15

1. Orem pelo Apóstolo 3, 1- 5
2. Evitem os irmãos ociosos; procurem corrigi-los com caridade 3, 6-15

Epílogo: 3, 16ss

Saudação. Bênção.

§ 2. *O ensinamento escatológico da 2 Tes*

Devendo desfazer, na mente de seus fiéis, a idéia de que a parusia do Senhor estava iminente, o Apóstolo, nesta segunda epístola, resolveu indicar alguns sinais que serão prenúncios necessários do grande dia; cf. 2, 3-10.

Deverá primeiramente haver entre os homens uma terrível *apostasia religiosa,* em meio à qual se revelará o *Homem*

do pecado; êste, realizando *prodígios sedutores*, tentará apresentar-se como Deus, ocupando mesmo o trono do Senhor no templo. Todavia, a esta aparição ou *parusia* enganadora *do Iníquo* se oporá a aparição (parusia) de Cristo, que, descendo à terra, extinguirá o Maligno e dará a vitória definitiva ao reino de Deus. Desde já, conforme o Apóstolo, (isto é, desde o início da era cristã), o mistério da iniqüidade atua neste mundo, mas não se pode manifestar plenamente, porque há *algo* e *alguém* que o detém, isto é, uma *fôrça* ("to katechon", em grego) e uma *personalidade* ("ho katechoon") que impedem a plena manifestação do mal. Deus, porém, permitirá que êste obstáculo seja removido nos últimos tempos, o que dará lugar à aparição do Iníquo furibundo e à fase derradeira, mais renhida, da luta entre o mistério da iniqüidade e o mistério do bem, de Cristo (1).

Esta passagem, bem se entende, tem recebido as mais variadas interpretações por parte dos exegetas, antigos e modernos. Já que inútil seria querer apresentá-las tôdas, aqui vai exposto apenas o que se pode dizer de mais provável sôbre tal texto. Um entendimento cabal desta passagem nos fica vedado, pois o Apóstolo escrevia intencionando ùnicamente elucidar e completar a catequese oral feita aos Tessalonicenses (cf. 2, 5 ss) — Ora, já que esta nos ficou desconhecida, também o sentido claro do respectivo complemento nos escapa.

Como quer que seja, Paulo parece conceber tôda a história da Igreja como a disputa travada entre duas fôrças antagônicas: o *mistério da iniqüidade* e o *mistério de Cristo*.

---

(1) Assim como S. Paulo fala do **mistério da iniqüidade** em 2 Tes 2, 7, fala do **mistério de Cristo** em Ef 1, 9; 3, 3s. 9; Col 1, 27; 2, 2; 4, 3.

O mistério da iniqüidade, sendo uma potência que percorre tôda a história, deve ser identificado com a múltipla atividade de Satanás e de seus agentes; seria o *Anticristo* coletivo, para se usar de um têrmo de S. João em 1 Jo 2, 18; esta coletividade, nos últimos tempos, terá um expoente individual, de máxima veemência, que S. Paulo chama o "homem do pecado" (cf. 2, 3. 8), correspondente ao Anticristo individual de S. João (l. c.). De outro lado, o mistério de Cristo se concretiza na Igreja e sua ação neste mundo; em prol da Igreja pugnará visìvelmente o próprio Cristo, quando voltar no fim dos tempos, a fim de vencer definitivamente o Iníquo. Todavia — e isto é importante — a Igreja tem a seu favor ainda uma fôrça, instituição ou coletividade ("to katechon", forma neutra) e uma personalidade ("ho katechoon", forma masculina), que nos nossos séculos detêm a plena irrupção do mal. — Quais serão êstes atuais baluartes da Igreja? É o que se tem conjeturado de muitas maneiras, apontando êste ou aquêle grande protetor do Catolicismo em determinada época: S. Tiago o Menor, o Império Romano,...

Todavia nenhuma das indicações que visam determinado período satisfaz, pois "ho katechoon" age por tôda a história da Igreja. Por conseguinte, de maior probabilidade goza a teoria que vê em "ho katechoon" (gênero masculino) o Arcanjo S. Miguel, o qual, desde os tempos judaicos, sempre foi considerado como Padroeiro do povo de Deus; e, em "to katechon" (gênero neutro), o exército dos anjos que, sob o Príncipe da milícia celeste, lutam contra os espíritos malignos neste mundo (1). No dia, porém, em que aprouver à Divina Providência, Deus fará cessar a ação tutelar de S. Miguel e

(1) Cf. F. Prat, Theologie de St. Paul I, Paris, 20, 1933, 98s.

seu exército, permitindo a manifestação suma e derradeira do Anticristo.

Note-se, por fim, que a indicação dos sinais precursores do Anticristo na 2 Tes não contradiz à incerteza do tempo da parusia que na 1 Tes S. Paulo professa. Os próprios sinais. precursores se verificarão em época incerta.

Donde falha é a conclusão de autores que, julgando haver contradição entre 1 e 2 Tes, denegaram a autenticidade paulina desta última. A 2 Tes está perfeitamente na linha da 1 Tes; por conseguinte, não há motivo para duvidar de sua genuinidade.

Capítulo II

OS JUDAIZANTES. PRELIMINARES HISTÓRICOS CONEXOS COM GÁL, 1-2 COR, ROM

Ao passo que as duas primeiras epístolas de S. Paulo se caracterizavam por uma efusão livre do coração paterno, acompanhada de instruções parceladas sôbre um único ponto dogmático — a parusia do Senhor — as quatro seguintes apresentam um conteúdo predominantemente teológico, acompanhado de esclarecimentos pessoais e exortações morais.

A questão abordada por 1-2 Tes — que haverá no fim dos tempos? — é uma interrogação dos homens de tôdas as épocas. Não se dá o mesmo, porém, com o grande problema teológico de Gál, 2 Cor e Rom (1): a abrogação da Lei

(1) A 1 Cor também reflete êste problema, mas de maneira menos incisiva.

mosaica. Êste problema punha-se exclusivamente para os fiéis da Igreja antiga. Paulo foi o heróico arauto da sua solução, empenhando a própria vida em favor desta. Cheias de tal problema do 1.º século, não obstante, as quatro ditas epístolas não perderam sua atualidade até os nossos dias. Para se perceber êste seu valor perene, porém, requer-se uma exposição prévia da questão que preocupava o Apóstolo ao escrevê-las.

Eis como, em linhas gerais, se apresentava o problema:

Logo nos primórdios do mundo, após o pecado do primeiro homem, Deus prometeu a Adão um Redentor, novo Pai do gênero humano, o 2.º Adão, que gerasse para a vida verdadeira, eterna, em oposição ao primeiro Adão, que gera para a morte. Esta promessa foi-se transmitindo de geração em geração; reduzia-se, porém, cada vez mais o círculo dos homens que lhe ficavam fiéis, porquanto a idolatria e a corrupção grassavam no mundo. Eis, pois, que, para assegurar a transmissão e, um dia, o cumprimento de tal promessa, Deus quis escolher um homem e sua linhagem, que seriam os depositários da verdadeira religião até a vinda do Redentor ou Messias: cêrca, pois, do ano de 1950 a. C. chamou Abraão da Caldéia para uma terra estrangeira (Canaã) e prometeu dar-lhe a bênção: da sua linhagem sairiam o Redentor e a salvação para o gênero humano inteiro. Abraão ouviu esta promessa de Deus (que não podia deixar de lhe parecer estupenda e, ao mesmo tempo, estranha), e deu-lhe crédito; com isto tornou-se *amigo de Deus*, justificado, como diz a Escritura em Gên 15, 6; Tg 2, 23; e, note-se bem, justificado *por ter acreditado*, ou seja, *pela fé* no Messias prometido.

Ora, depois de feita esta escolha de Abraão, Deus houve por bem preceituar ritos e costumes a Abraão e seus

descendentes, ritos e costumes que distinguissem a sua vida da dos demais homens, idólatras e corruptos, e assim criassem como que uma muralha a proteger a verdadeira fé no povo escolhido. Dêsses ritos, o primeiro promulgado foi a *circuncisão*, à qual já o filho de Abraão, Isaac, teve que se submeter. Os demais preceitos só mais tarde foram promulgados, a saber, cêrca de 1240 a.C., por meio de Moisés. A *Lei mosaica* tornou-se assim a Carta Magna da teocracia de Israel; compreendia um conjunto de normas, cuja observância era estritamente necessária ao homem para pertencer ao povo de Deus, participar da promessa messiânica.

A Lei mosaica era, para o homem, a única via de salvação revelada antes da vinda do Redentor. Essa Lei, porém, era a lei, religiosa e civil, de um povo, tinha caráter nacional, de tal modo que salvação, bens espirituais, ficavam ligados a uma raça; quem quisesse abraçar a verdadeira fé, devia agregar-se ao povo israelita, fazer-se membro da nação judaica (prosélito; cf. pg. 9 n. 1).

Ainda é de notar que Abraão foi justificado pela fé que prestou à promessa messiânica, antes que cumprisse qualquer lei especial de Javé, antes mesmo do preceito da circuncisão; donde *Abraão, Promessa, Fé, Prepúcio* (1), *Bênção messiânica* são conceitos intimamente associados entre si. Doutro lado, depois de promulgada a Lei mosaica, a justificação só podia tocar ao homem mediante o cumprimento das obras preceituadas pela Lei; donde a outra série de conceitos estreitamente ligados uns aos outros: *Moisés, Lei, Circuncisão, Obras, Justificação Veterotestamentária.* O cumprimento

---

(1) Têrmo que designa o estado de quem não é circuncidado.

das obras legais chegou a assumir papel tão importante entre os Judeus posteriores, em particular entre os Fariseus, que êstes negligenciavam o espírito que devia animar as obras, isto é, a fé em Deus e no Messias, caindo num mero formalismo.

Tal era a situação religiosa do gênero humano, quando Cristo veio ao mundo, qual Redentor prefigurado pelo 1.º *Adão,* prometido a *Abraão,* preparado pela *Lei mosaica;* o que esquemàticamente se pode assim reproduzir:

1.º ADÃO	**ABRAÃO**	**MOISÉS**
início da história	sec. 20 a. C.	sec. 13 a. C.
1.º Evangelho (Gên 3, 15s)	**Promessa messiânica**	**Lei**
Tipo do 2.º Adão	**Fé**	(salvaguarda provisória da verdadeira fé) (1)
	Prepúcio	**Circuncisão**
	Bênção messiânica	**Obras**
		Justificação veterotestamentária
	2.º ADÃO, CRISTO plenitude dos tempos **Messias** **Antitipo do 1.º Adão** **Cumprimento da promessa** **Abrogação da Lei mosaica**	

Ora o Messias veio qual filho do povo israelita e anunciou aos Judeus o cumprimento da promessa feita a Abraão e aos demais Patriarcas de Israel. Que êsse cumprimento da promessa, isto é, a salvação trazida por Cristo, se destinasse a todos os homens, de qualquer raça fôssem, não

(1) Também se pode dizer com S. Paulo (Gal 4, 24): **pedagogo** = servo que conduz a criança ao mestre ou senhor.

era pôsto em dúvida pelos primeiros Judeus que seguiram a Cristo (Apóstolos e discípulos do Senhor); o teor da promessa feita a Abraão abrangia todos os povos (1). Ficava, porém, uma questão séria: entre a promessa universal (Abraão) e o seu cumprimento universal (Cristo), Deus interpusera a Lei mosaica, nacional, que ligava os bens messiânicos à descendência carnal de Abraão e às observâncias judaicas. Perguntava-se, pois: Não será que, após a vinda do Messias, os pagãos que queiram abraçar a verdadeira fé, devem, como outrora, agregar-se ao povo judeu, fazendo-se circuncidar e cumprindo a Lei mosaica, ao mesmo tempo que os preceitos do Evangelho? Ou então terá sido definitivamente abrogada a Lei mosaica pelo Evangelho, de modo que a justificação messiânica é dada aos cristãos pela fé no Messias como foi outrora dada a Abraão independentemente do ritual mosaico? (2). Neste último caso, o modo como Abraão foi justificado seria típico, de sorte que qualquer homem, judeu ou pagão, que cresse no Messias, deveria ser considerado verdadeiro imitador e filho de Abraão, membro do povo de Deus, abstração feita da sua linhagem carnal, da sua origem nacional; o "verdadeiro Israel" (Rom 9, 6) seria não a descendência carnal de Abraão (o que significaria particularismo e, ao mesmo tempo, formalismo), mas seriam os que imitam a fé viva e eficaz de Abraão.

---

(1) "Tôdas as famílias da terra serão abençoadas em ti" (Gên 12, 3). "Torno-te pai de uma multidão de nações. Far-te-ei crescer extraordinàriamente; de ti tirarei nações, e reis sairão de ti" (Gên 17, 6). "Em tua posteridade serão abençoadas tôdas as nações da terra, porque obedeceste à minha voz" (Gên 22, 18).

(2) A fé que justificou Abraão não foi mero assentimento intelectual, mas implicou uma entrega, doação total, do homem a Deus. Neste sentido largo seja entendida a fé de que se fala na presente exposição e de que falará S. Paulo nas epístolas seguintes.

Tal era o grave problema que enchia as mèntes dos primeiros Judeus convertidos ao Evangelho.

Caberia a Paulo dar a resposta peremptória a tão sério dilema e garantir a implantação da mesma na Igreja. Com suas vistas largas, percebeu o plano de Deus e o papel provisório que neste cabia à Lei mosaica. Sem dúvida, não era fácil a um Judeu reconhecer que as prerrogativas outorgadas aos Israelitas pela dispensação veterotestamentária fundada na descendência de estirpe já tinham dado o seu fruto, e, por conseguinte, estavam abrogadas. Daí a grave luta que Paulo teve de sustentar em prol da verdade contra seus compatriotas convertidos a Cristo, os chamados *Judaizantes.*

Os principais marcos desta luta, que se refletem nas epístolas aos Gálatas, Coríntios e Romanos, são os seguintes:

Em sua primeira viagem missionária (45-48) S. Paulo, acompanhado de Barnabé, percorreu regiões do Sul da Ásia Menor: a Panfília, a Pisídia, a Licaônia. Aí converteu grande número de Gentios, aos quais deu admissão na Igreja, sem lhes impor a circuncisão ou a Lei mosaica. De regresso, porém, a Antioquia, Paulo, exultante pelo bom exito da missão, teve o dissabor de ouvir, da parte de Judaizantes recém-vindos de Jerusalém, a tese de que os pagãos não deviam ser recebidos na Igreja sem prèviamente aceitarem a circuncisão e as observâncias da Lei mosaica. Êsses compatriotas do Apóstolo estavam decididos a tudo fazer para impor a sua sentença.

Paulo, porém, e Barnabé percebiam o perigo de tal postulado: equivalia a negar pleno valor salvífico ao sacrifício de Cristo; a graça do Redentor seria insuficiente para grangear aos homens a amizade de Deus, se aos méritos do

sangue de Cristo fôsse preciso associar os ritos da Lei mosaica; inútil deveria ser dita a morte do Filho de Deus; Cristo nada teria trazido de novo, não teria operado a Redenção; estaríamos como sob o Antigo Testamento, tempo de expectativa. Assim concebido, o Cristianismo, em vez de ser o reino de Deus universal, nunca passaria de insignificante seita judaica e pereceria com a própria teocracia judaica em 70 d. C. (à semelhança de outras seitas judaico-cristãs, como o Ebionitismo).

Na angustiosa situação, Paulo e Barnabé, acompanhados de Tito, um pagão convertido e feito discípulo de Paulo, resolveram ir a Jerusalém a fim de solicitar a decisão dos demais Apóstolos, em particular de Pedro, Tiago e João, considerados "colunas da Igreja". Destarte se deu o chamado "Concílio dos Apóstolos" no ano de 49 (At 15, 1-35; Gál 2, 1-10).

Após as devidas considerações, ficou resolvido que aos Gentios convertidos ao Evangelho não se imporia o jugo da Lei mosaica (cf. At 15, 10. 19. 28); todavia, a fim de manter a boa paz em comunidades constituídas de Judeus e pagãos convertidos, o Concílio houve por bem promulgar as chamadas "cláusulas de Tiago". Estas impunham aos étnico-cristãos (1) a observância de quatro costumes cuja violação causava grande escândalo a qualquer Judeu: que se abstivessem de comer carnes prèviamente imoladas aos ídolos, e carnes de animais sufocados (das quais não havia corrido

(1) Étnico-cristão: pagão convertido ao Cristianismo. Judeu-cristão: judeu convertido ao Cristianismo.

sangue); não bebessem sangue (1), nem praticassem prostituição (cf. At 15, 29).

Portador dêste decreto, Paulo com seus companheiros, regressou a Antioquia, anunciando o feliz êxito das deliberações. A pendência fôra resolvida conforme a tese que Paulo propugnara: a Redenção de Cristo implicava a plena libertação do jugo da Lei mosaica. Com efeito, as cláusulas formuladas em Jerusalém não tinham significado dogmático nem vigor universal; visando estabelecer um "modus vivendi", obrigariam apenas onde e por quanto tempo fôssem oportunas. Neste sentido falaria S. Paulo da liberdade dos filhos de Deus, a qual nos foi conquistada por Cristo (Gál 4, 31).

Em Jerusalém os Apóstolos também haviam reconhecido a Paulo a missão peculiar de pregar o Evangelho entre os pagãos; seria, por excelência, o Apóstolo dos Gentios; apenas lhe pediam que entre os irmãos abastados das terras pagãs promovesse coletas em favor dos pobres da Igreja Madre de Jerusalém, o que Paulo de boa mente prometeu e haveria de cumprir (cf. Gál 2, 9s; 1 Cor 16, 1-4; 2 Cor 8s).

Ainda estando Paulo em Antioquia, deu-se famoso episódio: Pedro, recém-vindo a esta cidade, usava da liberdade que lhe competia, não observando a distinção mosaica entre os alimentos, nas suas relações com étnico-cristãos. Todavia, tendo sobrevindo Judeus de Jerusalém, Pedro intimidou-se e voltou a observar as prescrições legais. Já que esta atitude suscitava Barnabé e outros judeus-cristãos à imitação, lançando confusão nas mentes e ameaçando criar

---

(1) Os judeus julgavam que o sangue é a sede da alma ou da vida, a qual pertence a Deus só.

uma barreira, mesmo uma cisão, entre os fiéis, S. Paulo fez ver a Pedro quanto mal o Príncipe dos Apóstolos assim acarretava (Gál 2, 11-14). A demonstração serviu de testemunho à perspicácia enérgica de Paulo e à humildade sincera de Pedro, o qual, como o insinuam os textos, se rendeu à evidência.

O Concílio de Jerusalém havia resolvido em princípio a questão das relações do Evangelho com a Lei mosaica. A solução teórica, porém, na prática, ainda seria impugnada pelos Judaizantes, que haviam de atacar principalmente a Paulo, o Apóstolo dos Gentios, ocasionando as disputas, as apologias pessoais, assim como as elevadas considerações teológicas de Gál, 1-2 Cor e Rom.

Capítulo III

A EPÍSTOLA AOS GÁLATAS

§ 1. *Tema e divisão de Gál*

A epístola aos Gálatas supõe uma comunidade que, depois de evangelizada pelo Apóstolo, foi perturbada pela visita de pregadores judaizantes. Êstes, a quanto parece, eram extremistas: ensinavam serem a circuncisão e a Lei mosaica de *absoluta* necessidade para a salvação, não apenas um complemento de perfeição. E, para incutir esta tese, valiam-se, em grande parte, de argumentos pessoais, que visavam desprestigiar Paulo e sua pregação aos olhos dos fiéis. Assim apontavam para S. Pedro e S. Tiago como sendo dos Apóstolos mais antigos e autorizados, os quais se davam a

conhecer por sua fidelidade à Lei mosaica. Em oposição a êstes, apresentavam Paulo como um pregador de Cristo que nunca convivera com Cristo, mas muito após a Ascensão se convertera e fôra instruído pelos discípulos do Senhor; não podia, pois, gozar da mesma autoridade que êstes outros, de mais a mais que a pregação paulina era dita divergente da dos antigos Apóstolos, por sua oposição à Lei mosaica. Desta forma, a própria missão apostólica de Paulo era posta em jôgo. Além disto, imputavam-lhe grandes falhas de caráter: inconstância, ambição, oportunismo; por isto, teria declarado aos Gálatas estar abrogada a Lei de Moisés a fim de os converter mais fàcilmente, ao passo que em outras circunstâncias de sua vida, querendo ganhar o favor dos Judeus, se acomodara aos usos dêstes (mandara, por exemplo, circuncidar Timóteo, filho de pai gentio; cf At 16, 3; Gál 1, 10; 5, 11).

A argumentação impressionara profundamente os Gálatas, de sorte que estavam mesmo para abraçar os ritos da Lei mosaica (cf. Gál 4, 21), menosprezando a pessoa e a pregação do seu Apóstolo.

Tais notícias chegaram aos ouvidos de Paulo, trazidas provàvelmente por irmãos recém-vindos da Galácia. Ao tomar conhecimento delas, o Apóstolo não podia deixar de experimentar tristeza profunda. Recordava-se dos tempos de seu apostolado naquela terra: os neófitos haviam sido ricamente agraciados pelo Espírito Santo; férvida caridade os estreitava entre si e com o Apóstolo, seu pai espiritual (ter-se-iam arrancado os próprios olhos para dá-los ao Apóstolo doente entre êles; cf. Gál 4, 15-19); além disto, haviam recebido dons extraordinários — profecia, glossolalia, curas milagrosas etc. (cf. Gál 3, 2s. 5). — Ora eis que, em lugar dessa intensa vida espiritual, os Gálatas já apresentavam um

quadro desolador: por causa dos novos pregadores, havia desconfiança e ressentimento para com Paulo, reinava agitação no seio das famílias, e estas, em suas relações mútuas, como que se mordiam e devoravam (cf. Gál 5, 14 s); mais ainda: para o futuro, intencionavam sufocar por completo a ação do Espírito dentro do formalismo estéril dos ritos judaicos!...

A questão era muito grave aos olhos de Paulo. O que se dizia contra sua pessoa, êle o podia tolerar; mas as inverdades atingiam a própria causa de Cristo; a evangelização da Galácia e das terras pagãs corria o risco de ficar frustrada. A vitória que conseguira no Concílio de Jerusalém e em Antioquia, ficaria vã, se os falsos irmãos conseguissem impor as suas idéias aos neófitos.

O Apóstolo, num primeiro ímpeto, quis partir para a Galácia (cf. Gál 4, 20). Impedido, porém, por outros cuidados, resolveu logo escrever aos fiéis, fazendo-lhes ver com tôda a energia quão tôla era a atitude que assumiam: trocariam a liberdade e a vida nova que Cristo lhes trouxera, pela servidão da Lei anterior a Cristo. Esta, tendo um valor preparatório, estava definitivamente abrogada desde que o próprio Messias viera (cf. Gál 3, 10s 17, 19-26; 4, 1-4). Inculcando esta verdade, o Apóstolo mostraria, de um lado, o caráter típico, subordinado, do Antigo Testamento (Gál 4, 21-31), e, de outro lado, a riqueza, a eficácia eminentes da fé e da Cruz de Cristo (Gál 1, 4; 2, 16-20s; 3, 13s; 4,5).

A epístola aos Gálatas, assim oriunda, decorre veemente como nenhum outro escrito paulino; é tôda ditada por afetos, ora de justa ira contra os falsos apóstolos (ditos "anátemas" em 1, 8s) e os Gálatas insensatos (3, 1), ora de ternura muito paterna para com os filhos espirituais, que o Apóstolo procurava de novo dar à luz para Cristo. (4, 15-19).

A indignação fez que o Apóstolo mudasse mesmo o seu habitual estilo epistolar: no exórdio, omitindo a costumeira ação de graças pelo crescimento espiritual dos leitores (cf. 1 Tes p. 14, Tes p. 31), Paulo prorrompe logo em enérgica repreensão; a própria saudação inicial difere da das outras cartas, pondo em realce certos tópicos adaptados à situação (a origem divina do apostolado de Paulo, a liberdade que Cristo nos conquistou...)

O conteúdo da epístola aos Gálatas deixa-se distribuir como segue:

Exórdio: 1, 1-10

Saudação e bênção: 1, 1-5. Repreensão: 1, 6-10.

I. Parte apologética: 1, 11-2, 14

1. Expondo o seu currículo de vida, S. Paulo demonstra a origem divina da sua missão apostólica: antes da conversão, era zeloso aderente da Lei mosaica; depois da conversão, retirou-se para o deserto e não viu os Apóstolos, a não ser Pedro três anos mais tarde e por poucos dias apenas. Por conseguinte, é impossível que tenha aprendido o Evangelho dos Apóstolos mais antigos e que por êles tenha sido investido. Também não teve relações com as igrejas da Judéia 1, 11-24

2. A plena concórdia da pregação paulina com a dos demais Apóstolos se evidencia da aprovação que êstes deram a Paulo por ocasião do encontro em Jerusalém 2, 1-10

3. Contra a calúnia de oportunismo, Paulo se defende recordando a energia com que sustentou a verdade publicamente nas suas relações com o próprio Pedro em Antioquia 2, 11-14

II. Parte dogmática: 2, 15-5, 12

1. Sob forma de uma altercação com S. Pedro, Paulo propõe a tese da epístola: a justificação se obtem pela fé viva, e não pela observância da Lei mosaica 2, 15-21

2. Quatro argumentos provam a tese:

a) **a experiência dos Gálatas**, que, conforme o exemplo de Abraão, não pela observância da Lei, mas pela fé em Cristo crucificado, receberam o Espírito Santo e os seus carismas 3, 1- 7

b) **a promessa feita a Abraão**, de que êste Patriarca seria abençoado e, por êle, todos os povos da terra. Tal benção só podia ser adquirida mediante a fé na promessa, não mediante a observância da Lei mosaica, a qual só foi dada muito mais tarde 3, 8-18

c) **a função e a finalidade da própria Lei**, que foi dada como pedagogo e tutor a fim de encaminhar o povo israelita para Cristo; vindo Êste, cessou o papel da Lei, é absurdo e injurioso voltar às observâncias mosaicas 3, 19- 4, 11

Interrupção: Paulo lamenta paternalmente que a caridade dos Gálatas para com êle tenha diminuído 4, 12-20

d) **a história da família de Abraão**: o sentido típico da história de Agar e Sara, Ismael e Isaac prova que sòmente os que não servem sob a Lei, são verdadeiros filhos e herdeiros de Abraão 4, 21-31

3. Conseqüências práticas da tese provada; permaneçam os fiéis na sua liberdade cristã 5, 1-12

III. **Parte moral**: 5, 13-6, 10

1. Vivam os fiéis conforme o espírito, libertos tanto da Lei como das paixões da carne 5, 13-25
2. Pratiquem a caridade na humildade, recordando-se sempre da retribuição divina 5, 26- 6, 10

Epílogo: 6, 11-18

Os falsos pregadores procuram a vã glória, enquanto Paulo só procura Cristo, no qual está a nossa salvação (6, 11-16).
Bênção final (6, 18).

§ 2. *Destinatários, época e lugar de redação de Gál*

As circunstâncias precisas de tempo e lugar em que se originou a epístola aos Gálatas, só podem ser indicadas se se sabe exatamente quem eram os destinatários da missiva,

De fato, os nomes de Galácia e Gálatas podiam ter mais de uma acepção no tempo de São Paulo.

Gálatas ou *Celtas* eram um povo que no século 6.º a. C. habitavam o território das Gálias (França dos nossos dias). No século 4.º a. C. parte dêste povo emigrou, através da Germânia, da Itália, da Ilíria, até a Grécia. Mais tarde, em cêrca de 279 a. C., três tribos Gálatas emigraram para a parte setentrional da Ásia Menor, fixando sede junto ao rio Hális; esta região setentrional da Ásia Menor foi, por conseguinte, denominada *Galácia.*

No século 1.º a. C., os Gálatas dominaram regiões vizinhas, de modo que, em 25 a. C., quando os Romanos anexaram ao seu Império o que êles chamaram a "Província da Galácia", esta compreendia, além do núcleo primitivo (Galácia no sentido estrito, Galácia Setentrional), diversos outros territórios da Ásia Menor (a Frígia Oriental, a Pisídia, o Ponto galático, parte da Licaônia, a Paflagônia, a Isáuria etc.). Assim é que, no tempo de São Paulo, os têrmos geográficos *Galácia, Gálatas* podiam ser usados tanto em acepção larga como em sentido estrito.

Já que isto concorre para o entendimento da nossa questão, eis algumas notícias mais precisas sôbre o uso dos dois têrmos na literatura contemporânea a São Paulo:

Os autores profanos, sob o nome de Galácia, entendiam por vêzes tôda a província romana dêste nome; mais freqüentemente, porém, designavam a região estritamente dita.

Tôdas as inscrições antigas até hoje descobertas pelos arqueólogos, excetuada uma só, designam como Galácia a região setentrional apenas. (1)

---

(1) As citações das fontes encontram-se em Hoepfl-Gutt. Introductio Specialis in Novum Testamentum. Rom 1938, 344s.

São Lucas, ao falar de *região galática*, tem em vista não a província romana, mas o território galático no sentido estrito. Assim nos At 16, 6: "Atravessavam a Frígia e a região galática..."; neste texto a região galática, distinta da Frígia, não pode significar senão a Galácia no sentido restrito, pois que a Frígia fazia parte da Galácia no sentido largo. O mesmo raciocínio vale para o texto seguinte dos At (18, 23); "... percorrendo por ordem a região galática e a Frígia". Ademais é de notar que São Lucas não costuma usar dos nomes das províncias romanas, mas designa as regiões pelas suas denominações antigas; assim a Panfília (At 13, 13), a Pisídia (At 13, 14), a Licaônia (At 14, 6).

Ora sabe-se que São Paulo evangelizou não sòmente o núcleo original da Galácia, mas também as suas dependências posteriores: na primeira e na segunda viagem missionária, percorreu a Galácia meridional (Pisídia, Licaônia); na segunda e na terceira pregou na Galácia setentrional (At 16, 6; 18, 23). Pergunta-se, pois: que sentido se deve supor aos têrmos "Galácia" e "Gálatas" na epístola paulina?

A questão é subtil. Por falta de indícios e documentos seguros, não se deixa resolver peremptòriamente, havendo exegetas de grande autoridade em favor de sentenças opostas.

Excluída fica a solução mista, que afirma ser a epístola dirigida aos cristãos de tôda a província romana da Galácia. De fato, o escrito supõe leitores de uma região bem determinada, não de nações heterogêneas.

Entre a hipótese da Galácia Setentrional e a da Galácia Meridional, merece preferência a primeira; e isto, pelo motivo principal de que tôda a tradição exegética até o século 19 ensinava tal sentença; é bem para admitir que as antigas gerações cristãs tenham tido motivos sólidos para transmitir

aos posteriores essa tese. Eis ainda algumas das outras razões sôbre as quais se baseia a sentença da Galácia setentrional:

a) a interpelação "O' Gálatas insensatos!" (3, 1) não podia ser dirigida senão aos habitantes da Galácia Setentrional, pois os habitantes da Licaônia, da Pisídia conservavam seu caráter próprio individual, mesmo dentro da província romana, de sorte que muito inconveniente seria interpelá-los sob o nome de um povo estranho;

b) em Gál 4, 13 o Apóstolo afirma: "...*por causa de* (1) uma enfermidade da carne eu vos preguei o Evangelho pela primeira vez". Detido por uma doença, Paulo teria evangelizado os Gálatas. Ora tal notícia dificilmente se concilia com o que os At 13s referem sôbre a atividade de Paulo e Barnabé na Pisídia e na Licaônia; os Atos não deixam margem a entender que Paulo, impedido de viajar por uma doença, tenha pregado na Pisídia e na Licaônia;

c) em Gál 2, 6 o Apóstolo escreve: "...êsses homens tão considerados os (Grandes Apóstolos) nada me impuzeram", isto é, nenhuma restrição fizeram à liberdade dos étnico-cristãos em relação à Lei mosaica. Estas palavras não podem ter sido escritas às comunidades da Galácia Meridional, pois nos At 16, 4 se lê explìcitamente que Paulo impôs a tais comunidades as cláusulas de Tiago promulgadas pelo Concílio de Jerusalém. A observância dessas cláusulas era bem necessária na Galácia Meridional, onde grande número de Judeus residia junto com pagãos (cf. At 13s), ao passo que na Galácia Setentrional São Paulo as podia

(1) É de insistir no sentido causal da preposição "diá", que alguns autores querem atenuar.

ter silenciado perfeitamente, visto que não se encontravam Judeus entre os seus ouvintes (como o insinua o decurso tranqüilo da pregação paulina entre os Gálatas; cf. Gál 4, 13ss).

As dificuldades apresentadas contra a tese da Galácia Setentrional deixam-se resolver satisfatòriamente; doutro lado, os argumentos que positivamente querem inculcar a teoria da Galácia Meridional são muito fracos. Em conclusão, parece, pois, acertado seguir a tese tradicional nesta matéria.

Suposto, assim, que a nossa epístola se dirija aos Gálatas setentrionais, tem-se o fundamento para calcular tempo e lugar de sua redação.

Dever-se-á primeiramente, concluir, que Gál foi escrita durante a terceira viagem missionária.

Com efeito, o Apóstolo muito provàvelmente alude a duas suas estadas sucessivas entre os Gálatas: da primeira vez foi recebido e tratado com grande carinho e alegria (4, 13 ss (1), ao passo que em sua segunda permanência já surgiram dificuldades por parte dos Judaizantes, prenúncios da tempestade que êle enfrenta na epístola (assim se deveriam entender Gál 1, 9; 4, 16; 5, 3. 21, versículos em que o apóstolo manifesta ter tomado atitudes enérgicas, ameaçando penas, quando presente entre os Gálatas, o que não condiria com as circunstâncias da "primeira vez" de 4, 13). Ora São Paulo visitou a Galácia pela segunda vez no início da sua terceira viagem missionária.

---

(1) Em 4, 13 "to próteron" parece ter realmente o sentido de "pela primeira vez", não de "precedentemente", tradução que não caberia no contexto.

Também se pode conjeturar que a epístola tenha sido redigida pouco após a segunda visita; é o que insinua o v. 1, 6, em que o Apóstolo se admira por terem os Gálatas, em tão breve espaço de tempo, mudado de mente, passando do Evangelho "mutilado" de Paulo ao Evangelho "íntegro" dos Judaizantes; a indignação do Apóstolo se entenderia tanto melhor sôbre êste fundo de uma brusca aversão dos fiéis.

Em conseqüencia, dir-se-á, com a máxima probabilidade, que a epístola aos Gálatas foi escrita por cêrca de 54 (terceira viagem missionária: 53 - 58), quando o Apóstolo se achava em Éfeso (na terceira viagem Paulo, após ter percorrido a Galácia e a Frígia, foi, sem demora, fixar-se em Éfeso).

Não se pode, porém, deixar de mencionar a sentença dos que, baseando-se na afinidade de tema e estilo vigente entre Gál e Rom, afirmam ter sido Gál escrita pouco antes de Rom, ou seja, por cêrca de 58, achando-se Paulo em Corinto (1). O fundamento desta tese, embora válido, parece menos firme que o da anterior, pois a simples afinidade de tema e estilo se pode explicar pelo fato de que as relações entre a Lei e o Evangelho eram um dos pontos doutrinários capitais para São Paulo, que, portanto, tinha sôbre o assunto proposições e argumentos bem definidos, não sujeitos a variações, e, sim, a repetições.

§ 3. *Importância de Gál*

Autores de tendências bem diversas entre si comprazem-se em afirmar a importância da epístola aos Gálatas, de cuja antenticidade não costumam duvidar.

---

(1) Cf. pg. 94.

Assim a Escola de Tuebingen, sob a orientação de F. C. Baur, vê na epístola aos Gálatas o fundamento da sua teoria relativa às origens do Cristianismo: Gál testemunharia, de fato, a existência de uma facção petrina e de uma facção paulina na Igreja antiga, das quais teria saido vitoriosa a facção paulina. A epístola aos Gálatas, relatando o contraste entre o Petrinismo e o Paulinismo, seria um forte documento contra a não-autenticidade dos Atos, que, no episódio paralelo a Gál 2 (At 15), procuram harmonizar as partes litigiosas, silenciando o contraste final.

Esta interpretação de Gál, fantástica e sectária como é, não merece ulterior consideração. Mais capcioso é o entendimento que dêste documento propõem os Luteranos, sob a orientação do próprio Lutero:

S. Paulo, escrevendo aos Gálatas, visava primàriamente inculcar uma norma solene: "Não abraceis a Lei mosaica! Isto significaria entregar-se à servidão, depois de terdes sido libertados por Cristo!" Isto fez que a epístola aos Gálatas fôsse, por vêzes, no decorrer da história, considerada como uma carta de emancipação, e, em particular, explorada por Lutero e os Protestantes como a "Magna Carta da Liberdade Cristã", a justificativa da sua revolta contra as práticas e os preceitos da Igreja Romana.

Ora êste modo de ver desconhece em absoluto o conteúdo positivo, muito rico, do nosso documento.

De fato, o Apóstolo só podia rejeitar a observância da Lei mosaica por estar persuadido de que os cristãos possuem um bem espiritual muito maior do que o Mosaismo.

O Filho de Deus veio à terra, e ofereceu ao Pai o sacrifício de reconciliação do gênero humano, operando a

Redenção, que a Lei mosaica nunca dera aos homens. Além disto, instituiu o batismo, que ao neófito comunica, com a morte, também a vida nova, ressuscitada, de Cristo. Recebendo a vida do Filho de Deus, o cristão em pessoa é elevado à dignidade de filho do Pai Eterno, Irmão do Primogênito, e, em conseqüência, animado do Espírito do Filho, clama "Abba, Pai"; é assim envolvido no ciclo trinitário da vida divina; a vida do Pai, do Filho e do Espírito Santo nele regorgita. Ora, êsses grandes dons, Cristo os outorgou aos homens na qualidade de Consumador da Lei antiga, a qual estava tôda voltada para Êle, pronunciando-O e aguardando-O. Querer, pois, acrescentar à obra de Cristo os pálidos meios de santificação mosaicos seria simplesmente injuriar o Redentor, tê-lo na conta de nada (Gál 2, 21), seria passar da realidade às sombras, da qualidade de filhos à de servos, do amor ao temor, ao passo que rejeitar o Mosaísmo para abraçar os meios de santificação de Cristo é prova de compreensão e estima profundas do dom de Deus.

Todavia essa riqueza do cristão, que torna desnecessária a Lei judaica, não implica libertinismo. S. Paulo repetidas vêzes recorda aos seus leitores uma lei cristã, a lei de Cristo (1). Falando, pois, de Lei abrogada, tinha em vista o conjunto de instituições que ao homem do Antigo Testamento eram propostas como vias de salvação. É êsse sistema, considerado em bloco, que o Apóstolo diz abolido. Considerando a Lei, Paulo não quis distinguir entre os pre-

---

(1) Cf. Gál 6, 2: "Carregai os fardos uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo".

Gál 5, 14: "Tôda a Lei se deixa cumprir pela observância de um só preceito: Amarás o próximo como a ti mesmo".

Gál 5, 24: "Os que são de Cristo, crucificaram a sua carne com as paixões e as concupiscências".

ceitos *rituais*, provisórios (acenos típicos do Messias) e os preceitos *morais, permanentes*, fundados na própria lei natural (como o Decálogo), a fim de evitar sofisma por parte dos Judaizantes ou má compreensão por parte dos simples fiéis. Uma vez, porém, passado o perigo dos Judaizantes, a Igreja realçou o outro aspecto da doutrina paulina que ficara implícito nos escritos do Apóstolo, isto é, o valor perpétuo dos preceitos do Decálogo, lei moral e voz da consciência, cuja perfeição consiste no exercício da caridade (1).

A própria finalidade polêmica de Gál foi ocasião a que o Apóstolo nos ensinasse outra doutrina de inestimável valor: o sentido típico de dois trechos das Escrituras antigas os quais manifestam a plenitude do seu conteúdo quando interpretados à luz do vasto plano de Deus; assim Paulo nos revelou autênticamente o tipo da história de Abraão e seus filhos (Gên 15, 6), o da sentença de maldição proferida sôbre quem pende do lenho (Dt 21, 23); cf. Gál 4, 21-31; 3, 13.

Ao lado disto, a epístola aos Gálatas ainda tem valor único como fonte de história da Igreja antiga, e, em particular, como manifestação da personalidade íntima do Apóstolo, homem agraciado, que tão bem soube associar entre si o ardor e a veemência do lutador de Deus (cf. 1, 10-2, 14) e o tenro afeto do pai espiritual, compadecido de filhos fracos e indigentes (cf. 4, 12-20).

Concluindo, pois, verificamos que a epístola aos Gálatas, ocupada com uma questão que já não é atual entre os cristãos, conserva uma importância perene. Desvenda algo

---

(1) Cf. Gál 5, 14 citado na nota anterior.

do sábio plano de Deus, que distribui a salvação com liberalidade e soberania. E, êsse plano divino, S. Paulo o manifesta não sòmente no que êle tem de universal e coletivo, mas êle o mostra atuado também no cristão indivíduo: apresenta os tesouros da vida da graça, da união com Deus em têrmos vivos quais não se encontram em outras epístolas paulinas (1), de modo que Gál, com todo o seu aspecto polêmico, foi em todos os tempos o rico depósito onde as almas místicas foram buscar substancioso alimento.

Capítulo IV

AS DUAS EPÍSTOLAS AOS CORÍNTIOS

A. A PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

§ 1. *Ocasião e tema da 1 Cor*

Em sua segunda viagem missionária, provàvelmente no ano de 51, Paulo deixou a cidade de Atenas, onde, sem quase nenhum sucesso, anunciara o Evangelho a gente imbuída de

---

(1) Cf. em particular:

2, 20: "Estou crucificado com Cristo (alusão ao batismo); não sou mais eu que vivo, é Cristo que vive em mim... o Filho de Deus; que me amou e se entregou por mim".

3, 26ss: "Todos sois filhos de Deus pela fé no Cristo Jesus. Com efeito, vós todos, que fôstes batizados no Cristo, revestistes o Cristo. Não há mais Judeu nem Grego; não há mais servo nem livre; não há mais homem nem mulher; pois vós todos sois uma só pessoa no Cristo Jesus".

4, 6s: "Pois que sois filhos, Deus enviou nos vossos corações o Espírito de seu Filho, o qual clama; Abba, Pai! Assim tu não és mais escravo, tu és filho; e, se és filho, és também herdeiro, por graça de Deus".

Vejam-se ainda 5, 13s. 16. 23ss; 6, 2, 14-17.

cultura pagã, filósofos e sábios de diversas escolas. Entristecido, prosseguiu para o Sul até Corinto, cidade que não lhe oferecia perspectivas de apostolado mais risonhas do que Atenas.

De fato, em Corinto vício e corrupção grassavam largamente. Outrora chamada Efira, fôra destruída pelas tropas do romano Lúcio Múmio em 146 a. C., mas reerguera-se das ruínas e gozara do favor de Júlio César, que em 44 a. C. deu à cidade o título "Laus Julia Corinthus"; em 27 a. C. César Augusto tornou-a capital da província romana da Acaia. A prosperidade crescente de Corinto era muito favorecida pela sua posição geográfica: a cidade ficava situada num istmo entre dois golfos — o Sarônico, com seu pôrto de Cêncreas, no mar Egeu, e o Coríntio, com o porto de Lequeu, no mar Adriático. Esta circunstância valia-lhe os títulos de cidade "amphithalassos (= de dois mares), "Esplendor de tôda a Grécia". Em conseqüência, Corinto era um centro para onde afluíam viajantes, mercadores, com suas mercadorias e seus sistemas ideológicos, provenientes de diversas partes do mundo (1).

Os cultos pagãos praticados na cidade concorriam, juntamente com a riqueza e o bem-estar, para promover a devassidão moral. Das numerosas divindades gregas, romanas, egípcias, frígias, cultuadas em Corinto, a que mais em voga se achava, era Vênus ou Afrodite, cujo templo se erguia no alto da colina Acrocorinto, abrigando mais de mil mulheres prostituídas; as festas desta deusa, cognominada

---

(1) A opulência de Corinto se reflete no dístico do poeta romano Horácio: "Não a qualquer homem é dado visitar Corinto" (epist. 1, 17, 36).

Pandemos (= de todo o povo), provocaram a massa da população à luxúria mais grosseira. Tão conhecida era a corrupção dos Coríntios que se tornara proverbial entre os habitantes do Império: "corintizar (korinthiazesthai)" significava "viver luxuriosamente", "jovem coríntia" significava uma prostituta; por "doença coríntia" se entendiam as conseqüências fisiológicas decorrentes do vício.

A mentalidade de tal população só podia ser fútil. Mesmo os Coríntios que se gabavam de sabedoria, só possuíam a filosofia eclética, decadente, da sua época — estoicismo panteísta, cinismo, epicurismo materialista — que, para os Atenienses, havia tornado ininteligível, como que absurda, a pregação de Paulo.

Era, pois, pressuroso, que o Apóstolo entrava em Corinto, para empreender a evangelização da cidade. Devia pôr mãos à obra sem seus companheiros Timóteo e Silas, os quais só mais tarde chegariam da Macedônia a fim de o coadjuvar (1), circunstância esta que não podia deixar de acabrunhar mais ainda o espírito de Paulo.

Antes do mais, procurou apoio na colônia judaica. Numerosos eram os Israelitas que residiam em Corinto; não sòmente os atraía o comércio florescente, mas também um édito de Cláudio, expulsando de Roma os Judeus em 49-50, fizera que muitos fôssem procurar nova residência em Corinto; do número dêstes constava um casal, Áquila e Priscila, o qual provàvelmente já em Roma se havia convertido ao Cristianismo; Áquila exercia a profisão de curtidor, como Paulo; ofereceu, pois, ao Apóstolo não sòmente hospedagem

---

(1) Cf. pg. 19.

em sua casa, mas também a possibilidade de trabalhar e ganhar o pão (coisa que Paulo de bom ânimo aceitou a fim de não se tornar pesado a nenhum de seus ouvintes).

Consoante a sua tática, o Apóstolo começou a pregar aos Judeus; mas, como em outras cidades, a missão entre o povo eleito teve desfêcho violento; converteram-se, sim, o chefe da sinagoga, Crispo, e outros companheiros, mas os Israelitas que não aceitaram o Evangelho, levaram Paulo ao tribunal do procônsul romano Galião, intentando obter a sua condenação. Êste, porém, percebendo que o motivo de acusação era tirado da religião judaica, não quis intervir no caso.

Passando, então, à evangelização dos pagãos de Corinto, Paulo logrou muitas conversões, principalmente entre as classes humildes (cf. At 18, 8; 1 Cor 1, 26-29). Foi mesmo reconfortado por uma visão noturna, em que o Senhor o incitava a falar destemidamente, pois havia de formar uma *comunidade numerosa* em Corinto (At 18, 9 s)!

A pregação de Paulo aos Coríntios era bem marcada pelo estado de alma em que a empreendera: dada a experiência de Atenas, o Apóstolo se achava profundamente desiludido da sabedoria dêste mundo e do esplendor dos recursos humanos; mais do que nunca era inclinado a inculcar (e, de fato, inculcou) uma sabedoria transcendente, divina, quase paradoxal, cujo símbolo era Cristo crucificado (cf. 1 Cor 2, 1-5).

Paulo demorou-se um ano e seis meses em Corinto, ou seja, até 52-53, seguindo depois para Éfeso, onde havia de passar os três próximos anos. Depois que o Apóstolo deixou Corinto, sobreveio a esta cidade um Judeu, de nome Apolo, convertido ao Cristianismo. Natural de Alexandria, grande

centro de cultura helenística, Apolo pregou aos Coríntios o Evangelho, em plena consonância com a mensagem paulina, sim, mas com talentos de oratória e sabedoria profana que Paulo não ostentara, e que impressionaram profundamente os ouvintes, entusiastas da dialética e das aparências de sabedoria (cf. At 18, 24-28; 1 Cor 1, 17-25; 2, 1-5; 3, 1-4).

Nos anos seguintes, não cessaram as relações de Paulo com a igreja de Corinto. Principalmente na terceira viagem missionária Paulo, deixando-se ficar dois anos e três meses (54-56) em Éfeso, parece ter tido freqüente contacto com os Coríntios por meio de viajantes, que, geralmente a título de comércio, atravessavam o mar Egeu.

Ora as notícias que vinham de Corinto a Éfeso, não eram consoladoras. Os mensageiros, entre os quais o próprio Apolo, referiam a péssima situação moral da comunidade: freqüentes eram os escândalos por motivo de luxúria; após participar da Eucaristia, os cristãos iam entregar-se às orgias e à devassidão no templo de Afrodite. Em conseqüência, Paulo resolveu intervir, escrevendo de Éfeso aos Coríntios uma carta, oriunda em cêrca de 55 e mencionada em 1 Cor 5, 9; tal teria sido, para nós, a primeira epístola aos Coríntios se não se tivesse perdido. Pela referência de 1 Cor 5, 9 sabemos que, nessa primeira missiva, o Apóstolo, visando punir os fornicadores da comunidade, proibia aos seus irmãos cristãos, tivessem relações com êles.

Todavia, apesar da admoestação, a situação não melhorava em Corinto: o preceito dado na carta era mal interpretado por alguns dos fiéis, que talvez quisessem desacreditar o Apóstolo aos olhos dos demais: asseguravam que Paulo intencionava proibir as relações com quaisquer fornicadores, avarentos, idólatras, fôssem pagãos, fôssem batizados; ora isto

tornaria impossível a vida social aos cristãos não sòmente numa cidade corrupta como Corinto, mas em qualquer parte do Império (1).

As preocupações do Apóstolo se agravaram quando familiares de uma rica senhora, Cloé, de Corinto, chegaram a Éfeso, referindo a formação de partidos entre os cristãos daquela cidade: além dos que ficavam integralmente fiéis a Paulo (*partido de Paulo*), havia os que, desprezando seu primeiro pai espiritual, se tinham deixado entusiasmar por Apolo, o pregador eloqüente (*partido de Apolo*); Judaizantes, recém-vindos a Corinto e apelando para Pedro (2), tinham suscitado a *facção de Pedro*. Por último, encontravam-se os que se diziam acima de qualquer pregador, querendo viver um Cristianismo "de Cristo", que êles concebiam a seu bel-prazer; eram libertinos, laxistas, que se emancipavam de qualquer magistério visível (*partido de Cristo*). Êstes partidos não chegavam a criar cisões na comunidade, mas favoreciam disputas, em que a subtileza de dialética, a ostentação de sabedoria humana, vaidosa, tinham largas partes, conforme o gosto da cultura grega decadente.

Outros mensageiros ainda falavam a Paulo de luxúria hedionda, tal como não a praticavam os próprios pagãos de Corinto (cf. 1 Cor 5, 1); referiam que cristãos se acusavam mùtuamente diante de tribunais pagãos (cf. 1 Cor 6, 1-6); as mulheres se comportavam imodestamente nas assembléias de culto (cf. 1 Cor 11, 5-10; 14, 34); verificavam-se abusos na celebração da Eucaristia (cf. 1 Cor 11, 17-22).

---

(1) "Senão, deverieis sair dêste mundo", observa Paulo em 1 Cor 5, 10, mostrando o absurdo do preceito que lhe imputavam.

(2) Pedro, o chamado "Apóstolo da circuncisão (= dos Judeus)" (cf. Gál 2, 7s), era a autoridade máxima que os Judaizantes opunham a Paulo, o Apóstolo dos Gentios. Cf. pg. 42.

Informado dêsse grave estado de coisas, Paulo primeiramente pediu a Apolo, fôsse êle mesmo a Corinto e procurasse remediar aos males. Êsse gesto, testemunhando pleno acôrdo entre Paulo e Apolo, seria a mais eficaz condenação do espírito partidário, que opunha um pregador ao outro. Apolo, porém, declinou tão delicada missão (cf. 1 Cor 16, 12); pelo que, Paulo resolveu enviar o jovem discípulo Timóteo, que não estava envolvido nas preferências facciosas (cf. 1 Cor 4, 17; 16, 10). Todavia após a partida de Timóteo, Paulo, intencionando corroborar a autoridade do mesmo, houve por bem escrever pessoalmente aos Coríntios. Assim se originou a que hoje chamamos Primeira Epístola de S. Paulo aos Coríntios (1).

A redação dêste escrito havia de consumir, durante várias semanas, os sermões de Paulo, que ditava, e de um secretário, Sóstenes (cf. 1 Cor 1, 1), que escrevia. Ora parece que no decurso dêste trabalho, talvez quando estava terminado o capítulo 4 (2), novos emissários (Estefanaz, Fortunato e Acaico) chegaram de Corinto, trazendo uma carta em que várias questões eram apresentadas ao Apóstolo. Assim é que os temas de matrimônio e virgindade, consumo de carne imolada aos ídolos (idolotitos), uso dos carismas, ressurreição dos mortos seriam considerados na 1 Cor, além dos que Paulo já tinha em vista, tornando-se tal documento, em conseqüência, um dos mais ricos e universais do epistolário paulino.

A 1 Cor parece ter sido escrita poucos meses após a carta mencionada em 1 Cor 5, 9, pois supõe recente o equívoco

---

(1) A qual supõe ao menos uma anterior, desde cedo perdida.

(2) Note-se, a introdução do c. 5: "Ouve-se claramente referir que entre vós há luxúria...".

suscitado por esta missiva. De 1 Cor 16, 19 se depreende que teve origem em Éfeso (cf. 16, 8), depois que o Apóstolo já lá se achava havia bastante tempo, durante a terceira viagem missionária, mais precisamente, considerando-se 5, 7 e 16, 8, deve-se dizer: foi redigida pouco antes da Páscoa de 56, três ou quatro anos depois que Paulo deixara Corinto (1).

O seu conteúdo assim se pode distribuir:

§ 2. *Divisão da 1 Cor*

A epístola apresenta duas partes claramente distintas uma da outra. Na primeira o Apóstolo repreende os defeitos da comunidade coríntia, ao passo que na segunda responde às questões que por carta lhe haviam sido propostas.

Exórdio: 1, 1-9

Saudação. Ação de graças pelos dons de Deus concedidos aos fiéis.

1.ª parte — **REPREENSÃO DOS DEFEITOS: 1, 10-6, 20**

I. **Os partidos na comunidade: 1, 10-4, 21**

A unidade da Igreja, cujo Cabeça é um só, Cristo, exclui tôda possibilidade de divisão .... 1, 10 -16

Deus, em seu plano providencial, não quis que o Evangelho fôsse obra de sabedoria humana; por isto Paulo não o pregou com os artifícios da oratória, embora contenha a suma sabedoria, que, porém, Paulo não pôde revelar aos Coríntios visto ainda serem carnais .... 1, 17 - 3, 4

(1) A época da primeira permanência de S. Paulo em Corinto, pressuposta pela 1 Cor, pode ser indicada com certa precisão, visto que uma epístola profana da antiguidade nos ensina ter sido Lúcio Júnio Galião procônsul da Acaia na primeira metade do ano de 52. Veja-se, quanto a isto, uma biografia de S. Paulo em Hoepfl-Gut, Introductio Specialis in Novum Testamentum 301s.

Pois que os pregadores do Evangelho são ministros e colaboradores de Deus, abstenham-se os Coríntios de os julgar e de preferir uns aos outros 3, 5 - 4, 13

Admoestação paterna e notícias pessoais .... 4, 14 -21

2. Os abusos a reprimir: 5, 1-6, 20

Seja excomungado um dos pecadores públicos da comunidade. Os demais sejam evitados pelos irmãos na fé .... 5, 1 -13

Não sejam levados a tribunais pagãos os litígios entre cristãos .... 6, 1 -11

A fornicação não é algo de indiferente, mas profanação de um membro de Cristo e do templo do Espírito Santo .... 6, 12 -20

2.ª parte — **RESPOSTAS ÀS QUESTÕES PROPOSTAS**: 7, 1-15, 58

1. Matrimônio e virgindade: 7, 1-40

São lícitos o matrimônio e o uso do matrimônio 7, 1 - 9

O matrimônio entre cristãos é indissolúvel; só pode ser admitida a separação de mesa e teto. A união de parte cristã e parte pagã pode ser dissolvida sob certas condições (o "privilégio paulino"). Todos, enquanto possível, conservem o seu estado social .... 7, 10 -24

A virgindade é ainda mais digna do que a vida conjugal. Não obstante, os pais podem entregar suas filhas em casamento, assim como as viúvas contrair segundas núpcias .... 7, 25 -40

2. Os idolotitos: 8, 1-11, 1

Em princípio, é lícito comer carnes imoladas aos ídolos, já que os ídolos, nada sendo, não contaminam. Todavia, se isto causa escândalo aos irmãos mais fracos, é preciso abster-se dos idolotitos .... 8, 1 -13

O próprio Paulo abstém-se do que lhe é lícito, não querendo receber dos fiéis nem mesmo o sustento quotidiano, a que teria direito. Castiga o seu corpo, pois a abstinência é necessária para se obter a coroa de glória, para se vencerem as tentações, como o demonstra a história mesma do povo de Deus .... 9, 1 -10, 13

Solução de diversos casos práticos: não participem os cristãos dos sacrifícios pagãos, pois isto repugna à comunhão do Corpo de Cristo. Conservem a caridade para com os irmãos de consciência fraca, e procurem em tudo a glória de Deus 10, 14 -11, 1

3. **As assembléias de culto: 11, 2-14, 40**

Na igreja tenham as mulheres a cabeça coberta em sinal de sujeição e por causa da reverência devida aos anjos .... 11, 2 -16

A ceia eucarística seja dignamente celebrada juntamente com o agape (1) .... 11, 17 -34

Todos os carismas têm o mesmo valor, vistas a sua origem (dons do Espírito Santo) e sua finalidade (o proveito comum da Igreja). Todavia é necessário que haja diversos carismas, como num corpo é preciso que haja diversas funções ...... 12, 1 -31a

A caridade, porém, é o mais nobre de todos os dons de Deus 12, 31b-13, 13

Entre os carismas, o da profecia é preferível ao das línguas, pois é mais útil ao próximo ...... 14, 1 -40

4. **A ressurreição dos mortos: 15, 1-58**

Já que a ressurreição de Cristo é um fato, impossível torna-se negar a nossa própria ressurreição. A maneira como se dará a ressureição é ilustrada por analogias da natureza. A mudança do corpo não sòmente é possível, mas é necessária, a fim de que o império da morte e do pecado seja aniquilado .... 15, 35 -58

Epílogo: 16, 1-24

Normas para se recolherem as esmolas ...... 16, 1 - 4

Paulo promete ir a Corinto; recomenda à caridade dos fiéis Timóteo, Apolo e outros legados 16, 5 -18

Saudações. Conclusão .... 16, 19 -24

---

(1) Refeição de caridade (= ágape), com caráter religioso, que positivamente acompanhava a Eucaristia.

Da divisão da epístola já aparece a grande importância dêste documento. Dentre tôdas as missivas paulinas, distingue-se, sim, pela variedade de temas que aborda; ao passo que, em seus demais escritos, o Apóstolo geralmente tratava de uma só doutrina ou questão, explanando-a sob um ou outro ponto de vista (cf. 1-2 Tes, Gál, Rom...), nesta carta S. Paulo expõe, com profundeza, assuntos muito variados, de índole dogmática e moral, estabelecendo princípios básicos para os diversos tratados teológicos, lançando mesmo os primeiros rudimentos do Direito eclesiástico (cf. p. ex. 5, 3ss). O estilo do autor, abstração feita de poucas frases truncadas, é em geral claro, o que torna a leitura da 1 Cor muito agradável e profícua (1).

De resto, é de notar que, embora considere muitos assuntos, a 1 Cor é, de princípio a fim, perpassada por um grande pensamento, que lhe comunica uma unidade superior, muito bela. De fato, linha-mestra da epístola é a idéia de que o *Cristo Jesus vive nos membros de seu Corpo Místico.* Note-se como a esta doutrina capital são referidos todos os ensinamentos da epístola:

Paulo condena o espírito de facções pela razão de que o Cristo Jesus é *Um só;* Cabeça e Corpo Místico constituem uma única comunhão de vida, na qual não se pode admitir divisão sem que haja morte (1, 13).

A sabedoria de Deus, que Paulo opõe à sabedoria dêste mundo, *encarnou-se no Cristo Jesus,* o qual foi crucificado; ora êste aspecto de inépcia da sabedoria divina *reflete-se nos membros da comunidade coríntia,* que, aos olhos dos sábios da

---

(1) J. Holzner, Paulus. Fr. i. Br. 1937, 295 julga ser a 1 Cor "a mais rica e interessante de tôdas as epístolas paulinas".

terra, são pobres e desprezíveis, mas em verdade possuem bens indizíveis (1, 18 - 31).

Referindo-se, a seguir, à missão dos Apóstolos, S. Paulo os apresenta como *cooperadores* de Deus (3, 9), ministros *pelos quais Cristo age* (4, 1).

A pureza moral, a repressão da luxúria se deduzem diretamente do fato de que o batizado é *membro de Cristo,* vive Êle uma só vida sobrenatural com Cristo, constitui um só espírito com a semelhança de espôso e espôsa, que entre si constituem uma só carne (6, 15ss); é por isto que os cristãos devem fazer do seu corpo o reflexo da glória de Deus, que nêles habita e age. (6, 19s).

A virgindade é preferida ao matrimônio por permitir ao fiel mais íntima aplicação às coisas do Senhor, mais intensa *vida em Cristo* (7, 32-35). Na realidade, também a idéia das núpcias domina o ideal da virgindade, pois esta nada mais é do que núpcias com o verdadeiro Espôso, o Cristo (cf. 2 Cor 11, 2).

O problema dos idolotitos se deixa solucionar à luz da mesma doutrina. A rigor, é lícito aos cristãos comer carne imolada aos ídolos, pois bem sabem que os ídolos nada são, e que, por conseguinte, os idolotitos não realizam o que os pagãos lhe atribuem: comunhão com os deuses. Todavia, visto haver em Corinto cristãos de consciência escrupulosa, que se escandalizavam do consumo de tais carnes por parte de seus irmãos, o Apóstolo recomendava que os fiéis esclarecidos se abstivessem dos seus direitos, quando necessário, a fim de não causar dano aos pusilânimes, pois também por êstes havia morrido Cristo, e *ofender a consciência dêstes seria ofender o próprio Cristo* (8, 11s).

Observem os fiéis a máxima disciplina nas assembléias de culto. Esta boa ordem é exigida pela dignidade intrínseca de cada cristão: enquanto a mulher é reflexo do homem, o homem é reflexo de Cristo, e Cristo é reflexo do Pai; é a vida do Pai comunicada desde tôda a eternidade ao Filho e, na plenitude dos tempos, encarnada no Cristo Jesus para se transfundir posteriormente em *cada um dos membros de Cristo*, que dita a norma de conduta dos fiéis, mormente em suas reuniões de culto (11, 2-16).

Também a diversidade dos dons extraordinários ou carismas entre os fiéis é explicada e regrada dentro da perspectiva do Corpo Místico de Cristo. Em todo corpo há multiplicidade de membros e funções, que cooperam maravilhosamente para a unidade do conjunto; assim também *no Cristo Místico há diversas atribuições*, as quais, longe de ser motivo de rivalidade entre os fiéis, se devem adaptar e servir umas às outras para preencherem sua finalidade: *o maior bem do Corpo* (12, 1-31; 14, 1-40). Em consequência, São Paulo fàcilmente pode mostrar que o dom mais sublime de Deus ainda é a caridade, que congrega todos os fiéis na *unidade*, dando razão de ser, proveito, às funções particulares de cada um (13, 1-13).

Finalmente o dogma da ressurreição dos mortos — odioso aos Gregos, que conheciam o corpo principalmente como impecilho ou cárcere da alma — é derivado da união vital dos fiéis com Cristo. Se Êste ressuscitou dos mortos, não pode haver dúvida de que os *membros de seu Corpo Místico* ressuscitarão como Êle, não para uma vida deprimida como a atual, mas para uma vida gloriosa, como a do próprio Senhor ressuscitado (15, 1-28). A ressurreição dos mortos, e, implìcitamente, a união vital do cristão com Cristo, que ela pressupõe, é dita mesmo a razão de ser da vida dos cristãos, o único motivo que a êstes anima aqui na terra (15, 14. 17 ss. 32).

§ 3. *Autenticidade e particulares da* 1 *Cor*

A questão da autenticidade paulina da 1 Cor. não é discutida senão pelos críticos mais radicais. Todo o documento se apresenta bem como o espêlho fiel da alma ardente do Apóstolo; reflete claramente o que deve ter sido a vida de uma comunidade cristã no decadente ambiente grego pagão, imbuído de pretensões culturais e de grave corrupção moral. Êstes traços, já por si, desacreditam a hipótese de uma falsificação. Além disto, não faltam documentos que, desde a mais remota antiguidade, atestam a origem paulina da 1 Cor; haja vista apenas o texto de S. Clemente Romano, que, em fins do século I, assim se dirigia aos Coríntios, visando reprimir o espírito de facção, novamente vivo entre os fiéis:

"Tomai em mãos a epístola do bem-aventurado Apóstolo Paulo. Que vos escreveu êle, em primeiro lugar (alusão a 1 Cor. 1, 10ss) no princípio do Evangelho? Sem dúvida, inspirado por Deus, escreveu-vos a respeito de si mesmo, de Cefas e de Apolo, pois então havia entre vós facções e zêlo partidário" (ep. de Clemente 47) (1).

Dentre as importantes passagens da 1 Cor, sejam aqui postas em relêvo as duas seguintes: 13, 1-13 e 15, 51s.

O hino entoado em louvor da caridade (13,1-13) constituiu, segundo Holzner, "*o mais elevado cume entre os textos do Novo Testamento*" (2). A caridade, sendo um dom de Deus que, por vêzes, passa despercebido aos homens, era subestimada pelos Coríntios, que, imbuídos do espírito grego de-

---

(1) As citações de outros autores antigos podem ser encontradas em Hoepfl-Gut, Introductio Specialis in Novum Testamentum 361.

(2) Obra citada 302.

cadente, propensos à leviandade, maior valor atribuíam aos carismas (profecias, glossolalia, curas milagrosas...), que mais atraem a atenção dos homens. Sôbre êste fundo, Paulo quis mostrar qual o verdadeiro valor da caridade: é a vida do próprio Deus tal como ela nos apareceu na figura de Jesus Cristo; o Apóstolo personifica a caridade como se a identificasse com Jesus, e descreve a sua atividade como se fôsse a do próprio Mestre. Todos os feitos prodigiosos dêste mundo, sem a caridade, nada são, representam um tinido sem sentido. ao passo que a caridade é o valor sumo, que o próprio Deus quis trazer à terra, fazendo-se homem (1). O encômio que o Apóstolo canta, obedece a um ritmo lírico; provém de uma exaltação sobrenatural semelhante à dos Profetas antigos; talvez mesmo seja o eco do que Paulo, em horas de maior comoção, costumava dizer nas assembléias de culto. Mostra uma largueza de espírito que só Deus, pelo Cristianismo, podia suscitar, e que a filantropia, ou mesmo o Judeu Saulo, imbuído das tradições nacionais de seus antepassados, jamais alcançariam.

Os vv. 15, 51 s, a mais de um título, merecem a atenção do leitor.

Primeiramente note-se que a Vulgata e as traduções vernáculas desta derivadas soam diversamente do texto original, o qual, conforme os melhores códigos, reza:

"Eis que vos digo um mistério:— não adormeceremos (=morreremos) todos, mas todos seremos transformados, num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final.

---

(1) Cf. Lc 12, 49: "Vim trazer fogo sôbre a terra, e que quero, se já está aceso?"

Pois, de fato, a trombeta tocará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados".

Êste texto, conforme a genuína mente do Apóstolo, afirma que nem todos os homens passarão pela morte, pois os que estiverem vivos por ocasião da segunda vinda de Cristo, serão simplesmente, em corpo e alma, revestidos da glória celeste, sem conhecer a separação prévia de ambos. Assim entendiam a passagem os Padres gregos, que o liam nos têrmos acima e eram os intérpretes mais autorizados de documentos cristãos redigidos em língua grega; seguiam-nos alguns Padres latinos.

Esta doutrina, que ensinava uma derrogação à lei da morte universal, é apresentada pelo Apóstolo como algo de estupendo, "mistério" (v. 51). Todavia, já que parecia contradizer a outros documentos da fé (1) e à experiência (da qual consta que Paulo e sua geração morreram, todos os homens posteriores têm morrido), alguns copistas da Escritura emendaram o texto paulino, fazendo-lhe dizer o contrário do original; é o que se lê na Vulgata latina: "todos nós ressuscitaremos, mas nem todos seremos transformados" (2).

Esta emenda muda a perspectiva do Apóstolo, que, em suas passagens escatológicas, só considera a ressurreição dos justos (3); o texto emendado afirma que todos, justos ou in-

---

(1) Cf. Hebr 9, 27: "Foi decretado que todos os homens morram uma vez".

Rom 5, 12: "De Adão a morte passou a todos os homens".

1 Cor 15, 22: "Em Adão todos morreram".

(2) Em alguns códigos encontra-se uma terceira variante, que procede do mesmo escrúpulo dogmático e carece de autoridade crítica:

"Todos havemos de morrer, mas não todos seremos transformados".

(3) Cf. pg. 29 n. 1a.

justos, ressurgiremos, mas sòmente os justos serão revestidos de glória. Não condiz, pois, com o pensamento e o estilo paulino (haja vista ainda o v. 52, que distingue os mortos e aquêles que não estarão mortos e serão imediatamente glorificados quando Cristo voltar).

O texto corrigido, porém, evitava o "mistério", facilitando a obra dos teólogos; pelo que, prevaleceu entre os latinos na Idade Média, a partir de São Agostinho († 430), o qual proferia admirar que todos os homens sem exceção morrerão. Eis a razão por que o temos na Vulgata. Todavia o texto original e a interpretação acima dada (derrogação à lei da morte universal) condizem bem com a passagem paulina de 1 Tes 4, 17 (1); a derrogação se deixa justificar pelo próprio S. Agostinho nos têrmos seguintes:

"Se Deus que a tantos fiéis perdoa os pecados mesmos, quiser a alguns perdoar até a pena devida ao pecado (2), quem somos nós para perguntar a Deus por que motivo são os homens tratados diversamente uns dos outros?" (3).

Quanto ao modo de falar do Apóstolo, que nesta passagem usa a primeira pessoa do plural ("nem todos nós havemos de morrer"), é de notar que suscitou entre os exegetas um problema semelhante ao de 1 Tes 4, 17. Perguntou-se mais uma vez: Não terá julgado Paulo que a parusia estava iminente e, por conseguinte, não terá ensinado uma inverdade? — Na realidade, o problema é meramente estilístico, não dogmático;

---

(1) Cf. pg. 29.

(2) Isto é, a morte.

(3) Epístola 193, 3. Do mesmo modo S. Tomás na Suma Teológica I-II 81, 3 ad 3, justifica a derrogação à lei da morte universal.

quer ser resolvido à luz do que foi dito à pg. 29: na Igreja haverá sempre duas classes de homens, que o Cristo encontrará quando voltar — os cristãos em vida e os já falecidos. Ora Paulo, ao referir-se a essa volta do Senhor, identifica-se simplesmente com a classe dos vivos, à qual de fato pertence no momento em que escreve. Com isto, porém, nada diz a respeito da época da parusia; não exclui que realmente êle a presencie na classe dos vivos, mas também não o afirma categòricamente. 1 Tes e 1 Cor não revelam evolução no pensamento de Paulo sôbre a data da parusia.

A epístola se encerra com a saudação aramaica "*Maranatha*" (16, 22), que Paulo não quis traduzir para o grego, porque era de uso muito freqüente desde os primórdios do Cristianismo e, em conseqüência, passara, em seu teor original, para a linguagem dos cristãos do mundo inteiro (o mesmo se deu com as palavras *Amem, Hosanna, Alleluia*). Se se divide a expressão em "*Maran atha*", significa "*Nosso Senhor veio*" e é uma alusão à Encarnação; se, ao contrário, se lê "*Marana tha*", traduz-se com um imperativo: "*Nosso Senhor, vem*" e é uma evocação da parusia do Senhor. Esta última interpretação parece preferível, pois corresponde melhor à intensa expectativa escatológica que animava os antigos cristãos; cf. Apc 22, 20: "Vinde, Senhor Jesus"; Didaqué 10, 6.

Em conclusão, o leitor moderno, considerando a riqueza doutrinal da 1 Cor, dá mais uma vez graças ao Senhor, que do mal costuma tirar maior bem. São Paulo muito sofreu ao contemplar as fraquezas dos seus fiéis coríntios; nessas dores, porém, a mente do Apóstolo deu à luz idéias e ensinamentos de importância capital para todos os séculos cristãos. As deficiências mesquinhas dos Coríntios, espelho tão real da psicologia de qualquer homem, foram ocasião para que

o Apóstolo colocasse a vida do cristão num quadro muito vasto, e a iluminasse à luz do Deus encarnado que vive em cada fiel e quer ser manifestado, glorificado, em tôdas as ações do mesmo!

B. A SEGUNDA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

§ 1. *Circunstâncias em que se originou a 2 Cor*

A primeira e a segunda epístolas de São Paulo aos Coríntios estão estritamente ligadas entre si por um nexo de circunstâncias históricas. Todavia não é fácil ao exegeta reconstituir com precisão a trama dos acontecimentos que se desenrolam após a redação da 1 Cor, levando finalmente o Apóstolo a escrever a 2 Cor; os Atos dos Apóstolos e as próprias epístolas paulinas fornecem apenas indícios lacônicos, a partir dos quais os diversos autores têm construído diversos sistemas. Eis de todos o que mais provável parece:

Como se sabe, Timóteo, em início do ano 56, pouco antes da 1 Cor, foi enviado pelo Apóstolo a Corinto (1). Poucos meses depois, provàvelmente no verão de 56, regressava a Éfeso, onde referia ao Apóstolo a nova situação de Corinto: era desoladora; nem a carta de Paulo (1 Cor) nem a missão de Timóteo haviam logrado o efeito esperado; continuavam as facções entre os fiéis, assim como os abusos morais; parecia já não haver remédio para tais males senão uma visita pessoal de Paulo a Corinto, pois qualquer mandatário ou escrito do Apóstolo seria fàcilmente desautorizado, como os precedentes, dada a audácia crescente dos adversários. Êstes

---

(1) Cf. pg. 60.

deviam ser, em primeira linha, os que formavam a facção de Cefas, judaizante, e a de Cristo, a mais ousada, a libertina.

Timóteo, pois, talvez tenha sugerido a Paulo uma visita a Corinto, idéia que o Apóstolo finalmente acolheu, embora tivesse em Éfeso um campo de apostolado muito vasto; não se demoraria muito tempo em viagem.

Assim é que Paulo fez uma segunda visita a Corinto (ano 56) (1). Sofreu, porém, terrível decepção, que o entristeceu profundamente (cf. 2 Cor 2, 1): os fiéis coríntios resistiram às admoestações do Apóstolo; um dêles chegou a injuriá-lo pùblicamente, talvez porque Paulo repreendera seus costumes depravados (cf. 2 Cor 5-10; 7, 12).

A grave situação exigia severas medidas do Apóstolo contra os exaltados. Todavia, por prudência de pastor, Paulo não as quis logo tomar; não podia mesmo demorar-se em Corinto, visto que o solicitava o campo de apostolado deixado em

---

(1) A questão da viagem intermédia entre 1 Cor e 2 Cor é justamente um dos pontos capitais discutidos pelos autores.

A viagem intermédia é deduzida dos seguintes testemunhos do Apóstolo:

"Eis esta é a **terceira vez** que estou pronto a ir ter convosco", escrevia o Apóstolo na 2 Cor 12, 14.

"Esta é a **terceira vez** que vou ter convosco... Já o disse, e repito-o de antemão; hoje que estou ausente, como quando estava presente pela **segunda vez**, declaro... que, se voltar a vós, não usarei de nenhuma indulgência" (2 Cor 13, 1s).

Ora dos At 18, 1-18a consta que Paulo esteve pela primeira vez em Corinto em 51-53, a fim de fundar aí a comunidade cristã, na sua segunda viagem missionária. Dos At 20, 2 deduz-se que o Apóstolo passou mais três meses em Corinto, de 57 a 58. Todavia, já que esta ulterior visita é subseqüente a 2 Cor, como concedem todos, conclui-se que, entre 1 e 2 Cor, o Apóstolo realmente fez uma visita à comunidade coríntia já fundada, visita que S. Lucas nos Atos silencia, talvez por ter sido breve.

Éfeso. Por conseguinte, profundamente abatido, resolveu deixar Corinto, prometendo voltar em breve a fim de punir devidamente os culpados (cf. 2 Cor 1, 15 s).

De regresso a Éfeso, Paulo viu-se envolvido logo em numerosos trabalhos apostólicos; além disto, conservava tristes recordações de Corinto. Êstes fatores induziram-no a adiar a prometida volta a Corinto; por ora pouparia os seus fiéis e procuraria bondosamente ganhá-los a si (cf. 2 Cor 1, 15 ss. 23; 2, 1; 13, 2), enviando-lhes uma carta "escrita com muitas lágrimas" (2 Cor 2, 4), em que exortava os fiéis a sincera mudança de espírito e de vida. É a chamada "epístola das lágrimas", hoje perdida, a terceira aos Coríntios de que temos notícia (cf. 2 Cor 2, 3-9; 7, 8-12) (1).

Para levar esta carta e observar os seus efeitos, Paulo enviou Tito a Corinto, munido de plenos poderes para reagir contra os desordeiros. Não foi fácil mover Tito a esta árdua missão; Paulo teve que desdobrar aos olhos dêste discípulo

---

(1) A questão da epístola intermédia entre 1 Cor e 2 Cor é também das mais debatidas entre os exegetas.

Faz-se necessário admitir essa missiva intermédia, perdida, já que a epístola das lágrimas não pode ser identificada com a 1 Cor: de fato, o tom e o conteúdo da 1 Cor não merecem tal título a esta epístola; além disto, o incestuoso de 1 Cor 5 evidentemente não é o ofensor de Paulo mencionado em 2 Cor 2, 5-9; 7, 12; num caso trata-se abertamente de um pecado de luxúria, enquanto no outro se trata de uma ofensa pessoal contra Paulo. Mais ainda: a 1 Cor está conexa com a missão de Timóteo (cf. 1 Cor 4, 17; 16, 10s), ao passo que a epístola das lágrimas se liga com o envio de Tito a Corinto (cf. 2 Cor 7, 13-16; 12, 18).

Excluído que a epístola das lágrimas se identifique com a 1 Cor, há autores que a querem identificar com os 4 últimos capítulos da 2 Cor (10-13), como se êstes tivessem sido acrescentados posteriormente aos capítulos antecedentes a fim de formar a segunda epístola aos Coríntios que hoje temos. Esta hipótese, forjada pelos modernos, carece de qualquer apoio na tradição e na arte crítica do texto; cf. pg. 82.

tudo que ainda conservava na memória a respeito das boas qualidades dos Coríntios; finalmente Tito aceitou a tarefa, por dedicação a Paulo (cf. 2 Cor 7, 13 s; 12, 18). Pois que Paulo intencionava também deixar Éfeso, a fim de pregar na Macedônia, ao despedir-se de Tito, deu-lhe a ordem de voltar de Corinto por via terrestre, isto é, através da Macedônia, devendo encontrar-se com Paulo em Troas (cf. 2 Cor 2, 12 s).

Ora aconteceu que, durante a ausência de Tito, um tumulto suscitado por pagãos de Éfeso obrigou Paulo a abandonar esta cidade mais cedo do que combinara com o discípulo (cf. At 19, 23-20, 1). Consoante o itinerário planejado, o Apóstolo retirou-se para Troas; mas, sendo a sua chegada prematura, aí não encontrou Tito. O espírito de Paulo não podia deixar de estar agitado nessa fase de expectativa; muito desejava saber como haviam sido acolhidos Tito e a sua carta e qual a atitude assumida pelos Coríntios. Destarte inquieto, o Apóstolo não se deixou ficar muito tempo em Troas, embora aí se lhe oferecesse ótima ocasião de apostolado (cf. 2 Cor 2, 13); o sofrimento de alma lhe consumia as fôrças físicas e impedia-lhe o normal desempenho de sua missão em Troas; pelo que, em breve, resolveu ir ao encontro de Tito, embarcando para a Macedônia, região que Tito, em sua viagem de regresso, havia de atravessar (cf. 2 Cor 2, 12 s; At 19, 23; 20, 1).

Presume-se que, na Macedônia, o Apóstolo se tenha dirigido logo à cidade de Filipes, onde, na segunda viagem missionária, fundara uma boa comunidade cristã, que muito o amava; aí terá encontrado Lucas, o discípulo médico, que lhe deve ter prestado os seus melhores cuidados. Todavia, mesmo no seu novo e carinhoso ambiente, Paulo não encontrava bem-estar; consumiam-no as solicitudes, principalmente

para com os Coríntios: "por fora, lutas; por dentro, temores" (2 Cor 7, 5). Finalmente foi-lhe dada a imensa alegria de rever Tito, o mensageiro tão esperado: "Aquêle que consola os humildes, Deus, consolou-nos com a chegada de Tito" (2 Cor 7, 6).

As notícias que o discípulo trazia, já eram, em grande parte, consoladoras: Tito fôra muito bem acolhido pelos Coríntios, que de bom ânimo prestaram ouvidos às suas admoestações; a epístola que Paulo escrevera com lágrimas, também movera os fiéis às lágrimas do arrependimento, fazendo-os prometer séria emenda dos vícios (cf. 2 Cor 7, 2-16); quanto ao cristão que pùblicamente ofendera a Paulo, os irmãos o haviam excomungado severamente, o que muito pesar causava ao delinqüente, de tal modo que já era preciso exortá-los à clemência (cf. 2 Cor 2, 5-8). Além disto, os Coríntios mostravam-se prontos a enviar esmolas aos irmãos de Jerusalém, como Paulo desejava (cf. 2 Cor 9, 2) (1).

Todavia não estavam dissipadas tôdas as nuvens no horizonte coríntio: os pequenos partidos haviam cedido à grande facção dos Judaizantes; novos pregadores, munidos de cartas de recomendação (cf. 2 Cor 3, 1), haviam-se introduzido em Corinto; desenvolviam intensa atividade, que minava a autoridade de Paulo (cf. 2 Cor 11, 12) e, com esta, a verdadeira fé, o genuíno Evangelho de Cristo. À semelhança do que se dera na Galácia (2), acusavam Paulo de não ser verdadeiro

---

(1) Cf. pg. 40. O entendimento havido entre Paulo e os outros grandes Apóstolos em Jerusalém reconhecia àquele livre atividade entre os Gentios, impondo-lhe apenas que sempre se lembrasse de socorrer à penúria da Igreja Madre de Jerusalém. Em tôda a sua vida missionária, Paulo soube manter-se fiel a êste dever de caridade.

(2) Cf. pg. 42.

Apóstolo, pois nunca convivera com Jesus; o procedimento de Paulo, conforme propalavam os adversários, era um aberto testemunho de que não estava seguro da sua autoridade; sim, o adiamento da viagem prometida era sinal de hesitação, inconstância, próprias de um homem que age por iniciativa pessoal e é sujeito às suas paixões, não de quem está revestido da autoridade de Cristo (cf. 1 Cor 1, 17); Paulo era dito covarde, pois, à distância, ameaçava duros castigos, escrevia cartas severas, mas não ousava comparecer, e, quando presente entre os Coríntios, tinha aparência fraca, desprezível, usava de linguagem simples e não se aventurava a punir alguém (cf. 1 Cor 10, 2-11; 11, 2; 13, 3 s). Além disto, o fato mesmo de ter Paulo procurado viver do trabalho de suas mãos em Corinto, sem pesar aos fiéis (1), era interpretado como indício de que êle reconhecia não ter direito às esmolas dos fiéis, não ser Apóstolo como os demais (cf. 2 Cor 11, 7-12; 12, 13); e, não obstante o aparente desinterêsse pecuniário. ainda acusavam Paulo de viver dos donativos que arrecadava para a igreja de Jerusalém (cf. 2 Cor 6, 8; 12, 16 ss).

Ao ouvir o relato completo de Tito, Paulo não pôde deixar de experimentar alívio e contentamento; a impressão do bem prevaleceu, na alma do Apóstolo, sôbre as amarguras que a enchiam: "Sobreveio-nos uma alegria muito mais viva, a que nos fez experimentar a alegria de Tito, cujo espírito vós tranqüilizastes. E, se, diante dêle, eu me gloriara um pouco a respeito de vós, não fui confundido... O elogio que de vós fizera a Tito, comprovou-se verídico... Sou feliz por poder em tudo contar convosco" (2 Cor 7, 13 s. 16).

---

(1) Fato para o qual o Apóstolo freqüentemente apelava como motivo de justa glória; cf. 1 Tes 2, 9; 2 Tes 3, 7-10; 1 Cor 9, 12-18.

Era preciso, porém, que Paulo interviesse mais uma vez a fim de dissipar o perigo judaizante. Iria a Corinto, sim, como o prometera e como o desejavam os que lhe ficavam fiéis (cf. 2 Cor 7, 7-12); mas, querendo evitar uma visita que acarretasse amarguras e dissabores, resolveu escrever imediatamente uma nova epístola, que mais uma vez chamasse os Coríntios à ordem e lhe preparasse um acolhimento de todo amigável (cf. 2 Cor 13, 10). Tito, acompanhado de mais dois irmãos, talvez Lucas e Aristarco, devia voltar sem demora a Corinto, como portador da missiva (cf. 2 Cor 8, 16-22).

Nestas circunstâncias teve origem a que chamamos hoje segunda epístola de S. Paulo aos Coríntios, a qual, na realidade, é a quarta de que tenhamos conhecimento. Foi escrita na Macedônia (cf. 2 Cor 2, 13; 9, 2. 4), provàvelmente em Filipes (alguns códigos manuscritos o notam explìcitamente). A série de acontecimentos aqui supostos entre 1 e 2 Cor exige o intervalo de um ano ou mais entre estas duas epístolas (1), de sorte que a 2 Cor parece ter sido redigida no verão ou no outono de 57.

É esta a explicação mais plausível dos feitos decorridos entre 1 e 2 Cor. Outros sistemas simplificam, sim, a história, mas, para conseguir isto, parecem desvirtuar um pouco os dados e a fôrça dos têrmos que devem ser combinados entre si.

§ 2. *Tema e divisão da 2 Cor*

Os precedentes históricos acima descritos já insinuam qual tenha sido o conteúdo desta nova carta de S. Paulo.

(1) Em 2 Cor 8, 10; 9, 2 Paulo refere que os Coríntios começaram as coletas de esmolas "no ano passado", o que seria efeito da ordem dada em 1 Cor 16, 1s.

Não podia deixar de ter um caráter bastante pessoal. Não se fecharia, porém, numa visão mesquinha da realidade, mas, conforme o gênio do Apóstolo, abriria perspectivas dogmáticas muito vastas.

Com efeito, S. Paulo via-se caluniado pelos Judaizantes, que haviam conseguido semear profundo mal-entendido entre muitos dos Coríntios. Tais acusações não afetavam apenas a pessoa de Paulo, mas punham em jôgo a sua missão de Apóstolo, enviado e ministro de Cristo, a própria causa do Evangelho. Daí a necessidade que incumbia a Paulo, de responder, fazendo longa exposição de suas intenções, de seus trabalhos, da eminente dignidade da missão apostólica que êle realmente possuía. Nessa epístola Paulo expandiria tôda a sua têmpera de homem ardente que lutava pela mais sublime das causas; não pouparia palavras para expor os sentimentos legítimos que lhe enchiam a alma (1). Já, porém, que a vida, para S. Paulo, está sempre ligada à verdade, é verdade vivida, é fé que se atua, o Apóstolo, ao elucidar suas atitudes práticas, quotidianas, explanaria profunda teologia, redigindo um todo de admirável beleza.

O escrito compreende três partes bem distintas entre si, com suas subdivisões, como se segue:

Exórdio: 1, 1-11

Saudação aos fiéis. Paulo dá graças a Deus, que o libertou de gravíssimos perigos de morte.

1.ª parte — **APOLOGIA DE PAULO DIANTE DOS CORÍNTIOS: 1, 12-7, 16**

1. As relações de Paulo com os Corintios após a 1 Cor: 1, 12- 2, 17
Paulo mudou o seu plano de viagem, não indo a Corinto, como prometera, em virtude não de incons-

(1) Holzner, ob. cit. 317: "Assim como a 1 Cor é, de tôdas as epístolas paulinas, a mais interessante pela riqueza de suas idéias, a 2 Cor é a mais movimentada pelos afetos".

tância ou falta de amor, mas por receio de constristar os fiéis 1, 12- 2, 4

Paulo louva os Coríntios por terem punido o irmão que o entristecera; recomenda, porem, caridade para com o penitente 2, 5-11

O amor e a solicitude de Paulo para com os Coríntios são tais que, por causa dêles, não pôde aproveitar ótima ocasião de pregar o Evangelho em Troas 2, 12-17

2. A dignidade do ministério de Apóstolo: 3, 1-7, 1

S. Paulo tem ânimo no combate, considerando a nobreza da sua missão, nobreza que sobressai pela comparação do Novo Testamento com o Antigo 3, 1- 4, 6

O poder de Deus se manifesta gloriosamente em meio à debilidade humana. A esperança da recompensa eterna robustece o Apóstolo 4, 7- 5, 10

É a caridade de Cristo que move o Apóstolo. Paulo preenche a sua missão anunciando a todos a reconciliação com Deus. Não vivam os cristãos coríntios à semelhança dos pagãos 5, 11- 7, 1

3. O restabelecimento das boas relações de Paulo com os Coríntios: 7, 2-16

Exposição dos fatos recentes, principalmente das boas noticias trazidas por Tito; manifestação do prazer conseqüente.

2.ª parte — A COLETA EM FAVOR DA IGREJA DE JERUSALÉM: 8, 1-9, 15

Sigam os Coríntios o heróico exemplo dos fiéis da Macedônia 8, 1-15

Paulo recomenda à caridade dos Coríntios Tito e os dois companheiros, que se encarregarão da coleta 8, 16- 9, 5

Deus recompensa com bênçãos abundantes a generosidade dos seus fiéis 9, 6-15

3.ª parte — APOLOGIA POLÊMICA DIANTE DOS ADVERSÁRIOS: 10, 1-13, 10

1. Refutação das calúnias: 10, 1-18

Paulo não procede conforme as paixões da carne, mas por espírito sobrenatural 10, 1-11

Paulo tem justos títulos de glória diante dos seus adversários 10, 12-18

2. A justa glória de Paulo: 11, 1-12, 18

Em um só ponto Paulo é inferior aos "apóstolos por excelência" (= pregadores Judaizantes): pregou o Evangelho aos Coríntios sem lhes ficar financeiramente a cargo. Continuará a fazê-lo .. 11, 1-15

Embora tolo seja expor os próprios títulos de glória, Paulo ousa fazê-lo, coagido pelos adversários: recorda os seus trabalhos, os dons extraordinários recebidos de Deus e também as suas moléstias corporais, nas quais o poder de Deus se manifesta 11, 16-12, 10

Paulo indica novos sinais da sua autêntica missão. Os Coríntios deveriam defendê-lo das calúnias, já que tanto amor lhes demonstrou no passado 12, 11-18

3. Admoestação preparatória da próxima visita: 12, 19-13, 10

Paulo anuncia que procederá severamente contra os mal intencionados 12, 19-13, 6

Espera, porém, que isto não se torne necessário 13, 7-10

Epílogo: 13, 11 ss

Últimas exortações. Saudações. Bênção.

A primeira e a terceira parte da epístola são intimamente conexas entre si: visam defender a autoridade de Paulo Apóstolo de Cristo, seja aos olhos dos fiéis de Corinto (1a. p.), seja aos olhos dos Judaizantes (3a. p.). Entre as duas apologias insere-se a segunda parte, que, à primeira vista, parece interromper o curso das idéias. Todavia não carece de nexo lógico com os capítulos antecedentes e subseqüentes: de fato, S. Paulo na primeira e na terceira parte defende-se contra os pregadores que se diziam enviados pela Igreja Madre de Jerusalém. Ora a oposição do Apóstolo a tais Judaizantes podia ser mal entendida, levar mesmo a uma cisão

do Cristianismo em facção judeu-cristã e facção étnico-cristã; era, pois, justamente para evitar o equívoco e suas graves conseqüências que o Apóstolo, ao mesmo tempo que combatia os Judaizantes, se queria mostrar fiel à Igreja Madre (judeu-cristã) e inculcava aos Coríntios (étnico-cristãos) que igualmente o fôssem mediante as suas esmolas, laços de caridade e unidade.

E não sem razão foi esta referência à coleta (cc. 8-9) acrescentada à primeira parte apologética da epístola (cc. 1-7), antes da outra apologia (cc. 10-13), pois, como a primeira apologia se dirigia aos Coríntios amigos de Paulo, assim a exortação à coleta tinha os mesmos destinatários; ao contrário, a segunda apologia visava diretamente os adversários. É, pois, a perspectiva dêstes dois diversos círculos de leitores que explica a distribuição dos assuntos na epístola. Esta mesma perspectiva elucida, outrossim, a diferença de tom e estilo que se nota entre os cc. 1-9 (linguagem amiga e tranqüila) e 10-13 (linguagem veemente, exaltada). O acento polêmico da terceira parte (cc. 10-13), portanto, se explica bem sem que esta deva ser considerada uma epístola (ou fração de epístola) oriunda independentemente dos cc. 1-9. Há, com efeito, autores que, baseados no diverso estilo, julgam ser os cc. 10-13 ou parte da epístola das lágrimas ou uma missiva escrita independentemente de 2 Cor. Todavia em tôda a tradição dos exegetas não aparece vestígio nenhum desta teoria moderna; também os antigos códigos apresentam sempre os cc. 1-13 como constituindo uma única missiva; além disto, a epístola das lágrimas, embora muito severa, devia ser repassada dos sentimentos afetuosos de Paulo para com os Coríntios a fim de merecer tal título; ora é o que não se verifica nos cc. 10-13, que refletem ùnicamente indignação e polêmica. Pode-se bem admitir, sim, que entre

os cc. 9 e 10 se tenha dado uma pausa na redação, durante a qual sobrevieram ao Apóstolo recentes notícias sôbre as maquinações dos Judaizantes; particularmente indignado pelos fatos, teria, então, Paulo prosseguido o ditado.

Note-se também que, em vista do estilo muito vivo da 2 Cor, espelho fiel da mente do Apóstolo, os exegetas não costumam discutir a sua autenticidade paulina, que é geralmente reconhecida.

Os efeitos alcançados pela 2 Cor foram muito satisfatórios. A quanto parece, foram-se dissipando as animosidades dos Coríntios contra Paulo, e a reconciliação da comunidade com seu pai espiritual se consolidou. É o que explica que, poucos meses depois de enviada a 2 Cor, Paulo, no inverno de 57/8, desceu finalmente da Macedônia a Corinto, onde se pôde demorar três meses; esta terceira visita parece ter decorrido numa atmosfera de muita calma e caridade, que permitiu ao Apóstolo elaborar e redigir a epístola aos Romanos, ditada por um espírito profundamente mergulhado na teologia da história, nas especulações dogmáticas. Em nenhum escrito posterior de S. Paulo se encontram vestígios de novas dissensões com os Coríntios; mesmo, no fim do século 1.º, S. Clemente Romano encontrava muita coisa a louvar na igreja de Corinto (cf. ep. aos Cor. 1 s).

§ 3. *O valor atual da 2 Cor*

A 2 Cor é um dos escritos em que mais se manifesta o íntimo da alma de Paulo; espelha o modo de pensar de um dos mais fiéis discípulos de Cristo em situações da vida humana extremamente penosas. Também o grande Apóstolo viu-se envolvido em maquinações dos adversários, vítima da mesquinhez dos homens, que, juntamente com os achaques de

moléstia corporal, lhe faziam provar, em grau muito intenso, a amargura, a angústia, da vida nesta terra. É, pois, um fundo muito humano, muito "nosso", que a 2 Cor pressupõe; em mais de uma passagem desta epístola reconhecemos a nós mesmos, enquanto com S. Paulo somos criaturas fracas e sofredoras.

O homem moderno, ao experimentar as angústias da vida, é não raro impelido ao "existencialismo", isto é, a repetir, sem esperança natural ou sobrenatural, que é um angustiado, "condenado à morte". E nesse "existencialismo" não há consôlo, não há desafôgo verdadeiro.

Interessa-nos, pois, saber como terá o Apóstolo, modêlo para o fiel cristão, reagido diante das tribulações. Ter-se-á entregue simplesmente à lamentação e ao desânimo? Ou terá assumido a atitude oposta do Estóico, o qual negava artificialmente a angústia, julgando que confessá-la não é digno do homem perfeito?

Paulo reconhecia bem as tribulações que o afligiam; aludia a elas freqüentemente, em particular na 2 Cor:

"Fomos acabrunhados além de tôda medida, acima de nossas fôrças, a tal ponto que desesperávamos mesmo da vida" (1, 8).

"Nossa carne não teve repouso; estávamos aflitos de todos os modos: por fora, lutas; por dentro, temores" (7, 5).

Em 11, 23-27 o Apóstolo expõe o famoso catálogo dos sofrimentos de sua carreira apostólica, todos os males, físicos e morais, que até então aturara na propagação do Evangelho.

Em 12, 7 recorda que, a fim de que não se ensoberbecesse pelas graças recebidas, Deus lhe colocou um aguilhão na carne, deu-lhe um anjo de Satanás que o esbofeteie (não

se sabe exatamente o que seja êsse mal; alguma doença crônica?). E tão veemente era êste sofrimento que Paulo por três vêzes rogou a Deus que lho tirasse.

Em 5, 2 ss o Apóstolo confessa mesmo o pesar que experimentava ante a perspectiva de morrer; quisera ser revestido do corpo glorioso sem ter que se despojar prèviamente do corpo mortal (1). Quanto esta confissão é humana! Quanto eco não encontra no íntimo de cada indivíduo!

Ora essas tribulações, efeitos da fragilidade humana, que Paulo experimentava e tão simplesmente confessava, eram interpretadas pelos Judaizantes como sinais de que Deus realmente não dera a missão do apostolado a Paulo; pareciam misérias incompatíveis com a dignidade e autoridade de um legado de Deus. Tribulações, portanto, e moléstias não teriam lugar na vida do homem de Deus.

O argumento em favor dos Judaizantes era forte. Contudo eis que Paulo em sua apologia (2 Cor) não hesita em se servir das mesmas armas para comprovar a tese oposta; deu às deficiências físicas a genuína interpretação, contrária à dos adversários. Sim, conforme o Apóstolo, as misérias físicas do cristão são justamente sinal da presença de Deus no fiel. No caso de Paulo primeiramente, os achaques e moléstias significavam com clareza que não era Paulo enquanto Paulo que agia, mas Deus que operava por meio dêle; a obra missionária do Apóstolo não podia ser meramente humana, pois Paulo era bem marcado como criatura impotente; tôda

---

(1) "Enquanto estamos nesta tenda (corpo mortal), gememos, acabrunhados, pois queremos, não despojar-nos de nossa veste (corpo mortal), mas revestir a outra (corpo glorioso) por cima, a fim de que o que é mortal seja absorvido pela glória" (5,4).

a pregação do Evangelho, por conseguinte, que êle, em meio a tantas moléstias, realizava com notável sucesso (não o podiam negar os Judaizantes), devia-se à ação de Deus, ou seja, a um tesouro divino que Paulo trazia em vaso de argila (1). Pelas deficiências, pois, do instrumento, o Apóstolo comprovava a autenticidade de sua missão. É justamente próprio de Deus mostrar em meio à fraqueza humana todo o poder divino, associar entre si fôrça de Deus e impotência do homem (2).

E, ainda numa perspectiva mais vasta, Paulo confessava seus achaques, suas angústias diante da morte, para mais altamente proclamar a sua esperança na ressurreição e na glóri futura: o definhar do velho homem (mortal) é, para o Apóstolo, a condição de desenvolvimento do homem novo, imortal; no cristão, ressurreição e vida nova se processam simultâneamente com definhar e morte (cf. 4, 11-16). Para o cristão não há sofrimento que seja apenas sofrimento, morte que seja apenas morte; mas, ao contrário, sofrimento e morte,

---

Esta passagem é importante também porque projeta luz sôbre os trechos de 1 Tes 4, 17 e 1 Cor 15, 51, onde S. Paulo parecia afirmar que ainda seria testemunha da parusia. Os argumentos apresentados contra tal interpretação (cf. pp. 27 e 70) são corroborados por êste texto, em que Paulo afirma claramente as suas angústias ante a perspectiva da morte possível.

(1) "Trazemos êste tesouro em vasos de argila, a fim de que se manifeste, que êste soberano poder (do Evangelho) vem de Deus, e não de nós. Somos oprimidos de todos os modos, mas não esmagados; achamo-nos no abatimento, mas não no desespêro; perseguidos, mas não abandonados... trazendo sempre conosco em nosso corpo a morte de Jesus para que a vida de Jesus seja também manifestada em nosso corpo" (4, 7-10).

(2) "(O Senhor) me disse: A minha graça te basta, pois é na fraqueza que o meu poder se manifesta totalmente. De boa vontade, pois, prefiro gloriar-me das minhas fraquezas, a fim de que a fôrça de Cristo habite em mim" (12, 9). cf. 1 Cor 1, 27ss.

leves e passageiros como são, preparam a glória densa e eterna do céu iniciada pela graça aqui na terra (4, 17). Paulo vai mesmo além, afirmando que foi o próprio Deus que fez o homem avêsso à dor e à morte, pois Êle o fez imagem e semelhança do Criador, que é a Vida e Vida eternamente bem-aventurada (5, 5).

Em resumo, é esta a convicção que perpassa tôda a 2 Cor: *No cristão, a fraqueza humana é portadora e comunicadora da fôrça divina.* Na vida de Paulo era evidente êste paradoxo, que os seus adversários não entendiam. O Apóstolo o quis formular e inculcar na 2 Cor, a fim de que servisse de lição aos leitores posteriores, que também labutam angustiados na terra. Eis aí o verdadeiro "existencialismo"!

Capítulo V

A EPÍSTOLA AOS ROMANOS

Quem considera a epístola aos Romanos, sem demora percebe a sua índole diferente da das demais missivas paulinas até aqui estudadas. Estas notas próprias explicam-se, em grande parte, pelo fato de que, à diferença das cartas anteriores, a epístola aos Romanos não se dirigia a uma comunidade fundada por S. Paulo.

É o que nos leva a considerar em primeiro lugar nesta Introdução as origens e o aspecto primitivo da comunidade cristã de Roma.

§ 1. *A comunidade cristã de Roma*

As origens do Cristianismo em Roma ficam-nos um tanto obscuras.

Com razão, julga-se que os germens da verdadeira fé foram levados à capital do Império por Judeus que, residentes em Roma, peregrinaram a Jerusalém por ocasião da primeira Pentecostes cristã ou de outra festa posterior; convertidos ao Evangelho na Cidade Santa, regressavam a Roma a fim de aí formar um núcleo de cristãos provenientes do Judaísmo (Judeu-cristãos). Em Roma êsses discípulos de Cristo deviam transmitir o Evangelho a muitos dos seus compatriotas, que constituíam a numerosa e prestigiosa colônia judaica da Urbe (1).

A comunidade cristã assim oriunda foi provàvelmente confirmada na fé pela pregação do Apóstolo S. Pedro, que, como reza a tradição, fez uma visita missionária à Cidade Eterna no quinto ou sexto decênio do 1.º século (2). Em conseqüência, quando Paulo escrevia aos Romanos, existia na

---

(1) Tal colônia judaica devia suas origens a um número de Judeus, prisioneiros que, na qualidade de escravos, Pompeu, general romano, deportara para Roma em 63 a. C. Muitos, tendo recuperado a liberdade, fixaram residência na capital do império, habitando principalmente o Trastêvere e o Campo de Marso. No 1.º século da nossa era o seu número devia elevar-se a quarenta ou cinqüenta mil, repartidos em diversas comunidades, das quais cada uma tinha sua administração própria.

(2) Os autores mais recentes costumam rejeitar a tradição conforme a qual Pedro teria ocupado a cátedra episcopal de Roma durante 25 anos ininterruptos. — Julga-se, porém, admissível que S. Pedro tenha feito uma viagem a Roma anterior à viagem que terminou com o seu martírio no ano de 67. Mais precisamente:

Urbe uma igreja cristã numerosa, bem organizada e mesmo famosa entre as demais comunidades por sua fé e seus méritos, a qual havia de merecer do Apóstolo encômios muito significativos (1).

Interessa agora saber quais terão sido os elementos componentes dessa comunidade.

Consoante o acima dito, os seus fundadores e primeiros recrutas provinham da colônia judaica. Pedro, sobrevindo a fim de confirmar a evangelização, terá pregado de preferência aos Judeus, pois era o "Apóstolo da circuncisão" (2). Isto não impedia que se desse conversão de pagãos ao Evangelho em Roma (de mais a mais que a colônia judaica da Urbe conseguira ganhar a si grande número de "prosélitos" e "tementes a Deus" (cf. pg. 2); mas fazia que a Igreja Romana, em seus primórdios, tivesse um caráter preponderantemente judaico.

Há exegetas que admitem a tradição conforme a qual Pedro foi, pela primeira vez, a Roma no 2.º ano de Cláudio César, isto é, em cêrca de 42; depois disto, teria voltado à Palestina e participado do Concílio de Jerusalém em 49. Finalmente, depois de outras viagens missionárias, teria passado os seus últimos anos em Roma e lá sofrido o martírio.

Outros exegetas há que precisam menos: apenas admitem duas viagens de Pedro a Roma, sendo a primeira anterior à vida de Paulo a esta cidade.

Todos os autores, porém, protestantes, e católicos, hoje em dia costumam conceder que o Príncipe dos Apóstolos foi a Roma e aí sob o reinado de Nero (54-68), padeceu o martírio.

(1) Cf. Rom 1, 8: "Dou graças ao meu Deus por Jesus Cristo a respeito de todos vós, pois vossa fé é famosa no mundo inteiro".
Rom 16, 19: "Vossa obediência chegou aos ouvidos de todos; alegro-me, pois, a respeito de vós".
Rom 16, 16: "Tôdas as igrejas de Cristo vos saúdam", a vós, cristãos de Roma.

(2) Dos Circuncisos = Judeus; cf. Gál 2, 7s.

Ora aconteceu que em 49/50 o Imperador Cláudio "expulsou de Roma os Judeus, os quais, por incitamento de Cresto, provocavam tumultos freqüentes" (1). Esta medida provocou o êxodo de muitos cristãos romanos de origem judaica (2). Embora, como refere Dio Cássio (3), a lei de expulsão não tenha sido aplicada em todo o seu rigor, ela deve ter produzido notável baixa na comunidade cristã de Roma; os seus elementos convertidos do paganismo passaram a dar-lhe o caráter próprio; para o futuro recrutar-se-ia predominantemente entre os gentios da Cidade, de modo que assumiria a índole de uma igreja étnico-cristã, à semelhança das comunidades que S. Paulo fundava nas terras do Oriente (4). A essa comunidade romana, já em maioria recrutada dentre os pagãos, não deixavam de aderir Israelitas convertidos (5). Ora, já que os Judeus-cristãos haviam sido os fundadores da comunidade, cuja orientação étnico-cristã, por fôrça das circunstâncias, haviam assumido, conjetura-se

---

(1) Suetônio, Vita Claudii 25, 4. O Cresto de Suetônio era, certamente, Nosso Senhor Jesus Cristo, a respeito do qual os Judeus de Roma disputavam entre si e se agitavam, perturbando o bem público.

(2) Entre os quais Áquila e sua espôsa Priscila, que S. Paulo em 51 encontrou em Corinto, recém-vindos de Roma; cf. At 18, 2 e pg. 56.

(3) Hist. LX 6.

(4) Indícios do caráter acentuadamente étnico-cristão da comunidade de Roma encontram-se em nossa epístola:

1, 5s: "... recebemos a graça e o apostolado, para levar em seu nome à obediência da fé todos os **Gentios**, do **número dos quais sois também vós...**"

1, 13: "Propus-me muitas vêzes ir ver-vos... a fim de colher alguns frutos **entre vós, também, como nas outras nações**".

Cf. 15, 15s.

(5) Dos Judeus-cristãos expulsos, alguns voltaram mais tarde, como por exemplo, Áquila e Priscila, que S. Paulo saúda de novo residentes em Roma (Rom 16, 3s).

que a vida fraterna entre os fiéis de Roma podia apresentar situações delicadas, que exigiam muita caridade de parte a parte.

São êstes alguns dados importantes para se entender a tese dogmática da epístola aos Romanos.

Pode-se fazer uma idéia ainda mais precisa do que era a comunidade romana à qual Paulo escrevia, considerando-se os nomes dos fiéis aos quais o Apóstolo dirigia suas saudações em Rom 16, 3-15:

Um número notável dêsses nomes é, conforme o testemunho de inscrições profanas, de escravos ou libertos do Império Romano; assim, sem dúvida, "a gente da casa de Aristóbulo" (v. 10) e "a gente da casa de Narciso" (v. 11). Tratava-se muito provàvelmente de escravos ou antigos escravos originários da Grécia ou do Oriente e levados para Roma.

Outros nomes são de portadores de origem judaica; assim, Áquila e Priscila, amigos e colaboradores do Apóstolo, que são saudados logo em primeiro lugar (v. 3 s); Andrônico e Júnias (v. 7), Herodião (v. 11), que Paulo chama seus "syggeneis", isto é, companheiros da mesma raça ou, talvez, parentes; Rufo e sua mãe (v. 13), dos quais o primeiro é possìvelmente o pai de Simão o Cireneu (cf. Mc 15, 21).

Há nomes de origem francamente grega, tais como Epeneto (v. 5), Estaquiz (v. 9), Apeles (v. 10), Trifena, Trifosa, Pérside (v. 12), Assincrito, Flegão, Hermes, Patrobas, Hermas (v. 14), etc. Dêsses, Pérside, Flegão, Hermas aparecem em documentos profanos como nomes de escravos ou libertos.

Não faltam também os nomes de origem latina, tais como Áquila e Priscila (v. 3), Ampliado (v. 8), Urbano (v. 9), Rufo (v. 13), Júlia (v. 15).

Da origem, porém, grega ou latina, de um dêsses nomes não se pode concluir a origem do respectivo portador, visto que muito freqüente era entre os Judeus o uso de um cognome grego ou latino.

Por fim, nessa lista de saudações, é de notar o lugar de realce que o Apóstolo dá às suas colaboradoras na obra do Evangelho: Prisca (v. 3), Maria (v. 6), Trifena, Trifosa, Pérside (v. 12) são elogiadas em têrmos especiais.

§ 2. *Circunstâncias em que se originou Rom*

A tal comunidade por que quis o Apóstolo escrever?

S. Paulo tinha por princípio, em sua obra missionária, não entrar em campo alheio, ou seja, não intervir na vida de comunidades que outros haviam evangelizado (cf. Rom 15, 20 s; 2 Cor 10, 13-16). Todavia o caso da igreja romana lhe parecia diferente: Roma era a capital do Império pagão, um centro ao qual afluíam e donde partiam homens e idéias do mundo inteiro. Ora, consciente da sua missão de anunciar a fé entre os gentios (cf. Gál 1, 15 s; Rom 1, 14 s; Ef 3, 8 s), Paulo julgava que não podia deixar de entrar em contato com a igreja de Roma, um dos mais importantes redutos cristãos no mundo gentio.

Já no fim de sua permanência em Éfeso (a. 56), o Apóstolo concebia o projeto de encerrar a terceira viagem missionária regressando a Jerusalém pela Macedônia e a Acaia; depois disto, tendo evangelizado o Oriente do Império, propunha-se estender sua atividade ao Ocidente: "Depois que eu tiver estado lá (em Jerusalém), será preciso que veja também Roma" (At 19, 21); queria mesmo chegar até a Es-

panha; o seu horizonte missionário se dilatava à medida que o Apóstolo envelhecia!

Nutrindo, pois, tal desejo, eis que Paulo quis preparar sua visita aos cristãos de Roma mediante uma carta (cf. Rom 15, 23 s. 28 s). Era a consciência de Apóstolo dos Gentios que o impelia a dirigir-se a uma comunidade evangelizada, sim, por outrem, mas dotada de importância capital para o apostolado entre os pagãos; das relações com os irmãos de Roma, Paulo só podia esperar confirmação e proveito na fé (cf. Rom 1, 10-15). A esta razão principal acrescentava-se talvez outra para mover o Apóstolo a escrever: como se deduz de Rom 16, 17-20, ouvira dizer que também em Roma se tinham introduzido deturpadores do Evangelho, semeadores de discórdias e escândalos, muito aptos a seduzir os fiéis; eram os Judaizantes, habituais adversários, contra os quais era necessário que o Apóstolo premunisse os fiéis, mesmo que êstes tivessem sido evangelizados por outro pregador.

A epístola aos Romanos assim motivada, Paulo a escreveu no fim da terceira viagem missionária, quando passava os três meses do inverno de 57/58 em Corinto, à espera de uma nave que o levasse à Palestina. É o que se deduz de alguns traços da epístola:

a) em Rom 15, 25-28 o Apóstolo anuncia que está para ir a Jerusalém, levando as esmolas dos fiéis da Macedônia e da Acáia, o que bem concorda com as circunstâncias da estada de Paulo em Corinto (no fim da terceira viagem missionária) referidas nos At 19, 21 s; 20, 2 s., e em epístolas precedentes (cf. 1 Cor 16, 1-4; 2 Cor 8 s);

b) em Rom 16, 1 s. Paulo recomenda a seus correspondentes Febe, diaconisa da igreja de Cêncreas, que presta auxílio ao Apóstolo e vai a Roma. Ora Cêncreas era o pôrto

de Corinto no golfo Sarônico. É de crer, pois, que, de Corinto, Paulo tenha confiado a Febe sua carta para os Romanos (1);

c) esta conclusão é confirmada por Rom 16, 21. 23, onde o Apóstolo transmite aos Romanos as saudações de Timóteo, Sosípatre, Caio, em casa do qual diz estar hospedado, e do tesoureiro da cidade, Erasto. Ora, conforme At 20, 4, os dois primeiros partiram de Corinto juntamente com Paulo, no fim da terceira viagem missionária; o Caio aqui mencionado quer provàvelmente ser identificado com um dos poucos neófitos que, conforme 1 Cor 1, 14, Paulo batizou pessoalmente; quanto a Erasto, conclui-se de 2 Tim 4, 20 que residia em Corinto.

A êstes testemunhos intrínsecos associam-se as indicações de vários manuscritos antigos de Rom, que assinalam Corinto como lugar de redação desta epístola.

O inverno 57/58 em Corinto deve ter decorrido bastante tranqüilo para Paulo; esperava que, passado o estio, se reabrisse o período de navegação para regressar à Palestina. Os fiéis de Corinto já estavam reconciliados. O Apóstolo, pois, aproveitou a época para aprofundar suas reflexões teológicas sôbre "o mistério que ficara oculto durante longos séculos, mas fôra manifestado recentemente e... levado... ao conhecimento de tôdas as nações" (Rom 16, 25 s); e, à medida que refletia, quis redigir sôbre êste assunto um documento que lhe servisse de apresentação aos Romanos, o escrito mais longo e grandioso de todo o seu epistolário.

---

(1) Esta suposição se encontra explìcitamente formulada na subscrição do manuscrito 337 (sec. 12-13).

Enquanto Paulo ditava, Tércio escrevia na qualidade de secretário (cf. Rom 16, 22). Feitos os devidos cálculos (1), julga-se que a redação desta epístola durou uma centena de horas, as quais, distribuídas em serões de trabalho (2), teriam ocupado entre 32 e 49 serões; Rom, por conseguinte. teria sido o fruto mais precioso das reflexões diurnas e da elaboração noturna do Apóstolo durante quase a metade do inverno coríntio. Ó feliz e fecundo ócio imposto a Paulo pelas circunstâncias!

Sendo a comunidade romana ainda desconhecida ao autor, explica-se o estilo bastante impessoal, muito mais doutrinário, dogmático, desta epístola; apresenta relativamente poucos dados históricos, e decorre num tom bastante irônico, destituído de apologética ou polêmica. Em vista de tal estilo, alguns exegetas quiseram classificar Rom no gênero dos tratados dogmáticos, especulativos, negando-lhe o título de epístola, que sempre visa circunstâncias concretas e vivas. Não obstante, Rom deve ser dita epístola paulina no sentido das anteriores, pois se dirige a correspondentes bem determinados, aos quais quer levar uma mensagem concebida precisamente para êles, talhada conforme circunstâncias históricas, reais (não fictícias) (3).

---

(1) Cf. pg. 13.

(2) Não é de esquecer que Paulo costumava elaborar as suas epístolas à noite, após a jornada de apostolado e trabalho manual.

(3) "Celui qui parle est un missionnaire, un apôtre; il s'échauffe, il laisse parler son coeur, ouvre son âme, comme on le fait dans une lettre où l'on est sur d'être compris; et s'il expose des vérités spéculatives, c'est qu'elles doivent être pour les Romains lumière et vie" (Lagrange, St. Paul, Epitre aux Romains. Paris 1931, XXXIII).

§ 3. *Tema e divisão de Rom*

Que tema haveria de escolher o Apóstolo para a sua carta-apresentação aos cristãos romanos?

Não tendo problema particular a tratar, Paulo propôs-se avivar nos leitores a consciência do imenso tesouro que é a fé para o cristão; havia de lhes dizer, pois: *No Evangelho e pelo Evangelho, o homem recebe a remissão dos pecados, a amizade de Deus, o comêço da vida eterna, penhor da glória futura.* É esta a idéia à qual se subordinam tôdas as explanações contidas nesta epístola. Tal é, conforme Lagrange (1), o tema de importância máxima para todo e qualquer cristão, tema que faz da epístola aos Romanos, após o Evangelho, "o mais amplo e solene documento do Cristianismo" (2).

O trecho característico no qual, por assim dizer, o Apóstolo enuncia compendiosamente a tese da epístola, é 1, 16:

"Não me envergonho do Evangelho: é uma fôrça de Deus, para a salvação de todo homem que crê, primeiramente do Judeu, depois do Grego".

O que pode ser assim parafraseado:

---

(1) "L'épitre aux Romains n'est pas polémique, puisqu'elle ne s'adresse pas à des adversaires. Elle n'est point apologétique, parce que Paul ne songe pas à se défendre personnellement, sinon peut-être dans la mesure où l'exposition de la vérité est la meilleure apologie de celui qu'on a voulu rendre suspect d'erreur. C'est un enseignement adressé aux Romains, qui convenait bien à leur situation, et qui dut leur être fort utile. C'est une lettre, mais **traitant le sujet le plus important pour le monde chrétien tout entier**" (ob. cit. XXXIV).

(2) G. Ricciotti, Paolo Apostolo. Roma 1946, 441.

"O que ninguém jamais ousou dizer de uma doutrina humana, afirmo-o, destemidamente, do Evangelho: é uma fôrça de Deus, que no mundo se atua para a salvação dos homens, e de todos os homens, à condição de que creiam, ou seja, prestem sua adesão ao Cristo, à sua doutrina e aos seus preceitos".

Nos capítulos seguintes a êste enunciado, o Apóstolo, propondo-se explanar o significado profundo do Evangelho, tinha que o comparar com as anteriores instituições pelas quais Deus comunicava salvação aos homens: a Circuncisão e a Lei de Moisés. Com efeito, o Cristo que o Evangelho anuncia, é o rebento e a consumação da dispensação antiga; é também o novo Pai do gênero humano, 2.º Adão, em oposição ao 1.º Adão. Ora claro está que sòmente sôbre o fundo do antigo é que o novo pode ser plenamente entendido. Por isto é que Paulo, nesta epístola, se estende longamente sôbre Abraão, a Circuncisão, a Lei mosaica e a maneira como estas comunicavam justiça (1) aos homens (cf. Rom 2-4). Desta exposição se evidencia a posição privilegiada dos Judeus, depositários das promessas messiânicas, em relação aos não-Judeus, pagãos, que simplesmente ignoravam a Deus (cf. Rom 1, 18-32; 9, 1-5); os antigos depositários das promessas messiânicas eram também, conforme o plano de Deus, os primeiros destinatários do Evangelho. Donde o significativo apêndice ao enunciado da tese de 1, 16: "...*primeiramente para o Judeu, depois para o Gentio*". Todavia, apesar desta verificação, Paulo não deixa de afirmar que as instituições mosaicas, israelitas, estão abrogadas; substituiu-as a Carta

(1) S. Paulo usa os têrmos "justiça, justificar, justificação" no sentido que têm no Antigo Testamento, onde designam a santidade e o que com ela se liga.

Magna do Evangelho, cujo primeiro preceito, compêndio dos demais, é o amor (cf. Rom 13, 8 ss), cujo dom por excelência é o Espírito Santo, princípio de vida e atividade derramado em nossos corações (cf. Rom 5, 5). A infidelidade de Israel diante da oferta máxima de Deus é dolorosa, sim, todavia providencial, pois, em conseqüência, nenhum homem, nem pagão nem judeu, se pode gloriar de algum mérito próprio em presença do Altíssimo; todos, pagãos e judeus, foram pecadores ou infiéis, e precisam da misericórdia de Deus (cf. Rom 3, 23; 11, 32).

Estas considerações eram bem oportunas aos leitores da comunidade romana, onde as relações entre Judeus-cristãos e Étnico-cristãos se podiam fàcilmente ressentir de apreciações demasiado humanas, naturais. — De um lado, aos pagãos convertidos, que se haviam tornado os mais numerosos da comunidade, inculcavam a justa estima dos Judeus, a primazia dêstes na história da salvação (os pagãos foram enxertados no tronco judaico e vivem da antiga seiva israelita a êles comunicada; cf. 11, 13. 17 ss); não obstante, premuniam-nos, com igual clareza, contra qualquer sedução judaizante, contra um retrocesso à Lei mosaica (cf. 7, 25; 3, 20). Do outro lado, aos Judeus recomendavam a atitude humilde que compete a quem, no momento decisivo, foi infiel ao dom de Deus.

Não parece que se deva acentuar mais ainda a finalidade conciliadora que o Apóstolo tinha em mira.

Alguns autores, antigos (como S. Agostinho [† 430]) e modernos, julgam que no interior da comunidade romana havia verdadeiro conflito entre Judeus e pagãos convertidos, de tal modo que S. Paulo, com sua epístola, teria intervindo como árbitro, pregando paz e concórdia e mostrando que todos, Judeus-cristãos e Étnico-cristãos, são pecadores e só me-

recem graça aos olhos de Deus mediante a fé viva no Cristo. O conflito teria sido motivado pela pregação de Judaizantes sobrevindos, que haveriam corrompido a reta fé dos Romanos, à semelhança do que se dera na Galácia (donde a finalidade de Rom seria aproximadamente a mesma de Gál).

Outros, como o Ambrosiastro (séc. 4.º), afirmam que já de início os Romanos abraçaram a fé dos Judaizantes, primeiros fundadores da comunidade cristã. S. Paulo, em sua epístola, procuraria esclarecer os fiéis mal catequizados, mostrando-lhes a absoluta suficiência da fé no Cristo para a santificação do homem.

Estas duas teorias, exagerando a função conciliadora do Apóstolo, carecem de fundamento no próprio texto sagrado e são rejeitadas pela maioria dos autores recentes.

A explanação do tema é mantida, de princípio a fim, num tom muito elevado, objetivo; distingue-se por clareza e nexo lógico tais quais não se encontram em outras epístolas paulinas. É o que se propõe ilustrar o esquema abaixo:

Exórdio: 1, 1-17

Saudação muito solene. Ação de graças pelos dons de Deus outorgados aos Romanos. Paulo exprime seu desejo de ir a Roma **1, 1-15**

O tema da epístola **1, 16s**

I. Parte dogmática — **A JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ: 1, 18-11, 36**

1. **A necessidade da justificação: 1, 18-3, 20**

A justificação é necessária aos **Gentios**, que na idolatria, praticam os mais hediondos vícios .. **1, 18-32**

A justificação é não menos necessária aos **Judeus**, que, embora se gloriem de possuir a Lei, cometem os mesmos pecados que os Gentios e, portanto, estão sujeitos ao juízo divino, do qual

não os isentarão nem a Lei, nem a Circuncisão, nem as promessas divinas 2, 1- 3, 8

Por textos da S. Escritura, o Apóstolo prova que todos os homens, em particular os Judeus, são pecadores 3, 9-20

2. **O modo como se dá a justificação: 3, 21-4, 25**

Todos, Judeus e Gentios, são justificados pela fé em Cristo, o qual nos remiu morrendo na cruz. Não são justificados pela observância das obras da Lei, de modo que não fica título de vanglória para o homem 3, 21-30

Esta verdade é ensinada pela história mesma do Antigo Testamento: Abraão foi justificado pela fé que prestou às promessas messiânicas, antes de receber o preceito da Circuncisão e independentemente da Lei mosaica; pelo que é chamado "Pai de todos os crentes" 3, 31- 4, 25

3. **Os frutos da justificação: 5, 1-8, 39**

a) a reconciliação com Deus e a esperança segura da salvação, cujos penhores são a Encarnação do Filho e a dádiva do Espírito Santo 5, 1-11

O que Adão, pela desobediência, perdeu, Cristo, pela obediência, no-lo restituiu 5, 12-21

b) a libertação da servidão do pecado pelo batismo, princípio da nova vida 6, 1-23

c) a libertação da servidão da Lei, que era ocasião de pecado. A Lei dava uma noção clara do pecado e excitava a concupiscência latente do homem, mas era incapaz de conferir o auxílio necessário para que fôsse observada 7, 1-25

d) a filiação divina, pela qual somos estabelecidos herdeiros da glória celeste. Que esta glória nos será realmente dada, demonstram-no: a expectativa de tôdas as criaturas, o desejo íntimo de todos os fiéis, as preces do Espírito Santo em cada cristão, a própria providência de Deus 8, 1-30

Num hino triunfal S. Paulo exalta a certeza da salvação 8, 31-39

4. **Os Judeus e a justificação: 9, 1-11, 36**

A rejeição de Israel não está em oposição às

promessas divinas feitas a êste povo. Em última análise, não é a descendência carnal de Israel que salva, mas a livre escolha de Deus, o que se evidencia da história dos Patriarcas, de Moisés e do absoluto domínio de Deus sôbre o homem 9, 1-29

Os Judeus, procurando justificar-se por suas obras e observâncias mosaicas, negligenciando a fé no Messias, foram rejeitados por sua incredulidade 9, 30-10, 21

Na rejeição, parcial e temporal, de Israel manifesta-se admirável providência divina: a apostasia dos Judeus deu lugar à conversão dos Gentios, que será cumulada pela volta dos Judeus no fim dos tempos 11, 1-32

Em conseqüência, o Apóstolo canta os louvores da eminente sabedoria de Deus 11, 33-36

II. **Parte moral — OS DEVERES DOS FIÉIS**: 12, 1-15, 13

1. **Deveres de ordem geral**: 12, 1-13-14

Modéstia e caridade (12, 3-21). A obediência ao poder civil (13, 1-7). A plenitude da Lei é a caridade (13, 8ss). Exortação geral, quase epílogo (13, 11-14).

2. **As relações entre os fortes e os fracos da consciência**: 14, 1-15, 13

Tolerem-se mùtuamente, evitem os juízos temerários (14, 1-13a). Os fortes façam reto uso da liberdade cristã, evitem os escândalos (14, 13b-23). A abnegação é condição necessária de união; todos pratiquem a caridade conforme o exemplo de Cristo 15, 1-12). Voto final de alegria e paz (15, 13).

Epílogo: 15, 14-16, 27

O Apóstolo explica porque escreveu a epistola; anuncia a sua ida a Roma 15, 14-33

Recomenda Febe e envia saudações a muitos membros da comunidade romana 16, 1-16

As últimas admoestações e as saudações dos companheiros de Paulo 16, 17-24

Doxologia solene 16, 25ss

Costuma-se chamar a atenção para a afinidade de tema vigentes entre as epístolas aos Gálatas e aos Romanos. Esta é inegável, sim; todavia convém não menos observar os aspectos próprios que diferenciam uma epístola da outra.

Embora Gál e Rom tratem ambas da justificação e salvação do homem nas sucessivas etapas da história, cada qual dêstes dois documentos tem seu ponto de vista peculiar.

A *epístola aos Romanos* propõe-se diretamente descrever o que é a vida cristã: dom gratuito (graça) de Deus ao homem, que tem seu início e seu esteio contínuo na fé prestada ao Evangelho; não é, pois, um salário devido ao homem em vista de anteriores boas obras dêste. Se Paulo, nesta epístola, muito fala da Lei mosaica e da dispensação da salvação no Antigo Testamento, entende-as como um aspecto do seu tema ou como tema secundário que serve a realçar melhor o principal: o Cristianismo sendo oriundo do Judaísmo, era-lhe necessário, para ser completo, traçar a linha de evolução que vai do 1.º Adão, por Abraão, Moisés, até o 2.º Adão, Cristo; era-lhe preciso, por fim, definir as relações hoje vigentes entre Cristianismo e Judaísmo.

Na *epístola aos Gálatas* o aspecto predominante é outro. S. Paulo quer primàriamente demonstrar que a Lei mosaica está abrogada e, por conseguinte, as pretensões dos Judaizantes são falsas. Em conseqüência, o que nesta epístola se refere à vida cristã e à justificação pela fé no Evangelho, é exposto a título de argumento da tese principal, não é visado em si mesmo.

Em outros têrmos: a libertação do jugo da Lei mosaica, que Cristo mereceu para os cristãos, é o ponto de vista próprio de Gál (cf. principalmente Gál 3, 25; 4, 4. 7. 26. 31; 5, 1. 13). Na epístola aos Romanos, suposta a libertação,

S. Paulo vai além: inculca longamente a conseqüência positiva da emancipação, isto é, a filiação; o cristão foi elevado a um novo estado ontológico; filho de Deus adotivo, possui o penhor de uma glória estupenda, que futuramente nele se revelará (8, 15-25). Se S. Paulo fala de libertação também na epístola aos Romanos, entende a libertação do pecado (aspecto mais vasto e cabal; cf. 8, 2), ao passo que na epístola aos Gálatas entende a emancipação da Lei mosaica (aspecto mais restrito).

Os dois diversos pontos de vista se refletem bem nos dois particulares abaixo:

a) *na epístola aos Gálatas*, a *Lei mosaica* é apresentada para ser eliminada: é dita um regime de maldição (3, 10 ss), promulgado por causa de transgressões (3, 19), à semelhança de um pedagogo intermediário (3, 23 ss); é simbolizada por Agar, a escrava (4, 24 s);

na epístola aos Romanos, a mesma *Lei* é posta em luz muito mais benigna: o Apóstolo não fala de maldição nem a compara a Agar; a Lei teve o papel de fazer abundar o pecado, sim (como na epístola aos Gálatas, cf. Rom 5, 20 e Gál 3, 19), mas para que, sôbre êste fundo, superabundasse a graça (Rom 5, 20 s; complemento importante, positivo, que falta em Gál); a Lei é mesmo dita santa (7, 12), espiritual (obra do Espírito de Deus; 7, 14), embora não desse fôrças contra o pecado (c. 7) nem pudesse libertar dêste (8, 3 s).

b) em Rom 1, 17 o texto de Habacuc 2, 4: "O justo vive da fé" é citado como que no cabeçalho do tratado, qual programa a ser desenvolvido no decurso da epístola inteira (a vida cristã nasce da fé e se sustenta pela fé);

em Gál 3, 11 o mesmo testemunho profético é aduzido, mas apenas para servir de prova a uma proposição negativa: Deus não justifica pela Lei.

Em conclusão, pois, é preciso dizer que Gál e Rom, no que têm de comum, se relacionam entre si como um esbôço parcial, unicolor, e a respectiva realidade desenvolvida, completa e devidamente matizada (1).

§ 4. *Autenticidade e intègridade de Rom*

Poucos são os autores que põem em dúvida a autenticidade paulina da epístola aos Romanos; esta missiva se enquadra perfeitamente nos dados da vida de S. Paulo, na doutrina e na linguagem do Apóstolo, conhecidas através de outras epístolas autênticas.

A questão da integridade é mais discutida. Há, entre os críticos modernos, quem queira simplesmente suprimir de Rom os cc. 15-16, pois assim fez Marcião, hereje expulso da Igreja Romana em 144; além do que, alguns códigos latinos omitem êstes dois capítulos. Todavia a autoridade de Marcião é nula, pois se sabe claramente que mutilou a seu bel-prazer os livros da S. Escritura; doutro lado, tôda a tradição grega e a tradição latina quase unânime reconhecem os dois ditos capítulos como pertencentes a Rom. Êste testemunho é confirmado pelo exame interno do texto: os vv. 15, 1-13 constituem a conclusão lógica dos debates do c. 14 a respeito dos fracos e dos fortes na comunidade; os vv. 15, 14-33, que apresentam notícias sôbre a situação do Apóstolo e seus planos de viagem, estão em conexo com Rom 1, 8-15 e nada

---

(1) "Les choses étant ainsi, on peut dire que l'Épitre aux Galates et l'ébauche de l'Épitre aux Romains, ou mieux avec Lightfoot que c'est une statue destinée à être placée dans un groupe" (Lagrange, St. Paul, Épitre aux Galates. Paris 5, 1942 LXV).

contêm de contrário à sua origem paulina. Quanto ao c. 16 (lista de saudações, excetuados os vv. 17-20), tem sido particularmente impugnado: alguns julgam que é fragmento de uma epístola de S. Paulo aos Efésios ou de uma carta posterior ao Romanos, visto que o autor saúda nominalmente grande número de fiéis (e fiéis portadores, em boa parte, de nomes orientais), os quais parecem pertencer a uma comunidade já conhecida ao Apóstolo. Estas hipóteses, porém, suscitam uma dificuldade ainda maior: como explicar que tais epístolas aos Efésios ou aos Romanos se tenham perdido sem deixar nenhum vestígio na tradição, ficando apenas o seu capítulo de saudações anexo a Rom? É mais fácil admitir o testemunho da tradição e dar-lhe a seguinte explicação: justamente por escrever à comunidade dos Romanos, que lhe era desconhecida, Paulo quis saudar nominalmente muitos fiéis para demonstrar que amava a todos os irmãos com caridade sobrenatural, a qual não se baseia em relações de ordem meramente humana; além disto, podia ter conhecido pessoalmente a alguns em uma de suas viagens no Oriente — o que era, sem dúvida, o caso de Áquila e Priscila (v. 3 s) e de Epeneto (1).

Por fim, a doxologia de 16, 25 ss. é objeto de controvérsia particular, (2) pois não poucos códigos a apresentam simplesmente depois de 14, 23, enquanto outros tantos após 14, 23 como após 16, 24. Contudo o testemunho da maioria e dos melhores dos manuscritos nos leva a concluir que a do-

---

(1) "Saudai Epeneto, meu bem-amado, o qual foi para Cristo as primícias da Ásia" (v. 5).

(2) Suscita mesmo um dos problemas mais complicados da crítica textual do Novo Testamento, conforme J. Huby, Épitre aux Romains, Paris 1940, 516.

xologia encerra simplesmente o c. 16; a sua mudança de lugar nos códigos explica-se pelo fato de que na liturgia não eram sempre lidos os capítulos 15 (na mor parte, notícias pessoais do Apóstolo) e 16 (saudações); pelo que, o fêcho solene 16, 25 ss. era pelos leitores imediatamente acrescentado ao c. 14; tal uso litúrgico teria influenciado a praxe de alguns copistas.

§ 5. *Importância de Rom*

A epístola aos Romanos é, com razão, considerada a mais importante das missivas paulinas, não pela variedade de seus assuntos (nisto prima a 1 Cor), mas pela profundeza e o esmêro com que explana o tema capital do Cristianismo: a santificação do homem mediante a fé em Cristo. Pressupõe a catequese elementar da doutrina cristã, cujos temas principais ela apenas recorda logo de início (1, 2 s): a Encarnação, a Morte e a Ressurreição do Filho de Deus. Propõe-se desvendar tôda a riqueza destas verdades básicas. É, pois, a expressão de uma certa plenitude de pensamento do Apóstolo (1), expressão tão densa que, conforme um co-

---

(1) "Saint Paul est à un moment solennel de sa carrière. Après un dernier voyage à Jerusalém, il vá quitter l'Orient pour se tourner vers l'Occident, s'en aller en Espagne chercher un nouveau champ d'apostolat. Avant de se lancer dans de nouvelles entreprises, il s'arrête un moment comme pour rassembler les fruits de ses travaux passés... À l'inspiration initiale de sa conversion s'est ajoutée l'expérience de la vie chrétiénne et de l'apostolat qui a muri son christianisme, la méditation qui l'a approfondi. De nouveaux problèmes se sont posés, tels que le fait de l'incrédulité du peuple juif, qui ont provoqué en son esprit d'intenses réflexions. Ce sont toutes ces richesses spirituelles que l'Apôtre lie en gerbe pour en faire part à ses correspondants romains" (Huby, ob. cit. 20 s).

mentador moderno (1), 18 séculos de exegese cristã ainda não a conseguiram esgotar. Tal riqueza doutrinária fêz que, desde a antiguidade, a epístola aos Romanos fôsse colocada em primeiro lugar do epistolário paulino em quase todos os manuscritos do Novo Testamento.

O ponto culminante de todo o documento é o capítulo 8, também de todos o mais longo (2).

Êste capítulo prossegue, em tom cada vez mais inflamado, a descrição da sublimidade da vida cristã, descrição iniciada no c. 6 (batismo, ressurreição para uma vida nova) e detida pelo c. 7 (libertação da Lei, outro efeito do batismo).

Vida cristã é, sim, vida conforme o Espírito de Deus, que habita em nós, mas vida de luta, pois o Espírito deve obter o triunfo sôbre a carne, levando-a mesmo à transfiguração no dia da ressurreição universal (8, 1-13). Êste triunfo é preparado por Deus Pai, que nos fez seus filhos, a fim de dar ao Cristo Jesus muitos irmãos, mais jovens, co-herdeiros da glória do Primogênito (14-18). Atualmente, desta glória só temos uma esperança. Por conseguinte, o Apóstolo se compraz, nos versículos subseqüentes, em enumerar os argumentos que nos garantem o cumprimento dessa esperança. Tais são:

a) a aspiração da criação inteira irracional, a qual, sujeita atualmente à desordem, parece aguardar e postular a sua reintegração na ordem, isto é, o cumprimento do direito de servir a Deus mediante o homem (o têrmo "apokaradokía",

---

(1) Sanday-Headlam, A critical and exegetical Commentary on the Epistle to the Romans. Edinburgh 1907 XLIV.

(2) Na exposição seguinte, muito nos valemos de Huby, ob. cit.

com que Paulo no v. 19 designa a expectativa das criaturas irracionais, é muito expressivo: lembra a atitude ansiosa de alguém que estende o pescoço para observar com grande anelo) (vv. 19-22);

b) o nosso próprio desejo de cristãos, que, tendo recebido as primícias, somos intimamente provocados a almejar o complemento (23 ss);

c) o Espírito mesmo de Deus, que habita em nós, e dentro de nós geme ao Pai numa prece que Deus sabe ouvir (26 s);

d) enfim, a própria vontade de Deus, que, em seu amor, tudo dispôs para nos levar à salvação (28 ss).

Note-se a fôrça gradativamente ascendente dêsses argumentos: criaturas irracionais — o cristão — o Espírito de Deus no cristão — o próprio Deus em seu amor eterno.

À medida que o Apóstolo desvenda aos leitores essas perspectivas grandiosas, a sua alma parece arrebatada num ardor e numa alegria crescentes. Pelo que, no têrmo da ascensão, prorrompe em belíssimo hino, que canta a confiança do cristão no amor indeficiente de Deus (31-39): o pecado levava à morte, da qual a Lei mosaica, justa e santa, era incapaz de nos libertar; ao contrário, o pecado servia-se da Lei para dar morte ao homem; ora pelo Cristo Jesus eis que somos libertados do pecado e da morte, garantidos contra a condenação, assegurados da vida. Êste hino é bem a conclusão de todo o ensinamento iniciado no c. 6 a respeito da emancipação do cristão do jugo do pecado e da Lei.

Com êste canto de triunfo também estava terminada a exposição de que "o Evangelho é fôrça de Deus, para a

salvação de todo homem que crê" (1, 16). Por conseguinte, o Apóstolo continuaria a epístola considerando de mais perto o apêndice do enunciado: "primeiramente para o Judeu, depois para o Gentio"; é êste o conteúdo dos cc. 9-11, que encerram a parte dogmática da epístola.

Além do c. 8, merecem particular atenção as seguintes passagens:

1, 18-23 — o conhecimento de Deus mediante as criaturas;

5, 12-21 — o pecado original;

6, 1-14 — o batismo;

11, 11-36 — a infidelidade dos Judeus, a vocação dos Gentios e seu sentido providencial;

13, 8-10 — a caridade;

14, 22 s. — a consciência.

Embora tão preciosa para a reta fé católica, a epístola aos Romanos foi pelos Protestantes deturpada em seu ensinamento genuíno; dela fizeram a Carta Magna da heresia, entendendo a fé que, conforme Paulo, justifica o homem, no sentido de uma crença morta, a qual não implica irradiação através de boas obras. A fé, porém, segundo o Apóstolo, só salva se é viva, ou seja, informada pela caridade e afirmada em todo tipo de virtudes (cf. Gál 5, 6: "No Cristo Jesus nem a circuncisão nem a incircuncisão têm valor, mas a fé que age pela caridade").

"A Deus sejam dadas graças pelo seu inenarrável dom!"

(2 Cor 9, 15).

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS DO CATIVEIRO

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS DO CATIVEIRO

I — OCASIÃO HISTÓRICA DESTAS EPÍSTOLAS

II — A EPÍSTOLA AOS FILIPENSES

III — A EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES

IV — A EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS

V — A EPÍSTOLA A FILÊMON

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS DO CATIVEIRO

OCASIÃO HISTÓRICA DA COMPOSIÇÃO DESTAS EPÍSTOLAS

As quatro Epístolas que São Paulo escreveu respectivamente aos Filipenses, aos Colossenses, aos Efésios e a Filêmon são denominadas Epístolas do Cativeiro, porque nelas o Apóstolo faz alusão às cadeias que o prendem e o tornam prisioneiro por amor de Cristo. (1)

---

(1) De inúmeros trabalhos consultados, retivemos três principais como base a êste estudo que são, segundo a ordem cronológica em que foram compostos:

F. PRAT, S. J.: La Théologie de Saint Paul, 2 vol., 33e éd., Paris, Duschesne, 1942.

H. Hopfl — B. Gut, O. S. B.: Introductio Specialis in N. T., edito 5.ª quam curavit A. METZINGER, O. S. B., Roma, 1949.

P. BENOIT, O. P.: Les Epitres de St. Paul aux Phil., Philm., Col., et Eph., da Coleção "La Sainte Bible de Jerusalém", édit. du Cerf., Paris, 1949.

Consultem-se também com muito proveito os trabalhos de **Vosté, O. P.** (Roma, 1932); **Goossens** (col. Études Bibliques, Paris, 1949); **François Amiot** (col. Études Bibliques, 6.ª ed., Paris, 1946);

Escrevendo aos Filipenses diz: "Eu vos tenho no coração, vós todos que, nas minhas cadeias assim como na defesa e na confirmação do Evangelho, vos associais a esta graça que me foi concedida. (...) Por isso desejo, irmãos, que saibais como tôdas estas coisas que se passam comigo reverteram, antes, em proveito do próprio Evangelho: em todo o Pretório e outros lugares mais, minhas cadeias têm adquirido, no Cristo, uma verdadeira notoriedade, de sorte que a maioria dos irmãos, por causa destas minhas cadeias, recobraram ânimo e têm ousado mais alentadamente falar a palavra de Deus sem temor" (Flp, 1, 7.12 - 14).

A Filêmon, "Paulo cativo de Jesus Cristo" faz alusão umas quatro ou cinco vêzes a estas cadeias que o retêm, e nas quais "gerou Onésimo na fé", o qual representa Filêmon nos serviços que êle lhe poderia prestar, assim como a Épafras, seu concativo. (Flm 1. 9. 10. 13. 23).

Aos colossenses fêz São Paulo alusão ao mistério de Cristo, motivo de sua prisão, e recomenda seu companheiro de infortúnio, Aristarco. Mais comovente ainda é a exortação de seu próprio punho, no fim da carta: "Lembrai-vos de minhas cadeias". (Col 4, 3.10.18).

Aos Efésios, invoca o Apóstolo sua qualidade de prisioneiro de Cristo para dar às suas exortações, maior pêso e maior repercussão: estas cadeias que êle suporta por causa de sua entrega ao Mistério do Cristo e que não o impedem de continuar sua obra como verdadeiro "embaixador do Cristo" na difusão da Mensagem. (Ef 3, 1, 4, 1, 6, 20).

Ricciotti (Roma 1948, 2.ª ed.,) **Simon-Prado; Dufourq** (Hist. Anc. de l'Egl.); **Robert-Tricot**: Initiation Biblique, Paris, 1938, **Chan. Osty**, etc., sem falarmos dos Comentários antigos, dos Santos Padres e dos Doutores Medievais, assim como dos grandes Comentadores dos nossos tempos.

Conhecendo a importância que as circunstâncias de tempo e de lugar exercem para a compreensão mais acurada das palavras de São Paulo, a primeira preocupação que nos deve tomar é a de saber se podemos determinar històricamente esta prisão do Apóstolo. Aliás, se pelas alusões ficamos sabendo que êle escreveu estas cartas de uma prisão, os dados recolhidos são insuficientes para determinarmos com precisão e certeza de que prisão se trata.

Devemos portanto procurar em outras epístolas ou em outros documentos algo mais que nos oriente acêrca desta ou destas prisões do Apóstolo.

Dados fornecidos pela Epístola a Timóteo (a segunda), pela segunda Epístola aos Coríntios, pelo Livro dos Atos dos Apóstolos, assim como pela Epístola de São Clemente, nos informam que São Paulo sofreu os incômodos da prisão muitas vêzes:

São Clemente afirma que São Paulo foi prêso pelo menos sete vêzes (Clem., 1.ª, cap. V, v. 6), e os Atos dos Apóstolos nos assinalam explìcitamente três encarceramentos do Apóstolo:

— no capítulo dezesseis, versículos 23-40 vemos São Paulo passar uma noite inteira encarcerado. O fato se deu na cidade de Filipos de Macedônia. Segundo a cronologia destas viagens apostólicas, podemos situar o episódio mais ou menos na primavera do ano 50.

— a partir do capítulo 21 dos Atos, lemos as peripécias do novo encarceramento de São Paulo na Palestina, começado em Jerusalém e terminado em Cesaréia. Segundo os dados desta narração, sabemos que êste cativeiro durou mais de dois anos. Devemos colocá-lo entre os anos 58-60.

— Finalmente, em At 28,16.30 encontramos alusão ao encarceramento mais ou menos brando de Paulo em Roma, e que deve ter durado um mínimo de dois anos.

As alusões que o próprio São Paulo faz em suas cartas, nos são de grande utilidade para sabermos que São Lucas nos Atos dos Apóstolos não foi completo. E aliás nem podia ser, visto ter êle seguido um plano bem determinado e não ser sua intenção contar absulutamente tudo o que tenha acontecido aos Apóstolos.

Por isso muitos autores, além de admitirem um segundo cativeiro de São Paulo em Roma — o que é certo e se depreende da 2.ª a Timóteo, o qual culminou com o martírio do Apóstolo — levantam a hipótese de um cativeiro em Éfeso, cujo desfecho foi perigosíssimo para a própria vida do Apóstolo. Fundamentam esta hipótese em alusões da 1.ª e da 2.ª aos Coríntios (1 Cor 15, 32; 2 Cor 1,8-11).

É portanto nosso dever examinar objetivamente tôdas essas hipóteses: Filipos, Éfeso, Cesaréia e Roma.

A solução, ou pelo menos a mais satisfatória explicação, nos virá de um exame acurado e objetivo das próprias epístolas em questão. E como um exame superficial é suficiente para considerarmos como mais ou menos conexas as duas epístolas aos Colossenses e aos Efésios, examinaremos em primeiro lugar, estas duas, anexando a elas a Epístola a Filêmon. Em seguida veremos o que podemos tirar do exame da epístola aos Filipenses para determinar com exatidão a ocasião histórica e as circunstâncias em que foram escritas.

A saudação e as despedidas destas três cartas Col, Ef, e Flm, nos sugerem a mesma ocasião para as três.

Timóteo se encontra ao lado de Paulo (Col 1, 1; Flm 1).

Tíquico, o "caríssimo irmão" é encarregado de transmitir, de viva voz, as notícias aos fiéis de Colossos e de Éfeso. Vai também a Colossos para saber exatamente o que aí se passa. Vai com Onésimo, o escravo fugitivo de Filêmon. (Ef 6, 21; Col 4, 7-9).

Acrescentam suas saudações: Aristarco, "concativo", Marcos, Jesus, o Justo, Épafras, Lucas e Demas (Col 4, 10-14 e Flm 23-24).

A presença de Marcos junto de São Paulo afasta a hipótese do encarceramento de Filipos como ocasião destas epístolas, porque Marcos não estava com Paulo nesta segunda viagem apostólica. Além disso, as circunstâncias dêste encarceramento que nos são conhecidas pelos Atos elimina de uma vez esta hipótese.

Por outro lado, a presença de Lucas afasta para estas epístolas (Col, Ef, e Flm) a ocasião do problemático encarceramento de Éfeso. Pois se Lucas teve parte nesta prisão, como é que não havia de deixar nada escrito sôbre ela?

A presença de Marcos e de Lucas junto ao Apóstolo é mesmo indício da composição destas epístolas em Roma.

É verdade que Lucas esteve com Paulo em Cesaréia, mas o mesmo não podemos dizer com referência a Marcos. Tanto mais que certas observações colhidas nas epístolas concordam com o gênero da prisão que conhecemos ter sido o de São Paulo em Roma e não em Cesaréia: certa liberdade de que gozava para a pregação do Evangelho (At 28, 30-31; cf. Col. 4, 3; Ef 6, 19s); alusões à sua futura liberação (Flm 22), etc.

Êstes pormenores, com efeito, não concordam com o que sabemos de sua prisão em Cesaréia, cuja solução dependia de sua ida para Roma (At 23, 11; 24, 27; 25, 11s.; 26, 31).

Portanto, não erramos ao afirmar que estas três epístolas Col., Ef, e Flm foram escritas de Roma, durante o seu cativeiro de dois anos. Segundo a cronologia mais exata da vida de São Paulo, entre os anos 61 e 63.

O fato de se ter refugiado tão longe, Onésimo, o servo fugitivo do colossense Filêmon, é perfeitamente plausível segundo o que conhecemos daquele costume do Império romano, cuja capital, embora materialmente distante dos outros pontos do Império, estava ao alcance de todos, e representava um abrigo muito mais seguro para os fugitivos do que outras cidades.

Se acrescentarmos a êstes argumentos de ordem histórica, os argumentos de ordem literária e doutrinária, chegamos às seguintes conclusões:

— a forma literária das duas epístolas Col. e Ef., parece exigir a mesma época de composição para ambas. O estilo e certa formulação do pensamento apresentam analogias impressionantes.

Por outro, os exegetas e especialistas estão cada vez mais convencidos de que estas duas epístolas se distinguem e se separam nìtidamente do grupo das grandes epístolas (1.ª e 2.ª Cor, Gál e Rom.). De tal sorte que se êstes caracteres literários não são por si sós suficientes para a determinação de uma data precisa, êles exigem que não se consideram as duas epístolas Col e Ef, como contemporâneas das quatro grandes. Portanto não favorecem a hipótese da composição destas duas epístolas no hipotético encarceramento de Éfeso, porque exigem um intervalo de tempo bastante considerável que explique e justifique as particularidades estilísticas de Col e Ef. Êles proviriam, pois, do cativeiro romano.

— Mas é sobretudo quando se considera o conteúdo doutrinário de Col e Ef que se é obrigado a recuar a data de composição destas epístolas até o cativeiro romano do Apóstolo. pois um estudo acurado do pensamento desenvolvido nestas duas epístolas impede que as consideremos como tendo sido compostas antes das grandes epístolas (como teria sido o caso se elas tivessem sido escritas no tal encarceramento de Éfeso).

A epístola aos Colossenses, no dizer de Benoit, aparece como uma "coroação" das outras grandes epístolas, "pela sua visão cósmica da obra redentora do Cristo e pelas precisões extraordinàriamente importantes sôbre a preexistência divina do Cristo".

Além do mais, a epístola aos Efésios parece uma síntese das doutrinas de Col e Rom. Portanto deve ter sido escrita bem depois da grande estadia de São Paulo em Éfeso (a epístola aos Romanos foi escrita de Corinto, após os dois anos e três meses passados em Éfeso).

Quanto à *Epístola aos Filipenses* as indicações de ordem histórica são particularmente abundantes e significativas.

Encontramos, de início, a menção do "Pretório" (Flp 1, 13) que aparece como que completada por uma alusão à "casa de Cesar" (Flp 4, 22).

Um primeiro contacto com estas expressões poderia exigir com segurança a origem romana para esta epístola. No entanto, os estudos históricos mais aperfeiçoados e o conhecimento mais completo das coisas do Império Romano exigem maior ponderação. Pois sabemos que tais expressões são compatíveis com as grandes cidades do Império onde existiam os Palácios dos Prefeitos de Província e guarnições militares

para êstes Palácios, onde viviam também os "libertos de Cesar".

Em todo o caso, o importante a notar é que a expressão por si só não tem um sentido verdadeiramente específico e convincente em favor de uma ou outra localização.

Por outro lado, expressões como as que se encontram em Flp 1, 20-26; 2, 17 não supõem necessàriamente que São Paulo se sinta chegar ao têrmo de sua vida. Aludem certamente ao martírio que podia sobrevir a qualquer instante de sua carreira. Em todo o caso, servem para afastar de nossa perspectiva histórica o encarceramento de Cesaréia, por causa dêste apêlo a Cesar que o livrou de um martírio iminente.

O cativeiro em Éfeso, todavia, podia enquadrar-se na perspectiva das palavras do Apóstolo, a menos que se faça abstração desta possibilidade de um apêlo à autoridade máxima do Império. Portanto, aqui também, se a expressão parece postular a presença em Roma, não é bastante forte para afastar outras ocasiões de encarceramento, como o hipotético encarceramento de Éfeso.

Em favor dêste último, aliás, parece militar a alusão que faz São Paulo ao motivo de seu encarceramento: a pregação do Evangelho. E Benoit vai até a estabelecer a comparação entre Flp 1, 7. 12-13 e At 16, 20-21 e At 21, 28; 24, 6; 25, 8.

De fato, a razão ou melhor o pretêxto do encarceramento que se prolongou até Roma foi o de uma pretensa violação do Templo.

Argumentos mais ponderáveis que apresentam os autores contra o cativeiro romano a ser considerado como ocasião

histórica da composição de Flp, são, sem dúvida alguma, as relações numerosas e fáceis que a epístola supõe existirem entre a cidade de Filipos e esta onde êle se encontra prêso.

E sobretudo as relações entre os seus discípulos de Filipos e êle próprio e seu discípulo Timóteo. A ida de Timóteo à Macedônia e a sua própria ida poderiam talvez explicar o que sabemos pelo Livro dos Atos e pelas Epístolas aos Coríntios: At 19, 21-22; 20, 1 — 1 Cor 4, 17; 16, 5. 10 — 2 Cor 2, 12; 7, 5.

Mais um argumento em favor de Éfeso de preferência a Roma seriam os versículos 10 e 16 do capítulo quarto de Flp, que supõem Paulo não ter recebido nada dos Filipenses afora aquelas esmolas que lhe foram dadas por ocasião da segunda viagem apostólica. Ao passo que nós sabemos que esteve ali na cidade de Filipos ainda duas vêzes. No entanto, se Paulo estivesse escrevendo aos Filipenses de Éfeso, pouco após a conversão dêles, então, não só os aludidos versículos se tornariam mais claros, mas ainda muitos outros, como por exemplo, 1, 26. 30; 2, 12; 4, 15.

No entanto, conclui Benoît: "tôdas estas razões seriam convincentes se o encarceramento de Éfeso fôsse um fato estabelecido. Nossa ignorância completa a êste respeito é aqui o maior e mais sério obstáculo a esta hipótese que não deixa de ser atraente. Pois está claro que esta longa estadia de três anos durante a qual São Paulo certamente muito padeceu, foi preenchida por muitos mais acontecimentos do que aquelas parcas informações do capítulo 19 dos Atos" (pg. 12).

Por falta destas provas temos, portanto, que considerar o cativeiro romano, época das três epístolas, Col, Ef e Flm. como ocasião igualmente da Epístola aos Filipenses.

Tanto mais que as indicações de ordem estilística e mesmo doutrinária não podem fornecer-nos dados decisivos para esta ou aquela ocasião, senão que tanto do ponto de vista do estilo quanto do ponto de vista da doutrina, há incontestàvelmente um parentesco maior de Flp, com Gal e as 1.ª e 2.ª Cor do que com as outras.

Entretanto, ainda aqui, esta epístola "mais afetiva do que dogmática oferece poucos elementos de comparação relativamente à doutrina" (Benoît).

Quanto à ordem de precedência entre estas quatro epístolas do cativeiro, ainda que muitos achem mais provável que Flp seja a última e escrita lá pelo fim de seu encarceramento, já Knabembauer, talvez com mais razão, a considerava como a primeira de tôdas (comp. Flm 22).

Col e Ef parecem ter sido compostas quase que ao mesmo tempo. Foram, em todo o caso, transmitidas pelo mesmo intermediário Tíquico.

Todavia, uma comparação entre elas confere a prioridade a Col. Neste particular, Ef 6, 21 é por demais significativa, e parece até uma alusão a Col 4, 7.

Quanto a Flm, está mais conexa a Col do que a Ef.

A EPÍSTOLA AOS FILIPENSES

Filipos foi a primeira cidade da Europa visitada mais demoradamente por São Paulo e onde pregou o Evangelho. Deu-se esta primeira visita durante sua segunda viagem apostólica. Aliás é um dos episódios da viagem de São Paulo mais impressionantes. Estava êle em Tróia, quando,

certa noite, teve uma visão: viu um homem de Macedônia, de pé, na sua frente, suplicando-lhe que viesse até êle: "Vem à Macedônia para nos ajudar"!

E São Lucas acrescenta: "Logo que viu a visão, procuramos, sem hesitação, viajar para a Macedônia, certos de que Deus é quem nos estava chamando para evangelizá-los" (At 16, 8-10).

E foi assim que partindo de Tróia abordaram em Neápolis depois de uma noite em Samotrácia (ilha setentrional do Mar Egeu), rumando no dia seguinte para Filipos.

Filipos era uma importante cidade da Macedônia, situada nas fraldas do Monte Pangeu, entre os rios Strymon e Nesto, fortificada por Felipe Primeiro de Macedônia, donde lhe veio o nome.

Desde os tempos de Augusto era Colônia Romana com o nome de "Colônia Augusta victrix philipensium", e se encontrava na "Macedônia Prima" (a Macedônia estava como que dividida em quatro partes já desde os tempos de Aemilius Paulus, em 167 a. C.).

Nesta segunda viagem apostólica de São Paulo, no ano cinqüenta de nossa era, os Filipenses receberam com docilidade a mensagem evangélica e São Paulo deixou ali uma comunidade cristã fervorosa.

Foi por ocasião desta primeira estadia em Filipos que o Apóstolo teve de sofrer perseguições e encarceramento (At 16, 12-40).

No outono do ano 57, em sua terceira viagem apostólica, viajando de Éfeso para Corinto, e voltando um ano depois, na primavera do ano 58, São Paulo não deixou de visitar a ês-

tes seus cristãos de Filipos, dos quais sempre recebeu as melhores provas de interêsse e afeição (At 20, 1-2. 3-6).

Pela sua carta a êstes cristãos ficamos conhecendo a intensidade e a sinceridade da afeição dêstes cristãos para com o Apóstolo.

Por diversas vêzes enviaram êles auxílio pecuniário a São Paulo (cf. Flp 4, 16; 2 Cor 8, 2; 11, 9).

Na hipótese desta carta ter sido escrita durante o cativeiro romano (única aliás que, històricamente fundamentada, soluciona as dificuldades, uma vez que o cativeiro de Éfeso é coisa ainda não provada), sabemos que ela responde a uma dívida de gratidão do Apóstolo para com seus fiéis de Filipos. Pois ao terem conhecimento de que São Paulo se encontrava cativo em Roma, enviaram-lhe Epafrodito com novos subsídios e a incumbência de servir ao Apóstolo em suas necessidades (Flp 2, 25; 4, 18).

Em Roma, Epafrodito cai gravemente enfêrmo, de modo que sòmente algum tempo depois, já convalescente, pode voltar para sua cidade e para junto dos seus. E assim, aproveitando o portador, São Paulo escreve aos seus queridos cristãos de Filipos, mais para abrir-lhes o seu coração do que pròpriamente para lhes explicar algum ponto doutrinário que necessitasse de alguma explicitação.

No entanto, mesmo sendo como é, uma carta de grande efusão sentimental, São Paulo não perde a ocasião para abrir grandiosas perspectivas sôbre tal ou tal aspecto do Mistério Divino.

Da mesma forma, não deixa passar a ocasião sem exortá-los com veemência a que prossigam num aperfeiçoamento cada vez maior das virtudes cristãs.

Assim, podemos ressaltar vários parágrafos de repercussão universal nos quais o Apóstolo focaliza, com seu costumeiro vigor, aspectos importantes da mensagem cristã.

Texto de grande importância do ponto de vista cristológico são os versículos 5 - 11 do capítulo segundo: São Paulo nos dá um impresionante resumo, tal como numa profissão de fé, as diversas "etapas" do Mistério de Cristo, ou as "fases" de sua vida:

— fase eterna, antes da Encarnação: o Cristo, Deus Verdadeiro, consubstancial ao Pai, no esplendor de idêntica majestade e glória;

— fase temporal da Encarnação: o Cristo Deus "depõe" a glória eterna da sua divindade, e sem deixar de ser Deus, assume a forma de "escravo". Homem verdadeiro, faz-se obediente até à morte, e "à morte de Cruz";

— fase eterna após o estado terrestre de sua vida mortal: "prêmio" de sua "humilhação", a sua natureza humana — a forma de "escravo" — entra na participação da glória de sua divindade e torna-se objeto de adoração da parte de tôdas as criaturas.

Recomendações insistentes do Apóstolo focalizam o problema das relações fraternas entre os cristãos de Filipos que devem ser fundamentadas numa caridade autêntica e numa real humildade (1, 27; 2, 1-10; 4, 2).

Admoestações paternas previnem seus fiéis contra os perigos dos sedutores e herejes, e os conforta para que permaneçam firmes nos combates que tiverem de suportar pela conservação da pureza da fé. Para isso, aliás, é que vai muito concorrer o retôrno entre os seus de Epafrodito. Por isso tam-

bém o Apóstolo se consola em se ver privado da companhia dêste irmão (3, 2. 18; 2, 19-24).

Alguns comentadores procuram determinar a natureza dêstes perigos a que estavam sujeitos os Filipenses, e enquanto uns nêles vêem perseguições provenientes dos poderes públicos ou dos pagãos não convertidos (comp. Flp 1, 30 com At 16, 20-21), outros procuram explicação nas hostilidades dos Judeus ou dos Judaizantes.

Outros, enfim, pensam nestes tradicionais inimigos do Apóstolo, que em todos os lugares e por todos os meios procuram destruir a obra benéfica da pregação da fé. São Paulo, portanto, estaria alertando seus fiéis contra êstes "falsos irmãos" e falsos operários da Vinha do Senhor, da mesma forma que o fizera para os Gálatas e para os Coríntios.

Em todo o caso, o sentimento dominante desta Epístola é o da alegria espiritual que lhe invade a alma e que êle quer extravasar para os corações de seus queridos filhos de Filipos. Muitas vêzes vem-lhe à pena êste como refrão: "Alegro-me nas minhas tribulações, nas minhas cadeias. Alegrai-vos comigo" (cf. 2, 18; 3, 1; 4, 1 etc.).

Alegria porque seu processo parece encaminhar-se bem e com uma perspectiva de feliz solução.

Alegria porque seu encarceramento não é obstáculo ao progresso da pregação evangélica: até seus próprios guardas se beneficiam desta pregação.

Alegria sobretudo porque a afeição dos Filipenses para consigo permanece inalterável, apesar das distâncias e apesar do encarceramento.

O plano da Epístola aos Filipenses não é rigorosamente concatenado. O assunto mesmo exigia uma certa elasticidade nas efusões de seu coração paterno.

Todos em geral concordam em ver como que quatro grandes partes nesta epístola, assim distribuídas:

1 — **INTRODUÇÃO:** 1, 9-11

— Saudação inicial: 1, 1-3

— Assunto geral da carta: 1, 3-11

— Ação de graças (1, 3- 8)

— Oração e votos (1, 9-11)

2 — **PRIMEIRA PARTE DA CARTA** 1, 12- 2, 30

— Situação pessoal de Paulo: 1, 12-26

— Encarceramento, pregação do evangelho e esperança da libertação que se aproxima .... (1, 12-19)

— Ansiedade a respeito de sua própria sorte .... (1, 20-26)

— Diversas exortações aos Filipenses ...... 1, 27 - 2, 18

— Honrar o Evangelho suportando com galhardia as perseguições .... (1, 27-30)

— A caridade e a humildade condições para a unidade segundo o exemplo do Cristo .... (2, 1-11)

— Cooperação de cada um com a graça divina para a obra de salvação ...... (2, 12-18)

— Missão de Timóteo e de Epafrodito: 2, 19-30

— Timóteo, suas virtudes e a missão de que é incumbido .... (2, 19-24)

— Epafrodito, sua cura e sua dedicação, assim como sua missão junto aos Filipenses .... (2, 25-30)

3 — **SEGUNDA PARTE DA CARTA:** 33, 1-4, 1

— O perigo espiritual dos judeus e judaizantes: 3, 1-3

— O exemplo que lhes propõe o Apóstolo sôbre o verdadeiro caminho da salvação cristã:	3, 4-17
— Nada tem o Apóstolo a ganhar no Judaísmo	(3, 4- 6)
— Tudo abandonou por causa do Cristo e por amor ao Cristo	(3, 7- 9)
— Tudo procura obter no Cristo e pela Cruz	(3, 10-14)
— Exortação aos fiéis para que pensem como êle e o imitem	(3, 15-17)
— O cuidado que os fiéis devem ter com êstes inimigos da Cruz de Cristo, porque a vida do Cristão deve estar no Céu, que é o têrmo de sua própria esperança: ...	3, 18 - 4, 1
4 — **EPÍLOGO:**	4, 2-23
— Últimos conselhos:	4, 2- 9
— Agradecimentos:	4, 10-19
— Saudações e voto final:	4, 20-23

A autenticidade da Epístola não é mais discutida por nenhum exegeta de pêso. É verdade que alguns, (vg. Baur, Bauer, Holsten) tomam pretexto no célebre texto cristológico de Flp 2, 5-11 para recusarem a autoria paulina da carta.

No entanto, a índole tão pessoal e "paulina" destas efusões paternas, os fatos concretos que ela evoca, a linguagem e os próprios conceitos teológicos que ela exprime aqui e ali, entre um conselho e uma ação de graças, mostram bem a insanidade dêstes que se prendem a preconceitos filosóficos ou teológicos para julgarem assuntos de ordem histórica e exegética.

Portanto, o que devemos dizer é que até pelo contrário: todos os indícios de ordem literária, histórica e teológica confirmam a antiga e ininterrupta tradição eclesiástica que atribui esta epístola aos Filipenses a São Paulo.

São testemunhas da tradição o próprio São Policarpo, que escrevendo aos Filipenses alude à missiva com que lhes prendou o Apóstolo, com uma referência a esta Epístola canônica; Eusébio, em sua História Eclesiástica, citando a carta das Igrejas de Lyon e Vienne; Santo Ireneu, Clemente de Alexandria, Tertuliano, Fragmento de Muratori.

A questão da unidade da epístola é que continua ainda em discussão. Alguns se firmam até no testemunho de São Policarpo, que efetivamente alude, ao que parece, a "várias epístolas" de Paulo aos Filipenses.

Outros impressionam-se com certas interrupções de estilo, de pensamento no decurso desta Epístola (por exemplo: 2, 9; 3, 2; 4, 2. 10), de sorte que certos especialistas acham que a atual epístola seria o resultado de vários bilhetes escritos por São Paulo de Éfeso e de Roma, e que foram depois reunidos numa só epístola. Hipótese esta que explicaria certas dificuldades históricas que permaneceriam talvez de difícil explicação datando esta carta do cativeiro romano do Apóstolo.

No entanto, não só a interpretação do testemunho de São Policarpo, como também as diversas conjecturas formuladas e o hipotético encarceramento de Éfeso, não constituem ainda base histórica para um juízo definitivo da questão.

De sorte que em virtude das faculdades concedidas pela Encíclica "Divino afflante" estão os especialistas no seu direito prosseguindo na elucidação dêste pormenor que certamente trará um suplemento de informação para uma interpretação mais acurada do pensamento de São Paulo.

O essencial é considerar a carta inteira como se apresenta atualmente como escrita tôda ela pelo Apóstolo.

A EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES

Pelo sobrescrito da carta nós ficamos sabendo que os destinatários desta epístola foram os cristãos de Colossos: "Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, e o irmão Timóteo: aos Santos de Colossos, fiéis irmãos no Cristo" (1, 1-2).

Esta cidade estava situada na Frígia e fazia parte da Província Romana da Ásia (Província senatorial que abrangia sòmente a parte ocidental da Ásia Menor, compreendendo apenas a Mísia, Lídia, Cária e Frígia).

Situada às margens do rio Lycus, um dos afluentes do Meandro, distava Colossos uns 16 a 20 quilômetros de duas outras cidades da Frígia, Laodicéia e Hierápolis, a uma distância aproximada de 200 quilômetros de Éfeso.

A situação de Colossos era das mais interessantes porque pela parte do vale do Lycus é que passava a estrada ligando Éfeso à Galácia e à Cilícia. E se bem que não figure ela explìcitamente no Apocalipse, fazia parte também do grupo destas cidadezinhas do interior que mantinham relações freqüentes com Éfeso.

Segundo os historiadores antigos, Colossos chegou a ser uma cidade riquíssima, mas já Strabon (sob Tibério) assinala sua decadência com relação ao seu esplendor primitivo.

A Comunidade Cristã de Colossos parece ter sido fundada por Épafras, convertido que fôra por Paulo, talvez durante a longa permanência de Paulo em Éfeso.

E' o que se deduz de certas alusões da Epístola, das quais, ao mesmo tempo, podemos inferir que até àquela época o

Apóstolo não estivera pessoalmente em Colossos (cf. Col 2, 1; 1, 4. 7. 9; 4, 12-13).

Outras alusões da Epístola nos permitem concluir que a Comunidade era composta de cristãos oriundos do paganismo, pelo menos na sua grande maioria, para não dizer quase totalidade.

Significativos sôbre êste aspecto especial são os versículos 1, 21-27 e 2, 11-13, nos quais o Apóstolo alude a êstes cristãos "estranhos" à Teocracia de Israel e que não receberam outra circuncisão além da circuncisão espiritual do Cristo.

A carta que São Paulo escreveu a êstes cristãos foi sem dúvida alguma motivada por uma crise religiosa e intelectual assaz importante, pelo menos quanto às suas possíveis conseqüências.

Épafras, responsável por esta Comunidade, (pelo menos por ter sido êle o seu fundador, pois na realidade ignoramos o cargo exato que nela exercia, cf. 1, 7; 4, 12-13), julgou mais eficiente informar o Apóstolo do que se passava em Colossos, em Laodicéia e Hierápolis. Em vista do que São Paulo envia a Colossos Tíquico, com especialíssima missão de reconfortar os espíritos e os corações (4, 7), munido de duas cartas, uma para Colossos e uma para Laodicéia.

Ora, é precisamente a propósito desta crise intelectual e religiosa — cuja natureza, conhecida com exatidão, nos auxiliaria sobremaneira na compreensão da doutrina que Paulo expõe em sua carta — que os autores propõem explicações cada qual mais desencontrada da outra, a tal ponto que um autor da autoridade de Prat constata que as hipóteses emitidas sôbre êstes inovadores de Colossos são tão "múltiplas,

disparatadas e variadas que nem as côres do arco-iris" (op. cit., p. 335).

Sem entrarmos nas minúcias dêste debate, basta-nos notar que todos aquêles que encontram vestígios da gnose nos argumentos que São Paulo destroi ou anota como errôneos, exageram certamente, desde Goguel que considera como sendo "o gnosticismo principiante" (M. Goguel, Le N. T., p. 324) até mesmo Duforcq (Hist. de la Liter. Chrét., t. IIL p. 49ss, t. II, p. 112-128) que chama de gnose e gnosticismo "as diversas combinações da religião monoteísta judeu-cristã com as religiões ambientes". E' verdade que o Padre Prat procura justificar a expressão usada por Lightfoot chamando os falsos doutores de Colossos de "essênios gnósticos", mostrando em que sentido a expressão é interessante e significativa. Mas talvez seja preferível dizer com Benoît que as infiltrações ideológicas e religiosas que tanto mal estavam causando na Comunidade de Colossos provinham de um "judaísmo sincretista" peculiar a estas regiões da Frígia "terra de eleição para entusiasmos místicos e especulações fulginosas", mais ou menos análogo ao essenismo da Palestina (op. cit., p. 48).

Em todo o caso uma observação de Benoît é particularmente significativa e importante para uma boa orientação destas pesquisas: "Houve muitas vêzes quem pretendesse atribuir em bloco aos doutores colossenses tudo o que resulta das palavras de Paulo tomadas ao avesso: a epístola aos Colossenses foi utilizada como um cliché negativo das doutrinas dêles. Mas êste processo simplista é falacioso. Devemos considerar grande parte disso como fruto de originalidade criadora do Apóstolo (...) Paulo é quem deve ter tirado as conseqüências lógicas das vãs imaginações e das práticas abolidas e sem mais nenhuma significação" (op. cit., p. 49).

Portanto, segundo Benoît, os erros que o Apóstolo combate em sua carta provém desta espécie de "judaísmo heterodoxo", misto das práticas rituais, alimentárias e litúrgicas (cf. Col 2, 11-13. 16. 21) com elementos estranhos oriundos do paganismo ou de princípios filosóficos (cf. Col 2, 8. 18. 23), sem contudo aparecerem os elementos específicos do gnosticismo (com o dualismo ontológico do princípio espiritual bom e do princípio material mau, ou aquela emanação dos eons descendo da divindade para a criação material).

O fato de tais influências judaicas numa comunidade cristã, embora oriunda do paganismo, é mais do que explicável em vista da grande quantidade de Judeus estabelecidos naquela região do Vale do Lycus (cf. Antíocos Magno que deporta cêrca de vinte mil famílias judias para a Frígia), os quais não deviam nem podiam ficar indiferentes diante de uma florescente comunidade cristã.

As perseguições deviam iniciar-se mais cedo ou mais tarde, e aproveitando a natural propensão daquela gente para estas explicações filosóficas ou "teosóficas" dos fenômenos cósmicos, infiltraram-se capciosamente por meio de influência intelectual.

A preocupação primordial de São Paulo nesta carta é manifestar aos seus destinatários, de um lado, a sua grande e sincera alegria pelo bem que se está realizando na Comunidade e do qual êle teve notícias por Épafras (Col 1, 3 s.), e de outro lado, a sua palavra de ordem contra as idéias errôneas que se estavam infiltrando no meio daqueles cristãos de Colossos.

Se é verdade que as palavras de ação de graças e de alegria pela fidelidade de seus cristãos ocupam material-

mente menos importância que as demais, não resta a menor dúvida que o tom de suas palavras é particularmente significativo e demonstra sobejamente a grandeza de seu coração paterno que sabe avaliar devidamente o esfôrço de seus "filhos" na perseverança da sã doutrina.

É aliás o que dá a esta epístola aos Colossenses uma vivacidade e uma feição insubstituíveis.

A segunda preocupação do Apóstolo manifesta-se de maneira mais sensível, não só porque mais exigente, mas também pelas repercussões que as novas idéias poderiam causar na Comunidade.

Mas ainda aqui o Apóstolo se adstringe ao essencial, ao ponto capital dos embates, de onde decorrem todos os outros elementos doutrinários mais ou menos corrompidos pelas lucubrações dos inovadores.

Êste ponto capital que cumpre aos cristãos conservar em tôda a sua pureza doutrinária, livre de todo e qualquer conluio filosófico, pagão ou sincretista, é o *do primado absoluto do Cristo,* sua Supremacia completa, tanto do ponto de vista espiritual como do ponto de vista cósmico.

O que tem em vista o Apóstolo é alertar os cristãos de Colossos para que não deixassem esta Soberania do Cristo ficar comprometida "por êstes vãos senhores que o mundo antigo, judeu ou pagão veneravam" (Benoit, op. cit., p. 49), de tal sorte que "os traços específicos desta epístola aos Colossenses, pelos quais ela se distingue das epístolas anteriores, é esta vigorosa afirmação da supremacia do "Senhor" Jesus acima de todo o Universo, os Anjos incluídos" (ibid).

Frei Benoit, melhor do que muitos outros autores, demonstra em seu breve estudo, como é que êste pensamento central se desabrocha e se manifesta sob um tríplice aspecto.

Em primeiro lugar, a Pessoa e a obra do Cristo são consideradas não só do ponto de vista cristológico e soteriológico, mas ainda do ponto de vista cósmico. E é nesta perspectiva cósmica que devemos entender o conceito de "plerôma" que São Paulo invoca freqüentes vêzes na epístola, conceito êste muito utilizado nos escritos de seu tempo e até mesmo encontrado na tradução grega dos Setenta, demonstrando assim que, neste ponto preciso, o Apóstolo nada deve aos seus supostos adversários, os gnósticos, que não utilizarão êste vocábulo com seu sentido técnico preciso, senão mais tarde, no correr do segundo século.

Assim pois, para o Apóstolo, escrevendo aos Colossense "a salvação cristã toma as dimensões do Universo. O Cristo não é apenas o Chefe da Igreja, cujos membros são seus membros e constituem seu Corpo. Êle é o Chefe de tôda a criação, com todos os sêres celestes e terrestres" (id. p. 50). E o fundamento desta Supremacia ontológica não é outro senão a sua própria preexistência divina, pela qual, Êle, o Cristo, é a "Imagem do Pai", o "Deus Invisível", fonte, instrumento e fim de tôda a Criação.

Em segundo lugar, a Igreja, nesta perspectiva cósmica, apresenta melhor o caráter coletivo da salvação cristã: "mais bem distinta daquele que é sua "Cabeça" e a dirige do alto do Céu, a Igreja se reveste melhor da autonomia de uma Pessoa viva. Seu caráter de "Corpo do Cristo" toma um realce mais vivo e recebe uma significação mais realista: não se trata, pois, nem de uma metáfora, nem de um ser de razão, um como grupo social cujos membros se reclamam do Cristo: a Igreja é Corpo do Cristo porque formada de todos os Cristãos cujos corpos são unidos pelo Batismo ao Corpo físico do Cristo Ressuscitado, e recebem por meio dêle a nova vida do Espírito" (ibid.).

Enfim, esta "contemplação mais aprofundada da salvação ecumênica, englobando todos os homens, até mesmo os pagãos, e repercutindo sôbre todo o Universo" é o que constitui para São Paulo o "Mistério", isto é, "êste segrêdo por tanto tempo escondido por Deus e agora revelado e confiado a uns tantos depositários" (id., p. 51). E por isso a conclusão que daí decorre é a "absoluta necessidade de uma sabedoria sobrenatural para se atingir o verdadeiro conhecimento do plano divino".

Em outros têrmos, a doutrina cristológica da epístola aos Colossenses se resume nesta grande e esplendorosa síntese soteriológica e cósmica:

O Cristo Imagem do Deus Invisível é o Onipotente Criador e Cabeça de todo o Universo incluidos os Anjos, Cabeça também da Igreja que é seu Corpo.

O Cristo é por isso o Único Mediador entre Deus e os Homens: pela sua Morte na Cruz aboliu a Lei Antiga, superou o demônio e obteve o perdão dos pecados.

Pelo Batismo os homens se inserem neste Corpo do Cristo e se tornam participantes da plenitude de sua divindade, e devem, por isso, manifestar esta vida divina pelas suas ações irrepreensíveis (cf. Hopfl-Gut., op. cit., ed. 5.ª, p. 401).

Sem dúvida alguma o trecho mais característico da epístola é do capítulo primeiro, versículo 15-20.

Vemos aí como é que São Paulo "acumula sôbre a cabeça do Cristo, segundo o seu costume, sem se preocupar do que poderíamos chamar ordem cronológica, todos os títulos que lhe pertencem em razão de suas duas naturezas" (Prat, op. cit., t. I, p. 343).

Benoit vê aí uma espécie de "díptico" sôbre a Supremacia do Cristo:

> na ordem da criação natural (v. 15-17).
> na ordem da "re-criação" sobrenatural, isto é, a redenção (v. 18-20).

Prat, por seu lado, prefere ver neste texto uma preocupação de Paulo idêntica à de João, isto é, "de não dividir o Cristo", considerando o mistério do Cristo como um todo, sem preocupação nítida de distinguir muito os diversos atributos que lhe convém. De modo que devemos ver como é que São Paulo tem em mira mostrar que o Cristo, na sua vida eterna, é a Imagem de Deus, o Primogênito, o Criador, o Conservador e o Fim de tôdas as coisas;

> na sua vida humana êle é o Primogênito de entre os mortos, a Cabeça do Corpo Místico, o Redentor dos homens e o Pacificador Universal;
> em ambos os seus estados Êle é Filho Dileto, o Fim de tôdas as criaturas, Êle domina a todos os poderes celestes e possui tôdas as plenitudes (cf. Prat. op. cit., p. 343).

Em todo o caso, o que é impressionante aqui nesta epístola é o modo pelo qual São Paulo focaliza com vigor até então não empregado, da maneira mais formal e explícita, o mistério da Divindade e da Supremacia do Cristo sôbre tôda a criação.

Não quer isto dizer que êste Mistério não tivesse sido focalizado em suas epístolas anteriores. Pois encontramos sôbre êle textos importantes nas grandes Epístolas (1.ª e 2.ª Cor (Gal e Rom). Mas não como tema principal da carta, como aqui.

Aliás, assinala Prat, temos aqui em Col como títulos característicos do Cristo considerados pela primeira vez: — o Cristo, Imagem do Pai, Primogênito de tôdas as criaturas, Autor, Conservador e Fim de tôdas as coisas;

— o Cristo elevado acima de todos os Espíritos Celestes, tanto como Criador quanto como Chefe Supremo de todos êles;

— o Cristo, possuindo tôda a plenitude, plenitude de divindade e plenitude de graças (não só no domínio sobrenatural, mas também no domínio natural e cósmico).

Enfim, amplas visões e características de certos aspectos dogmáticos ou morais são apresentadas pelo Apóstolo nesta Epístola.

Sem falar da questão da hierarquia angélica, sôbre a qual o Cristo exerce sua Supremacia absoluta, e que São Paulo trata como de passagem, na sua perspectiva grandiosa da Supremacia do Cristo — ("adotando as concepções de seu tempo sôbre as hierarquias angélicas como quadro de pensamento, ao qual aliás concede importância medíocre, a ponto de nem precisar de maneira clara o caráter bom ou mau, angélico ou demoníaco dêstes espíritos celestes", Benoit, op. cit., p. 49) — e nem desta questão interessante e grandiosa do "plerôma" divino que muita luz projeta nesta síntese do Mistério do Cristo, temos trechos por demais significativos sôbre o mistério da Igreja, sôbre a natureza dêste Corpo Místico, sôbre a incorporação do Cristão ao Cristo pelo Batismo, sôbre as conseqüências para a moral cristã de tôdas estas realidades sobrenaturais que integram o Mistério do Cristo.

Mas não resta dúvida que êstes aspectos conseqüentes serão mais explicitados na Epístola dita aos Efésios, com-

posta mais ou menos cojuntamente com esta, e que certamente foi concebida por São Paulo para ser complementar a esta aos Colossenses, como êle mesmo o afirma, recomendando que em Colossos fôsse lida a outra, e que esta fôsse levada aos Laodicenos (cf. Col 4, 16 — cf. mais abaixo o que se deve pensar dos destinatários da nossa atual Epístola aos "Efésios").

De modo que, em suma, o que importa compreender é que o pensamento central desta epístola aos Colossenses concentra-se todo, de maneira especial, no Mistério da Pessoa e da obra do Cristo, considerados do ponto de vista cristológico, soteriológico e cósmico.

O plano desta epístola aos Colossenses pode ser assim considerado:

1 — **INTRODUÇÃO:**	1, 1-12
— Saudação inicial:	1, 1-2
— Assunto geral da carta:	1, 3-12
— Ação de graças pelo passado	(1, 3-8)
— Orações e votos para o futuro	(1, 9-12)
2 — **PRIMEIRA PARTE DA CARTA:**	1, 13-3, 4
— Transição:	1, 13-14
— O Mistério do Cristo considerado em si mesmo:	1, 15-23
— A EMINENTE DIGNIDADE DO CRISTO	(1, 15-20)
— Na ordem da criação — Na ordem da salvação	
— A participação dos Colossenses à salvação	(1, 21-23)
— O Mistério do Cristo vivido e manifestado por Paulo:	1, 24-2, 5
— Trabalhos de Paulo a serviço do Mistério	(1, 24-29)

— Preocupações de Paulo pela fé dos Colossenses .... (2, 1 - 5)

— Mistério do Cristo tal como deve ser compreendido e vivido pelos Colossenses .... 2, 6 -3, 4

— Advertência contra os erros que se infiltram .... (2, 2 - 8)

— Supremacia do Cristo sôbre os homens e os Anjos .... (2, 9 -15)

— Erros de uma ascese falsa .... (2, 16 -23)

— Verdadeira ascese na união com Cristo .... (3, 1 - 4)

3 — **SEGUNDA PARTE DA CARTA:** .... 3, 5 - 4, 6

— Aplicações gerais do Mistério do Cristo 3, 5 -17

— Moral individual e social .... (3, 5 -15)

— Vida litúrgica .... (3, 16 -17)

— Aplicações particulares do Mistério do Cristo .... 3, 18 - 4, 6

— Moral doméstica .... (3, 18 - 4, 1)

— Espírito Apostólico .... (4, 2 - 6)

4 — **EPÍLOGO:** .... 4, 7 -18

— Missão de Tíquico .... 4, 7 - 9

— Saudações e recomendações .... 4, 9 -17

— Última saudação autógrafa com o voto final 4, 18

Quanto à autenticidade desta epístola aos Colossenses, já passou o tempo em que era moda negar ao Apóstolo a autoria da carta que tudo tem de seu.

Os principais argumentos dos que assim pensavam eram os conhecidos argumentos da incongruência doutrinária e do anacronismo de estar São Paulo combatendo erros gnósticos que só apareceram no segundo século (cf. Hopfl-Gut, op. cit.,

p. 402 para os pormenores sôbre êstes autores que recusam a autenticidade de nossa epístola aos Colossenses).

Mas nós já sabemos o que pensar dêstes "gnósticos" que muitos querem dar como sendo os perniciosos doutores de Colossos. Por isso a posição dêstes autores é insustentável.

Mesmo quanto aos argumentos tirados da doutrina exposta nesta epístola ou do vocabulário nela empregado ou das construções estilísticas, não podemos, em conhecimento de causa, subtrair à autoria do Apóstolo uma epístola em que tudo denota o seu pensamento, a sua concepção e o seu estilo (cf. Hopfl-Gut, op. cit., p. 402-404).

Testemunhas da Tradição sôbre esta questão: Autor da Epístola de Barnabé, Santo Inácio de Antioquia, São Policarpo, São Justino e São Teófilo Antioqueno, sem falar de Santo Ireneu, Clemente de Alexandria, Tertuliano e o Fragmento de Muratori.

A EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS

Uma das primeiras questões que provoca a Epístola aos Efésios é a questão de seus destinatários, pois muitas e graves são as dificuldades decorrentes de uma tal destinação.

Argumentos de ordem textual e de crítica interna impugnam a concepção de ter sido esta epístola destinada aos habitantes de Éfeso.

Em primeiro lugar as próprias palavras "en Epheso" (1, 1) estão ausentes em dois manuscritos antigos, e dos mais importantes: o Código "S" (o Sinaiticus, do IV século) e o Código "B" (o Vaticano, do IV século): estão ausentes

dos "Papyri Chester Beatty) e de alguns outros manuscritos, bem como dos Padres mais antigos: Orígenes, Tertuliano, São Basílio e outros.

É verdade que os outros manuscritos trazem a inscrição do lugar, mas a aparição dêstes destinatários é um fato explícavel, como adiante veremos.

O que é mais grave, e vem corroborar a ausência de menção aos Efésios, é que a epístola supõe desconhecidos de São Paulo êsses a quem êle se dirige, como também supõe que êstes ainda não o conhecem pessoalmente (cf. Ef 1, 15; 4, 21; 3, 2-4), o que seria muito dificilmente aplicável aos Efésios junto dos quais São Paulo permaneceu por um longo e continuado espaço de quase três anos (cf. At 19, 1-20; 1 Cor 16, 8s.; 2 Cor 1, 8) além de sua primeira estadia lá durante sua segunda viagem apostólica e o contacto em Mileto com os Presbíteros da Comunidade efesina (cf. At 18, 19-21 e 20, 17-38).

Além do mais, é uma epístola sem nenhuma informação de caráter pessoal, com certas frases meio estereotipadas, com um caráter muito mais pronunciado de "epístola" do que mesmo de "carta" afetiva com efusões do coração paterno de São Paulo.

Por isso, os autores em geral procuram solucionar estas dificuldades supondo que São Paulo tomou ocasião da crise colossense para explanar, de maneira mais completa, o mistério do Cristo com tôdas as suas conseqüências dogmáticas e morais, de tal sorte que, aproveitando a ida de Tíquico a Colossos com a epístola aos cristãos desta cidade, o Apóstolo tenha mandado como uma epístola circular para as Comunidades daquela região, tôdas com certeza abaladas pelas falaciosas doutrinas dos pseudo-doutores colossenses.

Assim teríamos explicado o caráter "impessoal" desta epístola e a intromissão posterior, no próprio texto, da referência aos destinatários, ou porque Éfeso fôsse a cidade mais importante daquela região, ou porque tivesse subsistido a cópia da carta nos arquivos da Comunidade efesina.

Desta maneira pensam Prat, Th. Zahn e muitos outros.

Benoît, assinala esta hipótese e procura explicar a menção dos Efésios por uma conjectura tirada da 2 Tim 4, 12, mas parece preferir outra explicação, a que já propunham J. Knabenbauer, S. J., A. Deissmann, Tillmann, Meinertz, J. M. Vosté O. P., H. J. Vogels (sem falar de Harnack), segundo a qual a nossa atual epístola seria a epístola aos Laodicenos mencionada em Col.

É o que êle diz na nota a Col 4, 16 (op. cit., p. 68), mas na Introdução à epístola aos Efésios, suas afirmações são bemolizadas nos seguintes têrmos:

"É realmente difícil precisar a quem esta epístola foi concretamente e diretamente enviada, e como é que ela veio a ser considerada escrita aos Efésios. Ela deve ter sido escrita logo após Col e levada pelo mesmo portador Tíquico.

Alguns quiseram ver nela esta carta que os colossenses devem procurar em Laodicéia (Col 4, 16). A hipótese é muito verossímil, mas não autoriza a pensar, como o fazia Marcião, que ela fôsse realmente intitulada "aos Laodicenos". Talvez que originàriamente não trouxesse nenhum sobrescrito e tenha sido depois intitulada "aos Efésios" por uma conjetura tirada de 2 Tim 4, 12 ou então porque encontraram-na nos arquivos de Éfeso, quando colecionaram as Epístolas de São Paulo.

Mas isto é conjetural e importa pouco, aliás" (op. cit., p. 74).

É verdade que a "Introd. N. T." de Hopfl-Gut em sua 5.ª edição revista por D. Metzinguer, não vê com bons olhos nem uma nem outra destas hipóteses e prefere considerar a carta como tendo sido realmente dirigida aos Efésios.

Mas por nossa parte achamos que esta opinião tradicional também não explica devidamente as dificuldades de ordem crítica e literária, e cremos não ser temerário supor, seguindo autoridades como Prat, S. J., Knabenbauer, S. J., Vosté, O. P. e Benoît, O. P. (para citar apenas êstes) ou que esta epístola tenha sido originàriamente uma epístola circular, ou melhor, que ela tenha sido realmente a "epístola aos Laodicenos" aludida em Col 4, 16, escrita logo após a da Comunidade de Colossos, com as mesmas preocupações, apenas mais dogmática e mais abstrata do que a que foi escrita ainda no calor da emoção causada pela crise de Colossos.

Portanto, para nós também, esta epístola dita "aos Efésios" é o resultado das exigências apostólicas de São Paulo que se viu como que forçado a "repensar sua síntese cristológica em função dêsses novos horizontes que lhe abriu a crise colossense" e de "fixar por escrito o seu pensamento para comunicá-lo à Igreja" (cf. Benoît, op. cit., p. 73).

É uma epístola que o Apóstolo destina a todos os cristãos, particularmente aos que provieram do paganismo. Embora enviada a uma Comunidade particular, conservou como que necessàriamente êste caráter meio abstrato e impessoal (cf. Hopfl-Gut, op cit., p. 411; Benoit, ibid., p. 73,; Prat, ibid., p. 325).

As idéias desenvolvidas na Epístola aos Efésios são substancialmente as mesmas que estão expostas na que São Paulo acabava de escrever aos Colossenses.

Em ambas êle se aplicou a explicar de maneira viva e seduzente o esplendoroso Mistério do Cristo na Igreja.

Mas ao passo que na primeira destas duas epístolas "gêmeas" êle desenvolve de preferência o primeiro aspecto soteriológico e cósmico da Encarnação do Verbo, na segunda êle prefere explicitar melhor as conseqüências eclesiológicas dêste mistério Cristológico.

E se na primeira epístola êle se deixou emocionar um pouco mais pelas inovadoras doutrinas que medravam por entre as Comunidades cristãs do Vale do Lycus, na segunda êle pôde desenvolver mais à vontade tôda aquela aprofundação teológica que lhe valeu o confronto da doutrina revelada com as novas lucubrações judeu-pagãs que se opunham ao dogma cristão.

Nas duas epístolas o assunto é o mesmo. As idéias são as mesmas, idêntica também a maior parte das expressões, sem que por isso uma seja plágio da outra ou falsificação: "reconhece-se, pelo contrário, um espírito que haure de sua própria fonte, sob o império dos mesmos desígnios e das mesmas necessidades" (Prat. p. 334).

Quanto ao primeiro aspecto do dogma da Supremacia cósmica do Cristo, Senhor e Salvador, a epístola aos Efésios se contenta apenas com um resumo grandioso daquela magnífica síntese suficientemente esboçada em Col.

Vemos, contudo, mais uma vez, que o "têrmo do plano divino é de "recapitular" o Universo sob um único e mesmo Chefe, o Cristo Jesus (1, 10), o qual é superior a todos os poderes celestiais (1, 21) porque foi êle quem subiu acima de todos os Céus (4, 10)" (Benoît, op. cit., p. 74).

São Paulo prefere então desenvolver o aspecto "pleromático" do Cristo, isto é, mostrar em que consiste êste "plerôma", esta "plenitude" exigência primordial de sua Supremacia espiritual e cósmica.

Aliás não é êste problema senão o próprio mistério do Cristo "místico" já apontado nas demais epístolas como parte integrante do próprio mistério redentor (cf. por exemplo Gal 3, 16: Abraão e tôda a sua descendência se "resume" no Cristo; Rom 6, 3 e Gal 3, 27: pelo Batismo os cristãos todos se sepultam no Cristo para ressurgirem com Êle e nÊle; 1 Cor 12, 12: o Cristo é um verdadeiro corpo com muitos membros), mas ainda não encarado diretamente, como nesta epístola aos Efésios.

E é por isso que encontramos focalizado com tanta precisão e tanta riqueza de desenvolvimentos o aspecto da autonomia da Igreja, o "plerôma" do Cristo, por causa de sua personalidade moral própria e peculiar.

São Paulo mostra então que a Igreja não é sòmente o corpo desta "Cabeça" que é o Cristo (cf. Ef 1, 22 s.; 4, 15 s.): ela é também a Espôsa" que está unida ao Espôso (Ef 5, 22-32).

Benoît (op. cit.) vê aqui como uma síntese de Col e Rom.

É o mesmo problema de Rom: — a rejeição de Israel e a vocação dos Gentios — tratado aqui em Col com muito maior serenidade e num plano diferente, isto é, num plano cósmico, celeste e eterno, onde tudo se harmoniza: Judeus e Gentios fazem igualmente parte do plano divino; a divisão que existia outrora e que de um certo modo se justificava foi totalmente e para sempre abolida pelo Sangue de Cristo, de

tal sorte que a Igreja é realmente um só Corpo com os Membros, membros entre si; que a Igreja é realmente uma única "Espôsa" e também um "Templo" único, onde todos se integram (esta a terceira imagem que traz São Paulo para completar as duas outras e focalizar êste aspecto de união que as duas outras já exprimiam cada qual num plano complementar).

Mas como êste "plano divino" está ainda como em "realização" São Paulo não pôde deixar de exortar seus destinatários à união e à unidade (Ef 4, 1-16).

Mas não é só êste aspecto coletivo da salvação que se realiza na unidade da Igreja; é também a própria noção da Igreja que está como que transportada para uma perspectiva cósmica: e é por isso que ela é realmente o "plerôma", isto é a "plenitude" do Cristo.

Na síntese dêste mistério da Igreja que o Apóstolo tenta focalizar em sua epístola, a Igreja se manifesta como "alargada segundo as próprias dimensões do Universo: pois embora se restringindo de si mesma, ao grupo dos humanos, ela parece, todavia, em virtude da harmonia do mundo que tem por centro e razão de ser o homem, arrastar na sua órbita o próprio destino do Universo" (Benoît, op. cit., p. 76).

É o que explica a menção tão repetida nesta como na Epístola aos Colossenses dos "espíritos celestes" bons e maus, porque todos os sêres se associam à salvação ainda que alguns o façam de maneira indireta.

E os comentadores consideram a alusão aos espíritos celestes feita de maneira mais pejorativa do que em Col. de maneira imprecisa, mas com uma noção muito nítida da vitória total do Cristo e da Igreja sôbre os espíritos demoníacos.

Por fim, muito mais fortemente indicado do que em Col o "esplendor do Mistério do Cristo" que exige uma verdadeira sabedoria sobrenatural para ser devidamente compreendido (cf. por exemplo, Ef 1, 3-14; 17-18; 3, 1-12. 16-19, etc.).

E é o que explica também tôdas as conseqüências para a vida moral que São Paulo assinala na segunda parte da epístola, bem mais desenvolvida do que em Col.

Digna de menção é a "panóplia" final (Ef 6, 10-17).

Podemos ainda notar com que cuidado São Paulo se aplica a explicitar os elementos principais da moral cristã quer na ordem individual quer na ordem social: para êle a prática das virtudes, a moral cristã em suma, só tem valor e só tem significação na perspectiva doutrinária do Mistério do Cristo.

Nada da casuística esterilizante e constrangedora: é a "liberdade" dos Filhos de Deus, os quais, inserindo-se no Mistério Soteriológico do Redentor e vivendo concretamente dêsse Mistério em suas últimas conseqüências práticas, constituem realmente o "Corpo" desta Cabeça que é Cristo, formam aquela que é "Espôsa", e ao mesmo tempo edificam o "Templo" que deve ser construído com perseverança e constância até ao fim dos tempos.

O plano desta Epístola aos Efésios é muito claro, e os autores todos estão de acôrdo não só quanto às linhas gerais da exposição como também quanto aos pormenores.

No entanto, por nos parecer mais perfeito que outros na determinação acurada de suas minúcias, escolhemos e adotamos o plano que propõe Benoît em seu comentário.

Pelo que, "data venia", passamos a transcrevê-lo, usando da liberdade de modificar certos títulos e subtítulos:

1 — **INTRODUÇÃO:** 1, 1-2

2 — **PRIMEIRA PARTE DA CARTA:** 1, 3-3, 21

— O Mistério da Salvação e da Igreja segundo o plano divino: 1, 3-2, 10

— Descrição do plano divino no Conselho de Deus .... (1, 3-14)

— Introdução

— Vocação à santidade

— Adoção divina no Cristo

— Redenção efetuada pela morte do Cristo

— Revelação do Mistério da Salvação: a supremacia do Cristo

— A vocação de Israel

— A vocação dos Gentios

— A consumação do Mistério no Espírito.

— Contemplação do plano divino na sua admirável aplicação: .... (1, 15-2, 10)

— Introdução

— Magnificência do plano divino

— Realização do plano divino no Cristo

— Realização do plano divino em nós

— Gratuidade da Salvação

— A União dos Judeus e Gentios numa mesma e única Salvação: 2, 11-22

— Os gentios excluídos da salvação reservada a Israel .... (2, 11-13)

— A obra unificadora do Cristo .... (2, 14-18)

— Reconciliação entre Judeus e Gentios

— Reconciliação de Judeus e Gentios com Deus

— A Igreja, concretização e continuação da obra do Cristo .... (2, 19-22)

— O Mistério do Cristo e da Igreja manifestado e pregado por Paulo: 3, 1-3

— Sofrimentos de Paulo pelos Gentios (3, 1 e 13)

— Vocação e Missão de Paulo .... (3, 2-4 e 7-8)

— Revelação do Mistério .... (3, 5 e 9-10)

— Conteúdo do Mistério .... (3, 6 e 11-12)

— Oração de Paulo pelos fiéis e ação de graças: 3, 14-21

3 — SEGUNDA PARTE DA CARTA: 4, 1-6, 20

— Princípios gerais da Santidade cristã: 4, 1-24

— Guardar a união dos corações e do espírito .... (4, 1-16)

— na vida fraterna

— na repartição dos ministérios

— na doutrina

— Despir-se do homem velho e revestir-se do Cristo .... (4, 17-24)

— Aplicações particulares da santidade cristã: .... 4, 25 - 6, 5

— quanto à moral individual, pela supressão dos antigos vícios: .... (4, 25 - 5, 20)

— mentira

— ira

— roubo

— maldades

— impureza e grosseria

— quanto às relações sociais .... (5, 6-20)

— nas relações com o mundo

— Não ter conivência com o mal mas corrigi-lo

— conduzir-se no mundo com sabedoria

— na vida litúrgica pelo Espírito .... (5, 18-20)

— quanto às virtudes domésticas .... (5, 21 - 6, 9)

— as espôsas e os espôsos

— os filhos e os pais

— os escravos e os mestres

— quanto ao bom combate espiritual .. (6, 10-20)

— o objeto de combate espiritual

— a armadura espiritual

— a grande arma da Oração

4 — EPÍLOGO: 6, 21-24

— Notícias pessoais e missão de Tíquico: ... 6, 21-22

— Saudação do Apóstolo e voto final: 6, 23-24

A autenticidade desta epístola aos Efésios é que foi e continua ainda muito combatida, e todos aquêles que a não querem considerar como uma epístola do Apóstolo, tiram argumentos da semelhança de Ef com Col, ou ainda da doutrina esplanada da epístola, assim como da linguagem empregada e do estilo.

De fato, a semelhança entre Ef e Col é de impressionar, e já o Padre Prat fizera cuidadosamente o balanço das coisas próprias de cada uma e da quase totalidade dos textos comuns às duas. Mas daí concluir a uma imitação inábil de um discípulo que se teria servido de Col para realizar uma obra de falsário, ou então exigir intromissões num texto genuíno do Apóstolo, de perícopas independentes do próprio Paulo ou de um discípulo, o qual teria costurado tôda aquela matéria de mão inexperiente, vai muito longe.

A semelhança se explica muito suficientemente pelo fato de tratarem as duas epístolas do mesmo assunto, de terem sido escritas na mesma ocasião, e quem sabe mesmo concomitantemente. E sobretudo de ter sido a segunda, isto é, a nossa epístola aos Efésios, uma nova elaboração num plano mais sereno de exposição dogmática, das mesmas idéias anteriormente expostas no ardor da polêmica.

Além do mais, a unidade de pensamento e de estilo impedem a aceitação da hipótese gratuita de ser Ef um amálgama de perícopas heteróclitas (cf. para mais amplos pormenores Höpfl-Gut, op. cit., p. 414-415 e Benoît, op. cit., p. 78).

Quanto às dificuldades de estilo e de ordem literária, embora sérias, são tôdas elas solúveis. Não só porque êste estilo "pesado e redundante" já se encontra em Col e ninguém o invoca para rejeitar esta última, mas também porque

êle se manifesta em outras epístolas, inclusive em Rom e 1, 2 Cor.

Em Ef e Col êle se explica por causa do assunto tratado. Por isso também são particularmente numerosas as expressões exclusivas.

A doutrina exposta em Ef não pode servir de argumento contra a autenticidade porque ela já se encontra em Col e encontra-se também em germe nas grandes epístolas Rom 1, 2, Cor e Gal.

Em todo o caso se muitos dos argumentos contra a autenticidade podem não ficar satisfatòriamente elucidados quanto a certos e determinados pormenores, podemos, sem negar a autoria do Apóstolo na confecção da Epístola, dizer com Benoît: "É ainda possível imaginar que, no caso de Ef, Paulo tenha deixado maior liberdade do que de costume ao Discípulo que o ajudava a escrever a carta, e não lhe tenha ditado senão certo número de desenvolvimentos essenciais, conferindo-lhe autonomia para terminar a redação sob forma de carta com a ajuda de Col. Aliás não se trataria aqui senão de uma intervenção muito superficial, muito menos considerável do que aquela que se admite em geral para a redação de Hebr ou das epístolas de São Pedro. De sorte que podemos estar certos e tranqüilos de que lendo Ef estamos deveras "comungando" com o pensamento e o coração de São Paulo" (op. cit., p. 78).

Testemunhas da autenticidade paulina de Ef são, entre outros, São Clemente Romano, Santo Inácio de Antioquia, São Policarpo, São Justino, Santo Ireneu, Clemente de Alexandria, Tertuliano e o Fragmento de Muratori.

A EPÍSTOLA A FILÊMON

Com relação a esta epístola escreve o Padre Prat: "Esta minúscula obra-prima de tacto, urbanidade, nobreza e fina graça foi a primeira declaração cristã dos direitos do homem" (op. cit., t. I, p. 329).

E de fato. Não que tenha sido esta a primeira vez que o Apóstolo tratou das relações sociais e dos mútuos direitos dos homens. Mas na carta a Filêmon, seu discípulo e "filho" na fé (cf. Flm 19), São Paulo aplica a um caso concreto aquilo que já expusera aos fiéis mais de uma vez, de viva voz e por escrito.

Sua proclamação de princípios fôra solene e decisiva: "Todos vós sois filhos de Deus pela fé, no Cristo Jesus: revestistes o Cristo, vós todos que fostes batizados no Cristo. Por isso não há mais Judeu nem Grego, não há mais escravo nem homem livre, não há mais homem nem mulher: sois todos um só no Cristo Jesus!" (Gal 3, 27-28 cf. também 1 Cor 7, 20-21).

Por aí vemos que se para o Cristão o que importa é estar unido a Cristo pela fé e pelo Batismo, as condições exteriores de ordem individual ou social, pouco importam.

Diante de Deus o que conta é que todos sejam "um em Cristo"; não "uma só coisa", porém "uma só Pessoa" em Cristo, formando todos um único Cristo Místico (cf. Prat p. 330).

O cristão, portanto, não deve procurar revolucionar com violência a situação existente de fato senão infundir um novo espírito em tôdas estas instituições aperfeiçoando-as a pouco e pouco, e, gradativamente, em virtude desta insuflação de

espírito novo e sobrenatural, tornar mais "divinas" as relações entre os homens: pois estas se "humanizarão" na medida em que se "divinizarem".

Esta é a razão da importância do bilhete de Paulo a Filêmon, que, mantendo-se na linha de sua exposição doutrinária da epístola aos Gálatas e aos Coríntios, aplica a um caso concreto os princípios gerais de renovação, adaptando-os ao estado de coisas que encontrava, e sugerindo ao mesmo tempo o têrmo a obter paulatinamente em virtude dêste mesmo princípio sobrenatural restaurador.

Pelos têrmos da carta nós sabemos qual era o fato concreto que se apresentava diante do Apóstolo: Onésimo era um escravo fugitivo (v. 15. 18). Ao deixar seu Senhor, Filêmon, tinha mesmo roubado alguma coisa, em dinheiro ou em espécie (cf. v. 18). Refugiado em Roma, aí conhecera o Apóstolo e se tinha convertido ao Cristianismo (v. 10). "Gerado no encarceramento", Onésimo era para São Paulo um filho de certo modo mais amado que outros (v. 12). Por causa disso, antes de mais nada, o Apóstolo não desejava que êle fôsse tratado com o rigor do direito (v. 9. 17. 18. 19).

Mas havia algo mais do que uma simples afeição do Apóstolo para com o fugitivo culpado: é que Filêmon, o Senhor do escravo, era cristão e que o próprio escravo culpado não era mais o mesmo que quando cometera o crime: êle se tinha convertido ao Cristianismo. Êle era um batizado, e embora sem deixar de ser escravo, não podia mais ser tratado por Filêmon como uma "coisa" (conforme lhe autorizava o direito pagão), mas devia ser tratado como "irmão" (v. 16).

São Paulo não exige de uma vez que Filêmon liberte seu escravo. Êle sabia que esta transformação social, exi-

gida aliás pelos próprios princípios do Cristianismo, se deveria processar paulatinamente. Mas pelas recomendações insistentes a Filêmon êle manifesta com clareza que êle exige que o cristão trate a seu escravo como "homem". E se o escravo é cristão, que o dono o trate como "irmão". Porém sugere, aconselha, e, com discreta insistência mesmo, que lhe seja dada a liberdade (v. 14-16. 21).

De modo que se a epístola a Filêmon que parece ter sido escrita tôda inteira do próprio punho do Apóstolo, é sobretudo uma destas cartas em que São Paulo se manifesta ao vivo com todo o encanto de sua rica personalidade, como num instantâneo, deixando passar através de seus pensamentos e de suas palavras a terna afeição que devotava a cada um dos seus filhos, ela não deixa de ser uma epístola preciosíssima acêrca de um ponto capital de justiça social e da maleabilidade que encerra o Cristianismo em seus princípios para se acomodar, sem destruí-los de uma vez e violentamente, mas também sem consentir em qualquer demissão, aos costumes sociais vigentes, embora imperfeitos.

Do ponto de vista das circunstâncias históricas reveladas nesta epístola ficamos sabendo que Filêmon fôra também convertido por São Paulo: é o que decorre muito claramente da alusão do versículo dezenove.

Filêmon parece ser um cristão fervoroso, visto que em sua própria casa se reunem os fiéis (cf. v. 2). Além do mais, torna-se objeto de efusivas ações de graças da parte do Apóstolo, pois se é verdade que os versículos 4-7 possam ser materialmente considerados como uma "captatio benevolentiae" de boa tática, o resto da epístola, o tom afetuoso e sinceramente comovido de São Paulo, não deixam a menor sombra de dúvida quanto à sinceridade do Apóstolo elogian-

do seu fiel discípulo pelo fervor com que se aplica aos seus deveres cristãos e à prática da caridade fraterna.

Filêmon era secundado por sua mulher Ápia e seu filho Arquipo (segundo o que inferem vários comentadores, entre os quais Benoît, op. cit., p. 41; comp. a Col 4, 17).

Parecem ser colossenses de origem (cf. Col. 4, 9. 17), e como Paulo não esteve em Colossos, é plausivel a suposição de Éfeso para o lugar de seu primeiro encontro com Paulo (cf. Benoît, p. 39).

O versículo 9 é um dos indícios mais significativos para a determinação do cativeiro romano como ocasião desta epístola e das demais que lhe foram contemporâneas. É verdade que a alusão é mais hiperbólica e de ordem afetiva do que estritamente rigorosa, mas os seus 50 a 55 anos bem soados e vividos no meio de tantas e tamanhas atribulações, que eram a sua idade nesta época de seu encarceramento em Roma, podiam valorizar estas suas palavras destinadas a comover seu destinatário.

Pela epístola aos Colossenses sabemos que esta carta a Filemon foi levada pelo mesmo portador Tíquico, que levava Col e Ef (cf. Col 4, 7-9).

São os mesmos companheiros de Paulo que aparecem em Flm e em Col, a saber: Épafras, Marcos, Aristarco, Demas e Lucas.

Do ponto de vista psicológico, Prat já observava que "as ordens, os conselhos e as súplicas se misturam de tal maneira que é difícil dizer onde terminam uns e onde começam outros". Assim: São Paulo *suplica*: como amigo, como ancião, como Apóstolo, como prisioneiro do Cristo; *aconse-*

lha: esperando o consentimento do interessado e sua aceitação espontânea; bem que poderia *ordenar*, enquanto representante do Cristo a um cristão, e por isso *conta com a obediência* de seu discípulo para que receba o escravo como se fôsse êle próprio. (cf. Prat, op. cit., p. 332, n. 1).

Do ponto de vista doutrinário, a epístola estabelece que reconhece os direitos vigentes do senhor para com seu escravo e tudo o que decorria da infidelidade do escravo para com o Mestre.

Reconhecendo os direitos de Filêmon sôbre Onésimo, mesmo depois que êste último se tornou cristão, o Apóstolo tem escrúpulo em guardar junto de si o escravo que se tornou para êle um filho indispensável, e portanto devolve ao seu mestre o que lhe pertence, para que êste depois resolva o que mais lhe convier.

Em virtude de seu cristianismo, Filêmon fica entretanto como que proibido de castigar o escravo infiel. É o que motivou a carta, e é o ponto nevrálgico da questão: os cristãos têm deveres mútuos que lhes proíbem certos atos permitidos pelo direito ora vigente. E São Paulo dá tanta importância a isto que toma a si tôda a responsabilidade (v. 18-20).

Por fim, o conselho, às vêzes mesmo insistente, que transparece várias vêzes no decorrer da epístola: a generosidade cristã deve ultrapassar os estreitos limites da justiça: a alforria do escravo convertido deve ser considerada como uma conseqüência do espírito cristão, mais perfeito, pois, segundo o pensamento do velho Apóstolo, o cristão deve ainda ultrapassar o ideal de uma caridade e de uma generosidade de nível comum.

Enfim, se quiséssemos realçar êste ou outro pensamento do Apóstolo, esta ou outra palavra, não o conseguiríamos, e acabaríamos citando a epístola inteira.

No entanto quanta emoção nas palavras do Apóstolo: "Embora tenha eu no Cristo tôda a liberdade necessária para te prescrever o teu dever, prefiro invocar a caridade e apresentar-te uma súplica, esta súplica de Paulo, já velho, e agora prisioneiro do Cristo. E a súplica é em favor do filho que gerei aqui na prisão, êste Onésimo... que eu te devolvo como se estivesse te devolvendo o meu próprio coração"... (v. 8-13).

... "Se, pois, levas em alguma conta os laços que nos prendem, recebe-o como se fôsse eu mesmo. E se êle te lesou ou te deve ainda alguma coisa, põe na minha conta. Eu, Paulo, me comprometo, de meu próprio punho: sou eu quem vai pagar... e sem nada dizer da dívida que contraíste comigo para sempre, que és tu mesmo!"... (v. 17-18).

..."Escrevo-te com uma confiança total em tua docilidade: bem sei que farás ainda mais do que eu te peço"... (v. 21).

O plano da Epístola é óbvio:

1 — INTRODUÇÃO: .... v. 1 - 3

— (Saudação inicial)

2 — CORPO DA CARTA: .... v. 4 -21

— Ação de graças pela fé e pela caridade motória de Filêmon: .... v. 4 - 7

— Exortação a Filêmon para que receba Onésimo com afeição de irmão: . v. 8 -13 + 16-17

— Razão de sua interpelação: a conversão de Filêmon: .... v. 15

— O Apóstolo se responsabiliza pela compensação da dívida: .... v. 18-19

— O Apóstolo deseja que Filêmon conceda a alforria a Onésimo: ...... v. 14, 20-21

3 — EPÍLOGO: .... v. 22-25

— O apóstolo pede hospedagem para sua próxima e possível chegada: .... v. 22

— Saudações finais: .... v. 23-24

— Voto final: .... v. 25

Quanto à autenticidade desta Epístola houve quem a pusesse em dúvida, mas por causa de um exagerado facciosismo, que aliás já passou de moda, e hoje não atrai mais ninguém que se vanglorie de seriedade e probidade científicas.

E se os testemunhos da tradição em favor desta minúscula epístola são de fato raros, a coisa é explicável dada a brevidade da carta que pode muito bem ter passado desapercebida aos primeiros Padres.

No entanto encontramos menção dela não só em São Jerônimo, como também em Orígenes, Tertuliano e no Fragmento de Muratori.

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS PASTORAIS DE SÃO PAULO

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS PASTORAIS DE SÃO PAULO

AUTENTICIDADE DAS PASTORAIS

DESTINATÁRIOS DAS EPÍSTOLAS PASTORAIS

OCASIÃO E FIM DA COMPOSIÇÃO DAS PASTORAIS

DATA E LUGAR DA COMPOSIÇÃO DAS PASTORAIS

SÍNTESE DOUTRINÁRIA DAS PASTORAIS

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS PASTORAIS DE SÃO PAULO

De suma utilidade é a leitura das Epístolas Pastorais de S. Paulo, sobretudo para os Pastores de almas. É verdade que o Apóstolo não pretendeu, com estas Epístolas, fazer tratado completo sôbre os deveres pastorais e, por isso mesmo, não seguiu uma ordem metódica, que seria, de fato, ótimo fator a contribuir para uma mais fácil inteligência da sublime doutrina contida nestes documentos. Contudo, o grande Apóstolo apenas se propunha remediar males e sanar situações, criadas pela astúcia dos homens e pelos pregadores de falsas doutrinas. É dêste modo que seus conselhos constituem fonte inexaurível, a que recorrem pastores e doutores de todos os tempos. De tão grande importância julgava Sto. Agostinho serem estas Epístolas para os Pastores de almas que afirmava deverem encontrar-se sempre em suas mãos (1). A Santa Igreja, por seu turno, recomenda insistentemente seu estudo aos sacerdotes, nas cerimônias da Ordenação Sacerdotál (2).

Chamam-se Pastorais as Epístolas escritas por São Paulo aos seus discípulos Timóteo e Tito: duas ao primeiro e uma

---

(1) De Doctrina Christiana IV, 16.

(2) Pontificale Romanum, "De Ordinatione Presbyteri".

ao segundo. O nome de Pastorais, pelo qual se designam estas Epístolas, data apenas do século XVIII. Certamente, êste nome não é dos mais felizes em exatidão, mas, porque já consagrado pelo uso e por não urgirem razões da maior monta, não é preciso abandoná-lo (3). Assim se denominam ou porque se dirigem a dois Pastôres de almas ou porque a matéria que expõem se refere ao ministério apostólico, como sejam a escolha de ministros, suas virtudes e deveres etc.. Além disso, há grandes afinidades entre estas três Epístolas: o estilo é muito semelhante, o assunto é idêntico, há coincidência de situações que tôdas supõem, são os mesmos os erros combatidos etc. Esta designação, portanto, serve ao menos para caracterizá-las em um grupo distinto das demais Epístolas paulinas.

Nesta abreviada Introdução trataremos da autenticidade, dos destinatários, da ocasião e fim, da data e lugar da composição das Epístolas Pastorais. Acrescentaremos uma síntese doutrinária de tudo o que aí vem exposto por São Paulo.

AUTENTICIDADE DAS PASTORAIS

Antes do século XIX, por assim dizer, não foi posta em dúvida a autenticidade das Epístolas Pastorais. Poucos herejes do século II rejeitaram-nas: Marcião (4), pai dos marcionitas

---

(3) Não são chamadas Pastorais no mesmo sentido em que se entendem as pastorais dos bispos de nosso tempo. As de São Paulo são dirigidas a pessoas particulares e as dos bispos de hoje destinam-se à instrução de todos os seus diocesanos.

(4) Assim diz Tertuliano (contra Marcionem 5, 21) de Marcião: "Miror quod... ad Timotheum duas et unam ad Titum de ecclesiastico statu compositas recusaverit. Affectavit, opinor, etiam numerum epistularum interpolare".

(o qual aliás só admitia o III evangelho e algumas Epístolas de São Paulo, assim mesmo mutilando êstes livros com o fim de adaptá-los aos seus erros (5), Basílides, (6) e provàvelmente, Taciano que, contudo, ao menos admitia a Epístola a Tito (7). Êstes testemunhos contrários, porém, nenhuma influência lograram na Igreja, nem mesmo entre os demais herejes; é que, como bem notou Clemente Alexandrino (8), todos eram eivados de preconceitos doutrinais.

Do século II ao XIX, durante 17 séculos portanto, as Epístolas Pastorais foram reconhecidas como autênticas e sagradas por todos, quer católicos, quer cismáticos, quer herejes. Testemunho tão luminoso de uma autêntica tradição começou de ser deslustrado por autores suspeitos do século XIX, que tentaram ressuscitar as posições já soterradas de Marcião, "con la sola differenza che agli antichi concetti teologici di Marcione furono sostituiti canoni fissi di determinate scuole" (9).

---

(5) Sto. Ireneu, de algum modo, aponta as razões por que Marcião rejeitou as Pastorais. Assim diz êle "Similiter autem et apostoli Pauli epistulas abscidit, auferens quaecumque manifeste dicta sunt ab Apostolo de eo Deo qui mundum fecit, quoniam hic pater Domini Nostri Iesu Christi, et quaecumque ex propheticis memorans Apostolus docuit" (1, 27, 2). Efetivamente há nas Pastorais diversos pontos doutrinais incompatíveis com os erros de Marcião. Eis alguns exemplos citados por Cornely. (Introductionis in S. Scripturae libros compendium II. 29): 1 Tim 1, 8 ss. sôbre a lei; 1, 18; 2, 5 s.; 4, 1-5; 2 Tim, 1, 5; 2, 8; 3, 14 ss.; Ti 1, 15 etc.

(6) Segundo São Jerônimo (Praefatio in Comment. ad Ti), também Basílides rejeitava as Pastorais.

(7) Hoje já se considera adversário duvidoso das Pastorais. Cf. G. Ricciotti, "Paolo Apostolo", pg. 549, seg. edição.

(8) Stromata 2, 2.

(9) Ricciotti, o. c., 549.

O primeiro que levantou dúvidas contra a primeira a Timóteo foi Schimidt em 1804. Seguiu-se Scheiermacher, em 1807, que gratuitamente afirmava ser a primeira a Timóteo composta por um falsário que se serviu de parte da 2 Tim e Ti. Dêste modo, até 1835, só a 1 Tim foi posta em dúvida ou simplesmente negada por outros autores como Bleeck, Neander, Ritschl, Reuss e outros.

Em 1835 Cristiano Baur, baseado na inegável labilidade do exame interno, se tomado com exclusividade, pretendeu demonstrar que tôdas as Epístolas são espúrias e foram exaradas no século II com o fim de refutar o agnosticismo e de constituir a hierarquia eclesiástica. Teve como seguidores, mais ou menos fiéis, Hilgenfeld, Schwegler, Volkmar, Schenkel e outros. Com o andar dos tempos, chegou-se à conclusão de que os argumentos de Baur eram errôneos, pois viu-se logo que os erros do agnosticismo e a constituição da hierarquia são mais antigos do que o século II.

Nos últimos tempos, apareceu outra tendência, aparentemente conciliadora, a qual sustenta que as Pastorais são um acêrvo de pequenos trechos extraídos, mutilados e acrescidos das outras Epístolas paulinas. Esta hipótese foi ventilada por Credner em 1836. O grande trabalho dos sequazes de Credner é determinar os trechos originários de outras Epístolas paulinas que teriam servido para a confecção destas nossas Epístolas. Não existe, porém, nem era de esperar que existisse, concórdia entre êstes autores no apontar os trechos de outras Epístolas que deram origem às nossas. O mesmo se diga sôbre o tempo da composição dêstes fragmentos e das adições. Desta sorte, êstes autores admitem nas Pastorais trechos genuínos de São Paulo. Comungam com Credner na mesma opinião, com pequenas divergências,

Harnack, Goguel, von Soden, Dibelius, Knopf. Um tanto perplexos se mostram Feine, Weiss e Deissmann (10).

Entre estas sentenças tão discordes a tendência que, mais e mais, se manifesta é uma volta paulatina à tese tradicional. Assim é que, hoje, a autenticidade das Pastorais é admitida não só por todos os católicos, mas até por alguns protestantes conservadores, como Godet, Zahn, Michaelis e por numerosos anglicanos, entre os quais se avantaja Hitchcock.

Baseiam-se os adversários nas seguintes razões para negar a origem paulina das Pastorais: não se podem determinar as circunstâncias de tempo e de lugar em que as Pastorais teriam sido escritas por São Paulo; a língua e o estilo diferem tanto das Epístolas paulinas que não pode ser um só autor; o autor fala de si mesmo de tal modo que logo se percebe tratar de ficção; os herejes combatidos nestas Epístolas são do século II ou do fim do século I.

Tôdas estas dificuldades são derivadas do exame interno das Epístolas Pastorais. Vejamos, porém, antes o testemunho solene da tradição, favorável à sua autenticidade. Daí passaremos ao exame interno. Damos mais importância aos testemunhos de ordem externa, pois "un' si' pronunziato nel secolo II dal Frammento Muratoriano (insieme con tanti altri documenti, come nel caso nostro), vale ben più di cento' no' decretati da seguaci di teorie moderne destinate ad appassire dopo qualche decennio" (11).

---

(10) Alguns hoje se contentam com limitar suas dúvidas ou negações a alguns trechos apenas nas Pastorais. Assim Knock que na Epístola a Tito considera espúrios tão sòmente 4 versículos (7. 9. 12. 13) do capítulo 1 e na Tim só algumas inversões feitas pelos copistas e na 2 Tim cêrca de 20 versículos que trazem instruções sôbre a hierarquia.

Escusado dizer que Rénan, sempre sorridente para qualquer teoria prenhe de contradições, abraça a teoria esposada por Harnack.

(11) Ricciotti, o. c. 550.

1. TESTEMUNHOS EXTERNOS

A) *Citações implícitas.* Encontram-se nos Padres Apostólicos (S. Clemente Romano, epístola de Barnabé, Sto. Inácio Martir, S. Policarpo, epístola a Diogneto...) reminiscências mais ou menos caracterizadas das Pastorais. Ao menos as que se encontram na carta de S. Policarpo aos Filipenses parecem incontestáveis e... seria ridículo admitir com Renan que fôssem "frases feitas espalhadas ao ar nesta época" (12). Aos Padres Apostólicos acrescentem-se as recensões encontradas em alguns Padres apologetas do século II, como S. Justino e S. Teófilo Antioqueno.

Segundo Xavier Funck (edição dos Padres Apostólicos, Tubinga, 1911-13) conclui-se que nos documentos remanescentes dêstes Padres a 1 Tim tem cêrca de 20 alusões e citações, a 2 Tim tem 14 e a ad Ti tem 12. Destas alegações algumas são postas fora de dúvidas: três para 1 Tim em Policarpo, Atenágoras e Teófilo Antioqueno, duas para 2 Tim em Policarpo e Teófilo Antioqueno e três para a ep. a Tito em Clemente Romano, ep. a Diogneto e Teófilo Antioqueno.

B) *Testemunhos explícitos.* Não faltam abundantes e explícitos testemunhos favoráveis à autenticidade das Pastorais. São testemunhos, segundo afirma Brassac (13), "graves, cultos, independentes uns dos outros, pois viviam em tôdas as partes da cristandade".

Começando dos mais antigos, mencionemos Ireneu, bispo de Lião, asiático de nascimento, gaulês de adoção, o qual cita

---

(12) Apud. J. Renié, S. M., "Manuel d'Écriture Sainte", tomo VI (seg. edição), pg. 422.

(13) Brassac, t. IV (14.a edição), pag. 464.

sob o nome de Paulo textos de cada uma de nossas três Epístolas. Sirvam de exemplo as seguintes alusões: "Quidam inducunt verba falsa et genealogias infinitas, quae quaestiones magis praestant, quaemadmodum Apostolus ait. . ." (Isto é manifesta alusão a 1 Tim 1, 4: "ut denuntiares quibusdam ne aliter docerent neque intenderent fabulis et genealogiis interminatis, quae quaestionem magis praestant quam aedificationem Dei"... (14). "Ipse autem Paulus manifestavit in epistolis dicens: Demas me dereliquit et abiit Thessalonicam, Crescens in Galatiam, Titus in Dalmatiam, Lucas est mecum solus" (15); isto é tirado de 2 Tim 4, 9. 10. 11. "Quaemadmodum Paulus ait: haereticum autem hominem post unam correptionem devita, sciens quoniam perversus est qui est talis est a semetipso damnatus" (16); Ireneu cita aqui Ti 3, 10.

O Fragmento de Muratori, do fim do século II, enumera entre as Epístolas de Paulo: "... ad Titum una et ad Timotheum duae pro affectu et dilectione, in honorem tamen Ecclesiae Catholicae, in ordinatione ecclesiaticae disciplinae sanctificate. sunt" (17).

Clemente de Alexandria, no Egito, muitas vêzes, refere a autoridade destas três Epístolas que vêm citadas, algumas vêzes, com o nome expresso de Paulo. Eis um exemplo: "pietas ad omnia utilis est, dicente Paulo (1 Tim 4, 8), ut quae promissionem habeat vitae praesentis et futurae" (18).

---

(14) Adversus haereses, I, 1.

(15) Ibid. III, 14, 1.

(16) Ibid. III, 3, 4.

(17) Enchiridion Biblicum 4, linhas 60-63.

(18) Cohort. ad gentes, c. 9. Outros exemplos vide apud Simon-Prado, "Praelectiones Biblicae", edição 5.a, pag. 379.

Tertuliano, na África, é testemunho precioso em favor destas Epístolas. Êle "garante a origem paulina das Epístolas Pastorais; a seu ver, o sentimento da Igreja é únânime sôbre êste ponto: seis vêzes ao menos o doutor africano atribui expressamente a Paulo textos de nossas Epístolas" (19). Tertuliano propõe-se demonstrar contra Marcião a autenticidade das Pastorais.

Sto. Hipólito: "Qui (Paulo) praedicens ea quae frustra quidam novaturi essent, dixit in hunc modum: Spiritus autem manifeste dicit; in novissimis temporibus discendent quidam a sana doctrina etc." (20). Alega-se 1 Tim 4, 5.

Orígenes fez comentários às nossas Epístolas. Entretanto, só chegou até nos um fragmento, o correspondente a Ti 3, 10. 11. Além disso, no comentário ao Evangelho de Mateus traz testemunhos extraídos das Pastorais.

Eusébio de Cesaréia, de ordinário "tão afeito a considerar duvidas levantadas contra a origem de tal ou tal livro no N. T., não duvida em classificar nossas Epístolas entre os escritos homologados" (21). Seu testemunho cresce em valor pelo fato de ter êle perlustrado documentos antiquíssimos e em maior número do que os que hoje conhecemos.

S. Jerônimo, no proêmio de seu comentário a Tito, dêste modo defende contra Marcião e Basílides a autenticidade das Pastorais: "Ut enim de ceteris epistolis taceam — de quibus quidquid contrarium suo dogmati viderant, eraserunt — nonnullas integras repudiandas crediderunt, ad Timotheum videlicet utramque, ad Hebraeos et ad Titum; et

(19) Lusseau et Collomb, t. V (ed. 2.ª), pag. 132.

(20) Philosophumena VIII, 20.

(21) Renié, o. c. 422.

si quidem rederent causas cur eas Apostoli non putarent, tentaremus aliquid respondere..." (22).

A êstes podem acrescentar-se os testemunhos das antigas versões, pois as Pastorais aparecem nas versões latinas (começo do século II), nas versões cópticas (século III), na siríaca Peschitta (século IV-V), como também aparecem nas transladações de maior importância.

2. TESTEMUNHOS DO EXAME INTERNO

Nas Epístolas Pastorais as doutrinas dominantes são eminentemente paulinas, isto é, pertencem ao número daquelas que São Paulo repete sempre, pois que as tem no íntimo do coração. Eis alguns exemplos: todos os homens são pecadores e, por isso, precisam de salvação; a salvação, estatuída por decreto eterno de Deus, foi revelada por Cristo que é verdadeiro homem, nascido da progênie de Davi, e verdadeiro Deus, e se entregou pela salvação de todos sem limites. Para obter esta salvação a lei mosaica é inútil, não bastam também as simples obras, mas se requer a fé; a santificação é um dom gratuito de Deus. Tudo isto será plenamente manifestado no segundo advento de Cristo.

Aí também se encontram os mesmos sentimentos e afetos das Epístolas Maiores, a mesma consciência da dignidade apostólica, o mesmo vivíssimo sentimento da gratidão pela vocação à dignidade apostólica. Externa, como alhures, sua grande dor por ter perseguido anteriormente a Igreja de Deus, mostra a grande estima que tem da dignidade cristã, afirma convictamente sua autoridade e seu ternissimo afeto

(22) M PL 26, 555.

para com os discípulos, sua humildade profunda e seu ardentíssimo amor para com Cristo.

Os perturbadores e os erros, combatidos aqui, têm muita semelhança com os que são combatidos nas Epístolas aos colossenses e aos efésios, escritas pouco tempo antes.

A língua e o estilo. — O vocabulário das Pastorais engloba 897 palavras, das quais 285 (quase um têrço, portanto) não se encontram em outras Epístolas de São Paulo. Destas, 171 são "hapax" com relação ao Novo Testamento.

Esta proporção impressiona desfavoràvelmente logo à primeira vista, mas bem cedo desvanece após um exame mais minucioso. Com efeito, 180 destas palavras se lêem na versão dos LXX, à qual São Paulo estava muito familiarizado. Dois terços dêstes "hapax" são "nomes compostos ou derivados que se encontram em São Paulo no estado simples ou sob uma outra forma, ou compostos com auxílio de outros elementos" (23). Como exemplo cita Jacquier as palavras compostas com "hypér", característica do vocabulário paulino. Acrescentem-se os têrmos técnicos referentes às heresias combatidas, como sejam genealogia, pseudônimos, "gymnasia" etc., e os exigidos pelo assunto próprio das Epístolas, isto é a organização hierárquica das igrejas. Alguns latinismos assinalados ("quam ob rem, gratiam habere, praeiudicium etc.)" explicam-se fàcilmente pela sua estadia em Roma, uma vez que para executar seus projetos de evangelização da Espanha, devia o Apóstolo conhecer suficientemente a língua latina.

---

(23) E. Jacquier, "Histoire des livres du Nouveau Testament", t. I (Les Épitres de saint Paul), pag. 361.

A situação particular, suposta por estas Epístolas, justifica a ausência de certas palavras que se encontram nas Epístolas precedentes e também a ausência de certas conjunções, como "ára, ara-ún, dió, dióti etc.". Nas Epístolas anteriores, em que a discussão era a parte principal, o Apóstolo procedia por via de raciocínio e, por isso, devia fazer uso dessas conjunções. Em nossas Epístolas, todavia, êle toma acentuação mais assertiva.

Não podemos deixar de mencionar as semelhanças. Das 612 palavras que as Pastorais têm de comum com as outras Epístolas, apenas 60 não se encontram em todo o N. T., senão em São Paulo. Além disso, em diversas passagens deparam-se idéias expressas que também se encontram em outras Epístolas, em têrmos quase idênticos, apesar de uma certa liberdade que denota um escritor original que não tem preocupação de referir-se a um texto anterior. Um falsário... teria copiado mais literalmente.

Conclusão. Esta mistura de semelhanças e diferenças explica-se suficientemente pela evolução do vocabulário sob o influxo das circunstâncias e do tempo. Além disso, o vocabulário das Pastorais aproxima-se muito mais do vocabulário das Epístolas do Cativeiro do que do das grandes Epístolas.

O estilo das Pastorais pode ser "menos eloqüente, menos vigoroso do que o das passagens polêmicas das grandes Epístolas, mas não difere essencialmente do das partes morais. A sintaxe, isto é, o que há no estilo de mais pessoal e de mais inimitável, é a mesma" (24). As

(24) F. Prat S. J., "Théologie de Saint Paul", t. I (ed. 19.ª), pag. 393.

particularidades que se podem notar, por exemplo no que diz respeito ao emprego das metáforas, explicam-se sem dificuldade pela idade mais avançada do autor.

Pôsto que os destinatários destas Epístolas sejam discípulos caríssimos ao Apóstolo e aí se trate de um assunto inteiramente diverso (pois se trata das regras pastorais para governar os fiéis), contudo, se mais detidamente o considerarmos, haveremos de encontrar um argumento a mais em favor da origem paulina destas Epístolas. O autor destas Epístolas aparece, como nas outras Epístolas, repleto de afetos e pensamentos, não se preocupando com exposição ordenada e regular. Daí os anacolutos (cf. 1 Tim 1, 3-10), os parênteses (2 Tim 3, 2-5), as repetições (1 Tim 1, 9-10; 6, 5-6) e as costumadas enumerações (2 Tim 2, 9; 3, 4-17). Rouba-se com freqüência a mente do autor das cousas cotidianas e comuns para os mais sublimes conceitos (cf. 1 Tim 1, 16; 2 Tim 2, 19-22; 1 Tim 6, 5-9). De uma palavra ou locução, por meio de associação de idéias, passa a longas digressões (cf. 1 Tim 1, 3-10; 2 Tim 2, 9 ss.). Algumas vêzes, não esquece seu costume de empregar jogos de palavras (cf. 2 Tim 2, 9; 3, 4-5). Ora tudo isto são características do estilo paulino.

A doutrina: "As críticas mais hostis à autenticidade são obrigadas a convir em que as Pastorais trazem o sêlo dum mesmo autor e que êste autor, seja êle quem fôr, é muito familiar com o ensino de São Paulo" (25).

Não faltam nestas Epístolas os ensinamentos principais do Apóstolo: universalidade do pecado, necessidade da

---

(25) F. Prat, ibid., pag. 394-5.

graça, universalidade da Redenção, Cristo Redentor, a divindade de Cristo, sua filiação davídica, sua sagrada paixão à qual todo cristão deve associar-se, a justificação gratuita pela fé e pelos méritos do Salvador etc.

Não é de admirar que a Eclesiologia ocupe lugar de destaque nestas Epístolas. É que constitui seu objeto característico. Ademais, as Epístolas do cativeiro já vislumbravam êste desenvolvimento do pensamento paulino. (26).

Diante disto, será lícito adotar esta conclusão concebida nestes têrmos do insuspeito Sabatier: "as Pastorais não são, nem pelo fundo nem pela forma, indignas do grande Apóstolo. A idéia do ministério evangélico que elas desenvolvem é bem a de Paulo. Encontramos nelas, aqui e ali, o misticismo profundo das cartas anteriores; a argumentação dialética da ad Gal. e da ad Rom desapareceu, mas a doutrina fundamental destas Epístolas é expressa com tôda a energia e tôda a sua profundidade" (27).

Quadro histórico das Pastorais. A) *Heresias combatidas.* É insustentável a autenticidade das Pastorais, se São

---

(26) Segundo Holtzmann, o termo "fé" (pistis) não é empregado aí no sentido paulino. A fé, nas Pastorais, é um ato de inteligência, cujo objeto são as verdades a crer, pôsto que para São Paulo a fé é mais um ato de vontade. É o abandono do crente em Jesus Cristo. É um sentimento subjetivo. É um poder divino comunicado aos crentes (Rom 1, 16). É bem esta uma das significações da palavra "pistéuo" e "pistis" em São Paulo. Entretanto, não duvidamos em afirmar contra Holtzmann, que o sentido intelectualista se encontra também muitas vêzes nas Epístolas anteriores. Paulo fala, com efeito, de um modelo de doutrina que foi ensinado aos romanos (6, 17), da fé que é comum a ele e aos romanos (1, 12), da analogia da fé (12, 7), exorta os cristãos de Corinto a permanecer firmes na fé (1 Cor 16, 13).

(27) Apud Renié, o. c. 426-7.

Paulo nelas se refere aos erros gnósticos? não poderia, iluminado pelo Espírito Santo, prevenir contra heresias futuras? ademais, não é a gnose do século II o desenlace de erros anteriores?

Não se esqueça de que as seitas gnósticas do século II são tôdas hostis ao judaismo. Se algo ainda conservam do N. T. é para combater o V. T. Ora as personagens visadas nas Pastorais têm preferentemente tendências judaizantes. Suas doutrinas são qualificadas de fábulas judaicas (Ti 1, 14).

Encontram-se erros alhures condenados, como a negação da ressurreição, o ascetismo alimentar, a condenação do matrimônio.

Acham alguns críticos que as intérminas genealogias são alusão às gerações dos eons, tétradas, ogdôadas e sizigias formando o pléroma. Mas... de um lado há abstenção de têrmos técnicos do gnosticismo, de outro o têrmo "genealogia" é estranho à terminologia gnóstica. É mais verossimil, portanto, pensar que o autor visa as "numerosas lendas formadas com base nas narrações do Gênese e das genealogias dos Patriarcas" (28).

Quanto às "oppositiones falsi nominis scientiae", são elas alusão às antíteses de Marcião? Não se poderia darlhes o nome de "contradições"? Provàvelmente designam as intermináveis discussões tão freqüentes nas escolas rabínicas.

B) "A organização das igrejas, diz Renan (29), a hierarquia, o poder presbiteral e episcopal são, nestas

(28) Jacquier, o. c., 375.
(29) Apud Renié, o. c., 428.

Epístolas, mais desenvolvidos doque se pode supor nos últimos anos de vida de Paulo". Lendo-as, tem-se a impressão de que o episcopado monárquico já estava constituído: Timóteo e Tito têm sob sua dependência padres, e governam, êste a igreja da Ásia, aquêle a de Creta.

A isto se pode responder que esta organização não difere da que se encontra no livro dos Atos e em outros escritos neotestamentários. Nestes, como nas Pastorais, presbíteros e bispos parecem têrmos equivalentes.

Ademais, Timóteo e Tito não são bispos monárquicos no sentido em que se encontram algumas décadas mais tarde. São bispos, porque ordenam padres, mas bispos missionários e auxiliares que recebem de Paulo uma missão temporária e prolongam a ação do Apóstolo que restava sempre o "único pastor da imensa diocese que conquistou para a fé de Cristo" (30). O episcopado monárquico, como se depara já no século II, é essencialmente residencial.

C) *Circunstâncias históricas.* Impossível, dizem os adversários da autenticidade, enquadrar as Pastorais no cenário histórico da vida de Paulo, conforme se depreende do livro dos Atos. Contudo, seria contra os métodos históricos mais elementares negar-lhes autenticidade por causa do silêncio do livro dos Atos. Para dar mais verossimilhança a seus escritos um falsário teria recolhido circunstâncias e personagens mais conhecidos. Magistralmente assim se refere Prat à questão: "O fato de a composição das Pastorais estar fora do quadro histórico do livro dos Atos, longe de infirmar a tese da autenticidade, vem confirmá-la. É impossível sair deste dilema: "ou a carreira

---

(30) Prat, o. c., II, 365.

de Paulo não parou no ponto em que termina o livro dos Atos ou as Pastorais não são autênticas". Todos os esforços tentados para distribuir na vida do Apóstolo (conforme os Atos) as Pastorais, não obstante os verdadeiros prodígios de engenhosidade, tornaram-se vãos. Para explicar a sua semelhança recíproca e a sua dissemelhança das outras, é preciso fazer delas um círculo à parte, fechado em um lapso de tempo bastante breve e colocá-las no têrmo da vida de Paulo.

"Êste período é para nós muito obscuro, como seria obscura tôda a história apostólica sem a narração dos Atos; mas a dificuldade de conciliar as alusões das Pastorais com fatos sucedidos é precisamente um índice a mais a favor da autenticidade. Um falsário, familiar com o estilo e os escritos de São Paulo, não espalharia a capricho as antilogias numa imitação que êle quer fazer passar por trabalho do próprio mestre. Êle coligaria sua ficta correspondência com as circunstâncias históricas, colocaria em cena as mesmas personagens e lhes conservaria o seu quinhão e o seu caráter. O autor das Pastorais, se é diverso de Paulo, vai contra o bom senso: apresenta-nos pela primeira vez uma multidão de desconhecidos, Ireneu e Fileto, Fígelo e Hermógenes, Lois e Eunice, Crescente, Carpo, Êubolo, Pudente, Lino, Cláudia, Onesíforo, Alexandre, Artemas e Zena. Os particulares que lhes dizem respeito são breves e precisos, como convém ao gênero epistolar no qual não se pretende a instrução do povo. A maior parte das personagens devem representar um papel para o qual não pareciam preparados: como prever a defecção de Dêmades e por que fazê-lo ir à Tessalônica? Que tinham a fazer em Creta Tíquico e o próprio Tito? Erasto, Apolo e Trófimo não estão onde se esperava que haveriam de encontrar-se. Um falsário, que estima bastante a Timóteo, a ponto

de endereçar-lhe duas cartas apócrifas, ter-lhe-ia também aformoseado o retrato ou pelo menos não teria por nada diminuído os elogios que Paulo, nas suas cartas públicas, faz de seu discípulo predileto. Não o teria apresentado tímido, irresoluto, desconfiante de suas fôrças e da sua idade ainda jovem. Há cousas que não se podem inventar. Assim a recomendação feita a Timóteo de beber um pouco de vinho por causa de seu estômago fraco e de levar ao Apóstolo os livros e pergaminhos deixados em casa de Carpo" (31).

Os adversários, que baseiam suas dúvidas contra as Epístolas Pastorais na pretensa e necessidade de refutar os gnósticos, ousam até determinar qual a seita gnóstica que São Paulo combate: marcionitas e valentinianos (Baur), ofitas (Schenkel), marcosianos (Hilgenfeld), cerintianos (Mayerhoff), alguns essenos que aderiam ao cristianismo (Michaelis e Mangold), os judeus pitagóricos (Wiesel), os gnósticos antes de se dividirem em seitas (Holtzmann), os filonianos (Otto), os kabalistas (Baumgarner) etc..

Não é necessário determinar se estas seitas são ou não posteriores aos Apóstolos ou se já no tempo dos Apóstolos embrionàriamente começaram a aparecer. Para o nosso fim, basta dizer que nestas Epístolas nada se contém que não convenha perfeitamente com o tempo de Paulo. De fato, os seguidores de uma ciência de falso nome, os que só tratam questões supérfluas de genealogia, de discussões sôbre a lei, os que ensinam fábulas infantis, os que proíbem certos alimentos etc., sem dúvida alguma, pertencem às escolas rabínicas. Não há, por outro lado, dificuldade em conceder que êstes adversários de Paulo têm doutrina própria e começam a espalhar os germes do futuro gnosticismo e das futuras heresias, conforme prediz o Apóstolo (1 Tim 4, 1 - 3).

Unidade de autor nas Pastorais. — Recente hipótese, afoitamente levantada, sustenta que sòmente alguns fragmen-

---

(31) Prat, ibid.

tos das Pastorais teriam por autor a Paulo. Isto é pouco menos que negar a autenticidade das Pastorais.

Com efeito, isto constitui novidade para os antigos testemunhos da Tradição, porquanto indiferentemente atribuem a Paulo todo e qualquer fragmento das Pastorais, como Ireneu, Clemente Alexandrino, Tertuliano...

Além disso, o exame interno destas Epístolas mostra que nelas há grande unidade de estilo, e tão grande que quase uma quarta parte das palavras empregadas nestas Epístolas se encontra nas três Epístolas. Deparam-se, por vêzes, as mesmas locuções, as mesmas sentenças e até as mesmas proposições. Unidade, portanto, de conceito e de forma. As mesmas recomendações, combatem-se os mesmos erros, inculca-se a mesma doutrina, exigem-se dos ministros as mesmas qualidades, impõem-se-lhes os mesmos deveres. Tanto isto é verdade que, como já dissemos, os adversários devem afirmar com prudência que o tal falsário é muito familiarizado com São Paulo.

Os próprios adversários, a seu modo, confirmam a tese favorável à autenticidade. Enquanto uns admitem êstes fragmentos, outros admitem aquêles e todos, para explicar a unidade literária das Epístolas, recorrem a um redator posterior que tudo reduziu a uma unidade perfeita.

Finalmente, isto seria contra o costume de todo falsário: confeccionar escritos inserindo documentos autênticos e cuidar, nos demais trechos, de imitar o estilo e a língua. Chegaram até nós muitos pseudo-epígrafos do século I antes de Cristo até o século II depois de Cristo. E em nenhum dêles se encontra um processo semelhante de falsificar documentos. O que nêles se depreende é que os falsários, usando da própria língua e estilo, tecem as suas composições de tal modo que

sempre olvidam uma válvula que vai depois oferecer a chave para desmascarar a fraude.

DESTINATÁRIOS DAS EPÍSTOLAS PASTORAIS

Os destinatários das Epístolas Pastorais são os dois discípulos de São Paulo, Timóteo e Tito.

TIMÓTEO. — Fazem menção dêle os Atos e as Epístolas. E' associado a São Paulo na inscrição de seis Epístolas. E' nomeado em quase tôdas, duas das quais dirigidas a êle pessoalmente.

Nasceu em Listra na Licaônia. Seu pai era grego; sua mãe, piedosa judia, chamada Eunice, a qual o educou na sua religião e, desde a infância, no conhecimento das Sagradas Escrituras (cf. At 16, 1. 2; 2 Tim 5; 3, 15).

Provàvelmente foi convertido na pregação de Paulo em Listra, por ocasião de sua primeira missão apostólica (At. 16, 1ss.). Como São Paulo o chama "filho caríssimo", é provável que êle mesmo o tenha instruído na Religião Cristã e lhe tenha conferido o Batismo (cf. 1 Cor 4, 17).

Na segunda missão, inspirado por Deus e dado o testemunho favorável dos fiéis de Icônio e Listra, São Paulo tomou-o por companheiro de suas fadigas (cf. 1 Tim 1, 18; 4, 14; 2 Tim 1, 6). Recebeu, porém, antes a circuncisão. porque seu pai era gentio (At 16, 2. 3). Após impor-lhe as mãos para fazê-lo padre e bispo, levou-o consigo.

Com São Paulo percorreu a Frígia e a Galácia e, tendo evangelizado a Ásia, foi à Europa e conservou-se ao lado de

seu mestre em Filipos, Beréia, Atenas, Corinto e Jerusalém. Nesta missão foi encarregado de consolar os fiéis de Tessalônica (Flp 2, 22; At 16, 3-18, 22). Encontrado por Paulo na Macedônia, esteve com êle em Corinto, depois em Tróade e na última viagem a Jerusalém.

Não sabemos se Timóteo estava com São Paulo durante a prisão de Cesaréia e a viagem a Roma. É certo, contudo, que, durante a prisão romana, estava com êle, pois encontramos seu nome na inscrição das Epístolas do cativeiro (Flp 1, 1; Col 1, 1; Flm 1, 1; Hebr 13, 23). É também certo que acompanhou São Paulo nas viagens feitas depois da primeira prisão romana e que foi deixado pelo Apóstolo em Éfeso com amplos poderes para que vigiasse sôbre as igrejas da Ásia (1 Tim 1, 3). Na sua última prisão São Paulo o chamou novamente a Roma (2 Tim 1, 6; 4, 8), mas depois disto nada mais se sabe dêle.

Nenhum discípulo é tão caro a São Paulo como Timóteo. Tantos elogios lhe dispensa na Epístola aos Filipenses (2, 19 ss.) que aparece claro como São Paulo confiava em sua fidelidade e em seu zêlo. Grande elogio êste na bôca de São Paulo: "Neminem enim habeo tam unanimem, qui sincera affectione pro vobis sollicitus sit".

Dizendo que Timóteo foi constituído por São Paulo bispo de Éfeso, Eusébio certamente não se referia a outra fonte senão I Tim.

Da Epístola aos Hebreus (13, 23), quando São Paulo diz: "cognoscite fratrem nostrum Timotheum dimissum: cum quo, si celerius venerit, videbo vos", talvez pudesse parecer que Timóteo esteve também prêso com São Paulo em Roma e depois foi sôlto. Contudo, como do contexto melhor se pode julgar, a palavra "apolelyménos" ("dimissum") significa a

partida de Timóteo para junto de São Paulo que o espera e com êle partirá depois, quando tiver chegado.

TITO.— Êste nome ("Titos") ocorre na ep. aos Gál 2, 1, quando Paulo fala de si mesmo: "Deinde post annos quatuordecim iterum ascendi Ierosolymam cum Barnaba, assumpto et Tito". Aí Tito é chamado grego ("héllen"), isto é, étnico, e até explìcitamente é denominado incircunciso. Esta viagem a Jerusalém, de que se fala aí, deve identificar-se com a viagem feita com o fim de celebrar o Concílio de Jerusalém, do qual se fala no capítulo 15 do livro dos Atos dos Apóstolos. Êste concílio verificou-se lá pelo ano 49. Daí se segue que não pode o nosso Tito identificar-se com Tito ou com Tito-Justo que hospedou São Paulo na sua segunda viagem, mais ou menos no ano 52, em Corinto, onde foi convertido por São Paulo (cf. At 18, 7 - 12). Entretanto, como os Atos falam que os antioquenos mandaram a Jerusalém a Paulo, Barnabé e "quosdam alios ex ipsis" suficientemente está indicado que Tito era antioqueno. Sem dúvida, contudo, foi convertido por São Paulo, pois é chamado pelo Apóstolo "dilectus filius" (Ti 1, 4).

Do mesmo modo faz-se a menção na 2 Cor (2, 15; 7, 6 ss; 8, 6. 16; 12, 18) e dela podemos deduzir que Tito com outro irmão foi mandado por Paulo a Corinto (depois que Paulo escrevera a primeira carta aos coríntios) com ordem de recolher esmolas para os pobres de Jerusalém e, voltando a Tróade, aí esperar o Apóstolo. Mas, obrigado pela insurreição efesina, deveu Paulo antecipar sua viagem e encontrou Tito não em Tróade, mas na Macedônia; por meio de Tito recebeu muitas notícias boas sôbre Corinto. Quis, contudo, antes de êle mesmo ir a Corinto, enviar àquela igreja sua segunda Epístola, que foi entregue a Tito para a levar. A êle

também, ajudado por dois irmãos, comitiu o negócio de terminar a arrecadação das esmolas.

Depois disto, só nas Epístolas Pastorais ocorre novamente a recordação de Tito. Na ad Ti se diz que foi deixado em Creta para ordenar e dirigir as igrejas daquela ilha e, ao mesmo tempo, diz-se convidado pelo Apóstolo a ir ter com êle em Nicópolis após terem chegado Artema e Tíquico (Ti 3, 12). Provàvelmente Tito satisfez ao desejo de Paulo e assim de Nicópolis, conforme se deduz de 2 Tim 4, 10, foi para a Dalmácia.

Não sabemos o que, depois disto, se deu com o querido filho e cooperador de Paulo. A dar crédito a Eusébio, Teodoreto, Isidoro Hispalense, êle teria evangelizado outras ilhas, mas teria morrido em Creta. São Jerônimo acrescenta que êle permaneceu virgem até o fim da vida.

A igreja de Creta.— Parece que o evangelho não foi pregado em Creta antes do primeiro cativeiro de São Paulo. Indício disto é que, quando Paulo vinha prisioneiro e aportou em Creta, nenhum cristão encontrou. Se de fato ali houvesse cristãos nesta época, São Lucas não deixaria de dizê-lo. O que se deu parece ter sido isto: libertado de sua primeira prisão e após voltar da Espanha, o Apóstolo empreendeu nova viagem às igrejas orientais e, de passagem, evangelizou Creta; então, constituiu Tito bispo de lá para que terminasse a evangelização da ilha.

OCASIÃO E FIM DA COMPOSIÇÃO DAS PASTORAIS

Primeira Epístola a Timóteo. — Falando aos presbíteros de Éfeso em Mileto (cf. At 20, 29 - 31) São Paulo percebeu o advento de um futuro tenebroso e difícil. Os fatos deram razão ao Apóstolo. Em Éfeso, como depois em Creta, encon-

traram-se perturbadores que, sorrateiramente, procuravam deturpar a boa fé dos crentes, como também introduzir práticas contrárias aos bons costumes. Eram os falsos doutores que, a todo custo, pretendiam falsear a doutrina das Epístolas aos efésios e aos colossenses. Era preciso — isto viu-o claramente o Apóstolo — deixar em Éfeso um prelado à altura das necessidades e perigos por que passava aquela comunidade.

Para obviar a tais perigos, partindo para a Macedônia deixou Paulo em Éfeso a Timóteo como executor de seus conselhos e preceitos (cf Tim 1, 3). Da Macedônia escreveu a Timóteo. Teria sido porque veio a saber que em Éfeso Timóteo não estava agindo com a devida firmeza e coragem? Ou seria porque, como pretendem certos autores, simplesmente queria ditar instruções especiais para o reto govêrno daquela igreja, quer na gestão do próprio Timóteo, quer na de seus eventuais sucessores? Por um fim ou por outro, o que é certo é que Paulo nesta Epístola toca de cheio nas chagas daquela importante igreja e ensina como agir com os perturbadores, quais as qualidades requeridas nos que forem escolhidos para o ministério sagrado, como ordenar as orações públicas, qual a direção a dar aos fiéis nos seus diferentes estados etc.

Repetimos. A primeira Epístola a Timóteo, com as outras duas Pastorais, não é um tratado de Teologia Pastoral. Senhor da situação e como médico vigilante e apóstolo solícito, São Paulo se contenta com fornecer um "certo número de recomendações práticas, escolhidas entre as que as circunstâncias de tempo e de lugar tornavam mais urgentes" (32)

Epístola a Tito. — São quase as mesmas que as precedentes as circunstâncias da composição desta Epístola. Quando, depois de seu primeiro cativeiro, São Paulo passou nova-

---

(32) R. A., 1922 (15 jan.), pag. 485 apud Renié, o.c., 433.

mente por Creta para visitar as igrejas que fundara na sua viagem a Roma e para fundar outras, observou que era deficiente a organização das igrejas e ao mesmo tempo previu para elas os mesmos ataques dos perturbadores que já encontrara em Éfeso. Por isso, ao sair de Creta, deixou lá Tito para corrigir os desvios e constituir presbíteros pelas diversas cidades.

Parece que, ao escrever esta carta, estava o Apóstolo também na Macedônia. Como se depreende da 2 Tim 4, 10, quer êle que Tito venha encontrá-lo na Macedônia, em Nicópolis, onde pretende passar o inverno (cf. Ti 3, 12) para, juntos, realizarem novas missões.

Comunicando a Tito estas decisões, aproveita São Paulo a oportunidade para deixar-lhe, como também provàvelmente aos seus eventuais sucessores, instruções semelhantes às da 1 Tim.

Segunda Epístola a Timóteo. — Após fazer sua última viagem pelo Oriente, encontra-se São Paulo novamente prêso. Humanamente desconsolado, queixa-se de ver-se abandonado de todos. Só Lucas, o amigo fiel, está com êle (cf. 2 Tim 4, 9 ss). Não vê esperança alguma de libertação dêste segundo cativeiro. Pressente já seu fim próximo, "tempus resolutionis mae instat" (2 Tim 4, 6). Suas dores morais são acrescidas da previsão da pena capital.

Conhecendo perfeitamente o grande amor que lhe dedica seu terno amigo e discípulo Timóteo, antes que o fim próximo tome o Apóstolo de surprêsa, chama-o para junto de si.

Esta, cronològicamente, é a última das Epístolas paulinas. E' o testamento do grande Apóstolo. Nela trata das cousas mais íntimas: expõe suas amarguras, dores e tribulações.

E não expõe por expor. E' para que Timóteo, seguidor em tudo seu, se prepare para os sofrimentos que, também a êle, o esperam. Os acentos desta carta são de uma gravidade e de uma ternura encantadoras. Frases curtas. Dir-se-iam pronunciadas pelos lábios já cansados do Apóstolo, o coração ofegante.

Entretanto, também nesta Epístola, apesar de seu caráter singular, São Paulo não deixa passar a ocasião sem referir-se aos perturbadores e às qualidades que deve possuir o ministro de Deus. Vê-se que êstes dois assuntos o preocupavam sobremaneira. E com razão. "A segunda Epístola a Timóteo, diz Brassac (33), é mais pessoal e mais íntima de que a primeira. E' como o testamento do Apóstolo, sua última comunicação com seu discípulo.

DATA E LUGAR DA COMPOSIÇÃO DAS PASTORAIS

Quando se trata de questões de cronologia de documentos antigos, como são os livros sagrados, embaraçamo-nos quase sempre com dificuldades de tôda sorte.

Devemos proceder do que nos é mais conhecido ao que é obscuro. Como os autores ortodoxos admitem que as Pastorais pertencem ao mesmo período de tempo, se conseguirmos determinar a data de uma delas, não nos será difícil atinar com a das outras, ao menos aproximadamente.

Nota-se ainda que, por saltar aos olhos a íntima afinidade que há entre a Epístola a Tito e a primeira a Timóteo,

(33) Apud Renié, o. c., 434.

tudo leva a suspeitar que a data da composição de ambas é quase a mesma, com intervalo de alguns dias ou de algumas semanas apenas.

Comecemos da segunda Epístola a Timóteo para que nossos cálculos procedam com maior segurança.

Segunda Epístola a Timóteo. — Nesta se encontram mais circunstâncias determinantes do que nas demais Pastorais.

1. São Paulo se apresenta prêso, com a alma cheia de amargura, abandonado de todos, tendo consigo só Lucas. Não tem esperança alguma de libertação de sua prisão, mas pressente sua próxima oblação como vítima de morte. Mais. Acrescenta estas palavras relativas a uma sua primeira defesa: "In prima mea defensione nemo mihi adfuit, sed omnes me dereliquerunt; non illis imputetur. Dominus autem mihi adstitit et confortavit me, ut per me praedicatio impleatur, et audiant omnes gentes; et liberatus sum de ore leonis. Liberavit me Dominus ab omni opere malo et salvum faciet in regnum suum coeleste, cui gloria in saecula saeculorum. Amen" (2 Tim 4, 16. 17. 18).

Ora o cativeiro de que aqui se fala não pode ser o primeiro cativeiro romano que o livro dos Atos descreve e ao qual outras Epístolas aludem (Flp., Col, Ef, Flm). Pois:

Os Atos não trazem nenhuma defesa de Paulo perante César, pela qual êle "de ore leonis liberatus sit". E não se olvide que o livro dos Atos, quando se trata da pessoa de Paulo, costuma ser minucioso.

No seu primeiro cativeiro estavam com Paulo não só Lucas, mas ainda muitos outros cooperadores: Aristarco e Lucas, Épafras e Tíquico (que, segundo nossa Epístola, devia estar em caminho de Éfeso), Demas (que aqui Paulo diz es-

tar em Tessalônica). Contudo, neste cativeiro, segundo nossa Epístola, está com Paulo sòmente Lucas.

Enfim, no primeiro cativeiro São Paulo alimentava a esperança e até tinha certeza de sua libertação e pensava realizar outras viagens pelo Oriente (cf. Flm v. 22 e Flp 1, 25. 26).

2. Em nossa Epístola São Paulo aparece inopinadamente prêso em Roma, depois de algumas viagens no Oriente. Diz êle que Trófimo deixou-o doente em Mileto e pede a Timóteo que, vindo a Roma, traga os objetos esquecidos em Tróade. Ora, tudo isto indica que sua partida dêstes lugares foi apressada, sem tempo suficiente para arranjar suas cousas. Ademais, ao que parece, trata-se de uma viagem pelo Oriente, diversa da que é referida no final do livro dos Atos. Se não fôsse, não haveria necessidade de comunicar estas cousas a Timóteo, pois êste tinha sido companheiro de São Paulo de Corinto para Jerusalém e, portanto, conhecia perfeitamente todos os detalhes da viagem.

Conclusão. — A segunda Epístola a Timóteo foi escrita no segundo cativeiro romano e não no primeiro; portanto, teria sido no ano 66-67, quando São Paulo foi coroado com o martírio. Provàvelmente nossa Epístola foi composta um ano antes de Paulo morrer. Evidentemente, o lugar da composição foi Roma.

Primeira Epístola a Timóteo. — Depois de visitar Éfeso (onde a igreja tinha sido constituída, havia já algum tempo, pois as heresias começavam já a serpear...), Paulo deixou lá Timóteo para atender às necessidades dos fieis, e prosseguiu viagem para a Macedônia com intenção de voltar a Éfeso depois.

Ora, tais circunstâncias não poderiam ter lugar no primeiro cativeiro romano, segundo a narração do livro dos Atos. É claro que não se trata das viagens precedentes à terceira, pois, antes desta, Éfeso não tinha sido ainda evangelizada. Não foi também na terceira viagem, porque nesta Paulo não deixou em Éfeso a Timóteo, que fôra mandado antes à Macedônia para depois irem juntos a Jerusalém levar as esmolas. Nem então Paulo tinha intenção de voltar a Éfeso.

Mais. Por esta ocasião, não haviam ainda aparecido os perturbadores, contra os quais São Paulo escreve nesta Epístola a Timóteo e os quais já supõem constituídas as igrejas da Ásia. Segue-se que estas circunstâncias históricas devem pertencer a um tempo, no qual Paulo tinha já terminado suas viagens pelo Oriente, isto é, o tempo que decorre depois do primeiro cativeiro.

Os erros e os perturbadores comemorados aqui são os mesmos que se comemoram na segunda Epístola a Timóteo. A língua e o estilo são muito afins com a segunda a Timóteo. Ora nas Epístolas paulinas, que se consideram mais ou menos contemporâneas, observa-se, de regra, o mesmo estilo.

Segue-se que a primeira Epístola a Timóteo foi composta mais ou menos no mesmo tempo em que foi composta a segunda. Como, porém, São Paulo ainda não aparece como prisioneiro, mas está ainda livre para realizar viagens pelo Oriente, segue-se que escreveu esta Epístola pouco antes da prisão, isto é, mais ou menos no ano 65.

Epístola a Tito. — Também nesta Epístola encontram-se algumas cousas que é impossível enquadrar no livro dos Atos. Paulo havia visitado Creta, onde já existiam algumas igrejas fundadas, algum tempo atrás, pois já também serpeavam os erros. Para combater estes erros e para atender a

outras necessidades daquela ilha, Paulo deixa Tito em Creta. Depois, São Paulo, livre inteiramente para suas viagens, quer passar o inverno em Nicópolis, após deixar Creta, e depois visitar Éfeso.

Ora, antes do primeiro cativeiro romano, Paulo foi a Creta sòmente quando estava prêso e sendo levado para Roma, tendo permanecido lá poucos dias apenas e mesmo assim sempre debaixo de custódia. De lá saiu passando por Malta em direção a Roma. Por isso, não se identificam estas duas viagens.

Poderia talvez (pôsto que não fàcilmente, segundo a narração dos Atos) encontrar-se um intervalo de tempo suficiente para que o Apóstolo pudesse fazer a viagem a Creta. Contudo, duas cousas parecem contrariar esta hipótese: em Creta não aparecem cristãos antes do primeiro cativeiro, quando Paulo lá esteve, nem São Lucas faz menção de "fratres", como é seu costume, sempre que os encontra. Nesta Epístola descrevem-se erros e inovadores semelhantes àqueles que agiam em Éfeso depois do primeiro cativeiro.

Dada, além disso, a afinidade de estilo e língua desta Epístola com as outras Pastorais, parece ter sido composta mais ou menos no mesmo tempo em que o foram as duas outras, isto é, cerca do ano 65. Dêste modo, a viagem de Paulo a Creta e a sua estadia lá ter-se-iam dado depois do primeiro cativeiro, talvez um pouco antes das viagens comemoradas nas Pastorais.

SÍNTESE DOUTRINÁRIA DAS PASTORAIS

1. O SAGRADO DEPOSITO DA FÉ

A) *Erros assinalados a Tito* (cf. sobretudo Ti 1, 10-11, 13-16; 3, 9-11).

O que caracteriza o assunto principal das Epístolas Pastorais são sua preocupação em conservar intacto o depósito sagrado da fé e a exposição das qualidades essenciais que se devem encontrar nos ministros sagrados.

Na defesa do depósito sagrado sente-se o Apóstolo na obrigação de prevenir os ataques dirigidos contra a palavra de Deus pela vã ciência e pela fantasia desenfreada. A verdade límpida, alimento solido, preserva contra as doutrinas perniciosas que, agindo como o câncer, paulatinamente, invadem todo o corpo da Igreja — "verbum eorum (os que falam cousas profanas e vãs) ut cancer serpit" (2 Tim 2, 17). Tão fundamente impressionou ao Apóstolo o perigo de contágio que, a cada passo, repete nestas Epístolas imagens tomadas da medicina.

Eis os caracteres dos erros apontados por São Paulo a Tito. Trata-se, antes de tudo, de doutrinas espalhadas entre os fiéis, pois Paulo ordena a Tito fechar a bôca aos seus propagadores, como também repreendê-los com severidade e, caso se obstinem em sua audácia, separar-se dêles. Não estão excluídas, porém, as influências externas dos que, "fazendo profissão de conhecer a Deus, renegam-no em suas ações". Êstes certamente seriam judeus infiéis e não apenas judaizantes.

De preferência, contudo, visa São Paulo os convertidos do judaísmo. Ai aparecem discussões sôbre a lei. Combatem-se as "fábulas judaicas", como também prescrições arbitrárias, referentes às purificações rituais e à distinção entre alimentos puros e impuros.

"O que mais impressiona São Paulo, afirma-o Prat (34), não é tanto a falsidade destas doutrinas, porém mais

(34) Prat, o. c., 328.

a sua vacuidade e a sua inutilidade. Seus propagandistas têm por ideal um vil interêsse; são vãos palradores que enganam os simples com charlatanismo das suas questões imbecis e das suas genealogias estranhas. Em vez de discutir com êles, é preciso impor-lhes silêncio e, se resistem, expulsá-los da Igreja".

B) *Erros apontados a Timóteo* (cf. de preferência 1 Tim 1, 3-7; 4, 1-4; 6, 3-5; 2 Tim 2, 14-18; 3, 1-9; 4, 3. 4).

São Paulo dá instruções contra erros já então espalhados e previne contra futuras derrocadas. Os erros apontados têm os mesmos caracteres dos apontados a Tito. Trata-se de doutrinas dispersas entre os fiéis. Seus fautores são provàvelmente judeus, pois "pretendem ser doutores da lei, sem contudo entender o que dizem e o que atestam com certeza" (1 Tim 1, 7). Não são pròpriamente heresias, mas questões ociosas tendentes a suscitar rixas. São idênticas às da Epístola a Tito as expressões encontradas nas duas a Timóteo. É, portanto, a mesma situação.

Mas, o êrro tende também a difundir-se. Para o futuro é prevista uma verdadeira invasão de doutrinas falsas que seguirão o progresso da corrupção dos costumes. Eis alguns relances: o espírito de rixas levará até ao cisma. A verdade não será suportada — "sanam doctrinam non sustinebunt" (2 Tim 4, 3). A fé será abandonada. Haverá emulação na defesa de falsos doutores e falsos profetas que abertamente pregarão doutrinas diabólicas. O matrimônio será proscrito. Certas criaturas serão condenadas como más, quer por influência do dualismo, quer por incentivos de um falso ascetismo. O amor do ganho suscitará abusos de tôda a sorte e haverá os maiores excessos cobertos com vestes de piedade. Os homens dos últimos tempos ("in

novissimis diebus") serão "amantes de si mesmos, ambiciosos, vãos, soberbos, blasfemos; desobedientes para com os pais, ingratos, celerados, sem afeto, sem paz, caluniadores, incontinentes, sem benignidade, sem mansidão, traidores, protervos, cheios de si e amantes dos prazeres mais do que de Deus, tendo na verdade uma veste de piedade, porém renegando a sua virtude" (2 Tim 3, 2-5).

Timóteo é avisado de todos êstes trambolhos de sua futura ação apostólica. Êle será testemunho dêstes "tempos perigosos", em que a virtude e a solicitude dos Pastores de almas serão submetidas a duras provas. Os Pastores de hoje, e não sòmente os do tempo de Timóteo, não vêem ainda limpos os horizontes dos territórios de sua jurisdição. Um bom número de suas ovelhas ainda se debatem — e talvez com menores possibilidades de próximo esclarecimento — com as mesmas trevas, os mesmos abusos, as mesmas ilusões, os mesmo erros.

Com relação à guarda intacta do depósito da fé, São Paulo compendia neste conselho a Timóteo todos os seus pressentimentos, tôda a sua solicitude apostólica: "Ó Timóteo, guarda o depósito, evitando profanas novidades de palavras e as contradições de uma ciência de falso nome, a qual, pomposamente professada por alguns, leva-os a renegar a fé" (1 Tim 6, 20. 21).

2. QUALIDADES DOS MINISTROS SAGRADOS

Nos albores do século II, com Sto. Inácio de Antioquia (em suas cartas aos efésios, tralianos, magnésios, esmirnenses, filadelfenses e a Policarpo), aparecem já fixadas a terminologia e as atribuições da hierarquia eclesiástica. Há

três ordens distintas: o bispo, sempre um só; os sacerdotes, ligados intimamente ao bispo e entre si coligados, os quais se designam com um têrmo coletivo "presbytérion", colégio sacerdotal; os diáconos que devem obediência aos sacerdotes e ao bispo, como a êles devem obediência os simples fiéis.

O bispo, os sacerdotes e os diáconos constituem o clero. O clero e os fiéis constituem a Igreja. O episcopado é monárquico e residencial. O bispo realiza ou preside a ceremônia do batismo e do ágape, a celebração dos matrimônios e sobretudo a consagração da Eucaristia. Pode, contudo, delegar êstes poderes. Os sacerdotes e diáconos não podem exercer nenhuma função, sem a assistência ou ao menos o consentimento do bispo. Os leigos não têm poder algum de governar na igreja. Compete-lhes obedecer ao bispo ou ao bispo com o presbitério ou ao bispo com o presbitério e os diáconos, pois as duas últimas ordens estão sempre sob a dependência do bispo e unidas a êle como as cordas à lira. Não há senão *uma só* Eucaristia, *uma só* carne de Cristo, *um* só cálice do seu sangue, *um* só altar, *um só bispo* com o presbitério e os diáconos.

Em São Paulo é mais primitivo o ordenamento ou disposição da hierarquia. Entretanto, nêle já se encontram as linhas gerais que ràpidamente se desenvolvem, derivando, sob a vigilância e a assistência do Espírito Santo, nas formas que se deparam no século II. Dêste modo, a terminologia eclesiástica é ainda incerta. "Episcopus" é sempre um ministro sagrado, "Présbyter" é simplesmente um ancião e "Diaconus", um servo ou ajudante. Os chefes da Igreja recebem, por. vêzes, outros títulos, como os da Tessalônica que se chamavam "praesidentes". Para os ministros inferiores do culto era reservado o nome "diáconos", em vez de outros sinônimos, talvez para distinguí-los mais clára-

mente dos ministros da sinagoga e dos cultos idololátricos. Para as funções superiores os têrmos mais genéricos, despojados de qualquer significação comprometedora, eram os mais convenientes. Assim o têrmo "presbyter", que era usado pela comunidade de Jerusalém com exclusão de outro qualquer, enquanto as igrejas da gentilidade adotaram-nos gradualmente e com o mesmo significado de "episcopus". Êste último nome era ainda mais indeterminado. Na Escritura significa "guarda, vigia, inspetor, comissário". Para São Paulo as duas palavras, bispo e presbítero, são sinônimos. Assim nas saudações da Epístola aos filipenses só se nomeiam duas classes, os bispos e os diáconos (Flp 1, 1). Ainda mais claro aparece na Epístola a Tito (1, 5-7), na qual manda Paulo constituir presbíteros em tôdas as cidades; logo a seguir enumera as qualidades que deve ter o presbítero, pois... é preciso que o "bispo" seja irrepreensível.

Qualidades que se requerem nos bispos e presbíteros. — Não sabemos que dotes exigiria São Paulo nos bispos, se em seu tempo houvesse já o episcopado monárquico residencial. Entretanto, não será difícil vislumbrá-los nas qualidades que êle exige de Tito e Timóteo, bispos missionários e como que coadjutores seus. Em suma: são zêlo, piedade, fidelidade, coragem nas provações, firmeza no cumprimento do dever, espírito de fé, de abnegação e de sacrifício.

Já para os anciãos ou presbíteros ou epíscopos depreendem-se duas listas de qualidades em 1 Tim 3, 3-7 e Ti 1, 6-9, com algumas diferenças entre as duas. As diferenças são estas: três qualidades são especiais da primeira — o ordinando deve ser digno do seu porte, não neófito, estimado dos pagãos; três são próprias da segunda — amigo do bem (ou das pessoas de bem), justo, piedoso. As outras doze quali-

dades são comuns às duas listas, sendo que delas sete são expressas com sinônimos.

São Paulo requer no candidato ao sacerdócio estas três condições principais: que seja apto para o ensinamento, que governe bem sua casa e que, se casado, o seja uma só vez (35).

Resumindo as disposições internas do ordinando usa São Paulo esta palavra enérgica: deve ser irrepreensível, por causa de sua eminente dignidade e por ser representante de Deus na terra. Esta palavra diz tudo. Isenção dos vícios mais grosseiros (avareza, cólera, arrogância, brutalidade, embriaguez) e a posse das virtudes (sobriedade, prudência, modéstia, hospitalidade, justiça, pureza de costumes).

As qualidades requeridas no diácono são as mesmas, respeitadas as devidas proporções. Leia-se 1 Tim 3, 8-13. Três vícios merecem menção especial de São Paulo com relação aos diáconos: devem evitar a duplicidade, a intemperança e a avareza.

Havia também no tempo de São Paulo virgens e diaconisas regularmente constituídas sob a total dependência da hierarquia?

Aconselha o Apóstolo na Epístola aos colossenses a continência e a virgindade. Não baseia seu conselho, porém, em alguma alusão a uma ordem para o serviço da igreja, mas apenas diz que assim terão maior liberdade no serviço de Deus. O voto de virgindade é um ato de perfeição individual. Há no tempo de São Paulo virgens, mas não existe uma ordem de virgens, ao lado da hierarquia.

Não há também ainda, na era apostólica, a ordem das diaconisas que os costumes orientais in-

(35) Cf. Prat, ib. 334.

troduziram depois em algumas províncias asiáticas. Há, contudo, no tempo de São Paulo piedosas mulheres, como Febe na igreja de Cencra, que se dedicam ao serviço da igreja, porém, em caráter particular. Não se trata de uma ordem.

Parece, todavia, que já no tempo de São Paulo houvesse a ordem ou instituição das viúvas, às quais São Paulo aconselha o estado de continência, apesar de terem liberdade plena de passarem a segundas núpcias (cf. 1 Tim 5, 3 ss.).

Bibliografia consultada. — *P. Marco M. Sales O. P.*, La Sacra Bibbia Commentata, il Nuovo Testamento, vol II; Turim 1914; *Louis Pirot,* La Sainte Bible; Paris 1946; *François Amiot.* L'Enseignement de Saint Paul, 5.ª edição, 2 volumes, Paris 1946; *F. Prat,* La Théologie de Saint Paul. 2 volumes, Beauchesne 1930; *Giuseppe Ricciotti,* "Paolo Apostolo", segunda edição, Roma 1948; *José Holzner,* "San Pablo, Heraldo de Cristo", tradução espanhola, Buenos Aires 1941; *J. Renié, S. M.*, "Manuel d'Écriture Sainte", 6 volumes, Paris 1944; *E. Jacquier,* "Histoire des Livres du Nouveau Testament", 11.ª edição, Paris 1930; *Simón-Prado,* C. SS. R., "Praelectiones Biblicae, Novum Testamentum", 2 vls., Turim 1942; *R. Cornely, S. J.*, "Introductionis in S. Scripturae Livros Compendium" (edição Merk), 2 vls., Paris 1934; *Silvius Rosadini, S. J.*, "Institutiones Introductoriae in Libros Novi Testamenti", 2 vls., Roma 1938.

INTRODUÇÃO À EPÍSTOLA AOS HEBREUS

INTRODUÇÃO À EPÍSTOLA AOS HEBREUS

1. O AUTOR
2. O FIM: UM "SURSUM CORDA" PARA OS HEBREUS.
3. A FORMA LITERÁRIA
4. A DOUTRINA

INTRODUÇÃO À EPÍSTOLA AOS HEBREUS

1. O AUTOR

É uma tradição muito antiga, sobretudo da igreja oriental, que atribui ao apóstolo S. Paulo a *Epístola aos hebreus*.

Êste título, já usado por Clemente de Alexandria, depois foi adotado em tôda a cristandade. O fato deve ser assinalado porque falta nela o cabeçalho que em tôdas as epístolas Paulinas indica expressamente S. Paulo como autor que apresenta aos destinatários a saudação inicial. Os dois mais eruditos conhecedores da Escritura na antiguidade, Orígenes e S. Jerônimo, além desta falta que podia ter uma razão puramente formal, apontam para uma evidente diferença de estilo.

O grego da epístola aos hebreus pode ser chamado o mais elegante do Novo Testamento, ostentando uma perfeita simetria e um ritmo sonoro em períodos cuidadosamente formados, num estilo solene e sacral. Contrasta com isso a linguagem dinâmica e explosiva do apóstolo das gentes que em 2 Cor 11, 6 se caracteriza a si próprio como "rude na palavra". Cfr. Orígenes apud Eusebium, hist. eccl. (6, 25, 11 e Hier., De viris illustribus 5.) *Orígenes* (1 c. 6, 25, 13. 14) parece acertar bem a verdade, quando diz a respeito da nossa

epístola: "Declaro abertamente que as idéias são do apóstolo, mas a expressão e o estilo devem pertencer a um homem que, tendo as palavras do apóstolo na memória parafraseou as doutrinas do Mestre. Se, portanto, uma igreja tem esta epístola como Paulina, pode-se concordar com ela. Pois não foi sem razão que a tradição dos antigos a atribuiu a S. Paulo. Mas só Deus sabe quem de fato a escreveu. Alguns escritores, cujas obras chegaram até nós, atribuem-na a Clemente, bispo de Roma, outros a Lucas que escreveu o evangelho e os atos dos apóstolos".

Eusébio, que nos conservou esta opinião de Orígenes, também transmitiu a notícia de Clemente de Alexandria, que S. Paulo teria escrito aos hebreus em hebraico, mas a tradução para o grego teria sido feita por São Lucas. A versão é sedutora. Entretanto, a forma grega, com freqüente jogo de palavras, com a citação constante da Bíblia grega dos setenta, não deixou o menor vestígio de alguma tradução do hebraico. É mais viável por isso a suposição de que S. Paulo deu as idéias gerais a um discípulo altamente culto, como a S. Lucas ou ao helenista Apolo, para êste revestí-las de uma forma literária acabada. A decisão da Comissão Bíblica de 24 de junho de 1914 favorece esta solução (DB 2176 sg.). De um lado mantém a autoria Paulina, mas de outro não julga necessário afirmar que o próprio apóstolo com a inspiração do Espírito Santo tenha dado a concepção e expressão literária à epístola assim como ela entrou no Cânon.

2. O FIM: UM "SURSUM CORDA" PARA OS HEBREUS

Já houve quem considerasse a epístola aos hebreus a mais antiga homilia proferida por ocasião de algum culto

cristão. Os versos finais de 13, 18-25, porém, acentuam claramente o caráter epistolar. Também uma carta apostólica quer expor doutrinas e comover os corações e, sendo ela destinada para a leitura pública numa comunidade, o autor escreve visando o auditório.

O antigo título "epístola aos hebreus" recomenda procurar os destinatários na Palestina, porque só lá existiam comunidades judeu-cristãs fechadas que poderiam ter a denominação de "hebreus". E se nos faltasse esta indicação da tradição, o próprio conteúdo nos havia de levar à mesma conclusão. A argumentação supõe leitores versados na Escritura e bem familiares com as instituições mosaicas e mesmo ela nos conduz à proximidade do templo que ainda deve existir com todo o seu impressionante esplendor litúrgico.

O final da epístola, 13, 23. 24, espelha a situação do têrmo do primeiro cativeiro de S. Paulo em Roma no ano 63. É exatamente o período em que o apóstolo *S. Tiago* em Jerusalém fazia uma dolorosa falta. Pois, fôra martirizado em 62. Era um ambiente carregado de fanatismo nacionalista que se dispunha a conquistar o império messiânico com a arma na mão. Os desprezados adeptos do Nazareno crucificado eram como uma ofensa ao orgulho judeu. O Cristo fraco e submisso, coberto de opróbrios, era odiado como uma traição à grande causa nacional.

Os cristãos viviam numa atmosfera de desconfiança, boicotagem e perseguição. A pobreza e fome, que já dera ocasião a diversas coletas organizadas por S. Paulo nas comunidades fora da Palestina, agora chegava ao extremo. Podemos calcular pela epístola aos hebreus o que os fiéis tinham de ouvir dos seus conterrâneos infiéis, talvez de seus

próprios parentes. Pois Cristo já predissera que os piores inimigos proviriam da própria casa (Mt 10, 34-36). Eram palavras de escárneo no meio das suas angústias: "Que reino messiânico o vosso que só traz miséria e desgraça! É o castigo porque não perseverastes na religião de vossos pois. Nós temos certeza que Deus a revelou (1, 1 s.), por intermédio de seus anjos (1, 4 s.) e de Moisés, seu servo fiel (3, 3 s.). Nós temos a herança da terra prometida (4, 1 s.), possuímos o templo do único verdadeiro Deus, onde se oferecem os sacrifícios para a purificação dos pecados (cc. 7-10). Tudo isso é certo e seguro. E vós aderis a um Messias que fracassou miseràvelmente, maldito por Deus e os homens e trazendo maldição aos que o seguem".

Os argumentos eram palpáveis. Pois a mão de Deus parecia pesar cada vez mais sôbre os cristãos. Para os fracos e tíbios que ainda não tinham saído inteiramente da mentalidade terrena do judaísmo, êles constituíam um perigo gravíssimo de apostasia.

A epístola aos hebreus contrapõe aos pusilânimes na fé um ardoroso *sursum corda* no meio das provações temporais, fundamentando a esperança cristã no Cristo glorioso, vivo pelos séculos, que aplicando os méritos da Paixão conduz a todos os que nÊle crêem à herança do Novo Testamento. Êste já se encontra em pleno vigor e por isso não tem mais cabimento aferrar-se ao que fôra apenas uma sombra fugaz, uma figura da realidade. É a idéia que tão belamente formulou o verso do Lauda Sion: "Vetustatem novitas, umbram fugat veritas, noctem lux eliminat".

3. A FORMA LITERÁRIA

Os comentários costumam dividir a epístola aos hebreus numa parte principal teorética (cc. 1-10) e uma parte prática ou parenética (cc. 11-13). Há nesta divisão o inconveniente de que a primeira parte também está disseminada de exortações e a segunda parte não deixa de basear-se em considerações teoréticas. Ademais devemos crer ao próprio autor que chama a sua carta uma palavra de exortação (13, 22: logos tes parakleseõs).

Um exame de tôda a sua estrutura revela de fato um plano premeditado em que tudo converge para o único fim pastoral de confirmar os judeu-cristãos na fé em Cristo Jesus, precisamente nos seus aspectos contrários ao Messianismo judaísta. É sem dúvida um dos mais belos documentos de arte literária do helenismo judaico. As diversas partes dêste harmonioso conjunto estão em perfeita *simetria* e *proporção* como também numa *estreita concatenação* entre si e tôdas elas levam com *crescente fôrça*, *insistência* e *amplidão* a *apelos práticos* que visam o mesmo fim da Epístola.

São quatro teses desenvolvidas numa exposição doutrinária, cada vez mais extensa, terminando a primeira com uma advertência, a segunda com duas, a terceira com três, a quarta com quatro advertências.

O próprio autor ali colocou os verdadeiros marcos de divisão.

De uma análise minuciosa resulta a seguinte disposição:

A. *O Exórdio* 1, 1-3.

O primeiro período inicial com razão se conta entre os textos mais sublimes da Sagrada Escritura. Estas palavras

solenes se parecem com sinais de trombeta com que o autor anuncia o seu tema, o plano a que pretende obedecer e todo o cenário de tempo e espaço em que se vai desenrolar o drama do Antigo e Novo Testamento, culminando no mistério de Cristo, "ontem, hoje e Êle por todos os séculos"..

I. 1. "Havendo Deus outrora falado muitas vêzes e de muitos modos *aos pais pelos profetas.*

2. *a nós* nestes últimos dias falou *pelo Filho* a quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fêz também o mundo.

II. 3. o qual a) sendo o resplendor de sua glória e a figura de sua substância sustentando tôdas as coisas pela palavra de seu poder; b) havendo feito a purificação dos pecados; c) *assentou-se* à direita da majestade nas alturas".

O exórdio é a epístola em miniatura, apenas em ordem inversa de I e II. Os versos 1, 1-2 contrapõem a era passada em que Deus falou aos pais pelos profetas na multiplicidade de revelações fragmentárias e a era nova "dos últimos dias" em que Deus falou *pelo Filho* que não podia senão trazer a plenitude como *herdeiro do Universo* e o seu próprio Criador. O verso 1, 3, apresenta o Filho nas três fases: da sua preexistência divina (= ontem), da sua aparição temporal e terrestre (= hoje) e na sua entronização transcendental (= Êle para todos os séculos).

Na construção do período, o verbo finito "ekathisen" — "assentou-se" depois de três particípios, faz culminar a ação dramática do mistério de Cristo na entronização à direita de Deus nas alturas.

É no reino sacerdotal transcendente e eterno, inaugurado pela ressurreição e ascensão de Jesus que êle quer insistir. É a realidade do Novo Testamento que aboliu o Testamento Antigo.

B. *Desenvolvimento do tema.*

I. Primeiro o autor desdobra as três fases da existência do Filho de Deus indicadas no verso 3 do Exórdio: 1, 4-10, 39. Depois em ordem inversa corresponde a 1, 1-2 a retrospecção que faz à era antiga desde a criação do mundo até Cristo (cc. 11) e o contraste entre os dois testamentos (cc. 12). A inversão é conseqüência da rigorosa concatenação de idéias e associação de palavras que observa.

A primeira subdivisão do mistério de Cristo é anunciada por uma tese ainda gramaticalmente encadeada ao período do Exórdio:

1) *tese* 1, 4 "tanto mais sublime do que os anjos". "quanto o nome que herdou lhes é superior".

Exposição: 1, 5-14. A absoluta transcendência do Filho de Deus é ilustrada pela superioridade sôbre os anjos. A argumentação é um conjunto de 7 textos bíblicos a que os rabinos davam o nome da "haraz": Sl 2, 7; 2 Sam 7, 14; Sl 96, 7; Sl 103, 4; Sl 44, 7; Sl 101, 26; Sl 109, 1.

Exortação: 2, 1-4. Em proporção à exposição muito concentrada, a conclusão prática contra a apostasia é curta: Se "a palavra falada" pelos anjos foi sancionada por Deus com tanto rigor no A. T., como poderá escapar ao castigo divino quem despreza a salvação anunciada pelo Senhor (Kyrios) e confirmada por tantos sinais e milagres operados pelo Espírito Santo.

2) *tese* 2, 5-7. Ela está novamente concatenada com a parte anterior: A humilhação do "Filho do Homem" é apresentada como *rebaixamento aos anjos*, segundo as palavras do Sl 8. Mas êste conquistará o reino escatológico superior aos próprios anjos.

Exposição: 2, 8-5, 10. É digno de nota que ela não apenas encadeia, mas desenvolve 7 *textos bíblicos*: Sl 8, 5; Sl 21, 23; Sl 17, 3; Is 8, 18; Sl 94, 8; Sl 2, 7; Sl 109, 4.

Para demonstrar a conveniência da humilhação messiânica primeiro alega a solidariedade com o gênero humano para o fim soteriológico (2, 8-16) e em 2, 17 se anunciam duas razões psicológicas: "Por isso foi conveniente que em tudo êle se fizesse semelhante a seus irmãos, para vir a ser um pontífice *misericordioso* e fiel naquilo que é de Deus para expiar os pecados do povo". Seguindo o princípio da concatenação trata-se por inversão primeiro do *Pontífice fiel* (3, 1-4, 13) e depois do *Pontífice misericordioso* (4, 14-5, 8). Característico para esta segunda exposição doutrinária é o paralelismo entre a missão de Cristo e de Moisés, entre o descanso na terra prometida e o descanso na eternidade, como também a acentuação do caráter humano do Pontífice elevado aos céus.

Êste pensamento é aproveitado para desde já concatenar a terceira tese (5, 9-6, 3) que constitui a culminância de tôda a argumentação: Cristo é chamado por Deus a ser *Pontífice segundo a ordem de Melquisedec.* Nos versos 5, 11-6, 3 ressalta-se a importância da doutrina que pretende desenvolver. Mas antes disso ainda deve tirar as conclusões práticas para o fim da Epístola. De acôrdo com a extensão da segunda exposição doutrinária são *duas as exortações*: uma negativa contra a apostasia (6, 4-8) e outra positiva à fidelidade na fé (6, 9-12).

3) *tese*: Segundo anúncio em 6, 13-20 concatenado ao anterior pela associação da idéia das promessas (Cfr. 6, 12-6, 13) e do juramento 6, 13 sg.

Exposição: 7, 1-10, 18. Também a terceira parte contém o comentário de 7 *textos bíblicos*: 1) no anúncio da tese: Gên 22, 16, 17; 2) no confronto entre o sacerdócio imperfeito e perecível e o sacerdócio perfeito e imperecível: Sl 109, 4; (7, 1-28) 3) no confronto entre o templo terrestre e celeste: Êx 25, 40; (8, 1-6). 4) no confronto entre o Antigo e Novo Testamento: Jer 31, 31-34; (8, 7-13). 5) no confronto entre os dois ritos expiatórios dos dois testamentos: Êx 24, 4; (9, 1-24). 6) no confronto entre a multidão dos Sacrifícios antigos e o Sacrifício único: Sl 39, 7; (9, 25-10, 14). 7) Para finalizar volta Jer 31, 34, agora com o fim de provar, não a novidade do testamento, mas o seu efeito: a remissão dos pecados (10, 15-18).

De acôrdo com a extensão e o caráter da exposição doutrinária anterior seguem 3 *exortações*: 1) 10, 19-25: uma conclusão prática da doutrina sôbre o grande Pontífice no templo celeste: confiança em Cristo que nos inaugurou através do véu o caminho novo e vivo e união com Êle pela fé, esperança e caridade; 2) 10, 26-31: advertência contra a apostasia como desprêzo do sangue de Cristo; 3) 10, 32-39: admoestação à fidelidade na fé no meio das provações. Nesta parte prática aparecem 3 *citações bíblicas*: Dt 32, 35; Sl 134, 14 e uma combinação de Is 26, 20 e Hab 2, 3. Com os textos anteriores temos ao todo na primeira parte 3 x 7 + 3 = 24 textos da Escritura do A. T.

II. A segunda parte também está concatenada com o precedente pela associação da palavra "fé". Com ela termina a terceira exortação. "Nós, porém, não pertencemos aos covardes para a perdição, mas somos daqueles que crêem para a salvação de sua alma", e entra *a quarta tese* 11, 1-2: *A fé é o fundamento das coisas esperadas e uma*

firme convicção de coisas que não se vêem. Por ela os antigos alcançaram testemunho.

Exposição: O cap. 11 numa simetria certamente não casuál com as 24 citações bíblicas anteriores 24 vêzes repete a palavra "fé": 7 vêzes no tempo da criação do mundo até Noé (11, 1-7); 7 vêzes no tempo dos patriarcas (11, 8-21); 7 vêzes no tempo de José do Egito até a conquista da terra prometida (11, 22-30); 3 vêzes desde Raab a prostituta que foi a primeira não israelita a participar das promessas de Abraão até a consumação das promessas no tempo messiânico (11, 31-40).

c) O cap. 12 apresenta 4 exortações com conclusões práticas da quarta tese: 1) 12, 1-3: Cristo, o autor e consumador da fé é apresentado como modêlo no sofrimento; 2) 12, 4-13: os leitores são exortados à fidelidade nas provações paternas de Deus que são meios de santificação; 3) 12, 14-17: por associação de idéias exorta-se à santidade de vida; 4) 12, 18-29: incute-se a maior responsabilidade na era messiânica pelo contraste entre o monte Sinai e a visão celeste do novo monte Sião. Ali se vedava o acesso a Deus, aqui se conduz ao Deus vivo por Jesus, o mediador do Novo Testamento. Que responsabilidade tremenda seria desprezá-lo. Para quem o fizesse o nosso Deus como no Sinai se tornaria um fogo consumidor.

Com o cap. 12 termina o desenvolvimento do Exórdio 1, 1-3, tendo em 11 percorrido a era antiga e concluído em 12 com o contraste entre os dois testamentos.

C. *Conclusão final*: 13, 1-25.

O último capítulo é uma peroração de tôda a epístola que se ocupa com as diversas necessidades da comunidade.

Em simetria com a estrutura anterior volta aqui no fim o "3 vêzes 7". São 3 partes com 7 subdivisões cada uma: 1) 13, 1-6: Exortações à vida cristã — 1.º permanecer na caridade fraterna, 2.º não esquecer a hospitalidade, 3.º lembrar-se dos presos, 4.º consolar os aflitos, 5.º santificar o matrimônio sem fornicação e adultério, 6.º evitar a avareza, 7.º ter confiança em Deus.

2) 13, 7-17: Exortações à fidelidade na vida de comunidade — 1.º ser dócil à pregação e ao exemplo dos pastores, 2.º ser fiel a Cristo ontem, hoje e eternamente, 3.º não se deixar levar por doutrinas estranhas, 4.º participar do novo altar, 5.º sair do judaísmo para a mentalidade cristã, 6.º oferecer a Deus por Cristo um sacrifício agradável, sobretudo por obras de caridade, 7.º ser obediente aos superiores.

3) 13, 18-25: Recomendações finais: — 1.º O apóstolo pede orações para ser restituído brevemente (13, 8-19). 2.º Êle ora pelos destinatários da epístola (13, 20. 21). 3.º Pede que aceitem a exortação da epístola (13, 22). 4.º Notícia sôbre Timóteo (13, 23). 5.º Saudações aos superiores e demais membros da comunidade (13, 24a). 6.º Saudações dos irmãos da Itália (13, 24b). 7.º Bênção final 13, 25.

Êste último capítulo é formado de *slogans* breves e incisivos, entre os quais também aparecem as idéias dominantes da Epístola.

4. A DOUTRINA

A. *O escândalo e o mistério de Cristo.*

Nota-se do começo até o fim a única preocupação de um pastor de almas de *levar os seus leitores do escândalo de*

Cristo que se vê para que creiam no mistério de Cristo que não se vê e por intermédio desta fé conduzi-los da provação terrena e temporal à salvação celeste e eterna.

O escândalo de Cristo que impedia a conversão dos judeus obstinados e fazia vacilar os convertidos, se reduzia a três dificuldades que se baseavam em concepções fundamentais do messianismo judaico.

1) Por insistência no dogma fundamental do monoteísmo sem a forma trinitária da revelação cristã, não consideravam o Messias senão como puro homem e repudiavam a fé na divindade de Cristo como tremenda brasfêmia.

2) A própria crucificação era tomada como reprovação manifesta da parte de Deus. Pois segundo o Dt 21, 23 era "maldito quem fôsse suspenso no madeiro". Parecia de todo impossível que um crucificado pudesse ser portador das bênçãos messiânicas.

3) Segundo um amálgama de religião e nacionalismo, que se justificava pela idéia do povo escolhido, o Messias deveria ser um rei temporal e terrestre como Davi ou Salomão. A missão dêste não seria senão submeter todos os povos à religião e à lei sumamente perfeita de Moisés. O templo de Jerusalém seria o centro do reino messiânico, onde todos os povos viriam sacrificar ao único verdadeiro Deus e prestar tributo à nação judaica. Seria o apogeu de poder e de riquezas inesgotáveis e um paraíso de prazeres sem dor e sem sofrimento. O reino transcendental de Cristo diante disso era como uma ilusória defraudação dos legítimos direitos do povo escolhido.

A êste tríplice escândalo a epístola aos hebreus opõe *a fé no mistério de Cristo* que já constitui o tema central das outras epístolas Paulinas.

Aqui, entretanto, não se trata mais de mostrar a judeus e pagãos "a doutrina dos princípios elementares de Cristo" (6, 1) que pela fé e o batismo todos se tornam "um" em Cristo Jesus. Não há por isso base alguma para forjar um argumento *ex silentio* contra a origem Paulina da epístola aos hebreus do fato de êle omitir a metáfora do corpo místico. Na epístola aos hebreus a mensagem Paulina sôbre o mistério de Cristo se desenvolve e consuma, procurando levar os leitores às alturas de sua divindade, à profundidade do rebaixamento humano e novamente às alturas da exaltação gloriosa da própria natureza humana. Desenrola-se um panorama grandioso que abrange espaço, tempo, eternidade, terra e céu.

O *leitmotiv* da epístola é formulado no ultimo capítulo 13, 8: "A Jesus Cristo, ontem e hoje e Êle para todos os séculos". O *ontem* significa a preexistência ao tempo para a natureza eterna do Filho de Deus. O *hoje* lembra o tempo fugaz na terra, ao qual desceu o eterno, transcendente e divino. Esta fase apresenta a humilhação efêmera do "Filho do Homem" na Encarnação e Paixão e morte como caminho para a glória. E "*Êle para todos os séculos*" é a culminância do mistério de Cristo a que a epístola quer levar os seus leitores: Jesus vivo pelos séculos em plena atividade como Rei-Sacerdote na eterna glória.

Êstes três aspectos do mistério de Cristo são a resposta ao tríplice escândalo que não se formula expressamente, mas sempre se encontra presente em tôda a polêmica do hagiógrafo.

Ernesto *Dobschuetz,* em *Journal of Biblical Literature* 41 (1922) 212-223, ilustra o esquema de tempo e espaço da epístola num gráfico: Duas linhas horizontais paralelas re-

presentam o espaço superior celeste e o espaço inferior terrestre. Elas são cortadas por três linhas verticais que representam as três eras: anterior, atual e posterior. O pensamento transcorre numa curva, começando no plano superior da era anterior, descendo à era atual do plano inferior e subindo novamente ao plano superior da era posterior. A era do Antigo Testamento foi a promessa do Novo Testamento. A vida terrestre de Cristo por sua vez é promessa, cujo cumprimento esperamos alcançar na eternidade do céu. Cruzam-se o temporal e eterno, o terrestre e o celeste. O visível é imagem passageira do invisível, eterno e imutável. É a fé que conduz das sombras e imagens do Antigo à realidade do Novo Testamento em Cristo que apareceu no Tempo. É ainda a fé que leva do terrestre e temporal das nossas provações transitórias ao celeste e eterno, a fim de repousarmos definitivamente junto ao Cristo glorioso "assentado para sempre à direita de Deus" (10, 12).

B. *O Antigo e o Novo Testamento.*

O ponto nevrálgico na discussão com os judeus era a vocação, o direito e a dignidade *do reino sacerdotal entre todos os povos* que Israel tinha adquirido por uma particular eleição divina e uma solene aliança com Javé. A ep. aos hebr. se ocupa com êste problema central, desenvolvendo como resposta *a doutrina sôbre os dois testamentos.*

Êstes conceitos aparecem nas outras epístolas Paulinas esporàdicamente. Aqui constituem o princípio dominante que dá ao tríplice mistério de Cristo tôda a fôrça de convicção e a firmeza da esperança cristã. Em muitos pontos esta doutrina se identifica com a do corpo místico. Difere apenas a forma de expressão que se baseia inteiramente em concepções da religião de Israel.

I. *A evolução do conceito de testamento.*

O têrmo usado no hebraico "berith" significa na vida social: *um pacto de confraternização entre dois parceiros, solenemente autenticado por algum documento que sirva de testemunho da combinação feita e confirmado por Deus e os contraentes pelo juramento e pelo sacrifício, seguido por um rito de sangue e o convívio.* Um exemplo clássico é a "berith" entre Labão e Jacó em Gên 31, 44 s.

A característica da religião de Israel é que o patriarca do povo eleito Abraão e a própria coletividade da nação entraram em pacto sagrado com o próprio Deus (Gên cc 12-18 e Êx cc. 19-24). Em ambos os casos se observaram os ritos de aliança a fim de autenticar os direitos e deveres recíprocos. É uma eleição mútua: Israel proclama a Javé seu único rei e Javé escolhe a Israel como o seu povo. Do monte santo o Senhor promulga a sua lei e as suas promessas: "Se... ouvirdes a minha voz e observardes a minha aliança, sereis para mim a porção escolhida dentre todos os povos; porque tôda a terra é minha. E sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa" (Êx 19, 3-6).

Israel é segregado de tôda a criação e de todos os povos como propriedade particular de Deus assim como os sacerdotes são separados do povo para o culto divino — e Javé assume pessoalmente o govêrno para a defesa e felicidade de seu povo. Os sacerdotes e o rei exercem funções desta aliança. Deus os constitui seus representantes visíveis como também representantes do povo na execução da "berith".

A dignidade sacral e a responsabilidade sem par desta nação santa se exprime pela relação do matrimônio. Israel é espôsa de Javé e a violação da "berith" é adultério contra o divino Espôso.

Depois de uma série de infidelidades do povo eleito, os profetas unânimemente anunciam uma dupla mensagem:

1) A mulher adúltera é castigada e perde os sagrados direitos.

2) Nos "últimos dias", porém, Deus estabelecerá uma nova berith" de misericórdia e perdão, de graça e santidade que se estenderá a todos os povos.

Essa perspectiva é igual em todo o profetismo do A. T., sendo entretanto Jeremias o único que formulou a terminologia da antiga e nova "berith". Êle prediz uma era em que Deus escreverá a lei no coração e dará a plenitude do conhecimento divino e a integral remissão dos pecados (Jer 31, 31-34). Será êste o reino de Deus definitivo e eterno, fundado pelo Messias e consumado em âmbito transcendental. O profeta Daniel no ultimo capítulo claramente ensina: "E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna e outros para vergonha e desprêzo eterno. Os entendidos, pois, resplandecerão, como resplendor do firmamento, e os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrêlas sempre e eternamente" (Dan 12, 2. 3).

A tradução grega dos setenta verteu "berith" pelo termo *diatheke,* enquanto Áquila, Símaco e Teodocião preferem a palavra *syntheke* que exprime a idéia do pacto mútuo. Mas sendo Deus o parceiro daquela aliança singular, é natural que Êle tenha uma absoluta preponderância. Neste sentido "berith" já se tornara sinônimo de *torah* i.é. *lei.* Assim se falava da arca, do livro e das tábuas *da aliança,* porque continham a lei.

Diatheke significa a expressão de uma vontade que tem fôrça de lei, seja prescrevendo alguma norma ou legando

uma herança. A tradução dos setenta assim pretendia abranger todo conceito da "berith" como *lei* e *promessa.*

No helenismo, porém, a significação corrente do têrmo era "testamento" — e por isso o acento foi se deslocando no sentido da mensagem profética de uma promessa de salvação ou de *uma herança dos bens messiânicos do perdão e da graça*, como a encontramos em Jer 31, 31-34.

Assim a tradução dos setenta preparou o caminho *para a noção cristã do Novo Testamento.* O evangelho de S. João proclama a antítese: *Por Moisés foi dada a lei — Por Jesus Cristo veio a graça e a verdade* (1, 17). "E a todos quantos o receberam" — "deu-lhes o poder de serem filhos de Deus" (1, 12).

A filiação divina inclui o direito à herança. Pois diz S. Paulo aos Romanos 8, 17: "E se nós somos filhos, somos também herdeiros: herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo".

A epístola aos hebreus toma "diatheke" na acepção comum da palavra (9, 16. 17): "Porque onde há testamento, necessário é que intervenha a morte do testador. Porque um testamento tem fôrça onde houve morte; ou terá êle algum valor enquanto o testador vive?" (Cfr. a mesma significação Gal 3, 15 s. e 2 Cor 3, 6). É a concepção de todo o Novo Testamento: A nova "diatheke" é uma instituição divina de justiça que dá direito à herança dos bens messiânicos anunciados pelo profetismo do Antigo Testamento.

II. *Jesus Cristo mediador do Novo Testamento.*

Desde a primeira frase até o fim, a Ep. aos hebr. tem em mente a idéia do Novo Testamento que se realiza:

1) no Filho de Deus, herdeiro de tudo,

2) feito Filho do homem e por isso solidário com a humanidade, dada, que

3) pela sua morte dá valor ao testamento.

4) ressuscitado e vivo, dirige e governa o reino sacerdotal de sua celeste glória.

5) e dá o direito de receber a eterna herança aos que se unirem com Êle pela fé, esperança e caridade e perseverarem até o fim na terrestre provação.

1) *O Filho de Deus, herdeiro de tudo* (1, 2).

A tese da divindade de Cristo, colocada em primeiro lugar, é o fundamento mais sólido para as prerrogativas do Novo Testamento.

O Filho de Deus possui o direito nativo à herança do Universo (1, 2) em que Cristo também participa enquanto homem. Êle ocupa "o trono eterno" governando com eqüidade e justiça, ungido que é com o óleo de alegria (1, 8-9, Sl 44, 7). O Deus imutável que não envelhece e sempre permanece o mesmo (1, 10-12, Sl 101, 26) na palavra de Sl 109, 1 diz a seu Filho: Assenta-te à minha direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés (1, 13).

Os anjos que adoram a Deus (1, 6) criados para o seu ministério (1, 7) também são enviados "a favor daqueles que hão de *herdar* a salvação".

2) *O Filho de Deus feito Filho do Homem torna-se solidário com os homens* (2, 6 s.).

Êle participa da mesma carne e sangue (2, 14), fazendo-se nosso "irmão" (2, 11. 12), "porque o que

santifica e os que são santificados são todos de um só" (Adão). Êle se rebaixou assim aos anjos com o fim de compartilhar conosco o sofrimento e a morte para "ser coroado de glória e honra" e "pela graça de Deus provar a morte por todos" (2, 8. 9) para "destruir pela morte o que tinha o império da morte, isto é, o demônio, e livrar os que por mêdo da morte estavam tôda a vida sujeitos à escravidão" (2, 14). Dêste modo êle cumpre a missão "de levar à glória muitos filhos", consumando Deus "pela Paixão o autor da salvação dêles" (2, 10).

Neste tempo efêmero Jesus se encontra na transmigração para o descanso eterno, sendo o condutor do povo eleito para a terra da herança eterna (3, 1-4, 10a). *"Filho na sua própria casa;* a qual casa somos nós outros", Êle nos pode garantir os direitos da herança (3, 6). *Verdadeiro homem,* "tentado em tôdas as coisas à nossa semelhança, exceto o pecado", "cercado de fraqueza" (5, 2) e de grandes padecimentos (5, 7. 8), Êle é talhado para receber a vocação de ser Pontífice, "tomado entre os homens e constituído a favor dos homens *nas coisas que tocam a Deus*", e de fato recebeu esta vocação do Sl 2, 7: "Tu és meu Filho, hoje te gerei" e do Sl 109, 4: "Tu és sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec". Tôda essa parte define o *Deus-Homem como medianeiro do novo testamento.*

3) *Foi, entretanto, a própria morte do testador que lhe deu valor de lei* (9, 16.17).

Esta idéia se acentua pela referência "ao primeiro testamento" que "não foi celebrado sem sangue", onde Moisés aspergiu o livro e todo o povo, dizendo: "Êste é o sangue do testamento que Deus vos tem mandado". O raciocínio supõe que aquêles sacrifícios relatados pelo Livro

do Êxodo 24 também signifiquem "a morte do testador", pela qual "o primeiro testamento" recebeu fôrça. Esta não é senão a morte do Filho de Deus prefigurada pelos sacrifícios cruentos do A. T. Assim se compreende a afirmação anterior (9, 15): "E por isso é mediador de um novo testamento para que intervindo a morte para expiação das *prevaricações existentes sob o primeiro testamento,* os chamados recebam *a promessa da herança eterna*". A morte do testador, i. é do próprio Filho de Deus, não apenas põe em vigor o testamento para o futuro, mas tem fôrça retroativa por intermédio dos ritos de sangue que no A. T., prefiguravam a aspersão do sangue no N. T..

Em 11, 40 a Epístola aos hebreus tira a conclusão de que os heróis da fé do A. T. apenas recebiam *a promessa da herança eterna.* Êles tinham que esperar o cumprimento da Redenção de Cristo de modo que não foram "consumados sem nós".

A morte de Cristo assim se tornou a divisa dos dois testamentos e o fundamento da religião cristã.

A doutrina que dá à morte de Cristo tanto valor absolutamente não está isolada. Pio XII na Encíclica do Corpo místico com alegação de comprovantes da patrística e da Escritura proclama: "Com a morte do Redentor foi abrogada a Antiga Lei e sucedeu-lhe o Novo Testamento; então com o sangue de Cristo foi sancionada para todo o mundo a Lei de Cristo com seus mistérios, leis, instituições e ritos sagrados".

Jesus na última ceia, em Mt 26, 28, Mc 14, 24, diz que no Cálice está o *sangue do novo testamento* que será derramado por muitos para a remissão dos pecados, e em Lc 22, 20 e em 1 Cor 11, 25, que o cálice é "*o novo*

testamento no seu sangue". A epístola aos Corintios acrescenta: "Porque tôdas as vêzes que comerdes dêste pão e beberdes dêste cálice, anunciareis a morte do Senhor, até que êle venha". De modo semelhante S. Paulo em Rom 6, 4 s. afirma "que fomos batizados na morte do Salvador". A razão é clara. Se pela morte de Cristo foi pôsto em vigor o Novo Testamento da herança eterna dos filhos de Deus, tôda a remissão dos pecados, tôda a graça e glória, e por conseguinte, todos os meios da graça, o sacrifício, os santos sacramentos derivam dela a sua fôrça. A Eucaristia entre tôdas as instituições ainda se distingue de modo peculiar, porque contém o próprio Novo Testamento no sangue de Cristo.

É só nesta luz que se pode interpretar o texto obscuro de Hbr 13, 10-14: "Nós temos um altar, do qual não têm direito de comer os que servem ao tabernáculo". Imediatamente nos versos seguintes o apóstolo passa a falar no sacrifício do Calvário, onde "Jesus padeceu fora da porta"! O "comer do altar" certamente não pode ser interpretado como metáfora que signifique a fé em Cristo sacrificado no altar da Cruz, porque sem dúvida o apóstolo não quer negar aos judeus o direito de ter fé na morte de Cristo. Mas enquanto continuarem a servir ao tabernáculo não poderão ter parte nas instituições do Novo Testamento que foi pôsto em vigor pelo sangue de Jesus.

Donde vem tanta fôrça à morte de Cristo? A resposta está incluída na exposição anterior sôbre a excelência do medianeiro. Como Filho de Deus feito solidário com a humanidade pecadora na Encarnação, por vocação divina foi constituído Rei e Sacerdote. A sua posição transcendente de Filho de Deus, superior a tôda a criatura, fez com que Êle não se contaminasse ao assumir "a carne do pecado",

sendo "um Pontífice santo, inocente, imaculado, segregado dos pecadores". Como Filho do Homem, porém, Êle se tornou responsável pelo pecado dos seus "irmãos". Em 9, 28 se afirma que Cristo aparecerá "uma segunda vez sem pecado". Segue daí que na sua primeira vinda o Pontífice imaculado vem carregado pelos pecados de todos aquêles com que se tornara solidário.

A epístola aos Romanos expõe o mistério da Redenção como obra do novo Adão que, constituído por Deus cabeça da humanidade, sofre substitutivamente pelos homens à pena do pecado, prestando satisfação à justiça divina. É a *teoria jurídica* expressa por Nosso Senhor no Evangelho pela frase: "O Filho do Homem dará a sua vida em *resgate* por muitos" (Mt 20, 28, Mc 10, 45). De modo semelhante diz S. Pedro que os cristões não foram "*resgatados* com coisas corruptíveis como prata e ouro", "mas com o precioso sangue de Cristo" (1 Pdr 1, 19).

A epístola aos hebreus lembra esta idéia pelos têrmos *apolytrõsis* (9, 15) e *lytrõsis* (9, 12) que significam "redenção" da escravidão do demônio e do pecado (Cfr. 2, 14. 15). Mas senão ela não sai da *linguagem ritual*: *A morte da Cruz é sacrifício* por ser a expressão visivel da *doação de si mesmo* ou de sua submissão incondicional à Soberania divina. Como doação da vontade livre a Deus é um ato da virtude da religião, tendo como objeto o culto de Deus.

No 10.º capítulo se expõe essa teoria. Ao entrar no mundo, Cristo declara: "Eis que venho... fazer, ó Deus, a tua vontade". A esta *submissão* incondicional da criàtura ao Criador, — ato ilícito da religião que constitui a essência metafísica do sacrifício — corresponde a missão da parte de

Deus: *Cristo devia selar com o seu sangue o testamento do perdão, da graça e da glória.*

Como na teoria jurídica o supremo representante da humanidade, chamado *novo Adão* ou *cabeça do corpo*, sofre substitutivamente *a pena do pecado*, aqui o *Rei-Sacerdote*, apresentado na primeira parte como superior aos anjos e solidário com os homens, *presta a Deus o culto devido* que Deus aceita em abono da humanidade pecadora.

Na epístola aos hebreus a morte de Cristo não é considerada sob o aspecto da *pena*, mas do *sacrifício*, porque nela se concretizou a submissão integral da vontade livre de Cristo que "embora fôsse Filho de Deus, aprendeu a obediência pelas coisas que padeceu" (Hebr 5, 8). "*Nesta vontade somos santificados pela oferta do corpo de Cristo*". (10, 10).

Diz S. Bernardo acertadamente: "Non mors, sed voluntas placuit ipsius morientis": "Não a morte, mas a vontade agradou de quem morre". A entrega da vida pela dedicação mais absoluta da vontade livre de Cristo trouxe a propiciação divina para o perdão dos pecados, a "Redenção eterna" uma vez para sempre. Foi suficiente que Cristo sofresse a morte uma só vez (9, 25-28; 10, 10. 14) e depois Êle pôde ficar em repouso "assentado para sempre à direita de Deus" (10, 12). Também isto corresponde à vontade divina. Pois "está decretado aos homens que morram uma só vez" (9, 27).

4) *Jesus, ressuscitado e vivo, dirige e governa o reino sacerdotal da celeste glória.*

Em troca do sacrifício perfeitíssimo na Cruz, Deus dá ao primogênito que é Cristo (1, 6) e por Êle a tôda a Igreja dos primogênitos (12, 23) *o direito da herança ao reino sacer-*

dotal. É o santo orgulho do jovem cristanismo de já possuir em Jesus o cumprimento de tôdas as promessas feitas aos santos patriarcas e da grandiosa esperança alimentada pela pregação dos profetas durante tantos séculos. É outrossim a mensagem principal da epístola aos hebreus.

a) *O anexo entre o sangue do testemunho e a atividade salvadora do medianeiro celeste.*

O "Deus da paz" i. é. o doador de tudo que conduz à eterna salvação *ressuscitou* a Cristo dos mortos "no sangue do eterno testamento" (13, 20). E a *ascensão* foi como a entrada do Sumo Sacerdote no Santíssimo do Santuário no dia da Expiação (9, 1-14, 24. 25). Constituem um rito só o sacrifício cruento diante do véu fechado, a penetração do véu e a aspersão do propiciatório com o sangue do sacrifício.

Na terminologia teológica dizemos que com o Sacrifício da Cruz se consumou a *Redenção objetiva*: abriu-se o véu para dar acesso à Majestade nas alturas.

E "havendo obtido uma Redenção eterna" Cristo, o sumo sacerdote "penetrou o interior do véu" "como nosso precursor entrou por nós" (6, 20), "apresentando-se diante de Deus por nós" (9, 24) e "salvando-se perpètuamente os que por Êle se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por nós".

Em têrmos teológicos é a *Redenção subjetiva* i. é. a aplicação dos méritos da Redenção pela mediação de Cristo no céu.

Ela é representada pela *aspersão do sangue* feita pelo Sumo Sacerdote no propiciatório, que é o símbolo da presença de Deus. Pois no rito do A. T. o sangue era oferecido a Deus no sacrifício, mas era aplicado para fins de purificação e santificação de pessoas, lugares e objetos. "*Segundo a lei,*

quase tôdas as coisas se purificam com sangue e sem efusão de sangue não há perdão". De modo análogo é atribuída ao sangue de Cristo a *santificação interior das consciências.* "Pois se o sangue dos carneiros e dos touros e a cinza duma novilha aspergidos sôbre os contaminados, os santifica para purificação da carne, quanto *mais o sangue de Cristo que pelo Espírito Eterno se ofereceu sem mácula a Deus,* purificará a nossa consciência das obras mortas para servir a Deus vivo?" (9, 13. 14).

Cristo, portanto, na sua intercessão celeste não apela para a simples liberalidade divina, senão para *um título de justiça adquirido pelo sangue derramado no sacrifício sem mácula.* Por esta razão o testamento novo dá um verdadeiro direito à herança aos "primogênitos da Igreja", quando estão unidos a Jesus e à aspersão do sangue. Já estão escritos no céu, na cidade de Deus vivo" (12, 22-24).

Na teologia dizemos que o sacrifício de Cristo-Homem é a *causa meritória* da justificação. Entretanto, é uma atividade divina, atribuída "ao Espírito eterno" (9, 13) ou ao "Deus da paz" (13, 20) que leva a efeito a totalidade dêste rito, dando valor aos méritos da Cruz, operando a consumação de Cristo e de todos que forem remidos pelo seu sangue". Diz a Encíclica *Mystici Corporis*: "Tudo o que o Espírito Santo opera em nós de divino, deve dizer-se que é Cristo também que o opera". Eis a *atividade humano-divina "do grande sacerdote sôbre a casa de Deus" que se baseia no sangue do testamento.*

b) *O reino sacerdotal celeste.*

"Ora, no que estamos dizendo, *o ponto principal é êste*: Temos um tal Pontífice, que está *assentado à direita do trono*

da Majestade nos céus, Ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor ergueu e não o homem". (8, 1. 2).

O próprio autor assinala que aqui temos a culminância da epístola: Nós temos um Rei-Pontífice que tomou posse do seu trono nas alturas e já inaugurou a liturgia do templo celeste.

Nós temos um Rei celeste. Interpretando a tipologia do nome "Melquisedec" e de "Salém", êle é caracterizado como Rei de justiça e de paz. E' Cristo ressuscitado e vivo que efetivamente governa e dirige o reino que fundou.

No fim do cap. 12 apresenta-se um contraste dramático entre os dois testamentos representados pelos terrores do monte palpável no Sinai e à consoladora visão da Jerusalém celeste. Ao passo que ali se proibia severamente o acesso a Deus que aparecera no monte — aqui "*já nos achegamos*" "do monte de Sião da cidade do Deus vivo, da Jerusalém celestial, do congresso de muitos milhares de anjos e da igreja dos primogênitos que estão escritos nos céus e de Deus" Pelo contraste torna-se claro que o reino transcendental, apesar de invisível é considerado uma realidade presente em que os cristãos na terra também participam.

Em 4, 16 no mesmo sentido se exorta: "Cheguemo-nos confiadamente ao *trono da graça*, a fim de alcançar misericórdia e achar graça para sermos socorridos em tempo oportuno." — Em 6, 4 fala-se dos cristãos que são iluminados e "provaram o dom celestial" e "as fôrças do mundo vindouro". Toda a luz e fôrça sobrenatural nos provém dêste Rei do trono celeste.

E' uma concepção semelhante ao que diz a Epístola aos Efésios (2, 6): "Deus... nos convivificou em Cristo e com Êle nos ressuscitou e fêz sentar nos céus com Cristo Jesus". Já

pertencemos ao reino celeste. A igreja triunfante e militante constituem uma unidade em que o Rei messiânico exerce o seu poder, dirigindo pela graça tôdas as vontades para o mesmo fim: a glória do Pai. Na oração final da Epístola 13,20 o apóstolo suplica:

"O Deus da paz".
"que ressuscitou dos mortos o *grande pastor das ovelhas*"
"no sangue do eterno testamento o Senhor nosso Jesus"

"Vos aperfeiçoe em todo o bem para que"
"façais a sua vontade",
"fazendo êle em vós o que fôr agradável"
"a seus olhos, *por Jesus Cristo,*"
"ao qual seja dada a glória pelos séculos dos séculos. Amén."

Jesus Cristo é "o grande pastor das ovelhas", de que o Deus da paz se serve para o govêrno das almas, a fim de capacitar e impelir vontades no cumprimento do beneplácito divino.

Já no comêço da epístola (1, 8. 9) se aplicava ao Rei Messiânico o Sl 44, 7: "O teu trono subsiste no século dos séculos, cetro de eqüidade é o cetro do teu reino. Amaste a justiça e odiaste a iniqüidade, por isso Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo de alegria sôbre os teus companheiros." Parece que o Prefácio da festa de Cristo-Rei fez de tudo isso um apanhado: "Vós ungistes com o óleo da alegria o Vosso Filho Unigênito, Nosso Senhor Jesus Cristo, para Sacerdote eterno e Rei do Universo, a fim de que, imolando-se a si próprio sôbre o altar da Cruz, como vítima pacifica e imaculada cumprisse o mistério sagrado da Redenção do homem, e depois de haver submetido a seu poder tôdas as criaturas, entregasse à Vossa infinita Majestade um reino eterno e universal,

reino de verdade e de vida,
reino de santidade e de graça,
reino de justiça, amor e paz".

Nós temos um Pontífice que inaugurou a liturgia no templo celeste.

O reino de Cristo ressuscitado é essencialmente sacerdotal. Já o govêrno das almas pela graça parece mais uma atividade de sacerdote do que de rei.

De fato tôda a epístola e sobretudo a terceira parte, 7, 1-10, 18, considera a atividade de Cristo glorioso sob o aspecto sacerdotal. Segundo o juramento de Deus *no Sl* 109, 4 foi estabelecida uma nova ordem de sacerdócio eterno que aboliu a ordem transitória do culto levítico. O único Pontífice, Jesus Ressuscitado desde a sua ascensão inaugurou o culto no tabernáculo celeste. Esta ordem é o novo testamento anunciado por Jeremias (31, 31-34) onde Deus pela graça escreve a lei divina no coração, o ilumina com a plenitude de conhecimento sobrenatural e outorga o inteiro perdão dos pecados (Cfr. 8,8-13 e 10, 16-18). A remissão será tão completa que não haverá mais oferenda pelo pecado (10,18). Vê-se logo que esta santidade absoluta só se cumprirá na glória eterna.

Seria, porém, um grande equívoco supor que não houvesse mais sacrifício no céu. Não nos devemos esquecer da perspectiva pastoral da epístola que visa convencer os leitores de que abandonar a Cristo é renunciar ao único caminho de salvação. Por isso o sacerdócio e o sacrifício são contemplados quase exclusivamente sob o ponto de vista de redenção do pecado.

Mas qual será então o ministério do sacerdote eterno no templo celeste, depois do fim do mundo, quando não ha-

verá mais pecados a perdoar? A purificação, santificação e consumação dos homens são apenas uma etapa para o fim último de toda a criação: *o culto de Deus.* Pois "o sangue de Cristo purifica a nossa consciência das obras mortas *para servir ao Deus vivo*" (9, 14).

No estado do pecado as nossas obras são mortas para a glória de Deus e o céu. A purificação da consciência, porém, pelos méritos de Cristo e a graça do Espírito Santo *remove o obstáculo do pecado* e a santificação e consumação pela graça e glória *capacitam o homem de modo sobrenatural* para um serviço sumamente agradável ao Deus vivo.

"Com um só sacrifício *consumou* para sempre os que são *santificados*" (10, 14). Os dois têrmos "hagiazo" = "santifico" e "teleióo = "consumo" devemos entender segundo a linguagem sacrificial. (Cfr. 10, 10; 2, 11; 12, 14-2, 10; 5. 9; 7, 28; 10, 14; 11, 39. 40; 12, 2; 12, 23. Cf. o dicionário de Walter *Bauer.*)

Pela graça os homens são consagrados ao culto de Deus para esta vida temporal e pela glória a consagração se torna definitiva para a eternidade. O fim último do rito de expiação do Novo Testamento da Redenção objetiva e subjetiva de Cristo, de tôda a sua atividade de govêrno das almas é a *consagração para o culto de Deus no templo celeste.*

O Apocalipse dentro do mesmo pensamento proclama triunfante (1, 6): que Cristo pelo seu sangue nos faz "sacerdotes *para Deus e seu Pai*", em 5, 10 reza: "tu nos fizeste reino e sacerdotes *para o nosso Deus* e reinaremos sôbre a terra" e em 20, 6 diz que na Jerusalém celeste todos serão "*sacerdotes de Deus e de Cristo* e reinarão com êle durante mil anos". O sacerdócio e o reino são idênticos, porque servir a Deus é reinar.

São Paulo escreve aos Romanos (15, 16) que êle possui a graça de ser ministro de Cristo Jesus entre os gentios: *para êste fim, que bem aceita se torne a oblação dos gentios e santificada pelo Espírito Santo.*

Os diversos textos da Ep. aos hebr. (13, 15-17, 20-21) e das outras de S. Paulo (Rom 12, 1. 2) e de S. Pedro (1 Pdr 2, 5. 9) que exortam os cristãos a se oferecerem a Deus como "hóstias santas, vivas e agradáveis a Deus", os teólogos costumam interpretar no sentido metafórico, repondo a essência do sacrifício nos símbolos externos. Tôda a pregação profética, porém, não admite dúvida de que êstes são mentiras abomináveis diante dos olhos de Deus, quando falta aquela doação do homem livre por uma vida santa e sobrenatural.

A Encíclica *Mediator* Dei supõe êste conceito legítimo do A. T. e N. T., encarecendo a necessidade de que os fiéis se imolem a si mesmos como vítimas, interpretando êste sacrifício pessoal de cada um com uma vida intensamente cristã. As diversas virtudes morais se tornam sacrifícios, quando são imperadas pela virtude da religião i. é. pela submissão incondicional à Soberania divina e se tornam sobrenaturais e agradáveis a Deus pela santificação do sangue de Cristo.

O ministério do supremo Rei-Sacerdote no templo celeste tem como último fim apresentar a Deus outros reis-sacerdotes, santificados e consumados pelo seu sangue para que se ofereçam eternamente como hóstias puras e santas ao três vêzes Santo.

Mas como diante dessa doutrina se justifica uma igreja na terra com as suas instituições de remissão dos pecados e da graça? O protestantismo fêz da Ep. aos hebr. um cavalo de batalha contra a visibilidade da Igreja, o Sacerdócio, a Missa e a confissão. E' uma ofensa, dizem, contra a suficiência do

único Sacrifício, do único Sacerdote segundo a ordem de Melquisedec, admitir outros sacerdotes e sacrifícios humanos ou algum poder humano de perdoar pecados.

Essa teoria protestante exemplifica bem o termo "heresia" no sentido etimológico de "haíresis". E' uma escolha de algumas verdades reveladas com exclusão de outras também reveladas.

O equívoco protestante está em supor uma Igreja com *instituições independentes do Sumo Sacerdote no céu.* Pretendendo exaltar a suficiência do único Medianeiro entre Deus e os homens, de fato o diminuem, negando-lhe a facúldade de constituir procuradores e sinais que lhe sirvam de instrumentos visíveis para exercer a aspersão do sangue entre os homens (Cf.. Ep 1 Pedro 1, 2 onde a aspersão de sangue significa a redenção subjetiva na Igreja).

A ep. aos hebr, em 3, 1 chama a Jesus "o apóstolo e o Pontífice da nossa confissão" — e êste grande "enviado do Pai" "envia" os "seus apóstolos" (Jo 20, 21-23; Mt 28, 19-20 etc.) *para tornar a sua atividade divino-humana no céu presente em sinais visíveis eficazes da graça*, administrados por representantes seus.

Essa doutrina claramente ensinada pelos evangelhos não pertence ao tema da Ep. aos hebreus, que expressamente exclui "a doutrina dos principios elementares de Cristo", "o fundamento da penitência das obras mortas" "a doutrina sôbre os batismos e imposição das mãos..."

Nas recomendações do cap. 13, porém, o autor supõe uma comunidade organizada com pastores de almas (13, 7) e, como já vimos, um altar eucarístico mencionado em íntima relação com o sacrifício do Calvário (13, 10-14). E quando

no meio proclama: "Jesus Cristo ontem e hoje, e êle também para sempre", êste aparece presente e acessível como em 12, 22-24.

A tristeza desoladora do protestantismo consiste em desconhecerem a grandiosa realidade da presença de "Jesus mediador do novo testamento": no meio da Igreja visível, que assim cumpre a sua promessa: "Eu estarei convosco até à consumação dos séculos". É a verdade que Pio XII tão preclaramente expôs nas suas Encíclicas *Mystici Corporis* e *Mediator Dei.*

Salientemos apenas o que êle diz respeito à liturgia: "... em todo ato litúrgico está presente, juntamente com a Igreja, o seu divino Fundador; está presente Cristo no augusto Sacrifício do altar, não só na pessoa do seu ministro, mas sobretudo debaixo das espécies eucarísticas; está presente nos Sacramentos pela virtude que lhes confere para que sejam meios eficazes de santidade; está presente, enfim, nos louvores e suplicações feitas a Deus, conforme aquilo: "Onde estão dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou lá no meio dêles" (Mt 18, 20).

Por essa presença de Cristo na Igreja se entende o alcance da exortação Hebr 13, 15. 16: "*Por Êle ofereçamos a Deus sem cessar sacrifícios de louvor*, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome. E não vos esqueçais de fazer o bem e de repartir com os outros, *porque de tais sacrifícios é que Deus se agrada*".

O Sumo Sacerdote do templo celeste oferece a Deus todos os santificados pelo seu Sangue e tôda a Comunhão dos Santos se oferece *por Êle.* Os santos que já seguiram o precursor através do véu podem associar-se ao celeste Pontífice face a face. Para os que ainda estão em peregrinação

Êle assume uma visibilidade emprestada pelos seus ministros e as espécies eucarísticas. Mas é um só sacrifício na terra e no céu de tôda Comunhão dos santos intimamente unida a Cristo Jesus.

São êstes os elementos da definição na *Mediator Dei*: "O Sacrifício da nova lei significa aquêle obséquio supremo com que o próprio principal ofertante e com Êle e por Êle todos os seus membros místicos honram devidamente a Deus.

O *Cânon* da S. Missa depois da Consagração menciona um intercâmbio entre o céu e a terra: "Humildemente vos rogamos, ó Deus todo-poderoso, ordeneis que estas ofertas sejam transferidas pelas mãos de vosso santo anjo para *o vosso altar celestial na presença de vosa divina majestade* para que todos os que participamos dêste altar e vamos receber o sacrossanto Corpo e Sangue de vosso Filho, *sejamos repletos de tôdas as bênçãos e graças do céu.* Pelo mesmo Jesus Cristo Nosso Senhor. Amen". Uma vez que o divino Salvador escolheu este "caminho novo e vivo", através de símbolos da fé que contém a realidade invisível, os protestantes devem saber que a apostasia da Igreja visível é apostasia do próprio Cristo.

5) *Só terá direito à herança quem durante a provação terrestre perseverar até o fim em Cristo Jesus na fé, esperança* e caridade.

"Deixemos todo o embaraço e o pecado que nos rodeia e corramos com paciência a carreira que nos está proposta, pondo os olhos em Jesus, autor e consumador da fé, o qual encarando o gôzo que lhe estava preparado, suportou a Cruz, desprezando a ignomínia e está assentado à direita do trono de Deus".

Estamos num tempo de provação, rodeados de tentações para o pecado, em que devemos decidir a sorte eterna. A comparação com o esporte é uma formulação paulina que ilustra a necessidade de perseverança até o fim (1 Cor 9, 24-27; Flp 3, 13. 14; 1 Tim 6, 12; 2 Tim 4, 7). Jesus nos deu o exemplo. Êle foi colocado num tempo de provação para tomar a grande decisão da humanidade, "tentado em tôdas as coisas à nossa semelhança, exceto o pecado" (4, 15). Para nos abrir "o caminho novo e vivo" da graça. Deus lhe propôs a cruz e o opróbrio, propondo como prêmio o gôzo eterno.

Quem quer seguir "o precursor", também deve participar de sua Paixão e perseverar no sofrimento como Jesus.

Todos os homens têm de tomar esta grave decisão: De um lado a Cruz e o gôzo eterno, de outro o gôzo passageiro e a perdição eterna. Para isso o mais necessário é a fé, "o fundamento firme das coisas esperadas e a convicção das coisas que não se vêem" (11, 1). Quem haveria de escolher a Cruz e o opróbrio, se não tivesse a fé absolutamente firme nas promessas de Cristo? Os santos do A. T. foram exemplos da fé. Moisés preferiu ser afligido com o povo de Deus a gozar por algum tempo do pecado, tendo por maiores riquezas o opróbrio de Cristo do que os tesouros dos egípcios" (11, 26). Jesus é "o autor e consumador da fé" não só quanto ao objeto, porque Êle adquiriu o direito da promessa e tem o poder de o comunicar a quem perseverar com Êle, mas outrossim quanto à fôrça interior, porque Êle outorga "o dom celeste" da fé como graça e o levará à consumação da glória.

O grande escopo da epístola é levar os hebreus a que façam a escolha da fé por meio entre as falsas promessas

do mundo dos sentidos e as promessas invisíveis, mas absolutamente certas de Cristo. Como é insistente a exortação do último capítulo: "Saiamos pois a êle fora do acampamento, levando o opróbrio. Pois não temos aqui cidade permanente, mas vamos buscar a futura" (13, 13. 14).

Duas vêzes (6, 9. 10 e 10, 19-25) aparece ao lado da *fé* a *esperança* e a *caridade* no sentido de amor de Deus e do próximo. É êste o caminho novo e vivo que Cristo inaugurou através do véu (10, 19 s.). Ai do apóstata, porque êle fecha para si êste único caminho de salvação, abandonando a congregação dos irmãos (10, 29) e separando-se de Cristo e de sua Cruz. O perigo da apostasia é a grande ameaça que põe em jôgo a herança do novo e eterno testamento. Por isso as advertências são muito severas. Algumas expressões até parecem negar a possibilidade de penitência. Assim os Novacianos e Montanistas interpretaram 6, 4-8; 10, 26-29 e 12, 17. Êste equívoco de outra heresia causou nos primeiros séculos na Igreja ocidental uma certa resistência contra a canonicidade da nossa epístola.

As expressões são mesmo de grande rigor, 6, 4-8: "Porque é impossível que os que já uma vez foram iluminados e provaram o dom celestial, tornando-se participantes do Espírito Santo e saborearam a boa palavra de Deus e as fôrças do século futuro e depois recairam (é impossível, digo) *renová-los para o arrependimento*, porque por sua vez crucificaram de novo o Filho de Deus e o expõem ao ludíbrio. Porque a terra que embebe a chuva que muitas vêzes cai sobre ela e produz erva proveitosa para aquêles por quem é lavrada, recebe de Deus a bênção. Mas a que produz espinhos e abrolhos, é reprovada e perto está da maldição e o seu fim é ser queimada".

Apostatar depois de ter tido o pleno conhecimento da verdade cristã e ter desfrutado a riqueza da graça divina é cometer o pecado da resistência ao Espírito Santo. O homem então cairá *na obstinação* e dificilmente poderá ser renovado "para o arrependimento". As bênçãos divinas em lugar de produzir frutos de santidade para o céu, pela má vontade humana darão maldição para o fogo. Também Nosso Senhor diz: "Quem não crer, será condenado" (Mc 16, 16). Quem rejeita conscientemente a fé em Jesus Cristo, corta para si tôda a possibilidade de salvação — e êle não será perdoado, não porque Deus não queira, mas porque êle mesmo não quer.

É mais explícito ainda o texto de 10, 26-29: "Pois se pecarmos voluntàriamente depois de têrmos alcançado o conhecimento da verdade, já não resta outro sacrifício pelos pecados, mas uma terrível expectação de juízo e o ardor do fogo que há de devorar os adversários. Se alguém rejeita a lei de Moisés, pelo testemunho de dois ou três é morto sem misericórdia; pois quanto maior castigo julgais que merecerá aquêle que pisar aos pés o Filho de Deus e tiver por profano o sangue do testamento com que foi santificado e fizer ultraje ao Espírito da graça?" O apóstata despreza precisamente a fonte de todo o perdão: a Redenção de Cristo. Também aqui é êle mesmo que se condena por se apartar da única esperança de salvação.

O texto mais severo, entretanto, parece 12, 17, onde *o próprio arrependimento é repudiado.* Alega-se o exemplo de Esaú que "vendera os seus direitos de primogenitura" e "depois, quando desejava alcançar a bênção, foi rejeitado porque *não achou lugar de arrependimento, conquanto o solicitasse com lágrimas*".

A bênção messiânica a que temos direito pela primogenitura da filiação divina é o céu. Quem vender êste direito por vantagens fúteis dêste mundo, será excluído. E haverá *um momento em que o arrependimento virá tarde* como o foi para Esaú. É quando se tratar de receber "a bênção messiânica" depois da morte. Também na parábola das 10 virgens, as 5 loucas diante da porta ouviram de dentro a resposta implacável do Senhor: "Na verdade vos digo: não vos conheço". *É tarde, depois que terminou o tempo de provação, o prazo da misericórdia divina.*

É o *hoje efêmero* de que fala o 3.º capítulo, onde se comenta o Sl 94, 8: "Hoje, ao ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações". O castigo dos israelitas rebeldes no deserto é uma séria advertência contra a obstinação na incredulidade (3, 12):

"Vêde, irmãos, que não se ache em nenhum de vós *um coração mau e incrédulo* e que abandone ao Deus vivo. Antes, exortai-vos uns aos outros, cada dia, enquanto subsistir o "hoje" para que nenhum de vós *se endureça* pela falácia do pecado, porque só temos parte em Cristo com a condição que guardemos inabalável até o fim a confiança primitiva" 3, 18: "A quem êle jurou que não entrariam no seu repouso, senão àqueles que se tornaram *incrédulos?* Verificamos, pois, que foi *por causa da sua incredulidade que não puderam entrar*" 4, 11: "Esforcemo-nos, pois, por entrar nesse repouso para que ninguém caia à semelhança *daquela incredulidade*".

Aqui se mostra a perspectiva completa da finalidade da epístola: *negativamente* que pela apostasia não caiam na *obstinação da incredulidade* e *positivamente* que *perseverem*

na fé até o fim no tempo da provação para ter direito ao repouso da herança eterna.

III. *O testamento transitório é uma sombra e figura do testamento eterno.*

Escreve Pio XII na *Divino afflante Spiritu*: "Tudo o que foi dito e feito no Antigo Testamento, foi por Deus sapientìssimamente ordenado e disposto de modo que *as coisas passadas prefigurassem espiritualmente as futuras* que deviam realizar-se no Novo Testamento da graça". "*Êste sentido espiritual só Deus o pode conhecer e revelar*". E depois repete: "Êste sentido espiritual por Deus pretendido e ordenado, descubram-no e exponham-no os exegetas católicos com a diligência que requer a dignidade da divina palavra".

A epístola aos hebreus entre os livros do N. T., possui talvez a doutrina mais desenvolvida sôbre a tipologia do A. T.. É nisto que está a sua maior importância teológica, tratando-se aqui de *uma revelação divina* do sentido de "coisas passadas" que "prefiguraram espiritualmente as futuras". Destaquemos os pontos principais desta doutrina:

1) *Confronto geral*:

a) Ambos os testamentos são de origem divina. O primeiro Deus revelou pelos profetas (1, 1), pelos anjos (2, 2), por Moisés, o servo fiel da casa de Deus (3, 3-6); o segundo testamento nos veio pelo Filho, o resplendor da glória divina e a *expressa imagem* (charakter) *da sua substância* (1, 3). Cristo foi a irradiação da própria realidade divina de que todo o terrestre é apenas uma sombra apagada.

A aparição do eterno trouxe a divisão dos tempos. Com Êle já começou o mundo novo do além (6, 5).

b) "A lei, tendo a *sombra* dos bens futuros, não a *imagem exata* (eikõn) das coisas, nunca pode aperfeiçoar os que a ela se chegam, pelas vítimas que se oferecem incessantemente cada ano". (10, 1). Cristo como Deus é o protótipo de tôdas as coisas (Cfr. 2 Cor 4, 4; Col 1, 15). Êle possui o *poder de santificação*, enquanto as sombras da antiga lei não o continham, mas só a prefiguravam, e apenas davam a promessa, cujo cumprimento se daria depois de consumada a Redenção. Os sacramentos da nova lei são eficazes, porque contêm o que representam. Cristo nêles é verdadeiramente ativo.

c) O precedente mandamento é, na verdade, *abrogado* pela sua fraqueza e inutilidade; pois a lei não levou nenhuma coisa à perfeição, mas foi *introdutora de melhor esperança* pela qual chegamos a Deus" (7, 18. 19; cfr. 8, 6-12).

As promessas do Antigo Testamento eram terrestres e temporais e do novo são celestes e eternas. A terra prometida, o templo, as instituições do sacerdócio e do reino davídico apenas prefiguraram a herança eterna, a liturgia celeste e o reino sacerdotal do Cristo glorioso. A ordem levítica foi carnal e transitória, porque se baseava na descendência da tribo. A ordem nova é espiritual e permanente, porque a vida de Cristo ressuscitado é "insolúvel" (Cfr. 7, 11-25).

2) *Figuras de Cristo.*

a) As três figuras mencionadas no *Cânon* da Missa "o *justo Abel*", "o sacrifício *de Abraão*" e "o sumo sacerdote *Melquisedec*" como tipos dos três mistérios mencionados na parte anterior: "da bem-aventurada *Paixão* do mesmo Cristo

vosso Filho e Senhor nosso", de sua *Ressurreição*, saindo vitorioso do sepulcro e de sua gloriosa *ascensão* aos céus" — são tiradas da Ep. aos hebreus: 12, 24: "*aspersão do sangue* que *fala melhor do que o de Abel*" e cfr. 11, 4 Abel, que alcançou testemunho de que era *justo*, dando Deus testemunho a seus dons e por êle *ainda fala depois de morto.*

11, 17: "Pela fé *Abraão ofereceu Isaac*, quando foi provado, sim, ia oferecendo o seu filho unigênito, aquêle que havia recebido as promessas, a quem se havia dito: "Em Isaac será chamada a tua descendência", crendo que Deus até podia *ressuscitá-lo dentre os mortos* e assim também *o recobrou em figura*".

5, 10-6, 20 e 7, 1-22: onde o Cristo glorioso é apresentado como Sacerdote eterno segundo a *ordem* de *Melquisedec*, *baseando-se* no Sl 109, 4.

b) O Sumo Sacerdote aaronítico é figura do Medianeiro do Novo Testamento na sua vocação divina (5, 1-4), no rito da festa da expiação (9, 11-14) e nas diversas purificações pelo sangue (9, 22-24) representando as três fases da Redenção que já expusemos antes.

c) Moisés que exerceu o sacerdócio no primeiro testamento igualmente é tipo do mediador do Novo Testamento (9, 18. 19).

d) Os próprios sacrifícios cruentos prefiguram a morte Redentora de Jesus (10, 1). Esta tipologia não é tão acentuada como nos escritos de S. João, onde "o Cordeiro de Deus" obteve uma posição central. Em 13, 11-13 só se menciona que os corpos animais, cujo sangue era levado pelo pontífice ao santuário, eram queimados fora do acampamento e que Jesus padeceu fora da porta.

3) *Figuras do reino messiânico.*

a) A peregrinação do povo de Deus no deserto antes de entrarem na terra da herança representa o tempo de provação, o "hoje" da vida terrestre (3, 7-4, 7).

b) O repouso do sábado significa o eterno repouso do céu (4, 8-11).

c) O tabernáculo terrestre foi feito segundo o modêlo no céu (8, 5, cfr. 9, 11 e At 7, 44).

d) O véu do Santíssimo do Santuário significava que o céu no A. T., ainda estava fechado (9, 8).

e) O monte de Sião, a Jerusalém terrestre é tipo da Jerusalém celeste i. é. da Igreja militante e triunfante (12, 22-24).

A epístola aos hebreus está muito longe da pretensão de dar uma doutrina completa sôbre a tipologia do A. T. Pois o autor apenas quis apresentar "uma palavra de exortação" em que "*escreveu abreviadamente*". Êle nem aproveitou, a tipologia do rei Davi nem do Cordeiro, apesar de terem sido muito aproveitáveis dentro do pensamento desenvolvido.

Tanto menos deverá estranhar, quando se restringiu ao aspecto da argumentação e da finalidade. Não o interessava p. ex. a tipologia da oferta de pão e vinho em Melquisedec, ao apresentá-lo como figura do Rei-Sacerdote à direita da Majestade nas alturas. Contudo a epístola aos hebreus nos abriu uma perspectiva muito importante para a compreensão mais profunda da Escritura segundo o princípio: "Vetus testamentum in novo partet et novum in vetere latet".

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS CATÓLICAS

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS CATÓLICAS

EPÍSTOLA DE SÃO TIAGO

EPÍSTOLAS DE SÃO PEDRO

EPÍSTOLAS DE SÃO JOÃO

EPÍSTOLA DE SÃO JUDAS

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS CATÓLICAS

Relegadas para o fim da Bíblia, estas sete epístolas não têm sido bem conhecidas e estudadas pelos cristãos. Isto, talvez, por aparecerem elas como um apêndice às epístolas paulinas e, como muito bem notou CHARUE, "o merecido sucesso das epístolas de São Paulo desviam fàcilmente a atenção de outras 7 epístolas que também compõem o cânon do N. T.. A vizinhança de uma obra prima é muitas vêzes causa de menor aprêço, e os livros santos não escapam a esta fatalidade da concorrência" (1).

Mas por outro lado não devemos exagerar tal descuido, pois contamos no campo católico, alguns excelentes comentários (2) e outros estudos (3).

---

(1) A. Charue, Les Épitres Catholiques, em La Sainte Bible, Paris, 1951, pag. 375.

(2) Como por ex. os de Chaine, U. Holzmeister, J. Bonsirven, Charue, P. De Ambroggi, etc. publicados todos nestes últimos 25 anos.

(3) Monografias, art. em revistas, e em especial citaremos os art. do Dictionnaire de la Bible, Supplément; e do Dictionnaire de Theol. Cathol.

Contêm êstes escritos não só tesouros de doutrina, mas também ensinamentos práticos, e, o que nos é mais interessante, ensinamentos de perfeita atualidade, não só porque contemplam seus autores o homem objetivamente e têm, portanto, um interêsse perene, mas também porque muitas das circunstâncias daquela época se reproduziram hoje como, por ex., dificuldades de ordem moral e social, principalmente uma tensão, tão prejudicial para a fé, entre pobres e ricos.

O *nome* de "epístolas católicas" foi aplicado a estas 7 cartas não tanto pelo fato de serem canônicas, pois foi também aplicado a cartas não inspiradas (4), nem tão pouco para distingui-las das epístolas paulinas (5), mas principalmente por seu caráter universal, quer pelo fato de terem sido dirigidas a várias comunidades (universalidade relativa), quer por serem lidas em tôdas as igrejas, mesmo sem a noção de inspiração e canonicidade, sòmente pela doutrina, como sabemos ter acontecido a outros escritos da época, v. g. a 1.ª epístola de S. Clemente Romano (6).

Tinha, portanto, o nome "epístola católica" o valor de "encíclica" ou carta "circular". Esta noção de universalidade, pelo menos relativa, nada perde pelo fato de serem a 2.ª e 3.ª Jo cartas quase que particulares, e estarem incluídas nesta coleção, pois se compreende perfeitamente que êstes dois curtos escritos acompanhassem a 1.ª Jo como simples apêndices por ser esta muito mais importante (cf. Flm).

Lemos êste nome pela 1.ª vez, com certeza, em Orígenes, que com êle designa a 1 Pdr, 1 Jo e Jud.

(4) Além disso 5 delas estão precisamente entre os chamados "deuterocanônicos".

(5) Segundo as hipóteses de Hug. Schleiermacher, etc.

(6) Hoepfl — Metzinger, Introductio Specialis in N. T., Roma, 1949, pág. 465 s.

Destas 7 cartas a 1 Jo e a 1. Pdr foram sempre recebidas por todos como inspiradas, as outras, porém, sem a mesma unanimidade, segundo o testemunho de Eusébio que, já antes do ano 312, escrevia em sua História Eclesiástica (III, 25): "Entre os livros sagrados *discutidos, mas recebidos pela maioria* (tõn antilegoménon, gnorímon dè tois pllois) estão as epístolas chamadas de Tiago, Judas, 2. Pedr, 2, e 3. Jo,. . ." (7). Em todo o caso é certo que desde, pelo menos, fins do século 4.º (cf. Concílios Africanos de 393-419, Inocêncio I, em 405 Agost., Rufino, etc.) já eram recebidas por tôda a Igreja.

Sòmente no séc. 16 é que Lutero negou a autenticidade da Epíst. de S. Tiago, por estar ela claramente contra suas doutrinas e, em seguida, outros inovadores negaram também as outras. Hoje em dia poucos acatólicos admitem a autenticidade destas cartas. Os católicos, porém, continuam firmes na antiga tradição, de acôrdo com o decreto do Concílio Tridentino, sôbre o cânon das Sagradas Escrituras. (8).

EPÍSTOLA DE S. TIAGO

Devemos ou não admitir como soam as palavras da inscrição: (1). "Tiago, servo de Deus e (do) Senhor Jesus

---

(7) Apud S. Rosadini, Institutiones Introductoriae in Libros N. T., Roma, 1931. vol. III, pág. 7.

(8) Denzinger, Enchiridion Symbolorum... n.º 783 s. Sessão IV de 8 de abril de 1546.

(1) Por **inscrição** entende-se o cabeçário de uma epístola que geralmente constava do nome do mitente e do destinatário juntamente com as saudações.

Cristo, às doze tribos. . ." (Tg 1, 1)? Se admitirmos Tiago como autor, quem era êste Tiago? O apóstolo, ou algum outro Tiago?

Para responder satisfatòriamente deveremos primeiro examinar as características doutrinais desta carta e suas fontes, as características literárias e os destinatários, a fim de têrmos maior segurança e mesmo mais facilidade na investigação sôbre o autor.

Como CARACTERÍSTICA DOUTRINAL mais importante temos o estádio arcaico na exposição da doutrina, não que o autor tivesse em mira uma sistematização doutrinal, pois olha êle principalmente para a vida prática. Por estádio arcaico entendemos tão só as alusões à exposição doutrinal suposta como já conhecida pelos destinatários.

A separação da sinagoga não se fêz num instante. Os At nos mostram os apóstolos freqüentando as sinagogas judaicas, ali pregando e discutindo. Em poucas palavras traçou Charue um belo apanhado desta situação: "As duas economias do judaísmo e do cristianismo não estão ainda claramente dissociadas e a novidade evangélica se exprime sempre, em grande parte, na linguagem tradicional da antiga Bíblia. A fé monoteista é proposta como incluindo virtualmente tôda a verdade religiosa (2, 19). A Lei, especialmente o Decálogo, é sempre a carta fundamental da religião, embora sua interpretação pertença soberanamente ao Evangelho (2, 8). Não sòmente a reflexão teológica continua largamente tributária das lições do A. T. (2, 20-22; 4, 5), mas parece pouco habituada a explorar as recordações evangélicas: veja-se o caso típico da exortação à paciência (5, 10-11). A assembléia do culto é chamada a sinagoga (2, 2): sem dúvida, *synagogé* pode designar uma reunião espe-

cìficamente cristã, mas sabe-se que tal aplicação não se encontra em outra parte do N. T.. O horizonte do autor não parece conhecer outras cristandades, mesmo fora da Palestina, a não ser as dos convertidos da Diáspora judaica: parecia que tôda a Igreja vinha do judaísmo ou, pelo menos, a imensa maioria dos fiéis. Com a carta de S. Tiago estamos sensìvelmente no momento doutrinal que caracteriza o mais antigo fundo da tradição sinótica, especialmente o Discurso da montanha". (2).

Três FONTES podem entrar em jôgo na composição desta epístola:

1) Fontes *judaicas*: O A. T., como era natural, serviu de base: assim por ex. o monoteísmo continua o artigo de fé fundamental (2, 19). Vêm em seguida todos os atributos de Deus que é: o *Senhor* (passim), *Pai* (1, 27), Pai das luzes (1, 17), *criador* (3, 9) *misericordioso* (5, 10-11), *fonte da sabedoria* (3, 15-17), *único legislador e juiz* (4, 11 ss), etc. Alguma cousa ainda se pode encontrar de comum com outros escritores judaicos, porém, se recordarmos que todos os judeus piedosos conheciam as tradições judaicas, como aliás o próprio desta carta supõe nos destinatários, ficará logo excluída a necessidade de dependência de escritores contemporâneos. Notemos, outrossim, que o fundo de tradições judaiças não permanece tal qual, mas um "espírito novo" o modifica e aquelas tendências ritualistas e nacionalistas desaparecem.

2) Fontes *cristãs*: melhor as chamaremos características ou notas cristãs. Algumas são exclusivamente cristãs

---

(2) A. Charue, Les Épitres Catholiques, em La Sainte Bible, Paris, 1951, pág. 382 s.

como: "servo de Deus e (do) Senhor Jesus Cristo" (1, 1), "a fé do glorioso Senhor nosso J. C." (2, 1), "a *parusia* do Senhor" (5, 7), ao passo que outras são apenas soluções cristãs de problemas já percebidos pelo mundo judaico e também pagão, v. g. o juramento freqüente, também aos olhos dos rabinos, parecia um mal, mas só o cristianismo é que veio substituí-lo pela simples afirmação ou negação (5, 12; cf. Mt 5, 34-37); a visita aos enfermos era recomendada pelos rabinos, mas a "oração sôbre êles" e a unção é cousa nova (5, 13 ss).

Se compararmos algumas expressões de Tg com os Ev., como por ex. Tg 1, 22 com Mt 7, 21. 24 e Lc 6, 46 s.; Tg 3, 12 com Mt 7, 16 s; Tg 4, 4 com Mt 6, 24; Tg 4, 13-16 com Lc 12, 16-21; poderemos ver que os textos evangélicos são quase todos do sermão da montanha, porém ainda na fase da tradição oral, antes da redação dos Ev.

3) Fontes *helenísticas*: uma vez que muitos comentários modernos estão procurando aproximar textos de Tg a escritores pagãos como Pitágoras, Sêneca, Epiteto, etc., será oportuno vermos o que há realmente a êsse respeito. Eis o testemunho de J. Bonsirven: "Uma leitura paralela de Tg e Epiteto nos convenceu definitivamente do abismo que os separa, tanto no que se refere ao pensamento quanto à expressão" (3). A imagem "a roda do nascimento" (tradução literal de *o trochós te genéseos*) para dizer *o ciclo de nossa existência* (3, 6) estava muito difundida no mundo helenístico, segundo averiguações de G. Kittel. Semelhantemente,

---

(3) J. Bonsirven, Dictionnaire de la Bible, Supplement, Paris, 1948, col. 789.

muitas outras poderiam ser usadas por qualquer homem de cultura média sem que por isto estivesse filiado a qualquer escola filosófica, como hoje em dia tantos pagãos de nossa sociedade cristã usam imagens, comparações e expressões cristãs sem que por isto sejam cristãos. Estas imagens usadas pelos escritores helenísticos faziam parte da atmosfera geral da época, nada mais. Usou Tiago estas expressões como usou o vocabulário grego, simplesmente porque eram um veículo adequado a seu pensamento cristão. Mais tarde, apologetas e pensadores cristãos se utilizariam das especulações dos filósofos pagãos; S. Tiago ainda não se preocupava com isto pois precisava, primeiro, confirmar na fé os fiéis recém-convertidos e corrigir abusos aparecidos entre êles.

O autor dêste escrito manifesta-se profundo conhecedor do judaísmo tanto bíblico como extra-bíblico e da linguagem pagã helenística e é para melhor se fazer entender que usará exemplos, comparações, e expressões correntes, pois deseja simplesmente levar seus leitores avante no caminho da perfeição cristã.

Quanto às CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS é opinião geral entre os filólogos que esta carta está redigida em melhor grego que os outros escritos do N. T.. Mas se, de fato, o autor mostra grande familiaridade com a língua grega, não é menos verdade que deixou indeléveis sinais de sua mentalidade semita. Ao lado da precisão de vocabulário, do uso de têrmos que se não encontram alhures (4), de expressões felizes, de freqüentes jogos de palavras, encontramos autênticos semitismos para provar a mente judaica do autor, como por

---

(4) **Foram contados 68 hapax-legômena em seus 108 versos!**

exemplo neologismos feitos sôbre o aramaico: "homem de dupla alma" (anèr dípsychos, 1, 8) para significar aquêle que tem o ânimo oscilante (cf. também 2, 1. 9; 5, 11), a inclusão estrófica (1, 12), o uso de citações compostas (4. 5), etc.

Não seria impossível a um autêntico semita adquirir profundo conhecimento do grego, mas não temos necessidade de recorrer a tal hipótese, uma vez que poderia o autor ter-se servido de um secretário helenístico. Esta é a hipótese geralmente admitida hoje, que, de resto, muito melhor explica a pureza de linguagem aliada aos semitismos do que a sujeição de alguns para uma possível tradução de problemático original aramaico. O servilismo das traduções da época não permitiria o freqüente jôgo de palavras, rimas e muito menos o uso dos diversos elementos da *diatribé* grega: apóstrofes mais ou menos veementes dirigidas aos leitores, diálogos, personificações, etc. (5).

Por sua finalidade moralística podemos classificá-la no mesmo gênero parenético dos livros sapienciais do A. T. se bem que dêles se afaste pela forma, que mais se aproxima da dos moralistas gregos.

Falando sôbre as características literárias não podemos silenciar a conhecida observação de que Tg é o escrito mais poético do N. T.: ao lado das velhas imagens bíblicas ali encontramos "comparações espontâneas, associações ou antíteses sugestivas, sobretudo estas parábolas elegantes (2, 2-4. 15-16; 4, 7) discretas como esboços, mas que recordam o

(5) Cf. J. Bonsirven, o. c. col. 790.

gênero do Salvador" (6). Se lembrarmos que também o escrito de outro primo do Senhor, Judas Tadeu, é igualmente colorido, vem-nos à mente a idéia de que a veia poética do longínquo antepassado, Davi, continuava viva em seus descendentes, pois, como veremos em seguida, o autor desta carta não é outro senão Tiago Menor, "irmão" (= primo) do Senhor.

Concluindo diremos com Charue que "o *pensamento judaico* está expresso num *grego correto,* mas com um *torneio* que permaneceu *judaico*" (7).

DESTINATÁRIOS: A inscrição da carta: "às doze tribos da dispersão", não é suficiente para no-los revelar pois esta expressão, naquela época, só podia significar o Israel ideal, que, segundo a feliz expressão de S. Paulo, podemos também nós chamar o "Israel de Deus" (Gal 6, 16), já agora constituído pelo povo cristão, legítimo sucessor dos filhos de Israel. Porém uma leitura da carta nos confirmará aquilo que à primeira vista nos parecia dizer a inscrição: São os destinatários realmente judeus convertidos e espalhados na diáspora. As freqüentes alusões ao A. T. e aos costumes judaicos sem o acréscimo de explicação alguma, nos indicam tratar-se de judeus; de que êstes judeus são cristãos podemos concluir de expressões espalhadas aqui e ali, assim por ex. de 1, 1, concluiremos que já crêem em Jesus Cristo, de 1, 18 que já receberam o batismo, etc. Os próprios defeitos combatidos nos indicam cristãos vindos antes do judaísmo que do paganismo, v. g. a hipocrisia (1, 22), a adulação dos ricos

---

(6) A. Charue, o. c. pág. 387.

(7) A. Charue, o. c. pág. 386.

(2, 1 ss), a tendência a se erigir em mestres (2, 14), o egoísmo (4, 1-3), o desejo dos bens terrenos (4, 13 ss).

O fato de ter sido escrita em grego em nada obsta a que os destinatários sejam judeus da diáspora, pois adotaram sempre êstes emigrados a língua dos povos que os acolheram, mas exclui os judeus da Palestina, pois a êstes teria sido escrita em aramaico.

Seriam por acaso os vícios criticados mero artifício literário de que se servia o autor para instruir os fiéis? Pelo menos poderíamos fazer um conceito melhor dos primeiros cristãos... Se bem que possível nada nos leva a crê-lo, antes pelo contrário, certas particularidades nos inclinam a admitir casos reais e bem concretos. Nem o encontrar tais vícios entre êles nos deve espantar, pois sabemos que a conversão e o batismo não suprimem a luta contínua contra as paixões (Tg 2, 1) e o "homem velho". Também S. Paulo precisou repreender entre os coríntios e gálatas alguns cristãos convertidos do paganismo.

Notemos que as provações a que se refere o autor não implicam perseguições, mas são as tribulações comuns a todos os homens e, naquela ocasião, as dificuldades de ordem social: desprêzo pelos pobres com acepção de pessoas e opressão por parte dos ricos, ambição e inveja por parte dos pobres; em ambos a sêde dos prazeres. A divina providência nos conservou estas indicações para que víssemos como os primeiros cristãos eram feitos do mesmo barro que nós. Apesar de viverem numa sociedade corrompida, e, o que é pior, tendo a seu lado "irmãos" que, não conseguindo vencer suas paixões, cediam como os pagãos à concupiscência traindo o "belo nome" (2, 7) em que haviam sido batizados, apesar disso, muitos se santificaram e souberam encontrar

nas próprias dificuldades ocasião de praticar a virtude. Nem mesmo o procedimento escandaloso de nossos irmãos será desculpa para pecarmos.

AUTOR: A esta altura já encontramos elementos numerosos para determinarmos o autor; não todos, pois ainda restam mais alguns: a modesta inscrição "Tiago servo (= escravo) de Deus e (do) Senhor Jesus Cristo" já agora pode ser completada com outras notas. O autor nada diz a respeito de sua qualidade de apóstolo, temos, no entanto, uma indicação involuntária que supre êste silêncio. Ao falar dos mestres (3, 1) usa a 1.ª pessoa do plural (cf. texto original grego) colocando-se assim nesta categoria (8). Como sua autoridade não era discutida não havia necessidade de outros títulos. Ora, um Tiago apóstolo e de tanta autoridade nos primeiros anos do cristianismo não pode ser outro senão o mesmo Tiago "irmão do Senhor" que S. Paulo indo a Jerusalém visitou (Gal 1, 19) e que considerava uma das colunas da Igreja (Gál 2, 9 ss).

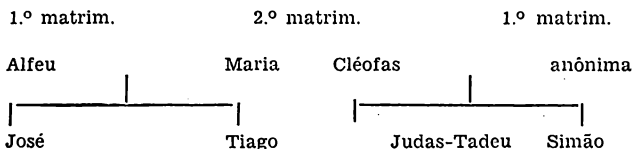
No Colégio Apostólico, segundo as listas que nos trazem os Ev. e At, havia dois Tiagos. Um, irmão de S. João e filho de Zebedeu, chamado o Maior, e o outro, irmão de José, filho de Alfeu (Mt 10, 13 e paral.). Mas em Mt 27, 56 e Jo 19, 25, sua mãe, Maria, aparece como mulher de Cléofas. Como se explica, pois, que Tiago seja filho de Alfeu e sua mãe seja mulher de Cléofas?

Deixando de lado as longas discussões, vejamos logo a solução mais provável (9): Maria, mãe de Tiago casou-se

---

(8) Cf. Aug. Merk, Novum Testam. Graece et Latine apparatu critico instructum, Roma, 1944, 5.ª.

(9) Cf. M.-J. Lagrange, Évangile selon Saint Marc, Paris, 1947, p. 88-91; e, mais resumidamente, Charue, o. c. p. 388; P. De Ambroggi, Le Epistole Cattoliche, em La Sacra Bibbia, Roma, 1949, 2.ª, p. 17 s.

em primeiras núpcias com Alfeu de quem teve Tiago e José que sempre aparecem juntos nas listas do N. T., como irmãos. Era ela prima de Maria, mãe de Jesus, de modo que seus dois filhos podiam ser chamados na linguagem bíblica "irmãos" de Jesus (Mc 6, 2-3). Diz-nos a tradição que Alfeu era levita e talvez mesmo da linhagem de Aarão e por conseguinte sacerdote (10). Tendo ficado viúva de Alfeu, casou-se Maria em segundas núpcias com Cléofas de estirpe davídica e que, também viúvo, já tinha dois filhos: Judas-Tadeu e Simão. De modo que os dois grupos de enteados passaram a ser considerados irmãos, e por isto lemos na epístola de Judas-Tadeu que êste se apresenta como "irmão de Tiago" (Jud v. 1). Um esquema nos elucidará melhor:

Tiago Maior, irmão de S. João, não poderia ter escrito esta carta uma vez que sofreu o martírio em 44 sob Agripa (At 12, 1 s), não foi bispo de Jerusalém, nem chegou a gozar a mesma influência que Tiago Menor e, muito menos, se poderia chamar parente de Jesus.

Completemos estas notícias recordando outras passagens do N. T. que nos mostram a posição especial de Tiago Menor: É êle quem toma a palavra logo após Pedro no Con-

---

(10) Cf. Hegesipo, apud Lagrange, Évang. selon S. Marc, p. 88 s.

cílio Apostólico (At 15, 6-21). É êle quem concorda com Pedro para declarar abrogados os preceitos legais (At 15, 13-19). Como bispo de Jerusalém recebe Paulo, que regressava da 3.ª viagem apostólica, e aparece cercado por "presbíteros" (At 21, 18). S. Paulo nos diz na 1 Cor 15, 17 que Tiago teve uma aparição especial de Jesus ressuscitado, e na epístola aos Gálatas (1, 17 ss) falando de sua visita ao primeiro Papa em Jerusalém, diz que dos outros apóstolos só viu a "Tiago, irmão do Senhor"; nesta mesma epístola (2, 9) apresenta três apóstolos "Tiago, Pedro e João que eram considerados as colunas (da Igreja)" (11). Outro episódio muito significativo sôbre a influência de Tiago, nos conservou S. Paulo, pouco adiante (Gal 2, 11): Pedro que freqüentava os gentios em Antioquia, passou a dissimular quando ali chegaram enviados de Tiago. Tal oportunismo de Pedro foi logo combatido por Paulo, porque muitos passaram a "judaizar" (i. é. a viver segundo as prescrições da Lei judaica, já abrogada) inclusive o companheiro de Paulo, Barnabé. Tanta era pois a influência do bispo de Jerusalém que o 1.º Papa só para o não melindrar, se esquivava do convívio com os gentios, sem perceber no entanto que com isto arrastava outros consigo, dando azo a confusões na Igreja nascente. Paulo, que percebeu, pela mudança do procedimento de seu companheiro Barnabé, o perigo para os gentios, chamou a atenção a Pedro com a franqueza que lhe aconselhava sua qualidade de irmão no apostolado.

---

(11) Muitos explicam por êste texto de S. Paulo a ordem das Epístolas Católicas na Vg que coloca a de Tg em 1.º lugar, seguindo-se imediatamente, as duas de Pedro e, depois, as três de João. A de Judas foi acrescentada, naturalmente, depois das dos 3 apóstolos enumerados por S. Paulo.

Sempre que no N. T. há dois homônimos, os escritores sagrados acrescentam a seus nomes algum apelativo ou outra indicação que sirva para distingui-los entre si. No caso dos "muitos" Tiagos, após a narração da morte de Tiago Maior, nenhuma outra indicação se acrescenta ao nome de Tiago Menor que passa a ser designado simplesmente por Tiago. De onde devemos concluir a não existência de outro Tiago, pelo menos que pudesse ser confundido com o apóstolo.

A hipótese de ser esta epístola obra de um desconhecido que teria usado a pseudonimia para dar maior autoridade a seu escrito (12), baseia-se em argumentos subjetivos sem levar em conta que um falsário não teria omitido os maiores títulos de S. Tiago, como "apóstolo", "irmão do Senhor", "chefe da Igreja de Jerusalém", "favorecido pelo Senhor por uma visão especial", etc. Tal modestia só se compreende no próprio autor que, consciente de sua autoridade e percebendo a correspondência por parte dos fiéis, sabia que seu nome não precisava de outra recomendação.

A favor da autenticidade temos ainda antiquíssima tradição com o testemunho das primeiras versões do N. T., pois se encontra esta epístola nas antigas versões latinas (anteriores à Vg), na peshita (versão siríaca), na sahídica (Versão cóptica), e na etiópica; foi ela usada por Clemente Romano, pelo Pastor de Hermas, por Justino, Teófilo de Antioquia, etc. (13); e, finalmente, a definição da Igreja, única depositária e guarda da revelação (14).

---

(12) Bastante em voga naquela época, como consta dos numerosos livros apócrifos.

(13) Cf. Simon-Prado, Praelectiones Biblicae, N. T. II, Turim, 1948, 6.ª, p. 415 s.

(14) Antes mesmo do Conc. de Trento no séc. 16, já tínhamos a voz do magistério eclesiástico em Inocêncio I (405), os Concílios de Cartago (397) e Laodicéia (também no séc. IV), etc.

Se Eusébio em sua Hist. Eclesiástica (3, 25) a coloca entre os "antilegómena" (= livros discutidos) é porque sua difusão na Igreja não se fêz com a mesma rapidez que os Ev. em razão do caráter dêste escrito. Tg era um escrito parenético destinado aos judeus convertidos, os Ev. a narração da vida de J. C. e resumo de sua doutrina, interessando portanto a todos, mesmo se originàriamente escritos só para um grupo de comunidades cristãs.

DATA: Do exposto, i. é., que seu autor foi S. Tiago, segue-se que devemos colocar sua composição antes de 62, ano em que foi êle martirizado. Quando, porém, se busca determinar com mais precisão a data, surgem as divergências. Querem alguns colocá-la nos últimos anos do bispo de Jerusalém (15), outros com melhores argumentos fazem desta carta o mais antigo escrito do N. T., anterior a Mt (de 50 a 55) e às próprias controvérsias judaizantes (cêrca do ano 50); aliás já tivemos ocasião de observar a maneira arcaica de expor a doutrina. Notemos ainda que a saudação *chaírein* (16) é anterior à adaptação cristã *cháris* que se encontra nas outras epístolas (17).

OCASIÃO E FIM: Se devemos colocar a composição desta carta entre os anos 45 e 49, segue-se que a ocasião e o fim não foram nem a controvérsia judaizante nem um espírito de polêmica com Paulo. Além disto, como se compreenderiam as duras expressões de Tg contra o adversário se êste fôsse um colega de apostolado? Mas, em se tratando de

---

(15) Bonsirven,. Chaine, Prat. Cornely-Merk, e outros.

(16) Cf. Também os At, no 1.º Concílio Apostólico.

(17) Charue, Les Épitres Catholiques, em La Sainte Bible, Paris, 1951, pág. 385, nota 5.

(18) Cf. J. M. Vosté, Studia Paulina, Paris, 1941, p. 23.

um pretenso mestre, então bem compreendemos e achamos justa a expressão "oh! homem estulto!" em 3, 20 (ō ánthrope kené, lit. kénos = vazio, i. é., de cérebro vazio).

As primeiras perseguições na Palestina provocaram o êxodo de muitos cristãos, e com isto a fundação de comunidades nas terras vizinhas (At 9, 1; 11, 19 ss etc.). Como era natural, mantinham tais comunidades estreitas relações com a Igreja de Jerusalém e recebiam de seu bispo instruções, conselhos, decisões, etc. Êste, por seu lado, procurava manter-se bem informado da vida de seus filhos espirituais. É assim que, tendo conhecimento das dificuldades tanto de ordem moral como social, S. Tiago vem-lhes ao encontro para, paternalmente, guiá-los.

Nessas comunidades, um grupo de relaxados pretendia, sob o pretexto da "lei da liberdade", dispensar os cristãos de qualquer boa-obra (2, 14-19). Simultâneamente aparecera a questão social com uma verdadeira tensão entre ricos e pobres, tão contrária ao espírito cristão. Aquêles abusando de seu poder e oprimindo os pobres, (2, 6 s; 5, 1 ss), êstes cobiçando as riquezas dos outros para praticar as mesmas faltas que censuravam nos opressores (4, 1 ss; 5, 9).

Em tais circunstâncias, a finalidade da epístola só podia ser uma: restabelecer o verdadeiro cristianismo, o que fêz S. Tiago combatendo enèrgicamente os vícios ainda não completamente extirpados.

RELAÇÕES ENTRE TIAGO E PAULO: S. Tiago não pôde depender de Paulo nem com êle polemizar por lhe ser anterior. Por seu lado, tão pouco Paulo tem em vista a carta de Tiago. A suposta polêmica entre os dois apóstolos só apareceu no séc. 16 quando, querendo alguns explicar Tg com

a mentalidade paulina, encontraram irremediável oposição entre ambos: enquanto Tg exige as obras para a salvação, Paulo as exclui por bastar a fé. Mas, se examinarmos cuidadosamente o que entendem os dois apóstolos por "obras", veremos que a oposição cairá por terra. "Antes de compararmos dois autores é necessário estudá-los separadamente" (19), pois se êles se colocam em pontos de vista diversos, não poderemos dar o mesmo valor a expressões semelhantes.

Para Tg as "obras" necessárias para a salvação são o conjunto dos deveres dos cristãos e, em especial, a caridade cristã tanto para com Deus como para com o próximo. Escrevia para cristãos já de posse da fé, e queria restituir-lhes a pureza da doutrina evangélica contra os heresiarcas laxistas para os quais bastava a fé. As obras a que se refere são as que se fazem na graça de Deus e são *posteriores à justificação* obtida pelo batismo ou pela penitência.

Ao passo que para S. Paulo as "obras" não necessárias para a salvação são as da Lei mosaica que *precedem a justificação*. Daí a freqüente expressão de S. Paulo "fôstes salvos gratuitamente" (cf. v. g. Ef 2, 8 s e paral.). Enquanto S. Paulo adverte que a 1.ª justificação é inteiramente gratuita, S. Tiago se coloca sob o ponto de vista de quem já recebeu a *justificação gratuitamente* (Tg 2, 22), mas avisa que isto ainda não basta para a salvação final: entre a salvação gratuita e a salvação final devem vir as "obras", i. é, os deveres do cristão entre os quais ocupa 1.º logar a caridade, seguindo-se-lhe a pureza, a humildade, a temperança, etc., aliás para Tg cada ato do indivíduo constitui um ato religioso, tudo

---

(19) A. Charue, Les Épitres Cathol., p. 384.

que um cristão faz, o deve fazer por "religião" ou "por espírito sobrenatural" segundo a terminologia atual.

Terminemos estas observações notando que não sòmente Tiago e Paulo *não se opõem*, mas, pelo contrário, concordam plenamente: para ambos a fé não é apenas o ato de assentimento da inteligência a uma verdade, mas é algo vivo que há de informar tôda a vida do homem (cf. Ef 2, 8-10; Rom 3, 28-4, 25; Gal 5, 6 e Tg 2, 14-26). Para ambos se as obras são necessárias para provar a realidade da fé, são por sua vez produto da fé (cf. Tg 2, 22; Rom 8, 28). Poderiam por acaso discrepar neste ponto, dois discípulos Daquele que disse: "todo o ramo, que não der fruto em mim êle (Deus) o cortará, e todo o que der fruto, poda-lo-á, para que produza mais fruto" (Jo 15, 2)?

DOUTRINA TEOLÓGICA: Quanto a *Deus* ensina Tg a unidade e onipotência com os demais atributos já encontrados no A. T., mas considerados sob a luz da nova revelação. De modo especial aparece Deus como *Pai* dos homens que são irmãos entre si e que, portanto, se devem amar mùtuamente (20).

De *Jesus Cristo* em sua vida terrena não fala, mas supõe o conhecimento dos fiéis. Fala, porém, de Jesus o "Senhor" (Kyrios) em sua glória e no futuro juízo. Não fala da pessoa de Jesus, mas pelo fato de se ter apresentado como "servo de Deus e (do) Senhor Jesus Cristo" reveste-se de sua autoridade ao mesmo tempo que reproduz sua doutrina (21).

---

(20) Cf. o que dissemos sob o título: Fontes judaicas.

(21) P. De Ambroggi, Le Epistole Cattoliche, pág. 21.

Outros pontos tocados são a *fé* que deve ser viva, a *esperança* que deve ser firme (1, 6-8), a *caridade* (passim), a *confissão* dos pecados (5, 16), *o problema da dor* (1, 2. 5-8. 12), a *graça*, a *Igreja* e sua *hierarquia* (3, 1), etc.

Sôbre a *Extrema-unção* (5, 1-16) devemos nos estender um pouco mais, visto estar aqui o único fundamento escriturístico para êste sacramento.

Encontramos no Concílio de Trento (22) a interpretação autêntica dêstes versículos. Se percorrermos atentamente as palavras do apóstolo, nelas encontraremos todos os elementos necessários a um sacramento. Vejamo-las: "Está alguém dentre vós enfêrmo?" já aqui temos o *sujeito* do sacramento, i. é., todo cristão ("dentre vós") que esteja com enfermidade grave, pois o verbo *asthenein* se usa para doenças graves (cf. Jo 4, 16; 11, 1-6; At.9, 37), "chame a si os presbíteros da Igreja que rezarão sôbre êle ungindo-o com óleo no nome do Senhor", supõe portanto Tg que o enfêrmo tenha consciência do que está fazendo, uma vez que deve êle mesmo mandar chamar os sacerdotes. Êstes já sabem o que devem fazer, pois S. Tiago não dá outra indicação, de onde devemos concluir que se tratava de um rito comum, conhecido por todos. Não ordena, mas apenas aconselha. E assim, bem pôde dizer o Conc. Tridentino que êste sacramento foi instituído por Cristo, porém "recomendado e promulgado" por S. Tiago. No óleo encontramos a *matéria* remota e na unção a matéria próxima. A *forma* são as orações do *ministro* sô-

---

(22) H. Denzinger, Enchiridion Symbolorum..., n.º 907 ss; pode-se também cf. com grande utilidade o art. de Adh. d'Alès, Estréme-onction, em B. D. S.

bre o enfêrmo, são êles "os presbíteros da Igreja" i. é. os sacerdotes, pois o uso do artigo repetido nos indica tratar-se "dos presbíteros" bem determinados "da Igreja" também bem determinada (*toùs* presbytérous *tes* ekklesías) (23). É o sacramento administrado "no nome do Senhor", como o batismo, i. é., *instituído por Jesus* e a seu mandato. No v. 15 encontramos o *efeito* do sacramento: "e a oração da fé", i. é., a oração litúrgica, "salvará o enfêrmo e o Senhor o levantará"; trata-se em 1.º lugar da salvação espiritual, como indica o verbo *sósei* em oposição a *iathete* que usa S. Tiago para indicar a cura do corpo no v. seguinte. As outras 4 vêzes em que aparece êste verbo na epístola tem êle sempre o sentido de salvação espiritual (cf. 1, 21; 2, 14; 4, 12; 5, 20) que, no caso dêste sacramento implica uma assistência divina ao enfêrmo com um confôrto para suas penas, quer morais quer também físicas. Como Deus é Senhor tanto da alma como do corpo, poderá, se achar oportuno, dar também a saúde a êste como efeito secundário "e o Senhor o levantará" (24). A íntima união do corpo e da alma faz com que as boas disposições físicas facilitem as atividades espirituais e assim um pouco mais de saúde poderá dispor a alma para receber a graça divina. O outro efeito secundário que acrescenta Tg "e se tiver cometido pecados, lhe será (isto) perdoado" é porque não bastam as boas disposições físicas. Apresenta-o sob forma condicional, porquanto o sacramento

---

(23) Cf. Denzinger, o. c. n.º 910 e 929.

(24) O verbo **egerei** (=levantará) era usado para indicar 1.º o fazer despertar alguém do sono, depois, o fazer alguém se levantar por estar sentado, de joelhos ou deitado, inclusive por lhe restituir a saúde. Nas três ressurreições operadas por Jesus o verbo empregado foi êste. Cf. F. Zorell, Lexicon Graecum N. T., Paris, 1931, sub voce.

visa pròpriamente as almas sem pecado, se porém o enfêrmo os tiver, o sacramento também os perdoará, para que êle possa receber com a graça santificante todo o auxílio e confôrto que Deus N. Senhor lhe quiser conceder em sua infinita misericórdia.

Também os judeus tinham o costume de visitar os enfermos e de convidar pessoas notáveis por sua virtude a rezar por êles, nunca, porém, suas visitas tiveram caráter litúrgico e oficial. Igualmente a unção com óleo era conhecida por seus efeitos terapêuticos, aqui, porém, o que produz efeito não é a unção e sim o sacramento. A unção com óleo é sòmente um sinal sensível, como a loção com água no caso do batismo. Pelo uso que dela se fazia, vê-se que é um sinal sensível bem adequado a simbolizar o que significa: a cura espiritual e corporal, com a remissão dos pecados, se houver.

EPÍSTOLAS DE S. PEDRO

Logo após a carta de S. Tiago apresenta-nos a Vg, de acordo com códices antiquissimos, duas cartas de S. Pedro, o 1.º Papa.

Sôbre a PESSOA de S. Pedro temos notícias tanto no N. T. como na tradição extra-bíblica.

Oriundo de Betsaida da Galiléia (Jo 1, 14), era filho de *Jona* ou *Joannes* (Jo 1, 42; 21, 15; Mt 16, 17) e se chamava *Simecon* (= audição, ação de escutar) At 15, 14; 2 Pdr 1, 1; ou *Símon* (Mt 10, 2) que é a forma grecizada do mesmo nome. Quando foi chamado por Jesus para o Colé-

gio Apostólico teve seu nome mudado para o aramaico *Kephas* (Jo 1, 42), que foi traduzido para o grego *Pétros* que quer dizer *rocha.* Bem sabemos o que quis Jesus significar com esta mudança de nome, i. é, que Simão-filho de Jonas passaria a ser o fundamento do edifício que ia construir: A Igreja. Além dêste, há um outro significado na mudança do nome de Simão: no A. T. e, em geral, na mentalidade semita, a imposição do nome indicava a propriedade ou autoridade de quem o impunha sôbre quem o recebia (1). Sempre que Deus manda impor um nome ou muda, é porque destinou o portador do nome a um ofício especial que, em geral, vinha indicado no próprio nome. Qual fosse o ofício especial reservado por Jesus a Simão-Pedro já sabemos pelo próprio simbolismo do nome e pelas explicações de Jesus.

Depois do nome e lugar de origem, vejamos mais alguns dados para completar sua carteira de identidade: *estado civil*: casado (2). *Profissão*: pescador, ofício que exercia juntamente com o pai e irmão (Mt 4, 18). *Residência*: Cafarnaum, pequena vila situada ao N. do lago de Genesaré. Foi nesta cidade que Jesus curou milagrosamente a sogra de Simão-Pedro (Mt 18, 14). Quanto à *instrução*, temos o tes-

---

(1) Cf. 4 Rs 23s, o faraó Necau ao dar o trono a Eliacim, filho do derrotado e destronado Josias, muda-lhe o nome para Joakim a fim de deixar patente a sujeição do novo rei. Já no Gen (2, 19) vimos Deus levando os animais ao rei da criação, Adão, para que êste lhes impusesse os nomes. Mais tarde, mudará Deus o nome de Abrão para Abrahão, de Jacó para Israel, etc.

(2) Segundo a tradição oriental o nome de sua espôsa era Joana, segundo a ocidental, Perpétua. Ainda pela tradição sabemos o nome de sua filha, Petronila. Cf. Ambroggi, Le Epistole Cattoliche, Turim, 1949 2.ª.

temunho dos sinedristas em At 4, 13, que se admiravam de que falassem (Pedro e João) sem dificuldade apesar de serem "homens iletrados e vulgares", o que poderiamos exprimir em nossa linguagem atual dizendo que tinham apenas instrução primária.

VOCAÇÃO: Foi nas margens do Jordão, próximo ao lugar onde João batizava, que veio a conhecer a Jesus, tendo-lhe sido apresentado por seu irmão André, discípulo de João. Provàvelmente também êle era discípulo do Batista (Jo 1, 40 ss).

Apesar de logo neste primeiro encontro ter Jesus prometido, um tanto enigmàticamente, mudar-lhe o nome, sua vocação se processou por etapas:

1.ª Esta profecia de Jesus que só mais tarde se cumpriria (Mt 16, 17).

2.ª Terá provàvelmente feito a viagem de volta da Judéia para a Galiléia juntamente com Jesus, e nesses 4 dias de caminho lado a lado, não poderia ter deixado de sentir seu influxo divino.

3.ª Assiste o primeiro milagre em Caná. E o evangelista nota que nessa ocasião "seus discípulos creram nêle" (Jo 2, 1).

4.ª Vai com Jesus para Cafarnaum (Jo 2, 12) e ali, provàvelmente, hospeda o Mestre em sua casa, tendo assim ocasião de ter um íntimo convívio com Jesus.

5.ª Finalmente, após a pesca milagrosa, é claramente chamado pelo Mestre: "De agora em diante serás pescador de homens" (Lc 5, 10), então Simão e seus companheiros "deixaram tudo e seguiram-nO" (Lc 5, 11).

Eis, pois, Simão feito discípulo do Rabí da Galiléia, acompanhando-O em suas excursões e procurando aprender seus ensinamentos maravilhosos... Até que um belo dia ao voltar Jesus do monte onde passara a noite em oração, escolhe Simão e outros onze dentre os discípulos, dando-lhes o nome de "apóstolos" (Lc 6, 12). Em tôdas as listas dos 12 escolhidos, Simão sempre ocupa o 1.º lugar (cf. Mt, Mc, Lc, e At). De muitas maneiras mostrou Jesus, e os apóstolos bem o compreenderam, que a Pedro cabia o lugar de *chefe* do Colégio Apostólico; assim por exemplo, pertence êle ao grupo dos três privilegiados que assistiram à ressurreição da filha de Jairo (Lc 8, 51), a transfiguração (Mt 17, 1) e a agonia no horto (Mt 26, 37) e sempre nomeado em 1.º lugar pelos evangelistas. Jesus preferia hospedar-se na casa de Pedro em Cafarnaúm (Mc 1, 29), servir-se de sua barca (Lc 5, 3); fêz vários milagres a seu favor: curou-lhe a sogra, fê-lo andar sôbre as águas (Mt 14, 28 ss), fê-lo encontrar na bôca do peixe a moeda com a qual pagaria o tributo do Templo, para o Mestre e seu lugar-tenente, Simão-Pedro (Mt 17, 24 ss). Em Cesaréia de Filipe, claramente lhe prometeu Jesus o primado de jurisdição com a colorida linguagem oriental: "Tu és pedra e sôbre esta pedra edificarei minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino do céu e tudo que ligares na terra será ligado no céu, como tudo que desligares na terra será desligado no céu" (Mt 16, 17 ss). Ainda não é a outorga do primado mas apenas a promessa. Nem mesmo convinha que lhe fôsse agora concedido, uma vez que não completara ainda o Senhor a formação de Pedro. Por duas provas haveria ainda de passar o apóstolo. Sòmente após a vitória final é que seria conveniente a investidura para com ela confirmar-se também o perdão das faltas de Simão. Além disto, enquan-

to estava presente o chefe da Igreja, não havia razão para tomar posse o substituto; só mais tarde, depois da Ressurreição e antes de subir Jesus ao céu, é que seria o momento oportuno. Foi, de fato, numa ocasião destas que Jesus lhe deu posse às margens do lago de Genesaré, tão cheias de caras recordações para os apóstolos (Jo 21, 15-19).

Vemos muitas vêzes Pedro tomar a palavra e, em nome de todos, responder às questões do Mestre (Jo 6, 19; Mt 16, 16; etc.).

Com tôda a sinceridade dos espíritos que amam a verdade, e com a máxima simplicidade, conservaram-nos os evangelistas também seus defeitos: a impulsividade e presunção de caráter e, finalmente, a tríplice queda. Mas o arrependimento sincero daquele "flevit amare" veio curar as causas da queda, substituindo os impulsos presunçosos por uma humildade penitente.

Como primeiro Papa, exerceu sua atividade apostólica, primeiro em Jerusalém presidindo a minúscula comunidade cristã reunida no cenáculo. É êle quem fala aos sinedristas, quem julga Ananias e Safira, a Simão Mago, etc. Quando preso, eis que tôda a Igreja se prostra em oração por êle e, novamente um milagre a seu favor, vem libertá-lo. Depois. por causa da perseguição de Agripa, "vai a outro lugar" (At 12, 17), mas não sabemos para onde. Antioquia? Roma? — É possível, mas o certo é que poucos anos depois, em 49 ou 50, o encontramos novamente em Jerusalém onde preside o 1.º Concílio, no qual resolveu a situação dos cristãos vindos do paganismo, libertando-os das obrigações da Lei judaica. (At 15, 7).

Pelo testemunho de Gal 2, 11-14, sabemos que esteve em Antioquia, provàvelmente também em Corinto, e, finalmente,

em Roma, onde por vários anos exerceu o supremo Pontificado com a cooperação dos outros apóstolos no resto do mundo, e, em especial, com a de Paulo. Apesar disto não se furtou a diversas viagens apostólicas estando fora de Roma muitas vêzes, como deixam transparecer as cartas de S. Paulo.

Teve como secretário e intérprete a Marcos, que depois escreveu, baseado nas pregações de Pedro, o livrinho que conhecemos sob o nome de Evangelho de S. Marcos.

Aí em Roma escreveu as duas cartas que ora estudaremos. Nesta mesma cidade, na colina do Vaticano, sofreu o martírio. Durante as escavações feitas ùltimamente de 1940 a 1950, sob a basílica de S. Pedro, pôde-se arqueològicamente estabelecer a situação exata do túmulo de S. Pedro (3).

Quanto à data de sua morte há ainda pequena divergência, colocando-a alguns no ano 64, durante a perseguição de Nero, e outros no ano 67 (4).

1.ª *Epístola de São Pedro*

AUTENTICIDADE: Já no séc. IV, Eusébio o enumerava entre os *homolegoúmenoi*, livros da Bíblia sôbre os

---

(3) Cf. A. Ferrua S. J., La Storia del sepolcro di san Pietro, em La Civiltà Cattolica, janeiro de 1952, pág. 15-29. La Documentation Catholique, 13 de jan. de 1952, pág. 25-28: Les fouilles sous la Confession de Saint-Pierre au Vatican, par le professeur Pietro Romanelli.

(4) Baseiam-se êstes na tradição que fala do ano 14.º de Nero e que diz terem morrido no mesmo dia Pedro e Paulo. Cf. Hoepfl-Metzinger, Introductio Specialis in N. T., Roma 1949, pág. 490. seg.

quais não havia discussões. Mesmo se remontarmos até o séc. II, encontraremos testemunhos explícitos em Irineu, Tertuliano, Cipriano, Clemente Alex., Orígenes, Clem. Romano, o Pastor de Hermas, etc. (5).

Uma leitura da carta nos virá confirmar êstes testemunhos, pois por ela veremos que o autor se chamava Pedro e era apóstolo de Jesus Cristo (1, 1); ora, não houve outro Pedro-apóstolo a não ser S. Pedro o 1.º Papa. Além desta primeira indicação, encontraremos muitas outras: o autor se opõe aos que crêem em Jesus Cristo "sem tê-lO visto" (1, 8), apresenta-se como testemunha da paixão de Cristo (5,1), o que está muito de acôrdo com as não poucas vêzes que em seus discursos apela para o mesmo privilégio (cf. At 1, 21-22; 2, 32; 10, 41).

Os DESTINATÁRIOS vêm indicados logo no 1.º versículo: "aos eleitos imigrados da dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia", e são os fiéis de quase tôda a Ásia Menor que contava em sua maioria fiéis vindos do paganismo. As frequentes citações do A.T. se explicam pela importância que tinha a Bíblia na instrução dos convertidos. Pode-se ainda notar como ao expor a moral cristã, S. Pedro se demora nos deveres da gente humilde e dos escravos sem lhes acrescentar os correspondentes dos senhores, o que é indicação de que essas comunidades estavam constituidas principalmente, senão exclusivamente, de escravos.

Êsses cristãos deviam sofrer, mas que se lembrassem de seus irmãos do mundo inteiro que recebiam as mesmas pro-

---

(5) Cf. J. Ruwet, Instituitiones Biblicae, Hist. Canonis N.T., Roma, 1937 5.ª pág. 145.

vações: mal-entendidos, calunias invejas, vexações, etc. Os pagãos começavam a suspeitar daqueles cristãos, pois se abstinham de suas festas cheias de corrupção. Daí, em parte, as perseguições, não as oficiais mas as dos concidadãos, e a melhor maneira de vencê-los era, segundo o conselho de S. Pedro, terem uma vida perfeitamente cristã.

LUGAR: Ao enviar as saudações finais deixou o autor indicado o lugar da composição: "Sauda-vos a (Igreja) eleita convosco que está em Babilônia" (5, 13), ora Babilônia era o nome simbólico para Roma. A grande metrópole de outrora não passava então de um montão de ruinas (6). Aliás o mesmo simbolismo Babilônia-Roma se encontra no Apc 14, 8 e 18, 2, em muitos escritos apócrifos como o Apoc. de Baruc, os Oráculos Sibilinos, etc. e em escritores eclesiásticos antigos como Clemente Alex., Jerônimo, etc.

OCASIÃO, ESCOPO E TEMPO: Pelos dizeres da carta vemos que os fiéis estavam em graves provações, mas não ainda envoltos em perseguição oficial, pois em 2, 13-17 recomenda o Apóstolo obediência aos representantes da autoridade, *sem reservas* de espécie alguma, o que dificilmente teria feito depois do início da perseguição de Nero. O ambiente já era o que estava preparando a grande perseguição. As primeiras provas escreve S. Pedro para consolar e soerguer os ânimos dos fiéis. Fàcilmente se pode reconstituir a cena: Decorria a primavera do ano 64 p.C., e eis que chega da Ásia, Silvano com essas notícias das comunidades evangelizadas por Paulo, para pedir-lhe apoio e orientação, mas não o en-

---

(6). Uma outra Babilônia então existente não era senão a sede de uma guarnição militar nas vizinhanças do Cairo no Egito, e portanto fora de cogitações.

contra, uma vez que pouco antes partira o Apóstolo para a Espanha. Dirige-se então Silvano ao chefe da cristandade a fim de que êste supra a falta de seu superior imediato. O primeiro Papa inteirado da necessidade daquela porção do rebanho que lhe confiara Jesus — não estando ali seu precioso auxiliar e braço direito na evangelização dos gentios, Paulo — pessoalmente lhes dirige uma carta. O próprio Silvano, ótimo conhecedor da língua grega, serve de secretário redigindo a carta até 5, 11 segundo as minuciosas instruções de Pedro, que acrescenta provàvelmente de sua própria mão os últimos versículos (5, 12-14) nos quais manifesta sua plena aprovação ao que escrevera Silvano com tanta fidelidade.

LÍNGUA E ESTILO: A intervenção do secretário-redator é que explica a boa grecidade da carta juntamente com o estilo petrino, que encontramos nos discursos conservados nos At e tão concorde com o caráter de Simão-Pedro: sincero, ardoroso e cheio de amor para com N.S. Jesus Cristo, mas agora também cheio de humildade e de confiança na misericórdia divina.

FONTES: O próprio Jesus já nos havia indicado a origem de parte de conhecimentos de Pedro, a revelação direta do Pai (Mt 13, 16-17). Outra fonte, a que aliás o próprio Apóstolo se refere, está no convívio íntimo com Jesus. Isto, porém, não impede que se tenha servido dos sinóticos e da catequese primitiva, bem como de algumas epístolas paulinas. Como judeu conhecia bem o A.T. cujas numerosas citações bem o provam.

DOUTRINA: Não é esta carta um tratado sistemático, mas sim um escrito destinado a *exortar* e *dar testemunho* (*parakalõn kaì epimartyrõn* 5, 12), assim pois vai expondo a doutrina de acordo com o desenvolvimento do raciocínio.

E, pouco mais ou menos, é a que se encontra no símbolo apostólico e na catequese primitiva: *Deus*, criador, onipotente, etc. A *Trindade*, a *Divindade* de Jesus Cristo, a *Igreja*. Mas de um modo especial insiste sôbre a *esperança* decorrente do 2.º advento do Senhor, pensamento êste muito apto a consolar os fiéis em suas dificuldades. Sôbre *Jesus Cristo* acentua sua obra redentora que lhe custou o sangue até à morte; sua ressurreição, etc.

2.ª *Epístola de S. Pedro*

Se da 1 Pdr nunca houve dúvidas quanto à autenticidade, o mesmo não se dá com a segunda. Para bem compreendermos a argumentação pró autenticidade convém primeiro fazermos uma análise da carta para nos inteirarmos de seu conteúdo (6).

ANÁLISE: Após a introdução com o nome do autor, destinatários e as saudações, vem o corpo da carta que assim podemos dividir: 1.ª parte (1, 3-21): exortação à prática das virtudes; 2.ª parte (2, 1-22): cautela contra a sedução dos falsos mestres; 3.ª parte (3, 1-16): verdadeira doutrina sôbre a segunda vinda do Senhor. E, finalmente, a conclusão (3, 17-18): uma vez precavidos com estas advertências estejam atentos para não se deixarem seduzir pelos falsos mestres, mas pelo contrário, cresçam cada vez mais na graça e no conhecimento de Jesus Cristo N.S. "a Êle glória agora e pela eternidade".

DESTINATÁRIOS: A inscrição muito mais vaga que a da 1 Pdr só nos diz que se trata de cristãos: "àqueles que tiveram em sorte uma fé preciosa como a nossa" (1, 1), mas

pelo teor da carta podemos concluir tratar-se de cristãos vindos do paganismo (2, 18-20) cuja fé corria perigo em razão dos falsos mestres (2, 1). Êstes bem podiam ser os nicolaitas do séc. 1.º, de quem se fala no Apc 2, 6 e 15 ou talvez com maior probabilidade, hereges que não chegaram a fazer escola precisamente por causa desta intervenção enérgica do Príncipe dos Apóstolos.

Como os adversários combatidos na carta de S. Judas, também êstes aliavam aos erros doutrinais (v.g. negando a divindade de Jesus 2, 10) a indisciplina (desprezando a autoridade dos apóstolos, cf. 1, 16) e a corrupção moral, sob o pretexto da "lei da liberdade dos filhos de Deus", queriam suprimir o decálogo transformando essa liberdade em libertinagem.

OCASIÃO E FINALIDADE: "O Apóstolo tendo sem dúvida recebido informações inquietantes sôbre a atividade nefasta dos agentes do êrro nas comunidades da Ásia Menor, decidiu escrever novamente aos cristãos dessas regiões para os encorajar na resistência aos atrativos do mal, a viver virtuosamente e a conservar intata sua fé na parusia do Senhor" (7).

LÍNGUA, ESTILO DE DOUTRINA: Mesmo uma leitura em tradução nos mostrará quão justa é a seguinte apreciação de Charrue: "O estilo da 2 Pdr é bastante fluente no início, com ligeira tendência à ênfase. Mas logo que começa a emoção polêmica, a frase se torna contorcida, atulhada de

---

(7) Charrue, Épitres Catholiques, em La Sainte Bible, Paris, 1951, pág. 477.

anacolutos, de transições mal feitas, de repetições insistentes" (8).

Conta esta carta bom número de *hapax-legomena* (palavras não empregadas alhures) e de semitismos, precisamente como a 1 Pdr, o que vem, sem dúvida, aproximar as duas cartas. É verdade que quanto ao vocabulário e sintaxe "podem-se enfileirar considerações a favor e considerações contra a origem comum dos dois escritos" (9).

DOUTRINA: O ponto central é a certeza da *parusia* e das sanções que a acompanham (passim), o que prova quer pelos profetas do A.T. quer pelos Apóstolos, testemunhas oculares da missão do Salvador (1, 4. 6-21; 3, 2; etc.).

As outras verdades vão aparecendo de acôrdo com o desenvolvimento da argumentação e servem, por assim dizer, de "moldura" à verdade principal. São elas: o valor típico do A.T. (2, 5 s; 3, 6); nossa participação em a natureza divina (1, 4); a redenção por Jesus (2, 1), e notemos que sempre que se refere a Jesus insiste em lhe atribuir ou o título reservado só a Deus no A.T., *Senhor* (doze vêzes o usa nos 61 versículos da carta) (10), ou o de *Salvador* (5 vezes).

Igualmente insiste sôbre o conhecimento perfeito (*epígnosis*) de Jesus que deve produzir a fé viva que salva e nos predispõe à prática da virtude (1, 2-3. 5-11; 2, 20; 3, 18). A graça nesta vida é uma participação da natureza divina

---

(8) Charrue, o.c. pág. 478.

(9) Charrue, o.c. pág. 478.

(10) Também entre os pagãos era êste título reservado à divindade.

e princípio da glória (1, 4). Finalmente, a vida cristã é fruto da colaboração entre Deus e o homem, que deve corresponder com suas boas obras ao chamado de Deus (1, 10).

Deixa entrever bastante claramente a inspiração da S. Escritura e a necessidade de interpretação autêntica (3, 15-16).

AUTENTICIDADE: Estamos em face de um autor de responsabilidade que aborrece a fraude e que combate adversários perigosos (1, 16; 2, 2. 18). Mas que autoridade poderia ter semelhante escrito se êste não passasse de mera ficção literária? Com que direito poderia um autor exigir sinceridade se êle mesmo se acoberta sob a pseudonimia? E, pior ainda, mentirosamente se apresentasse como testemunha da transfiguração?

Sabe o autor que sua morte está vizinha, morte esta que lhe fôra predita pelo Senhor (Cf. 1, 14 com Jo 21, 18-19); é apóstolo, co-irmão de Paulo (11).

Como se tôdas estas indicações não bastassem temos ainda a maneira de sentir do autor que bem se coaduna com a de Pedro: gratidão com Deus (1, 3-4) e confiança na misericordia divina (3, 9. 15) ao lado da impetuosidade na polêmica (2, ls; 3, 3) e grande zêlo pelas almas (1, 12-15; 3, ls. 14).

De mais a mais, um falsário teria imitado muito melhor o cabeçario da 1 Pdr e teria descrito a transfiguração mais concordemente com os Evangelhos, ao passo que Pedro es-

---

(11) O autor chama a Paulo "caríssimo irmão nosso" (3, 15), expressão cujo tom familiar só se compreende noutro apóstolo.

crevendo como testemunha ocular, mostra-se naturalmente independente da narração evangélica.

Finalmente, pertence esta carta à chamada "corrente petrina" por concordar perfeitamente com 1 Pdr, os sermões dos At e mais remotamente com Mc.

A tôdas estas indicações convergentes podemos agora acrescentar os testemunhos externos: Há prováveis alusões a esta carta entre os Padres Apostólicos e os escritores do séc. 2.º (12). No início do séc. 3.º encontramos as primeiras e indiscutíveis citações da 2 Pdr, em Orig. que embora conhecendo as divergências sôbre a carta, não hesitou em citá-la com estas palavras: "e ainda Pedro diz: "Tornastes-vos participantes da natureza divina" (13). Nesse mesmo séc. vários outros escritores citaram a 2 Pdr, até que a partir do séc. 4.º, desapareceram novamente as dúvidas.

RELAÇÕES ENTRE A 1 PDR E A 2 PDR: Já S. Jerônimo dava como razão das dúvidas iniciais sôbre a autenticidade, a diferença de estilo entre as duas cartas, mas que êle mesmo explicava pela diferença de "intérpretes" (= secretários).

No entanto além da diferença de estilo e linguagem que, com S. Jerônimo, explicaremos pela diversidade de secretários, devemos notar algumas diferenças de mentalidade entre os autores das duas cartas. Mas, também estas explicarão fàcilmente se recordarmos que entre a composição destas duas cartas sobreveio a grande perseguição oficial de Nero,

---

(12) Charrue, o.c. pág. 479.

(13) In Lev. hom. 4, 4; MG 12, 437, cit. apud De Ambroggi, o.c. pág. 163.

que necessàriamente mudou muita cousa. A maneira de pensar em ambas é a mesma de Pedro, só que adaptada a circunstâncias diversas.

DATA E LUGAR: Provada a autenticidade, fàcilmente poderemos encontrar estas duas circunstâncias: Pela previsão de sua morte próxima (1, 14) devemos concluir que foi escrita nos anos 63-64 (para os que colocam o martírio de S. Pedro em 64), ou 66-67 (para os que o colocam em 67).

Como o Apóstolo foi martirizado em Roma, o mais provável é que aí tenha composto êste seu último escrito.

RELAÇÕES ENTRE A 2 PDR E JUD: De há muito se têm notado as estreitas semelhanças entre estas duas cartas: mesma inscrição (ou cabeçário), mesmas doutrinas características (Cristo preexistente, critério de ortodoxia, etc.), mesmos adversários, mesmas expressões raras, mesmo final. Como explicá-las? Uma fonte comum não bastaria para explicar tão grandes semelhanças. Mas, se uma depende da outra, qual delas é a dependente? Pelas razões abaixo enumeradas devemos concluir ser a 2 Pdr.:

1) Quase tôda Jud está na 2 Pdr, omitidas sòmente as poucas alusões às tradições judaicas (Jud vv. 9 e 14).

2) Em lugar dêstes dois exemplos omitidos temos dois outros tirados do A.T., Noé e Lot, cuja omissão na Jud seria incompreensível se seu autor os tivesse presentes.

3) O texto da 2 Pdr 2, 11 não se poderia compreender sem o conhecimento prévio da Jud v. 9.

4) O tempo futuro que muitas vêzes usa Pedro não passa de um futuro de citação, nada dizendo contra a prioridade de Jud.

5) Tão pouco aparece motivo para Jud omitir os desenvolvimentos sôbre a parusia, tão úteis a seu argumento.

6) S. Pedro costumava servir-se dos escritos dos outros apóstolos e da catequese oral. Que é, pois, de estranhar que se tenha utilizado largamente desta carta cujo assunto era o mesmo que o seu? Embora original em muita cousa, não fazia caso nem alarde disso, antes, pelo contrário, ao encontrar uma boa argumentação não receava utilizá-la nem isto escondia (3, 15s).

EPÍSTOLAS DE SÃO JOÃO

1.ª *Epístola de S. João*

AUTENTICIDADE E RELAÇÕES COM O 4.º EVANGELHO: Desde os primeiros tempos (14) se tem observado a íntima relação entre o 4.º Ev. e a 1 Jo, de forma a se exigir o mesmo autor para êstes dois escritos.

O paralelismo entre êles é não só de palavras e expressões (15), oposição das mesmas imagens (16) mas também

---

(14) S. Dionisio de Alex. séc. 3.º, cf. R. Leconte, art. Jean (épitres de Saint) et IV Évangile, in Dict. de la Bible, Supplément, Paris, 1948, col. 801.

(15) "Dar testemunho" 1 Jo 5, 9 e Jo 1, 7; "praticar a verdade" 1 Jo 1, 6 e Jo 3, 21; "caminhar nas trevas" 1 Jo 1, 6 e Jo 12, 35.

(16) Como a morte e as trevas que se opõem à vida e à luz (1 Jo 1, 5-7 e Jo 3, 19), e os demais elementos do estilo semita: paralelismo, inclusão, etc.

de idéias (17). Até as divergências pedem um mesmo autor se levarmos em conta que a finalidade, os gêneros literários e as situações históricas não eram idênticas.

Sob o ponto de vista literário temos vocábulos empregados diversamente (18), vocábulos novos (19) e ausência de vocábulos característicos do 4.º Ev. (20), sem que no entanto possa isto fazer dificuldade, pois os têrmos novos exprimem idéias familiares ao Ev. e a ausência de outros se compreende pela falta de oportunidade em usá-los.

Sob o ponto de vista doutrinal, podemos dizer que as diferenças ainda mais corroboram a idéia de um só autor, pois são, em geral, um ulterior desenvolvimento das doutrinas do Ev. e, mesmo muitas destas explanações não se poderiam compreender sem o 4.º Ev. Assim por ex.: fala a epístola tão por alto do *Logos* que se não estivéssemos prèviamente informados pelo Ev., dificilmente o compreenderíamos (Cf. 1 Jo 1, 1 e 2 Jo 1, 1). A caridade que ocupa em

---

(17) Como **Jesus Cristo é o Logos** (1 Jo 1, 1 e Jo 1, 1), unigênito de Deus (1 Jo 4, 9 e Jo 3, 16). A finalidade da encarnação é dar-nos a vida espiritual (1 Jo 4, 8 e Jo 10, 10), a caridade é o mandamento novo (1 Jo 2, 8 e Jo 13, 34,) etc.

(18) V.g. "paráclito" (= advogado, patrono, consolador, cf. Zorell, Lexicon Graecum N.T., Paris, 1931 2.ª, sub voce) que no Ev. (14, 17) serve para o Espírito Santo, na Epístola (2, 1) designa a Jesus. "Mundo" que no Ev. ora designa a criação (1, 10), ora o gênero humano (8, 12), ora o reino de Satan (12, 31); enquanto que na Epístola só é empregado no sentido pejorativo: a massa dos perversos (passim).

(19) I.e. desconhecidos no Ev. como "parusia" (1 Jo 2, 28); "anticristo" 2, 18; etc., "unção" 2, 20; etc.

(20) "Nascer do alto" (Jo 3, 3), "ressurreição e vida" (Jo 5, 29).

ambos os escritos lugar proeminente vem melhor ilustrada no Ev. por exemplos e simbolismos (v.g. o Bom Pastor), ao passo que na Epíst. aparece como superando em valor o conhecimento. No Ev. 4, 14 a graça santificante aparece sob a metáfora de água viva que jorra para a eternidade, na Epíst. 3, 9 é ela um *germe* divino que, como na geração humana, produz no fiel a filiação divina.

Como conseqüência temos que o autor da 1 Jo é o mesmo que o do 4.º Ev., ora bem sabemos que êste foi João, filho de Zebedeu, apóstolo e o discípulo amado. (Cf. Introd. ao Ev. de São João).

Tôda a tradição antiga vem confirmar estas conclusões: Já nos séc. 1.º e 2.º encontramos citações da 1 Jo nos Padres Apostólicos e Apologetas (21). No fim do séc. 2.º já aparecem os testemunhos explícitos, como o do Cânon de Muratori. Mais tarde, Eusébio resumindo a tradição, a elenca entre os "livros não discutidos".

Só recentemente, no séc. 19, é que alguns críticos quiseram encontrar sinais de vários autores dentro da 1 Jo. Muito trabalharam neste sentido, mas de seus esforços só ficou mais patente a unidade da carta.

DESTINATÁRIOS, OCASIÃO, ADVERSÁRIOS: Podemos imaginar, não sem fundamento, que o Apóstolo S. João, residindo em Éfeso, embora adiantado em anos ainda continuasse a supervisionar as comunidades da Ásia Menor. Em dado momento, ao perceber os perigos provenientes da tibieza e das seitas heréticas, resolve enviar-lhes suas pater-

---

(21) Clemente Romano, Pastor de Hermas, etc.

nais orientações. Aliás, pelo Apc percebemos que mantinha João correspondência com os fiéis daquelas igrejas e que os tratava com certa familiaridade (22). Dá a impressão de se dirigir a pagãos convertidos, mas ainda com fortes resquícios do paganismo (5, 21). De 2, 18s podemos concluir não só a existência de dissensões entre os fiéis, mas também a de algumas apostasias. Notemos, porém, que a tonalidade de João não é de polêmica, mas sim a do pastor zeloso que orienta suas ovelhas e as alenta para que perseverem no caminho encetado. Sem expor a doutrina dêsses hereges que chama de "anticristos", dá no entanto numerosas indicações pelas quais podemos reconstituí-la. Assim por exemplo, êsses *sedutores* pretendem ter um conhecimento privilegiado de Deus (gnose mística), crêm-se sem pecado e portanto sem necessidade de redenção, ao que responde o Apóstolo: o verdadeiro conhecimento de Deus leva à imitação de Cristo e ao amor do próximo.

Um outro heresiarca chamado Cerinto, segundo o testemunho de S. Ireneu, negava a união hipostática, estabelecendo simples união acidental entre a divindade e a humanidade em Cristo, união esta que teria começado no batismo de Jesus e cessado antes da paixão. Anulava portanto o efeito salvífico da morte de Cristo. Contra tais fantasias simplesmente ensinava S. João que "Jesus é o Cristo nascido de Deus" (5, 1), que "Jesus Cristo é o Filho de Deus" (5, 5).

Contra outros (os docetistas) que negavam a realidade da natureza humana de Cristo, diz S. João: sustentarem êles

(22) Com freqüência os chama de "filhos meus", "queridos". Mostra conhecer a firmeza de sua fé (1 Jo 2, 20s), suas lutas (2, 26), e mesmo considera as dificuldades dêles como suas (2, 19).

o êrro que "dissolve Jesus" (4, 3) e que só os que admitem "Jesus Cristo ter vindo em carne é que são de Deus" (4, 2).

Ainda contra outros (os nicolaítas) que sob o pretexto da gnose mística se entregavam à libertinagem, adverte claramente: "Não ameis o mundo nem as cousas do mundo! O que ama o mundo não possui o amor do Pai, pois tudo que está no mundo: a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida não é do Pai, mas do mundo. Ora, o mundo passa e também sua concupiscência, mas o que faz a vontade de Deus dura para sempre" (2, 15-17).

Finalmente, chama a atenção o Apóstolo de que sua doutrina não é inventada por êle, mas sim a verdadeira doutrina promulgada pelo Colégio Apostólico desde o início (cf. 2, 7. 24; 3, 11). Temos, pois, aqui promulgado pelo próprio Apóstolo S. João o critério de inspiração e canonicidade para a Igreja, i.e. a tradição apostólica. Como também nos deixou outro precioso critério para avaliar a ortodoxia das opiniões: todo aquêle que negar qualquer verdade sôbre a pessoa do Messias, N.S. Jesus Cristo, não é de Deus (passim).

FINALIDADE: Temo-la expressa bem claramente com as palavras do Apóstolo "...o que vimos e ouvimos o anunciamos a vós, a fim de que também vós tenhais comunhão conosco. Ora, a comunhão nossa (é) com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo. E isto escrevemos nós para que a alegria nossa seja completa" (1, 2-3) i.e. para que conserveis a união com a Igreja de Cristo e portanto com Cristo Jesus e o Pai. Cf. também 2, 1; 5, 6-7. 13, trata-se pois de preservar os fiéis do perigo da heresia.

DATA E LUGAR: Como parece que a situação criada pelas heresias tenha melhorado em relação ao que escrevera no

Apc, devemos colocar a composição da 1 Jo entre a do Apc. (de 90 a 96) e a morte do Apóstolo (cêrca do ano 100). O que se confirma pela maneira de falar do autor que dá a impressão de "um ancião que se dirige a gerações mais jovens e de um contemplativo que já bastante meditou e viveu a revelação do Mestre" (23).

Baseados, pois, em tais indicações, podemos concluir que S. João escreveu em Éfeso onde passou seus últimos anos.

LÍNGUA E ESTILO: Como nos outros escritos de S. João, o grego é correto, mas evidentemente o de um semita que dá ao *kaí* o mesmo valor que ao *we* aramaico, de onde a superabundância desta conjunção, que por isto mesmo nem sempre deve ser traduzida por simples *e* ou *também,* mas por algumas das outras conjunções a que corresponde o *we.* Como natural conseqüência, pode-se observar a ausência do *de* e outras conjunções. Com as preposições temos semelhante pobreza (só aparecem *en* e *ek*). Abundam em compensação os paralelismos, as antíteses e todo o conjunto fraseológico semita.

Quanto ao estilo, em geral, devemos notar que "o autor é um místico, que dá às palavras mais simples uma inesgotável riqueza de sentidos" (24). Escreve com o esquematismo dos espíritos analíticos, não teme fazer repetições sempre que estas sejam úteis a explanar uma idéia sob aspecto deixado de lado anteriormente. Aliás, outra cousa não é isto senão o chamado sistema de círculos concêntricos, tão

---

(23) Cf. Charrue, o.c. pág. 508.

(24) Charrue, o.c. pág. 509.

em apreço na poesia hebraica. A mesma idéia é apresentada várias vêzes sob novos aspectos até que se esgote, ou se julgue esgotado o àssunto.

DOUTRINA: Tôda a carta se destina à vida prática "a fim de que os fiéis permaneçam na comunhão com Deus", assim pois a capital recomendação é que se deve amar o próximo não só por palavras, mas por atos e mesmo até a morte (3, 16-18) e o amor ao próximo deve ser a expressão visível do amor de Deus, invisível (4, 12. 20-21).

Em volta dêste tema principal vêm outros, como a manifestação do Verbo (1, 1-3) a purificação dos pecados (1, 8-11), a parusia (2, 18-22), a filiação divina (2, 29), a fé (5, 1-12).

INTEGRIDADE: Embora o célebre "coma joancu" (5, 7b-8a) contenha doutrina verdadeira, hoje, não mais se admite como autêntico (25).

2.ª e 3.ª *Epístolas de S. João*

As duas epístolas de João que se seguem à 1.ª não encontraram a mesma acolhida que ela, mas por algum tempo estiveram entre os "livros discutidos".

Examinaremos a questão da autenticidade só depois de termos visto algumas outras que nos deixem mais familiarizados com êstes dois breves escritos.

---

(25) Cf. T. Ayuso Marazuela, Nuevo estudio sobre el "Comma Ioanneum", publicado em Biblica, vol. 28 (1947) pág. 83-112 e 216-235; vol. 29 (1948) pág. 52-76.

DESTINATÁRIOS, LUGAR, OCASIÃO E DATA:

Embora a 2 Jo esteja endereçada "a Senhora Eleita e seus filhos" (v. 1) não julguemos que o Apóstolo se dirija a uma pessoa chamada "Eleita", ou "Kyria" (= Senhora). De que êle se dirija a uma comunidade que chama de "eleita senhora", temos provas suficientes nesta mesma carta: ainda que não quiséssemos dar atenção à passagem do singular *tu* para o plural *vós*, nem à ausência do artigo, diz o Apóstolo no v. 13 "saudam-te os filhos de tua irmã Eleita", ora, difìcilmente encontraríamos duas irmãs com o mesmo nome. Trata-se de um nome coletivo para designar uma igreja (26).

Dêste último verso haveremos de concluir também que escrevia o Apóstolo de sua residência habitual, Éfeso. A saudação era, portanto, da comunidade de Éfeso.

O Apóstolo, preocupado com a situação descrita no Apc e na 1 Jo, cheia de perigos para a fé e para a moral, torna a escrever para recapitular a 1.ª carta: quem não confessar a humanidade de Cristo é um herege (v. 7) e para insistir sôbre a caridade fraterna pregada desde o início (vv. 4-6). Por fim, promete ir pessoalmente para tratar destas e de doutras questões.

A 3 Jo vai endereçada "ao querido Caio" que era um cristão de certa importância na comunidade em que vivia. A epístola nos deixa entrever um conflito cuja reconstituição nos oferece Charrue (27): De Éfeso S. João dirigia uma organização de pregadores itinerantes, preciosos auxiliares na

---

(26) Cf. a mesma expressão na 1 Pdr 5, 13 "Sauda-vos a co-eleita que está em Babilônia".

(27) O.c. pág. 517.

difusão e guarda da Verdade na região· Em uma das sedes episcopais, Diótrefes, que parece ter sido o próprio bispo, se recusa aceitar os missionários de S. João, difama-os e ameaça de excomunhão, para impedir que os fiéis os recebam. Apesar do terror que êle estabelecera, não conseguiu afastar da causa do Apóstolo o influente Caio e provàvelmente outros. Êste deu provas de sua fidelidade a João recebendo os missionários em sua casa. Parece que o conflito fôsse de ordem doutrinal, tão do gôsto dos orientais. S. João procurou fazer novas tentativas enviando Demétrio com missionários que recomendava à hospitalidade de Caio. Pelas "Constituições Apostólicas" (PG 1, 1053) podemos conjecturar o resultado, pois estas não enumeram Diótrefes entre os bispos da Ásia Menor, ao passo que suas listas episcopais conservaram os nomes de Caio, estabelecido por João em Pérgamo, e Demétrio em Filadélfia, de onde concluimos ter Diótrefes perseverado no êrro e ter sido deposto por João que colocou em seu lugar Caio. Já o Apc 2, 14-16 assinalava a presença de nicolaítas em Pérgamo.

Êste bilhete é um exemplo das cartas comendatícias usadas desde o início (At 18, 27; 2 Cor 3, 3), e deve ter sido escrito na mesma época que as 1.2. Jo, porém antes delas, uma vez que o cisma herético ainda não se consumara.

AUTENTICIDADE: Com muita propriedade foram estas duas cartas chamadas *gêmeas* pois tão semelhantes são entre si, que exigem a mesma paternidade. Se jamais se duvidou disto, o mesmo não tem acontecido quanto à identificação do autor que se apresenta em ambas como *ancião*, como testemunha cujo valor é fora do comum, como autoridade religiosa com superintendência sôbre as igrejas da Ásia Menor, como o *Ancião* (2 Jo 1 e 3 Jo 1) que não pode ser confundido com outro qualquer.

Se a estas indicações acrescentarmos o fato de que S. João era o único apóstolo vivo nos fins do séc. 1.º, e a estreita semelhança com a 1 Jo, parece não mais restar dúvida possível sôbre a pessoa do autor.

Além disto um falsário não teria deixado indicações tão vagas sôbre a personagem escolhida para dar autoridade a seu escrito, mas teria apresentado os diversos títulos pelos quais essa personagem fôsse digna de acatamento e não um simples "o Ancião". Tão pouco um falsário teria escrito sob o nome de S. João, precisamente para aquela comunidade onde êste nome era atacado pelo bispo, e sôbre a qual se fazia mister uma intervenção para reconduzir a autoridade hierárquica à obediência devida.

Que as citações destas duas cartas fôssem raras nos escritores antigos é muito natural, pois além de serem mui pequenas, a doutrina que ensinam já se encontra na 1 Jo, e além disto tinham ambas o caráter de comendatícias. Aliás muitos escritores católicos modernos, que, sem dúvida, as admitem como escritura inspirada seg. o Cânon do Conc. Trid., e que as conhecem, não as citam em suas obras, simplesmente porque lhes faltou a oportunidade para a citação.

Apesar de raras as citações, encontramo-las desde o séc. 2.º, no fragmento Muratoriano (linha 69), em S. Irineu (2 vêzes: a 2 Jo). Igualmente favoráveis à autenticidade são Clemente de Alexandria, Dionísio Alex. e Orígenes. Eusébio as colocou entre "os livros discutidos".

As dúvidas surgidas sôbre êstes dois escritos terão tido origem, provàvelmente, na questão surgida sôbre o "Ancião" do Apc que, naturalmente, se estendeu às duas cartas que se diziam escritas pelo "Ancião".

Sôbre a identidade do Presbítero João com o Apost. João, cf. a Introdução ao Ev. de S. João.

EPÍSTOLA DE S. JUDAS

AUTOR: Quem teria sido êste "Judas servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago" que a inscrição nos apresenta como autor desta carta?

Sabemos que a expressão "servo de J. C." tanto pode indicar um simples cristão como um apóstolo. Sempre que S. Paulo não tinha necessidade de apelar para sua qualidade de apóstolo a fim de manter sua autoridade, preferia apresentar-se modestamente como simples "servo de Jesus". O mesmo fêz Tiago (1, 1). Pelo 1.º título não fica, pois, excluida a função de apóstolo para o autor. O 2.º título "irmão de Tiago" nos dirá que se trata realmente do apóstolo enumerado nas listas dos doze como "Judas de Tiago" em Lc 6, 16 e At 1, 13; e "Tadeu" em Mt 10, 3 e Mc 3, 18.

Como nas listas dos apóstolos, Judas vem antes associado a Simão que a Tiago, devemos concluir que o termo "irmão" tem aqui o valor mais lato da linguagem semita, i.e. parente. Foi o casamento em segundas núpcias de seu pai, Clopa (Cléofas), com Maria, mãe de Tiago e José, que deu origem a esse parentesco. Cf. Introd. a Tg.

Pouco após a morte de Tiago, vendo Judas as necessidades dos fiéis, escreveu-lhes esta carta de orientação e, para conciliar a benevolência dos leitores, se apresentou como "irmão de Tiago", mostrando que sua intervenção naquelas comunidades era devida não só ao fato de ser apóstolo, mas também ao parentesco que o ligava ao bispo recém-falecido.

Fora das listas apostólicas, apenas duas indicações encontramos nos Evang. sôbre Judas-Tadeu. A primeira, quando os nazaretanos, depois da pregação de Jesus, comentaram: "Não é êste o filho do carpinteiro? E sua mãe não se chama Maria? E seus irmãos Tiago e José, Simão e Judas?..." (Mt 13, 55).

A segunda, quando após a ceia, disse Jesus para confortar os apóstolos: "Ainda um pouco e o mundo não mais me verá; mas vós me vereis, porque eu vivo e vós vivereis... (então) perguntou-lhe Judas, não o Iscariotes: "Senhor, que aconteceu, que vais te manifestar a nós e ao mundo, não?" Jo 14, 19 e 22s. O teor da pergunta bem indicava a simplicidade de quem a fazia e a mentalidade de todos, que esperavam fôsse Jesus o restaurador do reino de Israel. Mas, responde Jesus explicando que não se manifesta ao mundo porque êste não O ama nem observa seus preceitos, mas se manifestará àqueles que O amam e observam suas palavras, virá com o Pai habitar nestes como num templo vivo (Jo 14, 23s).

As notícias da tradição são poucas e incertas. Parece ter evangelizado a Galiléia e a Samaria antes da dispersão dos apóstolos, e depois, a Síria e Mesopotâmia. Segundo Nicéforo teria sido o espôso das bodas de Caná. Parece que S. Paulo em sua 1 Cor 9, 5 também a êle se referia ao falar dos "irmãos do Senhor" (28).

---

(28) Cf. Vicenzo Jacomo, Le Epistole di S. Paolo, Roma, 1951, pág. 328, Charrue, pág. 566.

AUTENTICIDADE: Um exame da linguagem nos dirá que o autor deve ter sido um *judeu* pelos semitismos (29). Apesar de manejar bem o grego (30) não estava isento do influxo popular, assim é que encontramos nos vv. 20s *'eautoús* em vez de *u'mãs au'toús* de acordo com a *koiné* (31).

A modéstia com que se apresenta o autor é outro indício de autenticidade, pois bem sabemos pelos livros apócrifos que os falsários buscavam todos os títulos capazes de aumentar o crédito da personagem fictícia e além disto, falsário algum se teria acobertado num apóstolo que foi obscuro, como prova o pouco que dêle nos conservou a tradição.

Se o exame da carta nos inclina a aceitar Judas Tadeu como autor, o exame dos testemunhos da época nos forçará a isto: Depois da 2 Pdr que usou desta carta temos o fragmento de Muratori (séc. 2.º) que na linha 68 a enumera entre os escritos canônicos. Tertul., Clem. de Alexandria e Orig. bem como S. Efrém na Síria a aceitaram. Antes do séc. 3.º não há sinais de dúvida sôbre a autenticidade. Por causa das duas citações de apócrifos, alguns puseram em dúvida a

---

(29) Tais como antíteses, paralelismo (vv. 6. 8 e 10), inclusão (compare-se o v. 2 com 20s), expressões calcadas sôbre o hebraico (v. 3): pãs = kol; en = b^e instrumental, (passim). Substantivos no genitivo em lugar de adjetivo, v. g. "obras de impiedade" (v. 15) por "obras ímpias".

(30) Sabe usar as partículas **mén** e **dé** (v.g. v. 8), as negações **mé** e **o'u**, etc.

(31) Cf. análise mais detalhada em R. Leconte, no art. Jude (Épitre de S.) em Dict. de la Bible, Supplément, col 1288 e sg. que a conclui resumindo: "Se S. Judas possuia um verniz de helenismo, estava apesar disso profundamente ligado ao meio indígena da Palestina".

autenticidade de Jud (32). Muitos escritores quer ocidentais quer orientais, contemporâneos a Eusébio e S. Jerônimo a aceitaram (33). Do séc. 4.º em diante começa a retornar a unanimidade sôbre a canonicidade da epístola.

DESTINATÁRIOS: O endereço é "aos chamados (que são), amados em Deus Pai e guardados para Jesus Cristo". Absolutamente falando, dirige-se êle a todos os cristãos que receberam a vocação para a fé por causa do amor de Deus para com êles. Mas, se considerarmos o teor da carta que, com freqüência, se refere às tradições judaicas e o título que escolheu o mitente, devemos concluir que os destinatários são os judeus da diáspora, os mesmos para quem escrevera S. Tiago sua carta.

ADVERSÁRIOS, OCASIÃO E FIM: Já aquêle "guardados para Jesus Cristo" nos deixa entrever o pensamento de Judas que prevê as dificuldades e lutas ocasionadas pelos hereges. São êstes os mesmos combatidos pela 2 Pdr, falsos doutores que põem a fé em perigo porque se afastam da doutrina tradicional (v. 30s), serão duramente castigados (5ss). Enquanto por um lado mancham seus corpos (vv. 8. 23), por outro blasfemam ("insultam pretensiosamente") os seres angélicos (v. 8s) e procedem como animais irracionais (v. 10). Rejeitam o Pai e censuram sua obra (vv. 4. 8. 16. 25.).

---

(32) Já S. Jerônimo assim se expressava: "Judas deixou uma pequena carta que está entre as católicas. Como cita o testemunho do livro de Enoch que é apócrifo, foi por muitos repudiada; no entanto pela antiguidade e pelo uso (na Igreja) mereceu gozar de autoridade e se enumera entre as Sagr. Escrituras". Cf. cit. apud Ambroggi o.c. pág. 293.

(33) S. Ambrosio, S. Agost., S. Atanásio, S. Gregor. Nazianzeno, etc. cf. de Ambroggi, o.c. pág. 292 e seg.; R. Cornely, Introductio Specialis, vol. 3.º pág. 655 e seg.

Coincidem estas indicações com os erros dos gnósticos que, enquanto pesquisavam os sêres celestes, se lamentavam viver num mundo mau, e além disto desprezavam os outros considerando-se uma classe à parte: os *pneumáticos*. Êstes mesmos pretensos *espirituais*, sob o pretexto do conhecimento superior, se entregavam à luxuria (vv. 4. 7. 16. 18. 23). Estavam, porém, êstes gnósticos ainda na fase inicial, pois pertenciam à Igreja, frequentavam os ágapes (v. 12) onde, sem proselitismo pròpriamente dito, transmitiam seus erros. E o Apóstolo não os trata como hereges, mas apenas como cristãos que estavam no caminho errado. S. Judas, que já pretendia escrever a êsses cristãos para lhes dar orientações de ordem mais geral, ágora ao ter conhecimento dessas novidades, escreve logo sem delongas, para denunciar os abusos e inspirar aos cristãos horror a tais inovações.

DATA: Deve ter escrito Judas depois do ano 62 (martírio de Tiago) e antes de 70, pois do contrário teria enumerado entre os grandes castigos a destruição de Jerusalém e do Templo. Se admitirmos, como de fato parece mais provável, a prioridade de Jud sôbre a 2 Pdr, poderemos encurtar um pouco o 2.º limite, pois S. Pedro deve ter escrito sua segunda carta pouco antes de 67 ou, segundo outros, pouco antes de 64. Teremos, portanto, como tempo de composição mais provável os anos de 63 a 65.

LUGAR: Talvez tenha sido a Mesopotâmia que a tradição aponta como campo de seu apostolado. Não podendo ir ter fàcilmente com os destinatários, enviou-lhes suas orientações por escrito.

LÍNGUA E ESTILO: Já tivemos ocasião de notar que seu grego é correto, algumas vêzes com tendência ao clássico,

como em sua doxologia final (34), porém com muitos semitismos, comuns em sua maioria à língua dos LXX. O estilo enérgico, vivo e poético lembra o de seu parente Tiago e o do próprio Jesus.

DOUTRINA: Segundo a expressão de Orígenes, esta carta é muito pequena, mas cheia de sabedoria divina. De fato encontramos nesses 25 versículos os principais dogmas cristãos: Unidade e Trindade de Deus (20-21. 25), preexistência do Verbo (v. 5), julgamento e sanção (passim). Jesus Cristo é Nosso Senhor (v. 5), juiz (v. 21), mediador (v. 21), rédentor (v. 15). A graça que possuem os cristãos é produto da fé, do Esp. Santo, e da comunhão com a Igreja (17-18). O complexo de verdades a serem admitidas deve estar de acôrdo com a catequese (20-21) ou ensinamento dos apóstolos (17-19). Existem anjos bons e maus (6. 8. 9). Além disto muitas outras verdades supõe conhecidas dos leitores, a elas se referindo apenas por alusões.

Temos finalmente a questão da inspiração bíblica que aqui encontrou uma dificuldade especial pelo fato de ter S. Judas citado 2 apócrifos. Depois de enumerar os castigos divinos descritos na Bíblia para os cismáticos, acrescenta o de pretensa profecia de Enoch, para os falsos mestres, e o faz com as mesmas palavras do apócrifo.

Comecemos por examinar o que pretendia S. Judas afirmar com tais citações, para o que temos duas hipóteses: 1.ª, teria afirmado apenas a *verdade literária* i.e. a existência

---

(34) Baseados nisto, muitos modernos exigem uma colaboração redacional, enquanto outros vêem apenas uma probabilidade nessa hipótese. Cf. Charrue, Épitres Catholiques, em La Sainte Bible, Paris, 1951, pág. 569.

destas palavras sem nada dizer sôbre se são autênticas ou não; 2.ª, teria afirmado a *verdade histórica*, mas, dentre as muitas falsidades dos apócrificos, teria escolhido precisamente aquilo que não era falso (assim S. Agost.).

Nada na inspiração impede a citação de livros profanos ou mesmo apócrifos (35), nem mesmo o perigo de induzir em êrro os leitores, pois o gênero literário que chamamos dos "apócrifos", estava então em voga, e todos sabiam que êsses livros embora se apresentassem sob a forma de livro sagrado, não eram inspirados. Assim, pois, os contemporâneos de S. Judas, de forma alguma se poderiam enganar com as citações. Só mais tarde quando essa literatura apócrifa passou a ser detestada pelos cristãos, por causa das confusões a que se prestava, é que se passou a suspeitar de tudo aquilo que tivesse relações com os apócrifos. E nestas suspeitas incorreu também Jud.

Nas duas hipóteses aventadas, quer S. Judas se restrinja à verdade literária, quer afirme a histórica, nada há contra a inspiração. Da primeira alternativa temos plena certeza, pois conhecemos hoje o livro de onde tirou a citação. Da segunda nada podemos garantir pois a *falta* de documentos da época é argumento muito fraco para se negar algo, principalmente em se tratando de tempos tão remotos. Alguns dos antigos aceitaram esta 2.ª alternativa, hoje porém, a maioria dos católicos prefere a primeira.

---

(35) Tanto o A.T. como o N. têm citações de literatura extrabíblica i.e. profana, assim por ex. Jos cita o Livro dos Justos, Dan, Esdr, etc., citam documentos de reis pagãos; S. Paulo cita um poeta pagão em At 17, 28.

O ESQUEMA da carta é simples: após a inscrição, diz logo qual a finalidade (vv. 3-4), de onde passa a prevenir os fiéis contra os falsos doutores (5-16) e a dar instruções de como agir (17-23). Encerra a carta com notável doxologia (24-25).

INTRODUÇÃO AO APOCALIPSE

INTRODUÇÃO AO APOCALIPSE

1. NOME
2. AUTOR E TEMPO
3. GÊNEROS LITERÁRIOS
4. PARTICULARIDADE DO APOCALIPSE
5. COMO INTERPRETAR O APOCALIPSE?
6. ANÁLISE EXPLICATIVA
7. BREVE SÍNTESE DO CONTEÚDO DO APOCALIPSE
8. PROBLEMAS PARTICULARES.

INTRODUÇÃO AO APOCALIPSE

1. NOME

O texto grego do último Livro do Novo Testamento, conforme os manuscritos mais antigos, apresenta o título *Apocalypsis Ioanou* e a Vulgata *Apocalypsis Beati Johannis Apostoli.* Êste título, que em geral não é tido por original; baseia-se no próprio Livro que começa com a palavra: "Apocalipse..." (1, 1).

O termo "Apocalipse" (de "apo-kalyptein" i. e. "revelar") ocorre 18 vêzes no Novo Testamento e, já antes da aparição do presente Livro, era tido como uma palavra cristã consagrada, empregada para designar a revelação de uma coisa que Deus conservava até então envolta num véu, em particular a manifestação de Cristo como Senhor e Juiz supremo. Assim São Paulo escreve aos Gálatas (1, 11): "O Evangelho evangelizado por mim não é segundo o homem, pois eu não o recebi ou aprendi de um homem, mas por uma "apocalipse" de Jesus Cristo". Aos Coríntios o mesmo São Paulo escreve (2 Cor 12, 1-4) "Chego às visões e às "apocalipses" do Senhor" e refere como, 14 anos atrás, êle "foi arrebatado até o terceiro céu" e "transportado ao paraiso", "ouviu palavras inefáveis que não é licito ao homem repetir" (cf. Rom 16, 25).

Todavia, esta mensagem de São João foi a primeira obra que se intitulou *Apocalipse.* Por sua influência foi que, daí em diante, êste nome passou a designar também outros livros ou partes dêles que pertencem ao mesmo gênero literário.

2. AUTOR E TEMPO

Em conformidade com o título do Apoc. na Vulg. e com a tradição da Igreja dos primeiros séculos foi o apóstolo São João quem compôs êste Livro, tendo-o escrito nos últimos anos de sua longa vida, ao terminar o reinado de Domiciano (81-96), portanto, aí pelos anos de 94 ou 95, quando estêve exilado em Patmos.

São Justino, Mártir o diz expressamente (Dial. c. o judeu Trifon, 151-3) "Um homem dos nossos por nome João, um dos apóstolos de Cristo, profetizou em uma revelação que lhe foi feita, que aquêles que acreditassem em nosso Cristo, por mil anos morariam em Jerusalém e que pouco depois disso teria lugar a ressurreição universal e eterna de todos os homens". O trecho favorece talvez uma interpretação errada do milenário, mas atesta indùbiamente a autenticidade joanéia do Apoc. Com êle concorda Santo Ireneu indicando também o tempo em que foi escrito (Ad Haer. V 30): "O Apoc foi escrito há não muito tempo, ainda quase em nossa geração i. e. no fim do reinado do imperador Domiciano". Observa Allo que como a frase "em nossa geração" não pode provir do próprio Ireneu que viveu cêrca de 90 anos mais tarde, é muito provável que êle a tenha transcrito de Papias († 130). Idênticos testemunhos lemos em Tertuliano (Contra Mar III, 14 e IV, 5), em Clem. Alex. (Paed. II

119), em Hipól. (De Antichr. 36; 50), em Orígenes (Com in Jo 2, 5) e em S. Jerôn. (De viribus 3, 9). Fácil seria aumentar ainda consideràvelmente as citações de outros autores dos primeiros séculos.

Assim os autores católicos, embora conscientes de que não se trata de uma verdade de fé, atribuem com firmeza a autoria do Apoc ao apóstolo São João.

Nos últimos tempos os críticos de tendência racionalística levantaram a questão sôbre a autenticidade do Apoc e em geral negam a sua autoria ao apóstolo São João, atribuindo-a a um outro homem que também se chamava João e que teria vivido por essa época. Baseiam-se nos seguintes motivos: 1) de ordem *externa*. Caio, no comêço do séc. III, e os Álogos, grupo de Montanistas exaltados, atribüiram o Apoc a Cerinto. O grande Dionísio de Alex. († 340), embora aceite o Apoc como canônico, recusa-se a atribuí-lo a São João e Eusébio de Ces. mostra-se vacilante. Convém notar que tôdas estas dúvidas provêm ùnicamente de considerações tiradas do conteúdo do Livro; 2) de ordem *interna*. Êles vêem grande dificuldade em atribuir ao mesmo autor o 4.º Evangelho e o Apoc, porque, embora o estilo de um e de outro ofereça muitos pontos de contacto, tanto do ponto de vista do vocabulário e torneios de frase, como, em geral, da gramática, as diferenças são tais que não podem ser devidamente explicadas, mesmo apelando-se para a diversidade do assunto e das circunstâncias em que os dois Livros foram escritos, e mesmo supondo-se um bom espaço de tempo para que um autor semítico se pudesse aperfeiçoar no grego. O mesmo se poderá fazer valer, afirmam êles, quanto à diversidade do ponto de vista teológico entre os dois Livros. Por fim, o autor do 4.º Evangelho patenteia uma inconfun-

dível personalidade e originalidade p. ex. relativamente aos três sinóticos; ao invés, o autor do Apoc apresenta-se como um homem que se adaptou servilmente aos Profetas do V. Test. Acresce ainda que no próprio Apoc o autor que indica o seu nome "João" (1, 1. 4. 9 e 22, 18) nunca se intitula "apóstolo", conquanto fale dos "apóstolos do Cordeiro" (18, 20).

Urge reconhecer que êsses argumentos que acabamos de citar, não são destituidos de todo o valor, todavia não podem suscitar uma verdadeira dúvida sôbre a autenticidade joanéia do Apoc ante os apodíticos argumentos de ordem externa.

Em 1950 Boismard O. P. no seu "L'Apocalypse" da Escola Bíblica de Jerusalém, propôs a hipótese de ser São João Evangelista o autor principal do Apoc, mas de se ter servido de discípulos seus para exará-lo por escrito. Seria algo de semelhante ao que hoje todos aceitam quanto às relações de São Paulo para com a Epístola aos Hebreus.

3. GÊNEROS LITERÁRIOS: PROFÉTICO, SAPIENCIAL E APOCALÍPTICO

Para a compreensão do Apoc necessário se torna atender a evolução dos gêneros literários próprios da mentalidade israelítica. Entre êles notamos em primeiro lugar o *profético*. Apresenta, pois, a história de Israel notável número de personalidades proféticas que exerceram profunda influência no povo como seus guias espirituais. Por meio dêles, Deus comunicava-se com os seus eleitos e manifestava-lhes a sua vontade. De modo particular, incumbia-lhes a missão de predizer-lhes o futuro messiânico,

para o qual todo israelita devia dirigir os seus olhares cheios de confiança e de vivos desejos pelo Redentor que Deus lhes tinha prometido. Jesus Cristo mesmo refere-se com freqüência a esta atuação dos profetas, na qual para o cristianismo primitivo consistia, propriamente dita, a sua missão (Cf. At 3, 24...).

A *atividade* dos profetas do Velho Testamento realizou-se originàriamente só pela palavra oral. Eram *pregadores* e não escritores. Mesmo os Livros dos profetas mais antigos são pela maioria a consignação de seus oráculos. Todavia com o tempo a palavra escrita foi tomando sempre maior importância. Desde a época de Jeremias (51, 59) o profeta, devido a várias circunstâncias, viu-se obrigado a escrever as suas mensagens e assim transmití-las aos seus contemporâneos.

Também quanto ao *conteúdo* dos oráculos foram sendo introduzidas certas mudanças, das quais salientaremos duas principais: a) a lei divina, como a nítida expressão de sua vontade. Ezequiel já se refere a ela com muita ênfase e Malaquias faz consistir na sua explicação a principal ocupação dos sacerdotes (Mal 2, 7). Desta suma importância ligada à lei nasceu, em grande parte, a literatura *sapiencial* que, como o Eclesiástico e o Livro da Sabedoria, bem como provàvelmente o Eclesiastes e vários salmos, substituiram os profetas quando êstes foram cessando de aparecer depois do exílio; b) os tempos finais vão entrando sempre mais nos círculos visuais dos profetas. Tôda a sua esperança é colocada no futuro reino de Deus que descrevem com as côres mais gloriosas e que prometem para um tempo relativamente próximo após tremenda catástrofe mundial (Is 13, 9). Vai nascendo a chamada *Apocalíptica*, literatura

esta cujo tema principal é o fim da história na plenitude dos tempos.

O gérmen desta nova forma literária acha-se em seus começos já em alguns livros proféticos. Assim certo caráter apocalíptico mostram p. ex. Isaías (24-27), Zacarias (9-14), Ezequiel (1, 1...; 37, 1...), mas é em Daniel (7-12) que aparece pela primeira vez a forma essencialmente apocalíptica. Êste profeta do exílio visa confirmar os israelitas que ainda se conservavam fiéis a Javé e prepará-los para as tribulações que ainda estavam para sobrevir-lhes na época dos Macabeus, propondo-lhes o êxito feliz de tôdas as lutas com a vitória dos "Santos do Altíssimo".

Daniel teve não poucos sucessores e imitadores desde a época dos Macabeus até o séc. II d. C., mas nenhum dêsses livros apocalípticos foi recebido no Cânon do Velho Testamento e são considerados apócrifos. Como já foi notado, do Apoc de São João é que proveio a designação de literatura apocalíptica que com razão se aplica a tôda essa série de livros que têm de comum entre si a intenção de revelar coisas do passado, presente e futuro que só eram conhecidas de Deus e dos sêres celestes. Seus autores não declaram o próprio nome mas escrevem sob o pseudônimo de algum grande da antiguidade como Enoc, Abraão, os doze Patriarcas, Moisés, Baruc, Esdras. Isso relaciona-se provàvelmente com a opinião então generalizada de que a profecia já estava extinta. Todos recorriam ao passado para imprimir aos seus escritos uma autoridade incontestável.

O *conteúdo* dêstes livros apocalípticos é muito variado. Ocupam-se principalmente com o andamento da história até o seu fim, que irá coincidir com o comêço da salvação. Nesta exposição dão em geral um prospecto da história de

Israel até o seu tempo apresentando-a de um modo concreto; daí em diante até uma suposta catástrofe final a descrição histórica torna-se vaga e termina logo com a profecia do juízo universal e consequente romper do tempo da salvação messiânica.

Também quanto à parte formal existe certa semelhança, mas ao mesmo tempo uma grande diferença entre as profecias do Velho Testamento e os livros apocalípticos. Os profetas recebem de Deus a sua missão e as revelações quase sempre pela palavra interna; as visões formam para êles um como que degrau inferior, embora não faltem de todo (Num 12, 6; Jer 23, 25...). Alguns dêles vêem em êxtase objetos e cenas que têm significação simbólica (cf. Am 7-9). Ao invés, a literatura apocalíptica recebe a revelação dos mistérios divinos quase que exclusivamente por meio de visões. Muitas vêzes, como nos apócrifos, essas visões não pretendem ser realidades, mas apenas uma forma literária de que se serve o autor para dar expressão às suas esperanças e receios. Não é, porém, impossível que em certos casos êsses homens tenham tido de fato comunicações sobrenaturais, como nos 3.º e 4.º livros de Esdras. No tocante ao desenrolar da história, quer passada, quer futura, êles a apresentam em quadros e alegorias variadíssimos. Os homens são muitas vêzes representados por animais e os acontecimentos históricos, por fenômenos naturais. Em Daniel os 4 animais simbolizam as 4 potências mundiais contrárias a Deus; em Esdras uma águia representa o império romano e as suas três cabeças e muitas asas os imperadores (11, 1). Estas visões, como tôda alegoria, precisam de uma explicação. se o leitor as quer compreender. Daí o vidente depois de cada visão pede a um anjo que lhe interprete o sentido.

4. PARTICULARIDADE DO APOCALIPSE

Os autores do Novo Testamento mostram-se familiarizados com a literatura judaica inspirada ou não. Idéias e representações de um fundo apocalíptico encontramos nos próprios Evangelhos (Mt 24; Mc 13; Lc 21) e em São Paulo (2 Tes 4, 25-27; 2, 1-12; 1 Cor 15, 20-25; 2 Cor 5, 1-10). Mas é no Apoc que se nos depara um livro inteiramente dêsse gênero, como uma espécie de evolução cristã da literatura profético-apocalíptica judaica.

Sob o ponto de vista *formal*, êle apresenta contínua cadeia de visões simbólico-alegóricas que o autor recebe em êxtase. Para isso êle é muitas vêzes arrebatado (4, 1) ante as portas do céu abertas (17, 3), no deserto (21, 6) e recebe explicações de um anjo (1, 1 e 22, 8). Mas é de notar que êle não conhece uma constante interpretação feita por determinado anjo (apenas 17, 7; cf. 7, 13).

Também existe certa semelhança quanto ao *conteúdo*. Como na maioria dos livros apocalípticos, a visão dos acontecimentos finais forma o tema principal do Apoc: as tremendas tribulações sob o domínio do Anticristo, os juízos divinos sôbre as potências ímpias, a volta de Cristo, o juízo universal e a bem-aventurança dos eleitos. Nesse tema êle se concentra ainda mais do que os demais livros apocalípticos evitando também digressões inúteis sôbre outras questões. Em vista desta concentração num só tema, o Apoc oferece uma perfeita unidade de conteúdo. Não lhe faltam, porém, advertências morais como consequência de sua finalidade moral-religiosa e desejo de consolar e confortar os leitores na fidelidade a Deus e a Cristo no meio das perseguições que já se manifes-

tavam e que ainda estavam para vir (Cf. 2,3; 13, 9; 14, 13; 16, 15; 19, 9...).

Acentuando estas semelhanças gerais, não devemos deixar de pôr em relêvo a *originalidade* própria do Apoc determinada por ser êle produto de um espírito eminentemente profético e cristão.

São João é antes de tudo um verdadeiro profeta. Êle mesmo frisa esta sua missão (22, 9; 10, 11) e designa seu Livro como sendo uma profecia (1, 3; 22, 7). No profetismo do Velho Testamento encontraremos a chave para a sua interpretação. Um simples confronto do Apoc com os profetas em geral demonstra quanto São João os deve ter lido e meditado para poder ter tirado de quase todos êles, combinados admiràvelmente uns com os outros, a exposição de seu tema. Citemos p. ex. os seus símbolos: a árvore da vida, as águas mudadas em sangue, as duas testemunhas, os cavaleiros, a medida do templo e da cidade, o trono de Deus e os animais que o suportam, o templo, as lamentações sôbre Babilônia, o livro comido, a invasão de Gog e Magog, o filho do homem, o dragão, a primeira fera, as rãs etc. Todos êles ocorrem disseminados nos Profetas.

Todavia reconhece-se sempre mais, mesmo entre os racionalistas, que as visões do Apoc são fenômenos realmente percebidos pelo autor e não mera ficção literária.

Poderemos admitir que Deus tenha querido que São João *visse* cenas, símbolos e quadros já percebidos pelos Profetas e muito conhecidos pelos judeus? Sem dúvida alguma. As visões de Patmos visavam, pois, formar a mentalidade de São João o qual, em seguida, seria inspirado por Deus para escrever a sua obra, cuja finalidade consistisse em atingir do modo mais eficaz a inteligência e o coração dos

leitores. Nada mais natural que empregasse uma linguagem figurada e alegórica familiar àqueles que deviam ser os primeiros leitores dêste Livro. Vale também aqui o princípio: a graça age com a natureza.

Há no Apoc verdadeira fusão da forma apocalíptica e do conteúdo profético. Quem o lê, cuida estar ouvindo os profetas do Velho Testamento: a mesma profunda persuasão de estar cumprindo uma missão divina, o mesmo vigor de expressão tanto quando vitupera o crime e ameaça os pecadores, como quando descreve a salvação dos fiéis a Cristo.

Acresce que o Apoc é um Livro essencialmente *cristão*. Mesmo que nas suas visões encontremos grande quantidade de motivos e imagens tiradas do Velho Testamento e das tradições judaicas independentes da Bíblia, não devemos perder de vista que é um cristão que o escreveu. Todo o Apoc tem por fim anunciar a Cristo crucificado, o eterno Filho de Deus, o Libertador dos homens, que agora se assenta à direita de Deus na glória dos céus e que no final dos tempos ha de voltar à terra como supremo Juiz.

Nos livros apocalípticos judaicos a pessoa do Messias não ocupa lugar de maior destaque. Em alguns falta inteiramente, como no Ascensão de Moisés, outros apresentam dêle idéias confusas, restringindo-lhe a atividade a um plano secundário. Em geral êle é indicado como alguém que deveria vir para libertar Israel dos males terrenos.

Em luz totalmente diferente encontramos o Messias no Apoc. São João no-lo apresenta como um homem verdadeiro que viria em breve (1, 7; 3, 11; 22, 7). É o "Leão da tribo de Judá" e a "Raiz de Davi" (5, 3), mas não é um homem

como os outros homens: eterno Filho de Deus, possui um ser divino e como tal é o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim (1, 17; 22, 13), o Rei dos reis e o Senhor dos senhores (17, 14; 19. 16), eternamente vivo (1, 18), onisciente (2, 23) e digníssimo de ser adorado (1, 6; 5, 8). Já tinha estado na terra em forma humana, daí a sua vinda é propriamente uma volta. Na sua primeira vinda entregou-se voluntàriamente a uma morte violenta e salvou os homens (1, 5; 5, 9; 7, 14); por isso êle aparece ao vidente como um Cordeiro imolado (5, 6) e como tal, só êle é digno de abrir o livro que contém os planos divinos sôbre o mundo. Só quem tem o nome inscrito no seu livro, poderá entrar na Jerusalém celeste (21, 27). Hoje êle vive nos céus, assentado no trono de Deus (3, 21; 7, 17; 22, 1); no final dos tempos êle virá julgar os homens e manifestar-se o Dominador do mundo (19, 11). Na Jerusalém celeste êle é juntamente com Deus a fonte de todos os bens para os seus eleitos (21, 22).

5. COMO INTERPRETAR O APOCALIPSE?

A grande maioria dos comentadores em todos os séculos passados, baseando-se no estilo narrativo do Apoc e na circunstância de êle mesmo se apresentar como uma "profecia" de "coisas que estavam para acontecer em breve" (1, 2), deram-lhe uma interpretação histórica, como se São João se referisse a acontecimentos reais e profèticamente previstos no futuro da Igreja. E, quanto ao essencial desta interpretação, todos estão de perfeito acôrdo. Variam, porém, muito na aplicação do sistema formando principalmente três grupos: a) Muitos querem ver no Apoc a evolução

histórica da Igreja nos tempos de São João ou dos três primeiros séculos durante as dez perseguições romanas; b) Outros não poucos, mormente os da Idade Média pretenderam ver neste Livro tôda a história da Igreja em seus muitos períodos desde a sua fundação até os fins dos séculos; c) Por fim, outros autores antigos e modernos preferem restringir as profecias apocalípticas aos últimos anos da Igreja ou seja aos acontecimentos escatológicos.

Ante a imensa quantidade de exegetas de grande nomeada e incontestável erudição que apresentaram semelhantes interpretações, forçoso é acatá-las com o devido respeito. Todavia também não é possível deixar de reconhecer que êsses sistemas abrem as portas a tôda a espécie de arbitrariedade, como o comprova o simples confronto das muitas opiniões sôbre as várias épocas e períodos a que vão aplicando as cenas e os símbolos do Apoc.

Nos últimos tempos Allo O. P. e outros autores estabelecem um sólido sistema de interpretação que, em vez de ver no Apoc o desenvolvimento do reino messiânico no tempo, o considera como uma exposição da sua essência e natureza. Segundo esta interpretação o Apoc é um Livro destinado a iniciar os cristãos nos mistérios de Cristo como êles se revelam na sua Igreja militante e gloriosa. As suas profecias ou revelações visam esclarecer os fiéis sôbre os arcanos desta instituição divino-humana. São João acentua a presença de Cristo contínua e sempre vitoriosa no meio das lutas de sua Igreja com as potências diabólicas e seus asseclas. Essa Igreja permanece no decorrer dos tempos sempre a mesma, i. e. sempre combatida e jamais vencida. Desta forma o vidente, embora não tenha a intenção de predizer e descrever acontecimentos concretos ou fases da

evolução do reino de Deus na terra, de fato anuncia tribulações, perseguições e guerras, porque elas fazem parte da Igreja militante, como também prediz a sua vitória final, porque Cristo não pode deixar de triunfar eternamente.

Na era cristã em que vivemos mal se pode falar em futuro período escatológico, pois que Cristo é a plenitude dos tempos. Os cristãos que chegaram a Cristo, nada mais têm a esperar. É certamente possível que, para a Igreja militante como tal, o final dos séculos envolva tribulações ainda maiores das que ela suporta contìnuamente, como o divino Mestre em Mt 24 parece pôr-lhe em perspectiva conforme a interpretação comum. Mas nada de particular e concreto sôbre essa época nos revela o Apoc. O próprio milenário (20) realiza-se plenamente de um modo espiritual, mas verdadeiro naqueles que têm vivido e continuam vivendo em Cristo.

Alguns aspectos particulares dêste sistema de explicação apresentaremos na seguinte.

6. ANÁLISE EXPLICATIVA.

Em sua perfeita unidade de fundo e de estrutura, o Apoc começa (1, 1-8) por um prólogo ou uma apresentação geral do autor e de sua obra. Designa-se êle como sendo o conhecido *João*, servo de Deus e testemunha de sua "palavra". Seu Livro dirigido às Igrejas da Ásia Menor, consiste na narração fiel das revelações proféticas que lhe foram transmitidas por um "anjo". O vidente, à semelhança de Isaias, Jeremias e Ezequiel, expõe a sua vocação para

profeta e como tal dirige-se aos fiéis dessas Igrejas, desejando-lhes "a graça e a paz" (saudação comum de S. Paulo) em nome da Santíssima Trindade i. e. "dAquele que é, que era e que vem" (*Javé* "o que é" ou o Eterno), do Espírito Santo (dos "sete espiritos") e de Jesus Cristo, o qual é chamado "Testemunha fiel, Primogênito dentre os mortos (Hebr 1, 3; At 13, 33) e Príncipe dos reis da terra" e ao qual, em longa doxologia, São João atribui "a glória e o poder".

I — *As sete epístolas*: 1, 8-3, 22.

Prossegue São João com uma nova apresentação de carater mais particular, dirigindo-se expressamente às sete Igrejas da Ásia Menor; Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia. Refere-lhes como êle, João "seu irmão e participante, como êles mesmos, "da aflição, da realeza e da paciência de Jesus Cristo", exilado na ilha de Patmos (hoje: Patinos), recebeu num domingo visões celestiais e a ordem de lhas transmitir por escrito (1, 10).

Sem outro preâmbulo passa a descrever a grande visão que teve de Jesus Cristo, o qual se lhe mostrou como Alguém semelhante a um filho de homem no meio dos candelabros de ouro; estava vestido com a longa túnica sacerdotal, a sua cabeça e cabelos eram inteiramente brancos como sinal de sua majestade; os olhos resplandeciam como chamas de fogo; os seus pés assemelhavam-se ao metal em brasa e a sua voz parecia o ruido de grande cascata. Na mão direita segurava sete estrelas e de sua bôca saía uma espada aguda. Todo êle resplandecia como o sol. É êste Jesus, assim transfigurado em sua glória, que se dirige às Igrejas.

Quanto às sete epístolas cumpre notar

1. que formam tôdas elas, em conjunto, um todo, nunca tendo existido em separado. Pode-se prová-lo pelo número sete i. e. totalidade, pelo esquema geral de tôdas elas, e pela identidade do autor i. e. de Jesus Cristo, do qual em cada epístola São João frisa uma das qualidades da visão acima descrita.

2. que o "anjo" dessas Igrejas significa a autoridade constituida para cada uma delas e que certamente se trata em primeira linha de agremiações de fiéis concretas e reais, muito conhecidas do vidente, o qual as louva ou censura em conformidade com as suas obras.

3. que, sendo Igrejas reais, são também simbólicas para tôda a Igreja universal, que se compõe de sete agremiações i. e. da totalidade delas, sendo umas mais perfeitas do que as outras: assim a Igreja de Esmirna é perfeita, a de Tiatira é formada de muitas virtudes, mas tem suas falhas e a de Sardes só merece censuras.

4. que tôdas elas estão nas mãos de Jesus Cristo que as conhece, as exorta, as censura em caso dado e lhes propõe a coroa da vitória se forem fiéis até o fim.

5. que a situação real que aqui é descrita sem símbolos e imagens, representa cenas que se vão repetindo em tôda a Igreja e que apresentam problemas e mistérios que, em seguida, pelas visões de todo o Livro vão sendo explicadas devidamente.

II — *O trono de Deus e o Livro com os sete selos*: 4, 1-8, 17.

Tôda a finalidade do Apoc consiste em revelar aos homens o reino e o poder de Deus, para que eles o adorem

e lhe permaneçam fiéis nas suas muitas provações. Daí logo de início São João vê e descreve o "trono" glorioso em que Deus, sob a aparência de uma Luz, se assenta à semelhança de um monarca oriental. Êsse "trono", semelhante ao que foi mostrado a Ezequiel (Ez 1, 1), é formado por quatro animais vivos, simbólicos e misteriosamente sintéticos (corpos de certos animais e cabeças de outros, alados e cheios de olhos). O simbolismo põe em relevo tanto qualidades de Deus mesmo: o seu poder (o touro), sempre vitorioso (o leão), sublimado acima das contingências humanas (a águia altaneira) e inteligente (o homem), como dos sêres fiéis a êle, que lhe formam a côrte, os verdadeiros cristãos que devem ser revestidos de idênticas qualidades. Em redor do trono estão os 24 anciãos, vestidos de branco e coroados (sacerdotes e reis), simbolizando os eleitos do Velho e do Novo Testamento (24 = 12 + 12; cf Is 24, 23).

Na mão de Deus aparece um Livro ou um rôlo fechado com sete selos, simbolizando o destino dos homens. Ninguém o podia abrir e ler. Nisto diante do trono é visto um Cordeiro com sete pontas e sete olhos (a plenitude do Espírito Santo). Está em pé e, ao mesmo tempo, imolado. Êle é proclamado "o Leão da tribo de Judá que venceu (pela sua Paixão) e, entre as aclamações da côrte celeste, recebe das mãos de Deus o Livro e o vai abrindo.

São João divide esta série de sete selos, como também as demais séries de sete, como as das trombetas, dos sinais e das conchas, em dois grupos de quatro e de três. Não se trata de fatos ou acontecimentos que se vão sucedendo temporàriamente uns aos outros, mas de fenômenos simultâneos ou de partes analíticas de um todo.

Os quatro cavaleiros (Cf. Zac 1, 7; 6 1-8) simbolizam fenômenos que se manifestam pelo mundo além na Igreja

militante. O cavalo indica alguém que percorre a terra e a sua côr, a finalidade da missão. Assim o primeiro significa certamente o próprio Cristo que vai pelo mundo "vencendo e para vencer". Os outros três, como São João declara expressamente, representam a guerra, a fome e a peste (a morte) como símbolos de tôda a espécie de calamidades que assolam o mundo. No caso, supõe-se que essas "calamidades" sejam principalmente contrárias aos cristãos e ao próprio Cristo, conquanto estejam inteiramente nas suas mãos.

O 5.º sêlo responde à questão da injustiça praticada na terra. A vingança divina é prometida para breve.

O 6.º sêlo concerne a execução dessa justiça, simbolizada pela convulsão dos elementos.

No cap. 7.º êstes cataclismos são descritos como provindos dos quatro cantos da terra (os quatro ventos) i. e. como gerais, mas não atingirão a todos os homens indistintamente. Um "anjo" assinala os "servos de Deus com o sinal do Deus vivo". Em Jesus Cristo nenhum mal pode tocar os seus adeptos. Eis o tema principal de todo o Apoc. As doze tribos de Israel, i. e. uma "inumerável multidão" (7, 9) indicam a grandeza do reino de Deus.

III — *As sete trombetas*: 8, 1-11, 13.

Como elo de unidade o 7.º sêlo inclui em si tôda a nova série de visões: as sete trombetas.

A trombeta era empregada antigamente para anunciar alguma coisa importante. O seu simbolismo, sendo elas tocadas por "anjos", deve consistir no anúncio de verdades que Deus quer lembrar aos homens. É de notar-

se que elas são tocadas em consequência das orações dos Santos na terra (8, 4).

As quatro primeiras trombetas formam um todo para si e têm por fim anunciar calamidades ou castigos, ocasionados pelo "fogo" ou ira divina, o qual cai do céu e fere a têrça parte dos homens i. e., muitos homens. Necessário se torna distinguir num mesmo fenômeno, dos que acontecem neste mundo, o seu lado afeito a anunciar e prevenir e as suas consequências quiçá funestas. Assim quanto aos flagelos indicados nas quatro primeiras trombetas, podem ser considerados como anúncios dos castigos de Deus para os que não são atingidos por êles, ao passo que para os flagelados já são êsses mesmos castigos simbolizados adiante pelas conchas.

As três últimas trombetas anunciam tribulações ainda maiores conforme o grito da águia voando pelo céu (8, 13). A 5.ª parece indicar os espíritos malignos que, em forma de rãs, invadem o mundo e guerreiam os fiéis a Cristo. Seu chefe é Abadon, o "Exterminador". A 6.ª trombeta alude aos sequazes dêsses espíritos satânicos i. e. os ímpios, os pagãos e os herejes.

Todos êsses flagelos que são realidades que por tôda a parte podem ser observadas e sentidas, são aqui considerados na sua finalidade de advertir os homens sôbre a existência de um Deus, que assim se manifesta em sua justiça para punir os maus. É o que os cap. 10 e 11 explicam e ampliam ainda mais nìtidamente. Primeiro aparece o "anjo forte" que domina os mares e os continentes e jura solenemente que daí em diante "não haverá mais tempo" i. e. urge que os homens se convertam quanto antes. Êle oferece a São João um livro, dizendo-lhe que deve comer e

transmitindo-lhe a ordem divina: "É necessário que ainda profetizes (i. e. evangelizes) a muitos povos". (10,11) Em seguida, São João recebe uma vara para medir o templo de Deus (Cf. Ez 40,3). Apenas pequeno espaço e poucos adoradores restarão fiéis ao Senhor. A grande maioria dos homens há de apostatar. Nesse meio têrmo aparecerão duas testemunhas a pregar: são as "duas oliveiras e os dois candelabros", representando os dois "ungidos" ou os dois poderes espiritual e temporal. Êsses serão perseguidos e sucumbirão, mas sempre de novo ressurgirão i.e. encontrarão sucessores que hão de continuar a pregar como êles mesmos.

IV — *Os sete sinais*:11, 12 - 14, 20,

Como o 7.º sêlo liga a série das sete trombetas ao precedente assim, ao toque da 7.ª trombeta, se abre a nova série dos sete sinais. Não pode haver dúvida que também neste trecho São João seguindo seu estilo, apresenta uma série de sete considerações; todavia não de um modo tão claro, como quanto aos selos, trombetas e conchas.

Antes de tudo, ao toque da 7.ª trombeta, "fortes vozes anunciam:" O império do mundo passou para Nosso Senhor e para o seu Cristo". Portanto chegamos ao fim de todos os acontecimentos. Mas ao vidente é mostrado ainda em sete sinais *como isso se fêz* i. e. como se travaram os combates e qual foi o seu desfecho.

Os quatro primeiros sinais formam, como alhures, um todo para si.

O primeiro sinal é a "mulher" que "revestida do sol aparece no céu" (12, 1). Trata-se do reino de Deus na

terra, sublimado e fulgente de glória por abranger em si o próprio Jesus Cristo. Dêsse reino Maria Santíssima é o membro proeminente.

Os outros três sinais: o dragão (o demônio) e as duas feras ou bêstas, simbolizam os poderes das trevas. Quanto às feras, a primeira que é em tudo semelhante ao dragão, consubstancia em si o mal, a impiedade, unida à crueldade; a segunda, chamada expressamente "pseudoprofeta", é semelhante ao cordeiro; daí deve significar o espírito de heresia e insubordinação à Igreja. Ambas trabalham juntas e à primeira vista parecem vencer na terra. Mas, não. O Cordeiro aparece vencedor na montanha de Sião, cercado de sua côrte triunfante. (14, 1).

Os três últimos sinais referem-se à gênese dessa vitória.

O 5.º sinal volta a frisar a evangelização do mundo. como nos caps 10.º e 11.º, e apresenta três breves considerações: a) uma exortação: "Temei o Senhor..."; b) um exemplo: a queda de Babilônia; c) uma ameaça: Ai dos que se aliam às feras!

O 6.º sinal indica a colheita final: dos bons para o céu e dos maus para o fogo do inferno.

V — *As sete conchas*: 15, 1-18, 24.

O 7.º sinal, como lemos em 15, 1 - 4, encerra em si as sete conchas simbólicas dos castigos divinos, que, depois dos muitos avisos e ameaças, contidas nas trombetas, fulminarão os ímpios.

As quatro primeiras conchas, formando para si um todo, correspondem às quatro primeiras trombetas e signi-

ficam castigos parciais. Deus em sua misericórdia quer dar ainda tempo para a conversão dos maus antes de exterminá-los para sempre.

As três últimas conchas indicam castigos mais severos e que, progressivamente, se vão tornando totais.

Em seguida, São João viu e descreve-nos a destruição da *grande Babilônia* (17 e 18). O v. 17, 1 indica a união dêste trecho com o precedente: "Um dos sete anjos que seguravam as sete conchas, falou-me nestes têrmos: Vem e eu te mostrarei o julgamento da grande prostituta...". Trata-se portanto dos mesmos castigos do cap. 16, apenas sob uma outra forma. Podemos ver neste trecho um exemplo de como os inimigos de Deus serão punidos.

Não pode haver dúvida de que por "Babilônia" se deva entender Roma ou o império romano em vista de todo o conjunto e principalmente de 17, 9 em que se alude às sete colinas de Roma.

O vidente a vê na forma de uma mulher luxuriosa assentada em cima da primeira fera e dominando o mundo inteiro. Ela forma com a fera como que um todo, tornando-se "a mãe dos impudicos e das abominações da terra". São João a vê "ébria do sangue dos santos e do sangue dos mártires de Jesus".

Em 17, 10 há uma alusão clara aos imperadores romanos, os quais eram de modo particular abomináveis aos olhos dos cristãos pelo culto divino que exigiam aos seus predecessores "divinizados" e muitas vezes a si mesmos ainda em vida, como Domiciano o fêz principalmente na Ásia Menor.

O vidente profetiza que "êsses reis farão guerra ao Cordeiro, mas o Cordeiro os vencerá" (17, 14) e indica (17,

15-18) que os mesmos muitos povos subjugados por Roma é que a hão de vencer e destruir, "porque Deus lhes pôs no coração (o propósito) de executar os seus planos".

O cap. 18 é dedicado todo êle a descrever a seu modo a queda de Roma. Uma voz do céu exorta os fiéis a sair do meio dessa cidade destinada à ruina. Em seguida, os reis da terra e os negociantes levantam uma grande lamentação, porque aquela que os inebriava já não existe. No céu, ao contrário, faz ouvir um grito de alegria. Por fim, um "anjo" aparece com uma grande pedra molar nas mãos e a atira ao mar, exclamando: Assim será precipitada Babilônia...

VI — *O triunfo de Cristo*: 19, 1 - 22, 5.

Esta última parte poderia ser considerada como um desdobramento da colheita dos bons para o céu anunciada em 14, 14-16, do mesmo modo que as sete conchas e a queda de Babilônia podem ser tidas como a realização da colheita dos maus para a punição.

Começa São João transmitindo-nos os cânticos de triunfo de grande multidão de sêres celestes. (19, 1-10).

Em seguida, aparece no céu Cristo glorioso numa forma combinada das duas visões do Cap. I e do primeiro Cavaleiro (6, 1).

Ainda uma vez alude-se à derrota das feras e de seus aliados. (19, 11-21). Quanto ao dragão, êle é o primeiro ligado e precipitado num abismo "durante mil anos" i. e. por longo espaço de tempo o seu poder é muito delimitado.

Fala-nos então São João do *milenário* i. e. um espaço de tempo durante o qual os fiéis de Cristo reinarão com êle. Trata-se de uma vida que o vidente designa como a "primeira ressurreição" e que é um penhor certo da vida eterna (20, 4-6). A interpretação dêste trecho tem sido muito controvertida no decorrer dos séculos. Não poucos milenaristas, principalmente no início do cristianismo, imaginaram uma época em que Cristo devia reaparecer na terra para reinar visìvelmente com os seus neste mundo. Em geral, vê-se o milenário plenamente realizado na vida cristã que frui da intimidade deliciosa de Cristo e que por sua fôrça consegue dominar as paixões e os assaltos do inimigo infernal. Não é impossível que São João tenha em vista particularmente a sorte dos justos no céu enquanto ainda aguardam a ressurreição dos corpos depois do juízo final. Esta última interpretação tem por si o 20, 4 em que se diz que do milenário feliz com Cristo fruirão "as almas dos que forem decapitados por causa do testemunho de Cristo e por causa da palavra de Deus".

Sem conexão com o trecho precedente do milenário, São João descreve o *último combate* entre os inimigos de Deus e Cristo, aludindo a Ezequiel (38 e 39): *Gog, rei do Magog* reunirá tôda a terra para êsse último combate, no qual o demônio será definitivamente vencido e atirado para sempre no inferno. Difìcilmente se poderá afirmar com certeza se São João tem em vista um novo combate temporàriamente diferente dos que se vão travando contìnuamente na terra ou se aqui apenas resume todos êsses combates sob a figura de uma peleja final. O que êle certamente visa é descrever-nos a desfeita do dragão.

Ainda uma vez São João volta a falar do *juízo universal*. Cristo aparece-lhe assentado num trono tão resplandecente

que diante dêle desaparecem inteiramente os céus e a terra. Todos os homens ressuscitam para serem julgados cada um conforme as suas obras.

Terminada esta parte que trata ainda de lutas vitoriosas, São João dedica as últimas páginas do seu Livro a descrever os *novos céus e a nova terra*, em que serão celebrados os eternos triunfos do Cordeiro e dos seus fiéis. (Cf. Is 65, 17-19; Rom 8, 19). Aparece-lhe a *nova Jerusalém*, a cidade santa, que desce do céu, vestida de glória como uma espôsa preparada para o espôso (21, 2). E' "o tabernáculo (a habitação) de Deus com os homens", onde nada mais haverá das tribulações dêste mundo.

Segue-se um convite:"... aquele que vencer, possuirá estas coisas"!

São João é transportado a uma alta montanha para daí contemplar a cidade que lhe é mostrada por um "anjo". Êle esforça-se por descrevê-la. Aos seus olhos ela brilhava com "glória de Deus mesmo". A cidade forma um imenso quadrado, medindo cada lado 12.000 estádios i. e. 2.400.000m (21, 16), sendo tôda ela de ouro e resplandecente como puro cristal (21,18). Tôda ela é cercada, como as antigas cidades orientais, de uma alta muralha de 144 côvados, tôda ela de jaspe e firma-se sôbre doze pedras fundamentais, ornadas de tôda a espécie de pedras preciosas que o vidente nomeia detalhadamente (21, 19. 20). Nesses fundamentos estão escritos os nomes dos doze apóstolos.

De cada lado da cidade estão três portas sempre abertas, mas guardadas por um "anjo"; em cada uma dessas portas lê-se o nome de uma tribo de Israel.

Na imensa cidade não se vê nenhum templo especial, porque tôda ela é um templo; nem necessita de sol para ilumi-

ná-la, porque quem a ilumina é Deus mesmo e o Cordeiro. Em conformidade com a visão de Ezequiel (47, 1-12), também São João vê uma fonte jorrar do trono de Deus e tornar-se um rio a cujas margens florescem e frutificam as árvores da vida.

Conclusão: 22, 6-21.

Um "anjo" atesta que "as palavras (ou as visões) dêste Livro são certas e verdadeiras". O momento de sua realização está tão perto que o vidente não as deve "selar" i. e. guardar fechadas para o futuro.

O "anjo" continua falando diretamente na pessoa de Cristo (22, 12) e indica assim que era o próprio Jesus que, na forma de um anjo, falava com São João. Como sintetizando todo o Livro, êle declara: "Eis que eu virei em breve e a minha retribuição está comigo para dar a cada um segundo as suas obras. Eu sou o alfa e o ômega, o primeiro e o último, o comêço e o fim" (22, 12. 13).

O Apoc termina pela resposta que o Espírito Santo sugere à Igreja: "Vinde'" (22, 17) ou, "Vinde, Senhor Jesus" (22, 20).

7. BREVE SÍNTESE DO CONTEÚDO DO APOCALIPSE

Para sintetizarmos as idéias mestras evoluidas no Apoc por meio de símbolos e quadros enigmáticos, precisamos antes de tudo colocar-nos no ponto de vista do autor no momento em que êle teve e descreveu as suas visões em Patmos.

Em seu espírito cristão êle supunha como base dos seus conhecimentos e do dos seus imediatos leitores: a) tôda a re-

velação do Velho Testamento; b) a realização das profecias do V. Test. em Cristo Jesus, Redentor que já viera ao mundo e morrera na cruz para sua redenção; c) a realidade do cristianismo nascente, mas já espalhado pelo mundo então conhecido. Nesse "mundo" dominava o pecado e os cristãos no meio dêle eram continuamente combatidos e muitas vêzes tinham que morrer para confessar a sua fé. Nessas circunstâncias entretanto não estavam sozinhos nem abandonados: Jesus estava com êles, animando-os ao combate e prometendo-lhes eterna recompensa pela sua resistência ao mal.

Em seu espírito profético, São João sente-se chamado a confortar êsses mesmos cristãos por meio da descrição das visões que teve. Para isso

1) êle acentua ao máximo a grandeza divina. Deus, a Santissima Trindade (1, 4. 5), assentado no seu trono vivo e gloriosíssimo (4, 1) reina pelos séculos dos séculos, eminentemente superior e inatingível aos seus adversários.

2) Êsses adversários de Deus são: a) o dragão infernal, o demônio, a antiga serpente (12, 3...); b) os seus aliados recrutados dentre os homens e simbolizados pelas duas feras.

3) A humanidade, pelo mundo além, via-se perdida sem poder ter parte com Deus em vista dos seus pecados (suposta a queda dos descendentes de Adão). Ninguém podia abrir o livro do seu destino e resolver os seus problemas.

4) Mas a Misericórdia divina envia aos homens pecadores o *Cordeiro-Vitima* que lhes abriu êsse livro. Pela metáfora do "Cordeiro" São João expõe tanto o sacrifício cruento de Cristo, como os seus triunfos em Sião e na Jerusalém celeste. A metáfora já inclui em si tôda a missão de Cristo

entre os homens, mas São João nô-lo apresenta ainda em suas grandezas como Rei dos reis e Dominador dos dominadores e como Deus mesmo. Relativamente à Igreja por êle fundada, São João sublinha a sua presença em tôda a parte (as sete epístolas etc.), o seu encargo de juiz supremo (20, 11), o seu cuidado pelos seus fiéis que sempre de novo exorta e que premiará eternamente. Todos os encargos e prerrogativas de Cristo aparecem sintetizadas na sua dupla imagem: a de 1, 9-12 e a de 19, 11-16.

5) A íntima relação de Cristo para com a sua Igreja é exposta pela abertura dos sete selos (6, 1...). Os Cavaleiros que percorrem a terra indicam que essa *Igreja,* em sua natureza, deve ser *militante* enquanto estiver na terra. Todavia, deve acalmar-se, mesmo no meio de todos os seus martírios; em breve triunfará, depois que se completar o número dos que devem ser salvos (6, 11).

6) Enquanto isso, os fiéis que se vêem envolvidos nas lutas terrenas, devem ouvir os sons das "trombetas": Deus mesmo por intermédio das criaturas (11, 4) exorta-os à fidelidade e ameaça de tremendos castigos os infiéis. Todos devem atender aos grandes "sinais" (12-14): o demônio e as suas feras parecem vencer na terra, mas não vencerão jamais. A Igreja do Cordeiro aparece no alto, brilhante de glória e sobranceira às tramas infernais (12, 1-3) e os seus membros gozam felizes na montanha de Sião (14, 1).

7) O poder dos maus é efêmero e êles serão punidos severamente. Nesta convicção consiste a "paciência dos santos" (14, 12). São João detem-se a expor êstes castigos pelas conchas derramadas sôbre os ímpios e pela destruição final pelo fogo eterno e exemplifica êstes mesmos castigos na destruição de Babilônia-Roma. (17 e 18).

8) As aflições dos justos terão fim e resta-lhes a vida com Cristo que ainda neste mundo lhes reserva inúmeras delícias pela sua paz e em seguida a vida na Jerusalém celeste para sempre.

8. PROBLEMAS PARTICULARES

Entre os muitos problemas que a leitura do Apoc suscita, apresentamos algumas reflexões sôbre os seguintes:

1) *A simbólica dos números*

Os apocalípticos tinham os números em grande conta e nêles viam ótimo meio para tratar enigmàticamente de verdades tanto transcendentais, como comuns. Para êles a aritmologia assumira foros de ciencia muito cultivada e evoluida.

E com efeito, excetuando-se os exageros da geometria cabalística, a simbólica dos números é muito expressiva e útil tanto para forçar a reflexão, como para auxiliar a memória.

Apontamos apenas o significado de alguns números e suas combinações conforme aparecem no Apoc.

O número 3, principalmente para os cristãos sob a influência da Santíssima Trindade, indicava a santidade. Todavia não se pode afirmar que sempre que o número 3 ocorre tenha essa significação, p. ex. 16, 13 as três rãs ou espíritos impuros.

O número 4 era tido como expressão da totalidade em vista dos quatro ângulos da terra, considerada como era como imenso quadrilátero.

O número 7 merece especial menção por formar êle como que a estrutura de todo o Apoc. A sua origem deve provir

das quatro fases da lua que constituem os 7 dias da semana. Daí a significação que lhe foram dando de perfeição ou de alguma coisa completa e santa, pois que Deus abençoou o sétimo dia (Gen 2, 3). Acresce que o 7 se compõe de 4 + 3, i. é., do número santo e do número da totalidade.

O número 6 era considerado como 7 — 1, i. é., algo de imperfeito, ou incompleto e deficiente.

Ao contrário, o número 8 (7 X 1) incluia em si algo de demasiado ou supérfluo. Todavia não sempre, porque podia ser considerado como 2 X 4 e assim significava também a mais completa totalidade.

O número 10, devido ao sistema decimal adotado pelos judeus, tinha a significação de algo relativamente grande. Mais ainda os seus múltiplos e principalmente o número 1000 que era tido como algo de inumerável ou infinito.

O número 12, considerado como 3 X 4, igualava a 7 em perfeição e santidade. Baseava-se também no número das tribos de Israel e dos Apóstolos. De sua significação participavam também os números relacionados com 12. Assim 24, como duas vêzes doze, era o número dos anciãos simbólicos que estavam diante do trono de Deus representando provàvelmente o Antigo e o Novo Testamento. De 12 vêzes 12 obtinham o número 144 que unido a 1000 formava uma inumerável quantidade.

Por fim ainda o número 3 e meio, como a metade de 7, tinha a significação de deficiência ou de algo inacabado.

Muito comum era indicar uma pessoa pelo seu número. Isso faziam simplesmente procurando o número contido nas letras do seu nome ou de algum título ou característica sua,

como também combinando o nome com o título. Compreende-se que chegaram fàcilmente a isso uma vez que as letras tinham valor numérico. Assim o número de *Dawid* em hebraico seria 14, porque o *d* equivalia a 4 e o *w* a 6, (4 + 6 + 4).

São João indica 666 como o número da fera e deixa a sua decifração "àqueles que tiverem inteligência". (13. 18). Para chegarmos a um resultado que inspira confiança, cumpre notar que êle deve ter tido em vista o alfabeto hebraico, uma vez que êle era judeu e que muitas vêzes empregavam o hebraico para êsses enigmas numéricos, ou também do alfabeto grego, porque êle escreveu o Apoc em grego. É claro que muitos nomes podem ter êsse número. Devemos determiná-lo pelas circunstâncias então vigentes. Das várias interpretações que têm sido propostas, a que mais tem probabilidade de ser a verdadeira é a de *Neron Cesar* escrito com letras hebraicas. São João teria assim a intenção de aludir a êsse imperador romano, que era tido então como o tipo da crueldade e do maior perseguidor dos cristãos, portanto como uma encarnação do Anticristo. Não como se o vidente quisesse afirmar que só Nero era o Anticristo, mas apenas que nêle se incorporava êsse espírito satânico.

2) *Animais sintéticos*

Não podem deixar de causar estranheza aos leitores do Apoc em nossos dias as figuras de animais que São João viu nas suas visões tendo formas fantásticas: corpos de certos animais e cabeças de outros, leões e touros alados e cheios de olhos, feras com sete cabeças e dez pontas...

Questiona-se como é que êle chegou a essas representações e como é que as devemos interpretar.

Para compreendê-lo, devemos antes de tudo recorrer aos profetas Ezequiel e Daniel, que lhe serviram de modêlo tanto neste particular como em muitos outros pontos. Êsses profetas viviam no exílio de Babilônia e aí familiarizaram-se com essas figuras sintéticas e simbólicas que se podiam ver por tôda a parte. Semelhantes Querubins foram descobertos em notável quantidade nos antigos templos e palácios reais, nas escavações levadas a efeito em muitas localidades orientais. Eram muito afeitos ao sabor dos orientais cujo espírito intuitivo fàcilmente sabia interpretar êsses símbolos e se comprazia nessas formas bizarras que tinham em conta de genuinamente artísticas.

Hoje para deslindar o sentido oculto nesses símbolos, por vêzes complicados, necessário se nos torna transportar-nos ao Oriente e considerá-los à luz da mentalidade com que foram empregados.

Assim um leão alado significava vitória fácil, rápida e sublime; um touro cheio de olhos equivalia à fôrça da inteligência; o Cordeiro divino com sete pontas e sete olhos simbolizava a Vítima na qual estava o divino Espírito em sua plenitude de fôrça e de inteligencia ou espiritualidade; as feras com garras e dentes agudos denotavam sêres (ou instituições) vis e cruéis.

3) *Os "anjos" no Apocalipse*

Desde os primeiros versículos do Apoc os "anjos" vão aparecendo sempre de novo a São João e são por êle descritos ou mencionados. Já tôdas as revelações são transmitidas por um "anjo". E em várias visões o vidente acentua a importância desses sêres espirituais tanto para a sua interpretação, como particularmente pela sua atividade em prol dos

eleitos de Jesus Cristo. Seria necessário citar quase todo o Apoc se os fôssemos focalizando um por um.

Neste particular São João acomodou-se inteiramente à angelologia como já existia no Velho Testamento e foi adotada e explicada ainda mais pelo divino Mestre.

Êle os toma como sêres reais e espirituais, criados por Deus para a sua glória (cap. 4) e diferentes dêle. Não são semideuses, mas são criaturas cujo poder que lhes foi conferido por Deus, supera em muito o poder dos homens. Em sua glória e realidade um dêsses anjos aparece ao vidente em 19, 10 e 11.

Questiona-se se nas visões de São João são sempre espíritos celestes que aparecem e se êle por "anjo" sempre os quer significar.

A palavra "anjo", do grego *ángelos*, em si significa apenas embaixador. Os tradutores da LXX empregaram êste termo para verter o *maleac* hebraico sempre no sentido de alguém que age em nome de Deus.

No Apoc é certo que esta palavra é usada com frequência num sentido figurado. Assim quando São João nos três primeiros capítulos fala dos "anjos" das sete Igrejas, certamente não pensa em espíritos celestiais, mas na autoridade dessas Igrejas. Outras vêzes não poucas na figura de um "anjo" parece ocultar-se o próprio Cristo como em 7, 2 e em 10, 1. Em casos como 7, 1 em que os "anjos" aparecem retendo elementos naturais como os ventos, o seu sentido mais óbvio é uma simples fôrça divina que regula tôdas as causas secundárias dos fenômenos cósmicos. Assim também quando tocam as trombetas e derramam as conchas da ira divina. De modo análogo como São João recebeu de Deus revelações por

meio dos animais simbólicos, também por meio dos "anjos" compreendeu e exprimiu a atividade providencial de Deus tanto para castigar os maus, como para salvar e guiar os fiéis nas lutas terrenas. Em cada uma das visões devemos procurar distinguir, se se trata da realidade de um ser angélico ou de um mero símbolo.

BIBLIOGRAFIA

Dentre a vastíssima literatura sôbre o Apoc que tem aparecido nos últimos tempos, citamos as seguintes obras:

S. Tiefental O. S. B., Apokalypsis, 1892.

A. Piffard S. J., L'Apocalypse, 1904.

I. Rohr, Apokalypsis, 1915.

E. B. Allo O. P., L'Apocalypse, 1933.

H. M. Feret O. P., L'Apocalypse, Vision chrétienne de l'Histoire, 1946.

J. Sickenberger, Die Geheimoffenbarung, 1940.

A. Wikenhauser, Offenbarung des Johannes, 1949.

P. Boismard O. P. L'Apocalypse, 1950.

R. H. Charles (prot.), The Revelation of St. John, t. 2, 1920.

DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

DECRETOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

CARTA DO SECRETÁRIO DA COMISSÃO BÍBLICA AO EMINENTÍSSIMO CARDEAL SUHARD, ARCEBISPO DE PARIS, A RESPEITO DA ÉPOCA DAS FONTES DO PENTATEUCO E DO GÊNERO LITERÁRIO DOS ONZE PRIMEIROS CAPÍTULOS DO GÊNESIS (16-1-1948).

DECRETOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

I. Sôbre as citações implícitas contidas nas Sagradas Escrituras (13-II-1905)

Com o fim de ter uma regra para os que se entregam ao estudo da Sagrada Escritura, foi proposta à Comissão Bíblica a seguinte questão:

É lícito ao Exegeta católico, para resolver as dificuldades que se encontram em alguns textos, os quais parecem relatar fatos históricos, dizer que se trata de citação tácita ou implícita de um documento redigido por algum autor não inspirado, e que o autor inspirado não entende absolutamente aprovar ou fazer suas tôdas as asserções, as quais por conseguinte não podem ser tidas como imunes de êrro?

A supra mencionada Comissão julgou que devia responder:

Não, exceto o caso em que, salvo juízo e o sentir da Igreja, fôr provado com sólidos argumentos: 1.º que o hagiógrafo cita realmente os ditos ou documentos de outrem: 2.º que não os aprova nem os faz seus, de tal sorte que a justo título é julgado não falar em seu próprio nome.

II. Sôbre as narrações que seriam só aparentemente históricas, existentes nos Livros Históricos (23-VI-1905)

À questão seguinte, que lhe foi proposta, a Comissão julgou dever responder como segue:

Questão. Pode-se admitir como princípio de sã exegese a opinião de que os livros da Sagrada Escritura, tidos como históricos, não relatam sempre, quer no seu conjunto, quer em certas partes, história pròpriamente dita e objetivamente verdadeira, mas se revestem tão só de aparência histórica, a fim de dar a entender cousa diversa daquilo que decorre do sentido literal e histórico dos têrmos?

Resposta. Não, salvo no entretanto o caso, que não poderá ser admitido fácil ou temeràriamente, em que, sem ir contra o sentimento da Igreja e sob a reserva do seu julgamento, estiver provado com sólidos argumentos que o hagiógrafo não quis transmitir história verdadeira e pròpriamente dita, e sim propor sob a aparência e a forma de história uma parábola, uma alegoria, ou qualquer sentido estranho à significação pròpriamente literal ou histórica dos têrmos.

III. Sôbre a Autenticidade Mosaica do Pentateuco

(27-VI-1906)

Às questões seguintes, que lhe foram propostas, a Comissão decidiu responder como segue:

1. Porventura os argumentos acumulados pelos críticos para atacar a autenticidade mosaica dos Livros Santos designados sob o nome de Pentateuco têm pêso tal que, mal-

grado o testemunho coletivo de numerosas passagens dos dois Testamentos, a crença constante do povo judaico, a tradição ininterrupta da Igreja e as provas internas tiradas do próprio texto, dêem o direito de afirmar que tais livros não têm a Moisés por autor, mas foram compostos conforme fontes na sua maior parte posteriores à época de Moisés? — *Não.*

2. Porventura necessàriamente exige a autenticidade mosaica do Pentateuco que tôda a obra tenha sido redigida de tal sorte, que seja necessário reter como certo ter Moisés escrito de sua própria mão ou ditado a secretários a obra na sua totalidade? Pode-se admitir também a hipótese dos que pensam que Moisés, uma vez concebida por êle mesmo a obra sob o impulso da divina inspiração, confiou a redação dela a um ou mais secretários, de sorte que êstes referiram fielmente seu pensamento, nada escreveram contra a sua vontade e não fizeram omissão alguma; e que, afinal, a obra, assim composta e aprovada pelo próprio Moisés, autor principal e inspirado, foi publicada sob o nome dêle? — *Não,* quanto ao primeiro ponto; *sim,* quanto ao segundo.

3. Pode-se admitir, sem detrimento para a autenticidade mosaica do Pentateuco, que Moisés, para compor a sua obra, se serviu de fontes, a saber, de documentos escritos ou de tradições orais, de que tomou empréstimos, segundo o fim particular que se propunha e sob a moção da divina inspiração, e que incorporou êsses empréstimos à sua obra, ora debaixo de forma literal, ora quanto ao sentido, aqui resumindo-os e ali desenvolvendo-os? — *Sim.*

4. Pode-se admitir salvaguardada a autenticidade mosaica e a integridade substancial do Pentateuco, que esta obra, ao correr de tantos séculos, sofreu algumas modificações, por exemplo: adições feitas por autor inspirado após

a morte de Moisés, glosas e explicações inseridas no texto, mudanças para linguagem mais moderna de palavras e fraseios antiquados, finalmente lições defeituosas imputáveis a faltas de copistas, cousas tôdas que é legítimo pesquisar e julgar de acôrdo com as regras da crítica? — *Sim*, salvo o julgamento da Igreja.

IV. A Respeito do Quarto Evangelho: AUTOR E VERDADE HISTÓRICA (29-V-1907)

Às questões seguintes, que lhe foram propostas, a Comissão Bíblica respondeu da maneira seguinte:

1. Está demonstrado, feita a abstração do argumento teológico, que o apóstolo João, e não outrem, deve ser reconhecido como o autor do quarto evangelho, e isto por argumento histórico tão sólido que as razões avançadas em sentido contrário pelos críticos em nada enfraquecem tal tradição constante, universal e regular da Igreja, a qual remonta ao século segundo e transparece sobretudo: a) dos testemunhos e das alusões que se encontram nos Santos Padres, escritores eclesiásticos e até herejes, testemunhos e alusões que, provindo forçosamente dos discípulos dos apóstolos ou dos seus primeiros sucessores, prendem-se por necessária ligação à origem mesma do livro; — b) do fato de o nome do autor do quarto evangelho ter figurado sempre e por tôda a parte no cânon e nos catálogos dos Livros Santos; — c) dos mais antigos manuscritos dêsses mesmos Livros Santos e de suas traduções em diversas línguas; — d) do uso litúrgico público espalhado pelo universo inteiro desde os começos da Igreja? — *Sim*.

2. Também os argumentos internos, tirados do texto do quarto evangelho examinado separadamente, do testemunho do escritor e do parentesco evidente do evangelho com a primeira epístola do apóstolo João, devem ser tidos como confirmadores da tradição que atribui, sem dúvida possível, o quarto evangelho a êsse mesmo apóstolo? — Mais, as dificuldades que brotam da comparação dêsse evangelho com os outros três podem ser resolvidas de maneira racional, tendo-se em conta a diversidade de época, de escopo e de público para o qual ou contra o qual escreveu o autor, assim como os Santos Padres e os exegetas católicos fizeram diversas vêzes? — *Sim*, quanto aos dois pontos.

3. Pode-se porventura dizer que, apesar da prática, que estêve constantemente e desde os primeiros tempos em vigor na Igreja universal, de se tirar argumento do quarto evangelho como de documento pròpriamente histórico, tendo-se contudo em vista o caráter particular dêste evangelho, e a intenção evidente que tem o autor de pôr em evidência e defender a divindade de Cristo pelos mesmos atos e discursos do Senhor, os fatos narrados no quarto evangelho foram, em tudo ou em parte, inventados, a ponto de serem tão só alegorias ou símbolos doutrinais, e que os discursos não são verdadeira e pròpriamente discursos do Senhor, mas bem composições teológicas do escritor, embora colocados nos lábios do Senhor? — *Não*.

V. Sôbre o Livro de Isaías (28-VI-1908)

Às questões seguintes, que lhe foram propostas, a Comissão Bíblica respondeu do modo abaixo:

1. Pode-se ensinar que as profecias, que se lêem no livro de Isaías, — e assim nas Escrituras, — não são

profecias no sentido próprio, mas, quer relatos inventados depois do fato, quer, no caso em que se deva reconhecer que alguma coisa foi anunciada antes da realização, coisas que o profeta não conheceu por revelação sobrenatural de Deus, e sim anunciou por conjetura baseada em acontecimentos já realizados, graças a uma sagacidade feliz ou a uma inteligência naturalmente penetrante? — *Não.*

2. Porventura a opinião de que Isaías e os outros profetas só pronunciaram oráculos proféticos a respeito do que devia acontecer em tempo próximo, ou depois de curto lapso de tempo, pode concordar com as profecias, notadamente as messiânicas e escatológicas, feitas certamente pelos mesmos profetas desde tempos remotos, bem como a sentença comum dos Santos Padres, unânimes ao afirmarem que os profetas predisseram igualmente coisas que se deviam realizar após grande número de séculos? — *Não.*

3. Pode-se acaso admitir que os profetas, considerados não só como reformadores da malícia humana e como arautos da palavra de Deus para proveito de seus ouvintes, mas outrossim como anunciadores de antemão de acontecimentos futuros, houveram de dirigir-se constantemente não a ouvintes porvindouros, mas presentes e contemporâneos, a fim de serem perfeitamente compreendidos? E pode-se conseguintemente admitir que a segunda parte do livro de Isaías (40-66), na qual o profeta dirige e reporta, como se vivera no meio dêles, consolações não aos Judeus contemporâneos de Isaías, mas aos Judeus chorando no exílio de Babilônia, não pode ter como autor ao mesmo Isaías, morto muito antes do cativeiro, e deva ser atribuído a algum profeta desconhecido que viveu no meio dos exilados? — *Não.*

4. Cumpre acaso dar tal valor ao argumento filológico, tirado da língua e do estilo e avançado para combater

a unidade de composição do Livro de Isaías, que êle obrigue um homem ponderado, versado na crítica e conhecedor da língua hebraica, a tomar êsse mesmo livro como composto por vários autores? — *Não.*

5. Existem acaso argumentos sólidos que, até tomados em conjunto, sejam de natureza tal que demonstrem dever o livro de Isaías ser atribuído não só a Isaías, e sim a dois ou a vários autores? — *Não.*

VI: Sôbre o caráter histórico dos três primeiros capítulos do Gênesis (30-VI-1909)

1. Os diversos sistemas exegéticos, imaginados e sustentados sob côres científicas, para excluir o sentido literal dos três primeiros capítulos do livro Gênesis, são sòlidamente fundados? — *Não.*

2. Porventura, não obstante o caráter e a forma histórica do livro do Gênesis, a conexão particular dêsses três primeiros capítulos entre si e com os capítulos seguintes, os testemunhos múltiplos das Escrituras quer no Antigo quer no Novo Testamento, o pensamento unânime dos Santos Padres e o sentimento tradicional que a Igreja recebeu do povo de Israel, e sempre conservou, pode-se ensinar que os três capítulos supra citados do Gênesis contêem não relatos de acontecimentos deveras realizados, isto é, correspondentes à realidade objetiva e à verdade histórica, mas fábulas emprestadas das mitologias e cosmogonias dos povos antigos e adaptadas pelo autor sagrado à doutrina monoteística após a eliminação de todo êrro politeístico; ou alegorias e símbolos, sem fundamento algum na realidade objetiva, propostas sob forma de história para inculcar verdades religiosas e filosóficas; ou finalmente lendas em parte his-

tóricas e em parte fictícias, compostas livremente para instruir e edificar os espíritos? — *Não*, quanto aos dois pontos.

3. Pode-se em particular, pôr em dúvida o sentido literal e histórico, quando se trata de fatos narrados nesses mesmos capítulos, que interessam aos fundamentos da religião cristã, como são, entre outros, a criação de tôdas as coisas feitas por Deus no comêço dos tempos, a criação especial do homem, a formação da primeira mulher tirada do primeiro homem, a unidade do gênero humano, a felicidade original de nossos primeiros pais no estado de justiça, de integridade e de imortalidade, o preceito imposto por Deus ao homem a fim de provar a sua obediência, a transgressão do preceito divino pela instigação do diabo escondido debaixo da aparência de uma serpente, a decadência de nossos primeiros pais dêsse estado primitivo de inocência e a promessa de um futuro Redentor? — *Não*.

4. Na interpretação das passagens de tais capítulos que os Padres e Doutores compreenderam diversamente, sem todavia nada ensinar de certo e de definitivo, é permitido, reservado o julgamento da Igreja e respeitada a analogia da fé, adotar e sustentar uma opinião formada após maduro exame? — *Sim*.

5. Cumpre acaso, sempre e necessàriamente, tomar em sentido próprio tôdas as palavras e tôdas as frases que se encontram nos supra mencionados capítulos, de tal maneira que não seja permitido jamais afastar-se dêle, ainda quando é manifesto que as locuções são empregadas em sentido impróprio, metamórfico ou antropomórfico, e a razão proíbe ater-se ao sentido próprio, ou a necessidade obriga a abandoná-lo? — *Não*.

6. Pode-se sábia e ùtilmente usar, uma vez pressuposto o sentido literal e histórico, de interpretação alegórica e profética, seguindo o exemplo luminoso dos Santos Padres e da mesma Igreja, em certas passagens de tais capítulos? — *Sim.*

7. Como o autor sagrado, ao escrever o primeiro capítulo do Gênesis, não teve o escopo de dar ensino científico sôbre a constituição íntima das coisas visíveis e a ordem completa da criação, mas antes fornecer ao seu povo um relato popular conforme à linguagem corrente dos seus contemporâneos e adaptado aos seus sentimentos bem como à sua inteligência, cumpre acaso procurar na interpretação sempre e regularmente, a propriedade da linguagem científica? — *Não.*

8. Na denominação e na distinção dos seis dias de que fala o Gênesis no capítulo primeiro, a palavra *yôm* (dia) pode ser entendida seja no sentido próprio de dia natural, seja no sentido impróprio de certo espaço de tempo, e os exegetas podem discutir livremente tal questão? — *Sim.*

VII. Sôbre os Salmos: AUTORES E ÉPOCA DE COMPOSIÇÃO (1-V-1910)

1. As apelações *Salmos de Davi, Hinos de Davi, Livro dos Salmos de Davi, Saltério de Davi,* empregadas nas antigas coletâneas e pelos mesmos Concílios para designar o livro do Antigo Testamento composto de 150 salmos, assim como a opinião de numerosos Padres e Doutores que creram deverem todos os salmos do Saltério sem exceção ser atribuídos ùnicamente a Davi, têm porventura valor tal, que Davi deva ser tido como o único autor de todo o Saltério? — *Não.*

2. Pode-se a justo título concluir do acôrdo do texto hebraico com o texto grego dos Setenta, e com outras versões antigas, que os títulos dos salmos, colocados no cabeçalho do texto hebraico, são mais antigos que a versão dos Setenta, e conseguintemente provêm, se não em linha reta dos próprios autores dos salmos, pelo menos da tradição judaica antiga?

— *Sim.*

3. Porventura os citados títulos, testemunhas da tradição judaica, podem ser prudentemente postos em dúvida, quando razão grave alguma se opõe à sua autenticidade? — *Não.*

4. Tidos na devida conta os múltiplos testemunhos da Sagrada Escritura a respeito do talento natural de Davi, iluminado pela graça do Espírito Santo na composição de poemas religiosos, as instituições por êle fundadas em favor do canto litúrgico dos salmos, a atribuição que lhe é feita de salmos quer no Antigo, quer no Novo Testamento, quer nas inscrições colocadas desde muito tempo à testa dos salmos, e ademais o sentimento concorde dos Judeus, dos Padres e dos Doutores da Igreja, pode-se prudentemente negar que Davi seja o autor principal dos poemas do Saltério? Ou se pode, antes, afirmar que alguns tão sòmente dêsses poemas devem ser atribuídos ao salmista real? — *Não,* quanto aos dois pontos.

5. Pode-se em particular rejeitar a origem davídica dos salmos que, no Antigo e Novo Testamentos, são citados expressamente sob o nome de Davi, entre os quais cumpre salientar o Sl 2, *Quare fremuerunt gentes;* o Sl 15, *Conserva me, Domine;* o Sl 17, *Diligam te, Domine, fortitudo mea;* o Sl 31, *Beati quorum remissae sunt iniquitates;* o Sl 69, *Sal-*

vum me fac, Deus; o Sl 109, *Dixit Dominus Domino meo?* — *Não.*

6. Pode-se porventura admitir a opinião dos que admitem que, entre os salmos do Saltério, alguns, seja de Davi, seja de outros autores, foram divididos em vários ou reunidos num só, por razões litúrgicas e musicais, pela negligência do copista ou por outras causas desconhecidas? Ou ainda, que outros salmos, por exemplo o *Miserere mei, Deus,* em vista de melhor adaptação às circunstâncias históricas ou às festas do povo judaico, foram ligeiramente retocados ou modificados pela subtração ou adição de um ou outro versículo, salva, todavia, a inspiração de todo o texto sagrado? — *Sim,* a respeito dos dois pontos.

7. Pode-se sustentar como provável a opinião daqueles escritores modernos que, apoiando-se em índices puramente internos ou numa interpretação inexata do texto sagrado, aplicaram-se a demonstrar que numerosos salmos foram compostos depois da época de Esdras e de Neemias, e até no tempo dos Macabeus? — *Não.*

8. Deve-se, seguindo os múltiplos testemunhos dos livros sagrados do Novo Testamento e o acôrdo unânime dos Padres, e como concordam até os escritores de nacionalidade judaica, reconhecer que há salmos proféticos e messiânicos, os quais predizem o advento, o reino, o sacerdócio, a paixão, a morte e a ressurreição do Libertador futuro? E, conseguintemente, deve-se absolutamente rejeitar a opinião dos que, desnaturando o caráter profético e messiânico dos salmos, restringem tais oráculos relativos a Cristo a predições concernentes tão só ao futuro do povo eleito? — *Sim,* a respeito dos dois pontos.

VIII. A Respeito do Evangelho de São Mateus: AUTOR, ÉPOCA DA COMPOSIÇÃO E VERDADE HISTÓRICA (19-VI-1911)

Às questões seguintes, que lhe foram propostas, a Comissão Bíblica decidiu responder assim:

1. Dado o sentir universal e constante da Igreja desde os primeiros séculos, abundantemente manifestado pelos testemunhos formais dos Padres, pelos títulos dos manuscritos dos evangelhos, pelas mesmas versões mais antigas dos Livros Santos, pelos catálogos que nos transmitiram os Santos Padres, os escritores eclesiásticos, os Soberanos Pontífices e os Concílios, enfim pelo uso litúrgico da Igreja oriental e ocidental, pode-se e deve-se afirmar com certeza que Mateus, apóstolo de Cristo, é verdadeiramente o autor do evangelho publicado sob o seu nome? — *Sim.*

2. Deve-se ter por suficientemente fundada na tradição a opinião de que Mateus escreveu antes dos demais evangelistas, e compôs o primeiro evangelho na língua nacional então empregada pelos Judeus da Palestina, aos quais a obra foi destinada? — *Sim,* quanto aos dois pontos.

3. Pode-se retardar a redação dêsse texto primitivo para depois da época da destruição de Jerusalém, de sorte que as profecias que ali se lêem, a respeito desta destruição, teriam sido escritas depois do acontecimento? Ou ainda o testemunho habitualmente invocado de Ireneu (*Adv. Haer.*, III, 1,2), cujo sentido é dúbio e controvertido, deve ser olhado como tendo pêso tal, que obrigue a rejeitar a opinião dos que julgam mais conforme à tradição colocar essa reda-

ção até antes da vinda de Paulo a Roma? — *Não,* quanto aos dois pontos.

4. Pode-se sustentar, ainda como simplesmente provável, a opinião de certos modernos, segundo os quais Mateus teria composto falando própria e absolutamente, não o evangelho tal qual chegou até nós, mas sòmente uma espécie de coletânea de palavras ou de discursos de Cristo, utilizada como fonte por outro autor anônimo, do qual êles fazem o redator do mesmo evangelho? — *Não.*

5. Do fato de os Padres e todos os escritores eclesiásticos, mais, a própria Igreja desde os seus começos, terem ùnicamente empregado como texto canônico o texto grego do evangelho conhecido sob o nome de Mateus, sem se excetuarem sequer os que transmitiram expressamente que o apóstolo Mateus havia escrito na sua língua nacional, pode-se tirar prova certa de que o evangelho grego é substancialmente idêntico ao evangelho, que o mesmo apóstolo tinha composto na sua língua nacional? — *Sim.*

6. Do fato de o autor do primeiro evangelho ter-se proposto um escopo principalmente dogmático e apologético, a saber, o de demonstrar aos Judeus que Jesus é o Messias predito pelos profetas e saído da estirpe de Davi, e do fato ademais de não ter seguido sempre a ordem cronológica na disposição dos fatos e palavras que narra e relata, tem-se acaso o direito de concluir que tais fatos e palavras não se devem ter como reais? Ou ainda, pode-se afirmar que as narrações de atos e discursos de Cristo, que se lêem neste evangelho, foram modificadas e adaptadas sob a influência das profecias do Antigo Testamento e, por conseqüência, não são conformes à verdade histórica? — *Não,* quanto aos dois pontos.

7. Particularmente, devem-se com razão ter como desprovidas de sólida base as opiniões dos que põem em dúvida a autenticidade dos dois primeiros capítulos, onde se narra a genealogia e a infância de Cristo, e igualmente certas sentenças de considerável importância dogmática, como as que respeitam ao primado de Pedro (Mt 16,17-19), a fórmula do batismo e a missão confiada aos apóstolos de pregarem a tôdas as nações (Mt 28, 19-20), e outras palavras do mesmo gênero que são relatadas de maneira particular por Mateus? — *Sim*.

IX. Sôbre os Evangelhos segundo São Marcos e segundo São Lucas: AUTOR, DATA DE COMPOSIÇÃO E VERDADE HISTÓRICA (26-VI-1912)

Às questões seguintes, que lhe foram propostas, a Comissão Bíblica decidiu responder assim:

1. O testemunho bem claro da tradição, maravilhosamente concorde e apoiado sôbre provas múltiplas desde os começos da Igreja, — a saber, as declarações formais dos Santos Padres e escritores eclesiásticos, as citações e alusões que se encontram nos seus escritos, o emprêgo feito pelos herejes dos primeiros séculos, as versões dos livros do Novo Testamento, a imensa maioria dos manuscritos mais antigos, e ainda os argumentos intrínsecos tirados do próprio texto dos livros sagrados, — obriga a afirmar com certeza que Marcos, discípulo e intérprete de Pedro, e o medico Lucas, auxiliar e companheiro de Paulo, são os autores dos evangelhos que lhes são respectivamente atribuídos? — *Sim*.

2. Acaso as razões avançadas por diversos críticos, para provar que os derradeiros doze versículos do evangelho

de Marcos (Mc 16,9-20) não foram escritos pelo próprio Marcos, mas foram ajuntados por outra mão, são tais que dêem o direito de se afirmar que tais versículos não devem ser tidos como inspirados e canônicos? Ou, pelo menos, provam elas que Marcos não é o seu autor? — *Não*, quanto aos dois pontos.

3. Pode-se igualmente duvidar da inspiração e da canonicidade dos relatos de Lucas a respeito da infância de Cristo (Lc 1-2), ou da aparição do anjo confortando Jesus e do suor de sangue (Lc 22, 43-44)? Ou pode-se provar com argumentos pelo menos sólidos, como queriam os antigos herejes, e ainda apraz a alguns críticos recentes — que êstes mesmos relatos não pertencem ao evangelho primitivo de Lucas? — *Não*, quanto aos dois pontos.

4. Porventura os documentos tão pouco numerosos e de caráter absolutamente particular, nos quais o cântico *Magnificat* é atribuído não à bem-aventurada Virgem Maria, e sim a Isabel, podem e devem prevalecer contra o testemunho concorde de quase todos os manuscritos quer do texto grego original quer das versões, como outrossim contra a interpretação que exige para êsse cântico não só o contexto, como ainda o estado de alma da mesma Virgem e a constante tradição da Igreja? — *Não*.

5. Pode-se acaso, no que tange à ordem cronológica dos evangelhos, afastar-se da opinião fundada sôbre o testemunho antiquíssimo e constante da tradição, segundo a qual depois de Mateus, que por primeiro escreveu um evangelho na língua do seu país, vem, pela ordem de composição, Marcos em segundo lugar, e Lucas em terceiro? Ou se há de ter como oposta a esta sentença a opinião de quantos afirmam que o segundo e o terceiro evangelhos foram compostos antes que fôsse feita a versão grega do primeiro evangelho? — *Não*, quanto aos dois pontos.

6. É acaso permitido retardar a época da composição dos evangelhos de Marcos e de Lucas para depois da ruina da cidade de Jerusalém? Ou, pelo fato de em Lucas a profecia do Senhor tocante à ruina dessa cidade parecer mais circunstanciada, pode-se sustentar que pelo menos seu evangelho foi composto quando o assédio havia já começado? — *Não,* quanto aos dois pontos.

7. Deve-se afirmar que o evangelho de Lucas é anterior ao livro dos Atos dos Apóstolos (At 1, 1s); e, desde que êste último livro, o qual tem por autor ao mesmo Lucas, ficou terminado lá pelos fins do cativeiro do Apóstolo em Roma (At 28, 30s), deve-se afirmar que o evangelho de Lucas não foi composto depois dessa época? — *Sim.*

8. Pode-se acaso pôr prudentemente em dúvida, tendo em conta, quer os testemunhos da tradição, quer os critérios internos relativos às fontes das quais cada evangelista se serviu para compor seu evangelho, a opinião de que Marcos escreveu segundo a pregação de Pedro, e Lucas, segundo a de Paulo, tendo êstes evangelistas ao seu alcance outras fontes dignas de fé, quer orais, quer até já consignadas por escrito? — *Não.*

9. Os discursos e fatos que são relatados por Marcos, segundo a pregação de Pedro, com cuidado e como que plàsticamente, e que são expostos com inteira fidelidade por Lucas, "o qual se havia aplicado a conhecer exatamente tôdas as coisas desde o comêço", informando-se junto a testemunhas evidentemente dignas de fé, visto como "desde o comêço haviam sido testemunhas oculares e ministros da palavra" (Lc 1, 2s), merecem a bom título, a crença inteira que a Igreja sempre lhes tributou? Ou, pelo contrário, é mister recusar a êsses fatos e gestas valor histórico, ao menos par-

cialmente, seja porque os que narram não teriam sido testemunhas oculares, seja porque muitíssimas vêzes se surpreende num e noutro dêstes dois evangelistas certa falta de ordem e certo desacôrdo no seguimento dos fatos; seja porque, teriam vindo e escrito tardiamente, devendo assim forçosamente relatar concepções estranhas ao pensamento de Cristo e dos Apóstolos, ou fatos já mais ou menos alterados pela imaginação popular; seja enfim porque êles teriam obedecido, cada qual em vista do seu fim próprio, a idéias dogmáticas preconcebidas? — *Sim*, quanto à primeira parte; ***não***, quanto à segunda.

X. A Respeito da Questão Sinótica, ou a Respeito das Relações Mútuas entre os Três Primeiros Evangelhos (26-VI-1912)

Às questões seguintes, que lhe foram propostas, a Comissão Bíblica decidiu assim responder:

1. Observando tudo o que, segundo as decisões precedentes, deve ser absolutamente observado, sobretudo no que respeita à autenticidade e à integridade dos três evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, à identidade substancial do evangelho grego de Mateus com o seu original primitivo, e outrossim à ordem na qual êstes evangelhos foram compostos, podem os exegetas, para explicar as semelhanças e as divergências dos evangelhos, em meio a tantas opiniões diversas e contraditórias, discutir com inteira liberdade e recorrer à hipótese da tradição quer escrita quer oral, ou ainda à da dependência dum evangelho relativamente a um evangelho anterior ou aos evangelhos anteriores? — *Sim.*

2. Devem ser tidos na conta de observadores das decisões acima mencionadas os que, sem apôio no testemunho

tradicional e sem prova histórica, aceitam fàcilmente a hipótese dita comumente "das duas fontes", que pretende explicar a composição do evangelho grego de Mateus, e do evangelho de Lucas, màximamente pela sua dependência do evangelho de Marcos, e a uma coleção chamada "dos discursos do Senhor"? E, conseguintemente, podem êles sustentar com inteira liberdade semelhante hipótese? — *Não,* quanto aos dois pontos.

XI. A Respeito dos Atos dos Apóstolos: AUTOR, ÉPOCA DA COMPOSIÇÃO E VERDADE HISTÓRICA (12-VI-1913)

Às questões seguintes, que lhe foram propostas, a Comissão Bíblica decidiu responder assim:

1. Tendo em vista muito especialmente a tradição da Igreja universal que remonta até aos primeiros escritores eclesiásticos, e tendo na devida conta os caracteres internos do livro dos Atos, considerado quer em si próprio, quer em relação com o terceiro evangelho e principalmente no que toca à afinidade e à conexão mútuas dos dois prólogos (Lc 1, 1-4; At 1, 1s), deve-se ter como certo que o livro intitulado Atos dos Apóstolos, ou Práxeis Apostolón, tem por autor a Lucas o evangelista? — *Sim.*

2. Pode-se demonstrar, por meio de argumentos críticos tirados quer da língua, quer do estilo, quer da forma do relato, e da unidade de escopo e de doutrina, que o livro dos Atos não deve ser atribuído a um autor único e que, por consequência, é destituida de todo fundamento a opinião dos críticos recentes, segundo a qual êste livro não teria a Lucas por único autor, mas deveria ser tomado como obra de autores diversos? — *Sim,* quanto aos dois pontos.

3. Especificando, as perícopes fáceis de reconhecer nos Atos onde, abandonando o emprêgo da terceira pessoa, se passa à primeira do plural (*Wirstuecke*) enfraquecem porventura a unidade de composição e a autenticidade do livro? Ou, pelo contrário, se deve dizer que sob o ponto de vista histórico e filológico, elas as confirmam? — *Não*, quanto ao primeiro ponto; *sim*, quanto ao segundo.

4. Pelo fato de o mesmo livro, após a rápida menção dos dois anos do primeiro cativeiro de Paulo em Roma, se encerrar bruscamente, tem-se o direito de concluir que o autor escreveu algum outro volume hoje perdido, ou que êle teve a intenção de escrevê-lo, e então pode-se colocar a data da composição dos Atos bem depois dêsse cativeiro? Ou antes, deve-se reter, com todo direito, que Lucas terminou seu livro pelos fins do primeiro cativeiro do Apóstolo Paulo em Roma? — *Não*, quanto ao primeiro ponto; *sim*, quanto ao segundo.

5. Se se considerarem conjuntamente as relações frequentes e fáceis que certamente Lucas teve com os primeiros e principais fundadores da Igreja da Palestina, assim como com Paulo, o Apóstolo das nações, do qual foi o colaborador na pregação evangélica e o companheiro de viagem; a sagacidade e o cuidado que Lucas emprega habitualmente em procurar testemunhas e em ver as coisas com os seus próprios olhos; enfim, o acordo ordinàriamente manifesto e notável do livro dos Atos com as mesmas epístolas de Paulo, e com os monumentos mais verídicos da história, deve-se ter por certo que Lucas compulsou fontes absolutamente dignas de fé e as utilizou com cuidado, honestidade e fidelidade, a ponto de poder reivindicar, a justo título, perfeita autoridade histórica? — *Sim.*

6. Quanto às dificuldades que habitualmente se movem, ora aqui ora ali, pelo motivo de milagres serem narrados por Lucas; pelo motivo de certos discursos relatados, já que se conservaram em abreviado, são tidos como inventados e adaptados às circunstâncias; pelo motivo de algumas passagens parecerem estar em desacordo com a história profana ou bíblica; enfim, pelo fato de certos relatos parecerem estar em contradição com o próprio autor dos Atos ou com outros escritores sagrados, porventura são aquelas dificuldades de tal natureza que façam duvidar da autoridade histórica dos Atos, ou, pelo menos, diminuí-la de algum modo? — *Não.*

XII. A Respeito das Epístolas Pastorais do Apóstolo Paulo: AUTOR, INTEGRIDADE E ÉPOCA DE COMPOSIÇÃO (12-VI-1913)

Às questões seguintes, que lhe foram propostas, a Comissão Bíblica decidiu responder assim:

1. Tendo em conta a tradição da Igreja, a qual, desde os primórdios, permanece universal e firme, como o atestam, por várias maneiras, os documentos eclesiásticos antigos, deve-se ter por certo que as epístolas chamadas pastorais, a saber duas epístolas a Timóteo e uma a Tito, — não obstante a audácia de certos herejes os quais, julgando estas epístolas contrárias à sua doutrina, riscaram-nas, sem avançar razão alguma, do número das epístolas paulinas, — foram escritas pelo Apóstolo Paulo em pessoa e sempre foram consideradas como autênticas e canônicas? — *Sim.*

2. Porventura a hipótese chamada "dos fragmentos", lançada recentemente e apresentada sob diversas formas por

certos críticos, — os quais, sem fornecer sérias provas, e pior, contradizendo-se, pretendem que as epístolas pastorais foram compostas e consideràvelmente ampliadas numa época tardia por autores desconhecidos, com os fragmentos de epístolas ou com as epístolas paulinas perdidas, — pode diminuir ainda que ligeiramente o valor do testemunho evidente e firmíssimo da tradição? — *Não.*

3. As dificuldades, que de diversas maneiras se costumam tirar do estilo e da língua do autor, dos erros principalmente gnósticos que são descritos como já em progresso nessa época, do estado da hierarquia eclesiástica que se supõe já desenvolvida, e outras razões do mesmo gênero que se objetam, enfraquecem acaso de qualquer maneira a tese que sustenta a autenticidade das epístolas pastorais como segura e certa? — *Não.*

4. Visto que os argumentos históricos bem como a tradição eclesiástica, em acôrdo com os testemunhos dos Santos Padres do Oriente e do Ocidente, assim como as provas que se deduzem fàcilmente quer da conclusão brusca dos Atos, quer das epístolas de Paulo escritas de Roma, notadamente da segunda a Timóteo, obrigam a ter como certa a tese do duplo cativeiro do Apóstolo Paulo em Roma, pode-se afirmar com segurança que as epístolas pastorais foram escritas durante o lapso de tempo que separa o fim do primeiro cativeiro da morte do Apóstolo? — *Sim.*

XIII. A Respeito da Epístola aos Hebreus: AUTOR, MODO E CIRCUNSTÂNCIAS DE COMPOSIÇÃO (24-VI-1914)

Às questões seguintes, que lhe foram propostas, a Comissão decidiu responder assim:

1. Considerando a afirmação perpétua, unânime e constante dos Padres do Oriente, à qual se ajunta desde o quarto século o assentimento pleno de tôda a Igreja do Ocidente; considerando ademais os Atos dos Soberanos Pontífices e dos Santos Concílios, máxime do Concílio de Trento, e o uso perpétuo da Igreja universal; é preciso, acaso, atribuir às dúvidas que, nos primeiros séculos, certos espíritos emitiram no Ocidente a respeito da inspiração e origem paulina da epístola aos Hebreus, principalmente pelo abuso que os hereges dela fizeram, um valor tal que permita hesitar, não só em contar esta epístola entre as epístolas canônicas, — o que está definido como sendo de fé, — mas ainda em arrolá-la com certeza no número das epístolas autênticas do Apóstolo Paulo? — *Não.*

2. Porventura os argumentos que se costumam tirar quer da ausência insólita do nome de Paulo, assim como da omissão do exórdio habitual e da saudação na epístola aos Hebreus, quer da pureza da língua grega nesta epístola, da elegância e da perfeição da linguagem e do estilo, quer da maneira de citar e utilizar como prova o Antigo Testamento, quer de certas diferenças que julgam existir entre a doutrina desta epístola e a de outras epístolas de Paulo, podem infirmar de qualquer modo a origem paulina da epístola aos Hebreus? Ou pelo contrário, o acordo perfeito da doutrina e dos pensamentos, a semelhança das advertências e das exortações, bem como a concordância nas frases e nas próprias palavras, reconhecida até por críticos não católicos, que se verificam entre esta epístola e os outros escritos do Apóstolo das Gentes, demonstram e confirmam a origem paulina da epístola aos Hebreus? — *Não,* quanto ao primeiro ponto; *sim,* quanto ao segundo.

3. É preciso ter o Apóstolo Paulo qual autor desta epístola ao ponto de se dever afirmar, necessàriamente, que não só êle a concebeu e a redigiu tôda pessoalmente, sob a inspiração do Espírito Santo, mas ainda lhe deu a forma de que está revestida? — *Não,* sob reserva do julgamento ulterior da Igreja.

XIV. A Respeito da Parusia, ou sôbre o Segundo Advento de Nosso Senhor Jesus Cristo nas Epístolas de São Paulo (18-VI-1915)

Às questões seguintes, que lhe foram propostas, a Comissão Bíblica decidiu responder assim:

1. Porventura é permitido a um exegeta católico, para resolver as dificuldades que se encontram nas epístolas de S. Paulo e dos outros Apóstolos, quando se trata da assim chamada "parusia", isto é, da segunda vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, afirmar que os Apóstolos, — embora nada ensinassem de errôneo, inspirados que eram pelo Espírito Santo, — exprimem todavia seus sentimentos pessoais, humanos, nos quais se pôde infiltrar o êrro ou ilusão? — *Não.*

2. Tendo-se em conta a verdadeira noção do munus apostólico e a fidelidade não dúbia de São Paulo à doutrina do Mestre, o dogma católico da inspiração e da inerrância das Sagradas Escrituras, donde decorre que tudo quanto o hagiógrafo afirma, anuncia e insinua, deve ser tido como afirmado, anunciado e insinuado pelo Espírito Santo; mais, examinando cuidadosamente os textos das epístolas do Apóstolo no seu teor, e no seu acôrdo perfeito com a maneira de falar do mesmo Senhor, cumpre afirmar que, nos seus escritos, o Apóstolo Paulo não disse absolutamente nada que

não concorde perfeitamente com aquela ignorância acêrca da época da parusia, que o próprio Cristo declarou ser a partilha dos homens? — *Sim.*

3. Porventura é permitido, estando pela frase grega "emeis oi zõntes oi perileipómenoi" e tendo-se em vista a explicação dos Padres, sobremodo de S. João Crisóstomo, tão versado na língua do seu país e nas epístolas paulinas, rejeitar como tirada de muito longe, e desprovida de sólido fundamento, a interpretação tradicional nas escolas católicas (retida até pelos reformadores do século XVI), que explica as palavras de São Paulo em 1 Tes 4, 15-17, sem nela implicar de modo algum a afirmação da parusia tão próxima, que o Apóstolo se colocaria, a si e aos seus leitores, no número dos fiéis que, ainda vivos, irão ao encontro de Cristo? — *Não.*

XV. A Respeito de uma falsa Interpretação de dois Textos Bíblicos (1-VII-1933)

Às questões seguintes, que lhe foram propostas, a Comissão Bíblica decidiu responder assim:

1. É permitido a um católico, tendo em vista principalmente a interpretação autêntica do Príncipe dos Apóstolos (At 2, 24-33; 13, 35-37), interpretar as palavras do Sl 16, 26: "*Non derelinques animam meam in inferno, nec dabis sanctum tuum videre corruptionem. Notas mihi fecisti vias vitae*", como se o autor sagrado não tivesse falado da ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo? — *Não.*

2. É permitido afirmar que as palavras de Jesus Cristo, que se lêem em S. Mateus, 16, 26: *Quid prodest homini si mundum universum lucretur, animae vero suae detrimentum*

patiatur? Aut quam dabit homo commutationem pro anima sua? assim como as seguintes que se encontram em Lc 9, 25: *Quid enim proficit homo si lucretur universum mundum, se autem ipsum perdat et detrimentum sui faciat?* não se referem, em sentido literal, à salvação eterna da alma, mas sòmente à vida temporal do homem, não obstante o teor das palavras em si e o seu contexto, como ademais a unânime interpretação católica? — *Não.*

XVI. Sôbre o uso das versões da Sagrada Escritura nas Igrejas (30-IV-1934)

Sua Excia. o Snr. Bispo de Bois-le-Duc, em nome de todos os bispos da província eclesiástica da Holanda, propôs a questão seguinte:

Pode-se permitir, nas igrejas, que se leiam ao povo os trechos litúrgicos das Epístolas e dos Evangelhos, segundo uma versão que não seja a da edição latina da velha Vulgata, e sim feita sôbre os textos originais, gregos ou hebraicos?

A Comissão Bíblica decidiu responder assim:

Não; leia-se pùblicamente aos fiéis cristãos uma tradução da Sagrada Escritura feita segundo o texto aprovado pela Igreja para a liturgia sagrada.

XVII. Sôbre as Versões da Sagrada Escritura nas línguas Vernáculas (22-VIII-1943)

Para resolver a questão que lhe foi proposta sôbre o uso e a autoridade das versões bíblicas nas línguas vernáculas, sobretudo as feitas sôbre os textos primigênios, e para declarar melhor o seu decreto *De usu versionum Sacrae*

Scripturae in eclesiis, de 30 de Abril de 1934, a Pontifícia Comissão Bíblica julgou oportuno relatar e recomendar as normas seguintes:

Desde que foi recomendado por Leão XIII, Pontífice Máximo de feliz memória, na encíclica *Providentissimus* (*Acta Leonis XIII*, vol. 13, p. 342; *Ench. Bibl.*, n. 41), que se usassem os textos primigênios da Bíblia para mais profundo conhecimento e explicação mais fecunda da divina palavra, — recomendação por certo dirigida só para a comodidade dos exegetas e teólogos, — pareceu e ainda parece ter aconselhado que também os próprios textos primigênios deveriam ser traduzidos para as línguas comumente conhecidas ou vernáculas, conforme as leis provadas da ciência sagrada e profana, claro que sob o cuidado atento da competente autoridade eclesiástica; desde que, ainda, as perícopes, que se devem ler pùblicamente nos livros litúrgicos da Igreja Latina, quer no sacrossanto Sacrifício da Missa, quer no ofício divino, foram em geral tiradas da edição Vulgata, que o Sínodo ecumênico de Trento declarou a única autêntica, entre as várias edições latinas então circulantes (*Conc. Trid.*, sess. IV, decr. *De editione et usu Sacrorum librorum"*; *Ench. Bibl.* n. 46);

servatis servandis:

1.º As versões da Sagrada Escritura para as línguas vernáculas, feitas quer sôbre a Vulgata, quer sôbre os textos primigênios, uma vez que tenham sido editadas com licença da competente autoridade eclesiástica, conforme o cânon 1391, podem ser lìcitamente usadas e lidas pelos fiéis, para a sua piedade privada. Mais, caso se encontre uma versão, a qual, após um exame diligente já do texto já das notas, realizado por pessoas de excelente conhecimento bíblico e teológico,

fôr tida como mais fiel e apta, os Bispos, ou individualmente, ou reunidos em concílio, quer provincial, quer nacional, caso o desejarem, poderão recomendá-la aos fiéis particularmente confiados aos seus cuidados.

2.º A tradução das perícopes bíblicas para a língua vernácula, que acaso os sacerdotes que celebram a Missa, irão ler ao povo, segundo o costume ou a oportunidade, depois da leitura do próprio texto litúrgico, deve ser conforme o texto latino, segundo a resposta da Pontifícia Comissão Bíblica (crf· *Acta Apost. Sed.*, 1934, p. 315), ficando inteiramente de pé a faculdade para se explicar convenientemente essa versão, caso seja conveniente, mediante o texto original ou qualquer outra versão mais clara.

XVIII. Sôbre o uso do novo Saltério fora das horas Canônicas (22-X-1947)

Pergunta-se se a nova versão dos Salmos, feita sôbre os textos primigênios, que segundo a carta apostólica *Motu Proprio,* datada de 24 de Março de 1945, pode ser usada nas preces quotidianas ou nas horas canônicas, porventura se possa empregar livremente nas outras preces e cerimônias.

O Santo Padre Pio XII, na audiência de 22 de Outubro de 1947, concedida ao abaixo assinado, respondeu *afirmativamente,* estendendo a mesma faculdade para tôdas as preces, quer litúrgicas, quer extra-litúrgicas, contanto que se trate de salmos cantados ou recitados por inteiro fora da Missa.

XIX. Instrução a respeito do Ensino da Sagrada Escritura nos Seminários de Clérigos e nos Colégios dos Religiosos (13-V-1950)

Nosso Santíssimo Senhor, o Papa Pio XII, Sumo Pontífice felizmente reinante, para recordar dignamente o quin-

quagésimo ano após a publicação da encíclica *Providentissimus*, ano que está para findar, editou no dia 30 de Setembro de 1943 a nova encíclica *Divino Afflante Spiritu.* Depois que o Sumo Pontífice demonstrou lùcidamente o que os seus predecessores fizeram solertemente, nestes dez lustros, para o incremento dos estudos bíblicos, admoestou gravemente prelados e fiéis sôbre quanto valham na Igreja êstes estudos, e de que modo se há de providenciar para que êles avancem pròsperamente, e ajudem eficazmente a dilatação do reino de Deus entre os homens, e de novo decretou e preceituou a orientação e a maneira com que sejam mais cultivados e aperfeiçoados.

A fim de que as recomendações e as ordens do Sumo Pontífice sejam cuidadosíssima e fielmente realizadas, a Pontifícia Comissão Bíblica julgou oportuno aplicá-las, a seu próprio modo, às disciplinas bíblicas dos Seminários de Clérigos e dos Colégios de Religiosos, nos quais elas não podem ser ensinadas com aquela amplidão que tomam nas Faculdades teológicas e nos Institutos especializados. Nestes, verdadeiramente, se formam os professôres, aos quais incumbe o munus de formar os futuros sacerdotes na ciência sagrada, e investigar mais profundamente aquelas mesmas disciplinas, e essa formação é própria de poucos. Ao passo que nos Seminários de Clerigos e nos Colégios dos Religiosos se preparam os que serão os futuros sacerdotes e pastôres do rebanho do Senhor, cujo munus é o de ensinar as verdades da fé ao povo católico, e defender a divina revelação contra o ataque dos incrédulos.

Não raramente nos últimos decênios os Sumos Pontífices inculcaram expressamente o maior cuidado, com que os Ordinários dos Lugares e os Superiores Supremos das Re-

ligiões devem providenciar, graças à sua autoridade e exortação, a que nos Seminários dos Clérigos e nos Colégios dos Religiosos os estudos da Sagrada Escritura "sejam tidos na sua justa honra e vicejem" (1), como escreveu Leão XIII, de imortal memória, e ali de tal modo se ensinem as Divinas Letras, "como a gravidade da disciplina e a necessidade dos tempos aconselham" (2).

Ainda recentemente o Santíssimo Senhor Nosso, o Papa Pio XII, felizmente reinante, tomando e confirmando com a sua autoridade as advertências dos predecessores, admoestou gravemente que os sacerdotes, entregues à cura das almas, absolutamente não poderão expor e explicar os Livros Sagrados com fruto e correção, "a não ser que êles próprios, enquanto viviam nos Seminários, se tenham imbuído de perene e ativo amor pela Sagrada Escritura. Conseguintemente os sagrados Antístites, incumbidos do cuidado paterno pelos Seminários, vigiem diligentemente para que nisso também nada se omita, do que possa auxiliar a consecução de tal escopo" (3).

Mas ao tempo em que tantas nações estavam oprimidas pelo pêso das calamidades e das ruinas, também os Ordinários dos Lugares e os Reitores dos Seminários, presos dos cuidados de cada dia pela vida e pela segurança, quiçá puderam cuidar menos eficazmente dêste negócio do que a sua gravidade e importância exigem. Agora entretanto, silencia-

---

(1) Litt. encycl. **Providentissimus; Ench. Bibl.** n. 118.

(2) **Ibidem** n. 88; cfr. etiam n. 99; Pius X, Litt. **Quoniam in re biblica**, d. d. 27 martii 1906; **Ench. Bibl.** n. 155.

(3) Litt. encycl. **Divino afflante Spiritu; A. A. S.**, 35 (1943), p. 321.

das as armas, estas advertências e ordens dos Sumos Pontífices precisam ser recordadas e mais uma vez inculcadas, a fim de que, pelo cuidado solícito dos Superiores e pelo diligente esfôrço dos professôres, a formação dos futuros sacerdotes acêrca dos Livros Sagrados seja instaurada fèrvidamente e promovida, graças a que os fiéis serão mais eficazmente reconduzidos às salubérrimas fontes da vida cristã, e o mundo, tão duramente afligido, fique afinal imbuido e tomado da doutrina de Cristo, o qual, e sòmente êle é a fonte da liberdade, da caridade e da paz.

I. A Respeito do Professor das Matérias Bíblicas

Para se restaurarem ordenadamente e se promoverem os estudos bíblicos nos Seminários de Clérigos e nos Colégios de Religiosos màximamente se necessitam professôres, os quais hão de ser idôneos sob todo o ponto de vista para o ensino correto desta matéria, que é a mais santa e sublime dentre tôdas.

1. Quase que nem é preciso avisar que o professor de Sagrada Escritura deve sobressair, entre os demais, pela vida e pela virtude sacerdotais, como também deve gozar, mais do que os outros, e cada dia, de íntima familiaridade com a palavra de Deus.

2. Ademais, cumpre que seja possuidor da devida ciência das coisas bíblicas, que deverá ter obtido com sério estudo, e há de conservar e aumentar com continuado esfôrço. (4)

---

(4) Cfr. Leo XIII, Litt. encycl. **Providentissimus; Ench. Bibl.** n. 88.

a) Para que mais seguramente conste a abundância e a qualidade da doutrina devidamente apreendida, aquilo que Pio XI, de imortal memória, sàbiamente decretou, ainda hoje está de pé e vale, e é que ninguém seja professor das Sagradas Letras nos Seminários, "senão depois de haver completado o peculiar currículo desta disciplina, e tiver legìtimamente obtido os graus acadêmicos, seja perante a Comissão Bíblica, seja no Instituto Bíblico" (5).

b) Mas como a amplidão desta disciplina é tanta, que no espaço de poucos anos só se pode obter uma idéia geral dela, o modo de aprender e de ensinar, o conhecimento de algumas questões graves, devendo-se deixar o resto *para o estudo ulterior e a diligência do professor*, requer-se ainda o próprio e assíduo trabalho de cada um, para o aumento, o aperfeiçoamento e a solidificação da ciência adquirida antes, para o sábio exame das questões nascidas de recente e para a investigação mais profunda e sólida das várias partes da disciplina que hão de ser ensinadas aos clérigos. Para cuja consecução requer-se que leia atentamente ôs novos livros sôbre assuntos bíblicos que se publicam, como também os comentários periódicos, consulte bibliotecas, assista às reuniões promovidas para incremento dos assuntos bíblicos, e outrossim, quando as condições o permitirem, faça oportunamente a viagem para a Terra Santa, a fim de observar com os próprios olhos e estudar as cidades e as regiões relacionadas com a História Sagrada. Tamanho é o âmbito da ciência bíblica, tais e tantos são os progressos que se fazem para a explicação dos Sagrados Livros, tantas são as ciências cha-

---

(5) Motu proprio **Bibliorum scientiam, 27 aprilis 1924; Ench. Bibl. n. 522.**

madas em auxílio (a saber, estudo de línguas, história, geografia, arqueologia, e outras), que o professor, caso não se entregue quotidianamente a diligente estudo, para logo ficará abaixo do seu árduo ofício, nem poderá dar aquilo que os sacerdotes, encarregados da cura das almas, e até os mesmos fiéis, com direito lhe pedem.

c) Com isso fàcilmente se patenteia quanto importe que o professor de Sagrada Escritura *possa entregar-se por inteiro ao seu múnus*, "para que prossiga o seu trabalho felizmente recebido, cada dia com renovado vigor, mediante todo estudo e todo cuidado". (6) Portanto não seja forçado a conjuntamente dar, além das disciplinas da Sagrada Escritura, outras mais graves, no Seminário. No Código de Direito Canônico está decretado expressamente, "que ao menos haja para a *Sagrada Escritura*, teologia dogmática, teologia moral, e história eclesiástica, outros tantos professôres distintos". (7) Nem seja onerado, fora do Seminário, com outros ofícios pesados ou ministérios, para que não fique impedido com êsses negócios alheios, embora santos e dignos de louvor, para cujo comprimento necessita de tempo, vigor da mente e tranquilidade de espírito.

II. Sôbre o Método do Ensino Bíblico

Quanto ao que respeita ao método de ensino da Sagrada Escritura nos Seminários de Clérigos e Colégios de Religiosos, parece que devem ser recordadas sobretudo estas coisas.

---

(6) Litt. encycl. **Divino afflante Spiritu,** l. c. p. 324.

(7) **Cod. Iur. Can.** can. 1366 § 3.

1. É múnus do professor bíblico, a par com o devido conhecimento das Sagradas Letras, excitar e acalentar o "ativo e perene amor" (8) para com elas. Com esta formação deve efetivamente alimentar-se, e cada dia mais crescer nos futuros sacerdotes, a veneração para com a divina palavra, para que nela encontrem, por tôda a vida, o cultivo da mente e a ocupação do espírito, o consôlo e o deleite do coração.

a) Para que se obtenha retamente êste fim, também hoje màximamente contribui a *leitura quotidiana da Sagrada Escritura,* que outrora para os sacerdotes, seja seculares, seja religiosos, era exercício não menos sagrado que a meditação diária; antes, esta pia leitura lhes servia de meditação (9). Inculque portanto o professor nos discípulos grande estima por esta leitura quotidiana dos Sagrados Livros, e a sua realização com humilde fé e religiosa piedade (10). Recomende-lhes que continuem êste exercício tão útil de modo constante, por todo o tempo dos estudos, a fim de que *leiam assim ordenadamente,* quer na versão da Vulgata, quer numa tradução mais recente do texto primigênio para a língua vernáoula, aprovada devidamente pelos Superiores Eclesiásticos, a não ser que se dêem melhor com o mesmo texto primigênio. E esta leitura da Escritura Sagrada dará maior fruto, se os discípulos, já no início dos estudos, forem bem instruídos sôbre a leitura correta dos Sagrados Livros, até com o breve conspecto e análise de cada livro, conforme costumei-

---

(8) Cfr. Pius XII, Litt. encycl. **Divino afflante Spiritu,** l. c. p. 321.

(9) Cfr. **Jos.** I, 8; S. Hier., **In Titum** III, 9; **PL** XXVI, col. 594 (al. 630); **Ep.** 52, 7. 8; **PL** XXII, col. 533 sq. (**CSEL.** vol. LIV, pp. 426, 428).

(10) Cfr. **De Imitatione Christi,** I, cap. V.

ramente se faz na "introdução especial" (11). Tal leitura quotidiana da Sagrada Escritura, feita ordenada e corretamente, preparará esplêndidamente o candidato ao sacerdócio não só para a reta inteligência da sagrada liturgia e para a sua digna celebração, como também para fazer com frutos os seus estudos teológicos. Nem mesmo no tempo das férias se omita esta leitura quotidiana da Escritura Sagrada, mas seja feita quer em comum por todos, quer por cada um em casa; até, dados êstes dias de maior lazer, seja feita com maior empenho. Pela fidelidade com que sempre mais ìntimamente conhecerem a Sagrada Escritura e se esforçarem por gostar dela, há de patentear-se claramente quão sincero seja o seu amor pela palavra de Deus, e quanto se esforcem por satisfazer aos ofícios que lhes são impostos pela vocação sacerdotal.

2. Nas *próprias aulas* o professor de Sagrada Escritura procure dar solìcitamente aos seus alunos tudo aquilo de que precisarem para seu futuro trabalho sacerdotal, quer para levarem vida santa, quer para ganharem as almas para Deus. Por conseguinte:

a) Ensine-se a Sagrada Escritura nos Seminários de Clérigos e nos Colégios de Religiosos de modo tão científico, sólido e completo, que êles a conheçam tôda e segundo tôdas as suas partes, a fim de saberem com justeza as questões mais graves que hoje se agitam acêrca de cada qual dos livros bíblicos, quais objeções e dificuldades se costumam opor à história e à doutrina sagrada, e finalmente a fim de ba-

---

(11) Cfr. Pius X, Litt. apost. **Quoniam in re biblica; Ench. Bibl.** n. 169; Pius XI; **L'Osservatore Romano,** 1 ottobre 1930; cfr. **Ench. Clericorum** n. 1476.

searem em válidos fundamentos científicos as perícopes bíblicas, que devem explicar ao povo.

b) Como o tempo que se destina ao ensino da Sagrada Escritura é em geral tão breve que não se pode dar tôda a ingente matéria dos assuntos bíblicos, o professor, entre outras, selecione prudentemente as questões mais graves, não mirando os seus estudos, nem seguindo as suas inclinações de espírito, mas tendo diligentemente ante os olhos aquilo que exige a utilidade dos alunos, os quais serão os futuros pregoeiros da palavra divina. A esta utilidade, porém, satisfar-se-á convenientemente, só quando o professor mostrar clara e lùcidamente quais são as *doutrinas* principais, quer do Antigo e quer do Novo Testamento, que foram ensinadas pelo Espírito Santo, qual o progresso que se nota na revelação desde os primórdios até Cristo Senhor e os Apóstolos, qual a razão e a união que intercede entre o Velho e o Novo Testamento; nem deixe de mostrar cabalmente quanto importe espiritualmente, também em nossos dias, o Velho Testamento. Procure, conseguintemente, e com solicitude, declarar estas coisas, em tudo onde se oferecer alguma oportunidade, seja na Introdução geral ou especial, seja na exegese. Ilustrará ademais com utilidade, mediante exemplos aptos da história sagrada e profana, quanto Deus fêz para salvar a todos, e para conduzí-los ao conhecimento da verdade, (12) e como com sua providência paternal dispôs tudo, e dirigiu, para que cooperasse "em prol do bem para aqueles que segundo seu desígnio foram chamados santos" (13).

Não cabe dúvida de que, explanando-se e demonstrando-se devidamente estas razões supremas e religiosas, há de

---

(12) Cfr. **I Tim. 2, 4.**
(13) Cfr. **Rom. 8, 28.**

nascer na mente dos alunos amor mais profundo, e maior estima pelos Sagrados Livros, graças a que se fazem mais doces e fáceis até os estudos mais áridos, quais são os da língua hebraica e grega, estudos que não se podem omitir completamente nos Seminários, e Colégios, sem que haja o perigo de os clérigos, em razão da ignorância das línguas, se afastarem dos mesmos textos primigênios inspirados, e de não entenderem corretamente, como ainda de não julgarem sadiamente, as traduções mais recentes (14). Êstes estudos das línguas e da crítica, embora se devam conter dentro das suas linhas gerais, iluminados por esta luz superna, far-se-ão mais fecundos e mais apreciados, e produzirão maiores frutos para a percepção do sentido dos Livros Sagrados.

No ensino da *Introdução geral*, sem que se omitam de todo as demais questões, demore-se, sobretudo, na doutrina da inspiração e da verdade das Sagradas Escrituras, bem como nas leis da interpretação (hermenêutica); ao passo que na *Introdução especial*, quer no Antigo, quer especialmente do Novo Testamento, trate com diligência dos Sagrados Livros, e demonstre claramente qual seja o seu argumento, qual o fim, qual o autor por quem foram escritos e em que tempo (15). No que se há de evitar tôda vã erudição a respeito das opiniões dos críticos, a qual mais perturba a mente dos alunos do que os instrui; antes, cumpre propor-lhes, e demonstrar-lhes sucintamente, aquilo de que os homens da nossa época hão de tirar proveito espiritual, e serão ajudados eficazmente na solução das dificuldades e questões.

---

(14) Cfr. Pius X, Litt. apost. **Quoniam in re biblica; Ench. Bibl.** n. 165.

(15) Cfr. Pius X, Litt. apost. **Quoniam in re biblica; Ench. Bibl.** n. 159.

Para que possa tratar quanto baste, acerca de todos os Livros, aproveite-se o professor do tempo que lhe sobejar, nem se demore em coisas inúteis ou de menor importância.

Na exposição *exegética*, o professor não se há de esquecer de que a Sagrada Escritura foi entregue à guarda da *Igreja* não só para ser guardada mas também para ser interpretada por ela, e de que não pode ser explicada de maneira diversa à da autoridade e da mente da mesma Igreja, por ser esta a "coluna e o firmamento da verdade" (16). Portanto, "terá como coisa santa nunca afastar-se, nem sequer de leve, da doutrina comum e da tradição da Igreja; haverá, sim, de fazer seu o verdadeiro incremento desta ciência, qualquer que êle seja, obtido pela solicitude dos mais recentes, mas rejeitará as sentenças temerárias dos inovadores". (17)

Ao escolher todavia as partes das quais vai propor uma explicação mais acurada, não cuide meramente da erudição, e sim exponha os pontos, graças aos quais, a *doutrina* dos dois Testamentos se declare e defina, para que não roa a casca, sem atingir a medula, como diz S. Gregório (18). Logo, do Velho Testamento explane *principalmente* a doutrina sôbre os primórdios do gênero humano, as profecias messiânicas, os salmos; ao interpretar o Novo, faça ordenadamente o traçado de tôda a vida de Cristo Senhor, e explique mais difusamente ao menos as partes dos Evangelhos e das Epístolas, que são lidas pùblicamente na igreja, aos domin-

---

(16) **I Tim. III, 15.**

(17). Cfr. Pius X, Litt. apost. **Quoniam in re biblica; Ench. Bibl.** n. 168.

(18) Cfr. **Moralia XX, 9; PL LXXVI, 149.**

gos e festas; além do que, ensine a história da paixão e da ressurreição do Senhor, e exponha profundamente ao menos uma das principais epístolas de S. Paulo, sem omitir outrossim das outras os lugares que respeitam à doutrina.

Quanto ao seu múnus de intérprete proceda o professor de tal forma que em primeiro lugar exponha clara e lùcidamente o que se diz *sentido literal*, chamando em seu auxílio, quando fôr o caso, o próprio texto primigênio. Mas ao determinar o sentido literal dos textos, não siga pelo caminho, que infelizmente hoje trilham não poucos exegetas, que só atendem às mesmas palavras e ao contexto próximo; mas há de ter cuidadosamente ante os olhos aquelas antigas regras, que o Sumo Pontífice gloriosamente reinante, Pio XII, mais uma vez inculcou na sua encíclica *Divino Afflante Spiritu*, a saber, que o exegeta dê uma vista ao que a Sagrada Escritura ensina em lugares semelhantes; qual a explicação do mesmo texto existente nos Santos Padres e na tradição; o que exige a "analogia da fé"; o que, finalmente, quando fôr o caso, o próprio Magistério da Igreja a respeito dele haja decretado (19). Para que possa fazer isso tudo convenientemente, importa que seja egrègiamente versado também na sagrada teologia, e imbuído de grande e sincero amor pela sagrada doutrina, nem separe jamais, baseado só nos princípios críticos e literários, o seu múnus exegético da inteira formação teológica.

Procure explicar devidamente também o *sentido espiritual*, caso conste verdadeiramente que Deus o entendeu, me-

---

(19) Pius XII, Litt. encycl. **Divino afflante Spiritu**; l. c. p. 310.

diante as sapientíssimas normas que os mesmos Sumos Pontífices estatuíram (20). O professor há de ensinar tal sentido espiritual, exposto com tão grande estudo e amor pelos Santos Padres e pelos grandes intérpretes, tanto mais fácil e religiosamente, quanto mais fôr ornado da pureza de coração, da excelência de ânimo, de espírito de humildade, e de reverência e amor para com Deus revelador.

Não atenue o professor nem dissimule as *dificuldades e obscuridades,* que não de raro se apresentam ao intérprete nos Livros da Sagrada Escritura, mas pelo contrário, exposta a questão de modo justo e honesto, esforce-se conforme a sua capacidade por resolvê-la, aduzindo os auxílios das várias disciplinas. Não se esqueça todavia que "Deus espalhou de propósito as dificuldades pelos Livros, que êle próprio inspirou, para que nos excitássemos a manuseá-los e investigá-los mais atentamente, e praticássemos a necessária sujeição de espírito, experimentando salutarmente os limites da nossa mente". (21)

Tudo isto cumpre ao professor ensinar, quanto mais possível fôr, do modo que se diz *sintético,* tratando mais acuradamente as coisas importantes, e o resto com a amplitude e no lugar que lhe convêm. A esta arte de expor se entregue desde o comêço, e procure aperfeiçoá-la sempre mais, persuadido de que o fruto e a eficácia do ensino em grande parte dela dependem.

---

(20) Litt. encycl. **Providentissimus; Ench. Bibl.** n. 97; Litt. encycl. **Spiritus Sancti Paraclitus; Ench. Bibl.** nn. 498 s.; Litt. encycl. **Divino afflante Spiritu;** l. c. p. 311.

(21) Pius XII, Litt. encycl. **Divino afflante Spiritu;** l. c. p. 318.

3. *Qual seja o escopo, qual a índole* das lições da Sagrada Escritura, para a instrução dos alunos dos Seminários e Colégios, se define por isso que não são dirigidas para a formação de "especialistas", como se diz, mas para a preparação dos futuros sacerdotes e apóstolos· Ora, a formação dos Sacerdotes, embora dependa de tôdas as condições da vida e da ordem do Seminário ou do Colégio, sem dúvida é particularmente ajudada pelo estudo e pelo conhecimento da matéria bíblica. Na verdade, com essas lições cumpre principalìssimamente obter que os futuros sacerdotes entendam, e se convençam, o que os Livros Sagrados muito fazem quer para o fomento da sua própria vida sacerdotal, quer para o frutuoso desempenho do múnus sacerdotal. Portanto, não se contente absolutamente, com ensinar só as noções e conhecimentos úteis sôbre os assuntos bíblicos, mostre outrossim cabalmente aos seus alunos, quando houver ocasião, como poderão alimentar, firmar e promover a santidade da sua própria vida sacerdotal, (22) e tornar fecundo o ministério apostólico, sobremodo o da pregação sagrada e o da instrução catequética, mediante sólido conhecimento, leitura assídua e pia meditação das Sagradas Escrituras. (23)

III. Conselhos e Normas

Já pois que os estudos bíblicos valem tanto para a piedade sacerdotal e para o fruto do múnus apostólico, e devem

---

(22) Cfr. S. Hier., **Ep.** 130 in fine; **PL** XXII, col. 1224 [al. 1124] (CSEL LVI, p. 201).

(23) Cfr. Leo XIII, Litt. encycl. **Providentissimus**; Ench. Bibl. n. 72; Benedictus XV, Litt. encycl. **Spiritus Paraclitus**; ibid. nn. 496 s.; Pius XII, Litt. encycl. **Divino afflante Spiritu**, l. c. p. 320 s.

ser feitos e promovidos com suma diligência, ninguém há que o não veja, é bastante doloroso que êles nem sempre sejam tidos na devida honra, mas não raramente pospostos indignamente ao estudo de outros disciplinas, e até completamente negligenciados. Portanto esta Pontifícia Comissão para os Assuntos Bíblicos, movida pelas notícias e pelos votos que chegam de tôdas as partes do mundo, quer dos Excelentíssimos Ordinários dos Lugares e dos Superiores Supremos das Religiões, quer dos Reverendíssimos Reitores dos Seminários e Professôres do ensino bíblico, julgou que devia recomendar vivamente as coisas que vão seguir.

1. Na *biblioteca bíblica* (24) dos Seminários e Colégios, além dos comentários dos Santos Padres e dos maiores intérpretes católicos, haja as melhores obras a respeito da teologia bíblica, arqueologia e história sagrada, como também as enciclopédias ou léxicos bíblicos e as revistas periódicas sôbre assuntos bíblicos, as quais os professôres não podem comprar pessoalmente devido a razões várias, com grande dano seu e dos alunos.

2. Com igual cuidado e diligência procurem os Superiores dos Seminários e Colégios providenciar a que, também os *Clérigos*, além do volume da Bíblia Sagrada e do manual de Escritura que cada qual possue, tenham na sua biblioteca particular as obras que possam melhor e mais eficazmente ajudar a recordação das lições ouvidas nas aulas, e a sua apta complementação.

---

(24) Cfr. Pius in Litt. apost. **Quoniam in re biblica; Ench. Bibl.** n. 173.

3. Para que o professor da matéria bíblica possa cumprir com louvor o seu ofício, *seja deixado totalmente ao seu múnus*, sem que se lhe cometam outros negócios mais graves, e com tal interêsse seja auxiliado pelos Superiores, com a entrega de dinheiro e de outros auxílios oportunos, que persevere no múnus de ensinar, com prazer até por tôda a vida.

Na verdade, a primeira condição para o progresso do estudo bíblico nos Seminários e Colégios é a entrega ao professor da matéria bíblica de todos aquêles subsídios em livros e dinheiro, com os quais possa êle próprio avançar na ciência e fazer sua a ciência que progride, assistir às reuniões de estudos, visitar oportunamente a Terra Santa e editar os frutos do seu trabalho.

Convém ainda que se nomeiem dois Professôres para a matéria bíblica, um do Novo e outro do Antigo Testamento, onde o número de alunos fôr maior (aliás também alhures, para que se proveja maduramente às futuras necessidades).

4. Recomenda-se vivamente ao Professor da matéria bíblica, interessado pelo progresso dos discípulos, que ministre a alguns alunos selecionados, possuidores de maior engenho, um curso livre especial, seja de línguas bíblicas, ou de outras que são necessárias ou úteis para os estudos da Sagrada Escritura, (25) seja de teologia bíblica, de história, de arqueologia ou de qualquer outra disciplina auxiliar. Nesse curso poderá tratar outrossim das questões peculiares, que hoje mais se agitam a respeito de cada livro, e que Êle tiver

---

(25) Ita etiam Pius X, Litt. apost. **Quoniam in re biblica;** **Ench. Bibl.** n. 165.

investigado mais profundamente, quer pelo próprio estudo, quer pela leitura de comentários.

5. Aconselha-se ainda ao professor de matéria bíblica, que prepare com prudência e moderação para os estudos especiais, seguindo os conselhos dos Superiores, sem que absolutamente se descuidem das outras disciplinas, *os alunos mais esperançosos*, que mostrarem particular amor pelas Sagradas Páginas (26). Ofereça-lhes a oportunidade de aprenderem as línguas, também recentes, mais necessárias a êstes estudos, e os instrua no conhecimento e na leitura das obras "sôbre a história dos dois Testamentos, a vida de Cristo Senhor, a vida dos Apóstolos e das peregrinações e viagens palestinenses" (27). Lembre-se com efeito sèriamente do grave detrimento que sofrem tais alunos, quando são enviados para fazer os estudos especiais sem preparação justa, sobretudo sem a preparação literário, e persuada-se que um dos seus deveres precípuos é o de preparar, para o seu Seminário, graças à sua experiência, ótimos professôres do futuro, graças aos quais a matéria bíblica seja cada vez mais cultivada e florescente.

6. Como no exíguo espaço de tempo, que se destina às aulas de Sagrada Escritura, apenas pode devidamente satisfazer àquilo tudo, que se requer para a formação teológica e ascética dos Clérigos, e para o ensino do reto uso dos Livros Sagrados na liturgia e na pregação, louva-se muito e

---

(26) Cfr. Pius X, Litt. apost. **Quoniam in re biblica; Ench. Bibl.** nn. 165. 167; Pius XI, Motu proprio **Bibliorum scientiam; Ench. Bibl.** n. 518 s.

(27) Cfr. Pius X, Litt. apost. **Quoniam in re biblica; Ench. Bibl.** n. 172.

recomenda-se fortemente que já no comêço do currículo dos estudos mais altos *se faça uma introdução sumária*, para estimular oportunamente e dirigir a leitura de tôda a Sagrada Escritura, que os alunos devem fazer durante todo o tempo dos estudos, como soubemos que louvàvelmente se faz em alguns Colégios de Ordens. Se ela se fizer bem, o professor poderá demorar-se mais na doutrina bíblica, durante o quatriênio do curso teológico.

7. Sejam os Clérigos obrigados a compor uma vez ou duas no ano uma *homília*, a respeito de uma perícope bíblica, cujo trabalho o próprio professor há de dirigir e de julgar com diligência. Destarte os alunos, já desde o princípio da formação teológica, aprenderão, com côngruo estudo e pia meditação, a preparar-se cuidadosamente a escrever as homílias que se devem fazer aos domingos e festas, como ainda a propor e a explicar ao povo cristão o sentido verdadeiro e próprio da Palavra de Deus, de modo reto, ordenado e reverente.

8. Finalmente, para que o estudo da Sagrada Escritura se cultive e aperfeiçoe de modo razoável, ainda depois de feito o curso de teologia, e, continue depois fielmente por tôda a vida para os *exames*, que os sacerdotes seculares ao menos por um triênio, e os religiosos, ao menos por um quinqüênio, devem prestar, após o curso dos estudos, a respeito de várias disciplinas das ciências sagradas, conforme a prescrição do Direito Canônico, (28) também se indiquem cada ano algumas das questões mais graves sôbre Introdução geral e especial, e sôbre exegese, que devem ser pre-

---

(28) **Cod. Iur. Can.,** can. 130. 590.

paradas. Ademais, nas *reuniões* ou *conferências* que em tempos determinados o Clero, tanto o secular como o regular, deve fazer, a respeito de assunto moral e litúrgico, (29) também se proponha a explicação, — como com muito louvor se faz em algumas regiões — de uma perícope bíblica ou do Antigo, ou Novo Testamento, que o Professor de matéria bíblica do Seminário tiver escolhido com aptidão, e depois, se fôr o caso, divulgue, explicada segundo a ciência bíblica, nos comentários periódicos da diocese ou em outra parte.

Rogamos ardentemente aos Excelentíssimos Ordinários e Reverendíssimos Superiores das Religiões, que queiram aceitar e executar, com o cuidado e a diligência que sentem pelo bem comum, quanto expusemos, para que a formação dos nossos futuros sacerdotes se aperfeiçoe cada vez mais, e sejam êles imbuídos daquela sólida ciência sagrada, de que devem servir-se já no tempo do estudo teológico, e depois por tôda a vida, e isso não leviana ou temeràriamente, nem segundo o próprio arbítrio e sentimento, mas segundo as normas da ciência sagrada, segundo as leis e os preceitos da Igreja e segundo as regras da genuína tradição católica, para que os Livros Sagrados lhes sejam na alimentação e cultivo da sua vida espiritual, como que o pão quotidiano, a luz e o vigor, e, nos ministérios apostólicos, auxílio eficaz, ajudados pelo qual conduzam quantos mais forem para a verdade, para o amor e o temor de Deus, para a virtude e a santidade. Por certo não ignoramos quantas e quais dificuldades hoje obstem a que dentro de breve tempo e perfeitamente se realizem as coisas que recomendamos; mas temos certeza de que os Prelados das Igrejas e os Superiores das Religiões, sem

(29) Ibid. can. 131. 591.

absolutamente perderem o ânimo, nada deixarão de fazer para que o estudo das Letras Divinas e o seu amor floresçam com novo vigor entre os Clérigos e Sacerdotes, e produzam frutos de vida e de graça nos seus espíritos e ministérios.

O Santíssimo Senhor Nosso, Papa Pio XII, na audiência que concedeu ao abaixo assinado, a 13 de Maio de 1950, aprovou esta instrução, e ordenou que fôsse feita de direito público.

Roma, dia 13 de Maio do ano de 1950.

Atanásio Miller, O. S. B., Consultor secretário.

CARTA DO SECRETÁRIO DA COMISSÃO BÍBLICA AO EMINENTÍSSIMO CARDEAL SUHARD, ARCEBISPO DE PARIS

a respeito da época das fontes do Pentateuco e do gênero literário dos onze primeiros capítulos do Gênesis.

Eminência,

O Santo Padre houve por bem confiar ao exame da Pontifícia Comissão para os Estudos Bíblicos duas questões, que foram apresentadas recentemente a Sua Santidade, a respeito das fontes do Pentateuco e da historicidade dos onze primeiros capítulos do Gênesis. Estas duas questões, com seus considerandos e votos, formam objeto do mais atento estudo por parte dos Reverendíssimos Consultores e dos Eminentís-

simos Cardeais membros da citada Comissão. Como seqüela das suas deliberações, Sua Santidade se dignou de aprovar a seguinte resposta, na audiência concedida ao abaixo assinado, na data de 16 de janeiro de 1948.

Compraz-se a Pontifícia Comissão Bíblica em render homenagem ao sentimento de confiança filial, que inspirou esta iniciativa, e deseja corresponder-lhe com o sincero esfôrço de promover os estudos bíblicos, assegurando-lhes, dentro dos limites do ensino tradicional da Igreja, a mais inteira liberdade. Tal liberdade foi afirmada em têrmos explícitos pela Encíclica do Soberano Pontífice gloriosamente reinante *Divino Afflante Spiritu,* nestes têrmos: "O exegeta católico, impelido por ativo e corajoso amor da ciência, devotado sinceramente à nossa Mãe a Santa Igreja, não deve absolutamente deixar de abordar, e reiteradamente, as questões difíceis que ainda não foram resolvidas até agora, não sòmente para refutar as objeções dos adversários, como ademais para tentar encontrar-lhes sólida explicação, em perfeito acôrdo com a doutrina da Igreja, especialmente com a da inerrância bíblica, e capaz ao mesmo tempo de satisfazer plenamente às conclusões certas das ciências profanas. Os esforços dêsses valentes obreiros da vinha do Senhor merecem ser julgados não só com justiça e eqüidade, como ainda com perfeita caridade; que todos os demais filhos da Igreja se lembrem disso. Êstes devem precaver-se contra um zêlo por certo não prudente, o qual estima dever atacar ou ter como suspeito tudo quanto é novo" (A. A. S., 1943, p. 319).

Que se compreendam e se interpretem à luz dessa recomendação do Soberano Pontífice, as três respostas oficiais dadas outrora pela Comissão Bíblica a respeito das questões mencionadas acima, a saber, a de 23 de Junho de

1905, relativamente às narrações que só teriam de histórico o aparecimento nos livros históricos da Sagrada Escritura (*Ench. Bibl.*, 154, a de 27 de Junho de 1906, sôbre a autenticidade mosaica do Pentateuco (*Ench. Bibl.*, 174-177), e a de 30 de Junho de 1909, quanto ao caráter histórico dos três primeiros capítulos do Gênesis (*Ench. Bibl.*, 332-339), e conceder-se-á que essas respostas não se opõem absolutamente a um exame ulterior verdadeiramente científico de tais problemas, segundo os resultados obtidos durante êstes últimos quarenta anos· Por conseguinte, a Comissão Bíblica já reconhecia ser possível afirmar que Moisés, "para compor sua obra, se serviu de documentos escritos e de tradições orais", e admitir outrossim modificações e adições posteriores a Moisés (*Ench Bibl.*, 176-177). Hoje não há ninguém que ponha em dúvida a existência destas fontes nem admita certo crescimento progressivo das leis mosaicas, devido às condições sociais e religiosas dos tempos posteriores, progressão que se manifesta igualmente nos relatos históricos. Entretanto, até no campo dos exegetas não católicos, opiniões bastante divergentes são professadas hoje no tocante à natureza e ao número dêstes documentos, à sua denominação e à sua data. Nem faltam autores, nos diferentes países, que por razões puramente críticas e históricas, sem intenção apologética alguma, rejeitam resolutamente as teorias mais em voga até o presente, e procuram a explicação de certas particularidades redacionais do Pentateuco, não bem na diversidade dos documentos supostos quanto na psicologia especial, nos processos particulares, hoje mais conhecidos, do pensamento e da expressão dos antigos Orientais, ou ainda, no gênero literário diferente postulado pela diversidade das matérias. Eis porque convidamos os sábios católicos a estudarem tais problemas sem preconceito, à luz duma sã crítica e dos resultados das outras ciên-

cias interessadas nestas matérias, e um tal estudo estabelecerá sem dúvida a grande parte e a profunda influência de Moisés como autor e como legislador.

A questão das formas literárias dos onze primeiros capítulos do Gênesis é bem mais obscura e complexa. Estas formas literárias não correspondem a nenhuma das nossas categorias clássicas nem podem ser julgadas à luz dos gêneros literários greco-latinos ou modernos. Não se pode conseguintemente nem negar nem afirmar a historicidade em bloco, sem lhes aplicar indèbitamente as normas dum gênero literário, pelo qual não podem ser classificadas. Se se concorda a não ver nesses capítulos história no sentido clássico ou moderno, faz-se mister outrossim confessar que os dados científicos atuais não permitem dar solução *positiva* a todos os problemas que êles oferecem. O primeiro dever que incumbe aqui à exegese científica consiste antes de mais nada no estudo atento de todos os problemas literários, científicos, históricos, culturais e religiosos conexos com êstes capítulos; dever-se-iam a seguir examinar de perto os processos literários dos antigos povos orientais, sua psicologia, sua maneira de se expressar, e até a mesma sua noção da verdade histórica; dever-se-ia, em uma palavra, recolher sem preconceitos todo o material das ciências paleontológica e histórica, epigráfica e literária. Sòmente assim é que se pode esperar ver mais claramente a verdadeira natureza de certos relatos dos primeiros capítulos do Gênesis. Declarar *a priori* que seus relatos não contêm história no sentido moderno da palavra daria fàcilmente a entender que êles não a contêm em sentido algum, quando ao contrário relatam numa linguagem simples e figurada, adaptada às inteligências de uma humanidade menos desenvolvida, as verdades fundamentais pressupostas à economia da salvação, ao

mesmo tempo que a descrição popular das origens do gênero humano e do povo eleito. Enquanto aguardamos, cumpre exercer a paciência, que é prudência e sabedoria da vida. É o que o Santo Padre inculca também na Encíclica já citada: "Ninguém, diz êle, deve espantar-se de que ainda não estejam esclarecidas nem resolvidas tôdas as dificuldades... Não se há, por ora, de perder a coragem, nem esquecer-se que nas disciplinas humanas não se passa de modo diverso que na natureza, onde aquilo que começa cresce pouco a pouco, onde os frutos se recolhem após longos trabalhos... Póde-se esperar pois que (estas dificuldades), as quais hoje parecem as mais complicadas, e as mais árduas, abrir-se-ão um dia, graças a constante esfôrço, à plena luz". (*Ibid.*, p. 318).

Tiago — M. Vosté, O· P.
secretário da Pontifícia Comissão para
os Estudos Bíblicos.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

Nota da Editôra

A Editôra das Américas tem o prazer de apresentar como remate dêstes estudos atualizados vários trabalhos que foram lidos nas duas primeiras Semanas Bíblicas Nacionais (fevereiro de 1947 e janeiro-fevereiro de 1950), satisfazendo assim a um desejo já manifestado repetidas vêzes por muitos estudiosos e cultores das ciências bíblicas, de poderem ter à mão as teses desenvolvidas por professores de Escritura do Brasil, ciente, esta Editôra, de contribuir, além do mais, para uma visão mais ampla e mais profunda dos problemas exegéticos.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

1. É A BÍBLIA A ÚNICA FONTE DE REVELAÇÃO? — *Fr. Mateus Hoeppers, O. F. M.*
2. A LEITURA E A MEDITAÇÃO DA BÍBLIA — *Dom Estêvão Bittencourt, O. S. B.*
3. O APOSTOLADO BÍBLICO — *Côn. Agnelo Rossi*
4. A AÇÃO BÍBLICA PROTESTANTE NO BRASIL — *Côn. Agnelo Rossi*
5. A CIÊNCIA A SERVIÇO DA EXEGESE — *Côn. Heládio C. Laurini*
6. O HEXAÉMERO EM SEUS ASPECTOS FUNDAMENTAIS — *P. Antônio Charbel, S. D. B.*
7. A PROFECIA SÔBRE O "ÉBED YAHUÉ" EM ISAIAS — *P. Ernesto Vogt, S. J.*

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

É A BÍBLIA A ÚNICA FONTE DE REVELAÇÃO?

Introdução

Começa a Epístola aos Hebreus com esta frase lapidar: "Havendo Deus outrora falado aos pais pelos profetas, muitas vezes e de muitos modos, ùltimamente, nestes dias, falou-nos pelo Filho, que constituiu herdeiro de tudo, por quem igualmente criou o mundo". Assim São Paulo nos exprime como pouco a pouco, por muitos séculos, pelos patriarcas e os profetas, a Luz da revelação foi dada ao mundo em raios sempre mais claros até que enfim no Verbo de Deus encarnado apareceu a própria plenitude de Luz.

No Antigo Testamento viveram na esperança da promessa e o Novo Testamento trouxe toda a realidade, a "Imagem visível do Deus invisível" (Col 1, 15), Cristo, o Filho de Deus feito homem. E Jesus mesmo afirma que "Êle revelou tudo o que ouviu de seu Pai" (Jo 15, 15). Aos Apóstolos o divino Mestre ainda promete o Espírito da Verdade a fim de abrir-lhes o entendimento do que não puderam compreender e para completar a sua revelação, *ensinando-lhes toda a verdade.* Jesus frisa, entretanto: "Êle me glorificará, porque receberá do que é meu e vo-lo comunicará. Tudo o que o Pai tem, é meu. Por isso eu vos disse que ele receberá do que é meu, e vo-lo comunicará" (Jo 16, 12-15; cf. 14, 26).

"Mas o Paráclito, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, *ele vos ensinará todas as coisas*, e vos recordará tudo o que vos tenho dito". Já que Jesus completa e consuma a revelação da Lei e dos profetas que não foram senão pedagogos para Cristo (Gál 3, 24), e o Espírito Santo só esclarece e ensina esta plenitude vinda no Filho de Deus, o Evangelho pôde proclamar. "Unus est magister vester: Christus". "Um só é o vosso Mestre, o Cristo" (Mt 23, 10). É Ele no dizer do Apocalipse (1, 5) "a testemunha fiel" que diante de Pilatos à face da morte proclamava alto e bom som: "Eu para isto nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade; todo o que for da verdade ouve a minha voz" (Jo 18, 37).

Surge daí a pergunta gravíssima para todo o cristão: Onde e como posso ouvir a voz de Cristo? "Qual é a fonte, o foco de luz que nos transmite a plenitude da verdade de Cristo?" Todos os que crêem dentro e fora da Igreja concordam numa resposta que na Bíblia do Antigo e do Novo Testamento possuímos livros sagrados que têm o próprio Deus como Autor, porque nos apresentam a palavra inspirada por Ele. Como, entretanto, podemos saber isso? Quem nos garante que este e aquele Livro é inspirado por Deus? É enfim a pergunta do nosso tema: ***É a Bíblia a única fonte de revelação?***

Para respondermos a esta questão fundamental do cristianismo, vejamos três coisas:

1) Qual é o meio que Cristo usou e instituiu para nos transmitir a plenitude de sua verdade.

2) Qual é o meio que os apóstolos usaram a fim de transmitir a verdade de Cristo.

3) Qual é o meio que nos garante a inspiração divina da Bíblia, sobretudo no Novo Testamento.

1) O QUE CRISTO FEZ PARA NOS TRANSMITIR A SUA VERDADE

a) *Cristo pregou a palavra de Deus*

Poderia parecer o meio mais fácil, certo e seguro para nos transmitir toda a Verdade, se o próprio Verbo Encarnado com as suas mãos divinas tivesse escrito num livro sagrado todos os seus ensinamentos, dizendo aos seus seguidores: "Quem ler e crer estas minhas palavras escritas, será salvo e quem não as ler e crer será condenado". Mas a Sabedoria divina, visìvelmente aparecida em Cristo Nosso Senhor, de fato não procedeu assim: O Evangelho não nos relata senão sinais que escreveu na areia, com o seu dedo, a fim de confundir os seus inimigos, quando acusavam a mulher adúltera. Mas não há notícia alguma de que tenha deixado o menor documento escrito, algum livro ou carta.

Entretanto Êle andou incansàvelmente pela terra de Israel, pregando a boa nova do Reino de Deus. De mãos largas semeou a palavra de Deus sôbre qualquer terra: sôbre a beira da estrada, no pedregulho, por entre espinhos, mas também sôbre terra boa para que desse fruto cem por um (Mt 13, 3-23). De preferência pregava ao povo humilde, pobre e aflito, aos pequenos sitiantes da Galiléia, tão oprimidos pelos grandes senhores, aos simples pescadores do lago de Genesaré, aos pastores da Judéia, a esta plebe desprezada pelos fariseus ricos e orgulhosos. Para êste povo pisado e acabrunhado Jesus proclamou as suas bem-aventuranças. Era esta

a terra boa para a semente da palavra de Deus. Nada, porém, teria adiantado para essa classe ínfima, amaldiçoada pelos doutores porque "ignorante da Lei" (Jo 7, 50), se o Filho de Deus tivesse consignado a sua Sabedoria divina em algum Livro.

b) *Cristo preparou pregadores da palavra de Deus*

Objetará alguém: Não se deveria então perder a palavra de Deus falada aos quatro ventos? Jesus ainda fez uma dupla escolha. Entre a massa do povo selecionou uns discípulos que sempre o seguiam e que pela repetição poderiam gravar na memória as suas doutrinas — e entre o grande número de discípulos escolheu 12 apóstolos. Diz São Marcos: "E fez com que doze estivessem com êle, para os enviar também a pregar" (Mc 3, 13-14). Jesus os instruiu e educou de modo especial, explicando-lhes as parábolas que aos outros não era dado conhecer, dando-lhes instruções sôbre o reino de Deus. E até fez com que praticassem um tanto a vida apostólica, dando-lhes poder sôbre os demônios e para "curar toda a doença e toda enfermidade" (Mc 10, 1) e mandando-os "dois a dois, adiante de si, por todas as cidades e lugares para onde êle tinha de ir" (Lc 10, 1).

E foi para êste mesmo povo humilde e pobre que Jesus os mandava. Quando uma vez os discípulos voltaram alegres de uma excursão missionária, relatando: "Senhor, até os demônios se nos submetem em teu nome", Jesus exultou em espírito, prorrompendo nas palavras memoráveis: "Graças te dou, Pai Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. Todas as coisas me foram entregues por meu Pai. E ninguém sabe quem é

o Filho, senão o Pai, nem quem é o Pai, senão o Filho e aquêle a quem o Filho o quiser revelar" (Lc 10, 21-22; Mt 11, 25-27). Assim percebemos que os discípulos e especialmente os 12 apóstolos passaram por uma verdadeira escola, digamos teorética e prática — para a formação dos pregadores.

c) *Cristo deu aos apóstolos a missão de pregar*

Depois da sua ressurreição, terminada a sua obra de Redenção aqui na terra, Jesus transmitiu a sua missão que recebera do Pai aos seus apóstolos. São João nos conservou aquelas palavras: "Assim como o Pai me enviou, eu vos envio" (Jo 20, 21). Esta missão abrangia o tríplice múnus de sacerdote, pastor e mestre. Aqui nos interessa especialmente a missão do magistério. Em São Lucas já encontramos aquêle texto, semelhante, em que Jesus transfere aos apóstolos a sua autoridade de Mestre: "Quem vos ouvir, ouve a mim e quem vos desprezar, despreza a mim; quem, porém, me desprezar, despreza aquêle que me enviou". E' uma autoridade inaudita que se atribui a estes rudes pescadores. Êles terão a mesma missão que Êle recebeu do Pai. Mas como poderão garantir esses homens ignorantes a plenitude da Verdade de Cristo, sem falsificação ou mistura de erro? Como já vimos pela jubilosa exclamação de Jesus por ocasião da volta dos discípulos, Êle não se baseia na sabedoria humana, mas na Luz divina dada aos pequeninos. São João nos relata que o divino Mestre nos sermões de despedida antes da Paixão e Morte expressamente prometeu aos apóstolos o Espírito Santo para o exercício de seu magistério (Jo 15, 26-27): "Quando vier o Paráclito que eu vos enviarei do Pai, o Espírito da Verdade, o qual procede do Pai, êle dará testemunho de mim. Também vós dareis testemunho, porque estais comigo desde o princípio". E êste Espírito da verdade ficará com o colégio

apostólico "para sempre" como advogado e assistente "para ensinar tudo e sugerir tudo o que ouviram de Jesus" (Jo 14, 16; 18-26).

São Lucas nos registou no começo dos Atos dos Apóstolos uma missão dada aos doze antes da Ascensão precisamente nesta terminologia de São João: "Recebereis a fôrça do Espírito Santo que descerá sôbre vós, e sereis as minhas testemunhas em Jerusalém e em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra". Esta frase é como o esquema de todo o seu livro em que êle mostra como os apóstolos cumpriram esta sua missão. Jesus viera a êste mundo para dar testemunho à verdade como "testemunha fiel" (Apc 1, 5). E agora lhes transmite esta sua missão, prometendo-lhes o Espírito da Verdade a fim de garantir a fidelidade do testemunho.

São Marcos, no fim do seu Evangelho, também nos conservou a última ordem de Cristo, antes da Ascensão, diversa nos termos, porém idêntica no sentido: "Ide por tôdo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado, será salvo; mas quem não crer, será condenado". Segundo estas palavras, doravante será a pregação dos apóstolos a lei obrigatória de que dependerá a salvação ou condenação de toda criatura, isto é, de todos os homens. Segue daí que êstes homens simples ficarão munidos de uma autoridade divina para ensinar, autoridade essa que deve ser a do próprio Cristo como diziam os Evangelhos de São João e de São Lucas.

Mais explícito ainda é o grandioso final do Evangelho de São Mateus de que dizia Harnack: "Coisa maior e mais não se pode dizer em 40 palavras": "Foi-me dado todo o poder no céu e na terra. Ide, pois, e ensinai todas as nações,

batizando-as em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo, instruindo-as a observar tudo o que vos tenho mandado. E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos". Como o Mestre andara pela terra de Israel, fazendo discípulos, agora os seus enviados, os apóstolos, deverão andar pelo mundo inteiro "fazendo discípulos todos os povos". E' esta a expressão que Jesus emprega no texto grego.

Para esta missão, que humanamente ultrapassava as forças destes homens mesquinhos e rudes, o Homem-Deus lhes entrega a plenitude do seu poder e ainda lhes promete estar com êles até o fim do mundo. Assim Êle perpetua o seu magistério divino por intermédio dos seus enviados. Eis o veículo da sua verdade revelada, instituído por Nosso Senhor no Evangelho. E' importante notarmos que não há nenhuma ordem de escrever — e só de pregar. Êle não diz: "Sentai-vos e escrevei a todos os povos", mas: "*ide* e pregai". A palavra de Deus é espírito e vida que não podia prender-se à letra morta. E' a palavra viva e quente de convicção e amor que vai de alma para alma, de coração para coração. Sobretudo a ordem de evangelizar a todos os povos demonstra a Escritura como meio completamente insuficiente para a catequese apostólica. Quantos seriam os letrados que poderiam ler entre todos os povos da terra? E não era aos sábios e entendidos, mas aos pequeninos que se destinava o Evangelho de Cristo. Também São Paulo diz aos Coríntios (1 Cor 1, 26-28): "Vede, pois, irmãos, a vossa vocação, que nela não há muitos sábios segundo a carne, não há muitos poderosos, não há muitos nobres. Mas o que é insensato segundo o mundo, Deus o escolheu para confundir os fortes, e o que é vil e desprezível ao mundo, Deus o escolheu e aquelas coisas que não são, para destruir as que são, para que ninguém se glorie na sua presença".

d) *Conclusão*

E' portanto mais claro do que a luz do sol: "*O meio que Cristo usou para transmitir a sua verdade é a pregação oral e o meio que instituiu para transmiti-la a todos os povos é outra vez a pregação oral dos seus enviados, munidos com seus poderes e a assistência segura e infalível do Espírito da verdade*".

2) O QUE FIZERAM OS APÓSTOLOS PARA TRANSMITIR A VERDADE DE CRISTO

a) *Os apóstolos cumprem a missão de Cristo*

Qual o meio que os apóstolos usaram a fim de transmitir a verdade de Cristo?

Os apóstolos cumprem a missão recebida. O Espírito Santo desceu sôbre êles como um vento impetuoso e em línguas de fogo — e eis que "começaram a falar em várias línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem" (At 2, 1-4). Dos primeiros anos da Igreja primitiva não existe nenhum escrito apostólico. De 13 apóstolos, 7 não escreveram palavra alguma, mas todos foram peregrinando pelo mundo até os confins da terra, a fim de dar testemunho de Cristo e de seu reino. São Paulo Apóstolo leva o facho luminoso da fé pelas cidades conhecidas do império romano. E só no ano 51 escreve aos Tessalonicenses as suas duas primeiras breves epístolas de conforto e animação para a fé que plantara pela pregação oral.

b) *Os apóstolos consideram a tradição oral fonte primária da revelação*

Na segunda epístola, o Apóstolo dá como regra: "Assim, pois, irmãos, estai firmes e conservai *as tradições que aprendestes, seja por palavra*, seja por carta nossa".

E na sua última epístola, que escreveu a Timóteo um ano antes de seu martírio, recomenda a seu discípulo predileto conservar com fidelidade e exatidão, como a verdade revelada, mais que tudo seu testemunho oral: "Guarda a forma das sãs palavras que de mim ouviste na fé e no amor em Jesus Cristo. Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo, que habita em nós". Manda o apóstolo, além disso, que essa tradição oral seja transmitida avante por homens que mereçam confiança: "O que ouviste de mim por muitas testemunhas, confia-o a homens fiéis, que sejam também capazes de instruir a outros" (ib., 2, 2). Na Epístola aos Romanos, pergunta: "Como crerão naquele de quem não ouviram? E como ouvirão sem se pregar? E como pregarão, se não forem enviados?" E mais abaixo responde: *"A fé vem da audição e a audição da palavra de Cristo.* Mas pergunto: Acaso êles não ouviram? Por certo que sim: Por toda a terra correu a sua voz e até aos confins do mundo as suas palavras". E' a voz e a palavra de Cristo que por intermédio dos apóstolos corre por toda a terra. Quem ouve e crê é salvo — e quem não ouve e não crê, é condenado. E' o mesmo meio estabelecido por Cristo Nosso Senhor no Evangelho.

Na Epístola aos Gálatas declara o caráter definitivo desta sua pregação, que, portanto, deve ser fonte de fé. Êle excomunga pelo anátema todo aquêle que venha pregar outro Evangelho (Gál 1, 6-10). Logo depois faz explìcitamente a apologia do seu apostolado (1, 11-24), pelo qual transmitira

oralmente a tradição apostólica. Com o apostolado e com a identidade do Evangelho pregado pelos outros apóstolos (2, 1-21) comprova a autoridade de sua pregação. E' o mesmo processo seguido nas duas Epístolas aos Coríntios. Êle se baseia na autoridade apostólica e divina com que transmitiu a doutrina pela tradição oral, sem aludir a escritos e documentos. Se estes fossem a única fonte de fé, êle deveria estribar-se exclusivamente nêles. Nota-se, pelo contrário, que êle só resume a doutrina que já lhes tinha ensinado oralmente, assim quanto à Eucaristia (1 Cor 11, 17-34) e à ressurreição: "Eu vos lembro, irmãos, o Evangelho que vos preguei, o qual também recebestes, e no qual estais firmes. E pelo qual sois salvos, se todavia o conservais como vo-lo preguei, salvo se crestes em vão. Porque eu vos entreguei primeiramente o que havia recebido..." (1 Cor 15, 1-3). Na Epístola segunda aos Tessalonicenses repetidas vezes alude à doutrina que transmitiu oralmente. Admira-se de que tenha sido esquecida a ponto de não tirarem dela as consequências que as condições exigem: "Não vos lembrais de que vos dizia estas coisas, quando estava ainda convosco?" (2 Tess 2, 5). O resumo ligeiro de doutrina feito nestas epístolas é uma repetição sumária da Tradição oral que de forma alguma pode ser substituída como fonte de fé verdadeira e divina.

Também São João nas suas epístolas alude à pregação oral feita às igrejas por êle fundadas, dizendo que lhes escreve para completar sua alegria (1 Jo 1, 1-4) e ao depois gravemente adverte: "O que ouvistes desde o princípio, permaneça em vós. Se permanecer em vós o que ouvistes desde o princípio, permanecereis também vós no Filho e no Pai" (1 Jo 2, 24; cf. 2 Jo, 6). Na segunda e terceira epístolas que são muito curtinhas, São João diz expressamente que prefere

"falar face a face" a escrever em papel "com tinta e pena" (2 Jo 12 e 3 Jo 13).

Em todas essas passagens transparece claramente a importância relevante que davam à transmissão oral da revelação, à Tradição apostólica. Mal aludem a escritos do Novo Testamento. *São Lucas, nos Atos dos Apóstolos,* do começo até o fim nos mostra que as Igrejas são fundadas pela transmissão oral das verdades reveladas. E em parte alguma vemos os apóstolos entregar documentos escritos às Igrejas a fim de testemunhar a fé. O que fazem é pregar, nomear testemunhas idôneas a quem transmitem pela imposição das mãos os poderes transmissíveis do apostolado doutrinal na medida que julgam conveniente, impondo a estas testemunhas o dever de passar adiante, pura e límpida, a Tradição apostólica.

c) *Os Evangelhos não pretendem ser completos*

Nem os próprios *Evangelhos* que se apresentam como escritos mais independentes de alguma ocasião especial, revelam nenhuma pretensão de expor a doutrina completa da revelação de Cristo. Pelo simples fato de sua multiplicidade e pelas numerosas doutrinas que a êles acrescem depois nas Epístolas, Paulinas e Católicas, evidenciam-se como incompletos.

São João afirma explìcitamente, no final do seu Evangelho, tratar-se apenas de uma resumida resenha de palavras e feitos de Nosso Senhor, muito distante de ser completa: "Em verdade, ainda outros muitos sinais fez Jesus, na presença de seus discípulos, que não estão escritos neste livro" (Jo 20, 30). "Há, porém, ainda muitas outras coisas que

Jesus fez, se elas fossem escritas uma por uma, cuido que nem o próprio mundo poderia conter os livros que deveriam ser escritos" (Jo 21, 25).

d) *Os três "sinópticos" são resumos da catequese oral escritos para determinado fim*

Os Evangelhos de São Mateus, São Marcos e São Lucas, segundo o testemunho de Santo Irineu, oferecem uma recordação da catequese apostólica, mas todos escolhem o assunto com uma finalidade particular. São Mateus escreve a primeira apologia cristã, provando aos judeus que Jesus é o verdadeiro Messias e que por causa da incredulidade do povo eleito, o reino de Deus passa aos gentios. São Marcos fez uma recordação da catequese de São Pedro com o fito especial de provar aos pagãos a divindade de Cristo. São Lucas, companheiro de São Paulo, e que não conheceu a Jesus, baseia-se nos testemunhos orais e escritos que lhe foram acessíveis.

A comparação destes três Evangelhos chamados "*sinópticos*", apresenta um problema todo peculiar. Na estrutura, no plano geral e nas diversas partes mostram semelhanças inegáveis de modo que fazem supor à primeira vista uma mútua dependência. De outro lado, porém, há diferenças tão consideráveis que excluem a hipótese de um ter copiado de outro.

A escola exegética, denominada "Formgeschichte", talvez a mais moderna, formada por racionalistas protestantes, procura compreender êste fenômeno pelo estudo da forma literária que se teria originado precisamente por um determinado método de tradição oral em uso entre os rabinos judaicos daquele tempo. Êles não escreviam as suas doutrinas, mas

procuravam gravá-las na memória dos alunos pela tradição oral, usando de certas técnicas de associação de palavras e idéias que serviam de lembretes. Nos Evangelhos de fato podemos observar processos semelhantes — e estudos recentes confirmam sempre mais esta observação. Os exegetas desta escola partem do fato de que entre a morte de Jesus e a redação do primeiro Evangelho escrito, no mínimo se entrepõe o espaço de 30 anos. Pretendem então estudar esta tradição pré-evangélica por meio das formas literárias, considerando o próprio Evangelho como fruto da tradição fixada pela comunidade. A fonte comum dos três sinópticos seria, portanto, a forma da tradição oral que explicaria ao mesmo tempo a semelhança como a diferença nos diversos textos. Reconhecem abertamente que foi um erro da reforma protestante esquecer-se do fato de que a tradição precedeu a Escritura.

É pena que caíram em novo erro, atribuindo à comunidade uma função criadora de doutrinas e lendas. Todo o Novo Testamento, no entanto, protesta contra semelhante imputação. Pois são os apóstolos, enviados de Cristo, ou posteriormente os enviados pelos apóstolos em nome de Cristo que, assistidos pelo Espírito Santo, foram as testemunhas responsáveis pela doutrina recebida do divino Mestre. Ainda que a forma pudesse variar, não podiam tolerar a mínima falsificação do depósito de fé. Límpida e pura êles tinham que transmitir a doutrina de Cristo às almas vivas que compunham a Igreja santa. Como, por exemplo, São João, o discípulo de amor, se torna duro como aço, quando se trata de defender a pureza da doutrina! Cf. Jo 2, 9-11: "Todo o que se apartar e não permanecer na doutrina de Cristo, não tem a Deus; o que permanecer na doutrina, êste tem o Pai e o Filho. Se alguém vier a vós e não trouxer esta doutrina, não

o recebais em vossa casa, nem o saudeis. Porque quem o saudar toma parte em suas obras más".

e) *Conclusão*

Êste depósito da fé, transmitido pela pregação oral, garantida pelo Espírito Santo, é a fonte primária da fé cristã instituída expressamente por Jesus Cristo, usada e defendida pelos apóstolos. *É o que chamamos tradição oral divino-apostólica.* Esta fonte de revelação é anterior à Escritura do Novo Testamento. Nos primeiros decênios da Igreja primitiva foi ela a única existente e plenamente suficiente para nos transmitir a plenitude da verdade de Cristo.

Com esta conclusão respondemos à pergunta formulada no título do nosso tema: *A Bíblia não é a única fonte de revelação, nem a fonte primária.*

3) SÓ A TRADIÇÃO ORAL GARANTE A INSPIRAÇÃO DO NOVO TESTAMENTO

a) *Diferença entre um escrito de tradição apostólica e um livro inspirado*

A nossa resposta parece puramente negativa com respeito à Bíblia; contém, entretanto, uma importante asserção afirmativa que supusemos desde o começo: *A Bíblia é verdadeira fonte de revelação. O que nós negamos é sòmente de ser ela a única ou a primária.*

O mero fato de que os escritos canônicos do Novo Testamento têm como autores ou a um apóstolo ou algum discí-

pulo e companheiro apostólico como São Marcos e São Lucas, daria a êles uma autoridade peculiar dentro da tradição divino-apostólica. Pois os apóstolos ou os seus discípulos seriam as testemunhas imediatas do depósito da fé transmitido pela sua pregação oral. E os seus escritos seriam monumentos dêste testemunho. E' neste sentido que poderíamos interpretar a exortação de São Paulo na 2.ª epístola aos Tessalonicenses: "*Assim, pois, irmãos, estai firmes e conservai as tradições que aprendestes, seja por palavra, seja por carta nossa*". Mas, quando falamos da S. Escritura do Antigo e Novo Testamento, a fé cristã afirma muito mais. Êstes livros sagrados não sòmente contêm a doutrina revelada, mas são positivamente inspirados por Deus.

O dogma da inspiração nos dá certeza sôbre um influxo divino tal que torna os autores humanos instrumentos divinos e o próprio Deus verdadeiro autor principal, plenamente responsável por toda redação desses livros. A palavra bíblica apesar de que tenha a forma humana, condicionada pelo individualismo do instrumento humano, uma forma humana, condicionada ainda pelo tempo e o meio social em que vivem os leitores a que se destina o respectivo escrito — esta palavra bíblica, porém, não é mera palavra humana, é palavra verdadeiramente divina. Podemos dizer que foi Deus que escreveu esta palavra aos homens.

E agora focalizemos bem a diferença de um suposto monumento escrito da tradição divino-apostólica. Se os apóstolos por sua autoridade recebida por Cristo resolvessem fixar num só escrito todo o depósito da fé, êles teriam certamente para isso a assistência do Espírito Santo que os preservava de todo erro, mas seriam êles os verdadeiros autores principais, responsáveis pelo que escreveriam. Não seria Deus quem escreveria todo aquêle livro, seria o apóstolo com uma assis-

tência negativa que impediria a falsificação e deturpação da doutrina. Por esta comparação fica bem claro que a Escritura, apesar de não ser única nem à primária fonte de revelação no Novo Testamento, ela possui uma autoridade superior à tradição neste sentido, porque só ela contém a palavra positivamente inspirada por Deus. Mas donde nos provém a revelação desse dogma da inspiração da Escritura? Pois é só Deus quem nos sabe dizer, se Êle exerceu no escrito sacro aquêle influxo positivo, assumindo toda a autoria principal e plena responsabilidade pela redação do livro. Ninguém pode supor êste fato sem revelação.

b) *A Igreja Católica defende a Bíblia pela tradição*

Para os livros do Antigo Testamento não pode haver dúvida, porque Cristo e os apóstolos reconhecem para êles o dogma da inspiração divina reconhecido entre todos os judeus. Mas os escritos do Novo Testamento também terão esta mesma autoria divina? E aqui devemos ressaltar que não há nenhum texto bíblico que nos revele a inspiração dos escritos do Novo Testamento. Há uma referência muito vaga da segunda epístola de São Pedro às cartas de São Paulo, comparando-as com "as demais escrituras" (2 Pdr 3, 16). Mas nada daí se pode provar. E como saberíamos qual é o cânon completo, isto é, a lista dos livros inspirados por Deus? E' só a tradição oral divino-apostólica que nos dá a certeza de fé sôbre êste dogma básico da Escritura do Novo Testamento. Foi esta primária fonte de revelação que depôs nas mãos da Igreja o tesouro da palavra inspirada — e foi com tamanha unanimidade e certeza, que a reforma protestante não duvidou em adotar esse dogma como seu fundamento inconcusso.

Por uma triste ironia, porém, que só se explica por uma cega oposição contra a autoridade da Igreja de Cristo, o Pro-

testantismo quis sentar-se num galho que êle mesmo acabava de cortar. O princípio protestante da "Sola Scriptura" está completamente no ar. Não admira, pois, que por uma consequência lógica, os pensadores mais coerentes fossem levados ao puro racionalismo, isto é, à negação total de toda a revelação, de todo o sobrenatural, de toda a fé. A Igreja Católica, ao contrário, defende e sempre defenderá a autoridade divina da palavra inspirada na Escritura, precisamente pela Tradição. Foi um grave equívoco pensar que a Igreja não apreciasse a Escritura. Como ela poderia não amar a palavra do próprio Deus? Assim como o Verbo se fez carne em Cristo Jesus, tornando-se semelhante a nós homens em tudo, exceto o pecado, como diz a Epístola aos Hebreus (4, 15s), assim na Escritura possuímos uma encarnação da palavra divina, feita semelhante em tudo à palavra humana, exceto no erro. A Escritura, entretanto, é letra morta sem a palavra viva do magistério apostólico instituído por Cristo que deverá interpretá-la autênticamente e defendê-la de todo abuso. Em verdade, a Escritura não é senão um monumento divino do depósito da fé entregue à Igreja pela Tradição oral.

CONCLUSÃO FINAL: A IGREJA CATÓLICA PROMOVE A EXPLICAÇÃO E O CONHECIMENTO DA VERDADE DE CRISTO

Diz Nosso Senhor no Evangelho que o pai de família tira de seu tesouro coisas novas e velhas. Assim a Igreja descobre sempre novas riquezas, isto é, ela promove um novo conhecimento, levando a uma compreensão mais nítida de verdades velhas; mas nunca poderá propor à fé dos cristãos

o que não esteja nessas duas fontes de revelação: a Escritura e a Tradição.

O desenvolvimento incessante na compreensão e explicação da verdade divina levada às suas últimas consequências teoréticas e práticas, debaixo da ação do Espírito Santo, na definição de novos dogmas de fé que são verdades velhas mais bem compreendidas e explicadas — é a melhor prova de vigor e de vida. Nosso Senhor comparou o reino de Deus com "um grão de mostarda, a menor das sementes, que um homem tomou e semeou no seu campo. Depois de crescido é a maior de todas as hortaliças, e faz-se árvore, de sorte que as aves do céu vêm habitar nos seus ramos" (Mt 13, 31-32). Eis um quadro magnífico da Igreja Católica, isto é, *Universal*, que cresceu desta sementinha semeada por Cristo e os apóstolos — e hoje estende os seus ramos poderosos entre tôdas as nações. Quem haveria de reconhecer esta árvore majestosa naquela semente apostólica? E no entanto, é a mesma vida, a mesma verdade divina: no tempo de Cristo e os apóstolos como na era das catacumbas, no século de Santo Agostinho como no tempo dos escolásticos, no Concílio de Trento como no Concílio do Vaticano. E' só a verdade cada vez mais bem conhecida e explicada. E esta árvore da vida há de crescer e desenvolver-se sem cessar até o fim dos séculos. Poderão vir as chuvas e os vendavais. Ela criará com isso raízes mais fortes e firmes e estenderá ainda mais os seus ramos. A vida divina da Igreja, assim como não admite a corrupção do erro também não tolera a estagnação da morte.

No meio da confusão moderna, no meio das perseguições e heresias, o católico tem um sentimento de absoluta segurança, enquanto seguir a sua Igreja, por causa das promessas de Cristo: "Eu estarei convosco até a consumação dos sé-

culos". "Eu rogarei ao Pai e êle vos dará um outro Paráclito, para que fique eternamente convosco o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber". E enfim por causa da promessa dada à Igreja de Pedro: "As portas do inferno não prevalecerão contra ela". Cristo está conosco e o Espírito da verdade, para defender o depósito da fé que nos foi dado na Escritura e na Tradição. O "Fiel e Verdadeiro" montado no Cavalo branco do Apocalipse luta contra o dragão infernal, a fera perseguidora do mundo e o falso profeta das heresias, e nos levará ao triunfo eterno da Jerusalém celeste.

A LEITURA E A MEDITAÇÃO DA BÍBLIA

"Nas palavras das Escrituras está o Senhor".

S. Atanásio (1)

Não raro se ouve dos fiéis o lamento angustioso de que *não sabem rezar*. Muito o quiseram, sim; mas nunca o conseguiram satisfatòriamente; a sua piedade não passa da intenção reta de unir-se a Deus; intenção, porém, que se revela de todo impotente se a querem atuar num colóquio com Deus; ajoelham-se em atitude de oração, mas não se sabem entreter nesse estado; logo uma multidão de recordações sobrevém à mente, tal modo que, em breve, o cris-

(1) Epistola ad Marcellinum 33 PG 27, 45.

tão julga todo o seu afeto frustrado. Com uma criatura amiga (talvez com seu cãozinho) poderia fàcilmente conversar e crescer na amizade; com Deus, porém, o mais fiel e desejável dos amigos, não o consegue!

Esta queixa, tão comum e sentida, bem merece a atenção do teólogo e do pastor de almas. A vida de oração não pode ser privilégio de poucos; considerando o quanto Deus tem dado aos homens no decorrer dos séculos, afirmaremos de antemão que o Senhor ainda hoje quer conceder a todos as graças da oração (1); antes, as quer conceder com mais plenitude ainda do que o homem as quer receber (2). — Sendo assim, as páginas que se seguem propõem-se recordar alguns elementos que a tradição costumava apontar como fontes onde Deus depositou, para nosso uso, os tesouros da vida de oração.

I

O homem é, por si, mudo diante de Deus, impotente para rezar.

A origem dêste mal se apresenta remota, mas evidente.

A revelação ensina que Deus, desde tôda a eternidade, pronuncia uma Palavra na qual põe tôda a sua Sabedoria e Perfeição, de tal modo que ela é a expressão e imagem adequada de quem a profere; é mesmo tão adequada que constitui uma Pessoa igual a quem a pronuncia; é a segunda Pes-

---

(1) "Deus que nem o próprio Filho poupou, mas o entregou por todos nós, como não nos terá dado tudo com Êle?" (Rom 8, 32).

(2) Cf. a coleta do domingo XI após Pentecostes:
"Deus onipotente e eterno, que, pela abundância da vossa bondade, excedeis os méritos e os desejos dos suplicantes,..."

soa da Ssma. Trindade, *o Verbo ou Filho* do Pai Eterno. Nesta Palavra o Pai contempla o tesouro infinito de sua Perfeição; em conseqüência, nela deposita tôda a sua complacência, de tal modo que do Pai e da sua Palavra procede o *Amor*. Êste Amor constitui também êle uma Pessoa, que é igual às duas primeiras, pois se estende a tôdas as perfeições do Pai expressas no Verbo; abrange e contém a tôdas.

Ora Deus, querendo comunicar fora de Si algo de seus atributos, decretou criar o homem. Êste, como animal racional, seria imagem e semelhança de Deus; o que quer dizer: teria o poder de exprimir, também êle, as perfeições do seu íntimo, a faculdade de falar. Mas claro está que o uso dessa faculdade se deveria modelar pela Palavra de Deus; a palavra do homem, configurando-se à do Pai — e sòmente assim —, seria agradável a Deus.

Aconteceu, porém, que o homem fez mau uso da sua dignidade de imagem do Criador; quis ser como Deus, sim (1), mas rejeitando o próprio Deus a sua Palavra boa, violou o preceito do Pai no paraiso, e dêste foi expulso. Em conseqüência, compreende-se que atualmente o homem (enquanto filho do protoparente transgressor) não tem mais palavra agradável que êle faça subir aos Céus; sem a Palavra na qual o Pai põe tôdas as suas complacências, como poderá falar a Deus? O homem, após o pecado original, é, pois, espontâneamente mudo em presença do Altíssimo, quando não comete o pior crime de negar o Criador, tende por si ao silêncio

---

(1) Cf. Gen 3, 5: "No dia em que comerdes (do fruto proibido), vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus".

e ao temor diante da Majestade do Senhor (1). É mesmo preciso dizer mais: o homem, depois da desordem original, tem seus pensamentos e palavras norteados por uma regra que tende a contrariar a Palavra Divina; quando mais não seja, a sua mente inclina-se para as coisas inferiores, e não encontra prazer nas do alto, em Deus, o Invisível, Imaterial.

Assim se explica bem a dificuldade referida, dificuldade mesmo de fiéis cristãos: embora êstes, pelo batismo, tenham sido purificados da nódoa do pecado original, continuam a sofrer as conseqüências dêste; a natureza, muda diante de Deus e tendente para as coisas inferiores, nêles (em todos nós) ainda se atua, quando, por efeito da graça do seu batismo, gostariam de erguer-se para Deus na oração (2).

Esta verificação, porém, não deve ser o ponto final, triste conclusão de uma observação da história. Não; dêste estado de coisas Deus quis fazer um ponto de partida, quis sôbre êle construir.

De fato, o Pai não permitiu que o homem ficasse eternamente mudo, avêsso aos pensamentos e ao Verbo Divinos. Quis restituir-lhe a Palavra que êle outrora, em sua fraqueza de criatura, rejeitara. Na plenitude dos tempos, pois, man-

---

(1) Disto é testemunho a praxe adotada por vêzes em assembléias que se dizem não-confessionais: observam "um minuto de silêncio", quando querem protestar que reconhecem o Transcendente ou Superior.

(2) De resto, já se observou que alguns fiéis, com ótimas disposições, desejosos de união com Deus, vão receber a S. Comunhão. Procuram o meio que sabem ser o mais apto possível para realizar o seu intento. Todavia, uma vez recebida a S. Eucaristia, não se sabem entreter com o Senhor; e, mal terminada a Missa, retiram-se da igreja, não por necessidade de horário, mas ùnicamente porque não concebem as idéias e palavras pelas quais se entretenham em oração.

dou ao mundo seu Verbo feito carne; foi o Redentor, que restaurou o homem, elevando-o a uma dignidade ainda superior à que perdera. Mas, já antes da Encarnação, o Verbo de Deus se dignou baixar à terra, feito não carne, mas palavra humana; é a palavra que Deus se dignou inspirar nas Escrituras Sagradas, das quais as primeiras foram compostas por volta de 1500 a. C. e as últimas datam do fim do século 1.º d. C. . Nessas Escrituras, justamente por serem inspiradas, estão pensamentos de Deus como se fossem pensados e expressos por um autor meramente humano, judeu, a fim de que o homem encontre de novo as idéias e palavras agradáveis para vencer o seu mutismo e falar ao Pai, para erguer a Deus e às coisas supernas a sua mente mergulhada na matéria (1).

---

(1) Muito significativas são as palavras de S. Agostinho:

"Lá (no céu) estão todos os justos e santos, que se deleitam da Palavra de Deus sem leitura, sem textos; pois **o que para nós foi escrito em páginas, êles o contemplam na face de Deus.** Que pátria! Grande pátria, e míseros são os que peregrinam fora daquela pátria" (In págs. 119, 6 PL 37, 1602.

"Desejamos louvar o Senhor convosco;... bom é procurarmos o caminho do louvor na Escritura de Deus, para que não nos afastemos da reta via, nem para a direita nem para a esquerda. Ouso dizer à Vossa Caridade: **para que Deus seja bem louvado pelo homem, Deus mesmo louvou a Si; e, porque Êle se dignou louvar-Se, por isto sabe o homem como louvá-Lo.** Pois não se pode dizer de Deus o que foi dito ao homem: "Não te louve a tua bôca" (Prov 27, 2). Que o homem louve a si mesmo, é arrogância; que Deus Se louve, é misericórdia" (In ps 141, 1 PL 37, 1869).

Eis mais dois textos de S. Agostinho:

"Ille solus est ineffabilis, qui dixit, et facta sunt omnia. Dixit et facti sumus: sed nos eum dicere non possumus. Verbum eius quo dicti sumus, Filius eius est: ut a nobis utcumque infirmis diceretur, factus est infirmus. Iubilationem pro verbo possumus dicere, verbum pro verbo non possumus" (in Ps 99, 6. PL 37, 1275).

"Vos Dei quolibet organo sonans, tamen vox Dei; neque enim delectat aures eius, nisi vox eius: nam et nos cum loquimur, tunc eum delectamus, cum ipse de nobis loquitur" (In Ps 99, 1 PL 37, 1271).

Com efeito, a Sagrada Escritura não tem um fim meramente documentário, científico, mas, assim como a Encarnação, também cada uma das páginas do Antigo e do Novo Testamento visa primàriamente o proveito espiritual do homem, mesmo do cristão do século 20; foi para unir a êste com Deus — e isto se faz pelas vias da oração — que o Verbo se fêz carne em Cristo e se fêz palavra humana na Bíblia.

Se assim é, bem se entende que, para as dificuldades que cada alma naturalmente ressente na oração, há um remédio que deve ser eficacíssimo, pois suscitado pelo próprio Deus: *o uso da Sagrada Escritura;* devemos mesmo dizer que êste é *o* remédio para se entrar e progredir no mundo da oração.

Aliás, já no início do cristianismo, S. Paulo verificava o fenômeno que ainda hoje se lamenta: não sabemos orar. Acrescentava, porém:

"Mas o Espírito vem em auxílio à nossa fraqueza...' o Espírito mesmo ora por nós com gemidos inenarráveis; e Aquêle que perscruta os corações, sabe quais são os desejos do Espírito, sabe que Êle ora conforme Deus em favor dos santos" (1).

S. Paulo parece referir-se aqui a um grau de oração muito elevado (2). Todavia o dito do Apóstolo se aplica já a qualquer das primeiras etapas da vida de oração (3); é sempre o Espírito Santo que geme no cristão, já que êste, entregue a si mesmo, é mudo.

---

(1) Rom 8, 26s.

(2) Cf. o Comentário de R. Cornely, Epistola ad Romanos. Parisiis 1896.

(3) Cf. J. Huby, Epître aux Romains. Paris 1940, 304.

E como se processa essa oração do Espírito em nós?

A nossa prece, o Espírito a pode suscitar por inspirações pessoais, provocando interiormente a devoção da alma; esta, então, com prazer demora-se em colóquio com Deus. Há casos, porém, em que o Espírito não procede dessa forma direta, secreta. O fiel é, então, induzido a julgar que não pode rezar, que a oração é algo de extraordinário, reservado para os momentos em que Deus suscita o fervor; em consequência, deixa o oratório e entrega-se a uma obra prática, aguardando uma hipotética inspiração do Espírito no futuro. Eis, porém, que pensar e agir desta forma é abrir mão da vida de oração. O cristão, nesses casos, dispõe de uma inspiração universal e constante para rezar: possui a S. Escritura, que o Espírito Santo ditou uma vez a fim de que, em todos os tempos e todos os homens, ela fôsse a palavra boa que a criatura fizesse regorgitar para Deus. Portanto, assaltado pelas distrações ou pela acedia durante o espaço de tempo que costuma consagrar à oração, o fiel não cederá ao mal, mas tomará a S. Escritura, e nela encontrará as palavras da sua prece, os gemidos do Espírito Santo; e, com a S. Bíblia nas mãos (digamos melhor: nos lábios e na mente), preencherá o seu tempo habitual de oração sem o diminuir de um só momento.

II

É mister, porém, precisarmos um pouco mais o pensamento.

Talvez se diga que não é qualquer livro ou página da Sagrada Escritura, que, embora lido e relido, se presta a elevar a alma a Deus durante certo espaço de tempo.

Em verdade, não se pode negar que as longas genealogias, algumas narrativas de sabor oriental, mais dificilmente do que outros textos bíblicos, preenchem o dito fim (embora não deixem de contribuir também elas). Há, porém, um livro da S. Escritura apto a ser, por excelência, o livro de oração do cristão: é o *Saltério.* Fixemos um pouco a nossa atenção sôbre êste.

O Saltério ou compêndio de 150 cânticos de oração em uso no Antigo Testamento continuou a ser muito estimado e repetido na Igreja Antiga (1). — Os escritos dos Padres exporão algumas das razões da particular estima que os cristãos consagravam aos salmos.

Vários autores da tradição apontam um dos principais títulos de excelência do Saltério no fato de que êste constitui um *compêndio de tôda a Escritura Sagrada.* — Com efeito, esta consta de livros históricos (que narram o passado, principalmente a existência do povo de Israel), didáticos (que ensinam a sabedoria da vida ou louvam os planos de Deus

---

(1) "Na aldeia de Cristo (Belém) há plena rusticidade, e, fora dos salmos, reina o silêncio. Em qualquer parte para onde te voltes, o lavrador, dirigindo o arado, canta o Aleluia; o ceifador, em meio ao suor, se estimula com os salmos; e o vinhateiro, enquanto poda a vinha com a foice curva, canta algo de Davi" (S. Jerônimo, ep. 46, 11 PL 22, 491).

"O salmo é cantado pelos Imperadores, executado com júbilo pelo povo. Cada qual se empenha por proferir o (salmo) que a todos aproveita. Nas casas canta-se o salmo; fora de casa refere-se o que há no salmo. Ouve-se o salmo sem cansaço; conserva-se na memória com deleite. O salmo une os dissidentes, consocia os discordantes, reconcilia os ofendidos" (S. Ambrósio, In ps 1, 9 PL 14, 968).

Sidônio Apolinário (ep. 10 PL 58, 488) e S. Agostinho referem que os remadores, para trabalharem em ritmo, faziam ressoar até a beira-mar o cânto do Aleluia. Cf. Wagner, Histoire du chant grégorien 43.

sábio), e proféticos (que anunciam o Messias). Ora também nos salmos são resumidamente narradas a criação do mundo e a história do povo de Deus em suas principais fases (Sl 8. 77. 103. 104. 134. 135); os salmos propõem preceitos morais, regras sapienciais (Sl 32. 36. 118...); os salmos contêm também profecias relativas ao Messias, à sua vinda, à sua paixão, ao seu triunfo neste mundo e na glória futura (Sl 2. 15. 21. 44. 68. 71. 109...) (1). Mas, inculca S. Atanásio (2), os salmos não sòmente contêm o que os outros livros da S. Escritura propõem; êles o contêm como palavra imediatamente aplicada a nós, formulada para nós, ou seja, como oração que o Espírito de Deus redigiu e coloca em nossos lábios.

De fato, dizíamos que tudo aquilo que o Senhor inspirou na S. Escritura, não visa apenas instruir-nos a respeito da história, passada ou futura, mas quer primàriamente fomentar a nossa união com Deus. Eis, porém, que nos livros históricos, assim como nos didáticos e proféticos, da Bíblia, lemos apenas a descrição de acontecimentos, visões, ou a enunciação de preceitos, ficando a cada um de nós a tarefa de procurar elevar a alma a Deus mediante a leitura de tais textos; é-nos necessário, excitando a inteligência e o afeto, fazer de uma passagem do Pentateuco ou de Isaias profeta matéria de unir-nos a Deus (pela expressão de nossa adoração, de

---

(1) Cf. S. Basílio, hom. in ps 1, 1 PG 29, 209, 209-12; S. Atanásio, ep. ad Marcellinum 10 PG 27, 19-22; S. Roberto Belarmino, Enarr. in psalmos, Praef., ed. Galdos. Romae 1931. XLI. XLV.

(2) O testemunho de Atanásio tem particular importância, pois o S. Doutor, no início do opúsculo citado, diz referir sentenças que ouviu de um ancião, sentenças, portanto, que podemos admitir fôssem um depósito antigo já nos primeiros séculos.

nosso amor, de nossa súplica); essa tarefa é, não raro, difícil e pouco fecunda, porque o espírito, por cansaço ou distração, a ela não está disposto. Ora, como remédio a isto, o Saltério tem a singular vantagem de apresentar-nos a mesma matéria qual oração já formulada; os salmos foram especialmente redigidos para ser louvor ou prece a Deus; a sua linguagem, portanto, não é mais impessoal (didática, histórica ou profética) como nos outros livros da Bíblia, mas no Saltério há geralmente um *eu* (ou um *nós*) que fala a um *Tu* Divino, exprimindo-lhe os seus afetos a respeito de tudo o que o homem conhece e experimenta na história (1). Sendo assim, grande parte do trabalho necessário para o aproveitamento da Escritura na vida de oração já se encontra feita no Saltério; resta apenas a cada cristão identificar-se com o *eu*, encontrar-se a si mesmo no *eu* ou no *nós* que fala no salmo (2).

Compêndio de tôda a Escritura redigido como oração do Espírito Santo em nós — eis, portanto, um dos primeiros títulos de excelência do Saltério, conforme a tradição.

---

(1) Ou, quando isto não se verifica, há muitas vêzes, no saltério, uma alocução direta de Deus ao homem.

(2) "O livro dos salmos tem um dom singular, que merece a nossa atenção... Nos outros livros ouve-se apenas a lei, a qual preceitua o que é preciso fazer; o que é preciso evitar; ouvem-se as profecias, pelas quais só se fica sabendo que virá o Salvador; ouve-se a história, pela qual se pode conhecer o que fizeram os reis e os santos. No livro dos salmos, porém, além de ficar conhecendo o que é narrado, cada qual considera e aprende (quais devam ser) os movimentos (afetos) de sua alma, de modo que, para o futuro, poderá dêste livro haurir as suas palavras por entre as tribulações e angústias. Por exemplo, é-nos preceituada a contrição:... ora aí (nos salmos) é mostrado como nos devemos arrepender e o que é preciso dizer no arrependimento... Foi-nos preceituado dar graças a Deus em tudo (1 Tess 5, 18); ora os salmos ensinam o que devem dizer aquêles que dão graças. Nos outros livros ouvimos: "Todos aquêles que querem viver piedosamente em Cristo, sofrerão perseguição (2 Tim 3, 12); ora nos

Os Padres apresentavam ainda outra prerrogativa dos Salmos.

O Cristo, diz S. Atanásio, veio ao mundo ensinar aos homens a vida perfeita. E quis ensiná-la não sòmente por suas palavras, mas também por suas ações e sua conduta; levou num corpo semelhante ao nosso existência semelhante à de um mortal, com seus padecimentos, suas fraquezas físicas, suas alegrias; e, ao passar por essas diversas fases, o Mestre entregou-se ao Pai, isto é, praticou em sumo grau as virtudes (caridade, paciência, fortaleza, justiça, misericórdia) que a cada um de nós, posteriormente, seriam necessárias, quando atravessássemos as vicissitudes da nossa própria vida. O Cristo tornou-se assim modêlo consumado para cada qual de nós.

Ora, continua Atanásio, êsse modêlo, êsse exemplar da conduta do homem através das vicissitudes de sua peregrinação terrestre, o Cristo o quis deixar documentado no Saltério. Sim; êste foi inspirado no Antigo Testamento como profecia que fala do Messias (da sua vinda, da sua paixão, da sua glória); juntamente, porém, com a história futura, o Cristo quis que no Saltério ficassem consignados também todos os afetos (adoração, gratidão, temor, confiança, súplica) que lhe encheriam a alma nas diversas fases da vida. Ora, de fato, sabemos que o Cristo, vindo ao mundo aplicou a si as profe-

---

salmos aprendemos o que devemos dizer na fuga, quais as palavras que convém elevar a Deus durante a perseguição e uma vez libertados da mesma. Recebemos o preceito de bendizer e louvar a Deus: ora nos salmos vemos como é preciso bendizer a Deus e com que palavras o podemos louvar dignamente. E assim em tôdas as situações cada qual encontrará (no Saltério) os cânticos divinos que convêm a nós, aos afetos e estados de nossa alma" (S. Atanásio, ep. ad Marcellinum 10 PG 27, 19-22).

cias dos salmos (1), e, com as palavras dêstes, exprimiu a sua oração ao Pai; Jesus, antes de nós, rezou o Saltério (2). Com isto o Senhor conferiu aos salmos uma consagração especial para exprimirem os afetos do homem a Deus (3). Em

---

(1) Cf. Lc 24, 44: "Era necessário que se cumprisse tudo que a meu respeito está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e **nos salmos**".

Os Evangelistas narram que Jesus referiu a Si os seguintes versículos:

Sl 117, 22 s: "A pedra que os construtores rejeitaram, tornou-se pedra angular. Isto foi feito pelo Senhor, e é coisa admirável aos nossos olhos". Cf. Mt 21, 42.

Sl 109, 1: "O Senhor disse a meu Senhor: Senta-te à minha direita, até que faça dos teus inimigos o supedâneo de teus pés". Cf. Mt 22, 44 (aplicação indireta).

Sl 8, 3: "Da bôca das crianças e dos que ainda são amamentados, produzistes um louvor para Vós". Cf. Mt 21, 16.

Sl 117, 26: "Bendito o que vem em nome do Senhor", dirão os Judeus quando virem o Cristo em sua segunda vinda. Cf. Mt 23, 39.

(2) Explìcitamente referem os Evangelistas que Jesus rezou os seguintes textos:

"Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?" (Sl 21, 2). Cf. Mt 27, 46.

"Em vossas mãos entrego o meu espírito" (Sl 30, 6). Cf. Lc 23, 46.

Cf. Mt 26, 30: "Tendo dito o hino (isto é, o Hallel pascoal Sl 112-117), sairam".

Certamente ainda na Sinagoga, nas festas judaicas, por ocasião das peregrinações a Jerusalém, o Cristo rezou os salmos com os fiéis Judeus.

(3) "Ce livre, outre l'inspiration qui lui est commune avec tous les livres de l'Écriture, a donc eu le privilège d'être la prière même du Christ, et il est encore pour ainsi dire tout imprégné des sentiments mêmes de Jésus: il n'y a que l'oraison dominicale à quoi on puisse le comparer. On comprend que l'Église ait toujours cherché à s'unir aux pensées et aux affections du Fils de Dieu, en reprenant le Psautier comme sa principale prière" (E Pannier, Psaumes, Dictionnaire de la Bible V 833).

Eis o texto expressivo de S. Atanásio:

"Êste é de novo o dom do Salvador: fez-se homem por nós, entregou o seu próprio corpo à morte por causa de nós, para libertar da morte a todos. Querendo mostrar-nos o modo de viver

qualquer fase de vida em que o cristão agora se ache (na prosperidade ou na adversidade), encontrará formulados no Saltério os sentimentos que, em circunstâncias análogas, o Cristo nutria para com o Pai, e que êle, na qualidade de membro do Cristo, deve reproduzir em si mesmo (1); não há situação da vida humana que não encontre no Saltério a sua expressão adequada diante de Deus; o Saltério a transforma em oração (2).

---

celeste e agradável a Deus, êle o exprimiu em si mesmo, para que ninguém, mais tarde, caisse fàcilmente vítima das ilusões do inimigo, já que todos têm um penhor de segurança, isto é, a vitória que o Salvador por nós obteve contra o demônio. Por conseguinte, êle não só ensinou (oralmente), mas praticou o que ensinou, para que cada qual possa ouvir as suas palavras e, ao mesmo tempo, olhando como para um modêlo, dêle assuma o exemplar do que deve fazer... Ninguém encontrará mais perfeita escola de virtude do que aquela que o Senhor reproduziu em si mesmo. Nele cada um encontrará a tolerância das injúrias, o amor dos homens, a bondade, a fortaleza, a misericórdia, a justiça, tudo enfim, de modo que a quem contempla essa vida humana (de Cristo), nada falta para (aprender) a virtude... Entre os Gregos, os legisladores têm apenas o dom das palavras. O Senhor, porém,... não sòmente deu as leis, mas entregou-se como exemplar... Por isto, antes da sua vinda a nós, fêz, pelos salmos, ressoar o que êle realizaria; ora, tendo êle realizado em si mesmo o tipo do homem terrestre e o tipo do homem celeste, quem o quer, pode aprender dos salmos quais os sentimentos que deve nutrir em sua alma, e, além disto, pode encontrar nos mesmos a cura e a correção de cada um dos seus afetos" (ep. ad Marcellinum 13 PG 27, 24 s).

(1) Cf. Fil 2, 5. Significativas são também as palavras de S. Tomás, S. Teol. I 1, 10 c:

"Como diz o Apóstolo, a antiga Lei é figura da Nova Lei; e a Nova Lei mesma, como diz Dionisio, é figura da glória futura. **Na Nova Lei aquilo que se realizou na Cabeça (Cristo), é sinal do que nós devemos fazer**".

(2) "Julgo que nas palavras dêste livro (saltério) tôda a vida humana, os afetos da alma, os movimentos das cogitações estão contidos e descritos; e nada há no homem que aí não esteja expresso. Pois quer o homem sinta necessidade de se arrepender e confessar, quer a tribulação e a tentação o apreendam, quer seja perseguido, quer seja libertado de insídias, quer esteja

Assim, em qualquer cristão que reze os salmos, pode-se com razão dizer que o Cristo prolonga a oração que outrora em sua carne mortal êle dirigia ao Pai; o Espírito de Cristo geme nos membros do Cristo Místico como outrora gemia no Cristo Cabeça, servindo-se até das mesmas fórmulas (1). E, em grau máximo, dizemos que é o Cristo quem continua a sua oração em nós, quando são recitados os salmos e demais textos da prece que o Cristo Místico, a Igreja, diz ser sua oração oficial, isto é, quando é recitado o Ofício Divino (Breviário).

O Saltério nos coloca, portanto, em comunhão de oração com o Cristo Cabeça; emanando de nossos lábios, a nossa prece sobe *no Espírito Santo* (que inspira) *pelo Cristo* (nosso Pontífice) *até o Pai* (Princípio e Têrmo de todo o ser); as-

---

triste ou perturbado, quer sofra outra coisa dêste gênero,... ou, ainda, no caso de estar na prosperidade, enquanto o inimigo é aniquilado, no caso de querer louvar, agradecer ou bendizer ao Senhor, êle terá (sempre) o exemplar dêsses atos nos salmos divinos. Escolha, portanto, o que os salmos dizem em cada uma dessas situações, e profira-o como se fôsse escrito a respeito dêle mesmo; assim assimilando as disposições que o salmo inspiram, faça subir as palavras dos salmos ao Senhor" (S. Atanásio, ep. ad Marcellinum 30 PG 27, 41).

Veja-se nas edições do Saltério (entre as quais a de Pickel-Beltrão. S. Paulo 1947, 293-299) a tabela que apresenta salmos congruentes para as variadas circunstâncias da vida.

(1) Dentre muitos textos interessantes de S. Agostinho, vai aqui o seu comentário do Sl 69, 3:

"**Sejam confundidos e envergonhados os que buscam minha vida.** É Cristo quem o diz, seja que a Cabeça o diga, seja que o corpo o diga; é Êle quem o profere, Êle que disse: "Por que me persegues?" (At. 9, 4); é Êle quem o profere, Êle que disse: "Quando o fizestes a um dos meus mínimos, a mim o fizestes" (Mt 25, 40). É conhecida, portanto, a voz dêsse homem, dêsse homem todo, Cabeça e Corpo" (In Ps 69, 3 PL 35, 867).

sim a nossa oração participa mesmo do louvor que a *Palavra Boa* (Verbo Eterno) tributa *no Amor ao Pai* por tôda a eternidade (1).

Ainda na tradição encontra-se a idéia de que os salmos nos põem em comunhão de oração também com os cidadãos da pátria superna. Os Padres mencionam, em particular, a comunhão com os Anjos, os quais, longe do corpo e das coisas materiais, têm como ofício palmar o louvor de Deus, e a comunhão com os hagiógrafos: os salmos continuam a ser a oração dos autores que os cantaram pela primeira vez, e podemos estar certos de que êstes, no céu, se unem em especial solidariedade conosco na terra, tôdas as vêzes que repetimos as suas preces; donde a conclusão de S. Anastásio:

"Que cada qual recite e cante os salmos como foram proferidos..., a fim de que os homens santos que no-los compuseram como ministros (da inspiração divina), reconhecendo as suas palavras, orem conosco... Quanto mais digna é a vida dos Santos do que a dos outros homens, tanto mais preciosas e eficazes serão também as suas palavras do que as nossas; é o que se pode afirmar com razão. Por essas palavras êles agradaram a Deus, e, proferindo-as, como diz o Apóstolo, "venceram os reis, cumpriram a justiça, conseguiram as promessas, fecharam a guela dos leões, apagaram o poder do fogo, escaparam do gume da espada... (Hebr 11, 33-35). (2).

---

(1) À vista disto compreende-se bem que S. João Crisóstomo chame a oração um **mistério** (Mysterion) em nós (In Mt 19, 3 PG 57, 277).

(2) ep. ad Marcellinum 31 PG 27, 41-44.

Eis um aceno ao valor das palavras bíblicas como sacramental ou instrumento que Deus carregou de santidade a fim de santificar o leitor — tema de que se voltará a falar abaixo.

III

A Sagrada Escritura, em particular os Salmos, são a digna expressão vocal da nossa prece, dizíamos até aqui, conforme a tradição. — Os Padres ainda conheciam outra aplicação da Bíblia na vida de oração, que é mister mencionar agora.

Os antigos monges davam grande importância àquilo que talvez se possa chamar a "chave do recolhimento". Tendo em vista as muitas distrações que ocorrem à mente durante o dia de labuta, ameaçando dissipá-la por completo, procuravam ardorosamente um remédio para êsse perigo. Encontraram-no no expediente seguinte: escolhiam uma sentença dos salmos ou da Sagrada Escritura, que êles se propunham repetir e "ruminar" mentalmente durante o trabalho manual ou nos intervalos do trabalho mental; essa sentença seria carregada de um pensamento profundo, apto a impressionar o espírito e recordar-lhe o sentido dos seus afazeres à luz da eternidade; impediria assim a alma de atribuir demasiada importância aos cuidados terrestres em detrimento do único necessário; chamaria eficazmente o espírito a Deus cada vez que estivesse para se desviar dêle (1).

---

(1) Eis o que dois jovens discípulos pediam ao Abade Isaac: ..."Como guardar continuamente (a recordação de Deus), coisa que não duvidamos ser o cume de tôda a perfeição. Por isto desejamos nos seja indicada uma fórmula que nos faça pensar em Deus e nos conserve constantemente nesse pensamento; tendo

Uma das frases mais em voga entre os monges, para alcançarem tal fim, era o versículo do Sl 69, 2; "Deus, vinde em meu auxílio; Senhor, apressai-Vos em socorrer-me". Estas palavras lembravam compendiosamente ao orante tôda a debilidade humana, a vaidade dos seus interêsses, a Soberania Onipotente de Deus, a quem se dirigia (1).

Tomamos a liberdade de acrescentar outros versículos da Escritura, que parecem concorrer para o mesmo fim:

"*Senhor, mostrai-nos o Pai, e basta-nos*" (palavras do Apóstolo S. Felipe em Jo 14, 8).

---

essa fórmula ante os olhos, possuiremos algo a que recorreremos para reavivar em nós a recordação de Deus tôdas as vêzes que dessa idéia nos sentirmos afastados; poderemos ressuscitar êste pensamento sem demora e sem os tateios da demora. Acontece às vêzes que nos afastamos da contemplação das coisas espirituais e caimos num sopor mórbido; ora, quando despertamos dêsse sopor e tomamos consciência de nós mesmos, procuramos uma idéia que excite de novo em nós a recordação das coisas espirituais sufocada; todavia, enquanto assim nos demoramos e atrasamos na procura, antes que encontremos, sucede que a nossa tentativa de nos elevar é de novo frustrada; antes de chegarmos a conceber um pensamento espiritual, a intenção de nosso coração já está mais uma vez dissipada. A causa desta derrota é certamente o fato de que não temos algo de preciso como uma fórmula, que guardássemos continuamente ante os olhos, fórmula à qual possa de novo ser chamada a nossa atenção depois de muitas quedas e divagações, fórmula que faça a mente entrar como que no pôrto tranquilo depois de longos naufrágios. Assim acontece que, entravada pela ignorância de uma fórmula e a dificuldade de a encontrar, a mente é atirada sempre errante e como que ébria, de objeto em objeto; e, mesmo que lhe ocorra a recordação de algo de espiritual (o que se daria mais por acaso do que por indústria), não a sabe reter longa e firmemente; enquanto o nosso espírito divaga de pensamento em pensamento, assim como não percebe o advento e o início das suas idéias, também não nota o fim e o esvanecimento das mesmas" (Cassiano, col. 10, 8 PL 49, 829 s).

(1) Cf. Revista do Clero 5 (1948) 401.

Esta sentença recorda bem o único necessário por entre os muitos labores da vida. Cada um dêstes, conforme o plano de Deus, quer ser meio de ascensão para chegarmos a ver o Pai. A repetição e consideração assíduas dêste versículo, que é ao mesmo tempo uma prece, estabelecerão equilíbrio nos movimentos da natureza: o fiel nunca excederá os limites do apêgo às coisas dêste mundo, se em tudo conservar consciência de que só age para ver o Pai (1).

"*Senhor, tu sabes tudo, sabes que eu te amo!*" (Jo 21, 17).

Estas palavras de S. Pedro servirão de subsídio principalmente nos momentos em que a consciência da própria imperfeição desanima a alma e parece criar uma barreira intransponível entre ela e Deus. — O Apóstolo, tendo três vêzes renegado o Senhor, é três vêzes interrogado por Cristo: "Amas-me?". Pedro por duas vêzes afirma o seu amor; mas o Mestre não parece crer ainda, já que o amor de Pedro não pode apelar para alguma demonstração positiva, antes se deixou vencer por uma tríplice negação. Por isto Pedro, na terceira resposta, apela ao menos para a ciência infinita do Mestre; esta penetrava além das obras exteriores de Pedro, perscrutava a sua intenção íntima de amar sinceramente o Senhor: "Senhor, embora os meus feitos visíveis te reneguem, tu conheces o profundo de minha alma, a qual, apesar de tôda a debilidade, te quer amar". — Enquanto o cristão

---

(1) Eis as admoestações de S. Jerônimo a discípulos seus: "Colhe os diversos frutos das Escrituras; usa dessas delícias; goza do íntimo contato com elas.... Nunca, de tuas mãos e de teus olhos, largues o livro. **Aprende o saltério de cor; ora sem cessar;** esteja a tua mente vigilante, não aberta aos vãos pensamentos... Ama a ciência das Escrituras, e não amarás os vícios da carne" (ep. 125, 7. 11 PL 22, 1076. 1078).

puder repetir sinceramente as palavras de S. Pedro e retemperar-se ao seu sôpro, êle se reerguerá e permanecerá na reta via, apesar das falhas em que tenha incorrido. Apelando para a Oniciência de Deus, que, passando além das obras, perscruta os corações, êle recuperará tôda a confiança necessária para voltar ao Senhor.

Ainda:

"Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem" (Rom 12, 21).

"Dizei, ó Deus, à minha alma: Eu sou a tua salvação" (Sl 34, 3).

"Meu coração vos falou, meus olhos vos procuraram; Senhor, procurarei a vossa face" (Sl 26, 8).

"Alegrei-me por aquilo que me foi dito: Iremos à casa do Senhor (Jerusalém celeste)" (Sl 121, 1).

"Minha alma, como uma terra sêca, suspira por vós" Sl 142, 6).

"Senhor, na simplicidade de meu coração ofereci tudo com alegria.... Deus de Israel, conservai esta vontade" (2 Par 29, 17 s).

"Que Vos digneis erguer as nossas mentes ao desejos celestes, nós Vo-lo pedimos, ouvi-nos" (Ladainha de todos os Santos).

Os Padres muito insistiam sôbre êsse contínuó "ruminar" da palavra de Deus. A fim de o promover eficazmente, aconselhavam uma indústria que ainda hoje está em vigor nas Ordens religiosas: *decorar* textos da Bíblia ou da oração da Igreja, a fim de que o espírito, a qualquer momento do dia

(numa oficina, num corredor ou num veículo), tenha sempre dentro de si um depósito ao qual possa recorrer para se retemperar e reerguer a Deus, quando não solicitado pelas obrigações do próprio trabalho. Êsse decorar é a aquisição de um tesouro precioso escondido num campo (Mt 13, 44), aquisição da palavra de Deus, que não perece nem deixa perecer, mas corrobora para a vida eterna aquêle que dela se alimenta (1).

Algumas considerações ainda porão em evidência quão valiosa é a prática referida (2).

Em tôda palavra há algo da mente, da vida íntima, de quem fala; há, em grau maior ou menor, uma personalidade que se expande e comunica. Quando dois homens conver-

---

(1) Mais concretamente:... se, ao ler o seu jornal, ao repreender um inferior, ao fazer uma despesa, ao tratar com um amigo — ocasiões — em que a paixão fàcilmente intervém — o cristão pedir a Cristo que só o faça para ver o Pai, e se se procurar nortear por esta prece.

"Quando a virgenzinha... chegar à idade de sete anos,... **aprenda de cor o saltério,** e, até os anos da puberdade, os livros de Salomão; faça dos Evangelhos, dos Apóstolos e dos Profetas o tesouro de seu coração" (ep. 128, 3 PL 22, 1098).

"Que um apanhado de flores das Escrituras te forneça diàriamente o seu tributo... Em vez de pérolas e sêda, ame (tua filha) os códices divinos... **Aprenda primeiro o saltério;** estimule-se com êstes cânticos... Passe para os Evangelhos, e nunca os largue de suas mãos" (ep. 107, 9. 12 PL 22, 875 s).

S. Antão († 356) assim procedia:

"Rezava continuamente, sabendo que é necessário que cada qual ore sòzinho sem interrupção. E de tal forma era atenta à leitura que não deixava cair por terra coisa alguma do que estava escrito; ao contrário, **tudo retinha em mente, de modo que a memória lhe fazia as vêzes dos livros"** (S. Atanásio, Vida de Antão 3 PG 26, 845).

(2) Valemo-nos aqui do artigo de G. Closen, De Sacra Scriptura et vita orationis Christianorum, em "Verbum Domini", Romae 22 (1942) 103-116.

sam muito um com o outro, acontece não raro que, no fim de certo tempo, um está influenciado, mudado pelo outro; raciocina e fala como êste; também quem muito lê as obras de um autor (Cícero, S. Tomás, Chesterton), quase sem o perceber, começa a pensar e exprimir-se como êste. A vida própria de um homem (com suas idéias e seus afetos), torna-se, pela palavra comunicada, em certo grau vida de outro homem; é por êste assimilada.

Ora algo de análogo se dá entre o homem e Deus.

As palavras da Escritura contêm o pensamento de Deus; antes, dizia S. Atanásio, "nas palavras da Escritura está o Senhor" (1); e S. Inácio de Antioquia: "Tomo refúgio no Evangelho como na carne de Cristo" (2). Sendo assim, a S. Escritura nos oferece uma comunhão com Deus que é análoga à comunhão eucarística (3). Pela leitura reverente do texto sacro, o pensamento de Deus é assimilado, torna-se pensamento do leitor, produz-se maravilhosa adaptação do homem a Deus (4); sem dúvida, a alma que regularmente se nutre dos textos da Escritura, estará cada vez mais imbuida da

---

(1) Pelo que S. Atanásio afirma no contexto: "Pela mera leitura das Escrituras afugentavam os demônios". A leitura da Bíblia era o exorcismo por excelência, pois "os demônios nesta viam o Senhor presente" (ep. ad Marcellinum 33 PG 27, 44 s).

(2) Ad Philadelph. 5, 1 PG 5, 700.

(3) De resto, a descida do Verbo às palavras do homem na Bíblia é não raro, na tradição, comparada à descida do Verbo na carne de Jesus e na Eucaristia (analogia, não identidade!).

(4) Anàlogamente, pela Eucaristia o corpo do homem é trabalhado para se configurar finalmente ao corpo glorioso de Cristo.

mente de Cristo (cf. 1 Cor 7, 40), de modo a poder dizer: "Vivo, penso eu em mim; já não eu (o velho homem), vive, pensa em mim o Cristo" (cf. Gal 2, 20).

Um dos efeitos benéficos dessa assimilação, nota Cassiano, († 435) será que o cristão proferirá as palavras dos salmos como expressão cada vez mais espontânea e adequada de seus sentimentos, de sua vida (1). Adquirindo maior conaturalidade com a mente da Escritura e com o Autor que a inspirou, perceberá melhor o que os salmos contêm de profético, e a sua aplicação à vida do Cristo Cabeça, à vida da Igreja, assim como à vida pessoal do orante (foi, sim, o mesmo Espírito que falou pelas Escrituras, que obrou na Encarnação do Verbo, e que agora age nos cristãos como alma da Igreja) (2).

A Igreja, de resto, proclama altamente êsse valor santificador, transformador, das palavras da Escritura, quando considera a leitura da Bíblia um sacramental, que ela muito

---

(1) Col. 1, 11 PL 49, 838 s. As palavras de Cassiano recordam as de S. Atanásio já citadas à pg. 10 n. 2.

(2) A compreensão da Sagrada Escritura — por conseguinte, dos salmos — é, em última análise, a compreensão do mistério oculto desde tôda a eternidade em Deus e que Deus se dignou aos poucos revelar na Bíblia e na vida da Igreja (cf. Ef 3, 3-11). Certamente só o Espírito de Deus pode dar essa compreensão, manifestando em suas aplicações concretas a verdade que S. Gregório Magno assim enuncia: "A Sagrada Escritura sabe narrar os feitos pretéritos de modo tal que, ao mesmo tempo, anuncia os futuros" (Mor. 20, 1 PL 76, 135).

recomenda (1): ler devotamente o texto sagrado é pôr a mente humana em comunhão com o pensamento divino — coisa certamente apta a aumentar a vida da graça na alma, mesmo quando esta não entenda todo o sentido das palavras inspiradas (2).

* * *

Eis alguns pensamentos, hauridos da tradição, sôbre o valor da Sagrada Escritura para a vida de oração. O Pai restituiu ao homem a Palavra Boa!... Não haja, portanto, tédio nem aflição entre os fiéis, por julgarem que, apesar de tôda a boa vontade, não sabem ou não podem rezar. Esta

---

(1) Assim fala o Papa Bento XV na Encíclica "Spiritus Paraclitus", em 1920 (Ench. Biblic. 490):

"Quanto a nós, conforme o exemplo de S. Jerônimo, nunca deixaremos de exortar todos os fiéis cristãos a que, em leitura diária, revolvam principalmente os sacrossantos Evangelhos de Nosso Senhor, os Atos dos Apóstolos e as Epístolas, e a que os procurem assimilar ao seu próprio sangue (et in sucum et sanguinem convertere studeant).

A leitura da Bíblia foi mesmo enriquecida de indulgências. Eis a última declaração da Santa Sé:

"Aos fiéis que, ao menos durante um quarto de hora, lerem como leitura espiritual os livros da Sagrada Escritura com a suma veneração que se deve à palavra de Deus, é concedida a indulgência de 300 dias" (S. Penitenciaria Apost., 22 de Março de 1932).

(2) Assim Cassiano fala de uma purificação obtida pela recitação e a meditação dos salmos:

"Às vigílias canônicas (os monges) fazem seguir vigílias particulares,... a fim de que não pereça a purificação que pelos salmos e as orações foi adquirida" (Inst. 2, 13 PL 49, 104).

tristeza só pode provir do desconhecimento do dom de Deus (cf. Jo 4, 10)... Com a voz da oração, o Pai restituiu ao homem também a alegria, o antegôzo da bem-aventurança eterna, pois o orante sobe às esferas celestes e se une aos coros supernos, ao Verbo mesmo do Pai no Amor... Em particular os Salmos lidos e revolvidos na consciência do que foi acima recordado serão a arca dessa alegria, conforme o dito de S. Agostinho:

"Psalterium meum gaudium meum!"

O APOSTOLADO BÍBLICO

"Ao contemplar a zelosa e obsessionante propaganda protestante da Bíblia nasce em mais duma consciencia católica um vago sentimento de tristeza e até de certa desconfiança que poderia formular-se nos seguintes termos: os protestan-

---

É S. João Crisóstomo quem escreve:

"Onde quer que haja livros espirituais (bíblicos), é expulsa tôda a fôrça diabólica, e a todos os habitantes provém muito consôlo conferido pela virtude... Logo que alguém tenha tocado o Evangelho, estabelece ordem nos pensamentos, retraindo-os das coisas mundanas; e isto já ao ver o Evangelho. Se ainda fizer uma leitura atenta, a alma, como que introduzida num templo sagrado, é purificada e torna-se melhor, pois Deus lhe fala por aquêles escritos.

Que acontecerá, dizem, se não entendemos o que os livros (sagrados) contêm? Mesmo que não entendas o que neles está depositado, lucras grande santificação pela leitura mesma...

É impossível, é impossível, digo, que alguém fique sem fruto se se dá assìduamente ao prazer de uma leitura atenta (das Escrituras)" (De Lazaro serm. 3, 2-3 PG 48, 994-6).

tes fazem mais pela Bíblia e vivem mais dela do que nós, os católicos. Falsa interpretação dum fato inegável, que é a maior difusão material de exemplares dos Livros Sagrados", (Rafael Criado-Brotéria, jan. 1943, pág. 68, apud REB, junho 1943, pág. 538).

Se uma superficial observação dos fenomenos religiosos no mundo e em nossa Pátria faria brotar em nós, como que espontâneamente, êste sentimento doloroso, o estudo sereno e refletido do problema dissipa, por completo, tôdas as dúvidas.

Guardiães da Igreja de Cristo, mormente do seu tesouro precioso, a Bíblia, são os teologos e exegetas, em certo sentido, os oficiais no exército da Igreja Militante, com tôda a responsabilidade que êste cargo encerra. Devem velar, portanto, pela boa administração dos valores sagrados e não podem desinteressar-se pelo uso e abuso da Bíblia pelos protestantes.

Difusão da Bíblia pelos protestantes

Preterindo o trabalho das Sociedades Bíblicas protestantes no mundo (as organizações filiadas às Sociedades Bíblicas Unidas distribuiram, em 1948, 17.508.464 Escrituras sagradas — três milhões a mais do que no ano anterior) e considerando apenas nossa Pátria, basta dizer que a Sociedade Bíblica do Brasil — resultante da fusão entre a Sociedade Bíblica Americana e a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira — cuja sede, o Edificio da Bíblia, se ergue no coração do Rio de Janeiro, à rua Buenos Aires, 135, com 9 andares, — conseguiu distribuir, no ano de 1949, 1.479.224 exemplares das Escrituras (na sua quase totalidade, porções bíblicas). Isto sem contarmos as demais agencias de divulgação do Livro

Santo, destacando-se dentre elas, a Imprensa Bíblica Brasileira, organização dos batistas brasileiros.

Alguns fatos recentes mostram que o movimento bíblico protestante é florescente no Brasil, como se pode perceber por êstes índices:

1.º) a construção da sede própria da Sociedade Bíblica do Brasil, em situação privilegiada no Rio de Janeiro — magnífico patrimônio para a Sociedade;

2.º) a direção da Sociedade Biblica do Brasil passou para mãos de evangélicos do Brasil;

3.º) as atividades da Comissão Revisora da Biblia está avançando bastante na revisão do Novo Testamento;

4.º) já são 6.000 os sócios signatários do Livro da Biblia;

5.º) as ofertas e contribuições recebidas, de protestantes do Brasil, no ano de 1948, primeiro depois da fusão e da constituição da Sociedade Biblica do Brasil, ascenderam a Cr$ 315.000,00;

6.º) são 99 os colportores — vendedores ambulantes —, 5 dêles mantidos pela Sociedade Bíblica do Brasil;

7.º) a participação dessa Sociedade, como membro no Conselho das Sociedades Biblicas Unidas, congregado em junho de 1949, nos Estados Unidos (New York de 8 a 12 de junho e Seabury House, Connecticut, de 13 a 18 do mesmo mês).

Êstes fatos são bem expressivos, dispensando comentários. É, portanto, inegável e possante o trabalho da difusão da Biblia protestante no Brasil.

O estudo da Biblia entre os protestantes patrícios

Não irei insistir sôbre o estudo da Bíblia, feito nas Escolas Dominicais (para os Adventistas, Escolas Sabatinas), que possuem 23 revistas especializadas, de publicação trimestral, e que trazem os comentários sôbre versiculos biblicos da semana, o texto aureo que deve ser decorado.

Mas diversas revistas têm surgido, dando enfase ao estudo das Escrituras. Não contando publicações de Portugal, releva notar que, nestes dois últimos anos, surgiram duas revistas que se destinam "ex professo" ao movimento bíblico.

A primeira — "A Bíblia no Brasil" — cujo primeiro número apareceu no trimestre julho-agosto-setembro de 1948 e que sucedeu à revista "La Biblia en America Latina", iniciada em 1946 e tôda escrita em castelhano. "A Bíblia no Brasil" é órgão da Sociedade Bíblica do Brasil e enviada a todos os sócios do "Livro da Bíblia".

Outra publicação, a revista "Biblos", periódico trimestral de cultura bíblica, que se iniciou em 1949, visando especialmente a União Cristã dos Estudantes do Brasil.

O "Dia da Bíblia", precedido de larga propaganda, costuma ser celebrado com leitura prolongada da Bíblia, ofertas e, no ano passado, até com Comicios Bíblicos, como se fêz aqui, em S. Paulo, diante do monumento do Ipiranga.

"Grandes passos, mas fora do caminho"

Tão ingente e heróico esfôrço na difusão das Escrituras, conquanto possa para uma grande multidão de crentes evangélicos ser ditado por reta intenção e sincero desejo de louvar a Deus e espalhar pelo mundo a palavra de Cristo (não

nos compete julgar suas intenções, que devem ser normal e presumìvelmente boas) — tão imenso esfôrço, repetimos, infelizmente é viciado em suas raizes fundamentais, é envenenado em sua própria origem. Grandes passos, sem dúvida, mas fora do caminho.

Também os judeus têm os seus livros sagrados, pelos quais, como atesta Flavio Josefo, estavam dispostos a morrer. Mas apegaram-se tanto ao livro que renegaram o Messias Salvador. Na realidade, preferiram suas interpretações falsas e orgulhosas à revelação do Messias.

Êsse povo israelita conserva, ainda hoje, a Bíblia. Aos sábados, reune-se para ler e estudar as Escrituras. Mas espera Aquele que já veio, lê os profetas e não os compreende, sua sentença de castigo, diz Bossuet, escrita a cada página dos livros que guarda, faz a sua alegria; o crime do deicídio perturbou-lhe a razão. Leva em suas mãos um facho de luz que ilumina todo o mundo, e êle mesmo está nas trevas — é a Bíblia, é o Antigo Testamento.

O mesmo faz o protestantismo. Espalha pelo mundo a Bíblia, que é a sua condenação.

O judaismo não aceitou Cristo, o protestantismo repudiou a Igreja, fundada por Cristo. O judaismo, postergando a Cristo, continuou com a Bíblia, o Antigo Testamento; os protestantes, separando-se da Igreja de Cristo, retiraram dela a Bíblia — Antigo e Novo Testamento — amputando dela, porém, os livros que lhes não agradavam.

E a Bíblia traz a condenação do judaismo e do protestantismo.

Evidentemente, um livro difícil, posto ao sabor da interpretação individual, dará margem a explicações as mais diversas e disparatadas.

Será em tôrno dos profetas que iremos dirimir questões controvertidas com os judeus, mas será junto a Cristo que as divergências dos cristãos devem ser dissipadas· Cristo é para nós, católicos, como para os protestantes, que ainda não perderam os últimos resquícios de crença, Cristo é o Filho de Deus vivo, é o Verbo Encarnado — a Palavra de Deus manifestada ao mundo. Não será em tôrno de Lutero, Calvino, John Wesley, Miller, Mary Backer, Ellen White, Joseph Smith, Eduardo Carlos Pereira ou Salomão Ferraz que iremos buscar os elementos definitivos para resolver esta questão vital de salvação ou de perdição eterna — onde e como beber os ensinamentos da Verdade. Antes dêles todos... nós, os católicos, já existiamos. Já haviamos haurido na borbulhante fonte de Vida a água cristalina da Verdade. Cristo falou, constituiu seus Apóstolos, enviou-os ao mundo; con ordem de pregar e batizar, a tal ponto que crer em sua pre gação é encontrar a salvação e repudiá-la é condenar-se.

Diante dessa atitude de Cristo, o Salvador, que pregou e não escreveu livro algum, que fundou sua Igreja sôbre a pedra viva do Apostolado, que ordenou a pregação da verdade — um magistério vivo — como arma de conquista das almas, na extensão de sua Igreja pelo mundo universo... diante da atividade apostólica que fundou igrejas, dando-lhes bispos para as reger, para nelas ensinar a doutrina de Cristo... e depois, sòmente depois, em circunstâncias favoráveis e como complemento da pregação apostólica, é que surgiram os livros do Novo Testamento — diante de todos êstes fatos inegáveis e básicos para o cristianismo, nós poderemos com direito perguntar: — Quis N. S. Jesus Cristo, ao fundar a sua Igreja para a salvação dos homens, fazer da Bíblia, particularmente do Novo Testamento, a *única* Regra de Fé? Ordenou Cristo que os homens fossem salvos sòmente por meio

da palavra *escrita* e não pela palavra *falada* ou *viva*, isto é por meio da pregação e do ensino? Foi o reino de Deus destinado a ser espalhado pelo mundo universo por meio de livros e não pela proclamação oral do Evangelho?

São perguntas espontaneas, que o Pe. Francis J. Remler C. M. formula em recente opúsculo, publicado nos Estados Unidos ("Can the Bible be the only rule of faith?" — St. Anthony's Guild, Paterson, N. J.-1948), que não necessitam resposta pormenorizada, porque todos temos bem vivas aquelas palavras das S. Escrituras: "Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio... Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a tôda criatura... Ensinai a tôdas as gentes... ensinando-as a observar tôdas as coisas que vos mandei... Quem vos ouve a mim ouve: e quem vos despreza a mim despreza. E quem me despreza, despreza Aquêle que me enviou" (Jo 20, 21; Mc 16, 15; Mt 28, 19-20; Lc 10, 16).

Mas o que é interessante no referido opúsculo são as suposições que o Pe. Remler formula, partindo, sòmente para argumentar, da hipótese de que se realmente houvesse Cristo estabelecido a Bíblia, e particularmente o Novo Testamento, como única fonte de fé e meio ordinário de revelação, então, como Salvador dos homens, deveria ter tomado certas medidas, sem as quais a salvação por meio da leitura e do estudo dos livros sagrados seria absolutamente impossível.

Nessa hipótese, seria necessário:

1.º) que Cristo tivesse escrito Êle mesmo antes de sua Ascensão, ou ordenado a alguns de seus discípulos que escrevessem e terminassem, antes do primeiro Pentecostes, todos os livros do Novo Testamento, e não deixasse êste importante trabalho ser feito em épocas diferentes e muito após ter Êle estabelecido sua Igreja e voltado para o céu;

2.º) que Cristo providenciasse, para o primeiro Pentecostes, um número suficientemente grande de cópias completas do Novo Testamento, para serem distribuidas entre os convertidos, logo após terem sido aceitos na Igreja; esta providência poderia ser feita de duas maneiras: ou por um milagre de multiplicação de livros, como antes fizera de pães e peixes, ou por instalação de uma imprensa moderna....;

3.º) que Cristo tivesse tomado medidas adequadas para que uma acurada tradução do texto sagrado fôsse feito nas línguas de tôdas as nações e tribos do mundo, para as quais era pregado o Evangelho;

4.º) que Cristo munisse os tradutores do dom da infalibilidade, a fim de salvaguardar o perigo de traduções incompletas, inexatas, erradas e até mesmo heréticas;

5.º) que Cristo providenciasse meios e modos para uma rápida transmissão e difusão dos livros sagrados por todo o mundo, a fim de que cada convertido possuisse um exemplar, por ocasião de sua conversão;

6.º) que Cristo fizesse o milagre admirável de banir o analfabetismo, distribuindo, a granel, ciência infusa;

7.º) que Cristo tomasse providencias para que todos os homens tivessem tempo e vagar suficiente para ler os livros sagrados, estudar o seu conteúdo, entendê-los de acôrdo com a verdade... e para isso seria bastante derramar sôbre cada leitor da Bíblia o dom especial da infalibilidade, em suas interpretações da palavra de Deus.

Como se vê, bem modestas pretensões! Elas mostram exuberantemente a inconsistência da posição fundamental protestante, ruindo, por terra, sua base.

— Mas, dirá um protestante, os católicos devem, ao menos, admitir a Bíblia como regra de fé, embora não a única, como nós cremos. Por que, então, os católicos não se alegram com a grandiosa obra de distribuição da Bíblia que fazemos? Não será por mêdo de descobrirem nas Escrituras doutrinas bem diversas daquelas que admitem?

É mais ou menos êste o teor de um folheto protestante, fartamente distribuido aqui em S. Paulo, comentando o comunicado oficial da Curia Metropolitana sôbre o "dia da Bíblia", no ano de 1949.

Iriamos longe se quiséssemos dar uma resposta completa à observação, mas por amor a alguma alma sincera de leigo, que ficou perturbado ou alegre, com a objeção, e pudesse ignorar a contestação, lançamos estas perguntas, tão familiares para todos nós: — De onde os protestantes receberam a Bíblia, senão da Igreja Católica? Com que direito, então, êles amputaram essa Bíblia e a distribuem assim pelo mundo? Onde se encontra na Bíblia o Cânon (a lista, a relação) dos livros inspirados? Como então os protestantes podem chegar à conclusão de que a Bíblia dêles, sim, contém sòmente livros inspirados e a Bíblia dos católicos encerra, ademais, livros apócrifos? Onde se encontra isso na Bíblia? Como pode a Igreja Católica, guarda autorizada do deposito sagrado, sem negar sua missão de Mestra da Verdade, aceitar um livro mutilado com as mesmas honras e regalias de um livro genuino?

Concluamos esta primeira parte: reconhecemos o fato da distribuição copiosa das Escrituras pelos protestantes — o que pode envolver sacrifícios, heroismo e devotamento invulgar de muitos, reconhecemos o interêsse e amor ao estudo da Bíblia nos protestantes, em geral, que lhes pode proporcionar

emoções e sentimentos elevados, mas não podemos aceitar o vício de origem e aprovar o fato da separação da Bíblia de sua autêntica intérprete, a Igreja, fundada por Cristo, deixando a mutilada Palavra Divina à mercê do livre exame, da interpretação individual, mas joguete, em última análise, tanto da "alta compreensão" da razão humana como dos caprichos e interêsses dos indivíduos.

A posição da Igreja Católica

O movimento bíblico católico não se mede com os mesmos processos de propaganda protestante, porquanto ditado por um outro espírito — o genuino espírito de Cristo — que ordenou a difusão de sua Igreja pelo mundo, através da palavra dos Apóstolos e de seus sucessores.

Essa missão, a Igreja sempre a cumpriu, como o atesta a História. Naturalmente, se aprouve a Deus inspirar os Autores sagrados, também no Novo Testamento, é sinal evidente de que êsses livros encerram o mais robusto pão do espírito, fornecido pela Sabedoria Divina.

"É um fato irrefutável, diz Rafael Criado, que, noutros tempos, se liam na Igreja os Livros Sagrados muito mais do que em nossos dias. As primeiras gerações cristãs, ao ver desaparecer no horizonte do tempo as testemunhas presenciais do Verbo feito carne, estenderam suas mãos anelantes aos livros que — produtos inseparáveis da ação do Espírito Santo e da sua própria — aquelas lhes entregavam como dom e penhor de presença permanente. Como, por outro lado, sabiam e acreditavam que é *vivente, a palavra de Deus, e eficaz e mais penetrante que qualquer espada de dois fios* (Hebr 4, 12), recorriam a êsses livros como apoio de sua fé, consôlo das suas perseguições, purificante da podridão pagã do

ambiente, fonte de luz e energia supraterrenas, que os colocavam muito acima de tudo o que podiam dar de si, até mesmo o esfôrço mais elevado da sabedoria e bondade humanas".

Na recitação do Breviário, ainda hoje, nos empolgamos com as homilias dos Padres da Igreja, comentando textos bíblicos, e nos admiramos como êles puderam explicar ao povo rude, recém-saído do paganismo, aquelas verdades sublimes e altíssimas, vôos arrojados para a amplidão, e que nesses arroubos fôssem seguidos pelo seu rebanho.

Na Idade Média, a Bíblia inspirou a pintura, a música, a escultura, enfim, tôdas as manifestações da vida.

Assim viveu o povo cristão, até o infausto dia da dilaceração luterana, rompendo a união desejada por Cristo (e pela qual tanto se suspira e se trabalha hoje, no movimento ecumênico!), erigindo a Bíblia como única regra de fé, interpretada pelo crente, iluminado diretamente pelo Espírito Santo.

Em breve, pulularam as seitas. Cada qual pode ter a "sua religião particular". E as mais contraditórias aberrações surgiram, em nome da mesma Bíblia e do mesmo Espírito.

"A Igreja, ante o perigo que, como cancro, devorava não só partes inteiras de seus membros, mas até separadas estas com extirpação cirúrgica, tão dolorosa como necessária, produzia focos à distância em meio das nações católicas, procedeu com a mais iluminada prudência. Recorda a todos os crentes que a palavra de Deus é fonte de vida, embora não reduzida aos documentos escritos, nem interpretada segundo o próprio espírito, que encontra, onde quer, os dogmas que pretende erigir em leis de ação. Ela é iluminada pela fé do Corpo Místico de Cristo, na sua grande comunidade discente

e docente, tendo à cabeça aquêle a quem, em predição penosa e esperançada, disse o Verbo Encarnado: *confirma frates tuos.* O simples fiel receberá, sim, a palavra de Deus, necessária à vida cristã, embora nem sempre se acerque êle próprio à borda do poço, talvez perigoso para a sua imprecaução, devido à profundidade. Basta-lhe recebê-la abundante e límpida das mãos daqueles a quem Cristo entregou todos os ofícios do pastoreio" (Rafael Criado).

As medidas da Igreja concernentes à leitura da Bíblia, em vernáculo, foram ditadas pela sua prudência, em vista dos abusos das Escrituras pelos protestantes.

A decadência moral dos povos, a invasão de novos erros. a descristianização dos Estados, o Renascimento, etc., fizeram com que a pregação da palavra divina tomasse novos rumos, deixando a tradicional exposição, firmada nas Escrituras, e buscando outra linguagem, mais ao sabor da época.

A reação católica

A reação católica nasce no seio da mesma Igreja, pela autoridade da cátedra de Pedro. Surge altaneira a voz de Leão XIII com a encíclica "Providentissimus Deus" (1893), seguida pela "Spiritus Paraclitus" (1920) de Bento XV e "Divino afflante Spiritu" (1943) de Pio XII, traçando luminosamente o roteiro do apostolado bíblico.

Seria demasiado longo mencionar as obras católicas que surgiram, atendendo às ordens dos Sumos Pontífices. Mencionemos apenas a Escola Bíblica de Jerusalém, o Instituto Bíblico de Roma, as Semanas Bíblicas Nacionais, em diversas nações, as revistas *Revue Biblique, Biblica, Orientalia,*

Analecta Orientalia, *Verbum Domini*, tôdas congregando colaboradores de renome mundial.

As *associações bíblicas católicas*, diz Rafael Criado, não são criações dos últimos 50 anos, mas a verdade é que só, durante êstes, a propaganda que por seu intermédio se fêz, adquiriram direção sã e livre de perigos, como sempre desejaram os Romanos Pontífices. Bento XV, primeiro presidente da *Associação Bíblica de S. Jeronimo*, proclamava seus ferventes desejos de que todos os fiéis lessem diàriamente e procurassem assimilar especialmente os S. Evangelhos, os Atos e Epístolas dos Apóstolos.

Os Sumos Pontífices recomendam e abençoam a Associação Bíblica de S. Jeronimo, cujo fim é "divulgar o mais possível os 4 Evangelhos e os Atos dos Apóstolos, de modo que não fique nenhuma família cristã que careça dêles e todos se acostumem a lê-los e medita-los cada dia". E externam seu desejo de que esta obra seja difundida e propagada em tôdas as dioceses, agregando-se sempre à Associação de Roma.

Movimento bíblico católico

As estatísticas mostram claramente que há um movimento bíblico mundial bem acentuado, que vai crescendo dia a dia.

Por impossibilidade de apontar tôdas as organizações católicas bíblicas, espalhadas pelo mundo, acenamos apenas a algumas:

1.ª) *Obra Católica da Bíblia*, fundada por Mons. Straubinger, difundida por tôda a Alemanha, com as "cartas bíblicas" semanais, as Assembléias Bíblicas para o clero, a "leitura da Bíblia em família", seguindo o "Diretório Bí-

blico". A difusão da Bíblia aqui não se faz à moda das Sociedades Bíblicas protestantes — distribuição indiscriminada das Escrituras, como se fôssem um Almanaque — mas em união estreita com o magistério vivo da Igreja, que considera indispensável a direção sacerdotal.

2.ª) *Associação Católica Bíblica da Suiça* com a publicação do "Calendário Bíblico", com lições bíblicas para todos os dias do ano. Há círculos de estudos bíblicos em quase tôdas as paróquias e colégios.

3.ª) *Associação Servos da Sabedoria Eterna*, fundada pelo Pe. Genovesi O. P., na Itália, com distribuição gratuita, tanto quanto à publicação como quanto à difusão, dos S. Evangelhos. A "*Festa do Evangelho*", assim é descrita, por ex. em Campolattaro (Benevento): após a S. Missa, jovens da Ação Católica percorrem tôdas as casas da paróquia oferecendo os S. Evangelhos. Depois, reunidos novamente na Matriz, cantam-se as vesperas, em gregoriano, seguidas de Benção do SSmo· e Te Deum. No final, os fiéis passam pelo altar onde estão as Sagradas Escrituras, a fim de beijá-las, respeitosamente, venerando-as.

Há, na Itália, também a *Associação dos Amigos da Bíblia*.

4.ª) Na Espanha, realizou-se, há pouco, em Madri, a 8.ª Semana Bíblica Nacional e organizou-se a Associação Bíblica de S. Jeronimo. Três novas revistas bíblicas aí surgiram: Sepharad, Estudios Bíblicos e Cultura Bíblica. O Domingo da Bíblia é solenemente celebrado por tôda a Nação. Fundou-se, nesse país, em 1948, a Sociedade Bíblica Católica, para grandes edições das Escrituras.

5.ª) Na França é intensa a propaganda do movimento bíblico, relacionando-o com os movimentos litúrgicos e o da Ação Católica.

6.ª) *A Associação Católica de Estudos Bíblicos dos Estados Unidos* tem publicado e distribuido ótimas edições, algumas de bolso, ilustradas e de preço relativamente baixo.

7.ª) Na Argentina, organizaram-se a "Liga para a leitura diária do Evangelho" e o "Apostolado do Evangelho entre os pobres", estabelecido êste último pelo presidente dos Vicentinos, Dr. Juan Antonio Bourdieu. Publica-se, na Argentina, interessante "Revista Bíblica", no Seminário San José, de La Plata, sob a direção de Mons. Straubinger, incansável apóstolo da cultura bíblica.

8.ª) No Brasil, constituiu-se a Liga de Estudos Bíblicos (LEB), como fruto da 1.ª Semana Bíblica Nacional, estabeleceu-se o "Domingo da Bíblia", e presentemente estimulam-se as Semanas Bíblicas Populares.

Podemos, agora, dar um passo avante e pedir ao Exmo. Episcopado a organização da Associação de Estudos Bíblicos S. Jeronimo, vivamente recomendada pelos Sumos Pontífices.

E, mais tarde, poderemos: 1.º) estabelecer relações íntimas com organizações bíblicas de Portugal, visando publicações em comum; 2.º) desejar uma Liga Inter-Americana de Amigos da Bíblia — projeto aliás já proposto, uma vez, particularmente, por um membro do Secretariado Nacional de Defesa da Fé, junto aos dois apóstolos do movimento bíblico argentino, Dr. Bourdieu e Mons. Straubinger e que recebeu, juntamente com as bençãos do Exmo. Sr. Cardeal Copello, os mais entusiásticos aplausos.

No Brasil, é muito apreciado e divulgado o livro de D. Duarte Leopoldo e Silva — Concordância dos S. Evangelhos — e tudo sugere que dêle se faça nova e copiosa edição.

São beneméritos propagandistas da Bíblia, entre nós, os franciscanos de Petrópolis e da Bahia e a Pia Sociedade de São Paulo (Padres Paulinos e as Irmãs da mesma sociedade). São nossos votos que as grandes edições futuras da Bíblia e dos Evangelhos sempre conservem um formato cômodo e um preço razoável.

O apostolado bíblico no Brasil

1. Recentemente a LEB divulgou interessantes sugestões para a realização de Semanas Bíblicas Populares, que já se realizaram, com muitos frutos, em Natal, Campinas e Vitória. Aponta-se, como ocasião mais propícia, a semana preparatória ao "Domingo da Bíblia". A LEB e a ASP — "Agencia S. Paulo, para a divulgação do pensamento católico" (Cx. postal 5415 — Rio de Janeiro) fornecem às dioceses e paróquias interessadas tôdas as informações.

A Semana Bíblica Popular é excelente oportunidade para *certame, concursos, representações teatrais, artigos, radiofonizações, quadros vivos, cartazes, exibições de filmes, jogos, folhetos*, etc., tudo versando sôbre temas bíblicos.

2. São recomendáveis os *Círculos de estudos bíblicos* semanais. Em Campinas, seguimos o "Guia através dos Evangelhos" de Lesêtre, com a exegese dum trecho ou de um capítulo dos S. Evangelhos.

3. Tem tido ampla difusão e bons resultados o folheto: "A Bíblia é um livro católico" do Pe. Antonio Charbel, S. D. B., Secretário da LEB. (Ed. "A Tribuna" — cx. p. 550 — Campinas).

4. Merece aplausos a direção da Maratona Catequetica Nacional por ter incluido, no programa do Colégio, diversos pontos sôbre a Bíblia e os S. Evangelhos, particularmente,

5· A LEB poderia oferecer às pessoas interessadas uma relação das revistas bíblicas católicas do mundo, com o respectivo preço e condições de assinatura, assim como a relação de livros recomendáveis para uma maior divulgação de conhecimentos bíblicos ((Enciclicas, Vida de Jesus, Vida de N. Sra., História do Povo de Israel, etc.).

6. Sugiro à LEB a elaboração e a impressão de um compendio popular para Cursos Bíblicos, Círculos de estudos bíblicos, Semanas Bíblicas Populares, Institutos Bíblicos Populares.

7. Merece aplausos o trabalho do Seminário Central do Ipiranga, com a organização do Museu Bíblico, e os processos empregados pelos professôres de S. Escritura para formar e aprofundar os clérigos no estudo da Bíblia.

8. A ASP tem divulgado interessantes artigos para a Imprensa, muito úteis e aproveitáveis, além da tradução de opúsculos estrangeiros sôbre o assunto.

9. Sugiro que a LEB, de entendimento com a Revista Eclesiástica Brasileira, publique trimestralmente um noticiário, resumido embora, das informações mais interessantes sôbre o movimento bíblico mundial.

10. Reitero minha proposta da organização da Associação Bíblica de S. Jeronimo. Esta, logo que seja possível, se interessará por uma publicação e divulgação dos S. Evangelhos e Atos dos Apóstolos, em formato cômodo e por preço o mais acessível possível.

Como trabalho preparatório ao lançamento da Associação poderia ser feita uma grande propaganda da mesma, por meio de folhetos, etc., e no próximo "Dia da Bíblia", com a campanha: "O S. Evangelho em cada lar católico"·

Conclusão

É incontestável a sêde do nosso povo pelas Sagradas Escrituras, particularmente pelo Novo Testamento. As edições dos S. Evangelhos das nossas editoras esgotam-se ràpidamente.

Alegremo-nos com êste fato. O movimento bíblico é a penetração ativa da doutrina e dos princípios evangélicos no mundo moderno. Afastado de Deus, pelo materialismo, o mundo de hoje experimenta aquela angústia de S. Agostinho: "Inquieto está o nosso coração enquanto não repousar em Ti, ó Senhor".

É esta ânsia, esta sêde de Deus que leva os homens a correr atrás de Deus, nos movimentos eucarístico, litúrgico, dos retiros espirituais, da Ação Católica e também da Bíblia.

Diz o Cardeal Gomá y Tomás, Primaz da Espanha: "Perde-se o gôsto — oxalá venha definitivamente o desgôsto — de tanto livro mais ou menos doutrinal e piedoso, que não dá à alma senão algumas gotinhas, desvanecidas na água mais ou menos rica do próprio pensamento, da essência concentrada do Evangelho".

E, com o Pe. Matias Kohlen S. V. D. concluimos: o mundo cristão, as almas fervorosas, começam a ver no Evangelho a leitura fundamental da vida cristã, fruto precioso do intenso labor do movimento litúrgico e da Ação Católica. Já não ficam na superfície da vida cristã, mas vão até o centro, até Cristo em tôda a sua perfeição. (Revista Bíblica — La Plata, Argentina, nov., dez. 1941).

A AÇÃO BÍBLICA PROTESTANTE NO BRASIL (*)

Cingir-nos-emos a um esboço das atividades bíblicas dos protestantes no Brasil e acenaremos algumas medidas que nos parecem oportunas e viáveis, sugeridas pela situação em que nos encontramos.

1. *Versões Portuguesas da Bíblia entre os Protestantes.*

Interessam-nos, agora, apenas as versões feitas ou ao menos generosamente espalhadas pelos protestantes. Por isso não trataremos dos primeiros tradutores lusitanos da Bíblia, os monges de Alcobaça, nem dos letrados portugueses no tempo d'El Rei D. João I, nem de Gonçalo Garcia de S. Maria, nem de D. Felipa de Lancastre, filha do Infante D. Pedro e neta de D. João I, nem mencionaremos outras versões de menor importância que precederam a tradução protestante de *João Ferreira de Almeida*.

Nascido em Lisboa, no ano de 1628, de pais católicos, seguiu João Ferreira de Almeida para Batávia, passando em 1642 para a Igreja Reformada. Com 15 anos já traduzia do espanhol para o português um resumo dos Evangelhos e Epístolas. Ordenado ministro calvinista, ao par de suas atividades missionárias, traduziu primeiramente o Novo Testamento, sôbre o texto grego, que seguiu quando diferia da Vulgata (como atesta o Padre Antônio Ribeiro dos Santos) e o Antigo Testamento, sôbre o original hebraico (servindo-se da edição holandesa de 1618), com o auxílio da versão castelhana e de outras traduções. Por isso se diz que a versão Al-

(*) Conferência pronunciada na I Semana Bíblica Nacional, que se realizou em São Paulo de 3 a 8 de Fevereiro de 1947.

meida é tradução de traduções. Como calvinista, não excluiu os livros deuterocanônicos que o luteranismo rejeita.

O Novo Testamento foi impresso em 1681 e o Antigo Testamento começou a ser divulgado em 1738 e ficou concluída a sua impressão em 1748, muito após a morte de Ferreira de Almeida, o que se deu em 6 de Agosto de 1691.

Ferreira de Almeida foi apóstata, não, porém, Padre apóstata, como vulgarmente se afirma. (1)

A tradução, em foco, tem como características: a) é demasiadamente servil; b) tem muitos modismos e expressões holandesas, familiares ao Autor que cresceu ouvindo êsse idioma; c) foi deploràvelmente estropiada pelos revisores (Bartholomeus Heynes e Joannes de Vaught). O próprio Autor se revoltou contra a incapacidade dos revisores quando teve em mãos, na Batávia, o primeiro exemplar impresso (N. T.), redigindo depois uma advertência com um índice de mais de mil erros, e não os deu todos.

A 2.ª edição, aparecida 12 anos mais tarde, já falecido o Autor, foi ainda mais miseràvelmente desfigurada pelos revisores (Theodorus Zas e Jacobus op dem Akker), pouco conhecedores da língua portuguesa, que corromperam o que das belezas do original havia escapado à barbaridade dos seus predecessores. Assim colocaram quase todos os verbos no fim, tornando o sentido obscuro, violentando a frase e viciando a construção dos períodos. Diversas edições teve o Novo Testamento, e, como diz Santos Ferreira, as revisões da ver-

---

1) Êsse equívoco se deve: 1) ao fato de confundir-se o seu nome com o de um certo jesuíta, também Ferreira de apelido;

são de Ferreira de Almeida quase que se contam pelo número das edições, feitas por revisores que desconheciam nosso idioma. É sabido que Ferreira de Almeida deixou incompleta sua obra do Antigō Testamento, terminado por Jacob op dem Akker, que traduziu a parte restante de Ezequiel, Daniel e os profetas menores.

Desde 1808, aproveitando-se da abertura dos portos, a Sociedade Bíblica Britânica inicia, no Brasil, sua propaganda de exemplares do Novo Testamento de Ferreira de Almeida. Mais tarde, crescendo essa distribuição, o Arcebispo da Bahia, D. Manuel Joaquim da Silveira, publicava, em 1862, uma carta pastoral para prevenir os fiéis "contra as adulterações e mutilações da Bíblia, traduzida em português pelo Padre F. A. de Almeida." (2)

Outra tradução espalhada pelos protestantes é a do *Padre Antônio Pereira de Figueiredo* (1725-1797), que começa a editar em 1778 o Novo Testamento e de 1783 a 1790 o Antigo Testamento, traduzindo a Bíblia da edição Vulgata. De sua obra tiraram-se várias edições inclusive uma no Brasil, da Livraria Garnier, em 1864, com notas de Delaunay, que foi aprovada por mandamento do Arcebispo da Bahia (por ato de 1863).

---

2) ao fato de se declarar invariàvelmente nos frontispicios de tôdas as antigas edições de sua Bíblia que a tradução foi feita pelo Revdo. Pe. João Ferreira A. de Almeida. Mas nessa ocasião, vários ministros do Evangelho, holandeses, alemães, dinamarqueses, a si próprios se intitulavam "Reverendos Padres" e o que é mais original "Reverendos Padres Dominicanos".

2) Aí se examina a edição de New York que os protestantes espalhavam no Brasil, e depois de tê-la confrontado com o texto reconhecido autêntico desde os primeiros séculos, mostra que ela contém alterações, mudanças, mutilações, acréscimos, por ex., Lc 1, 28; At 14, 23; Ef 5, 32; 2 Tim 4, 5; 2 Jo 5, 6, 10, 15, 17, 20.

A Sociedade Bíblica de Londres publicou diversas edições da versão Figueiredo, sem prefácio e notas. A de 1821 trazia os livros deuterocanônicos, que os protestantes consideram apócrifos. Mas a edição de 1728 já não os apresenta mais. É que nesse ínterim, a Sociedade Bíblica de Londres, por decreto de 3 de Maio de 1826, proibira a divulgação da Bíblia com os pretensos livros "apócrifos". (Cornely, *Manuel d'Introduction*, vol. I, p. 50).

Francisco Recreio, um dos censores da edição católica de 1864, advertia que aquela edição se publicava com todo o cuidado porque, dizia, a propaganda protestante a tem introduzido facciosamente em Portugal e países de sua dominação, fazendo-a imprimir, a seu talante, por imprensas impuras e falsificadoras.

Sendo Pereira de Figueiredo exímio latinista e cultor da língua pátria, sua obra goza merecidamente de valor clássico, sob o ponto de vista filológico e literário. Entretanto, o Autor sofreu as influências regalistas da época, que defendeu nos livros "Tentativa Teológica" e "Análise da Profissão de Fé do S. Padre Pio IV", que foi posto no Índex (26. 1. 1795). Entretanto, Pereira de Figueiredo recusou-se a retratar. Diante disso, compreende-se que suas notas tenham sido condenadas, embora grande número delas atestem seus conhecimentos linguísticos, históricos e literários. Nelas, porém, não prevalecem nem o espírito sacerdotal nem a piedade cristã. (3)

---

3) Mr. Fox, querendo justificar o fato de os protestantes se apropriarem desta tradução católica, diz a respeito do seu Autor: "Foi um clérigo católico romano, mas adversário das pretensões da autoridade papal e inimigo dos jesuítas. Além disso, não é tradutor servil da Vulgata, mas atreveu-se a seguir o texto grego e, portanto, tem o espírito quase protestante."

Ocupado o território português por tropas britânicas e estabelecidas as relações comerciais e políticas com a Grã-Bretanha, a colônia britânica residente em Lisboa e no Porto ràpidamente se propagou pelo reino. Tudo isto favoreceu a iniciativa da Casa Bertrand de divulgar as edições de Figueiredo.

De 1902 em diante tem a tradução Figueiredo sido re-editada por Santos Farinha, com notas de Glaire, Knabenbauer, Lesetre, Lestrade, Poel, Vigouroux, etc., com aprovação do Emo. Cardeal Patriarca de Lisboa.

Na realidade, nem Almeida nem Figueiredo satisfazia completamente as Sociedades Bíblicas Britânica e Americana, que decidiram, em 1886, preparar uma *nova tradução,* baseada na versão Figueiredo. Nomearam duas comissões, uma em Portugal e outra no Brasil. A brasileira traduziu uma parte do Evangelho de S. Lucas e deixou de funcionar; a portuguesa continuou o trabalho até 1901, traduzindo o Novo Testamento até o fim da Epístola aos Hebreus.

Assim abandonado, o plano se realizou mais tarde, em 1902, na *tradução brasileira,* sôbre as línguas originais. A comissão tradutora era composta dos seguintes ministros: W. C. Brown, da Igreja Episcopal; J. R. Smith, da Igreja Presbiteriana (Sul); J. M. Kyle, da Igreja Presbiteriana (Norte); A. B. Trajano, da Igreja Presbiteriana Sinodal; E. C. Pereira, da Igreja Independente, e Hipólito de Campos, da Igreja Metodista. Associados com esta comissão havia vários literatos brasileiros como consultores. A 1.ª edição do N. T. desta versão saiu em 1910, e a Bíblia completa em 1917. Desta edição diz o Dr. José Carlos Rodrigues: "Se perdemos nela o castigado e belo português do trabalho de Figueiredo, ganhamos uma revisão muito fiel dos originais, segundo as

melhores autoridades... Escoimada de bastantes erros tipográficos que contém e melhorada a sua linguagem em alguns pontos, é a versão portuguesa que deve permanecer como a mais fiel, sendo por isso indispensável aos que estudam a Bíblia." (*Estudo sobre o Velho Testamento*, vol. I, pág. 193). O Rev. Eduardo Moreira, um dos líderes protestantes em Portugal, ao contrário, assim se expressa: "A errôneamente denominada versão brasileira de 1911, por uma comissão de teólogos na qual predominavam os norte-americanos, não chegou a satisfazer os mesmos brasileiros e é intolerável em Portugal." (*The Significance of Portugal*, pág. 36.)

Por isso, em Abril de 1943, as Sociedades Bíblicas Unidas, sentindo a necessidade duma revisão de Almeida, constituiram uma comissão de 18 membros, 12 para o Novo Testamento e 6 para o Antigo Testamento. Essa comissão até hoje desenvolve suas atividades, pensando dar ao Brasil a melhor versão vernácula.

2. *Sociedades Bíblicas.*

Desde o início do século passado, os protestantes distribuem profusamente sua literatura bíblica, através de poderosas organizações, as Sociedades Bíblicas. Faremos rápida menção das Sociedades Bíblicas que operam no Brasil.

Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. — De 1804, ano de sua fundação, até 1817, esta Sociedade emitiu 20.000 Novos Testamentos em português, muitos dos quais foram embarcados para o Brasil por comerciantes e capitães de navios mercantes. Mas o incremento da atividade bíblica começa com a vinda, em Maio de 1855, do missionário Robert R. Kalley, a tal ponto que, no ano seguinte, era designado o Rev. Richard Corfield o primeiro agente da Sociedade, e em

1879 o Rev. João M. G. dos Santos que, durante 23 anos, prestou assinalados serviços à Sociedade. Temos notícia, em 1882, dum embarque de 2.000 Bíblias para Recife. No primeiro século de existência (1804-1904), a Sociedade Bíblica Britânica difundiu, em língua portuguesa, 221.342 Bíblias, 492.420 Novos Testamentos e 930.275 Porções, tanto de Almeida como de Figueiredo.

Sociedade Bíblica Americana. — Com sede em New York, a Sociedade Bíblica Americana destina-se a "tornar a Bíblia o livro mais barato e mais difundido no Mundo." (4) Mantém um fundo especial de construções no estrangeiro. Com essa verba construiu na Esplanada do Castelo, no Rio de Janeiro, o soberbo arranha-céu "Erasmo Braga", na Avenida do mesmo nome, n.º 12, que se pagou à Sociedade com os aluguéis do prédio. Há pouco, êsse edifício foi vendido por uma soma bastante elevada, da qual se tirou uma parte para a construção do "Edifício da Bíblia", com 9 andares. A Sociedade Bíblica Americana está em atividade, no país, desde 1817, por meio de viajantes comerciais. Daniel P. Kidder, missionário metodista americano, veio ao Brasil em 1837, encarregado pela Sociedade para distribuir Bíblias a tôdas as pessoas que as quisessem aceitar. Em 3 dias, narra-nos em "Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil", esgotaram-se suas reservas de 200 exemplares. Algumas datas históricas para a Sociedade no Brasil: em 1854 o Rev. Fletcher é nomeado agente no Brasil; em 1857 o Rev. R. Nes-

---

4) Apesar disso, baseia-se no "princípio de venda", principalmente por estas razões: 1) alargar seu serviço de distribuição da Bíblia, com o dinheiro recebido; 2) obter o apreço do leitor, pois mais se preza aquilo que custa alguma coisa, embora se tenha desembolsado uma quantia mínima; 3) evitar o desrespeito da Palavra Sagrada, que só é confiada aos interessados.

bit foi designado agente do Vale do Amazonas, tendo morrido numa viagem no grande rio. Para se avaliar o aumento da atividade bíblica da Sociedade basta dizer que, em 1876, o agente Rev. A. L. Blackford vendeu 2.350 volumes, ao passo que em 1930 a distribuição já ascendia a 300.000 e, em 1941, a agência brasileira pedia a New York um milhão de Evangelhos em português (250.000 de cada Evangelho.) (Cfr. *Revista Bíblica*, Nov.-Dez. 1941, pág. 272.) Suponho que êsse milhão não chegou ao Brasil, pois, no ano seguinte, por causa da guerra, consoante notícia veiculada pela imprensa protestante, dois milhões de Bíblias destinadas à América do Sul foram afundadas. (*Jornal Batista*, 2. 12. 43, pág. 3; idem, 23. 12. 43, pág. 4.)

Sociedades Bíblicas Unidas. — As duas Sociedades Bíblicas: Britânica e Americana, sempre trabalharam de acordo, tanto que, em 1903, fizeram uma convenção, para a divisão do campo de trabalho em nossa pátria. (5) Mas, em 1942, resolveram unificar os trabalhos para a "divulgação mais efetiva e extensiva das Escrituras". Terminada a construção do "Edifício da Bíblia", aí se instalaram magnìficamente as Sociedades Bíblicas Unidas, à Rua Buenos Aires, 135 (Rio). Há um ano precisamente, de 5 a 12 de Fevereiro de 1946, realizou-se no Rio de Janeiro a Conferência dos Secretários das Agências da América Latina das duas Sociedades Bíblicas Britânica e Americana, tomando-se resoluções eficientes e consagrando, ainda que inacabado, o "Edifício da Bíblia". Um dos resultados foi a publicação da re-

---

5) Pela convenção, a Sociedade Bíblica Americana ficava com Paraná, São Paulo, região meridional de Minas, Rio e Estados do Norte do Alagoas ao Piauí. O Vale do Amazonas, Mato Grosso e Distrito Federal são territórios comuns. A restante área ficava a cargo da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira.

vista trimestral "La Biblia en America Latina" que, em seu 2.º número, trazia as seguintes estatísticas da propaganda bíblica no Brasil em 1945: 27.657 Bíblias, 36.652 Novos Testamentos, 668.227 Porções não total de 732·536 volumes, notando ainda que foram publicados no Brasil 30.000 Novos Testamentos e 600.000 Evangelhos.

Sociedade Bíblica Nacional da Escócia e "Scripture Gift Mission". — Desde 1871 temos notícias de trabalhos desta Sociedade, operando no Pará, Pernambuco, Rio Grande do Sul e tendo como agente o Rev. James Fanstone, que renunciou em 1920. Em 1926 uniu-se à *Missão para distribuição gratuita das Escrituras Sagradas* ("Scripture Gift Mission"), que tem como representante no Brasil S. E. Mc Nair (Teresópolis, Estado do Rio) e que distribui principalmente porções bíblicas, mais em folhetos que em opúsculos, com uma circulação total no Brasil, até 1930, de 810.262 porções. Esta Missão trabalha em cooperação com a *Sociedade Bíblica Naval e Militar*, que distribui o Novo Testamento dividido em porções cotidianas.

Imprensa Bíblica Brasileira — Embora fundada e dirigida por batistas, esta Sociedade estabelecida no Rio de Janeiro em 1942, é interdenominacional e conta com o apoio da Junta de Missões de Richmond. No dia 25 de Junho de 1943 foi iniciada a impressão da Bíblia, edição de Almeida, na grafia simplificada, nas oficinas da Casa Publicadora Batista do Rio, saindo em 4-9-1944 a edição de 15.000 exemplares do Novo Testamento e um mês depois a de 22.000 exemplares da Bíblia (*Jornal Batista*, 10-8-44, pág. 6). Eram as primeiras Bíblias impressas no Brasil, por protestantes. E' digno de nota: isto há apenas dois anos. Para essas edições foram coletados donativos no valor de 400 mil cruzeiros para as despesas de preparo do original, impressão e para o ba-

rateamento do livro (6). Em São Paulo existe também uma *Sociedade Publicadora de Porções Bíblicas.*

3. *Difusão da Bíblia*

Como tivemos ensejo de referir, as Sociedades Bíblicas divulgam suas obras, mercê especialmente de seus agentes. Mas existem outras organizações interessadas na distribuição da literatura bíblica, bem como vendedores ambulantes, ou colportores, vivamente empenhados neste trabalho.

Ação Bíblica. — Não é pròpriamente uma associação com sócios, mas um grupo de suíços que, fora de qualquer igreja, resolveu espalhar a Bíblia. Sua sede central funciona em Genebra e, no Brasil, na Casa da Bíblia, em São Paulo, onde mantém artística loja bíblica. Os folhetos franceses são traduzidos e aqui publicados à custa do referido grupo de suíços e do lucro da Casa da Bíblia, que aceita donativos de pessoas de qualquer religião.

A Ação Bíblica distribui Bíblias em diversos idiomas, oferecendo-as até por bilhetes postais. Aproveita as ocasiões de Exposições, Feiras (estaduais, nacionais, internacionais) para armar sua tenda bíblica, vendendo a Bíblia desde 5 cruzeiros, o Novo Testamento desde 1 cruzeiro e Evangelhos desde dez centavos. (7)

---

6) Os Novos Testamentos são vendidos a 3 Cruzeiros, quando em lote de 25; do contrário, a 5 Cruzeiros.

7) Assim fizeram nas Exposições do Rio, S. Paulo, Campinas, Marília, Santos.

Cruzada Bíblica. — Acaba de ser fundada em Niterói (20-11-46) a Cruzada Bíblica para distribuição gratuita da Bíblia no todo ou em partes (Niterói, Caixa Postal, 54).

Casa da Bíblia. — Além da Casa da Bíblia de São Paulo, há, espalhadas pelo território nacional, outras casas empenhadas na distribuição bíblica. Citemos algumas dessas casas: as de Corumbá, Londrina, Campinas, Teresópolis, Garanhuns.

Colportagem. — Colportores são os vendedores ambulantes que se utilizam de todos os meios de transporte, ganham as cidades às vêzes com seu Ford repleto de Bíblias e porções, atravessam os rios com suas lanchas, andam pelas fazendas com a mala repleta de livros, vendendo e até dando sua literatura bíblica aos que se interessam e são pobres. Geralmente dão os Evangelhos. Fazem também propaganda de sua literatura sectária, baseada, ao que se diz, na Bíblia. Aqui, neste ponto, são particularmente peritos os adventistas, vendedores ambulantes especializados, munidos dum diploma de colportagem, após um curso interessantíssimo e eminentemente prático. Frequentemente as Sociedades Bíblicas e as Editoras fazem o elogio dos colportores, narrando suas façanhas e seus triunfos.

Plano para 1946-1948. — Na aludida Conferência do Rio de Janeiro, traçou-se um programa de intensificação do trabalho bíblico, pedindo-se às Sociedades Bíblicas Unidas 12 milhões de volumes para os 3 anos de 1946 a 1948, para tôda a América Latina (800.000 Bíblias, 1.000.000 de Novos Testamentos e 10.200.000 porções).

Alfabetização e Cruzada Nacional de Educação. — Estudou-se também na Conferência do Rio o problema da alfabetização, para que um maior número de pessoas possa ler as Escrituras Sagradas. No Brasil, trabalha intensamente

nesse campo o Rev. Gustavo Armbrust, presidente da Cruzada Nacional de Educação, que recentemente esteve na Câmara Federal, com os membros da Comissão de Educação e Cultura, expondo os planos de sua campanha de alfabetização, para obter um apoio da mesma e assim alargar o âmbito de sua influência.

Propaganda. — Acenamos tão-sòmente para algumas modalidades de propaganda e difusão da Bíblia. Aproveitando-se do 50.º aniversário da República e 2.º do Estado Novo, a Sociedade Bíblica Americana ofertou ao Dr. Getúlio Vargas, então Presidente da República, uma Bíblia ricamente encadernada com uma inscrição. 125.000 exemplares de Testamentos, com as côres nacionais, foram distribuidos aos expedicionários brasileiros (*Expositor Cristão,* 26. 10. 44, pág. 2). Bíblias são distribuídas aos cegos e outras são remetidas a Portugal. Em 1944, ofereceram-se Bíblias aos que se formavam pela Faculdade de Medicina do Rio (*Puritano,* 10. 1. 45, pág. 8). Uma comissão de protestantes chegou a oferecer a Bíblia até à Comissão de senhoras bolivianas que vieram trazer ao Brasil a imagem de Nossa Senhora de Copacabana (*Puritano,* 25. 8. 1943,, pág. 3).

4. *Estudo da Bíblia*

Sendo a Bíblia a única fonte de fé para os protestantes, é natural que empenhem tôdas as suas fôrças em conhecê-la e torná-la conhecida. Citamos as principais instituições que se devotam ao ensino da Bíblia.

Escolas Dominicais. — As escolas dominicais (que os adventistas denominam escolas sabatinas porque as realizam no dia de sábado), assentam suas atividades sôbre o estudo da Bíblia. Cada semana tem seu texto áurco — tema central

de estudos — e em torno dêle se fazem algumas leituras diárias e algumas explicações, seguidas dum círculo, com minucioso questionário. Só no Brasil existem 23 revistas especializadas para êsses estudos, revistas que se publicam trimestralmente trazendo antecipadamente todo o programa do trimestre. São bem feitas e procuram fugir de questões disputadas entre as seitas, ficando mais um plano geral e de orientação moral. E' notório que os protestantes devem consagrar o dia do Senhor não sòmente ao culto mas também à escola dominical, na qual se distribuem todos os membros da igreja, desde a criança até o encanecido em anos.

Escola Bíblica de Férias. — Embora fundada em 1866, começou a se desenvolver desde 1905. No Brasil, entretanto, é recente, tendo sido lançada sua idéia, em 1924, pelo Rev. Herbert S. Harris, antigo secretário geral da União das Escolas Dominicais do Brasil. Os batistas denominam-na "Escola Popular Batista". Consiste num breve curso de férias, para ocupar as crianças. Um exemplo tirado da Igreja Metodista Central de São Paulo: Consagram-se duas horas e meia diárias de aulas: estudos, cânticos, trabalhos manuais, desenhos, recreações. A matrícula é gratuita.

União Bíblica. — Fundada em 1.º de Abril de 1879, em Londres, hoje conta mais de 800.000 membros, espalhados pelo mundo. Seu programa está de tal forma dividido que se possa ler, em cinco anos, tôda a Bíblia, isto é, todo o Novo Testamento e trechos escolhidos do Antigo Testamento.

Institutos Bíblicos. — São reuniões de estudos bíblicos entre pastores ou responsáveis pelas igrejas ou escolas dominicais, ou, às vêzes, designam missões populares tendo como base o estudo da Bíblia.

Liga da Leitura Diária da Bíblia. — Os membros desta Liga têm como obrigação: 1.º ler diàriamente um ou mais capítulos da Bíblia; 2.º persuadir os outros a fazerem o mesmo.

Liga do Testamento de Bolso. — Devem os liguistas trazer mais consigo o Novo Testamento e dêle ler diàriamente um ou mais capítulos.

Dia da Bíblia. — Anualmente se celebra, num domingo, o dia da Bíblia. Há dois anos, esta prática se tornou universal, e nesse dia não sòmente se exalta a Bíblia como se recolhem donativos para sua maior propaganda.

Entronização da Bíblia. — Como represália à entronização dos crucifixos nas escolas, atendendo a uma sugestão do bispo metodista César Dacorso Filho (cfr. *Expositor Cristão,* 16-23-11-44), o Rev· José Gonçalves Salvador dirigiu, em Janeiro de 1945, uma petição às autoridades do ensino de São Paulo para entronizar a Bíblia nas escolas. O despacho do professor Sud Menucci foi categórico: autorizou os diretores de grupos a receber a Bíblia na biblioteca, pois aí é o seu lugar.

Conferências, Projeções, Irradiações. — Os meios comumente empregados para estudos bíblicos são as pregações e conferências, algumas delas acompanhadas de projeções, como fazem principalmente os adventistas. Êstes também mantêm, em 20 estações radiofônicas, o programa "A Voz da Profecia", completado por uma Escola Radiopostal, com diversas modalidades de cursos domiciliares: universal (26 lições sôbre as profecias e doutrinas bíblicas), livre (20 lições na forma de leituras, sem perguntas a responder) e juvenil (24 lições ilustradas em côres, de orientação e estímulo para a juventude).

5. *Algumas Conclusões*

1.ª — A propaganda bíblica protestante no Brasil é a maior de tôda a América Latina e tende a aumentar ainda mais nestes três anos.

2.ª — Embora os frutos não correspondam à operosidade protestante, nem por isso esmorecem os distribuidores da Bíblia, satisfeitos com algum resultado prático e com o que êles julgam uma mudança de mentalidade católica, que da oposição à Bíblia passou ùltimamente a recomendar sua leitura, chegando Pio XII a escrever uma encíclica sôbre as Sagradas Escrituras.

3.ª — Grandes somas são empregadas na propaganda bíblica. Em 1942 as Sociedades Bíblicas espalharam 808.892 volumes das Escrituras, das quais 81.000 Bíblias e Novos Testamentos, dando um déficit de 724.000 cruzeiros, coberto pelas Casas Matrizes.

4.ª — As traduções até hoje publicadas não satisfazem completamente nem os próprios protestantes.

5.ª — Os protestantes já possuem no Brasil poderosas instituições para garantir o futuro de sua ação bíblica.

6.ª — A Cruzada Nacional de Educação poderá transformar-se, brevemente, num baluarte oficioso da propaganda bíblica protestante.

6. *Algumas Sugestões*

A essa imensa operosidade protestante no campo bíblico, que poderemos opor?

1) *Instrução.* — *a*) Instruir o povo quanto às falhas e mutilações das Bíblias protestantes, não trazendo todos os livros sagrados (8) e deturpando trechos das Escrituras. *b*) Mostrar como a Bíblia não é a única fonte de revelação e como as Escrituras surgiram, máxime o Novo Testamento, para completar a pregação dos Apóstolos. *c*) Refutar as calúnias e as objeções protestantes a respeito, mostrando as incoerências e contradições do livre exame. Processos violentos como também queimas públicas de Bíblias e polêmicas são contraproducentes. *d*) Organizar cursos bíblicos populares, aulas de História Sagrada, círculo de estudos sôbre Sagradas Escrituras. *e*) Vigiar e desvendar os planos da Cruzada Nacional de Educação.

2) *Divulgação e barateamento da Bíblia, mormente do Novo Testamento.* — Já se tem trabalhado neste sentido e merecem encômios os Padres Paulinos, Franciscanos e outros que se devotam a êste apostolado. Entretanto, muito resta fazer.

Sei que D. Francisco de Campos Barreto seguira para o Concílio Plenário Brasileiro com uma proposta de uma edição monumental da Bíblia, a ser vendida a preços populares, e para isso concorreriam as dioceses com uma quota estabelecida, conforme suas possibilidades. Circunstâncias independentes de sua vontade, particularmente a exiguidade do tempo para tratar de outros assuntos que não os expressamente contidos no esquema do Concílio e a enfermidade de S. Eminência o Cardeal Leme, impediram que êle apresentasse seu pedido.

---

8) Faltam na Bíblia Protestante os livros I.º e II.º dos Macabeus, Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc. Faltam capítulos em Ester e no livro de Daniel falta a oração de Azarias, o cântico dos mancebos, o episódio de Susana e a história de Bel e do Dragão.

Seja esta Semana Bíblica Nacional o prenúncio de outras Semanas Bíblicas de caráter popular, a fim de proporcionar ao povo fiel ensejo para se abeberar dos conhecimentos bíblicos. o que virá fortalecer mais ainda sua fé, incentivando ainda mais seu amor à Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo.

BIBLIOGRAFIA

A Bíblia em Portugal (1495-1850), por G. L. Santos Ferreiro, 1906, Tip. de Ferreira de Medeiros, Lisboa. — Versões Portuguesas da Bíblia, Artigo de J. Pereira no Dicionário da Bíblia de Vigouroux, Tomo V, 1.ª parte, colunas 559-569. — A Bíblia em Português, pelo rev. James M. Terrell em "Donde nos veio a Bíblia", de J. Paterson Smyth, Imprensa Metodista, 1931, São Paulo. — A Escola Bíblica de Férias, por Charles Wesley Clay, Confederação Evangélica Americana, 1940, Rio de Janeiro. — Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil, por Daniel P. Kider, Livraria Martins, São Paulo. — Lembranças do Passado, por João Gomes da Rocha, Confederação Evangélica do Brasil, Rio de Janeiro.

A CIÊNCIA A SERVIÇO DA EXEGESE

Sob os auspícios do Seminário Episcopal de Gravina di Puglia, aparecia na Itália, desde 1929, uma publicação: "La Sacra Scrittura. Psicologia-Commento-Meditazione". No ano de 1939 já compreendia 13 volumes, tendo tratado os

livros do Gênesis ao Eclesiástico. Nela o diretor, *Padre Deolindo Ruotolo*, sob o pseudônimo de *Dain Cohenel*, propunha-se comentar tôda a Bíblia segundo um método apto a tornar manifesta a revelação divina, a fazer esplender a sabedoria, o amor, a bondade de Deus, ao mesmo tempo que a fazê-Lo mais conhecido, amado e servido dos homens.

Os princípios todavia em que se fundava o zêlo de Dain Cohenel não inspiravam sólida confiança. Deixando de parte a regra de ouro de tôda exegese, que prescreve a busca do sentido literal da Escritura, fundamento essencial e primordial da interpretação, mais elevada, mística ou típica, reserva-lhe parte mínima tão só de suas preocupações, substituindo-a pelo desenvolvimento copioso das suas meditações pessoais, nem sempre isentas de êrro, mau grado sua piedosa intenção. Tal mística pessoal não podia absolutamente passar como doutrina escriturística pròpriamente dita, pois levava ao velho princípio protestante da inspiração individual. E ninguém ligaria para a questão, se ela ficasse tão sòmente nisso.

Mas o contemplativo Dain Cohenel quis opor a sua exegese àquela que a maioria dos institutos católicos esposa hoje em dia, quer dizer, a fundada sôbre o método crítico-científico, preconizado pela Santa Madre Igreja.

Debalde o Revmo. Padre Vaccari, jesuita do Pontifício Instituto Bíblico, teceu judiciosas considerações sôbre as consequências más do sistema místico-subjetivista do Pe. Ruotolo. Êste em Setembro de 1939 respondeu-lhe com dois opúsculos em que acentuava ainda mais seu subjetivismo, o que resultou na condenação de todas as suas obras pelo Santo Ofício, a 12 de Novembro de 1940.

Eis que, não obstante a condenação, um *Anônimo*, — e era o mesmo Dain Cohenel, — enviou a todos os Bispos e

Superiores religiosos da Itália um opúsculo *pro manuscripto* dizendo ser obra para uso privado, mas, apesar da ressalva, enviada em envelope aberto. E' um libelo tremendo contra a ciência aplicada ao cultivo da Bíblia e a preconização do método acima citado.

Então a Pontifícia Comissão Bíblica publicou um decreto, aprovado pelo Santo Padre Pio XII, gloriosamente reinante, condenando as afirmações do libelo, em quatro considerações: 1.º O libelo recusa a regra de ouro da exegese e preconiza o da meditação religiosa, que nos faria comunicar com a Sabedoria divina, e recrimina os exegetas católicos de materializarem a Bíblia em sentido puramente humano· Mas a Pontifícia Comissão Bíblica responde que êsse novo método levaria a perigoso subjetivismo, o qual expõe a desvios de imaginação. 2.º O libelo atribui à Vulgata, estribado falsamente no Concílio de Trento, um caráter que não possui. Deveras, segundo o Anônimo, o decreto do Concílio Tridentino apresentaria a Vulgata como texto autêntico e oficial, subtraido a tôda discussão, de forma que submetê-lo às operações da crítica textual seria mutilar a Sagrada Escritura, e substituir a autoridade eclesiástica pelo julgamento individual. A Pontifícia Comissão Bíblica mostra como tais exageros vão contra o senso comum e desnaturam o pensamento do Concílio Tridentino, que entendia dar a Vulgata como a versão autêntica de que a Igreja Latina poderia servir-se, sem temor de êrro, quanto à fé e aos costumes. Tal *autenticidade jurídica* não exclui o valor dos textos originais, e Leão XIII prescreveu explìcitamente o melhor uso dêles. 3.º O Anônimo quer provar que tôda emprêsa da crítica textual, pretendendo modificar o teor da Vulgata segundo os textos originais, constitui um "massacre" da Bíblia. Em consequência lança invetivas contra os críticos, dados quais modernistas

perigosos, que rebaixariam a Bíblia no nivel de livros puramente humanos, e tentariam fazer prevalecer as idéias pessoais sôbre o texto investido de autoridade pela Igreja. A Pontifícia Comissão Bíblica reduz a pó tais sofismas, e justifica luminosamente a utilidade da crítica textual com a constante prática da Igreja, desde as laboriosas pesquisas de Orígenes até a Comissão para a revisão e correção da Vulgata, e as recomendações das grandes encíclicas a respeito do estudo das Sagradas Escrituras. Longe de rebaixarem a dignidade da *Biblioteca inspirada*, os trabalhos austeros e árduos da crítica textual para a reconstrução pura do texto sagrado testemunham veneração para com ela. 4.º O Anônimo tenta denegrir o estudo das línguas orientais e das ciências auxiliares. Vê nisso tudo vaidade e erudição mentirosa. A Pontifícia Comissão Bíblica refuta-o, apontando a Escol Bíblica dos Padres Dominicanos de Jerusalém, o Pontifíci Instituto Bíblico entregue aos Padres Jesuitas em Roma, o textos pontifícios que recomendam, aconselham, ordenam e impõem o método científico ao estudo escriturístico, como o único acertado.

Pode-se dizer que o decreto inteiro é uma recomendação da ciência a serviço dos Sagrados Oráculos.

Baste o decreto louvado. E desçamos a contemplar o panorama do estudo da Bíblia em nossa querida Pátria.

Esta primeira Semana Bíblica é feliz auspício. O que ela se propõe é estudar a Bíblia, segundo as normas da Santa Sé. Porque até hoje o isolamento, no qual viviam os professôres de Escritura nos seminários diocesanos e religiosos, bem como os estudiosos da Bíblia, era o grande obstáculo àquela colaboração, que se faz necessária, cada vez mais, para o progresso em tudo, e, no caso, para o dos estudos bíblicos·

Duas palavras resumem os abusos que se notam da palavra de Deus, sobretudo no púlpito. Se o Pe. Bainvel lastimava, bem depois da encíclica *Providentíssimus* que os conselhos dela sôbre o uso da Bíblia na cátedra cristã não tinham sido seguidos de todo, o que o leva a reeditar seu livro "Les contresens bibliques des prédicateurs" (2.ª edição, 1906, apud P. Lethielleux, Libraire éditeur), — e ainda não o foram completamente — em nossa Pátria a experiência de cada um já averiguou, pelo menos alguma vez, aquilo que disse S. Jerônimo: "*Ad sensum suum incongrua aptant testimonia, quasi grande sit et non vitiosissimum docendi genus depravare sententias, et ad voluntatem suam Scripturam trahere repugnantem*". (Ep. 53 (103), 7).

O primeiro abuso é dar falsamente como sentido literal o que não o é. Vem da falta de justeza e de exatidão. E esta falta por sua vez brota da ignorância quase sempre vencível e da preguiça. Toma-se o texto bíblico, separado do contexto e de tudo o mais que poderiam explicá-lo, e aplica-se como soa. Até chegar a isto: "*Non resurgent impii in iudicio*" do Salmo é a afirmação de que não haverá para os ímpios a ressurreição dos corpos?! E o que ainda avançou Bainvel: "Sobretudo alguns textos foram expressamente maltratados. A especiosa aparência das palavras enganou; a frase, separada de tudo o que poderia explicá-la, passou de livro a livro, de bôca a bôca; o contra-senso obteve direito de cidadania, a moeda falsa tornou-se moeda corrente" (opus cit., p. X), ainda se dá não raramente por aqui, ouvindo a gente citados êsses textos erradamente.

O segundo abuso é o desprêzo pelo sentido literal da Bíblia, que é empregada sob várias e condenáveis acomodações.

(1) Tem-se então sôbre origem bíblica o sentido humano. Já não é a palavra de Deus; é a palavra do homem.

Pode-se dizer que todos os últimos documentos sôbre o estudo bíblico tendem a encorajar o conhecimento, cada vez mais profundo, do sentido bíblico· (2)

Percebe-se, ao lado dos abusos, o receio demasiado e infundado de se adotarem os resultados atuais da verdadeira ciência. Muitos trechos da encíclica *Divino Afflante Spiritu*, — para não se citarem outros documentos, — podem resumir-se na conhecida frase: "*vetera novis augere atque perficere*".

Entretanto, talvez se possa afirmar que, em razão disso, aqui ou ali os estudos exegéticos, e com maior generalização o ensino da Bíblia aos fiéis, — mediante as histórias sagradas, as homilias, os sermões, os cursos de religião sob tôdas as formas, — estejam atrazados, e os ouvintes, ao invés de encontrarem nas explicações sôbre a Bíblia argumentos que

---

(1) Pois há igualmente uma acomodação legítima e louvável como é a que geralmente se encontra nos Padres e na Liturgia. Assim como existe um **estilo bíblico**, quando o escritor, à fôrça de meditar sôbre a Bíblia, como que tece as suas frases com expressões tiradas dela.

(2) Quando esta conferência foi entregue à tipografia, a Instrução da Pontifícia Comissão Bíblica de 13 de Maio de 1950 já é bem conhecida dos estudiosos. Ora bem, sôbre o sentido literal assim estátui: "Quanto ao seu múnus de intérprete, assim proceda o professor, que em primeiro lugar exponha, clara e lùcidamente o que se diz **sentido literal**". E "sejam os clérigos obrigados a compor... uma homilia... Dessarte os alunos aprenderão... a propor e a explicar ao povo cristão o sentido verdadeiro e próprio da Palavra de Deus..." E quanto às acomodações que se fazem, havendo sentido literal ou espiritual da mesma verdade na Bíblia, a recente mudança da Missa da Assunção é significativa.

lhes solidifiquem a fé, são atingidos por dúvidas, alguma vez bem angustiosas.

Para só oferecer alguns exemplos, aqui vai a tese do dilúvio geogràficamente universal, dada como obrigatória e contida claramente na Bíblia, e a da idade do mundo, que é de 6.000 anos, segundo a Bíblia, como ainda por aí alguns afirmam.

Para obviar aos defeitos dos estudos bíblicos em nossa amada Pátria, e para promovê-los de futuro, aqui vão agora algumas considerações sôbre o carater científico que hão de ter.

Será antes de tudo preciso distinguir os especialistas em exegese dos outros estudiosos.

Quanto aos primeiros será util aduzir aqui um trecho da obra do Eminentíssimo Cardeal Gomá y Tomás "La Biblia y la predicación": "El estudio cientifico de la Biblia debe ser ocupación de pocos, porque son pocos los que a el pueden dedicarse con provecho. Se requiere para ello preparación técnica en muchas disciplinas: lenguas, historia, arqueología, geografia, hermenéutica, crítica especializada, etc. Se necesita mucho tiempo y copia de instrumentos de trabajo". Êstes especialistas hão, desta parte, de colimar o progresso da ciência bíblica, com pesquisas e investigações, quando possuem de fato todo o equipamento científico requerido. E de fato muita cousa na Bíblia ainda é desconhecida, muitas objeções ainda não receberam respostas totalmente satisfatórias, textos obscuros devem ser esclarecidos, riquezas imensas existem ainda não exploradas. O Brasil deve formar nos vários centros bíblicos um grupo bem denso de tais especialistas, que possam depois concorrer para o progresso dos estudos bíblicos aqui na Pátria, ao lado dos biblistas do resto

do mundo. Na verdade, são poucos hoje os especialistas cá. De outra parte, compete aos especialistas divulgar o fruto de seus estudos, oferecendo sobretudo aos Sacerdotes ocupados na cura das almas, ou nos estudos que dependem dos conhecimentos bíblicos, mas também aos fiéis, o resultado das pesquisas científicas sôbre a Bíblia e uma exegese deveras atualizada. Humildemente podemos dizer que a nós incumbe êsse mister. Cabe-nos portanto ouvir atentamente êste trecho da encíclica "Divino Afflante Spiritu", de Sua Santidade o Papa Pio XII, felizmente reinante: "Assim pois, os nossos especialistas dos estudos bíblicos dediquem também sua atenção a isto com a devida diligência, nem desprezem nenhuma descoberta da arqueologia, ou da história antiga ou da ciência das antigas literaturas, que possa servir ao melhor conhecimento da mentalidade dos antigos escritores, do seu modo de raciocinar, narrar e escrever. E neste campo saibam também os seculares católicos que não só contribuirão para o progresso das ciências profanas, senão que também prestarão um assinalado serviço à causa cristã, se com a devida diligencia e aplicação se derem à exploração e ao estudo da antiguidade, e concorrerem assim para a boa solução dos problemas até agora inda mal solucionados e obscuros. Pois todo conhecimento humano, embora não sagrado, por isso mesmo que é uma participação finita da infinita ciência de Deus, tem já por si uma sua dignidade e excelência própria; mas eleva-se a uma mais alta dignidade e quase consagração, quando se emprega em fazer brilhar com clara luz as coisas divinas".

Incumbe-nos pois formar bibliotecas de obras escriturísticas, não sem fotocópias de manuscritos e demais documentos, que só assim podem chegar a estas plagas; pensar numa revista bíblica, que veicule tudo quanto de sadiamente novo

no campo bíblico vier aparecendo; entreter semanas, e fora delas, conversas em grupos menores, ou pelo menos carteio sôbre a Bíblia, a fim de que haja auxilio mútuo no resolver questões, aceitar sugestões, etc.; sobretudo, estudar as ciências que o Santo Padre mencionou, hoje mais do que nunca, para que se veja mais claro o que o Espírito Santo nos quis comunicar.

Mas para os sacerdotes em geral vai êste outro trecho da mesma encíclica citada antes: "Considerando as imensas fadigas abraçadas pela exegese católica durante quase dois mil anos, para que a Palavra de Deus, comunicada aos homens nas sagradas Letras, se compreenda cada dia mais perfeitamente e mais ardentemente se ame, surge espontânea a convicção de que os fiéis e particularmente os sacerdotes têm o grave dever de aproveitar larga e santamente aquêle tesouro acumulado durante tantos séculos pelos maiores talentos. Deus não deu aos homens os Livros Santos para satisfazer a sua curiosidade, ou para lhes fornecer materia de estudo e investigação, mas, como adverte o Apóstolo, para que êstes divinos oráculos nos pudessem "instruir para a salvação pela fé em Jesus Cristo" e para que "seja perfeito o homem de Deus, bem armado para tôda a obra boa" (2 Tim 15,17). Portanto os sacerdotes que por ofício devem procurar a eterna salvação dos fiéis, depois de terem estudado diligentemente as sagradas páginas, e de as terem assimilado com a oração e meditação, distribuem com o devido zêlo nos sermões, homilias e práticas as celestes riquezas da divina palavra; confirmam a doutrina cristã com sentenças dos Livros santos, ilustram-na com os preclaros exemplos da História sagrada, nomeadamente do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo; e tudo isto, evitando diligente e escrupulosamente as acomodações arbitrárias e estiradas, verdadeiro abu-

so e não uso da divina Palavra, exponham-no com tal facúndia e clareza, que os fiéis não só se movam e afervorem a melhorar a própria vida, mas concebam suma veneração para com a Sagrada Escritura. A mesma veneração procurem os sacerdotes instilar e aperfeiçoar cada vez mais nos fiéis confiados ao seu zêlo pastoral, fomentando tôdas as empresas de homens apostólicos que louvàvelmente se esforçam por excitar e fomentar entre os católicos o conhecimento e o amor dos Livros Santos. Favoreçam pois e auxiliem as associações que têm por fim difundir entre os fiéis exemplares da Sagrada Escritura, particularmente dos Evangelhos, e procurar que nas famílias cristãs se leiam, regularmente, todos os dias, com piedade e devoção; recomendem eficazmente com palavra e exemplo, onde o consente a Liturgia, a Sagrada Escritura traduzida nas línguas modernas com a aprovação da Autoridade Eclesiástica; façam êles próprios conferências ou lições públicas de assuntos bíblicos, ou encarreguem de as fazer a outros oradores bem versados na materia. As revistas que com tanto louvor e fruto se publicam nas várias partes do mundo ou para versar cientificamente as questões bíblicas, ou para adaptar os resultados daquelas investigações ao sagrado ministério e ao espiritual aproveitamento dos fiéis, procurem todos os Ordinários, quanto lhes fôr possível, ampará-las e difundí-las nas diversas classes do seu rebanho. E persuadam-se que tudo isto e o mais que o zêlo apostólico e sincero amor da divina Palavra saberá encontrar para obter tão sublime fim, será para êles um auxílio eficaz na cura das almas".

Esperamos pois que todos os Reverendíssimos Senhores Sacerdotes hão de apoiar a Liga dos Estudos Bíblicos, que se projeta como o fruto mais sazonado desta semana. E es-

peramos também que nós forneceremos aos Senhores Sacerdotes aquela guia, que almejam e deveremos dar.

Mais, sabemos como a vida sacerdotal na Pátria está assoberbada com mil e uma atividades. Somos poucos. E o trabalho, muito, graças ao Bom Deus. Mal e mal se encontra tempo para a escrituração dos livros paroquiais. E então, estudar os planos do ministério, aplicar ao povo a teologia dogmática e moral, preparar as homilias e sermões, as lições de catecismo e as práticas ao povo, recordar as materias do seminario, sobretudo pôr em dia os mesmos estudos, é cousa quase heroica. Entanto, apesar de tudo, não é exceção o padre que atualiza os seus conhecimentos, que relembra os tratados teológicos, que lê o que de melhor se vai publicando.

Sabendo pois disso, apresentamos algumas materias, que os Reverendíssimos Senhores Sacerdotes, nos seus lazeres, poderão aprender mais profundamente, completando seus cursos de seminário, dada a sua suma utilidade hoje.

O que mais importa é o estudo da teologia bíblica quer do Antigo, quer do Novo Testamento, conforme se expressa o Santo Padre na sua encíclica, tratando do ensino da Sagrada Escritura nos seminarios: "Portanto, na exegese, façam sobressair principalmente o conteúdo teológico, evitando as discussões supérfluas, e omitindo tudo o que serve mais a apascentar a curiosidade do que a fomentar a verdadeira ciência e a sólida piedade; exponham tão sòlidamente o sentido literal, e especialmente o teológico, declarem-no com tal mestria, inculquem-no com tal calor, que de algum modo se verifique nos seus alunos o que sucedeu aos discípulos de Emaús, os quais ouvindo as palavras do divino Mestre excla-

maram: "Não sentíamos nós o coração a arder, enquanto Êle nos explicava as Escrituras?" (Lc 24,32).

Mas o ensino teológico só há de saltar à vista, graças à reconstrução do mundo bíblico, através do qual Deus ensina, e que põe em evidência o sentido literal de cada texto, como fundamento e subestrutura dos demais sentidos.

Pára essa reconstrução faz-se mister amplo conhecimento do ambiente bíblico: história, geografia, arqueologia, etc. Sôbre as duas últimas a obra "Institutiones Biblicae" (4.ª ed., 1933, p. 403), do Pontifício Instituto Bíblico, diz assim: "Archaeologia et geographia nos solum utiles sunt, sed quam maxime necessariae". O mesmo se diz da primeira. O sacerdote pois muito aproveitará com a descrição dos países bíblicos, lendo os livros de *Legendre* (Le Pays biblique), ou de *Guérin* (Description géographique, historique et archéologique de la Palestine), ou de *Landrieux* (Aux Pays du Christ), ou de *Abel* (Géographie de la Palestine), etc., consultando os mapas de Guethe, Tellier e Grammatica. Saberá outrossim enquadrar a História da Revelação, como se pode chamar à Bíblia (ainda que parte dela esteja na Tradição), dentro da história universal, como também perceber a marcha da humanidade para Cristo Senhor, folheando com a maior atenção as várias histórias de Israel, como a de *Ricciotti, Cheminant, Desnoyers, Felten,* etc.

Haverá igualmente de investigar, como puder, a arqueologia bíblica. Pois é certo o que diz o Pe. Steinmueller: "A importância da arqueologia, que inclui não só o trabalho das escavações, como também monumentos, inscrições, e outros documentos escritos, progrediu de tal modo no século XX, que estudioso algum da Bíblia, seja do Velho como do Novo Testamento, pode deixar seu estudo". Aliás a encíclica *Di-*

vino Afflante Spiritu, — demonstrando ademais que importa pôr em dia os estudos bíblicos feitos no seminário, — assim se expressa: "Não há quem não possa fàcilmente dar-se conta de que a situação dos estudos bíblicos e de suas ciências subsidiárias mudou-se grandemente no transcurso dos ultimos cincoenta anos. Por exemplo, afora qualquer outra coisa, quando nosso Predecessor publicou a carta encíclica "Providentissimus Deus" difìcilmente um só lugar da Palestina havia começado a ser explorado mediante sérias escavações. Agora, pelo contrário, esta classe de investigações é muito mais frequente, e, desde que métodos mais precisos e habilidade técnica se desenvolverem no curso da atual experiência, proporciona-nos informações cada vez mais abundantes e precisas". Os manuais de *Barrois* e de *Hennequin*, de *Kalt* e de outros, oferecem o resultado de tôdas as escavações.

Nem se fale na aquisição e leitura dos bons comentários modernos da Sagrada Escritura, como os da coleção em andamento, chamada "La Sainte Bible", editada na França por Pirot.

Outro tanto se diga de boas e modernas vidas de Jesus, (as de Prat, Ricciotti, Grandmaison, Lebreton, Lagrange, são as melhores), e de S. Paulo (Holzner, Prat, Ricciotti, etc.).

Ao lado dos livros, será utilíssimo ao sacerdote a assinatura de uma revista bíblica, mais a de divulgação e uso ministerial da palavra de Deus, como *Verbum Domini*, do Pontifício Instituto Bíblico, e *Cultura Bíblica*, de vários biblistas espanhóis, do que uma de investigação científica, como *Bíblica*, do mesmo Pontifício Instituto Bíblico.

Claro está que todo sacerdote interessado de coração nos problemas bíblicos há de manusear com frequência o seu manual de introdução geral e especial aos livros sagrados,

como o de Simón-Prado, Renié, Hoepfel-Gutt, Lusseau-Collomb, Steinmuller, etc., para só falar aos que tratam de tôdas as questões introdutórias, sem nomear os tratados parciais só dos livros do Antigo, ou só dos do Novo Testamento, e outros ainda mais particularizados.

Para quem tiver mais tempo e, necessàriamente, queda, o estudo das línguas bíblicas, sobremodo do hebreu e do grego "koiné", é sumamente importante·

Nem se deixe à parte a história das religiões e o estudo comparativo dos textos bíblicos e extra-bíblicos, porque isto tudo lança muita luz sôbre as páginas inspiradas, e põe em relevo a transcendência inigualável daquela religião antiga e da cristã, que o Senhor mesmo aceitou para nelas ser cultuado.

Quanta luz jorre de tais estudos, para a compreensão melhor e maior dos Livros Santos, sabem-no os doutos, sabem-no todos os que se dão a êste gênero de trabalhos intelectuais. Um exemplo demonstrará isto insofismàvelmente. Os Evangelistas só disseram isto: "Et crucifixerunt eum". Mas, oh! que surpresa: o Pe. Holzmeister investigou tôdas as inscrições do Imperio Romano, do qual a Palestina era então província, e chegou a explicitar solidìssimamente tudo quanto se refere à Cruz e à Crucificação de Jesus, reconstruindo com a achega de várias fontes, os fatos como se passaram. Sobretudo isto que passo a dizer com as suas palavras: "Evangelistae clare noverunt, quantum lectoribus suis traderent, cum de divino Salvatore unicum illud verbum scripserunt: "staúrosan autón crucifixerunt eum" (Lc 23,33; Jo 19,18; e similmente Mc 15,25 staurousin autó; Mt 27,35 staurósantes autón). Nobis vero cognitio clara et distincta deest, quae immensum pelagus dolorum et humiliationum, unica illa voce contentum exhau-

riat. Ut tamen tam salutarem cognitionem pleniorem reddamus, consulamus oportet scriptores antiquos, qui durissimum hoc supplicium commemorant, colligamusque quosdam saltem textus ipsorum, ut ad instar musivi operis imago atrox et horrenda supplicii crucis exsurgat et appreat "ante" nostros quoque "oculos" Iesus Christus praescriptus (depictus), "in nobis crucifixus" (Gál 3,1).

Graças a estudos severos, como são os das matérias indicadas, e de outras que lhes são análogas, tôda a riqueza de cada texto poderá ser explorada, como o Pe. Holzmeister explicitou sôbre o da Cruz.

E através da Bíblia, mais conhecida, e mais amada, o sacerdote chegará a ter noção mais nítida de quanto Deus fêz pela sua salvação, de quanto lhe importa exercer em correspondência ao especial amor de Deus, que lhe deu a graça espantosa do sacerdócio, e a leitura com a meditação do Livro de Deus leva-lo-á a realizar plenamente o seu ministério sagrado, para o qual há de atrair as melhores bênçãos do Pai das Luzes, para a gloria da Trindade e para a salvação das almas.

Esta palavra do Pe. Vaccari é uma orientação, ao mesmo tempo segura e oportuna, quando aconselha o enriquecimento dos estudos bíblicos com os recursos atuais do verdadeiro progresso científico, o que é bem outra cousa que a adoção de quanta novidade que por aí corre sem base alguma: "Existe uma sã modernidade nos estudos, nos escritos, em tôda a vida; modernidade da qual a grande mente de Pio XI falava de bom grado nas suas alocuções durante as semanas bíblicas, e que atuou as mais várias e admiráveis explicações na sua vida privada e no seu governo. No campo bíblico é aquela modernidade que a Pontifícia Comissão aprova e defende na

sua Carta, e nós, seguindo-a, nos esforçamos por ilustrar nas páginas precedentes. Esta modernidade não tem nada em si de modernismo, fornecendo ao contrário armas mais eficazes para combater o verdadeiro modernismo condenado pela Igreja. Quem quer que sejas, que te entregas ao estudo das divinas Escrituras, avante pelo caminho desta modernidade, à luz dos ensinos dos Sumos Pontífices, em seguimento dos antigos Padres da Igreja (" Studio della Bibbia", Roma, La Civiltà Cattolica, 1943).

HEXAÉMERO EM SEUS ASPECTOS FUNDAMENTAIS

O trabalho que vamos desenvolver versa sôbre um assunto tão difícil quão importante, tão vasto quanto o seu significado. É nosso intuito focalizar os aspectos fundamentais da página inicial da Escritura, onde se descreve a criação do mundo. Todos os recursos do exegeta, do teólogo, do perito em arqueologia, em filologia, do sábio orientalista estão aquém da tarefa imensa, que é, sem dúvida, a explicação do capítulo primeiro do Gênesis.

Não temos a pretensão de apresentar um trabalho nem original nem decisivo, mas de uma coisa estamos convencidos, a saber, que de tempos para cá grande foi o progresso da exegese bíblica em relação ao Hexaémero ou seja à obra da criação. E todo êsse progresso é devido a um estudo mais aprimorado e direto do texto sagrado, mediante a crítica textual e literária, através das antiguidades bíblicas já agora conhecidas mais profundamente. E aqui não me furto à imperiosa oportunidade de citar as normas exaradas tão sàbia-

mente pelo atual Pontífice Pio XII na Encíclica "Divino afflante Spiritu", normas que orientaram os intérpretes a quem devemos, nos últimos decênios, um patrimônio de conclusões sòlidamente construidas. Êste progresso, afirma Pio XII, "deve-se em grande parte ao trabalho indefesso dos comentadores católicos, que sem se deixarem descoroçoar das dificuldades e obstáculos de tôda espécie, procuraram com todo o afinco aproveitar quanto as modernas investigações dos sábios nos vários campos da arqueologia, da história, da filologia, ministravam para resolver as novas questões. É que os exegetas católicos — continua ainda Pio XII — manejando retamente as mesmas armas da ciência de que os adversários não raro abusavam, encontraram interpretações conformes à doutrina católica e à genuina tradição, e que ao mesmo tempo parecem resolver perfeitamente as dificuldades, tanto as que os antigos nos deixaram sem solução, como as que de novo criaram as descobertas das modernas investigações. O intérprete deve transportar-se com o pensamento àqueles antigos tempos do Oriente e com o auxílio da história, da arqueologia, etnologia e outras ciências examinar e distinguir claramente que gêneros literários quiseram empregar e empregaram de fato os escritores daquelas épocas remotas. Êste estudo — acrescenta Pio XII — feito com maior cuidado e diligência nos últimos decênios, mostrou mais claramente quais as formas de dizer empregadas naqueles antigos tempos quer nas composições poéticas, quer na legislação ou na história. A mesma investigação demonstrou já luminosamente que o povo de Israel, entre tôdas as antigas nações do Oriente, ocupa um lugar eminente e singular no escrever da história, quer pela antiguidade quer pela fiel narração dos fatos: prerrogativas estas que em verdade se podem deduzir do carisma da divina inspiração e do particular fim religioso da história bí-

blica. Contudo ninguém que tenha um conceito justo da inspiração bíblica, poderá estranhar que também nos autores sagrados, como nos outros antigos, se encontrem certos modos de expor e contar, certos idiotismos próprios especialmente das línguas semíticas, certas expressões aproximativas ou hiperbólicas e talvez paradoxais, que servem para gravar as coisas mais firmemente na memória. Nenhum dos modos de falar de que entre os antigos e especialmente entre os Orientais se servia a linguagem para exprimir o pensamento, pode dizer-se incompatível com os Livros Santos, uma vez que o gênero adotado não repugne à santidade e verdade de Deus. Portanto o exegeta católico para corresponder às hodiernas exigências dos estudos bíblicos, ao expor a Sagrada Escritura, e ao mostrá-la e demonstrá-la imune de qualquer êrro, use com a devida prudência também dêste meio, examinando quanto possa ajudar à verdadeira e genuina interpretação a forma ou gênero literário empregado pelo hagiógrafo; e persuada-se que não pode descurar esta parte do seu ofício sem grande prejuízo da exegese católica. Assim para citar um só exemplo, quando alguns presumem acusar os Autores sagrados de êrro histórico ou de inexatidão em referir certos fatos, examinando bem vê-se que se trata simplesmente de modos de falar ou narrar próprios dos antigos, correntemente usados para trocar idéias e que realmente se aceitavam como lícitos no trato ordinário. Portanto os nossos especialistas de estudos bíblicos atendam também com a devida diligência a êste ponto, nem desprezem nenhuma descoberta da arqueologia ou da história antiga ou da ciência das antigas literaturas, que possa servir ao melhor conhecimento da mentalidade dos antigos escritores, do seu modo e arte de raciocinar, narrar e escrever. . . poderá o exegeta católico ajudar-se egrègiamente do estudo inteligente dos escritos em que os Santos Padres

e Doutores da Igreja e os ilustres intérpretes das idades passadas comentaram os Livros santos. Pois que êles, bem que talvez menos favorecidos de instrução profana e de ciência linguística do que os intérpretes dos nossos dias, contudo pelo lugar que Deus lhes deu na Igreja, distinguem-se por uma suave intuição das coisas celestes e por uma admirável perspicácia com que penetram até às mais íntimas profundidades da divina palavra... Assim efetuar-se-á finalmente a feliz e fecunda combinação da doutrina e suave unção dos antigos com a mais vasta erudição e arte mais progredida dos modernos, a qual de certo produzirá novos frutos no campo nunca assaz cultivado das divinas Letras."

Vamos pois, servindo-nos da sabedoria dos Padres e intérpretes da antiguidade e de todo o recurso e progresso das ciências eclesiásticas e profanas apresentar um estudo sucinto e fundamental para ver se encontramos "uma solução positiva e solida, em harmonia com a doutrina tradicional da Igreja especialmente com a da inerrância da Sagrada Escritura, e que satisfaça convenientemente às conclusões certas das ciências profanas", guardando-nos "daquele zelo pouco prudente que crê dever atacar ou declarar suspeita qualquer novidade ùnicamente pelo fato de ser novidade". "Esta verdadeira liberdade dos filhos de Deus, que se atém fielmente à doutrina da Igreja e acolhe e aproveita com gratidão, como dom de Deus, as conquistas da ciência profana, quando favorecida e confortada pela boa vontade de todos, é a condição e a fonte de todo o fruto verdadeiro e de todo o sólido progresso na ciência católica". Assim rematamos esta parte introdutória com palavras tiradas da magistral encíclica "Divino afflante Spiritu", de 30 de setembro de 1943.

Não foi digressão. Foi um assentamento de princípios e normas que julgamos o alicerce imprescíndivel para qualquer

construção sólida no campo da exegese, mormente do primeiro capítulo onde se trata, em resumo, da criação do mundo universo.

A — Considerações fundamentais

1. Antes de mais nada é necessário declarar que no livro do Gênesis encontramos uma descrição verdadeiramente casta, sóbria, elevada, tôda ela perpassada pelo espírito vivificante da religião divina de Javé. Certamente — como diz König — não existe livro algum em tôda a antiguidade no qual as relações do homem para com Deus sejam descritas tão claramente, nem livro em cujas páginas esta idéia seja desenvolvida, de tal modo que tudo se reduza à sua fonte primeira e destarte tenha origem a história universal" cujas linhas fundamentais e inconfundíveis só no Gênesis podemos descobrir. E' pois o Gênesis e, particularmente os onze primeiros capítulos, uma história típica e profundamente religiosa: história da humanidade, mas também história do pecado; história do pecado, mas também prehistória da misericórdia divina e da nossa redenção.

2. Depois do conceito eminentemente religioso que penetra até ao âmago as primeiras páginas da Bíblia, devemos salientar um conceito jurídico que também é básico na interpretação da História dos primórdios do genero humano. É o conceito de *tholedoth*, palavra hebraica que significa *geração*, conceito que não vamos desenvolver, apenas indicar em poucas palavras, para que ilustremos mais um aspecto que nos vai interessar, embora à guisa de tangente. Segundo as idéias jurídicas do Antigo Oriente, não se pode falar, em rigor de termo, de direito civil ou privado. O núcleo da sociedade é a família e portanto o sujeito do direito. Só se

pode falar de direito familiar ou da tribo, principalmente entre os nômades. A família, pois, é a fonte de todo direito e tradição. Como porém a família se conserva e se propaga através da geração, daí se conclui que o conceito de geração, e consequentemente de genealogia, se prende em íntima conexão com o de direito. Quando, pois, o Autor sagrado inicia o versículo 4.º do capítulo segundo do Gênesis com as palavras: "Estas são as gerações do céu e da terra quando foram criados (Adão e Eva), no dia em que Deus Javé os criou", com isso quis significar que todos os bens, todas as perfeições do mundo criado se transfundiram em Adão, emergindo o homem como coroa e apogeu do mundo criado, mas principalmente como herdeiro e senhor de um patrimônio universal isento de culpa. Por onde se vê que o primeiro capítulo se destina a engrandecer o caráter humano natural e sobrenatural dos nossos primeiros pais. E assim se confirma a tendência marcadamente antropológica e religiosa do primeiro capítulo.

3. Não sendo nosso intuito explanar detalhadamente os 33 versículos do Hexaémero, mas sim apresentar as idéias fundamentais para, no fim, nos pronunciarmos sôbre como entender uma das páginas mais difíceis da Bíblia, vejamos logo de início como classificar a obra criativa dos seis dias.

Uma análise objetiva do texto impõe a seguinte divisão: uma obra de criação (v. 1), uma obra de formação e por fim a obra de complemento.

Na obra de formação, realizada nos seis dias bíblicos, que vai do v. 3 ao 31, ainda podemos e devemos reconhecer duas partes bem distintas, a primeira chamada de *distinção*, com a finalidade de formar os habitáculos, preparar o ambiente que deverá acolher os seres que se movem com um movimento visível, criados na segunda parte, chamada de *ornato*.

Assim no primeiro dia separa-se a luz das trevas, formando-se a *astrosfera* que é o ambiente onde se locomovem o sol (cujo nome não se declina), a lua (idem), e as estrêlas, quais governadores do dia e da noite, criados no quarto dia em correspondência com a primeira obra.

No segundo dia, com a separação das águas superiores das inferiores, forma-se a um tempo a *hidrosfera e a atmosfera* ou firmamento, ambientes êstes que vão acolher os peixes e as aves, criados no 5.º dia.

No terceiro dia realizam-se duas obras: separa-se o mar da terra sêca e criam-se as plantas que constituem parte integrante da *geosfera.* As plantas no conceito popular semítico, vêm a ser uma espécie de tapete estendido por sôbre a face da terra para melhor dispor o ambiente onde se vão locomover os animais (da terra firme) e o homem, criados no sexto dia.

Vemos assim, sem nenhum esfôrço, que a descrição do Hexaémero obedece a um plano fàcilmente recognoscível: duas grandes obras, uma de distinção ou formação dos habitáculos (meio ambiente) e outra, a de ornato (como a chamou Santo Tomás), mas que melhor se deve chamar *dos sêres em movimento.* A cada habitáculo que se vem preparando nos três primeiros dias, segundo as idéias da cosmogonia do tempo, estão em correspondência os habitantes (sêres que se locomovem) criados sucessivamente no 4.º, 5.º e 6.º dias.

Esta ordem de distinção segue em tudo as idéias da cosmogonia dos hebreus, dos semitas e dos orientais em geral. É uma classificação e distribuição que obedece às idéias correntes do meio popular semita.

Após o ato criativo, cujo reflexo está nos dois primeiros versículos: "No princípio criou Deus o céu e a terra. A terra,

porém, era informe e vazia: havia trevas sôbre a face do abismo, mas o espírito de Deus pairava por cima das águas", notamos a falta de ordem, de vitalidade, de luz e ao mesmo tempo a presença de u'a massa aquosa de grande vastidão, obscura e confusa. Inicia-se então a descrição do trabalho de pôr ordem na grande massa caótica, informe, sem vida, sem luz. Com uma palavra fecunda: *Fiat lux*, aparece a Luz que, no conceito popular semitico, não é o produto de uma irradiação do sol ou dos astros que emitem luz, mas sim u'a massa subtil, que tem existência independente, sendo os astros, como o sol, p. ex., simples receptáculos e canais transmissores. Assim entendiam os orientais e assim descreveu Moisés, acomodando-se ao conceito popular. Como consequência da criação da luz, aparece um primeiro dia (não o primeiro dia, pois no original falta o artigo), dia bem distinto, pois se inicia com a tarde conforme o modo de computar o tempo entre os hebreus. A criação da luz no primeiro dia se explica por duas razões: a primeira, porque a luz, segundo os semitas, tem existência independente do sol e dos astros em geral, e a segunda porque, distribuindo a obra da criação em seis dias, segundo um plano preestabelecido e com escopo religioso, literário e artístico, Moisés teve, digamos assim, de recorrer por necessidade literária, logo de início, à criação daquele elemento que distingue o dia da noite, dando origem ao dia de 24 horas.

E assim em tôda a obra de distinção descrita nos três primeiros dias podemos ver como tudo obedece à cosmogonia semítica e bíblica, conforme se depreende das passagens paralelas dos Livros santos e da literatura dos povos orientais. As mesmas plantas que não duvidamos em classificar entre os sêres vivos, Moisés não as coloca ao lado dos animais terrestres e das aves, mas em virtude da concepção semítica, por

falta de movimento local, são consideradas as plantas um como acidente da terra, uma espécie de tapete ou coberta que reveste a aridez do solo. E porque assim pensavam os seus coetâneos e compatriotas, por isso separa Moisés as plantas dos sêres vivos e as coloca na obra de formação dos habitáculos. A mesma classificação das plantas, revela a índole popular do trecho em questão: plantas sem semente, plantas com semente e plantas cujo fruto encerra a semente; classificação esta tìpicamente popular, segundo a aparência das coisas e não de acôrdo com os critérios científicos da Botânica.

4. Vem agora em consideração a obra de ornato que outra coisa não é senão uma inclusão de sêres que se locomovem, de sêres vivos, no seu respectivo meio ambiente, já preparado na obra de distinção. Enquanto na primeira parte — obra de distinção — o Autor sagrado descreve, segundo as idéias correntes do seu tempo e do seu povo, a imagem do mundo tal qual se apresenta aos olhos de um semita, de um oriental, de um hebreu, já na segunda parte, além das concepções semíticas, entra em jôgo um novo elemento, de índole pessoal, a saber: fazer corresponder os habitantes aos habitáculos ou receptáculos; correspondência esta intencional, motivada por um princípio de ordem literária e artística.

No primeiro dia preparou-se o ambiente — a astrosfera — onde se vão locomover o luzeiro maior para o govêrno do dia, o luzeiro menor para reger a noite e as estrêlas, subalternas. O luzeiro maior e o menor são como que funcionários, ministros sob as ordens de Deus. Aqui vemos bem nítida a índole monoteística do primeiro capítulo. Êstes grandes astros que parecem reger de per si o dia e a noite, estão subordinados a Deus; por Êle foram criados. E para afastar qualquer idéia ou suspeita de politeismo evita até mesmo — ao que parece — dar-lhes o nome de *sol* e de *lua*,

pois que o sol e a lua eram adorados como divindades pelos gentios. Para quem sabe que os hebreus não subordinavam a existência da luz à do sol, porquanto lhes parecia ter ela uma existência à parte, conforme se pode observar pela manhã quando vemos a claridade que precede o aparecimento do sol — julgando porém a coisa popularmente e semìticamente — não é para estranhar se antes o autor tenha descrito a criação da luz, logo no primeiro dia. Nem é mais o caso de perguntar por que motivo aparecem as plantas antes do sol, pois, no conceito popular semita, as plantas não se locomovendo pertencem à terra como a cor à parede e por isso é que de sua criação se fala quando se tratou de preparar o grande habitáculo dos animais terrestres e do homem· Êste caráter tìpicamente popular da narração do Hexaémero se depreende outrossim na descrição dos animais terrestres cuja classificação é bem primitiva e, portanto, marcadamente popular: animais domésticos, animais que se movem sôbre a terra, e animais não domésticos. Bem distante, pois, está Moisés de preocupações científicas: mamíferos e não mamíferos; vertebrados e invertebrados, etc.

No fim de cada obra o Autor sagrado quer insistir na idéia de perfeição do mundo criado: "e viu Deus que isso era bom", bom no sentido ontológico, tal qual devia ser, com a finalidade de demonstrar na sua tendência religiosa e soteriológica que o mal foi introduzido no mundo, não pela mão do Criador, mas pela desobediência dos nossos progenitores, e que o homem, ao sair das mãos de Deus, como herdeiro de todos os bens da criação, era de fato a obra-prima, feito à imagem e semelhança de Deus pela dignidade de ser inteligente e volitivo.

B — *A solução*

Se por um lado devemos salientar o caráter popular da narração quanto à descrição simples da imagem do mundo, de conformidade com a cosmogonia hebraico-semitica, por outro lado, somos levados a reconhecer neste primeiro capítulo um como prefácio a todo o Pentateuco, composto com um critério literário não espontâneo ou popular, mas artístico, dentro dos moldes de um esquema minuciosamente premeditado, esquema êste que não se pode negar sem fechar os olhos à evidência da crítica literária. E ainda mais podemos dizer que tem ressaibos de poesia como transparece no versículo 27, cuja leitura no original hebraico manifesta evidente cadência poética.

Tal esquema já vimos em parte delineado na dupla obra de distinção e de ornato. Mas não é caminhar *extra viam* pôr ante os olhos o lado artístico e intencional do arranjo literário com que o Autor sagrado nos apresenta a criação do mundo. Sucedem-se as expressões: *E disse — faça-se — e assim se fêz — a descrição — a imposição de um nome — a bênção — a formula de louvor complacente* (e viu Deus que isso era bom) — *a formula final* (houve tarde e houve manhã) — com tal disposição e ordem e simetria que necessário se torna reconhecer que o Autor teve a intenção de propor-nos com suma arte literária um verdadeiro esquema de seis dias. Logo, não devemos nem podemos ver no Hexaémero uma história descrita na sua sequência natural, mas uma composição literária, artística com o intuito de ensinar aos homens verdades de uma importância capital no quadro da revelação primitiva.

Eis as verdades condensadas nos poucos versículos do Hexaémero que segundo a nossa interpretação não é uma com-

posição de caráter histórico-científico, mas, como já dissemos, uma composição literária, artística, com a finalidade de pôr a claro alguns pontos doutrinais que são o fundamento da religião de Javé: Êstes pontos versam sôbre Deus e sôbre as relações do homem para com Deus:

1. Deus é uno: uma afirmação de sua unidade, ou melhor, unicidade, o que equivale a dizer: uma profissão de fé no *monoteismo.*

2. Deus é o criador do universo, arrancando do nada o mundo visível e invisível.

3. Deus é sumamente sábio, pois as obras de sua mão correspondem perfeitamente ao arquétipo divino: são tais quais devem ser. O mal não provém de Deus, mas sim do homem pelo pecado.

4. O homem é o apogeu da criação, herdeiro de todos os bens e perfeições de um patrimonio universal.

5. A fonte de tôda a grandeza do homem está na sua imagem e semelhança com Deus, imagem esta que se concretiza na alma dotada de inteligência e vontade.

6. O matrimonio é de instituição divina e se destina à propagação do gênero humano.

7. O homem por motivo religioso deve, após os seis dias de trabalho, santificar pelo repouso o sétimo dia.

É êste em resumo o patrimonio de verdades que nos quis ensinar Moisés, na primeira página da Bíblia. Página eminentemente religiosa. Página literária e artística. Página ao mesmo tempo tìpicamente popular e semítica.

a) *Esclarecimentos necessários*

Mas então que pensar das interpretações que muitos dos antigos e muitos dentre os modernos ainda continuam propondo como solução do Hexaémero?

1. *Que ensina a Igreja?*

Vejamos o pensamento oficial da Igreja em várias respostas da Pontifícia Comissão Bíblica, de 30 de junho de 1909:

Resposta V: Não é preciso necessàriamente e sempre tomar em sentido próprio, tôdas e cada uma das palavras e frases que se encontram nos três primeiros capítulos, de modo que às vezes é permitido afastar-se do sentido próprio, principalmente quando é evidente que ditas locuções são empregadas num sentido manifestamente impróprio, metafórico ou antropomórfico e quando a razão proibe de nos ater ao sentido próprio ou a necessidade impele a abandoná-lo."

Resposta VII: "No escrever o primeiro capítulo do Gênesis não foi intenção do autor sagrado ensinar-nos cientìficamente qual a constituição íntima do mundo visível e a ordem completa da criação, mas principalmente apresentar ao seu povo um conhecimento popular, de acôrdo com o modo de falar corrente e acessível a todos. Portanto, na interpretação dos três primeiros capítulos do Gênesis (e *a fortiori* do 1.º capítulo que tem um lugar à parte, como bem o demonstra a sã crítica literária) não se deve investigar sempre e à risca o valor científico dos têrmos."

Resposta VIII: "A palavra *Yom*, dia, pode ser tomada tanto no sentido próprio de dia natural (de 24 horas), como no sentido impróprio, por certo espaço de tempo, e nesta questão os exègetas têm campo aberto e livre para a discussão". Por onde se vê que a Igreja com a resposta VIII abre duas

portas: uma delas que dá margem à interpretação periodística; mas não queremos entrar por ela porque não nos parece levar a uma solução segura. Entraremos pela outra porta, como se verá mais adiante. Estribamo-nos no princípio estabelecido pela Igreja na resposta VII: no primeiro capítulo o valor dos têrmos é para se interpretar de acôrdo com o conceito popular e não com o rigor da ciência hodierna. Portanto, já estamos em bom caminho: não vamos contra o pensamento oficial da Igreja e onde ela nos abre duas portas escolhemos uma delas, a que nos parece levar a uma "solução positiva e solida, em harmonia com a doutrina tradicional da Igreja especialmente com a da inerrância da Sagrada Escritura, e que satisfaça convenientemente às conclusões certas das ciências profanas". E neste ponto admiremos a santa liberdade que a Igreja deixa aos seus filhos estudiosos nas questões disputadas.

2. *E que pensar da tradição exegética e patrística?*

Consultemos os dois máximos expoentes da Tradição e do pensamento católico:

Santo Agostinho propõe uma exposição de todo alegórica na explicação do Hexaémero que, embora não aceitemos. é contudo para nós de grande valor, porque significa que o grande Doutor hiponense não viu repugnância alguma com a doutrina católica na explicação *não literal* do primeiro capítulo.

Santo Tomás, pelo que parece, se inclina mais para a sentença de Santo Agostinho que êle, Tomás, considera "mais sutil e racional".

Logo, Santo Agostinho como Tomás de Aquino, verdadeiros repositórios do pensamento tradicional e ortodoxo, não

encontram dificuldade em se afastar de uma explicação meramente literal do Hexaémero.

3. *E finalmente que pensar da Escritura, sempre coerente consigo mesma por ter como fonte única e primeira a inspiração divina?*

Se consultarmos os textos paralelos da Escritura onde se fala da criação do mundo veremos certamente que em nenhuma passagem se encontra o esquema já por nós analisado. E chegaremos à conclusão que dito esquema é uma produção literária elaborada por Moisés com tendência religiosa, ao mesmo tempo que revela uma acomodação perfeita à mentalidade do seu povo e um reflexo da cosmogonia da época.

a) No livro dos Provérbios cap. 8, vers. 23-31, descrevendo o Autor inspirado a formação do mundo, não segue em absoluto o esquema dos seis dias. A criação nos é descrita aí como se descreve a formação de um grande edifício e Deus se nos apresenta como um arquiteto sapientíssimo que tudo dispõe com peso, ordem e medida.

b) Em Jó cap. 38, 4-35: também se descreve a criação do mundo e aparecem aí quase todos os elementos que o compõem, mas não se segue a ordem do Hexaémero. Nem se preocupa o Autor em descrever os vários elementos ordenadamente. O que inculca o hagiógrafo é o seguinte: Tudo foi criado por Deus e com tal sabedoria qual não se encontra em nenhum homem.

c) No livro dos Salmos vamos encontrar uma descrição do mundo (Sl 104) que segue uma ordem também diversa do Hexaémero.

Em resumo: embora encontrando inúmeros pontos de contacto em relação à concepção do mundo nos vários textos

paralelos, em nenhum se encontra o esquema dos seis dias. Temos, pois, no Gênesis uma composição feita pelo Autor com índole própria, sem precedentes e adaptada perfeitamente ao escopo visado.

Mas como explicar então os seis dias de trabalho seguidos do sétimo em que Deus cessou de trabalhar?

A esta questão respondemos dizendo que, sem dúvida, Moisés teve ante os olhos a semana de trabalho de seis dias complementada pelo sétimo dedicado ao repouso. A lei do sábado, como dia de descanso, foi introduzida, ao que parece, por Moisés que, para melhor inculcar o preceito sabático, apresentou um modêlo, o mais perfeito, fruto porém de ficção literária: imaginou Deus trabalhando (aqui entra em jôgo o antropomorfismo) para criar o mundo numa semana de seis dias de atividade, seguida pelo sétimo em que cessou de trabalhar, para assim tornar patente a necessidade de se cumprir o preceito do repouso sabático.

b) *Conclusão*

Negamos em Moisés qualquer preocupação científica — como se fôra um astrônomo, um geólogo, um naturalista — e por conseguinte achamos inútil, no estado atual da exegese já bem progredida, todo esfôrço mais do que hercúleo, em querer concordar — perdõem-me a expressão — quase a muque, os seis dias bíblicos com as várias idades ou períodos geológicos. O sistema do periodismo já vai sendo posto à margem para dar lugar a uma nova interpretação "mais positiva e sólida, em harmonia com a doutrina tradicional da Igreja especialmente com a da inerrância da Sagrada Escritura, e que satisfaça convenientemente as conclusões certas das ciências profanas".

Limito-me aqui a apontar os motivos que nos levam a abandonar o sistema que deseja explicar os seis dias como sendo seis longos períodos de duração indeterminada durante os quais se teria realizado a formação do orbe terráqueo e de seus habitantes:

a) primeiramente, a palavra "dia" tomada num sentido mais lato encontra-se em tôda a Bíblia só umas 4 ou 5 vezes, e no nosso texto determina-se bem o espaço de 24 horas: houve tarde e houve manhã, dia primeiro, dia segundo, etc.

b) conforme a descrição do Hexaémero tomada de acordo com a interpretação periodística dever-se-ia aceitar o geocentrismo — o que repugna às conclusões certas da ciência.

c) Os dias bíblicos são bem distintos, ao passo que entre os períodos geológicos não se dá o mesmo, havendo entre êles uma evolução gradativa.

d) No 3.º dia, narra o Hexaémero, foram criadas as plantas. Ora a ciência demonstra que muitas novas plantas só aparecem nas camadas do subsolo depois de milhares e milhares de animais. Mais uma dificuldade, pois, para a interpretação periodística.

e) À aparição dos astros, no quarto dia, após a criação da luz, a distinção do dia e da noite e a existência das plantas, opõe-se a ciência que coloca a formação dos astros na época em que a terra era ainda *tohu wabohu* ou seja u'a massa caótica.

f) E por fim, mais uma consideração: se reduzíssemos a duração do mundo até à epoca presente ao espaço de um

ano, dizem os geólogos que os mamíferos só apareceriam no dia 15 de novembro e o homem (pobrezinho!) só apareceria nas últimas quatro horas do dia 31 de dezembro. O que vem a demonstrar que é impossível enquadrar uma formação tão complexa em períodos mais ou menos iguais.

Conclusão final: 1. Obedecendo a um princípio religioso, Moisés enquadra a criação do mundo num esquema de seis dias com o sétimo de descanso, para inculcar o preceito sabático, e não para nos ensinar que o mundo tenha sido criado em 6 dias de 24 horas ou em 6 longos períodos.

2. A obra de distinção realizada nos 3 primeiros dias segue um princípio real: uma simples descrição da imagem do mundo de acôrdo com o conceito vulgar na época, e nos moldes da cosmogonia semítica, sem preocupação histórico-científica. E se o autor não teve essa preocupação, não a tenhamos nós ao interpretá-lo.

3. A inclusão dos habitantes, sêres que se locomovem, sêres vivos, nos respectivos habitáculos, preparados nos 3 primeiros dias, rege-se pelo princípio literário: fazer corresponder intencionalmente os habitantes aos habitáculos.

4. E finalmente, tudo converge no Hexaémero para a afirmação das verdades básicas do monoteismo javístico: Deus uno — Deus criador — Deus sapientíssimo — o homem criado à imagem de Deus — o homem rei da criação — a instituição divina do matrimonio. A ordem, segundo a qual Deus criou de fato o mundo, esta não foi visada pela narração mosaica.

A PROFECIA SÔBRE O "ÉBED YAHUÉ" EM ISAÍAS, SUA IMPORTÂNCIA, ESTRUTURA E CONTEUDO

Há alguns anos, ao folhear a revista "Ricerche religiose" deparei com um artigo do conhecido rabino e escritor Israele Zolli sôbre "Giobbe e il Servo d'Iddio" (1). Neste artigo o autor confronta as duas figuras e encontra entre elas muitas analogias, mas chega à conclusão de que, apesar da grande semelhança, as duas personagens são profundamente diferentes: "Jó, diz Zolli, pensa em Deus, o Servo o ama profunda e desesperadamente". Mas quanto não me admirei ao ver que o autor judeu acrescentou também uma comparação entre o Servo de Deus e Jesus Cristo, sintetizada nestas palavras que parecem ter saido de uma pena cristã:

"Na figura do Servo de Deus a dor é exaltada e glorificada, na pessoa de Jesus Cristo ela é deificada". Encontrando-me mais tarde com Israele Zolli êle me confirmou que lia os Evangelhos. Por isso, em 1945 não me veio completamente inesperada a fausta notícia (2) de que Israele Zolli, o grande rabino da comunidade israelita de Roma, se convertera ao cristianismo, tomando, em honra de Pio XII, o nome de Eugênio.

Se esta nova comoveu com razão os católicos, não menos interessou ao exegeta o fato de que foi precisamente a

---

(1) Ricerche religiose 8 (1932) 223-233.

(2) Circular-Boletim da Federação das Congregações Marianas de S. Paulo N. 146, out. 1946.

profecia do Servo de Deus e sua realização em Jesus Cristo que dera ao rabino um poderoso impulso para a sua conversão. Pois quando no dia 7 de março de 1945 o neo-convertido explicou pùblicamente o processo da sua conversão no salão nobre da Universidade Gregoriana em Roma, disse entre outras cousas: "No segundo livro, ou melhor, na segunda parte do livro de Isaias, topei com a estupenda imagem do Servo de Yahué, descrita pelo profeta, e inclinei a minha fronte. Ajoelhei-me aos seus pés, aos pés de um Crucifixo. Nesta profecia começa o ambiente universal do reino de Jesus, ali me entusiasmei com a figura colossal descrita pelo vidente".

Se, portanto, a admirável profecia em que o Messias é designado como "Servo de Deus" ou, em termos hebraicos, como "Ébèd Yahué" é capaz de, bem compreendida, fazer impressão tão poderosa na alma de um rabino dos nossos dias, ela merece, sem dúvida, ser melhor conhecida pelos fiéis do que geralmente o é. Mas para que se possa perceber tôda a beleza e profundidade desta jóia do Antigo Testamento é necessário que os resultados dos muitos esforços da interpretação projetem sôbre ela a sua luz. Pio XI disse na sua encíclica "Mit brennender Sorge" que "sòmente a cegueira e a obstinação podem cerrar os olhos ante os tesouros de salutares ensinamentos escondidos no Antigo Testamento". Isto vale, de modo especial, do livro de Isaias, que com razão é chamado o "evangelho do Antigo Testamento". Êle predisse mais sôbre o Messias do que qualquer outro dos profetas. Os cc. 7-11 da primeira parte nos dão a série das profecias sôbre o Emanuel, nascido humildemente do tronco de Davi, o filho da virgem, o rei glorioso, vitorioso e pacífico, e os cc. 42-53 da segunda parte do mesmo livro, nos dão os quatro cânticos sôbre o Servo de Deus, a sua missão ao povo

de Israel e a todas as nações, sofredor e salvador da humanidade.

Para não nos faltar o fundo no qual os quatro cânticos estão engastados, esbocemos brevemente o conteúdo da segunda parte do livro de Isaias (cc. 40-55). Nesta parte o profeta dirige-se, como todos reconhecem, aos Judeus exilados na Babilônia, expostos ao perigo de serem fascinados e seduzidos pelo grandioso culto dos deuses babilônios, de perderem a fé no Deus de Israel, de esquecerem sua missão divina de povo de Deus, de desesperarem da sua volta para a pátria onde se deveria reconstituir a nação e o núcleo do reino de Deus. Por isso o profeta descreve a incomparável grandeza do Deus de Israel, Criador do mundo, Senhor dos reis e de todas as nações. Com palavras ardentes inculca que o povo de Israel é um servo de Deus" e que, por isso, deve deixar os seus caminhos pecaminosos, armar-se com paciência nas presentes tribulações, erguer-se à esperança de ver cumprida a promessa divina. Já, diz o vidente, chamou e preparou Deus o instrumento para libertar o povo do exílio e restaurá-lo no seu território nacional, Ciro o rei da Persia. Ainda há poucos anos foi Ciro o pequeno e desconhecido rei de Anshan, mas agora, graças à sua eleição por Yahué, ele é o poderoso senhor da Pérsia, da Média, da Lídia (546 a. C.), capaz de subjugar os babilônios, carcereiros de Israel. Êle é o instrumento escolhido por Deus para libertar os Israelitas desterrados e, por isso, êle é chamado como Israel servo de Yahué.

Ora, no meio destas páginas, em quatro capítulos diferentes, capítulos 42, 49, 50 e 52 s., topamos abruptamente com uma figura anônima, solitária, enigmática a quem o profeta chama também "Servo do Senhor" como a Israel e a Ciro, dos quais porém se distingue nìtidamente e inconfun-

dìvelmente pelas suas qualidades, sua missão sublime, sua atividade e morte. Muito tem sido escrito a respeito dêste Servo de Deus. Sobretudo discutiram e ainda discutem os exegetas acatólicos a questão da identidade dêste Servo. Não quero examinar aqui a questão, quem seja o Servo, pois só digo que os autores católicos são unânimes em reconhecer no "Ébed Yahué" o Salvador ou Messias, como o costumamos chamar, seguindo o exemplo dos Salmos e do Novo Testamento. A maioria dos críticos independentes não admite a interpretação messiânica, uma vez que procedem da suposição preconcebida e gratuita de que verdadeiras profecias são impossíveis. Por isso procuram identificar o Servo de Deus com algum indivíduo contemporâneo dos exilados, ou com a coletividade do povo de Israel, descrito pelo profeta como pecador, impaciente, vacilante, ou com um Israel santo e ideal, mas inexistente e inventado "ad hoc". Contra todas estas interpretações mantemos firmemente que o Ébed Yahué é Jesus Cristo previsto e predito pelo profeta. De fato, é de tal modo impossível, diz Lagrange (1), contestar a semelhança entre o quadro e a realidade que, para negar o caráter profético do velho escrito, seria necessário poder provar... que a realidade foi inventada conforme o antigo esbôço". Esta semelhança é tão palmar que mesmo Eissfeldt, que nega a messianidade da profecia do Ébed, deve confessar: "Tanto a interpretação coletiva como a individual emudecem diante do fato de que seis séculos mais tarde um homem passou por esta terra, cuja vida e sofrimento, morte e ressurreição nos cânticos do Ebed encontraram a sua explicação admirável e mis-

---

(1) Le Judaisme avant Jésus-Christ (1931) 375.

teriosa, os quais, por sua vez, desvendaram aos pósteros tôda a profundidade dêstes cânticos" (1).

Supondo, portanto, a interpretação messiânica, limito-me a descrever a figura do Servo assim como é apresentada pelo profeta. Quero evocar a imagem que a visão criou na mente do profeta e dos outros homens do Antigo Testamento, e estudar o efeito psicológico que produziu. Por isso considero os quatro cânticos em si e dentro do quadro das outras profecias messiânicas, prescindindo, porém, da luz que os Evangelhos nos podem fornecer para a sua melhor compreensão. É verdade que, ao lermos estas profecias, somos constantemente tentados de compará-las com a vida de Jesus, o que sem dúvida nos poderia esclarecer sôbre não poucos pontos da profecia. Mas, nem por isso, um estudo genético e psicológico no sentido explicado deve ser deixado de lado, porque antes de perguntar como a profecia se cumpriu, é necessario saber o que dizem as palavras tomadas no seu rigor da profecia. Evita-se, dêste modo, também que o esplendor que brilha nos Evangelhos, nos deslumbre e nos esconda a luz que emana das páginas do Antigo Testamento.

Para nos desembaraçarmos de antemão da dificuldade que podem causar as aparentes discrepâncias entre o vaticínio e a sua realização, convém notar também, que os profetas, quando iluminados pela luz divina, vêem, em espírito, futuros acontecimentos, não percebem todos os pormenores do mesmo modo concreto como o historiador. Não só falta aos profetas, muitas vezes, a perspectiva temporal, mas ainda têm a difícil tarefa de traduzir em linguagem humana os seus al-

(1) O. Eissfeldt, Der Gottesknecht bei Deutero-Jesaia, 1933, p. 25 s.

tos conhecimentos, por vezes puramente espirituais. Devemos, portanto, guardar-nos de considerar as profecias como historiografia, escrita com verbos no futuro.

Os quatro cânticos sôbre o Ébed Yahué são visões parciais, fragmentos da sua vida, apresentados de modo muito vivo e dramático. O profeta vê as várias cenas dêste drama e as vive com tanto realismo que apesar da brevidade dos quatro cânticos podemos observar na sua alma reflexos tão fortes como se presenciasse a realidade. Os quatro cânticos apesar da sua brevidade merecem o qualificativo de drama, porque não só entram em cena várias pessoas, falando ora Deus, ora o profeta, ora o Ébed, mas também a ação se desenvolve progressivamente chegando a uma complicação tensa e trágica que ao depois acha sua solução admirável e de todo inesperada.

O 1.º *Cântico* (Is 42, 1-4).

Como no primeiro cântico o profeta entra logo "in medias res", é preciso determinarmos primeiro a situação que é suposta. O Ébed foi enviado por Deus a Israel. No momento em que começa o primeiro cântico êle já desenvolveu alguma atividade em Israel e também já se mostrou alguma oposição contra êle, ou ao menos indiferença para com a sua missão entre êles, como mostra a comparação com os cânticos seguintes. Não estão dispostos a aceitar a sua missão. Por isso faz-se ouvir a voz de Deus que confirma a missão do Ébed e ao mesmo tempo revela que a obra do Ébed é destinada também para as nações, entre as quais encontrará boa vontade, e, até como o leitor atento pode ouvir, melhor vontade que em Israel. Estamos, portanto, no momento solene em que se anuncia a universalidade da verdadeira religião, pois a

tarefa do Ébed é fazer vir às nações o mispat, i. é, "o direito", o direito divino, a ordem divina, de carater moral e religioso.

É Deus quem fala apontando com solenidade para o Servo:

"Eis o meu servo a quem eu sustenho,
o meu eleito, no qual a minha alma se agrada!
Tenho posto sôbre êle o meu espírito,
êle levará o direito para as nações.
"Não clamará nem gritará,
nem levantará a sua voz nas ruas,
Não quebrará a cana rachada
nem apagará a torcida que ainda fumega.
"Fielmente levará o direito,
nem desfalecerá nem se desalentará,
até que tenha estabelecido o direito na terra.
Já as ilhas esperam a sua lei."

Poderíamos estranhar que Deus neste cântico não diga nada sôbre a obra que o Ébed deve realizar em Israel. Mas esta reticência explica-se pelo fato de Deus falar a Israel que já conhece o Ébed e sua missão. O leitor percebe fàcilmente que a obra do Ébed em Israel é estabelecer o mesmo direito divino que deve fazer cair para as nações. Note-se desde já que o texto não diz que o Servo "prega" o direito!

O 2.º Cântico (Is 49, 1-4)

Êste cântico refere-se ao mesmo momento que o primeiro. No primeiro Deus falou a Israel sôbre a missão do Ébed para as nações, agora o Ébed toma a palavra e dirige-se de longe a estas mesmas nações apresentando-lhes a sua pessoa, sua tarefa, os esforços que até agora em vão envidou:

"Prestai-me, ilhas, atenção
e escutai, povos, de longe!
"Yahué desde o ventre me chamou,
desde as entranhas de minha mãe me chamou pelo nome.
E fêz minha boca semelhante a uma espada aguda,
na sombra da sua mão me escondeu.
E fêz de mim uma frecha polida,
na sua aljava me resguardou.
E disse-me: Tu és meu servo
pelo qual hei de glorificar-me!
Mas eu disse; Debalde tenho trabalhado,
inútil e vãmente gastado as minhas fôrças,
meu direito, porém, está com Yahué
e minha recompensa com meu Deus!"

Observamos nos dois primeiros cânticos certo quiasmo: a Israel descreve-se expressamente a missão do Ébed aos pagãos, a missão a Israel, porém só implìcitamente.

Aos pagãos, pelo contrário, descreve o seu trabalho em Israel; ao passo que apenas alude à sua atuação sôbre as nações. Veremos depois como em ambos os cânticos as reticências foram completadas.

O 3.º *cântico* (*Is* 50, 4-9).

No tempo que decorre entre o 2.º e 3.º cântico o Servo continua a trabalhar entre os Israelitas e ao mesmo tempo a sua posição se torna mais crítica. Os seus adversários que até agora sòmente tinham mostrado indiferença ou negado a origem divina da sua missão, mostram agora aberta inimizade e passam a maltratá-lo e, vendo que Deus não o defende julgam que Deus com isso lhes dá razão. O Servo porfia

fielmente no seu trabalho; paciente, suporta os maus tratos, certo de que Deus a seu tempo o ajudará. Não opõe resistência aos ataques dos seus inimigos, apenas defende a justiça da sua causa e apela ao juizo de Deus pelo Servo, não fala aos pagãos, nem aos judeus, mas antes a um grupo de discípulos, se não o queremos considerar como um monólogo:

Obediência e fidelidade

"O Senhor Yahué me deu uma língua hábil
para que eu sustentasse os cansados.
Cada manhã me desperta o ouvido,
para que eu ouça como um discípulo.
O Senhor Yahué abriu-me o ouvido
para que eu conhecesse a palavra".

Paciência e firmeza

"Eu não resisti, não recuei para trás,
ofereci as minhas costas aos que me batiam,
as minhas faces aos que me arrancavam a barba,
não escondi meu rosto dos opróbrios e escarros.
O Senhor Yahué me ajuda, por isso não sucumbi,
por isso fiz meu rosto como pedra,
pois sei que não serei confundido".

Defesa da sua causa

"Quem quer litigar comigo? Apresentemo-nos juntos!
Quem quer ser meu adversário? Chegue-se a mim!
Eis o Senhor Yahué tomará minha defesa.
Quem quer acusar-me?
Perto está quem me declarará inocente!
Eis que todos êles serão consumidos
como um pano que a traça come!"

O 4.º *cântico* (*Is* 52, 13-53, 12)

Depois do 3.º cântico há uma profunda incisão. Apesar da confiança expressa pelo Ébed abrira-se uma perspectiva de mau agouro. O leitor fica numa angustiosa expectativa.

Qual será o desfecho da luta entre a fidelidade do Servo e a malícia dos seus adversários? Será que Deus vai agir em defesa do seu Servo? Não, pelo contrário. A tragédia precipita-se para o seu fim. O servo é horrìvelmente desfigurado, condenado por um tribunal, executado e sepultado como um criminoso, visìvelmente marcado pela mão vingadora de Deus. O Ébed morreu. Seus inimigos triunfam, provaram que a missão do Servo não era de Deus, pois Deus o abandonou. Os amigos e discípulos do Ébed estão perturbados, terrívelmente desnorteados. Tinham esperado que êle fosse o enviado de Deus, mas eis que morreu, Deus o abandonou, não é possível negá-lo: "Nós o considerávamos como um castigado, como ferido por Deus e humilhado" (53, 5). Mudo e consternado o profeta se vê diante de um cruciante enigma. Como podia Deus deixar perecer assim o seu Servo amado, deixar frustrar o seu plano salvador? Aqui devia existir uma grave culpa, um gravíssimo crime; semelhantes sofrimentos, semelhante morte só podia caber a um criminoso, e contudo — criminoso não foi o inocente Servo! Qual podia ser a intenção divina, qual a significação destas dores desumanas que o Servo teve de sofrer? Via-se o profeta diante de um problema impenetrável, como o Salmista que disse: "Meditei para entender êste enigma, mas pareceu-me tarefa laboriosa, até que um dia penetrei nos planos santos de Deus" (Sl 72, 16s).

Sim, de repente cai o véu diante dos seus olhos, a luz divina ilumina a sua mente e êle vê claramente a solução inau-

dita do mistério: o Servo morreu, sim, por causa de hediondos pecados, não porém pelos seus pecados, mas por pecados alheios. Morrendo o Ébed não sucumbiu, sua obra não fracassou; pelo contrário: precisamente pelos sofrimentos e pela morte a realizou. Deus quis a sua morte e o Ébed livremente a aceitou, sacrificou sua vida em expiação, sua morte produziu efeitos incomparáveis.

Até agora o profeta calou, não pôde falar do fim terrível do Ébed. Mas agora que compreendeu o paradoxo divino, pode descrever a paixão e morte do Ébed, porque as pode apresentar à luz dos seus admiráveis frutos. Mas ainda assim se sente vibrar nas suas palavras, nos fortes contrastes do quarto cântico a agitação da sua alma que o abalou até o âmago do seu ser, a admiração imensa que deve empolgar todos os que ouvirem quanto o braço de Deus obrou. E só pouco a pouco vai completando o quadro do esmagamento do Servo.

Para maior clareza dividimos o quarto cântico em cinco partes. Na primeira que é como um prelúdio que tudo resume, o vidente nos fala em nome de Deus começando em tom triunfante, e contrastando a extrema humilhação do Servo com sua exaltação:

> 52, 13-15: "*Eis que meu Servo terá bom sucesso,*
> *será exaltado e elevado e muito sublime!*
> *Como muitos pasmaram-se dêle,*
> *porque o seu aspecto era desfigurado, já não humano*
> *e suas feições já não eram as de um homem,*
> *assim se assombrarão muitas nações com êle,*
> *reis fecharão a boca diante dêle,*
> *porque verão coisa que nunca lhes foi narrada,*
> *e entenderão o que nunca viram!*"

Depois dêste prelúdio fala um grupo de homens ou o profeta em nome dos discípulos ora já iniciados no mistério da obra paradoxal de Deus. Primeiro a descrição da paixão:

A paixão

53, 1-3: "*Quem há de crer o que ouvimos?*
E o braço de Yahué a quem foi revelado?
Cresceu diante d'Êle como um rebento
e como uma raiz que brota duma terra árida.
Não tinha beleza nem formosura que atraisse o nosso olhar,
nem aparência que lhe granjeasse a nossa estima.
Era desprezado e rejeitado dos homens,
um varão de dores, provado com sofrimentos.
Era como um diante de quem se cobre o rosto,
era desprezado e não o estimávamos".

A solução do enigma — A causa dos sofrimentos

53, 4-6: "*Mas foram as nossas enfermidades que sofreu,*
as nossas dores que suportou.
Nós o considerávamos como um castigado,
como ferido por Deus e humilhado.
Mas êle fôra traspassado por causa das nossas iniquidades,
esmagado por causa dos nossos crimes.
O castigo que pesava sôbre êle foi para a nossa paz,
pelas suas feridas fomos nós sarados.
Nós é que andamos desgarrados,
cada um de nós se voltou para o seu caminho,
Yahué, porém, fêz cair sôbre êle as iniquidades de todos
[*nós*".

A paciência e morte do Servo

53, 7-10a: "*Êle foi maltratado, mas sofreu-o paciente*
[*sem abrir a bôca*

como um cordeiro que é levado ao matadouro
e como ovelha que fica muda sob as mãos dos que a [tosquiam.
Por uma sentença tirânica foi arrebatado
e quem se importou com sua sorte?
Foi cortado da terra dos vivos,
pelos crimes do seu povo foi ferido à morte
e foi-lhe dada sepultura com os ímpios,
e com os malfeitores o seu sepulcro,
embora não tivesse cometido iniquidade,
nem tido dolo na sua bôca.
Foi a vontade de Yahué que fosse esmagado por sofri-[mentos".

Vem a parte final, que, dita por Deus, remata as outras levantando ainda mais o véu que cobria a sorte do Ébed, aprofunda a solução já dada, porquanto revela que a sua morte foi um sacrifício expiatório. O Servo ressuscitará. Isso é dito bem claramente, bem que o termo "ressuscitar" não seja empregado. Ressuscitará como vencedor que receberá os despojos da sua vitória, os homens que êle salvou; dará a vida e a justiça aos muitos e assim realizará o plano salvador de Deus.

Fala Deus:

53, 10b-12: "*Em verdade* (1) *deu sua vida em sacrifí-[cio de expiação.*
Verá longeva posteridade e meu plano por êle se realizará.
Por causa do trabalho da sua alma verá luz,

---

(1) No texto hebraico, em vez de: **im Aasim = se deves, se** deve ler **emet sam = em verdade deu.**

será saciado com minha ciência.
Meu servo dará justiça aos muitos
porque tomou sôbre si as iniquidades dêles.
Por isso eu lhe darei em propriedade os muitos
e os numerosos como despôjo,
porque entregou à morte a sua vida
e deixou-se contar entre os transgressores
e carregou o pecado de muitos
e rogou pelos transgressores!"

O alcance, a novidade e profundidade desta profecia sôbre o Ébed Yahué só se pode avaliar ao justo, quando colocada dentro do conjunto das profecias messiânicas. Deste modo se descobre qual conexão existe entre elas; outrossim se percebe que esta profecia contribui para a imagem do Messias com novos e importantes pensamentos. Pois a revelação da pessoa, dos atributos, das qualidades, da Missão do Messias se fêz aos poucos no decorrer dos séculos. Traço se juntou a traço, às vezes a longos intervalos. A imagem do Messias tornou-se cada vez mais completa, a sua figura destacou-se cada vez mais nítida. Ora anuncia-se um aspecto, ora outro desta rica personalidade, mas geralmente sem que um vaticínio se refira ao outro. Pois revelados em tempos e ambientes diferentes, sob várias figuras, os vaticínios surgiram de certo modo independentemente uns dos outros. Graças porém à sua mútua coerência interna e objetiva integram pouco a pouco a imagem do Messias.

A série dos vaticínios messiânicos começa no início da humanidade, no Protoevangelho (Gen 3, 15): "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela: esta (descendência) te esmagará a cabeça e tu a ferirás no calcanhar". Estas palavras já predizem e inauguram a luta da humanidade contra o pecado, contra o sedutor que culmi-

nará na vitória sangrenta da descendência de Eva, expressão que designa o Messias ou diretamente ou antes inclusivamente. Não quero decidir a questão se a ferida infligida à descendência de Eva significa os homens que sucumbirão à sedução ou à paixão do Messias. Esta última interpretação é arriscada, mas forneceria um prelúdio notável para a profecia do Servo sofredor de Deus.

A promessa feita a Abraão enuncia já com tôda a clareza a universalidade da bênção que sairá de Abraão e da sua descendência.

No vaticínio de Jacó (Gên 49, 10) entra no conceito do Messias a idéia de que êle é príncipe: "Não se afastará o cetro de Judá... até que venha aquêle a quem é devido e a quem os povos prestarão obediência".

O *caráter régio* do Messias não aparece no vaticínio de Moisés, do grande profeta e mediador da aliança que diz: "Yahué, teu Deus, te suscitará da tua nação, dentre os teus irmãos, um profeta semelhante a mim a quem haveis de ouvir" (Dt 18, 15). Mas a idéia do Messias-Rei é essencial a quase todos os vaticínios que seguem depois: promessa feita a Davi, aos vaticínios dos Salmos (2, 44; 71; 109) e sobretudo às profecias de Isaias sôbre o Emanuel. Por isso se deve estranhar que os cânticos sôbre o Ébed Yahué não o chamem rei, pelo contrário dão-lhe atributos que à primeira vista parecem negar-lhe a dignidade real, a saber o desprezo, os sofrimentos, a morte ignominiosa, o próprio título de "Servo". O Servo é antes apresentado como profeta, como pregador, que leva o direito divino às nações. Não quero de modo algum negar êste caráter profético do Ébed, mas talvez não se tenha insistido bastante no fato de que o Ébed, apesar das aparências, é uma figura régia. Vários autores apontaram êste fato que

tende a ser cada vez mais reconhecido. A missão do Ébed não é só anunciar o direito divino, mas sim estabelecê-lo em Israel e fazê-lo sair às nações e firmá-lo em toda a terra. Ora fazer valer o direito divino é o ofício do rei, príncipe, chefe, pastor do povo (cf. Sl 100), é o ofício também do Rei Emanuel (Is 9, 6; 11, 4). Mas um dos reis é chamado Ébed na S. Escritura, quer como cultor, quer como instrumento escolhido de Deus (Davi, Ciro). E' verdade que o Ébed Yahué não se apresenta com as insígnias de um rei, e contudo os exilados da Babilônia podiam reconhecer na sua humilde figura uma pessoa de sangue real, pois no seu tempo a dinastia davídica era destronada e humilhada, retendo todavia o seu direito. O melhor modo talvez de caracterizar a realeza do Ébed é dizer que é um rei sem trono, sem armas e sem poder político, mas um homem que tem o poder e a missão espirituais de um rei que serve a Deus e aos homens.

E' preciso tocar ainda uma questão que não deixa de ter certa importância para a concepção do Ébed: Qual é a verdadeira extensão dos quatro Cânticos? Compreendem êles sòmente as partes citadas atrás ou ainda outras? Para formular a questão mais concretamente: onde acaba cada um dos Cânticos? O começo de cada um dêles se destaca nìtidamente do contexto. Também é claro onde acaba o último. Mais difícil é porém determinar o ponto exato onde está o fim dos dois ou três primeiros Cânticos, pois cada um dêles é seguido de alguns versículos sôbre os quais os autores discutem.

Apresenta-se o seguinte quadro:

a) 42, 1-4 (*Deus*) -|- 42, 5-7 (*Deus*)
b) 49, 1-4 (*Servo*) -|- 49, 5-6. 8-9a (*Servo*)
c) 50, 4-9 (*Servo*) -|- 50, 10 (*Profeta*)
d) 52, 13-53, 12 (*Profeta*).

A questão, se as partes em grifo pertencem ou não aos Cânticos, surge sobretudo do fato que nas partes primitivas o Servo tem uma missão puramente espiritual, ao passo que a pessoa descrita nos trechos duvidosos, embora mostre traços inequívocos de ser o Servo de Yahué, preside à libertação dos exilados da Babilônia e à sua volta à Palestina que se realizaram muitos séculos antes da vinda do Messias.

O profeta viu a próxima saída do exílio e a atividade distante do Messias lado a lado, sem a perspectiva temporal, viu os dois fatos, mas não viu o longo período que os separava. E' um fenômeno próprio das visões proféticas que Deus permitia para não privar os vaticínios messiânicos da sua eficiência psicológica na alma dos contemporâneos, revelando que o Messias viria sòmente depois de longo tempo. O mesmo se dá p.e. nos vaticínios sôbre o Emanuel cuja aparição Isaias liga ìntimamente com o fim do domínio assírio na Palestina. E' verdade que não existe simultaneidade temporal entre os dois fatos, mas sim uma verdadeira relação causal, pois a volta dos Judeus do exílio babilônico e o estabelecimento da nova comunidade religiosa na Palestina em tôrno de Sião se realizou por causa do Messias. Esta nova comunidade era o núcleo do povo eleito, a portadora das esperanças messiânicas; do seu seio devia sair o Messias e por isso o Messias também era o seu garante. A libertação do jugo babilônico não era outra coisa mais que o início e o símbolo da grande libertação messiânica, cujos bens tocariam em primeiro lugar aos filhos do povo eleito. À luz desta consideração é que devemos ler as partes suplementares e assim a dificuldade contra o caráter messiânico delas se desfaz.

No complemento ao primeiro cântico fala Deus:

42,5-7: *Assim falou Yahué que criou os céus...:*
Eu, Yahué, te chamei em justiça,

segurei-te pela mão e guardei-te
e fiz de ti a aliança do povo, a luz das nações,
para abrir olhos cegos,
para fazer sair prisioneiros do cárcere
e da prisão os que estão assentados nas trevas".

A mesma idéia é realçada depois do segundo cântico com as palavras de Deus ao Servo:

49, 8-9a: "*No tempo do beneplácito eu te ouvi,*
no dia da salvação eu te ajudei,
guardei-te e fiz de ti a aliança do povo,
para reerguer o país,
para redistribuir em herança a terra desolada
para clamar aos prisioneiros: Saí!
e aos que estão nas trevas: Vinde fora!"

Mas a missão do Ébed não se limita ao seu povo; é destinada a uma obra muito mais vasta: deve ser a luz das nações. O que já foi indicado em 42, 6 é declarado com mais ênfase nas palavras do próprio Servo:

49, 5-6: "*Agora diz Yahué*
que desde o ventre me formou para ser seu servo,
para reconduzir a êle Jacó e reunir-lhe Israel,
pois sou honrado aos olhos de Yahué
e meu Deus é a minha força. E disse:
Não basta que sejas o meu servo
para suscitar as tribos de Jacó
e para restaurar os preservados de Israel,
mas faço de ti a luz das nações
para que a minha salvação se estenda
até os confins da terra!"

Êstes últimos versículos exprimem a vasta missão espiritual do Ébed que já foi preconizada no primeiro cântico: es-

tabelecer o direito divino, a verdade salvífica no povo de Deus de onde se vai irradiar em todas as nações. Dêste modo os cânticos complementares, apesar da diversidade das metáforas que empregam, e do aspecto inteiramente novo que dão ao Ébed, completam homogêneamente a imagem que os Cânticos primitivos dão do Servo.

O terceiro Cântico, enfim, é seguido duma exortação do profeta ao povo:

50,10: "*Quem dentre vós teme o Senhor,*
escute a voz do seu Servo!
Quem caminha na escuridão
onde nenhum raio de luz brilha,
confie no nome de Yahué
e se apoie no seu Deus!"

Põe-se agora a questão como e por quê estas partes complementares foram ajuntadas aos Cânticos primitivos. Os Cânticos primitivos estavam, a meu ver, originàriamente unidos entre si, constituindo um cântico só. Quando o profeta compôs, em seguida, a segunda parte do livro dirigida aos exilados da Babilônia, dividiu o Cântico em quatro e os inseriu no livro em vários lugares. Para ligá-los mais intimamente com o texto do livro que tem por objeto a volta do exílio, acrescentou a cada um dos três primeiros cânticos uma continuação. Daí se explica a grande afinidade do estilo e conteúdo destes complementos com os da 2.ª parte do livro. Ambos tratam da libertação do povo exilado e a sua reconstituição no território nacional. Dêste modo os Cânticos ganhavam maior atualidade para os exilados aos quais o profeta se dirigia. Parece ter inserido os Cânticos primitivos concatenando-os com o texto do livro por meio dos acréscimos para aumentar nos exilados a confiança em Deus.

O profeta intercalou os Cânticos no meio de seu livro outrossim com o escopo de propor ao povo o sublime exemplo do Ébed o qual é não sòmente a figura absoluta e incomparável do Salvador que inspirava ao povo coragem e a consciência da sua missão divina, mas também um modêlo de elevadas virtudes. Por isso o profeta fêz seguir ao 3.º Cântico a breve exortação há pouco citada (50, 10). Pela inserção dos Cânticos pôs em vivo contraste dum lado Israel, "servo de Deus" pecador, pusilânime e sem confiança, cego e impaciente no sofrer, cheio de espírito de vingança contra os seus inimigos, e do outro lado o "Servo de Deus" santo e inocente, animado de confiança inquebrantável, de firmeza e fidelidade no meio dos mais terríveis sofrimentos, armado de uma mansidão digna do amor e da complacência divinas, de uma inaudita paciência e prontidão de sofrer. Êste é o modelo que Israel deve imitar.

O quadro sublime do Ébed Yahué não pode ter deixado de influenciar os Israelitas. Um ponto, sobretudo, era feito para exercer uma profunda influência no pensar e viver dos Israelitas, a nova concepção do sofrimento, a transfiguração e sublimação da dor, concretizada e sagrada no Messias sofredor. Já na sua apresentação aparece quanto era nova e inaudita a idéia da força salutar do sofrimento. Eleva-se esta concepção muito acima do livro de Jó. Pois no livro de Jó a resposta ao porquê do sofrimento imerecido foi a resignação nos desígnios incompreensíveis do Deus imenso, e a consciência de que um sofrimento infligido por Deus não implica o seu desagrado. Eleva-se também acima da solução que o problema do sofrer encontra nos Sl 48 e 72: i. é, no conhecimento que os sofrimentos desta vida serão compensados pela vida feliz com Deus na outra vida. O último cântico do Ébed, porém, revela a força misteriosa, o valor real

do sofrer. Aqui o sofredor não é objeto da complacência divina *apesar* do seu sofrimento, como Jó, mas é amado por Deus *por causa* do seu sofrimento, livre e pacientemente aceito. Aqui se revela que no sofrimento se esconde uma jóia de inestimável valor, que a dor é uma pedra para a construção do reino de Deus, que é a ponte em que o homem transpõe o abismo que o separa de Deus, contanto que a padeça em união com o Ébed, o Servo de Deus.

Eis porque os cânticos do Ébed Yahué são uma das páginas mais sublimes do Antigo Testamento, uma página antecipada do Evangelho.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS DE SÃO PAULO ANTERIORES AO PRIMEIRO CATIVEIRO

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS DO CATIVEIRO

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS PASTORAIS DE SÃO PAULO

INTRODUÇÃO À EPÍSTOLA AOS HEBREUS

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS CATÓLICAS

INTRODUÇÃO AO APOCALIPSE

DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS